

Maria Medianeira de Souza

Transitividade e construção de sentido no gênero editorial

Tese apresentada à Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, como exigência para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: **Profa. Dra. Ângela P. Dionísio**

Recife, junho de 2006

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Souza, Maria Medianeira de.

Transitividade e construção de sentido no gênero editorial. / Maria Medianeira de Souza. – Recife(PE), 2006. 288p.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Ângela Paiva Dionísio.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Lingüística sistêmico-funcional - Tese. 2. Lingüística - Transitividade - Monografia. I. Dionísio, Ângela Paiva. II. Universidade Federal de Pernambuco. III. Título.

UERN/BC

CDD 410

Bibliotecária: Jocelania Marinho Maia de Oliveira CRB_4 1303

Transitividade e construção de sentido no gênero editorial

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Transitividade e construção de sentido no gênero editorial

Maria Medianeira de Souza

Banca Examinadora



Profa. Dra. Angela Paiva Dionísio – UFPE
Orientadora



Profa. Dra. Viviane Maria Heberle – UFSC
Examinadora



Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha – UFRN
Examinadora



Profa. Dra. Judith Chambliss Hoffnagel – UFPE
Examinadora



Profa. Dra. Stella Virginia Telles de Araujo Pereira – UFPE
Examinadora

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Letras.

A um trio muito especial que me aplaude universo afora: meu pai, SOUZINHA, com quem aprendi, entre tantas outras coisas, a gostar de ficar só. Sem tal predileção, não sei se teria terminado essa tarefa. Minha mãe, DELZA, cujas lições de seriedade, responsabilidade e compromisso se fazem presente em todas as ações de minha vida. E meu irmão VIANNEY, os sorrisos por sua chegada, o período em que tivemos o prazer de ter você por perto e as lágrimas de sua partida me fizeram compreender que a vida é feita de ciclos que deixam ensinamentos vários.



A minha grande torcida particular composta de minha família, em especial meus irmãos, Marta, Itamar, Gervásio e Ana Maria. A todos os meus amigos e a uma porção de gente especial que acredita em mim, por conseguinte, nesse “negócio” que eu vivia escrevendo.



E a Ângela Dionísio, minha orientadora e amiga, com quem compartilho o fascínio pelos desafios, em especial, o de conceber, desenvolver e concluir essa tese.

*Editorial (não padrão), Carta da Autora, Carta a algum Leitor... Fora da Redação,
Redação sem você*

Agradecendo...

Talvez eu não estivesse aqui hoje para dar graças ao Senhor porque Ele é bom e mais a uma porção de gente, sem a paciência, a dedicação, os cuidados, o amor de algumas pessoas queridas, como **Papai e Mamãe, Vovó Chiquinha, Vovô Manoel Souza**, bem como de minhas tias, também mães, **Vani, Lilita, Socorro e Deusa**, na minha infância vivida na pequena Encanto/RN, recheada de crises de asma, entre outras doenças típicas do período, além de uma inapetência imensurável. Em nome de uma dessas pessoas, **Tia Socorro**, que me “convencia” a comer contando e inventando histórias, externo a minha imensa e infinda gratidão, proporcional a minha antiga falta de apetite.



Todos esses cuidados e os exemplos que me foram dados me transformaram em alguém que se dispõe a realizar algumas empreitadas nada fáceis, como escrever uma tese, em especial quando esta nasce de um desafio. Desafio duplo, mais precisamente, de minha orientadora, Ângela Dionísio e eu, porque abandonamos um projeto inicial para conceber outro, em princípio *estranho* a ela e a mim. Quiseram os acontecimentos que a concretização desse desafio fosse compartilhado com a seriedade e a competência das professoras Judith Hoffnagel e Viviane Heberle. A primeira tomou conta de mim enquanto Ângela cursava seu pós-doutoramento. A segunda me acolheu na UFSC por ocasião do doutorado-sanduíche.



A **Judith** sou grata pelo apoio metodológico, pelos ensinamentos precisos quanto aos caminhos a percorrer, pela leitura atenta no exame de qualificação, além da confiança transmitida, a qual tornava possível, não só vislumbrar, mas, sobretudo, experimentar a calma antes que caísse a tempestade.



A **Viviane** agradeço o apoio teórico e tecnológico, as discussões sobre *Sistêmica* e a acolhida na UFSC, atividades essas sempre regadas por seus sorrisos e palavras amáveis que atenuavam o frio, como também o vento sul da bela Floripa, que tanto afligiam meu corpo de sertaneja, *antes de tudo uma forte friorenta*.



A **Ângela** me parece ser necessário recorrer a vários idiomas (a alguns poderá parecer exagero, não me importo!!); sendo assim, *thank you, gracias, merci, grazie* e muito, muito, muito obrigada. Entre outras coisas, pela orientação séria, nunca sisuda, decorrente de seu grande senso de humor, muitas vezes incompreendido. Pela leitura de meus *loooongos* parágrafos, quase em *fluxo de consciência*. Pela, às vezes, *irritante* mania de perfeição, que me obrigava a aperfeiçoar sempre o meu texto. Pelo alto nível de exigência só comparável à disponibilidade para orientação, na grande maioria dos casos, extrapolando os limites temporais e geográficos do horário de trabalho. Em aeroportos, livrarias, restaurantes e shoppings também se constrói o conhecimento! Enfim, pelo apoio, pelo carinho e pela amizade. A orientação da tese se encerra, a amizade continua, e por isso já valeu à pena...



Subsidiaram essa caminhada compartilhando palavras, carinho, companheirismo, afeto, sinceridade, papos, risadas, discussões teóricas, desabafos, tristezas, saudades, um certo mal-humor também, viagens para congresso e lazer, cafés em profusão, filmes, dentre outros:

Os amigos advindos desse momento: **Betânia**, **Fabiana**, da espera pela dolorosa entrevista para passar na seleção, as perdas em Recife ocasionadas pelo meu péssimo senso de direção, as viagens Recife-João Pessoa, o planejamento das sessões coordenadas no *Mangai*, os acréscimos de **João** e **Marcos**, os congressos de um Rio Grande - Pau dos Ferros - Norte, ao Rio Grande - São Leopoldo - do Sul. Incontáveis *sopas no pão* ainda tomaria em suas maravilhosas companhias. A **Fátima Elias**, paraibana boa, que se juntou ao grupo um pouco depois. A **Heri** que expandiu minha rede de amigos em Recife. A **Margareth**, **Ana Adelaide**, **Cilda**, **Flávia**, **Diana** e **Graciana**, companheiras de disciplinas, seminários e conversas no corredor. A **Leonor** e **Magdiel**, grandes companhias em Floripa. E a **Cláudio**, *testemunha ocular* da

trabalheira para concluir *isso*. Em seus nomes, para não correr o risco de omissões imperdoáveis, faço presentes os demais que estiveram comigo de forma e intensidades variadas. Fazer doutorado é também fazer amigos.

Aqueles que reencontrei nessa caminhada: **Jan Edson**, conhecimento, risadas e cafés, um trio muito saboroso. **Fátima Alves**, meu jeito direto, sua delicadeza, traços em princípio incompatíveis ajustados pela força da amizade. E **Regina**, elegância, inteligência e delicadeza no trato com todas as pessoas. O mundo precisa dessas qualidades.

Os que caminham comigo há mais tempo: **Leninha e Ray, Gilton e Lúcia, Maura, Edileuza e Alfredo, Evaldo e Mônica, Socorro Maia, Zefinha Henrique, Carlos Magno e Zé Roberto** um pouco abandonados pela distância e pela dedicação que o momento exigia. Minhas desculpas e minha gratidão pelo apoio incondicional sempre, sempre. Prometo voltar para o convívio de vocês, conversando sobre coisas diferentes de tese, orientador e ABNT.



E minha família muito especial. **Marta, Ademir, Marina, Milena e Manuela; Itamar, Ivete, Getúlio, Clênia e Otávio, Juninho, Luana, e Isabele, Paloma e Poliana; Gervásio, Beta, Natali e Letícia; Ana e Daniel; e Joaninha**. Essa família nesse período cresceu e se alegrou com as chegadas de **Isabele e Otávio**, de quem sou uma tia-avó deslumbrada.

Por falar em chegadas, impossível esquecer de **Gilton Jr.**, meu afilhado lindo, com seus belos cachinhos louros e seus sorrisos largos.



A contrapartida institucional complementa a rede de apoio necessária, em virtude disso sou grata:

A **UERN**, pela bolsa de estudos e pelo afastamento das atividades docentes; ao **Departamento de Letras**, do CAMEAM, Pau dos Ferros, que tornou concreto esse afastamento redistribuindo o fardo de minhas tarefas.

Ao **CNPq**, pela bolsa de doutorado-sanduíche na UFSC, oportunidade que me permitiu o tratamento eletrônico dos dados e o convívio com especialistas em Linguística Sistêmico-Funcional.

Aos professores da UFPE: **Abuêndia** (grande ser humano), **Marlos**, **Kasué** - que participou da qualificação, trazendo valiosas contribuições ao meu trabalho, e **Marcuschi**, cuja combinação de sabedoria, humildade, delicadeza e senso de humor jamais será esquecida.

Aos funcionários **Eraldo**, **Diva**, **Josaiás**, e bolsistas e coordenadores da Pós-Graduação em Letras, nesse período.

A Profa. **Angélica Furtado**, pelo estímulo e pela prontidão em contribuir com o meu crescimento acadêmico de várias formas e em diversos momentos, como o da participação na banca examinadora. Talvez você seja a maior *culpada* por eu gostar tanto de estudar essa tal de transitividade.

A **Piedade** (UFPE) e a **Beth Christiano** (UPFB), examinadoras suplentes, obrigada por essa deferência.

E aos colegas de orientação **Normanda**, **Adriana Rosa**, **Ana Regina**, **Anne Karine**, **Leonardo**, **Fátima**, **Paloma**, **Márcia Mendonça**, **Benedito** e **Cecília**, pelo convívio direto e indireto.



Por fim, agradeço às oportunidades que a vida me deu e que me tornaram leitora de teorias, de poemas, de horóscopos, de artigos científicos, de quadrinhos, de resumos de novela, de entrevistas, de contos, de notícias, de editoriais e de grandes romances, como um de Clarice Lispector que diz: “**Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.**”

A caverna

(Cássia Janeiro)

Saio cega da caverna de Platão.
Procuro os sábios do templo,
Os filósofos e os magos.
Esbarro em sombras que
Persistem.
Caminho atordoada e feliz
Sem saber o caminho,
Sem saber se o lado de fora é outra
Caverna.
Meu caminho é sem volta
Porque o mundo - com todas as cavernas -
Está dentro de mim.
(ENTRELIVROS, Ano I, Nº 7, 2005, p. 87)

Cada um faz o seu dever; tem quem ara, quem
cava e eu faço o meu, que é *transitar*.
(GINZBURG, C. In: *O queijo e os vermes*, p. 44)

“Meu barco quer navegar por outros mares”.
(Teresa d’Ávila. In: SILVA da, D. Teresa, namorada
de Jesus, 2005, p.166)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a transitividade no gênero editorial por entender que essa categoria léxico-gramatical, da forma como é concebida pela Lingüística Sistemico-Funcional, contribui para a construção da opinião na variação desse gênero. Mais especificamente, com o intento de traçar o perfil do editorial, este trabalho estabelece semelhanças e diferenças na variação desse gênero a partir da descrição e interpretação dos recursos multimodais utilizados e da investigação do papel do sistema de transitividade na construção de sentido do editorial. Respaldam esse empreendimento, os pressupostos básicos da Lingüística Sistemico-Funcional, em especial aqueles relativos ao Sistema de Transitividade; os Estudos sobre Gêneros Textuais e sobre a Multimodalidade Discursiva, assentados na noção de língua como atividade social. O *corpus* desta pesquisa é formado por 72 editoriais extraídos dos jornais Folha de São Paulo, Jornal do Comércio e Folha de Pernambuco e das revistas Veja, Época, Uma e Todateen. Os 72 editoriais investigados contêm 31.444 palavras representadas nas 767 orações analisadas. A averiguação do sistema de transitividade, nesse conjunto de orações exemplificado ao longo do trabalho e em catorze editoriais em sua totalidade, nos proporcionou resultados, os quais nos permitem concluir que: (i) os tipos de processo constroem a opinião no editorial, principalmente, ao apresentar ações e eventos, (processos materiais), e ao classificar e definir, (processos relacionais). Mas também ao relatar discursos, (processos verbais), criar entidades, (processos existenciais) e externar experiências cognitivas ou afetivas, (processos mentais), de modo que o sistema de transitividade cumpre, de variadas formas, a função de representar as experiências do mundo, externas ou internas, e, dessa forma, contribui para a construção do sentido no gênero editorial. (ii) os participantes, por sua vez, representam as entidades da esfera pública e privada nos editoriais, conferindo-lhes dinamicidade, ressaltando traços, exortando virtudes, atribuindo atitudes e características. (iii) enfim, os diferentes modos de argumentar, realizados pelos tipos de processos, participantes e circunstâncias, na relação com outras escolhas, expressam a opinião nos editoriais, comprovando que o sistema de transitividade tem mesmo um papel a desempenhar na construção do gênero editorial.

Palavras-chave: editorial, gêneros textuais, multimodalidade discursiva, transitividade, Lingüística Sistemico-Funcional.

ABSTRACT

This work aims at analyzing transitivity in newspaper editorials as a genre, considering that this lexico-grammatical category, based on Systemic-functional Linguistics, contributes to build opinions in this genre variation. In order to identify the editorial profile, this work sets up similarities and differences in that genre variation from the description and interpretation of the multimodal resources used and from the investigation of the role of the transitivity system in the construction of the editorial meaning. This work is based on the presuppositions of Systemic-functional Linguistics, specially, those related to the Transitivity System; the studies on Textual Genres and on Discourse Multimodality embedded in the notion of language as social activity. The *corpus* is formed by 72 editorials taken from the following newspapers: Folha de São Paulo, Jornal do Comércio, Folha de Pernambuco and the following magazines: Época, Veja, Época, Uma e Todateen. The 72 investigated editorials have 31.444 words represented in the 767 analyzed clauses. The study on the transitivity system, in the exemplified clauses throughout this work and in fourteen editorials, built up results which allow us to conclude that: (i) the types of process build the editorial opinion, mainly, when it introduces actions and events, (material processes), classifies and defines, (relational processes). This also occurs when it reports discourses, (verbal processes), creates entities (existential processes) and externalizes cognitive or affective experiences, (mental processes), thus, the transitivity system fulfills, in different ways, the function of representing internal and external world experiences and, consequently, contributes to the construction of meaning in the editorials. (ii) the participants, in turn, represent the entities of private and public sphere in the editorials, providing them with dynamicity, highlighting traces, exhorting virtues, conferring attitudes and characteristics. (iii) finally, the different ways of arguing carried out by types of processes, participants and circumstances, in relation to other choices, express the opinions in the editorials, showing that the transitivity system has, in fact, a significant role in the construction of the editorial genre.

Key words: editorial, textual genres, discursive multimodality, transitivity, Systemic-Functional Linguistics.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo general analizar la transitividad en el género editorial por entender que esta categoría léxico-gramatical, de la forma como se concibe por la Lingüística Sistémico-Funcional, contribuye a la construcción de opinión en la variación de este género. Más específicamente, con el intuito de trazar el perfil del editorial, este trabajo establece semejanzas y diferencias en la variación de este género a partir de la descripción e interpretación de los recursos multimodales empleados y de la investigación del papel del sistema de transitividad en la construcción de sentido del editorial. Respaldan esta empresa tanto los presupuestos básicos de la Lingüística Sistémico-Funcional, en especial aquellos relativos al Sistema de Transitividad como los Estudios sobre Géneros Textuales y sobre la Multimodalidad Discursiva, fundados en la noción de lengua como actividad social. El *corpus* de esta pesquisa lo forman los 72 editoriales extraídos de los periódicos *Folha de São Paulo*, *Jornal do Comércio* y *Folha de Pernambuco* así como las revistas *Veja*, *Época*, *Uma* y *Todateen*. Los setenta y dos editoriales investigados contienen 31.444 palabras que forman las 767 oraciones analizadas. La averiguación del sistema de transitividad en este conjunto de oraciones ejemplificado a lo largo del trabajo y en catorce editoriales en su totalidad nos proporcionó resultados que nos permiten concluir que: (i) los tipos de proceso construyen opinión en el editorial, principalmente al presentar acciones y eventos, (procesos materiales) y al clasificar y definir (procesos relacionales). Pero también al relatar discursos (procesos verbales), o al crear entidades (procesos mentales), de modo que el sistema de transitividad ejerce, de varias formas, la función de representar las experiencias del mundo, sean externas o internas, y de esta forma, contribuye a la construcción del sentido en el género editorial. (ii) los partícipes, a su vez, representan a las entidades de la esfera pública y privada en los editoriales, confiriéndoles dinamismo, resaltando rasgos, subrayando virtudes, atribuyendo actitudes y características. (iii) finalmente, los diferentes modos de argumentar desempeñados por los tipos de procesos, partícipes y circunstancias, en relación a otras elecciones, expresan la opinión en los editoriales, demostrando que el sistema de transitividad tiene realmente que asumir un papel en la construcción del género editorial.

Palabras-clave: editorial, géneros textuales, multimodalidad discursiva, transitividad, Lingüística Sistémico-Funcional.

LISTA DE SIGLAS

ACD - Análise Crítica de Discurso

FPE - Folha de Pernambuco

FSP - Folha de São Paulo

JC - Jornal do Comércio

LSF - Lingüística Sistemico-Funcional

LISTA DE ABREVIATURAS

EP1 - Editorial 1 de Época

EP2 - Editorial 2 de Época

EP3 - Editorial 3 de Época

EP4 - Editorial 4 de Época

EP5 - Editorial 5 de Época

EP6 - Editorial 6 de Época

EP7 - Editorial 7 de Época

EP8 - Editorial 8 de Época

EP9 - Editorial 9 de Época

EP10 - Editorial 10 de Época

EP11 - Editorial 11 de Época

EP12 - Editorial 12 de Época

FPE 1 - Editorial 1 da Folha de Pernambuco

FPE 2 - Editorial 2 da Folha de Pernambuco

FPE 3 - Editorial 3 da Folha de Pernambuco

FPE 4 - Editorial 4 da Folha de Pernambuco

FPE 5 - Editorial 5 da Folha de Pernambuco

FPE 6 - Editorial 6 da Folha de Pernambuco

FPE 7 - Editorial 7 da Folha de Pernambuco

FPE 8 - Editorial 8 da Folha de Pernambuco

FPE 9 - Editorial 9 da Folha de Pernambuco

FPE 10 - Editorial 10 da Folha de Pernambuco

FPE 11 - Editorial 11 da Folha de Pernambuco

FPE 12 - Editorial 12 da Folha de Pernambuco

FSP1 - Editorial 1 da Folha de São Paulo
FSP2 - Editorial 2 da Folha de São Paulo
FSP3 - Editorial 3 da Folha de São Paulo
FSP4 - Editorial 4 da Folha de São Paulo
FSP5 - Editorial 5 da Folha de São Paulo
FSP6 - Editorial 6 da Folha de São Paulo
FSP7 - Editorial 7 da Folha de São Paulo
FSP8 - Editorial 8 da Folha de São Paulo
FSP9 - Editorial 9 da Folha de São Paulo
FSP10 - Editorial 10 da Folha de São Paulo
FSP11 - Editorial 11 da Folha de São Paulo
FSP12 - Editorial 12 da Folha de São Paulo

JC1 - Editorial 1 do Jornal do Comércio
JC2 - Editorial 2 do Jornal do Comércio
JC3 - Editorial 3 do Jornal do Comércio
JC4 - Editorial 4 do Jornal do Comércio
JC5 - Editorial 5 do Jornal do Comércio
JC6 - Editorial 6 do Jornal do Comércio
JC7 - Editorial 7 do Jornal do Comércio
JC8 - Editorial 8 do Jornal do Comércio
JC9 - Editorial 9 do Jornal do Comércio
JC10 - Editorial 10 do Jornal do Comércio
JC11 - Editorial 11 do Jornal do Comércio
JC12 - Editorial 12 do Jornal do Comércio

P1 - Primeiro participante
P2 - Segundo participante

TT1 - Editorial 1 de Todateen
TT2 - Editorial 2 de Todateen
TT3 - Editorial 3 de Todateen
TT4 - Editorial 4 de Todateen
TT5 - Editorial 5 de Todateen
TT6 - Editorial 6 de Todateen

UM1 - Editorial 1 de Uma
UM2 - Editorial 2 de Uma

UM3 - Editorial 3 de Uma

UM4 - Editorial 4 de Uma

UM5 - Editorial 5 de Uma

UM6 - Editorial 6 de Uma

VE1 - Editorial 1 de Veja

VE2 - Editorial 2 de Veja

VE3 - Editorial 3 de Veja

VE4 - Editorial 4 de Veja

VE5 - Editorial 5 de Veja

VE6 - Editorial 6 de Veja

VE7 - Editorial 7 de Veja

VE8 - Editorial 8 de Veja

VE9 - Editorial 9 de Veja

VE10 - Editorial 10 de Veja

VE11 - Editorial 11 de Veja

VE12 - Editorial 12 de Veja

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Escala de transitividade de Hopper & Thompson -----	46
Quadro 2 - Processos, significados e participantes -----	58
Quadro 3 - Tipos de circunstâncias -----	60
Quadro 4 - Processos materiais por número de ocorrências -----	113
Quadro 5 - Processos materiais distribuídos por fontes -----	114
Quadro 6 - Processos relacionais por número de ocorrências -----	138
Quadro 7 - Processos relacionais distribuídos por fontes -----	139

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Texto em contexto -----	38
Figura 2 - Parâmetros do contexto de situação -----	39
Figura 3 - Padrões de experiência na oração -----	52
Figura 4 - Sistema de transitividade -----	53
Figura 5 - Tipos de processo em Inglês -----	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos tipos de processo nos jornais e revistas -----	108
Gráfico 2 - Ocorrências dos tipos de processo nos jornais -----	109
Gráfico 3 - Ocorrências dos tipos de processo nas revistas -----	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I: Lingüística Sistêmico-Funcional, transitividade e editorial	34
1. O funcionalismo e a Lingüística Sistêmico-Funcional	34
2. Situando a transitividade: da abordagem tradicional às lingüísticas	42
3. A transitividade na Lingüística Sistêmico-Funcional	51
4. Editorial e gêneros textuais	61
CAPÍTULO II: Em cena, os editoriais: delineando um perfil	70
1. Os editoriais: localização, nomeação e autoria	70
2. Os editoriais: variações em torno de um mesmo gênero	80
3. Conteúdo e propósito comunicativo dos editoriais	98
CAPÍTULO III: A transitividade construindo opiniões: uma análise dos tipos de processo	106
1. Tratando de ocorrências: um perfil qualitativo dos tipos de processo nos editoriais ----	108
2. O mundo das ações e acontecimentos: os processos materiais	112
3. Sentir, perceber, compreender: os processos mentais	132
4. Classificando e definindo: os processos relacionais	137
5. Dizer, mostrar, afirmar: os processos verbais	157
6. "... logo existo": os processos existenciais	162
CAPÍTULO IV: A transitividade construindo opiniões: o papel dos participantes ----	166
1. x faz y: os participantes Ator, Meta e Extensão	167
2. x sente, percebe, entende y: os participantes Experienciador e Fenômeno.....	178
3. x é y, x está y, x tem y: os participantes Portador, Atributo; Característica, Valor---	182
4. x diz y a z: os participantes Dizente e Verbiagem	193

5. x existe: o participante Existente -----	195
CAPÍTULO V: Editorial e opinião: o que revela o sistema de transitividade -----	
-----	199
1. Editoriais com temas da mesma área -----	201
2. Editoriais com temas de áreas diferentes -----	214
3. Editoriais de Veja e Época com temas semelhantes -----	227
4. Editoriais de apresentação de Veja e Época -----	236
5. Editoriais de apresentação de Uma e Todateen -----	243
6. Editoriais mistos de Uma e Todateen -----	251
CONCLUSÃO -----	259
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	269
ANEXOS -----	288

INTRODUÇÃO

... na base da atividade lingüística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos lingüísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente. (Koch, 2004).

Onde estamos

Os estudos empreendidos nos domínios lingüísticos refletem o percurso histórico das pesquisas na ciência da linguagem e podem ser vistos como *escalas* obrigatórias do trajeto que cumpriu essa ciência em sua formação. Trajeto que começou com o clássico questionamento de Platão sobre a relação linguagem e mundo, passando, dentre outros, pela consolidação da Lingüística como ciência através de Saussure, quando definiu a língua como sistema de signos; pelas concepções de cunho mentalista de Chomsky; e pela adoção da perspectiva pragmática, até culminar, na atualidade, nas teorias lingüísticas de base interacional e cognitivista. Estas duas últimas correntes teóricas gozam, hoje, de bastante prestígio e contribuem para a adoção de uma nova postura frente às pesquisas sobre línguas, centrando-se no outro, no social e na cognição.

A centralização no outro, na sociedade e na cognição permitem essa nova concepção de língua como a esboçada na epígrafe acima e que pode ser complementada pelo pensamento de Tomasello (2003, p.209) quando afirma: "... a linguagem é uma forma de cognição; é cognição acondicionada para fins de comunicação interpessoal". Essa afirmação retoma, em outra forma de dizer, a idéia de ação conjunta e de compartilhar de conhecimentos, que tem como pano de fundo a premissa de que "... a linguagem natural é uma instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes" (Tomasello, 2003. p.131-132).

É, pois, essa noção de língua como forma de ação social, como atividade sociocognitiva que só se realiza na interação, que permeará a pesquisa que ora se

apresenta, a qual está focada na investigação do uso do sistema de transitividade no gênero editorial, como proposto pela Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF).

Compreender como a transitividade se realiza e como contribui para a construção da opinião do gênero editorial, em algumas das formas nas quais esse gênero pode manifestar-se, é o *norte* dessa investigação e questão central dessa pesquisa. Dessa busca pela compreensão da transitividade nos editoriais, derivam-se os seguintes questionamentos: que papel desempenham os tipos de processo e seus participantes em editoriais diferentes? Que função preenchem, por exemplo, os processos relacionais, os chamados verbos de ligação, nos editoriais? O que revela o sistema de transitividade dos diferentes editoriais analisados? Para garantir o rumo certo, sem grandes desvios de rota, atuam, como *bússola*, os pressupostos teóricos da Lingüística Sistêmico-Funcional, em especial os postulados relativos ao Sistema de Transitividade, dos Estudos sobre Gêneros Textuais e sobre a Multimodalidade Discursiva, assentados na noção de língua como atividade social.

Uma questão a investigar

É patente nos estudos lingüísticos atuais, a vitalidade e a importância dos estudos sobre os gêneros textuais, dada a certeza de que nos comunicamos através de textos e estes aparecem sob diversos formatos, assumindo diferentes papéis nas mais variadas situações. Todo texto, por sua vez, só se realiza através de gêneros que, na verdade, ordenam as bases da estrutura social. Nessa linha de raciocínio, Miller (1994) afirma que os gêneros são a parte comunicativa da estrutura social. Por esse prisma, ao adquirirmos uma língua, fazemos muito mais do que simplesmente dominar formas. Dominamos, também, os usos comunicativos nas práticas sociais do dia a dia, sendo, neste sentido, impossível não nos comunicarmos verbalmente por algum gênero (cf. MARCUSCHI, 2002). Com os gêneros agimos e interagimos socialmente, constituindo o mundo de alguma forma. Uma evidência da diversidade e importância dos gêneros é a presença maciça da imprensa, falada, escrita e televisiva, na vida cotidiana através dos jornais, revistas e televisão, e seu papel de formadores de opinião junto ao público. Os textos opinativos e informativos da imprensa, realizados em gêneros diferenciados tais

como o artigo, o editorial, a notícia, a reportagem etc, contribuem decisivamente para a construção do mundo, vez que a sociedade é por eles influenciada.

São os gêneros textuais de base argumentativa como o editorial, o artigo, a resenha crítica, exemplos de textos opinativos que buscam persuadir, convencer o leitor a aderir às idéias por esses textos veiculadas. Buscam, pois, influenciar na formação de opiniões dos indivíduos; dessa forma, agem sobre o leitor, procurando modificar suas atitudes, suas crenças, suas práticas sociais (cf. FAIRCLOUGH, 2001).

O editorial é o gênero escolhido para esta investigação por (i) possuir uma base argumentativa; (ii) apresentar-se de forma diversificada, o que pode oferecer modos diferentes de argumentação; (iii) e por apresentar, não o ponto de vista de alguém, de uma só pessoa, como os artigos de opinião, mas o ponto de vista de uma instituição, seja ela revista ou jornal, com públicos e propósitos distintos. É uma opinião institucional e, portanto, merecedora de atenção e análise acurada. Pode-se dizer, ainda, em relação à variação desse gênero, que esta se dá porque os gêneros não são estanques em sua natureza, tampouco em sua constituição: dessa maneira, tanto podem surgir novos gêneros, de acordo com as necessidades dos grupos sociais, quanto pode haver variação em um mesmo gênero de acordo com os propósitos e natureza da interação.

Três razões respaldam a escolha da transitividade como aspecto léxico-gramatical como foco desse estudo. A primeira delas reside no entendimento de que a transitividade do verbo está relacionada à função ideacional da linguagem (HALLIDAY, 1985) e, assim, é fundamental para as necessidades expressivas dos usuários, no tocante à veiculação da experiência no texto escrito e construção do efeito de sentido pretendido. Outra razão consiste no fato de a transitividade organizar o conteúdo informacional nos gêneros textuais, visto que as estruturas transitivas cumprem funções comunicativas na linguagem. Para efeito de fortalecimento desses dois argumentos, citamos Tomasello (2003, p. 165) ao afirmar: "... os símbolos lingüísticos são convenções sociais para induzir os outros a interpretar uma situação experiencial ou assumir uma perspectiva em relação a ela". Finalmente, justifica-se a escolha da transitividade pela compreensão de que a transitividade verbal não se manifesta da mesma maneira em todos os gêneros, tampouco é apenas uma relação sintática do

verbo com seu objeto. A transitividade pode desempenhar papel importante na organização de conteúdo do gênero editorial e isso será observado levando-se em conta que cada escolha no sistema de transitividade adquire seu significado contra um conjunto de outras escolhas que poderiam ter sido feitas (cf. EGGINS, 1995). A propósito dessa afirmação de Eggins novamente recorreremos a Tomasello, (2003, p.169): “Se alguém está usando *esta* palavra e não *aquela* na presente situação deve haver alguma razão para isso” (grifos do autor). Assim, uma escolha realizada dentro do sistema de transitividade, ou seja, o uso de uma sentença ativa ou de uma passiva, que um usuário realiza, não se faz sem um motivo aparente. Este uso se adequa à situação, ou ao propósito comunicativo, ou ainda a ambos. Não queremos com isso dizer que todas as escolhas são individuais e conscientes, estas podem ser, e são muitas vezes, social ou contextualmente motivadas.

Este estudo se apresenta, portanto, como uma outra forma de se estudar a transitividade, diferente dos estudos tradicionais em geral, (entenda-se gramática tradicional ou normativa), nos quais a transitividade é vista de maneira quase uniforme. Essa diferença se revela através da resposta de sua questão central, qual seja, mostrar que a transitividade cumpre uma função na construção do significado do gênero editorial, de acordo com os pressupostos teóricos da LSF.

Onde se pretende chegar

Para chegar à meta pretendida, orientam o percurso os seguintes objetivos: (i) analisar o papel do sistema de transitividade na variação do gênero editorial (ii) estabelecer semelhanças e diferenças nos editoriais, com vistas a construir um perfil para esse gênero nos dados averiguados. Esse perfil será delineado a partir da descrição e interpretação dos recursos multimodais utilizados e da investigação da função ideacional através do sistema de transitividade na construção do sentido do editorial; (iii) investigar até que ponto o sistema de transitividade, em especial as funções dos processos e participantes, contribui para a construção da opinião no editorial, cujo propósito é atuar sobre o leitor, influenciando em seus pontos de vista; e (iv) averiguar o papel da transitividade na argumentação do editorial, levando em conta

que diferentes tipos de processo e diferentes participantes representam significados distintos e que cada escolha lingüística constrói uma representação diferente de uma determinada experiência.

A transitividade estudada, dessa maneira, em gêneros textuais, exemplos de linguagem em funcionamento, em interações autênticas abre uma perspectiva diferente para os estudos gramaticais, pois reafirma que estes não podem ser meramente prescritivos e ligados a frases isoladas, extraídas de seu contexto de origem. Por fim, a consciência de que só se pode interagir através de gêneros, mais o fascínio que o texto argumentativo como o editorial exerce, fez-nos aliar esses dois universos - o da transitividade verbal e o dos gêneros textuais – e empreender essa pesquisa que intenta estabelecer um perfil para o gênero editorial, centrado no papel da transitividade na constituição desse gênero. Queremos, assim, realizar um trabalho coeso e consistente que possa trazer contribuições aos estudos lingüísticos, quer no plano da teoria do texto, quer no plano do sistema gramatical da língua, por entendermos que os aspectos gramaticais de uma língua cumprem funções comunicativas e interativas, não sendo apenas meros recursos da superfície lingüística.

Validando o trabalho

Uma pesquisa que apresenta como objeto de análise a língua escrita em funcionamento, representada pelo gênero editorial, renderá, necessariamente, resultados vinculados ao funcionamento da escrita. Assim sendo, esperamos: (i) oferecer aos usuários do português uma análise da transitividade no gênero editorial de modo que esses usuários possam utilizar os conhecimentos advindos dessa análise como subsídio para suas interações, seja como leitor, seja como produtor de gêneros argumentativos; (ii) proporcionar aos estudos tradicionais na área que, em sua grande maioria, prendem-se aos limites da frase e à imposição de regras, uma nova maneira de abordar a transitividade, seja pelo enfoque teórico, seja pelo *corpus* utilizado, que, tendo como base um gênero de caráter argumentativo como o editorial, pode impulsionar outros estudos que combinem outros gêneros textuais e transitividade; e (iii) contribuir para o crescimento dos estudos lingüísticos sobre a transitividade, em

especial tendo como sustentação os gêneros textuais e a LSF, no momento em que se propõe a trazer para o debate outros argumentos, outros enfoques e, conseqüentemente, outras análises.

Construindo caminhos

Corpus, como está dito em *Linguística de Corpus* (cf. SARDINHA, 2004), é um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística. Fica estabelecido, então, que *corpus* é um artefato produzido para a pesquisa. Com essa definição por base, apresentamos a seguir os passos dados para a construção de nosso material de trabalho:

O *corpus* desta pesquisa é formado por 72 editoriais da imprensa, de veículos diferentes - jornais e revistas - de circulação nacional e regional. São utilizados (i) os jornais Folha de São Paulo, Jornal do Comércio e Folha de Pernambuco e (ii) as revistas Veja, Época, Uma e Todateen. Dos 72 editoriais, 36 pertencem aos jornais, sendo 12 da FSP, 12 do JC e 12 da FPE (Anexos 1, 2 e 3, respectivamente). Os outros 36 foram extraídos das revistas, sendo 12 da Veja; 12 de Época; 6 de Uma e 6 de Todateen (Anexos 4, 5, 6 e 7). Esses editoriais foram coletados em um período de seis meses, compreendido entre abril e outubro de 2003. Os jornais foram coletados na primeira semana de cada mês, duas vezes, em dias diferentes e as revistas semanais, Veja e Época, na primeira e terceira semanas conforme o dia de publicação. As revistas mensais, Uma e Todateen, eram adquiridas mensalmente.

A FSP foi escolhida por ser um grande jornal, com circulação em todo o país e, por isso, representativo do jornalismo nacional. É um jornal tido como referência pela qualidade do jornalismo por ele realizado. O JC é um grande jornal no estado de Pernambuco e representativo do jornalismo na região Nordeste. Completa o grupo de jornais constituintes do *corpus*, a FPE, escolhido por ser um jornal tido como popular, isto é, dirigido às camadas menos privilegiadas de Pernambuco e região, e que dá grande ênfase às tragédias e à violência; talvez, por essa razão se cogitou que o seu editorial pudesse ter esse mesmo apelo.

Veja e Época são revistas em que predominam a veiculação da informação dirigida a um público generalizado, tratando de temas variados como política, economia, saúde, artes, entre outros, que estejam em evidência no momento. São de circulação nacional e reconhecidas como boa fonte de informação pelos seus leitores. Foram selecionadas como primeiro contraponto ao editorial padrão da FSP, JE e FPE.

Uma e Todateen são revistas dirigidas a um público específico, o feminino, sendo que a primeira destina-se a mulheres adultas, de classe média; e a segunda, às meninas adolescentes, como o radical, em inglês, *teen* deixa transparecer. São de publicação mensal e advém daí mais uma diferença de conteúdo; além de se ocuparem de temas ditos femininos como beleza, amor, vida doméstica etc, os conteúdos dessas revistas não apresentam teor meramente informativo, há entrevistas, reportagens sobre modas, conselhos de natureza variada, horóscopo, dentre outros. O perfil de Uma e Todateen é bastante diferente das revistas e jornais selecionados, diferença essa que foi levada em conta na hora da seleção.

Os 72 editoriais que formam o *corpus* a ser investigado contêm 31.444 palavras, o que nos moldes da Lingüística de Corpus o classifica como pequeno. Isso, porém, não torna esses dados menos representativos do problema a ser estudado, uma vez que trabalhamos com um gênero específico, o editorial. Essa delimitação, segundo Sardinha (2004, p. 28), “demonstra maior padronização e conseqüente menor variação no nível do léxico, da gramática, do discurso”. Como a representatividade está ligada à probabilidade e a linguagem é de caráter probabilístico (cf. SARDINHA, 2004), não nos resta dúvida de que podemos encontrar, em nossos dados, material suficiente que nos possibilite o alcance dos objetivos.

Seleção, análise e interpretação dos dados

Antes de procedermos à análise da transitividade, observamos os nossos dados em relação a seus elementos constituintes, ou seja, observamos em primeiro lugar aspectos como localização, nomeação e autoria, para em seguida observarmos também os recursos multimodais presentes nos editoriais com vistas a averiguar o papel desses recursos na configuração do editorial e a conseqüente contribuição para a

construção de sentido nesse gênero. Para isso investigamos a imagem visual dos editoriais, ou seja, todos os recursos visuais encontrados, tais como fotografias, desenhos, legendas, tira, molduras, cores, fontes diversas e intergenericidade. Para completar o perfil que vislumbramos para os editoriais, verificamos outros aspectos como os temas abordados, o tipo de editorial e o propósito comunicativo. Almejamos, assim, compreender todos os elementos que estão presentes nos editoriais de nossos dados, antes de nos debruçarmos sobre a análise da transitividade, o aspecto léxico-gramatical objeto de nosso interesse. De posse dos resultados da análise da multimodalidade e do sistema de transitividade, esperamos traçar o perfil do editorial e sua variação. Os resultados dessa análise constituem o Capítulo II, *Em cena, os editoriais: delineando um perfil*.

Variáveis para análise da transitividade

A transitividade é a categoria léxico-gramatical relacionada ao componente ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985 e HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), referente à representação da experiência humana, e que se tornou, na Análise de Discurso Crítica, um instrumento importante para a interpretação de aspectos ideológicos e socioculturais. Tratando-se de verificar *quem faz o quê a quem e em que circunstâncias* (cf. HEBERLE, 1999), elegemos como categorias gerais de análise as variáveis: (i) os tipos de processo; (ii) os participantes; (iii) as circunstâncias. Essas variáveis são assim definidas: (i) processos são os responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir idéias, sentimentos, externar o dizer e o existir; são realizados por sintagmas verbais ou verbos. (ii) participantes são os elementos envolvidos com os processos, de forma obrigatória ou não; são realizados por sintagmas nominais. (iii) as circunstâncias são informações adicionais aduzidas aos processos; são realizados por sintagmas adverbiais. Esse teor informativo adicional das circunstâncias, faz-nos, nessa pesquisa, considerá-las periféricas na oração e, em virtude disso, analisarmos primordialmente os processos e os participantes, elementos centrais do sistema de transitividade da LSF.

Essas variáveis se encontram na unidade de análise da LSF, a oração, e também em seu entorno mais imediato, conforme poderemos comprovar através da descrição dos resultados. O modo de se chegar às orações e que nos permitiria verificar as variáveis acima elencadas é o que apresentamos agora.

Um primeiro procedimento para selecionarmos a unidade mínima de análise, isto é, as orações, foram leituras atentas de 14 editoriais escolhidos aleatoriamente; chegamos a esse total, escolhendo dois exemplares de cada um dos sete veículos que compõem o *corpus*. Pelas leituras, pudemos perceber a recorrência de alguns processos e os separamos acompanhados das respectivas orações em que esses verbos se localizavam. O conjunto de orações resultantes desse projeto-piloto pelos dados serviu de base para a seleção eletrônica feita posteriormente.

Sabedores de que poderíamos fazer esse trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina, submetemos um projeto de doutorado-sanduiche ao CNPq para realização da seleção das orações com o auxílio do programa *MicroConcord* (SCOTT & JOHNS, 1993) e discussão de pressupostos teóricos, nessa Universidade. O projeto, com duração de seis meses, foi aprovado e, dessa forma, pudemos nos juntar ao grupo de pesquisadores de LSF e de Análise de Discurso Crítica daquela universidade, como Heberle (1997), nossa orientadora no estágio-sanduiche, para aplicar o programa aos nossos dados e também compartilhar de profícuas discussões sobre a teoria que dá suporte a nossa investigação.

Durante esse período, participamos, dentre outras, das atividades do NUPDiscurso, grupo de pesquisa em gêneros textuais, LSF e Análise de Discurso Crítica, liderados por José Luiz Meurer e Viviane Heberle; discutimos pressupostos teóricos com a nossa orientadora e por ela fomos assessoradas no uso do *MicroConcord*. Este programa representa um suporte tecnológico para análise de dados e facilita o trabalho do pesquisador, pois é capaz de localizar a palavra pesquisada e seu co-texto, em cada texto submetido à análise. Na nossa pesquisa, esse *software* foi responsável por nos oferecer as orações que nos possibilitariam investigar o sistema de transitividade nos editoriais selecionados.

Para começar o trabalho com o programa, os 72 editoriais, que estavam digitados em *Word*, foram salvos em arquivos do tipo *DOS.text* (arquivos *.txt*). O passo

seguinte foi a familiarização com o programa através dos processos anteriormente selecionados por nós no estudo-piloto. Com o domínio do *software*, realizamos outras leituras nos editoriais para investigarmos outros processos verbais presentes e buscarmos a sua recorrência em todo o corpus.

Nossa pesquisa é um trabalho descritivo e interpretativo, isto é, trata do comportamento de estruturas gramaticais no seu *habitat* (cf. SARDINHA, 2004), buscando oferecer uma análise qualitativa que se apóia em dados quantitativos para comprovação de seus resultados. É, portanto um trabalho que prima pela qualidade, reconhecendo o valor da quantidade. Por essa razão, selecionamos os processos, e, conseqüentemente, as orações, pela sua recorrência, ou seja, pelo número de vezes em que ocorriam nos editoriais.

Quando realizamos o estudo-piloto percebemos que alguns processos ocorriam diversas vezes, enquanto outros apareciam apenas uma vez ou outra. Com o auxílio do *MicroConcord*, foi possível prontamente verificar o número de ocorrências dos verbos pré-selecionados e de outros que acrescentamos à listagem. Um total de 148 verbos foi investigado quanto à ocorrência e um fato importante se revelou: os processos ou estavam presentes nos editoriais de uma a quatro vezes ou em número igual ou superior a seis. Esse passou, então, a ser o nosso critério de escolha, uma vez que analisar todos os processos se tornava uma empreitada impossível de ser realizada com o rigor que exige a pesquisa científica, no tempo prescrito para um doutoramento. Ficou assim estabelecido que apenas os processos que tivessem seis ou mais ocorrências comporiam o conjunto de orações a ser analisadas. O número de verbos passou, então, de 148 para 44 verbos. Essa delimitação rendeu um primeiro conjunto de orações composto por 1254 sentenças¹.

Mas esse número pareceu-nos elevado para uma análise a bom termo; fizemos então uma higienização nos dados, na qual as sentenças topicalizadas - as estruturas com *é que*, as sentenças que eram citações, e as que tinham verbos deslexicalizados, como *dar prioridade*, por exemplo, foram retiradas dos dados, de modo a contarmos com sentenças a quais estamos chamando de *simples*, definindo-as como aquelas

¹ Nessa tese, tomamos os termos *sentença* e *oração* como sinônimos, embora haja uma diferenciação entre esses termos na Lingüística Sistêmico-Funcional.

organizadas em torno de um verbo principal, em que se torna possível identificar, nos limites da sentença ou em seu co-texto, os participantes diretamente envolvidos com os tipos de processo.

Essa higienização rendeu um grupo de 1060 orações. Fato que nos levou a uma nova verificação e a nos dar conta de que havia, entre os processos selecionados, um alto índice de sentenças modalizadas pelos processos *dever*, *poder*, *tender* entre outros, e um número também significativo dos processos *ser* e *estar* formando orações passivas. Como a modalização não está incluída nos limites de nosso empreendimento, as sentenças modalizadas foram excluídas. Observamos, outrossim, que as passivas, em sua absoluta maioria, eram formadas por verbos que não se encaixavam no critério do número de seis ocorrências estabelecido; para nos mantermos fiel a esse critério também as passivas foram eliminadas do *corpus*.

Restou, portanto, um grupo de 767 orações (Anexo 8) que foram então classificadas de acordo com o tipo de processo previsto na LSF. Essas orações são formadas com processos materiais, mentais, relacionais, verbais e existenciais. Também consultamos Borba (1991), para confirmarmos se a classificação feita, com base nos estudos funcionalistas de Halliday e seguidores, encontrava respaldo no português. O motivo desse procedimento foi o fato de a gramática de Halliday ser construída com exemplos de língua inglesa.

Feitas a classificação e a confirmação dos tipos de processos, realizamos a análise das orações, observando o funcionamento dos tipos de processo, sem, entretanto, chegar ao refinamento proposto por Halliday e Matthiessen (2004), por entender que nossos objetivos não exigem tal nível de refinamento. Assim, para efeito de classificação do sistema de transitividade, seguimos Eggins (1995), que oferece uma tipologia adequada às nossas metas. Essa tipologia pode ser conferida no Capítulo I, *Linguística Sistêmico-Funcional, Transitividade e Editorial*, no item que trata da transitividade na LSF. A interpretação da função exercida pelos tipos de processo nos editoriais, exemplificada em 188 orações representativas do conjunto de 767 orações selecionadas, é o conteúdo do Capítulo III, *A transitividade construindo opiniões: uma análise dos tipos de processo*. Essa descrição se fará acompanhar de outros procedimentos metodológicos, detalhados nos respectivos capítulos.

Um outro procedimento metodológico foi a quantificação dos tipos de processo, de forma que apresentamos, concomitante a discussão dos resultados no Capítulo III, gráficos que indicam o percentual de cada tipo de processo, nos dados gerais, e depois nos jornais e revistas investigados.

Para a obtenção dos resultados sobre os participantes, fizemos uma releitura atenta de todo o grupo de orações que compõem o *corpus*, de acordo com o tipo de processo, conforme a terminologia estabelecida por Eggins (1995). Assim, observamos, inicialmente, o primeiro participante de cada tipo de processo: o Ator dos processos materiais; o Experienciador dos mentais; o Portador ou Característica dos relacionais; o Dizente dos verbais; e o Existente dos existenciais. Em relação ao primeiro participante (P1) de todos os processos, observamos sua textualização, isto é, a organização sintática desse participante como sintagma nominal (SN), por ser ele o mais diretamente envolvido com o verbo.

Encerramos a investigação da transitividade com a análise de catorze editoriais na íntegra, dois de cada veículo constitutivo do *corpus*, como forma de mostrar o funcionamento da transitividade na totalidade do gênero, e verificar a função dos tipos de processo associados a participantes e circunstâncias, na construção global do editorial. Pretendemos, então, oferecer ao leitor, no Capítulo V, *Editoriais, transitividade e opinião*, uma visão geral do uso do sistema de transitividade na variação do editorial

Tratamos até aqui dos procedimentos mais gerais da análise, outros mais específicos serão apresentados ao longo das discussões dos resultados. Fazemos isso para evitar repetições ou apresentar algo muito antecipadamente, do qual se sentirá falta em momentos posteriores. Mas estamos certas de que os dados selecionados pela aplicação do *MicroConcord*, sem dúvida, constituíram-se em material apropriado para análise e interpretação do sistema de transitividade e o seu papel na formação de opiniões no gênero editorial.

O que dá sustentação

Darão o suporte necessário a essa investigação os fundamentos básicos dos estudos sobre os gêneros textuais representados por Bakhtin (1992, 1995), Bazerman

(1997, 2004, 2005), Marcuschi (2002, 2002b, 2003, 2003b, 2004, 2005), Meurer (2000), Miller (1994) e Swales (1990, 1993), entre outros, e ainda o que está posto sobre esse tema na Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF). No que se refere especificamente aos estudos da multimodalidade discursiva nos gêneros textuais, a investigação se apóia nos trabalhos de Kress & van Leeuwen (1996), Jewitt & Oyama (2003), Dionísio (2005, 2005b) e Heberle, (2004, 2004b). A análise funcional da transitividade que realizaremos se pautará, primordialmente, na Lingüística Sistêmico-Funcional conforme pressupostos de Eggins (1995), Halliday (1967, 1967a, 1985), Halliday & Matthiessen, (1997, 2004); entre outros teóricos sistemicistas, como Herbele (1997, 1998, 1999) e Vian Jr, (2001, 2005). Os estudos sobre a transitividade são enriquecidos, ainda, pelos trabalhos de Fairclough, (2001), Perini (1995) e Hopper e Thompson (1980, 2001). As linhas teóricas mestras, desses estudos, encontram-se descritas no Capítulo I, *Lingüística Sistêmico-Funcional, transitividade e editorial*, e retomadas em momentos considerados oportunos, de acordo com o desenvolver da pesquisa. Aliam-se às áreas supramencionadas, estudos sobre cognição, como os de Tomasello (2003), e sobre jornalismo e editoriais, como Marques de Melo (1994, 2003), Sousa (2004) e Silva (1992), dentre outros.

Desenhando o trajeto

Consta o seguinte trabalho de sete partes: na introdução apresentamos as linhas mestras da pesquisa contemplando itens como objetivos, justificativa, *corpus*, metodologia e fundamentação teórica.

O capítulo I, *Lingüística Sistêmico-Funcional, transitividade e editorial* tece comentários sobre Funcionalismo, LSF e Transitividade, sendo esta contemplada pela ótica da abordagem tradicional e das abordagens lingüísticas. Também apresentamos as linhas mestras da transitividade na LSF que darão sustento à análise. Por fim, mostramos, nesse capítulo, um quadro geral dos estudos sobre gênero textuais, incluindo o editorial.

O capítulo II, *Em cena, os editoriais: delineando um perfil*, apresenta os editoriais de jornais e revistas dos dados, ressaltando a presença de traços multimodais, como

fotografias, desenhos, legendas, entre outros, ao mesmo tempo em que trata também de aspectos referentes ao conteúdo e ao propósito comunicativo do editorial. Noções básicas sobre a multimodalidade discursiva permeiam a análise dos recursos multimodais que compõem os editoriais.

O capítulo III, *A transitividade construindo opiniões: uma análise dos tipos de processo*, discorre sobre o papel dos tipos de processo nos editoriais. A partir de um certo número de ocorrências, investigamos a contribuição de 44 processos distribuídos em 767 orações para a construção do sentido nos editoriais constitutivos do *corpus* desta pesquisa.

O capítulo IV, *A transitividade construindo opiniões: o papel dos participantes*, contempla a análise dos participantes, associados aos tipos de processo correspondentes. Essa análise revela modos de construir a significação no gênero editorial.

O capítulo V, *Editoriais, transitividade e opinião*, contém uma análise do sistema de transitividade na totalidade do editorial, visando a demonstrar como a combinação de processos, participantes e circunstâncias está presente em cada um dos exemplares analisados e como contribui para expressão do ponto de vista das respectivas instituições jornalísticas.

Por fim, na conclusão fazemos as considerações finais do trabalho, compreendendo uma discussão dos resultados obtidos e as possíveis aberturas que uma pesquisa dessa natureza pode gerar.

CAPÍTULO I

Lingüística Sistêmico-Funcional, transitividade e editorial

A linguagem é uma parte natural do processo de viver; ela também é usada para 'contar' a experiência construída ao longo desse processo, pessoal e coletivo. É, entre outras coisas, uma ferramenta para representar os conhecimentos, ou em termos da própria linguagem, para construir significados. (Halliday & Matthiessen, 1997)

Nesse capítulo, situamos a corrente teórica que fundamenta e orienta nossa análise, a Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), nos estudos funcionalistas da linguagem; para isso apresentamos uma síntese desses estudos, tão presentes na Lingüística moderna. Em seguida, resumimos os preceitos teóricos básicos da LSF, como forma de informar ao leitor os pressupostos que guiarão e respaldarão nossa investigação. Essa incursão na LSF motiva, então, a entrada da transitividade, a qual é apresentada dentro das abordagens tradicional e lingüística, para então a mostrarmos como importante componente dos estudos sistêmico-funcionais e razão de ser dessa pesquisa. O capítulo se completa com uma descrição do gênero editorial, situando-o dentro dos estudos sobre os gêneros textuais.

1. O funcionalismo e a Lingüística Sistêmico-Funcional

Para as correntes lingüísticas de base funcionalista, a linguagem é vista como:

... um sistema não-autônomo, que nasce da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade, que está sujeito às limitações impostas pela capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento e que está continuamente se modificando para cumprir novas necessidades comunicativas (ANDRADE BERLINK, 2001, p.211)

cuja função mais importante é a interação entre usuários, assim, essa função de alguma maneira, determina o modo como a língua se estrutura.

Para os funcionalistas, em franca oposição aos formalistas - que concebem a língua como um *objeto autônomo* (cf. BORGES NETO, 2004) - a linguagem é um fenômeno social. Uma das prioridades funcionalistas é ultrapassar a abordagem modular, típica do formalismo, e possibilitar a integração dos diversos componentes lingüísticos, considerando a linguagem, como afirma Pezatti (2004, p. 179), "...como um instrumento de interação social, com propósitos comunicativos, sendo as expressões lingüísticas analisadas em circunstâncias efetivas de interação verbal".

Essa linha de reflexão nos estudos da linguagem foi retomada com certa ênfase nos últimos vinte anos, mas surgiu na antropologia com os trabalhos de Malinowski (1922) e Radcliff Brown (1952)², quando passaram a estudar os fatos culturais de cada grupo relacionado com as instituições desse grupo. E com a idéia de Malinowski de que, para compreender a cultura, era necessário estudar a língua e sua estrutura, que espelharia categorias derivadas das atitudes práticas do homem em relação ao mundo, a fala era, assim, percebida como um modo de ação e não a contraparte do pensamento (cf. MACEDO, 1998).

Na Lingüística, surgiu com o chamado funcionalismo da Escola de Praga, quando se introduziu o conceito de função e se percebeu a linguagem através de parâmetros funcionais como função / propósito e função / contexto, enfatizando-se a necessidade de se explicar as formas no contexto. Uma representação dessa corrente no Brasil é a tese de doutoramento de Rodolfo Ilari, na qual esse autor estudou os recursos funcionais da frase no português do Brasil.

Sendo esse o ponto de partida, muitas correntes funcionalistas se desenvolveram, adquiriram vida própria e hoje é possível listar alguns tipos de funcionalismo que influenciam as descrições do português no Brasil nas últimas décadas: o funcionalismo de Halliday, contando com os trabalhos de Collins (PUC-SP), Herbele e Meurer (UFSC), e Decat (PUC-MG); o funcionalismo de Givón, que tem Naro (UFRJ) e Votre (UFF), entre outros, com muitos trabalhos publicados; o funcionalismo de Chafe, Thompson, Li e Hopper, que tem como representante os estudos de Paiva (UFRJ) e Furtado da Cunha (UFRN), dentre outros; o funcionalismo da sociolingüística variacionista, tendo a presença dos estudos de Camacho (UNESP), Roncarati (UFF) e

² Autores citados apud MACEDO, Alzira V. T. de. 1998.

Braga (UFRJ); e, bem recentemente, o funcionalismo cognitivista, inspirado em pesquisas de Langacker, Fauconnier e Lakoff. No Brasil, representam essa corrente, Salomão (UFJF), Almeida (UFRJ) e Chiavegatto (UERJ), entre outros.

Quando acima se faz referência a *análises funcionalistas*, ratifica-se a existência de diferentes versões, ou diferentes modelos de funcionalismo para se dizer que esses modelos, que se diferenciam por determinadas peculiaridades, apresentam, no entanto, uma série de similitudes que os unem e caracterizam a visão funcionalista da linguagem. Qualquer que seja o modelo, ele deve apresentar como eixo central de interesse, a verificação de como se obtém a comunicação com uma dada língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente (cf. NEVES, 1997).

Deve-se ressaltar, no entanto, que devido ao caráter introdutório e, de certa forma situacional, desses comentários sobre a abordagem funcionalista da linguagem, não se fará uma descrição, mesmo que de forma geral, desses diferentes funcionalismos, limitando-se apenas a apontar os princípios que, segundo o pensamento de Givón (1984), caracterizam basicamente essas versões para, em seguida, se deter na Lingüística Sistêmico-Funcional, corrente que subsidiará nossa análise.

Os princípios apontados por Givón (1984) são: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica; a mudança e a variação estão sempre presentes; o significado é dependente do contexto e não atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável, não rígida; as gramáticas são emergentes; as regras da gramática permitem desvios.

Também é importante destacar que o funcionalismo interage com outras áreas de investigação como a psicolingüística, a fonologia, a morfologia estrutural, a lingüística histórica, a estilística, a poética, o cognitivismo e os diferentes tipos de linguagem (técnica, científica, jornalística) denominadas línguas para fins especiais. É possível que, para a concretização dos propósitos desta pesquisa, algum diálogo com algumas dessas áreas possa vir a se realizar, em especial com a linguagem jornalística, já que os editoriais pertencem a esse domínio discursivo.

Fundamental, entretanto, como afirma Neves (1997, p.148), seguindo Labov, é não superestimar as explicações funcionais das formas lingüísticas. Essa tendência pode levar a enganos, sendo necessária uma visão mais balanceada do papel dos fatos funcionais. De acordo com a importância dada à função, é possível afirmar que há três grandes tipos de funcionalismo: um conservador, um extremo e um moderado.

Nesse momento, talvez, valha a pena lembrar Kato (1998, p.165), quando, comentando o terreno comum entre formalistas e funcionalistas, diz: “o ponto de partida metodológico não importa. Fica ao gosto de cada um. Mas se trabalharmos em consonância certamente chegaremos a descobertas mais abrangentes e interessantes”. Afinal, não se trata do estudo de objetos diferentes, mas de diferentes fenômenos do mesmo objeto e as distintas perspectivas para o estudo da linguagem são complementares e igualmente necessárias (cf. PEZATTI, 2004).

A Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF)

O funcionalismo de Michael A. K. Halliday, denominado Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), espelha-se numa teoria da língua enquanto escolha. É um modo de olhar a gramática em termos de como a gramática é usada. No campo dos estudos lingüísticos, é uma oposição aos estudos formais de cunho mentalista, pois seu foco de interesse é o uso da língua como forma de interação entre os falantes; sua orientação é social e não biológica. Hoje essa corrente teórica é usada não apenas para fazer descrições funcionais da língua, mas também tem inspirado trabalhos em outros sistemas semióticos, como o trabalho com imagens visuais de Kress and van Leeuwen (1996); contribuído para o desenvolvimento de programas de alfabetização para estudantes de escolas primárias e secundárias na Austrália; e ainda para o desenvolvimento de programas de treinamento de empresas, entre outros fins (cf. MARTIN, et al, 1997).

Para Halliday, a língua se organiza com duas possibilidades alternativas que são a cadeia (o sintagma) e a escolha (o paradigma); uma gramática sistêmica é, sobretudo, paradigmática, isto é, coloca as unidades sintagmáticas apenas como a realização e as relações paradigmáticas como o nível profundo e abstrato. A

consideração do nível sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma com a idéia de que cada escolha produz significados. No entanto, escolha nem sempre significa uma escolha consciente. Como afirma Butt et al, (2000, p.2): “Estamos certos que, mesmo inconscientemente, as escolhas lingüísticas são influenciadas em certos aspectos pelo contexto no qual são usadas”. Uma gramática funcional é, por isso, não um conjunto de regras, mas uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significados.

Tendo como objetivo estudar a língua em uso, a Lingüística Sistêmico-Funcional privilegia sempre a análise de produtos autênticos da interação social, aos quais ela chama de texto. Segundo Butt et al (2000, p. 3) “um texto ocorre em dois contextos, um dentro do outro: o contexto de cultura e o contexto de situação”. (cf. Figura 1).



Figura 1: Texto em contexto. (Butt et al., 2000, p. 4).

O contexto de cultura é a soma de todos os significados possíveis de fazer sentido em uma cultura particular. Dentro do contexto de cultura, falantes e ouvintes usam a linguagem em contextos específicos, conhecidos na lingüística funcional como contexto de situação. A combinação dos dois tipos de contexto resulta em semelhanças e diferenças entre um texto e outro. Os textos que acompanham uma compra de cereais não são os mesmos em uma cidade do interior e em uma capital, por exemplo. No contexto de situação estão as características extralingüísticas dos textos, as quais

dão substância às palavras e aos padrões gramaticais que falantes e escritores usam, consciente ou inconscientemente, para construir os diferentes gêneros, e os ouvintes e leitores usam para identificar e classificar esses gêneros. Essas diferenças entre os gêneros podem ser atribuídas a três aspectos do contexto de situação que a LSF define como *campo*, *relação* e *modo* do discurso. Podemos ver esses aspectos ou parâmetros na Figura 2.

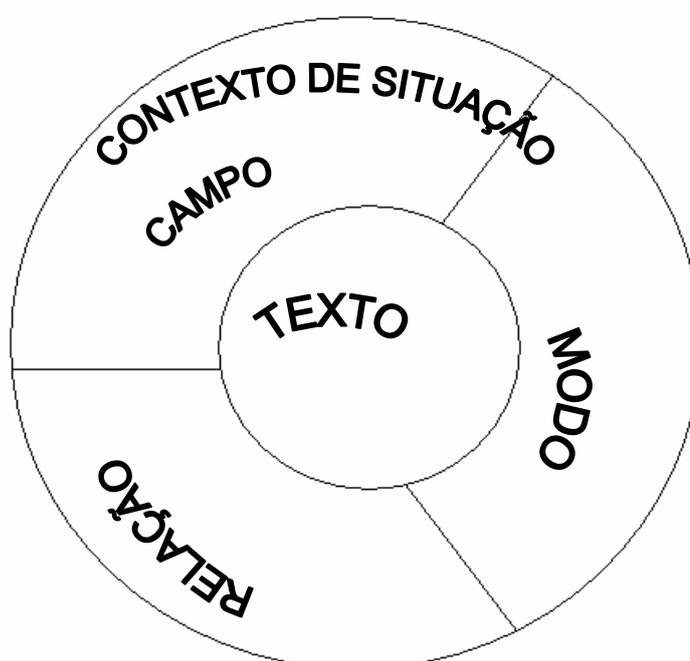


Figura 2: Parâmetros do contexto de situação. (Butt et al., 2000, p. 4).

Campo diz respeito à natureza da prática social, corresponde ao que é dito ou escrito sobre algo; *relação* diz respeito à natureza da ligação entre os participantes da situação; e *modo*, à natureza do meio de transmissão e mensagem (cf. MOTA-ROTH e HEBERLE, 2005).

Esses parâmetros do contexto de situação afetam nossas escolhas lingüísticas porque refletem as três funções que constituem os propósitos principais da linguagem (cf. HALLIDAY, 1985).

São as chamadas metafunções da linguagem: a *ideacional*, a *interpessoal* e a *textual*. A metafunção ideacional representa ou constrói os significados de nossa

experiência do mundo exterior ou interior por meio do sistema de transitividade. A interpessoal expressa as interações e os papéis assumidos pelos usuários, revelando as atitudes desses usuários para com o interlocutor e para com o tema abordado por meio do sistema de modo e modalidade. A metafunção textual está ligada ao fluxo de informação e organiza a textualização por meio do sistema de tema. Nessas três metafunções, a oração, unidade básica para análise léxico-gramatical, é a realização simultânea de três significados: uma *representação* (significado no sentido de conteúdo); uma *troca* (significado como forma de ação); e uma *mensagem* (significado como relevância para o contexto). Todas as línguas são organizadas em torno de dois significados principais: o ideacional e o interpessoal. Esses componentes, a que se associa um terceiro, o textual, são as manifestações, no sistema lingüístico, dos dois propósitos mais gerais que fundamentam os usos da linguagem: entender o ambiente e influir sobre os outros.

Dessa forma, cada elemento de uma língua é explicado por referência a sua função no sistema lingüístico total. Uma gramática funcional é, assim, aquela que constrói todas as unidades de uma língua como configurações de funções e tem cada parte interpretada como funcional em relação ao todo. Nela, uma língua é interpretada como um sistema semântico, entendendo como semântico todo o sistema de significados da língua.

Os elementos lingüísticos não significam isoladamente, o significado é codificado em um enunciado como um todo integrado e os significados são alcançados por meio de escolhas que os falantes fazem frente às escolhas que poderiam ter sido feitas: a escolha de um item pode significar uma coisa; seu lugar no sintagma, outra; e sua combinação com outro elemento, outra coisa. Vejamos, como exemplo, o uso de uma sentença transitiva, como “*Fred quebrou a janela*”, que transmite um significado, e o mesmo conteúdo em uma sentença intransitiva, como *A janela quebrou*, que já traz informações diferentes. Uma gramática funcional destina-se, pois, a revelar, pelo estudo das seqüências lingüísticas, os significados que estão codificados por essas seqüências, já que para essa abordagem de estudos da linguagem, cada sentença expressa três significados simultaneamente, e esses significados estão relacionados às três funções básicas da linguagem.

A função ideacional é o componente principal do significado do sistema lingüístico que é básico para quase todos os usos da língua. Trata-se de um potencial de significado, embora o potencial seja muito mais vasto e complexo; por exemplo, todo o sistema de transitividade na língua – a interpretação e expressão na língua dos diferentes tipos de processos materiais, mentais e abstratos de todo tipo - faz parte do componente ideacional da gramática.

Em se tratando, ainda, da questão da escolha, em uma abordagem funcional, a forma é importante para responder a questões relativas à diferença do efeito comunicativo da mensagem conseguido por meio da escolha de uma determinada forma e não de outra, e às características do contexto que levam o falante a escolher uma forma e não outra.

Segundo Halliday (1985), diferentes redes sistêmicas codificam diferentes tipos de significado, ligando-se, pois, às funções da linguagem supramencionadas. Assim, o sistema de transitividade, especificando os papéis dos elementos da oração como *ator*, *meta* etc, codifica a experiência do mundo, e liga-se, portanto, à função ideacional. O sistema de modo, especificando funções como *sujeito*, *predicador*, *complemento* etc, diz respeito aos papéis da fala, e liga-se com a função interpessoal. O sistema de tema e informação, especificando as relações dentro do próprio enunciado, ou entre o enunciado e a situação, diz respeito à função textual. Em outras palavras, pode-se dizer que a função ideacional é realizada pela categoria léxico-gramatical da transitividade; a interpessoal se realiza pelo modo e a modalidade; e a textual pelas estruturas temáticas.

Nessa corrente de pensamento, as referências à situação e à estrutura social baseiam-se em uma teoria que relaciona linguagem, situação e cultura, sistematicamente; e o foco é sempre o produto autêntico da interação, ou seja, os textos considerados em relação ao contexto social e cultural no qual eles são negociados.

Para a LSF, nós usamos a linguagem para interagir com o outro, para construir e manter nossas relações interpessoais e a ordem social em que elas ocorrem; fazendo isso, nós interpretamos e representamos o mundo do outro e de nós mesmos. A linguagem é uma parte natural de nossas vidas e também é usada para *contar* as

experiências construídas individual e coletivamente; é um meio de representar o conhecimento e de construir significados (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 1997).

É, portanto, interesse maior da LSF, o modo como as pessoas usam a linguagem umas com as outras em suas atividades sociais diárias. Este interesse leva os estudiosos dessa vertente teórica a dirigir seus interesses para quatro pontos centrais e constitutivos da linguagem, quais sejam: o uso de uma língua é sempre funcional; as funções são para fazer sentidos; os sentidos são influenciados pelo contexto social e cultural do qual tomam parte; e o processo de uso da linguagem é um processo semiótico, um processo de produzir significado pelas escolhas lingüísticas realizadas. (cf. EGGINS, 1995).

Dados os objetivos dessa pesquisa, o próximo item versará sobre a transitividade, tema central para a análise que se efetivará nessa tese.

2. Situando a transitividade: da abordagem tradicional às lingüísticas

A transitividade tem ao longo dos estudos sobre a linguagem, em especial, os estudos gramaticais, despertado o interesse de pesquisadores de correntes teóricas bastante diversificadas. Para representar esses estudos e situar nosso leitor, expomos algumas abordagens centradas nessa temática, com ênfase na transitividade do ponto de vista da Lingüística Sistêmico-Funcional.

A transitividade na gramática tradicional

A transitividade diz respeito à maneira como um verbo se relaciona com os sintagmas nominais numa mesma oração. Desde a antiguidade, os gramáticos tomaram consciência de suas diferenças, mas só no século XX, percebeu-se a sua complexidade (cf. TRASK, 2004), embora as gramáticas normativas ainda não a descrevam levando em consideração essa complexidade.

Nos estudos tradicionais, em geral, (entenda-se gramática tradicional ou normativa), a transitividade verbal é apresentada de maneira quase uniforme (cf. por exemplo, KURY, 1972, MELO, 1978). Os verbos são classificados em transitivos –

diretos, indiretos, direto e indireto – e intransitivos. Transitivos são verbos cuja significação só se completa com uma informação adicional, como no exemplo *O juiz anulou o gol*, em que o objeto direto “o gol” completa o sentido de *anular*. Intransitivos são aqueles que expressam significações ditas completas, como no exemplo *A criança nasceu*. O que permite dividir os verbos transitivos em diretos e indiretos é a ausência de preposição para o complemento dos transitivos diretos, como em “*Ela abriu a porta*” (embora a norma registre o objeto direto preposicionado, como em “*Os romanos adoravam a Júpiter*”); e a presença obrigatória de preposição para os transitivos indiretos, como em “*Com ela ninguém se importava*” .

A noção de transitividade se gera, assim, na incompletude de sentido do verbo, sendo mais semântica do que sintática. Mesmo assim, verbos diferentes e de diferentes complementos recebem tratamento idêntico. É o caso de: *O menino comeu o bolo*; *Maria gosta de cinema*; *O atleta recebeu o prêmio*; *Pedro construiu uma casa*; *Fábio percebeu os olhares de reprovação*. As relações semânticas contraídas entre esses verbos e seus complementos são completamente distintas, fato que mereceria ser levado em consideração na descrição da transitividade, uma vez que o critério semântico é o mais adotado para sua definição.

Dessa forma, mostrando incoerências na descrição e apresentando, na maioria das vezes, frases descontextualizadas para exemplificação, a gramática tradicional – ainda que afirme que a classificação dos verbos quanto à predicação depende do contexto em que ocorrem e que alguns verbos ditos transitivos podem ser usados intransitivamente e vice-versa (cf. KURY, 1972, MELO, 1978), além de tratar também de verbos transobjetivos, complementos relativos e complementos circunstanciais (cf. ROCHA LIMA, 1994) – não aborda satisfatoriamente o fenômeno da transitividade verbal. Em outras palavras, a análise tal qual apresentada não convence o usuário e conduz a duas perspectivas, ambas equivocadas. Primeiro, pautada nos exemplos isolados, leva a compreensão da transitividade como algo pouco complexo e, portanto, fácil de se resolver. Segundo, centrada no fato de que a língua não é feita de sentenças prontas e acabadas, dá a entender que existem duas línguas, a que se fala e se usa na interação entre os indivíduos e uma outra que as gramáticas do português descrevem.

As asserções apresentadas acima apontam para a busca de novos olhares como os estudos já realizados sobre o tema: de cunho formalista, como a proposta de Perini (1995); centrado no uso, como os estudos de Azeredo (2000); e de base semântico-enunciativa como a análise de Dias (1999); de base sintático-semântica como o de Souza (1997), e os estudos funcionalistas de Hopper e Thompson (1980), tomando a transitividade como um fenômeno gradativo, entre outros. Tais trabalhos destacam aspectos não percebidos ou mal elucidados pela ótica tradicional e, assim, contribuem para esclarecer pontos obscuros e controversos sobre o tema, além de enriquecer os estudos sobre essa temática.

Essas contribuições, porém, não esgotam o assunto ou impedem a realização de outras tentativas de análise, já que, conforme Lyons (1987, p.114): “...nenhum tratamento dado à teoria gramatical deveria deixar de afirmar claramente que, apesar dos grandes progressos atingidos recentemente, estamos muito longe de dispor de uma teoria geral satisfatória sobre a estrutura gramatical”.

A transitividade formal de Perini (1995)

Dentro da abordagem formal, tem destaque a análise de Perini (1995) sobre a transitividade, em sua Gramática Descritiva do Português. Nela, o autor critica a noção tradicional de transitividade, bem como sua classificação, afirmando haver um “equivoco fundamental” nessa classificação. Para desfazê-lo, propõe uma descrição formal do fenômeno da transitividade, levando em consideração os traços: aceitação, recusa e aceitação livre de complemento do verbo; além de quatro funções relevantes para a transitividade em português: objeto direto, complemento do predicado, predicado e adjunto circunstancial. A partir desses elementos, estabelece um conjunto de onze matrizes de transitividade verbal para os verbos do português. Para esse autor, essas matrizes, baseadas em funções puramente sintáticas, são mais facilmente operacionalizáveis do que as definições tradicionais e oferecem um quadro mais adequado da transitividade verbal em português do que qualquer outro disponível na atualidade. Perini (1995), ressalta que, embora sua proposta de descrição seja mais complexa do que a tradicional, pois essa complexidade se deve a não simplicidade do

fenômeno descrito, ela deve ser defendida pela sua capacidade superior de representar os fatos da língua.

Outro aspecto destacado pelo autor diz respeito à concepção da transitividade como fato semântico pelas gramáticas tradicionais. Para o estudioso, a transitividade é puramente sintática, uma vez que não é possível prevê-la apenas a partir da semântica do verbo. Cita como exemplo os verbos *morrer* e *falecer* cuja semântica é quase a mesma, mas diferem quanto à transitividade. Após outros questionamentos, Perini, (1995), trata dos efeitos do contexto situacional na transitividade, salientando que, às vezes, certos verbos são usados sem objeto direto expresso porque a situação é suficiente para esclarecer do que se trata. Por fim, ressalta: Todos esses exemplos mostram como a sintaxe se integra com os outros componentes da comunicação lingüística para produzir mensagens eficientes (1995, p.173).

Podemos entender, por essas duas últimas afirmações do autor, que nem sempre a adoção de uma abordagem, a formalista, nesse caso, dá conta da análise dos fatos lingüísticos e que outras possibilidades de análise são possíveis, em especial, a da transitividade em uso como a que se propõe nessa tese.

A transitividade funcional de Hopper & Thompson (1980)

Em artigo intitulado “*Transitivity in Grammar and Discourse*”, Hopper e Thompson (1980) apresentam uma proposta de tratamento descritivo da categoria transitividade. Neste trabalho, os autores procuram descrever, o mais exhaustivamente possível, as propriedades e os traços envolvidos na noção de transitividade, mostrando que essa tem relação, não só com a presença de um objeto, paciente da ação do verbo, como sugere a gramática tradicional, mas também com outros componentes.

A transitividade é concebida, então, como uma conjunção de traços, sendo, pois, proposta como um *continuum* e não como comportando tipos polares como transitivo e intransitivo. Esses traços se distribuem na sentença como um todo e, assim, ao descrever contrastes entre sentenças, os autores advogam a existência de graus de transitividade, isto é, uma sentença é mais alta em transitividade do que outra porque reúne mais traços, ou propriedades, que a identificam como tal. O fenômeno da

transitividade não se dá, portanto, em igualdade de condições nas variadas sentenças da língua. Essa noção mais ampla e gradativa da transitividade inclui traços como número de participantes, dinamicidade e volição, entre outros expostos no Quadro 1.

Quadro 1 - Escala de transitividade de Hopper e Thompson (1980)

	Transitividade alta	Transitividade baixa
A Participantes	2 ou mais	1 participante
B Cinese	Ação	Não ação
C Aspecto	Télico	Atélico
D Pontualidade	Pontual	Não pontual
E Volição	Volitivo	Não volitivo
F Afirmação	Afirmativo	Negativo
G Modo	Real	Irreal
H Agentividade	A potente	A com baixa potência
I Afetamento do objeto	O totalmente afetado	O não afetado
J Individualização do objeto	O altamente individualizado	O não individualizado

Pela observação do Quadro 1 evidencia-se que cada componente da transitividade envolve uma faceta diferente do modo como a ação *transita*, ou transfere-se, de um argumento para outro. Dessa forma, as sentenças com alto grau de transitividade caracterizam-se por apresentar um maior número dos traços descritos: tem dois ou mais participantes; contém um verbo de ação; o verbo é télico (indica ação concluída); a ação é pontual, intencional (voluntária) e ocorre num mundo real e apresentada na forma afirmativa; seu sujeito é agente (humano ou animado) e seu objeto é sintagma nominal singular e definido. Uma sentença como *João quebrou a vidraça com uma pedra* é um exemplo da reunião de todos esses traços, e, portanto, uma sentença de alta transitividade.

Nem todas as sentenças reúnem todos esses traços, ou a maioria deles, daí advém a noção de níveis de transitividade e a descrição das sentenças como sendo de alta ou baixa transitividade. Essa gradação se torna visível na medida em que a descrição de Hopper e Thompson isola determinadas propriedades da sentença, como por exemplo, a volição, a agentividade do sujeito e a individualização do objeto.

Essas propriedades podem ser isoladas para análise, mas devem ser investigadas nas sentenças em usos efetivos; em conexão com funções comunicativas, permitem observar e descrever a atuação da transitividade na formação dos planos do discurso e na interação autor/leitor. Para esses autores, a transitividade está associada

a uma função discursivo-comunicativa: o grau de transitividade de uma sentença reflete a forma como o usuário organiza o discurso para atingir seus propósitos comunicativos (cf. FURTADO DA CUNHA et al., 2003).

Essa é a discussão feita em relação à sentença, - e aqui apresentada resumidamente - mas Hopper e Thompson (1980) prosseguem a abordagem tratando da transitividade e do discurso. Para esses autores, é necessário mais do que uma análise da sentença; é preciso uma vinculação dessas propriedades da transitividade com a função comunicativa, já que separados, os componentes da transitividade têm apenas uma relação arbitrária um com o outro (cf. HOPPER & THOMPSON, 1980).

Esses autores afirmam que os usuários moldam seus enunciados de acordo com seus objetivos de comunicação e com sua percepção das necessidades dos ouvintes e que alguns enunciados são mais importantes do que outros. A partir dessas concepções e da noção de *background* e *foreground* – planos de discurso – entre outras considerações, eles apresentam os resultados de uma análise relacionando os graus de transitividade e planos do discurso (*grounding*), em textos narrativos. A conclusão geral, já que não se comentará a análise por cada traço isoladamente, é que as sentenças que constituem o *foreground* (ou figura, ou primeiro plano de discurso) são mais altas em transitividade do que as que compõem o *background* (fundo ou segundo plano), que são sempre sentenças de baixa transitividade.

A afirmação feita no parágrafo precedente de que os usuários moldam seus enunciados, de certa forma se relaciona ao que vimos defendendo em relação à transitividade da LSF e está diretamente ligada a nossa investigação da transitividade no gênero editorial, percebendo-a como um aspecto léxico-gramatical que tem um papel a desempenhar na construção desse gênero.

A transitividade na Análise Crítica de Discurso

A linguagem não representa o mundo, antes o constrói discursivamente e as práticas discursivas, igualmente, não apenas reproduzem as identidades sociais, as relações sociais, os sistemas de conhecimento e crenças. As práticas discursivas são em si mesmas práticas sociais. Tais concepções caracterizam muitos dos estudos

desenvolvidos no âmbito da Análise Crítica de Discurso (ACD), que vai ocupar-se de temas sociais e políticos como o sexismo, racismo, desigualdade social, entre outros, no sentido de descobrir como esses são legitimados, naturalizados ou reproduzidos, já que tais fenômenos são facilmente encontrados em textos simples e do cotidiano. Sobre sua teoria, Fairclough (2001, p.89) assegura que:

sua abordagem é determinada pelo seguinte objetivo: reunir a análise de discurso orientada lingüisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica social e, especificamente, no estudo da mudança social.

Para isso, esse autor primeiro discute o termo discurso, em seguida o analisa num quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social. Para a ACD “Qualquer evento discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p.22).

Ao usar o termo discurso, esse autor propõe considerar o uso de linguagem como formas de prática social e não como atividade puramente individual, ou reflexo de variáveis situacionais. Isso implica em ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação.

O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. O discurso contribui para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais e posições de sujeito para os sujeitos sociais e os tipos de eu’. Em segundo lugar, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, por último, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença (cf. FAIRCLOUGH, 2001).

Esses efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem *identitária, relacional e ideacional*. A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; a relacional diz respeito a

como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas; e a ideacional relaciona-se aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Com base na LSF, essa corrente afirma que a oração é a unidade principal da gramática; que toda oração é multifuncional e, portanto, uma combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais. As pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado. A partir desses postulados, Fairclough (2001) considera a transitividade um item fundamental em suas análises, dado que através dela os conteúdos da experiência humana são codificados no discurso, revelando significados distintos conforme as escolhas feitas. Um acontecimento pode ser significado linguisticamente numa variedade de formas, de acordo com a perspectiva em que ele é interpretado.

Isso quer dizer que uma sentença transitiva revela um sentido, uma intransitiva outro; a voz ativa revela certos sentidos; a passiva outra gama de significação. Por exemplo, em termos de significado ideacional, uma oração transitiva ativa pode significar um processo de um indivíduo particular agindo fisicamente sobre uma entidade, como em “*Gorbachev reduz o preço do exército vermelho*”. Se a oração fosse uma passiva como “*O preço do exército vermelho foi reduzido por Gorbachev*”³, certamente o sentido não seria o mesmo.

A dimensão ideacional da gramática da oração, ou, mais simplesmente, a transitividade, lida com os tipos de processo que são codificados em oração e com os tipos de participantes envolvidos. Dois tipos de processos são fundamentais, para Fairclough (2001): são os processos relacionais (o verbo marca uma relação: ser, ter, tornar-se) e os de ação (um ator age em direção a um objetivo), esses últimos denominados materiais na LSF. Partindo de exemplos analisados nos discursos anteriormente referidos, Fairclough diz que uma motivação social para analisar a transitividade é tentar formular que fatores sociais, culturais, ideológicos, políticos ou teóricos determinam como um processo é significado num tipo particular de discurso (e em diferentes discursos), ou num texto particular (cf. FAIRCLOUGH, 2001).

³ Os exemplos desta seção são retirados de Fairclough, 2001.

Os principais processos, para a ACD, são material, relacional e mental. No processo material dois tipos de ação podem ser diferenciadas: ação dirigida e não-dirigida. Naquela um agente age em direção a um objetivo, e se concretiza como uma oração transitiva do tipo “*A polícia atirou nos manifestantes*”. Já a ação não-dirigida envolve um agente e uma ação, mas nenhum objetivo explícito; concretiza-se, geralmente, como uma oração intransitiva do tipo “*A polícia estava atirando*”. Os processos relacionais manifestam relações entre entidades ligadas a *ser*, *tornar-se* e *ter* (posse), como no exemplo “*Cem manifestantes estão mortos*”. Os mentais são processos cognitivos, perceptivos, afetivos e se realizam em sentenças como “*Os manifestantes temiam a polícia*”.

A escolha do tipo de processo para significar um processo real pode ter significação cultural, política e ideológica e os exemplos supracitados sugerem uma possível conotação político-ideológica na escolha do processo. Uma questão importante para se observar é se a agência, causalidade e responsabilidade são explícitas, ou não, na mídia escrita. A transitividade pode deixar claro, ou obscurecer, os verdadeiros responsáveis por certos eventos como guerras, desemprego etc. revelando então conflitos de naturezas variadas. (FAIRCLOUGH 2001).

Fairclough (2001, p. 225) ainda chama a atenção para o que Halliday (1985) denomina de *metáfora gramatical*; isto é, um tipo de processo assume a realização gramatical típica de outro, como no exemplo, “*Grandes manifestações estimulam a briga pelo Serviço de Saúde*”. É, aparentemente, uma oração de ação, que dá a forte impressão de atividade como propósito; na verdade é uma alternativa metafórica para “*Muitas pessoas fizeram manifestações e isso ajuda os que lutam pelos serviços de saúde*”.

Esse autor também põe em destaque a relação voz ativa e passiva; a ativa representa a escolha não marcada, ou seja, a forma selecionada quando não há razões para escolher a passiva. Esta é escolhida em função de vários motivos: não querer mencionar o agente; ou o desejo de ofuscá-lo; e, por último, o fato de que a passiva muda o objeto para a posição de *tema*, o que significa apresentá-lo como informação já *dada*.

As idéias da ACD sobre a transitividade estarão, em maior ou menor grau, subjacente à interpretação dos dados selecionados à luz das categorias da LSF, no que diz respeito à elucidação de alguns sentidos gerados a partir das ocorrências dos tipos de processo, *material, mental, verbal e relacional*; e dos tipos de participantes, *Ator, Meta, Experienciador, Portador*, entre outros, encontrados nos dados.

3. A transitividade na Lingüística Sistêmico-Funcional

Halliday (1985) define a linguagem como um sistema semiótico social e um dos sistemas de significado que compõem a cultura humana. Esse fato permite afirmar que a linguagem, o texto e o contexto, juntos, são responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência humana. Estudam-se, então, as formas léxico-gramaticais como a transitividade em relação a suas funções sociais.

Esta é entendida como a categoria gramatical, relacionada ao componente ideacional da Lingüística Sistêmico-Funcional, referente à representação das idéias, da experiência humana (cf. HEBERLE, 1999), isto é, experiências do mundo real, inclusive do interior de sua própria consciência.

A transitividade é a gramática da oração, como uma unidade estrutural, para expressar uma gama particular de significados ideacionais ou cognitivos. É a base da organização semântica da experiência e denota, não somente a familiar oposição entre verbos transitivos e intransitivos, mas um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades. (cf. BEAUGRANDE, 1991).

O sistema de transitividade, como concebido pela Lingüística Sistêmico-Funcional, permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada, já que é através da linguagem que falamos de nossas experiências das pessoas, objetos, abstrações, qualidades, estados e relações existentes no nosso mundo exterior e interior.

Essa identificação se dá através dos principais papéis de transitividade: *processos, participantes, e circunstâncias* e permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*. Esses papéis correspondem, de modo geral, às três classes

de palavras encontradas na maioria das línguas: verbo, substantivo e advérbio. Vejamos a representação visual do que afirmamos na Figura 3.

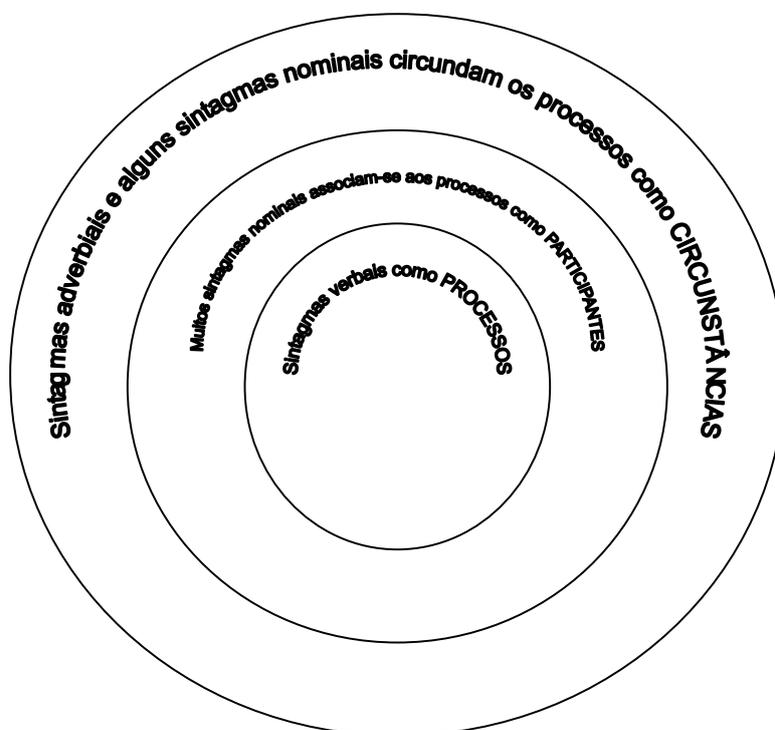


Figura 3: Padrões de experiências na oração. (BUTT et al , 2000, p.46).

O sistema de transitividade que compõe as orações, unidade de análise da LSF, pode ser visualizado em sua totalidade na Figura 4. Essa proposta de Eggins (1995)⁴ será utilizada para nossa análise, porque a consideramos completa e adequada aos nossos objetivos.

⁴ À exceção dos processos comportamentais que registraram apenas duas ocorrências e por isso foram analisados como processos materiais.

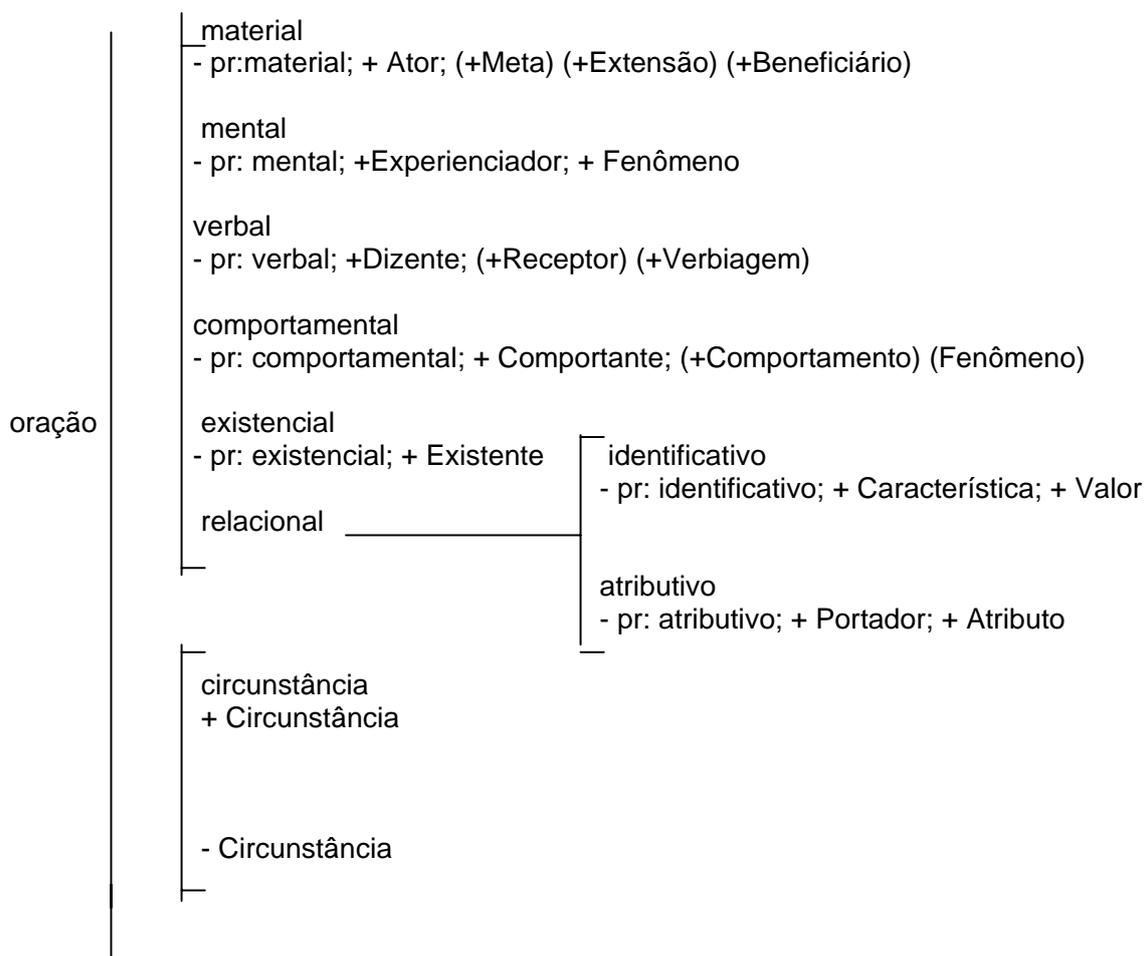


Figura 4: Sistema de transitividade. (EGGINS, 1995, p. 228).

Podemos perceber que cada tipo de processo estabelece seu próprio esquema de construir um domínio particular da experiência como um quadro experiencial⁵ específico: um modelo de construir significado. Dessa forma, o sistema de transitividade busca representar as experiências externas e internas que vivenciamos no mundo que nos rodeia e no mundo de nossa consciência, além de configurar também o mundo abstrato das relações de classificar e identificar (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004).

Nessa construção dos conteúdos através do sistema de transitividade, portanto, três tipos de processo são tidos como principais: os materiais, os mentais e os

⁵ Tradução para *Figure*, termo usado por Halliday & Matthiessen (2004, p.170).

relacionais; e três tidos como secundários: os comportamentais, os verbais e os existenciais. Segundo Halliday & Matthiessen (2004), os processos secundários se encontram nas fronteiras entre os tipos principais, são intermediações que preservam certos traços dos processos que lhes cercam, conforme podemos ilustrar na figura que segue:

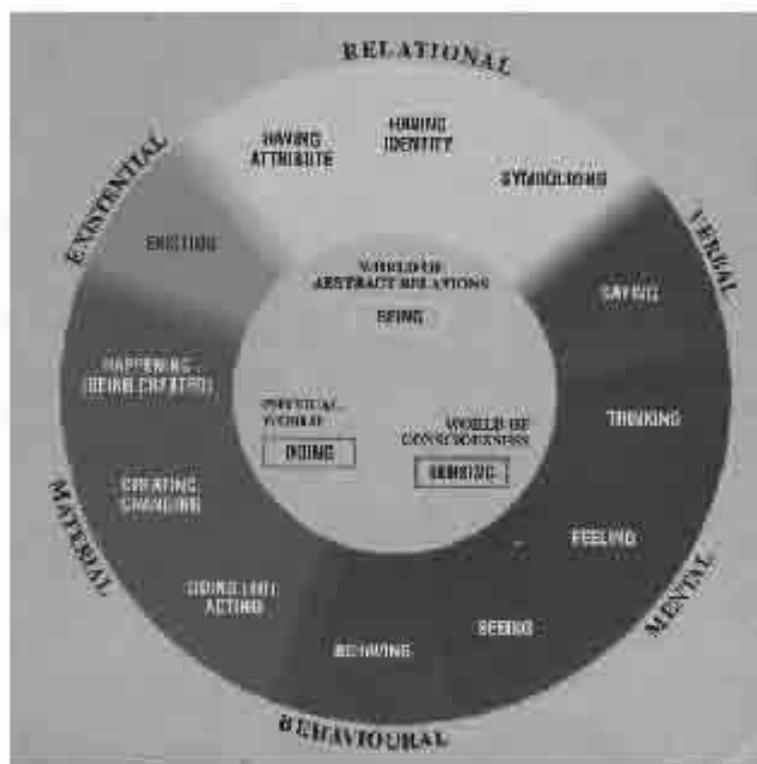


Figura 5: Tipos de processo em Inglês. (Halliday, 1994⁶)

A Figura 5 representa os tipos de processo como um espaço semiótico com as diferentes regiões representando diferentes processos. As regiões têm áreas centrais que correspondem aos processos prototípicos; no entanto, elas são contínuas e as fronteiras (sombreadas) entre as áreas dizem respeito ao fato de que os processos são categorias indistintas. E isso é um princípio fundamental no qual o sistema é baseado, o princípio da *indeterminação semântica*. O mundo das experiências é altamente indeterminado e essa indeterminação reflete-se no modo como a gramática constrói seu

⁶ Apud RODRIGUES, F. A., 2002.

sistema de tipos de processo. Assim, em um mesmo texto, podemos ver experiências construídas no domínio da emoção com um processo mental: “*minha cabeça dói*”; ou no domínio da classificação, como “*minha cabeça está dolorida*” (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004).

Tratamos agora dos tipos de processos e de seus participantes⁷, apresentando, em primeiro lugar, os processos principais e em segundo lugar, os secundários.

Os tipos de processos e os participantes

O sistema de transitividade proposto pela escola hallidayana é composto de processos, participantes e circunstâncias. Apresentamos, então, as definições dos tipos de processo: materiais, mentais, relacionais, verbais, existenciais e comportamentais, acompanhados dos conceitos de seus respectivos participantes.

Os *processos materiais* referem-se aos processos onde uma entidade faz algo; são os processos de *fazer*, que são ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis. Podem ser representados por verbos como *nadar, telefonar, ler, comprar* etc. De acordo com Halliday (1985), Eggins (1995) e Halliday & Matthiessen (2004) processos materiais têm como participantes: Ator, Meta, Extensão e Beneficiário.

*Ator*⁸ é aquele que faz a ação; é um participante inerente, seja em orações intransitivas como: ... *está na hora de o Brasil voltar a crescer, produzir...*; e transitivas como: ...*parte do grupo fez reuniões com um representante do governo americano.*

Meta é aquele para quem o processo é direcionado. É o participante diretamente afetado pela ação do processo material, como nos exemplos: *Nem todo processo de troca produz vencedores e perdedores*; e *O Banco Central teve sensibilidade (...) e promoveu, dias atrás, um agressivo corte de juros.*

Extensão - participante que complementa a ação especificando-a. Não é afetado pela ação verbal, como observamos nos exemplos: *Por isso há uma torcida generalizada para que os países ricos e emergentes cheguem a um acordo*; ...*o Brasil entrou de ladeira abaixo em crises constantes ...*

⁷ Os exemplos recolhidos do *corpus* dessa pesquisa, nesse momento, serão usados apenas para ilustrar os tipos de processos e os participantes descritos.

⁸ Os participantes definidos estão sublinhados nos exemplos.

Beneficiário é aquele que se beneficia, de alguma forma, da ação verbal, como na oração: O Se Liga Pernambuco, por exemplo, recebe recursos do Instituto Ayrton Senna (Ator), entre outros.

Na LSF, Meta, Extensão e Beneficiário são participantes opcionais. Em virtude disso alguns processos materiais envolvem dois ou mais participantes e outros apenas um. Daí a importância de se estabelecer uma distinção entre *orações médias ou intransitivas*, porque têm apenas um participante como: ... o governo deverá agir com mais firmeza; e *orações efetivas ou transitivas*, porque têm dois ou mais participantes como ... o presidente George W Bush acusava aquele país...

Orações transitivas codificam *alguém faz algo a alguém* e por isso respondem à pergunta O que x fez a y? e podem aparecer em forma ativa ou passiva. Já as intransitivas codificam *alguém faz algo* e responde assim à pergunta o que x fez? A título de esclarecimento, nesse trabalho, usaremos as denominações *transitivas* e *intransitivas* para classificação das orações, ao invés dos termos *média* e *efetiva* porque acreditamos que os termos *orações transitivas* e *intransitivas* já possuem uma significação consolidada e denotam, com mais propriedade, o conteúdo a que se referem.

Os *processos mentais* lidam com a apreciação humana do mundo. Através de sua análise é possível detectar que crenças, valores e desejos estão representados em um dado texto. De acordo com Halliday (1985) são os processos do *sentir*, os quais incluem processos de *percepção* (*ver, ouvir, perceber* etc); de *afeição* (*gostar, amar, odiar, assustar, agradar* etc); e de *cognição* (*pensar, saber, compreender, perceber, imaginar* etc).

Os participantes para esse tipo de processo são o *Experienciador* - participante consciente que experimenta um *sentir*; e o *Fenômeno* - o fato que é percebido, sentido ou compreendido. Nas orações que ilustram esses participantes, o Experienciador encontra-se sublinhado e o Fenômeno em negrito: ... governos europeus **querem a redução dos juros**; Eles já provaram que não querem **reforma agrária** ...

Orações, ou sentenças, com processos mentais respondem à pergunta *o que você sente, pensa ou sabe sobre x* ? Com esse tipo de verbo não tratamos de ações, mas de reações mentais, de pensamentos, sentimentos e percepções. Os processos

mentais distinguem-se dos materiais, segundo Halliday e Matthiessen (2004), porque têm dois participantes quando se trata de análise de língua inglesa.

Os *processos relacionais* são aqueles que estabelecem uma conexão entre entidades, identificando-as ou classificando-as, e associando um fragmento da experiência a outro. Essa relação pode denotar: intensidade (quando uma qualidade é atribuída a uma entidade: *A inclinação brasileira nesse sentido está **nítida** há anos*); circunstância (quando uma circunstância de tempo ou lugar é atribuída a uma entidade: ***Nos arquivos da Câmara de Vereadores** está um livro com os Termos da Vereação de 1714 a 1738*); e possessividade (quando existe uma relação de posse: *Todos os dias penso como é bom tê-lo **como namorado***).

As orações com processos relacionais podem ser *atributivas* ou *identificativas*. Nas atributivas, há a atribuição de uma qualidade realizada pelo participante *Atributo*, ao primeiro participante, o *Portador* o qual é classificado pelo *Atributo*. Eis um exemplo, com Portador (sublinhado) e Atributo (negrito): *Quando o emprego começa a declinar o migrante é visto **com maus olhos***.

Nas orações identificativas há a identificação, ou definição, de uma entidade através de uma outra. Esse tipo de oração tem um participante *Característica* - a entidade definida - e um participante *Valor* - o termo definidor ou identificador. A oração seguinte torna concreto os conceitos referidos: *Eles são **81% dos camelôs da cidade, 60% dos taxistas***.

Nessa pesquisa, trabalharemos com a distinção orações atributivas e identificativas englobando as relações que indicam intensidade, circunstância e possessividade.

Os *processos verbais* como o próprio nome antecipa, referem-se aos verbos que expressam o dizer; são os processos do comunicar, do apontar. Situam-se entre os relacionais e os mentais, sendo relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Os participantes são chamados de: *Dizente* - participante inerente que diz, comunica, aponta algo. *Receptor*, participante opcional para quem o processo verbal se dirige. E *Verbiagem* participante que codifica o que é dito ou comunicado. São realizados por verbos como *contar, falar, dizer, perguntar* etc, em exemplos como: *Sobre a morte do fotógrafo La Costa... ele diz:*

“**A morte do fotógrafo é...**”; *Daniela Trindade conta: os desfiles...*; e *Peço licença a esta edição de setembro para falar **das surpresas** que você terá em outubro*. Nessa última oração, o participante Dizente está representado na desinência de primeira pessoa do singular do processo *falar*, o participante “você” é o Receptor.

Os *processos existenciais* representam algo que existe ou acontece e constroem-se com apenas um participante, o *Existente*, o qual é introduzido, criado no texto pelo processo existencial. No português se realizam pelos verbos *haver* e *existir*. São exemplos: *Afinal existe coisa mais fantástica do que pegar na mão do gato, olhar nos olhos dele...* e *O estoque de riqueza no planeta cresce e há uma diminuição das desigualdades*.

Os *processos comportamentais*, situados entre os processos materiais e mentais, são os responsáveis pela construção de comportamentos humanos, incluindo atividades mentais como *ouvir* e *assistir* e atividades verbais como *conversar* e *focar*. São, em parte, ação, em parte, uma experiência do *sentir*. Têm obrigatoriamente um participante consciente, o *Comportante*, e opcionalmente um participante chamado *Fenômeno*. São exemplos de orações comportamentais, cujo Comportante está sublinhado: *Daniel assistiu ao jogo São Paulo e Liverpool*; e *Eu conversei bastante ontem*⁹.

O Quadro 2 sistematiza os tipos de processo, a significação de cada um e os participantes associados:

Quadro 2: Processos, significados e participantes

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
Material	Fazer, acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-
Relacional: Atributivo Identificativo	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Fenômeno

⁹ Exemplos fabricados pela pesquisadora.

Para encerrar esse tópico, mencionamos a ressalva de Chierchia (2003, p.538), sobre a dificuldade de se distinguir, às vezes, os tipos de processos, dificuldade que, por sua vez, se estende aos participantes de cada processo. O autor afirma:

... a distinção entre eventos, processos e estados não é uma distinção de natureza física. O mesmo fenômeno, por exemplo, o girar da terra ao redor do sol, pode ser visto como um processo (o girar), como um evento télico (o completar uma revolução) ou como um estado (estar em órbita). Trata-se de uma distinção inerente à gramática e, mais especificamente, às determinações que a gramática estabelece sobre o modo como nos referimos aos fenômenos do mundo exterior. Podemos pôr em foco este ou aquele aspecto da realidade, construir esta ou aquela classe. Mas as escolhas que podemos fazer a esse respeito não parecem variar arbitrariamente. Ao contrário, parecem ser bastante limitadas e repetitivas.

Em virtude do que foi afirmado pelo estudioso, podemos dizer que as escolhas lingüísticas realizadas por um usuário para fazer referência a algo do mundo ou para focalizar um aspecto qualquer, embora limitadas, revelam significações que podem estar encapsuladas na própria construção sintática. A opção pelo uso de uma sentença transitiva que externa uma ação que *passa* de um participante para outro já carrega um tipo de significado, o mesmo se dando com as intransitivas, e com as passivas, dentre outras.

O terceiro componente do sistema de transitividade são as circunstâncias que se referem às condições e coerções relacionadas ao processo, tais como a Extensão temporal: *Uma rara conjunção de fatores positivos brindou o Brasil **na semana passada***. (VE3); de localização: *Nem imaginava que havia um estúdio **aqui ao lado**...* (UM2); e de Modo: *...o governo deverá agir **com mais firmeza*** (EP9), entre outras. As funções circunstanciais parecem menos fundamentais para o processo que as funções de participação; tal fato se relaciona à incapacidade das circunstâncias de desempenharem o papel de sujeito.

Realizadas por advérbios ou adjuntos adverbiais, compõem o sistema de transitividade, sendo o último elemento do contínuo (cf. Figura 3) ocorrem livremente em todos os tipos de processo e, geralmente, com a mesma significação que lhe é inerente, onde quer que se realizem. Isso não quer dizer que em um determinado

contexto de uso, um tipo de circunstância não possa revelar outro(s) sentido(s), além de sua significação básica.

Os tipos de circunstâncias quando analisados nos dados dessa pesquisa, seguem Eggins (1995). No quadro 3 apresentamos a tipologia das circunstâncias segundo essa autora, a significação de cada uma delas e exemplos ilustrativos fabricados para esse fim.

Quadro 3: Tipos de circunstâncias

TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLOS
DE EXTENSAO Duração espacial Distância temporal	Constroem desdobramentos do processo em espaço (a distância no espaço no qual o processo ocorre) e tempo (a duração no tempo durante a realização do processo)	Nadou 4 quilômetros Caminhou por sete horas
DE CAUSA	Constrói a razão pela qual o processo se atualiza	Não fui ao trabalho por causa da chuva
DE LOCALIZAÇÃO Tempo Lugar	Constroem a localização espacial e temporal na qual o processo se realiza	Pedro acordou às sete horas Mauro caminha na praia
DE ASSUNTO	Relaciona-se aos processos verbais e é um equivalente circunstancial da verbiagem	Discutiam sobre política
DE MODO	Constrói a maneira pela qual o processo é atualizado	Almoçamos tranqüilamente
DE PAPEL	Constrói a significação de <i>ser</i> ou <i>tornar-se</i> circunstancialmente	Vim aqui como amigo
DE ACOMPANHAMENTO	É uma forma de juntar participantes do processo e representa os significados de adição, expresso pelas preposições “com” ou “e”, ou de subtração expresso pela “sem”	Amélia foi ao cinema com o namorado João saiu sem o filho

Em síntese, a análise da transitividade de uma sentença leva em conta três aspectos: a seleção do processo, a seleção dos participantes e a seleção das circunstâncias. A conjunção desses aspectos permite uma visualização das experiências / conteúdos codificados no texto e que vão contribuir para a construção de seu significado global. Compreendemos, juntamente com os teóricos da LSF, que uma análise do sistema de transitividade de um texto permite elucidar como os sentidos foram construídos porque podemos descrever o que está sendo dito sobre um determinado assunto e como as mudanças na construção do significado estão sendo realizadas.

Como a análise da transitividade nesse estudo se dá em editoriais, consideramos fundamental inserirmos o item gênero textual na construção da fundamentação teórica.

Ressaltamos, no entanto, que traços constitutivos do gênero editorial serão focalizados quando se fizerem necessários para a explicitação dos aspectos da transitividade verbal.

4. Editorial e gêneros textuais

A presente pesquisa investiga um gênero pertencente à esfera discursiva do jornalismo, o editorial, enquadrando-o, conforme Marques de Melo (2003), como um gênero do jornalismo opinativo.

Os gêneros jornalísticos, no Brasil, aparecem, segundo Marques de Melo (2003, p. 65), agrupados dentro das seguintes categorias: o *jornalismo informativo* que abarca os gêneros: *nota, notícia, reportagem, entrevista*; e o jornalismo opinativo que compreende os gêneros: *editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta*. Esse segundo grupo diferencia-se por possuir um teor valorativo implícito quanto aos acontecimentos e por se destinar a emitir opiniões sobre os fatos, elementos que não se fazem presentes no primeiro grupo.

Marques de Melo (2003) ressalta que necessariamente a opinião não está concentrada apenas no jornalismo opinativo; gêneros informativos também podem conter, e contêm, pontos de vista. Para esse estudioso, os meios de comunicação, através dos quais as mensagens jornalísticas penetram na sociedade, são “veículos que se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias em que existem” (2003, p. 73). Não há, portanto, uma realidade objetiva, à parte no mundo, para ser descrita pelo jornalismo.

Em virtude desse fato, as notícias e reportagens revelam, pois, pontos de vista e não são neutros. Mas é, com mais propriedade, no jornalismo opinativo que se manifestam as expressões ideológicas e uma manifestação argumentativa mais acentuada.

Sobre essa questão podemos destacar a posição de Rebelo (1999, p.39):

... os propósitos do jornalismo são complexos. É certo que os jornalistas não somente narram ou descrevem eventos, mas também interpretam e explicam, o que pode direcionar a visão dos leitores (...) percebe-se que é muito difícil ter-se em uma informação, somente a visão imparcial dos fatos.

Segundo Marques de Melo (2003, p. 74), a essência do jornalismo tem sido historicamente a informação, aí compreendido o relato dos fatos, sua apreciação, seu julgamento racional. Assim sendo, um editorial opina, julga, mas, por sua vez, também informa e relata.

O editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento, mas, para atribuir o sentido de opinião da empresa, necessário se faz caracterizar as “relações de propriedade” da instituição jornalística, pois o editorial na sociedade capitalista reflete o consenso de opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização. (cf. MARQUES DE MELO, 2003). O editorial, pois, afigura-se como um espaço de contradições. Sua vocação é a de apreender e conciliar os diferentes interesses que perpassam sua operação cotidiana.

Esse pensamento é corroborado pelo Manual de Redação da Folha de São Paulo (2002, p. 64 e p.114) quando define o editorial como um gênero que “expressa a opinião de um jornal”. Essa opinião “é expressa em editoriais não assinados, que são publicados na segunda página do jornal e, excepcionalmente na primeira”. A questão da não existência da assinatura é importante, não só para diferenciá-lo do artigo que é sempre assinado, mas, sobretudo, para ratificar o fato de esse gênero representar toda a instituição jornalística a qual pertence e não ser uma opinião individual.

Para Marques de Melo (2003, p.104-105), os editoriais na sociedade brasileira, que não possui uma opinião pública autônoma, não se dirigem à coletividade, como era de se esperar. Embora se dirijam formalmente à opinião pública, na verdade encerram uma relação de diálogo com o Estado. A leitura de editoriais de jornais diários, por exemplo, inspira-nos, ressalta esse autor, a compreensão de que as instituições jornalísticas procuram dizer aos dirigentes do Estado como gostariam de orientar os assuntos públicos.

Complementando essa apreciação se faz pertinente citar Silva (1992, p.42) para quem “existem fortes indícios de que os editoriais não podem ser lidos por um público muito amplo porque (...) os editoriais se constituem a partir de um trabalho sobre outras formações discursivas”. Quer dizer, os editoriais trazem informações de outras áreas do conhecimento como a Economia e a História que não são do domínio do grande público leitor.

Considerado “primo literário” do ensaio, diferindo deste pela sua brevidade e sua natureza contemporânea, o editorial opinativo, ou padrão, apresenta quatro atributos específicos: impessoalidade, topicalidade, condensalidade e plasticidade. Ou seja, não é matéria assinada; trata de um tema bem delimitado e traz poucas idéias, dando mais ênfase às afirmações do que às demonstrações (cf. MARQUES DE MELO, 2003).

O editorial padrão é gênero exclusivo dos jornais, e com o perfil que apresenta, tal gênero talvez seja mesmo exclusivo desse veículo. Entretanto, compartilhamos a idéia de que os gêneros textuais admitem variações¹⁰ e é assim que consideramos os dados analisados nessa pesquisa. Também ratificam essa posição, as palavras de Sousa (2004), quando tratando das diversas naturezas do editorial, chama a atenção para outros dois tipos. Os editoriais *mistos*, isto é, aqueles que podem incorporar várias características como ser preventivo, informativo e intelectual, por exemplo. Os editoriais *de apresentação*, que são aqueles que apresentam um determinado número de um jornal ou de uma revista, justificando a abordagem de determinados assuntos, ou quando apresentam um novo órgão de comunicação que surge no mercado.

Assim, a *Carta do Editor*, da revista Época, a *Carta ao Leitor* da revista Veja, ao lado de *Na redação*, da *Uma e Redação e você*, da revista Todateen, pertencem à família do editorial. Uma outra característica ainda pode ser elencada para reforçar esse ponto de vista, trata-se da localização¹¹, fato que encontra respaldo em Sousa (2004, p.100):

¹⁰ Cf. BAZERMAN, 2005, MARCUSCHI, 2002, MEURER, 2000, por exemplo, e, em especial, HEBERLE, 1997, que analisa editoriais de revistas para mulheres.

¹¹ A localização do editorial será retomada no Capítulo II, *Em cena, os editoriais: delineando um perfil*, como um de seus traços constitutivos.

O posicionamento do editorial no jornal costuma refletir o seu caráter nobre entre todos os gêneros jornalísticos. Habitualmente é posicionado logo na primeira página, ou nas páginas editoriais, assim designadas porque são o espaço dedicado por excelência às principais colunas, crônicas e artigos de opinião sobre os temas fortes da actualidade.

O editorial é característico do jornalismo impresso¹² e possui uma localização fixa. No jornal, seu lugar é a seção de opinião e os jornais analisados nessa tese não fogem a essa regra. Nas revistas, situa-se logo nas páginas iniciais. Essa localização pode ser interpretada como "... um elemento constitutivo do editorial, pois ela é o lugar da ancoragem ideológica, delimitando a que parte do universo temático do jornalismo ele se refere..." (RODRIGUES, 2001, p.132). Sendo um elemento formal e constitutivo do editorial, a localização "funciona como um enquadre interpretativo que auxilia o leitor na construção do sentido do texto" (GOMES, 2005, p.100).

Quanto aos assuntos abordados, os editoriais têm como característica a vinculação aos acontecimentos sócio-históricos do momento, aqueles que estão na ordem dia, ou seja, em evidência naquele momento histórico, em uma dada comunidade, seja municipal, regional ou nacional. Ou aqueles que representam os interesses da revista naquele momento. São áreas de interesse do editorial, por exemplo, novos acontecimentos das áreas política, econômica, científica, cotidiana, entre outras, nos editoriais dos jornais e das revistas de informação; e saúde, amor, profissões, moda, entre outras, nos editoriais das revistas femininas.

O editorial sofreu, com o tempo, uma série de modificações, entre elas, o caráter artesanal e a roupagem política acentuada da imprensa na primeira metade do século XIX; a utilização da primeira pessoa do plural em textos do século XIX e da terceira pessoa do singular na atualidade; a veemência da linguagem; e localização definida (cf. GOMES, 2005). Em seu surgimento, ou agora, após essas transformações, ao editorial compete fazer com que o leitor medite sobre os fatos e não só se inteire das notícias.

Nesse sentido, o editorialista é um argumentador que organiza seu texto com a nítida função de influenciar o seu leitor, conquistando-o, convencendo-o, fazendo-o *agir* ou *pensar* em uma determinada direção. O leitor, por sua vez, espera a manifestação

¹² Mas já se encontram editoriais também em *sites* da Internet, como por exemplo, em www.charges.com.br.

da instituição jornalística sobre um fato de repercussão social no momento que o faça refletir e aderir, ou não, às posições defendidas no editorial. Espera, ainda, que o editorial diga do mundo, constituindo-o e agindo sobre ele (cf. BAZERMAN, 1997 e MARCUSCHI, 2002).

Não podemos, entretanto, esquecer que, além do teor opinativo, os editoriais também são utilizados como textos de apresentação dos conteúdos de um jornal ou de uma revista (cf. GOMES, 2005).

Complementamos essa “descrição” do editorial, citando Silva (1992, p.100), ao tratar da organização textual desse gênero: “os editoriais apresentam uma estrutura textual que pode ser resumida em três momentos: a) apresentação de um fato; b) construção do sentido de fato; c) conclusão (opinião normativa ou ensinamento)”.

Quando descrevemos o editorial, não com base apenas em suas características formais, mas tratando de sua inserção social, de suas condições de produção e da centralidade de seus objetivos no leitor, estamos em consonância com o pensamento de Bazerman (2005), sobre gêneros textuais, quando afirma. “A definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos”. Os editoriais realizam-se, pois, enquanto gênero, na medida em que são lidos e têm suas teses aceitas ou não pelos leitores. Fazem parte do conjunto dos gêneros textuais, conforme Meurer, (2000, p.151) porque “são usados em contextos sociais específicos, constituindo processos e ações sociais específicos e, portanto, práticas sociais específicas”.

O editorial é, nessa perspectiva, um gênero específico usado pelos jornais e revistas para persuadir seus leitores a verem os fatos do modo como a instituição jornalística considera adequado, organizando sua estrutura argumentativa de acordo com essa intenção. Esse gênero apresenta variações, quer quanto ao formato, na relação com o suporte que o veicula, quer em relação ao público a que se dirige, o que está em completo acordo com a dinamicidade e plasticidade dos gêneros, conforme exposto a seguir nas posições de autores como Bakhtin (1992, 1995), Bazerman (1997, 2004, 2005), Marcuschi (2002, 2003a e 2003b) e Swales (1990).

Embora tenha havido, por um determinado tempo nos estudos dos gêneros, uma preocupação em estabelecer e identificar categorias taxionômicas, há, na atualidade,

uma concepção de gênero como situado (Erickson, 2000, *apud* Marcuschi, 2002b), observando-o e entendendo-o na sua relação com a história, a cultura e a sociedade. Passa-se a entender gêneros textuais como ações sociais de natureza dinâmica, situadas em um contexto histórico e social, também dinâmico.

Esse pensamento vem a se coadunar as idéias de Bazerman (1997, p.19) resumidas na afirmação:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, são modos de ser. São *frames* para a ação social. São lugares nos quais o sentido é construído. São ambientes para a aprendizagem. Os gêneros moldam os pensamentos e as comunicações através das quais interagimos.

Sendo, pois *formas de vida*, os gêneros não são estanques em sua constituição e acompanham as mudanças ocorridas na sociedade. A emergência de novos gêneros está, certamente, vinculada ao surgimento de novas formas de interações sociais através de novos meios de comunicação, como é o caso dos *e-mails*, dos *blogs*, viabilizados pelo surgimento da Internet. Variações também podem acontecer, quer motivadas por mudanças sociais, quer pelas relações estabelecidas entre os gêneros e seus suportes, ou ainda pelas relações com o público a que se destina, como é o caso dos editoriais das revistas femininas analisados nessa tese.

Bakhtin (1992) inicia seu estudo sobre os gêneros de discurso, observando que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua e que por isso não é de estranhar que tenhamos tanta diversidade e uma conseqüente diversidade de gêneros que se tornam inumeráveis. Também observa que toda essa atividade se efetiva através de enunciados (orais e escritos) “concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN 1992, p.279). Esta formulação traz um aspecto central de seus estudos sobre os gêneros, qual seja, os gêneros compõem-se de três elementos bastante nítidos que passam a ser suas dimensões constitutivas: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Os gêneros se constituem historicamente a partir da vida social em situações típicas tais como a religiosa, estética, jurídica, educacional, jornalística etc, que estão na relação com seus participantes em suas formações históricas e sócio-econômicas.

Uma outra noção que acrescentamos é a de Swales (1990) para quem gêneros são vistos como uma classe de eventos comunicativos reconhecíveis por sua relativa estabilidade e pelo nome explicitamente dado; que se distribuem igualmente pela fala e escrita; e que se acham diretamente vinculados aos eventos comunicativos. Para Swales (1990, p.10), o elemento que une as três noções é um aspecto típico da Lingüística Aplicada, ou seja, o *propósito comunicativo*, assim explicitado:

“É o propósito comunicativo que conduz as atividades lingüísticas da comunidade discursiva; é o propósito comunicativo que serve de critério prototípico para a identidade do gênero e é o propósito comunicativo que opera como o determinante primário da tarefa”.

Marcuschi (2002), para tratar dos gêneros textuais, parte de dois pressupostos. Primeiro, o fato de que a linguagem é um processo de interação entre indivíduos, nos moldes de Bakhtin (1995, p.109), para quem “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. E segundo, o fato de que é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum *texto*.

Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Nesse contexto teórico, a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade. Os gêneros textuais se constituem, pois, como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo, conforme defendem Bazerman (1997) e Marcuschi (2002).

Privilegiando também a natureza funcional da linguagem, a Lingüística Sistêmico-Funcional concebe o texto como uma unidade semântica, e não uma unidade estrutural, isto é, o texto não é uma unidade composta de um conjunto de enunciados, mas que se realiza nos enunciados. O texto não se define por sua extensão, nem pela natureza das unidades que o compõem, tendo em vista que o texto é um conceito semântico. Com isso, o texto mantém uma estreita relação com o contexto social.

Essa corrente teórica trabalha com a noção de gêneros a partir da relação deste com outra noção importante para essa teoria que vem a ser o conceito de registro. De acordo com a Lingüística Sistêmico-Funcional, registros são modos sociais de dizer as coisas e variam de acordo com o uso, eles se determinam pelo que é dito no momento em que se produz o discurso; ou seja, expressam a diversidade do processo social como forma de engajamento na atividade em curso.

Gênero e registro são dois níveis diferentes de abstração. O gênero, ou contexto de cultura, pode ser visto como o nível mais abstrato, mais geral – nós podemos reconhecer um gênero específico mesmo sem estarmos exatamente certos sobre o tipo de contexto situacional. Os gêneros, então, podem ser entendidos como uma estrutura mais geral que dá um propósito a tipos particulares de interações, adaptáveis a muitos contextos específicos de situação nos quais eles são usados. O gênero (contexto de cultura) é mais abstrato, mais geral, do que o registro (contexto de situação). Os gêneros são efetivados através da linguagem e esse processo de efetivação dos gêneros na linguagem é mediado pela realização do registro (cf. EGGINS, 1995). O registro está relacionado à situação imediata de realização do texto e é organizado pelas metafunções ideacional, interpessoal e textual.

A esse respeito Vian Jr., (2005, p.34) argumenta que se admitirmos que há um gênero defesa de tese, veremos que há elementos comuns a defesas em áreas de conhecimento distintas, mas ao mesmo tempo, como acontecem em situações diferentes, há diferenças no relacionamento entre as pessoas (relação), no assunto abordado (campo) e na forma de expressão (modo). Em outras palavras, todas elas são do gênero defesa de tese, porém, com características singulares. Assim também observamos em nossos dados, todos são editoriais, mas com traços peculiares.

De acordo com Butt et al (2000), quando certos textos dividem o mesmo contexto de situação, em maior ou menor extensão, eles compartilharão os mesmos significados ideacionais, interpessoais e textuais, bem como pertencem ao mesmo registro. Dessa forma, apresentam significados comuns e padrões léxico-gramaticais, o que se torna útil para a criação de outros textos do mesmo tipo.

Quando determinados textos dividem o mesmo propósito geral na cultura, sempre compartilharão os mesmos elementos estruturais, obrigatórios ou opcionais,

pertencendo, assim, ao mesmo gênero. Conhecer essa estrutura, na opinião desse autor, se constitui uma facilidade para o usuário da língua produzir textos apropriados.

Por conseguinte, a análise de gêneros proposta pelos estudos sistêmico-funcionais é sempre voltada para textos de uso situados em instituições específicas, como as acadêmicas, comerciais e religiosas, entre outras. A noção de gênero se presta para observar como a cultura e a experiência se refletem na produção textual; dessa forma se faz pertinente observar como a experiência de mundo está expressa nos editoriais e como elas realizam o propósito comunicativo desse gênero através do sistema de transitividade.

Antes, porém, de realizarmos a análise do sistema de transitividade com o objetivo acima especificado, no Capítulo II, *Em cena, os editoriais: delineando um perfil*, analisamos alguns elementos que compõem o editorial, como a localização e a autoria, investigamos o papel dos recursos multimodais na construção desse gênero, bem como tecemos considerações sobre o conteúdo debatido e sobre o propósito comunicativo do editorial.

CAPÍTULO II

Em cena, os editoriais: delineando um perfil

Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa (DIONÍSIO, 2005).

Neste capítulo, descrevemos os editoriais que compõem o *corpus* desta pesquisa. Tecemos comentários gerais sobre cada jornal ou revista de onde se selecionaram os editoriais para análise, ao mesmo tempo em que situamos esse gênero nesses veículos, destacando a localização, a nomeação e a autoria. Recorrendo aos estudos sobre Multimodalidade Discursiva (KRESS & van LEEUWEN, 1996, HEBERLE, 2004, 2005, DIONÍSIO 2005a, 2005b e JEWITT & van LEEUWEN, 2001), discorreremos sobre o *layout* dos editoriais, enfatizando a disposição gráfica, a diversidade de linguagens e gêneros e a intergenericidade. Subsidia essa investigação a proposta delineada por Kress e van Leeuwen (1996) que utilizam os pressupostos da LSF, como as metafunções da linguagem e o sistema de transitividade proposto para interpretar diferentes recursos visuais, como imagens, diagramas e mapas. Complementam a descrição do editorial considerações sobre o conteúdo e o propósito comunicativo desse gênero. Objetivamos, dessa forma, oferecer ao leitor um perfil visual do gênero editorial e sua variação, nos dados analisados.

1. Os editoriais: localização, nomeação e autoria

Nesse item, tratamos de aspectos dos editoriais dos dados como localização, nomeação e autoria, tendo como ponto de partida a apresentação dos veículos de comunicação dos quais esses editoriais são partes constitutivas. Essa apresentação é seguida da amostra do primeiro editorial coletado de cada jornal e revista, com o intuito de familiarizar o leitor com os dados desta pesquisa.

Jornais, revistas e editoriais

A Folha de São Paulo, ou simplesmente a *Folha*, jornal de maior circulação no país, foi fundada em 19 de fevereiro de 1921 por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha. Esse jornal orienta sua conduta por um projeto editorial que vem se desenvolvendo desde os meados da década de 70, com o objetivo de produzir um jornalismo crítico, moderno, pluralista e apartidário. Marcam esse projeto orientações como: a observação de um panorama de mudanças na economia, na política e nas idéias; a atenção para os investimentos, novas tecnologias e pressões de mercado; a realização de um jornalismo cada vez mais crítico; a seleção de fatos e compreensão de seus nexos num texto mais livre; e crítica, pluralidade e apartidarismo num espaço em reformulação (cf. MANUAL DA REDAÇÃO, 2001). A observância dessas orientações se reflete em editoriais bem articulados, realmente representativos da ideologia do jornal e sempre discutindo assuntos de interesse de seu público, como se poderá perceber no editorial *Mudanças financeiras*, exemplo (01).

A FSP apresenta, na maioria das vezes, três editoriais, ao invés de um, como acontece na grande maioria dos jornais. Isso pode estar ligado ao fato de ser a FSP um jornal volumoso, com diversos cadernos e suplementos; e ainda porque é um jornal destinado aos leitores de todo país. O que motivou essa última afirmação foi a verificação, no período de coleta de dados, de que o primeiro e o segundo editoriais abordam questões nacionais e/ou internacionais, relacionando-se a temas de ordem mais geral como política e economia, e o terceiro editorial trata sempre de temas mais ligados à cidade de São Paulo. Para fins metodológicos, é bom ressaltar que apenas o primeiro editorial de cada edição coletada foi analisado, o que faz com que a FSP contribua com o mesmo número de editoriais dos outros dois jornais, ou seja, doze editoriais.

O Jornal do Comércio é um dos vários veículos de comunicação que integra o grupo Sistema JC de Comunicação. Fundado em 1919, o JC, só nas décadas de 40 e 50, tornou-se um dos jornais mais importantes do Nordeste. Nos últimos quinze anos, passou por profundas reformulações, que o tornam hoje um jornal perfeitamente sintonizado com o seu tempo, aberto à modernidade, e com um grupo sólido de leitores

em Recife e em outras capitais nordestinas. Essa sintonia temporal e essa modernidade podem ser conferidas no editorial *Brasil alfabetizado*, exemplo (02).

Surgida em 1988, a Folha de Pernambuco, com um perfil tido como popular, dialoga diretamente com a camada da população representativa das classes populares. Esse jornal segue a linha de trabalho de outros jornais tidos como populares na mídia brasileira, que junto aos chamados grandes jornais, compõem esse segmento da mídia impressa brasileira. A FPE preenche essa lacuna em Pernambuco. No entanto, seus editoriais são semelhantes aos dos grandes jornais, tratando sempre de temas atuais e pertinentes aos interesses do público em geral, sem ocupar-se de temas sensacionalistas, traço restrito às manchetes das notícias e à página policial. Um exemplar de editorial desse jornal é *A propriedade intelectual*, exemplo (03).

Criada em 1968 e pertencente à Editora Abril, Veja é hoje a maior revista em circulação no Brasil e está entre as quatro mais expressivas revistas semanais de informação do mundo, possuindo cerca de 10 milhões de leitores. A fórmula editorial é baseada no jornalismo investigativo e se distingue de outras publicações pela independência editorial, credibilidade, inovação e presença marcante nos principais fatos da história brasileira. O editorial, chamado hoje, *Carta ao Leitor*, no primeiro número chamava-se *Carta do Editor*, revela o perfil sério de seu padrão editorial, apresentando sempre temas polêmicos do momento, de modo a revelar o pensamento da revista. Um exemplo dessa revista é o editorial *De costas para a vida*, exemplo (04).



(01) Folha de São Paulo, 04/04/03.



(02) Jornal do Comércio, 03/04/03.



(03) Folha de Pernambuco, 04/04/03.

A revista *Época* é mais jovem no mercado, pois foi criada em 1998 pela Editora Globo. Tem perfil semelhante às revistas *Veja* e *Isto é*, já que também é uma revista semanal de informações, de circulação nacional. Conta atualmente com um número de leitores estimado em 1.800.000, um número considerado razoável, dado o pouco tempo de existência que possui. O editorial dessa revista chama-se *Carta do Editor*; nesse aspecto assemelha-se à revista *Veja*, cujo título do editorial é *Carta ao Leitor*. Com o texto *Profissionais premiados*, exemplo (05), mostramos um editorial de *Época*.



(04) *Veja*, 09/04/03.



(05) *Época*, 07/04/03.

A revista *Uma* é de periodicidade mensal e difere de *Veja* e *Época* por ser uma revista feminina de informação. Tem como semelhantes no Brasil as revistas *Nova*, *Cláudia* e *Marie Claire*, dentre outras. É uma revista criada recentemente em 2000 pela Editora Símbolo. É uma publicação do século XXI que guarda muitas semelhanças com as demais de sua categoria, inclusive em conteúdo. O editorial chama-se *Na Redação* e

volta-se sempre para temas de interesses da revista, como podemos verificar em *De DEUS aos tribalistas*, exemplo (06).

A *Todateen*, também revista feminina, difere de *Uma* pela idade do público a que se dirige, como já aparece no próprio título, isto é, as meninas *teens* ou adolescentes. Também é de periodicidade mensal. Parece-nos que o mercado editorial percebeu uma lacuna nas publicações femininas, que se dirigiam ao público feminino adulto e lançou publicações como a *Todateen*, em 1996, por isso quase adolescente também. Na seqüência surgiram publicações semelhantes como a *Atrevida*, e mais recentemente, a *Atrevidinha*. O exemplo (07) é uma amostra do editorial da *Todateen*.



(06) *Uma*, abril de 2003.

(07) *Todateen*, abril de 2003.

Os editoriais mostrados antecipam determinados traços de sua constituição e em análise no decorrer deste capítulo, já que, segundo Dionísio (2005, p.159) “Todos os

recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos”. Seguindo essa premissa, se faz necessário, para que o perfil dos editoriais que pretendemos delinear para o leitor seja o mais fiel possível, comentar primeiramente a localização, a nomeação e a autoria dos editoriais. Em seguida, nos deteremos na disposição visual, observando elementos como a utilização de cores e de fontes, na diversidade de linguagens, e na intergenericidade, dentre outros aspectos multimodais que fazem com que os editoriais dos jornais e revistas selecionados sejam visualmente bastante diferenciados entre si.

A localização dos editoriais nos jornais e revistas

Gostaríamos de nos referir à localização dos editoriais selecionados como um elemento constitutivo do gênero, uma vez que os gêneros textuais do jornalismo têm sempre uma localização definida e constante. Os leitores de jornais sabem muito bem onde encontrar o gênero que lhes interessa e nunca buscam, por exemplo, os resumos de novela na sessão dos classificados. Em virtude dessa padronização na inserção dos gêneros nos jornais e revistas, concebemos a localização como um elemento inerente ao editorial e que, algumas vezes, auxilia o leitor na identificação desse gênero.

Os editoriais nos jornais estão sempre ao lado de outros gêneros opinativos e ocupam todos um lugar privilegiado. Na FSP, estão na Seção Opinião, no primeiro caderno, publicados na página A2, contra-capa desse jornal. No JC, também se localizam na Seção Opinião, entre as páginas 8 e 12. Na FPE, localizam-se na Seção Cidadania, todos à página A2. Nos jornais, estão ao lado de *Artigos de Opinião*, *Cartas do leitor*, *Charges*, *Frases do dia*, *Expediente*, e na FSP, a coluna *Erramos*. São, com exceção da coluna *Erramos* e do *Expediente*, exemplos de gêneros opinativos.

O lugar destinado ao editorial nos jornais é, pois, um lugar de destaque, comprovando o valor desse gênero para esse veículo. A importância do editorial, corroborada pela sua localização privilegiada nesses três jornais e também em outros por mim observados, decorre do fato de ser esse gênero o responsável pela expressão do ponto de vista da instituição. Seria, então, uma espécie de fotografia, ou impressão digital daquela empresa jornalística, daí figurar sempre em locais de destaque.

De modo semelhante aos jornais analisados, as revistas em análise reservam aos seus editoriais um lugar privilegiado. Todos se situam nas páginas iniciais. Em *Veja* e *Época*, estão próximos às seções *Carta do Leitor*, *Expediente*, *Frases da semana*, *Índice* e *Entrevistas*. Em *Uma* e *Todateen*, localizam-se entre o *Sumário* e a *Carta do Leitor*.

O lugar em que figuram os editoriais, nos veículos de comunicação analisados, evidencia-se como um dos fatores que fazem com que, mesmo com nomes diferentes e formatos variados, se trate de um mesmo gênero. Se, de acordo com Marcuschi (2002, p.21), “a forma não é definitiva para identificação de um gênero, mas é evidente que, em alguns casos, as formas determinam o gênero”, podemos afirmar que a localização aparece realmente como um aspecto relevante, como um elemento constitutivo, pois tanto os jornais quanto as revistas reservam a esse gênero um espaço especial.

A nomeação do gênero editorial nos dados

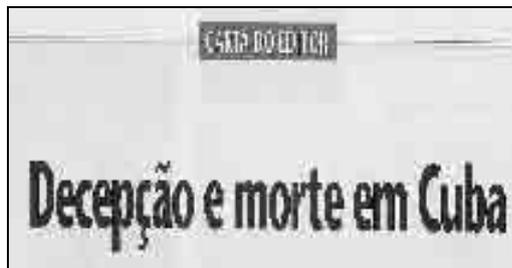
Os jornais FSP e FPE usam o termo editorial para introduzir esse gênero antes do título, como pode ser visto nos exemplos (01) e (03). O JC não o nomeia e a localização desempenha um papel imprescindível ao reconhecimento do editorial nesse veículo de comunicação, conforme podemos verificar no exemplo (02)¹³.

Um aspecto relevante percebido no estudo dos editoriais nas revistas analisadas reside no fato de que nenhuma delas utiliza o termo editorial. *Carta ao Leitor*, na *Veja*; *Carta do editor*, na *Época*; *Na Redação*, na *Uma*; e *Redação e Você*, na *Todateen*, são as nomeações atribuídas ao gênero. Podemos interpretar esse fato como a existência de alguma dúvida desses veículos em relação ao gênero que produzem? Ou, pelo contrário, podemos afirmar que se trata da certeza de que escrevem um editorial de apresentação, o qual apresenta feições diferentes em relação ao editorial padrão, presente nos jornais, e, por isso, preferem nomeá-los diferentemente, como se pode observar nos exemplos (04), (05), (06) e (07) e, em detalhe, nos fragmentos que seguem:

¹³ Cf. os editoriais jornalísticos nos Anexos 1, 2 e 3.



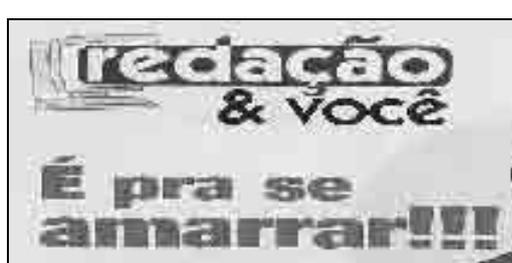
(08) Veja, 09/04/03.



(09) Época, 21/04/03.



(10) UMA, abril de 2003.

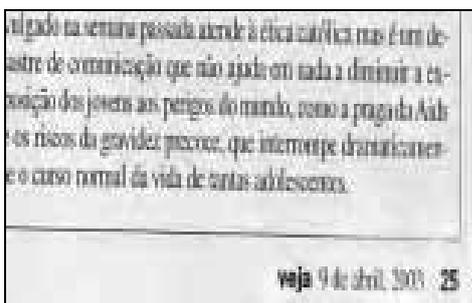


(11) Todateen, abril de 2003.

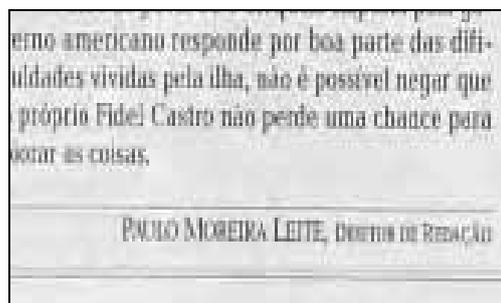
A autoria nos editoriais de jornais e revistas

A literatura da área jornalística quando trata dos gêneros textuais do jornalismo preconiza que o editorial destina-se a emitir a opinião da mídia impressa, uma opinião coletiva, institucional, razão pela qual esse gênero não revela a autoria, a exemplo do que acontece com os artigos de opinião. Essa é a norma para o editorial padrão, encontrado nos jornais, e verificável nos dados recorrendo aos exemplos (01), (02) e (03), neste capítulo. No entanto, na variação desse gênero em revistas de um modo geral, essa regra não é seguida e a autoria se faz presente, de modo diversificado, como podemos comprovar nos fragmentos dos editoriais de revistas em nossos dados.

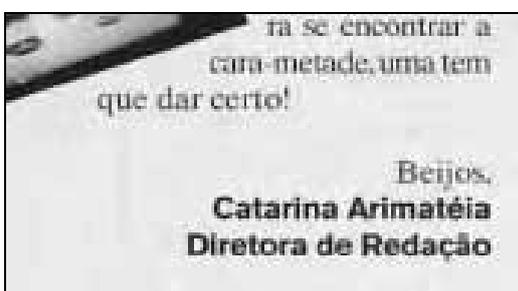
Esse é outro aspecto no qual as revistas diferem dos jornais. Das revistas constantes dos dados dessa pesquisa, apenas Veja não mostra qualquer forma de autoria, nesse aspecto aproxima-se dos editoriais dos jornais. Época e Uma indicam, não só a autoria, como também a função de quem escreve. Todateen traz uma autoria genérica porque não é assinada por uma pessoa, mas por toda a redação. Nos fragmentos em destaque, comprovamos o que foi afirmado:



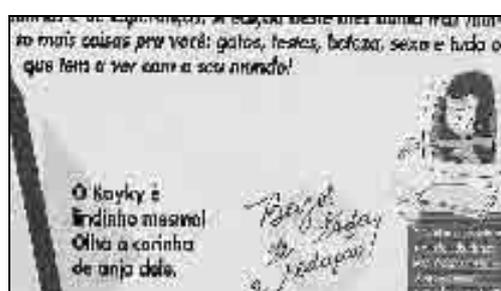
(12) Veja, 09/04/03.



(13) Época, 21/04/03



(14) Uma, abril/03



(15) Todateen, abril/03

A presença do nome do editor e de sua função em *Época* e *Uma* se configuram como uma dupla identificação da autoria, gerando com isso um duplo afastamento do editorial prototípico e uma aproximação do gênero carta comercial. Uma curiosidade que pode ser mencionada é o fato de ter havido mudança de editor na revista *Época*, durante o período da coleta dos dados, mudança essa que só se tornou perceptível pela assinatura dos editoriais. Das revistas femininas, destacamos o fato de haver, além da identificação, uma despedida - *beijos* e *beijos de toda a redação* - a qual interpretamos como uma forma de aproximação da redação com as leitoras.

Tendo ressaltado os aspectos formais, localização, nomeação e autoria, do editorial, passamos a tratar dos recursos multimodais na variação desse gênero. Orientam essa análise incursional pela multimodalidade discursiva as pesquisas no âmbito da gramática visual desenvolvida por Kress & van Leeuwen (1996), cujos fundamentos teóricos se assentam nos estudos sistêmico-funcionais de Halliday, e nos estudos de Dionísio (2005a e 2005b) e Heberle (2004, 2004b).

2. Os editoriais: variações em torno de um mesmo gênero

Nessa seção, investigamos os aspectos multimodais constitutivos dos editoriais, observando como esses aspectos participam da elaboração desse gênero e como contribuem para a construção do sentido. Entendemos que o significado de um texto não está confinado inteiramente na escrita. Esta é apenas um dos modos de representação da informação, por isso, ao lado do estudo da transitividade no sistema lingüístico editoriais, investigamos também como a multimodalidade está presente, visando, dessa forma, traçar um perfil completo desse gênero.

Contemplamos, em primeiro lugar, a disposição gráfica dos editoriais envolvendo a diversidade de linguagens utilizadas, em especial nos editoriais das revistas. Em segundo lugar, tratamos da intergenericidade que ocorre nos editoriais da revista *Todateen*. Antes, porém, apresentamos resumidamente algumas questões básicas sobre a multimodalidade discursiva. Outras noções pertinentes serão elencadas no desenrolar da análise.

De acordo com Heberle (2004), a multimodalidade pode ser definida como a gama de representações manifestadas num evento discursivo. Dionísio, (2005b, p. 178), afirma: “referimo-nos à multimodalidade discursiva como um traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais. Conseqüentemente, recursos visuais e verbais precisam ser vistos como um todo, no processamento dos gêneros textuais”. Os editoriais, portanto, não fogem a essa regra.

Assim, respaldadas nessa afirmação de Dionísio (2005b) e em Heberle (2004, p.3), para quem “editoriais de revistas femininas são um exemplo do discurso multimodal, pois os elementos visuais e espaciais da página, com as diversas cores, o título em destaque, as fotos de pessoas sorrindo formam um significado social”, abordamos os traços multimodais dos editoriais das revistas femininas e de informação. Mas também tratamos daqueles inerentes aos editoriais jornalísticos, uma vez que a própria disposição do texto é considerada uma forma de multimodalidade, conforme acentua Dionísio (2005b, p.164): “importante mencionar que ao conceber os gêneros textuais como multimodais, não estou atrelando os aspectos visuais meramente a fotografias, telas de pinturas, desenhos, caricaturas, por exemplo, mas também à própria disposição gráfica no texto”.

Complementando os motivos de realizar uma abordagem multimodal nos editoriais e em consonância com a LSF, na qual as escolhas lingüísticas realizam significados e na qual se baseiam os estudos da Semiótica Social, citamos dois de seus autores mais representativos. Para Kress & van Leeuwen, (1996, p.2), “estruturas visuais realizam significados, assim como as estruturas lingüísticas, e, em conseqüência, destacam interpretações diferentes da experiência e diferentes formas de interação social”.

O editorial jornalístico é o modelo, o protótipo de editorial conforme Manuais de Redação de jornais de prestígio, como a FSP e o Estado de São Paulo, e o jornalismo científico. É o texto opinativo que revela o ponto de vista da instituição e por isso deve adequar-se a certas normas como não ter assinatura, ter linguagem clara e persuasiva, dentre outras. Apesar dessa padronização, alguns recursos visuais, como fotografias, ilustrações, legendas, são usados na variação desse gênero, os quais passamos a ilustrar. Começamos com a disposição gráfica.

A disposição gráfica dos editoriais: uma diversidade de linguagens

O modo como os gêneros são organizados, ou a disposição gráfica do texto em uma página, é um recurso do qual o leitor se apropria para identificar um gênero e ativar seu processamento. Essa disposição gráfica, na maioria das vezes, fornece pistas para a identificação de um gênero, como é o caso de capas de revista, envelopes, cartas, exercícios escolares, dentre outros¹⁴, e *e-mails* como podemos perceber no exemplo (16)¹⁵. A seqüência, nome do remetente, do destinatário, data e assunto, não deixa dúvidas quanto à identificação desse gênero.

De: mari.souza@bol.com.br
Para: <bmp@.neoline.com.br>
Enviada em: segunda-feira, 27 de janeiro de 2003 14:38
Assunto: textos

Oi, Beatriz,
Aí está o que recebi nos últimos dias.
Beijos, eu
Eu

(16) Exemplo de e.mail pessoal

¹⁴ Cf. Dionísio, 2005, p. 187 e 188, para esses e outros exemplos.

¹⁵ Exemplo extraído de MEDRADO, SOUZA & SILVA. Práticas comunicativas e a tecnologia digital: um estudo comparativo entre *e-mails* pessoais e *e-mails* comerciais, 2004.

Outras vezes, a disposição gráfica pode despistar o leitor inicialmente, para depois revelar uma intergenericidade, ou intertextualidade intergêneros, pela qual um gênero assume a função de outro (cf. MARCUSCHI, 2002). É o que podemos observar no exemplo (17) *Querido diário*, da revista *Todateen*, que se apresenta na forma de um diário íntimo de adolescente, provavelmente um meio de buscar envolver as jovens leitoras. Aliás, os recursos multimodais presentes em (17) e nos demais editoriais de *Todateen* parecem ser peças de um jogo de sedução armado para conquistar a leitora. Esses recursos serão ainda analisados no decorrer deste capítulo.



(17) *Todateen*, junho/03

As análises multimodais em diversos gêneros têm mostrado que a disposição gráfica constitui um recurso visual potencialmente forte a ponto de sermos capazes de identificar, por meio dele, um gênero escrito em língua estrangeira da qual não temos

domínio (cf. Dionísio, 2005). Vejamos então como se dá esse recurso nos editoriais desta pesquisa.

É possível constatar nos editoriais jornalísticos que estes não utilizam recursos visuais como fotos ou legendas. A disposição do texto nos três jornais é feita através de colunas, e o nome do gênero aparece na FSP e na FPE grafado em maiúsculas, em fonte menor do que as utilizadas nos respectivos títulos. No JC, que não usa o nome do gênero, o título do editorial sobressai pelo tamanho da fonte e pelo negrito.

Complementam a organização visual desses editoriais a presença do nome do jornal, em maiúsculas, e as informações circunstanciais de local, dia da semana e data de publicação, bem como a indicação da página nos textos da FPE e da FSP. Essa última traz, ainda, a presença do expediente. Em nenhum momento, esses editoriais usam cores diferentes e imagens para realçar algo ou acrescentar uma informação ao leitor. Podemos afirmar, então, que os editoriais jornalísticos apresentam uma certa neutralidade na disposição visual. Essa formalidade visual pode ser associada à seriedade e ao rigor que essa mídia diz aplicar às informações que veicula. Vejamos exemplos nos quais podemos comprovar o que acabamos de asseverar:



(18) FSP, 03/06/03.



(19) JC, 03/06/03.



(20) FPE, 04/06/03.

Quando nos referimos anteriormente a uma ‘certa neutralidade’ visual nos editoriais dos jornais, antecipávamos a presença de uma exceção, ou seja, um aspecto multimodal peculiar ao JC, que merece ser registrado. Trata-se de um *olho* - frase em destaque, no meio do texto, que resume o conteúdo abordado, seja por meio de um fragmento recortado do texto, seja por meio de um fragmento que sintetiza o conteúdo debatido no editorial. Podemos visualizar esse recurso no exemplo (19), nesse caso o *olho* põe em destaque o conteúdo do editorial através de uma frase que o sintetiza. Nos dados do JC, essa forma ocorreu em nove editoriais. No exemplo (21), podemos verificar que o *olho* é um recorte do texto, algo que ocorreu nesse e em mais dois editoriais apenas.

Podemos interpretar a presença desse recurso no JC como uma tentativa de ilustração, uma maneira de chamar a atenção do leitor para o conteúdo do editorial, aproximando-se, assim, das fotos que aparecem nos editoriais das revistas analisadas. Senão, é, no mínimo, uma ruptura com o formato preconizado pelos manuais jornalísticos para a constituição de um editorial. É decerto um aspecto que reafirma a asserção de que a multimodalidade discursiva é um traço constitutivo de todos os gêneros textuais escritos e orais (cf. DIONÍSIO, 2005) e também de que os gêneros se

modificam ao longo do tempo porque são essencialmente flexíveis e dinâmicos (cf. MARCUSCHI, 2005).



(21) JC, 06/04/03.

No que se refere aos editoriais das revistas, a disposição gráfica é composta de outros recursos, e não somente diferenças em fontes, colunas e informações circunstanciais como data e página. Também compõem os editoriais das revistas, fotografias, legendas, desenhos, cores, entre outros, ou seja, outras linguagens e gêneros se coadunam à modalidade escrita da língua para construir a significação nesse gênero.

Veja e Época compartilham tipos de editoriais e também semelhanças na composição gráfico-visual dos textos. Veja publica a *Carta ao leitor*, em coluna única, com fotografia e legenda. Esta se situa abaixo da fotografia em dez editoriais dos doze averiguados, em dois foi posta dentro da fotografia. A fonte que intitula a seção é vermelha - cor de simbologia forte, sinalizando uma chamada de atenção - e menor do

que a empregada no título, este em negrito. Vejamos como esses recursos se combinam em exemplos (22) e (23).



(22) Veja, 07/05/03.



(23) Veja, 18/06/03.

Podemos notar também que a posição do título do editorial varia, acima da fotografia em (22) e abaixo em (23). Observando-se a integração entre título e fotografias nos dois exemplos, podemos interpretar que em (23) o título do editorial se subordina à imagem. O leitor vê a fotografia dessa pessoa, de corpo inteiro, que o encara diretamente - a esse olhar fixo no leitor, buscando uma interação, Kress & van Leeuwen (1996) chamam de *demand* - e só depois lê o título que confirma a identidade desse personagem, tema do editorial. A fotografia tem, então, mais impacto do que o título. Já em (22), a fotografia parece esclarecer o título, quando sintetiza um dos momentos dessa “Caminhada histórica”. É o momento em que o presidente Lula, à

frente de governadores de estados brasileiros, entrega aos parlamentares os textos das reformas previdenciária e tributária. A fotografia complementa o que está exposto no editorial e evidencia uma forma de interagir com o leitor, direta, em (23), e indireta em (22). São manifestações da função *interpessoal*, como postula Halliday para a linguagem verbal, reinterpretada, nos estudos multimodais por Kress & van Leeuwen, (1996), como função *interativa*. Já a colocação das imagens no texto faz parte da função *composicional*, adaptada da função *textual* da LSF pelos autores mencionados, para quem a localização na parte de cima do texto, como nos exemplos (22) e (23), reflete a essência da informação, a parte ideológica que se quer enfatizar.

Nesses editoriais, há diferenças também em relação às legendas. Em (22), situa-se abaixo da fotografia e a descreve. No exemplo (23), encontra-se dentro da fotografia, identificando a pessoa e acrescenta uma informação a seu respeito não presente na fotografia. Portanto, em (22) a legenda é descritiva, em (23) explicativa.

Um outro recurso observado na disposição gráfica desses editoriais é a existência de uma 'ancoragem temporal' expressa ao fim da página, contendo dia, mês e ano da publicação.

A revista *Época* comunga com *Veja* o vermelho do título da seção, a fonte maior e o negrito no título do editorial, o uso de fotografias - em cinco editoriais encontramos mais de uma fotografia - além de legenda. Essa quando se integra a fotografias de membros de redação tem por função apenas nomeá-los. São editoriais de *Época* os exemplos (24) e (25).



(24) Época, 05/05/03.

(25) Época, 19/05/03.

No decorrer da coleta dos dados, essa revista apresentou uma variação na disposição gráfico-visual da seção *Carta do editor*, mas as características em comum com o editorial de *Veja* permaneceram. Os editoriais, *Lula e a moderação*, (24), e *Agora é que são elas*, (25) marcam essa mudança na apresentação do texto de *Época*. O exemplo (24) é disposto em duas colunas com as fotografias no meio. Já (25) está disposto em uma coluna única separada por marcadores vermelhos, e assim passam a ser os editoriais dessa revista. A utilização dos marcadores na emblemática cor vermelha pode ser interpretada como uma estratégia para reduzir o impacto do tamanho do texto e, assim, seduzir o leitor. Outra mudança perceptível é a ausência da ancoragem temporal que passa a ser regra a partir do exemplo (25).

Em relação às fotografias, essa revista as dispõe à esquerda em nove de seus editoriais, entre eles o editorial (25). No centro, como em (24) e também no editorial *Decepção e morte em Cuba* (cf. anexo 5). Além de acima e abaixo do texto como no

editorial *Profissionais premiados*, exemplo (05). De acordo com o conteúdo que discute, o autor faz uso da função *composicional* da gramática visual (Kress & van Leewen, 1996) para expor as fotografias. Podemos, pois, verificar que as fotografias são mais usadas constituindo informações *dadas*, ou seja, informações já conhecidas. Imagens à esquerda constituem, na gramática visual de Kress & van Leewen, (1996) as informações *dadas*; imagens à direita representam as informações *novas*.

As fotografias usadas no editorial (24), *Lula e a moderação*, corroboram o conteúdo do texto que apresenta o presidente do Brasil atualmente como um político moderado. Na primeira fotografia, Lula, participante Ator, abraça um dos celebrantes, participante Meta, de uma missa que comemorava o dia do trabalho em São Bernardo do Campo, cidade onde construiu sua trajetória política. Na fotografia abaixo, Lula, participante Dizente, fala a uma multidão de metalúrgicos, os Receptores, também em uma comemoração de 1º de maio. A legenda situada entre as duas imagens nos informa que a primeira fotografia é de 2003, a segunda, de 1981. Nesse tempo, houve mudanças, de visual, obviamente, mas principalmente de posturas, e é isso que as imagens antecipam para o leitor antes da leitura do editorial. O Dizente, em 1981, parece fazer um discurso inflamado; o Ator, em 2003, pratica o gesto do abraço, símbolo de afeto e de conciliação.

Ressaltemos que as posições das fotografias também revelam sentidos. A imagem de Lula Presidente em primeiro lugar, acima da imagem de Lula metalúrgico e sindicalista, enfatiza a postura atual dessa figura pública defendida no editorial e já presente nas fotografias através dos papéis desempenhados pelo principal participante, ao mesmo tempo em que se sintoniza com a linguagem verbal do título do texto.

No editorial *Agora é que são elas*, exemplo (25), a fotografia, com uma entrada no texto, encontra-se à esquerda, constituindo uma informação conhecida. Traz para o leitor um flagrante do Presidente Lula, no qual se detecta, pela observação de sua fisionomia, laivos de preocupação em seu rosto, que evidenciam um momento de introspecção, ratificado no fato de ele não olhar para o leitor - a essa ausência de olhar para alguém, que reflete uma não-interação, Kress & van Leeuwen (1996) chamam de *offer* -, na posição das mãos junto ao corpo, bem como no gesto de segurar um dos

dedos que dão idéia de recolhimento. Por essas razões, podemos afirmar que Lula, nessa fotografia, desempenha o papel de Experienciador.

Correlacionando a linguagem visual da fotografia com a linguagem verbal do título salienta-se uma integração total entre elas, em virtude de esse título se realizar por meio de um provérbio que na nossa cultura significa dificuldades. Estabelecendo uma relação da imagem com o conteúdo do editorial, essa integração se consolida de fato, o que faz com que essas imagens se tornem fundamentais à expressão da opinião nesses editoriais.

Através dos exemplos de *Veja* e *Época*, já percebemos diferenças notáveis em relação aos editoriais dos jornais investigados. A neutralidade gráfica destes, dá lugar, nos editoriais das revistas, a uma combinação de cores, imagens e legendas que tornam a disposição gráfica dos editoriais visualmente mais interessantes e que possibilitam aos leitores obter informações diversificadas, através de linguagens também diversificadas. Essa conjunção de recursos multimodais torna esses editoriais mais sedutores porque a sua interpretação acaba sendo um desafio, no sentido de que “exigem desse leitor um número maior de operações cognitivas para a compreensão do que está sendo lido”, como afirma Mozdzenski (2006, p.49).

Para encerrar o tópico referente às revistas *Veja* e *Época*, gostaríamos de assinalar que, ao lado de fotografias como as que acabamos de comentar nos editoriais *Caminhada histórica, Lula e a moderação* e *Agora é que são elas*, essas revistas, quando veiculam editoriais de apresentação, como é o caso do exemplo *Quem é Diogo Mainardi*, usam fotos de membros da equipe ou de capas de determinadas edições.

Tratemos agora dos editoriais das revistas femininas *Uma* e *Todaten*. Nessas revistas, a distinção entre os públicos, adulto e adolescente respectivamente, provoca a existência de editoriais completamente diferentes quanto à disposição gráfico-visual.

A revista *Uma* guarda similitudes com *Veja* e *Época*. Com a primeira, na disposição do texto em duas colunas. Com ambas, o uso da cor vermelha no título da seção, o destaque em negrito no título do editorial e a presença de fotografias e legendas. Mas entre as fotografias de *Uma*, predominam aquelas de membros da equipe de redação e suas legendas apenas nomeiam os integrantes da revista. A única exceção é o editorial *De DEUS aos tribalistas*, exemplo (06). Também não existe, nos

editoriais de Uma, a informação circunstancial de data de publicação. Vejamos os exemplos (26) e (27) para comprovação do que afirmamos.



(26) Uma, junho/03.



(27) Uma, agosto/03.

Uma diferença observada nos editoriais de Uma em relação às fotografias diz respeito à disposição dessas no texto. Parece não haver uma sistematização nesse aspecto, uma vez que ora estão do lado esquerdo, figurando como uma informação *dada*, como em (26), ora do lado direito, representando uma informação *nova*, como em (27), apesar de ser o mesmo tipo de fotografia nos dois exemplos. Nesses textos, essas imagens materializam as profissionais que participam da elaboração da revista e que estão citadas no editorial. Podemos ver nessa materialização uma forma de envolvimento da equipe de redação com a leitora - os participantes das fotografias estão em posição *demand* - que por sua vez tem por objetivo a adesão dessa leitora à leitura das matérias e, conseqüentemente, às idéias transmitidas. Assim, no que se refere à informatividade visual, em relação à presença de fotografias, a revista Uma é

pouco informativa visto que as fotografias, em sua maioria, são meramente ilustrativas dos participantes da revista, apesar da exceção comentada a seguir.

No exemplo (06) *De DEUS aos tribalistas*, as fotografias localizam-se no centro do texto e fogem ao padrão observado. São três fotografias que se sobrepõem. A primeira, em cima, é a imagem de uma pintura representativa dos tempos bíblicos. A segunda, no meio, uma fotografia antiga de um casal. A terceira, abaixo, retrata o encontro de várias pessoas em um bar ou restaurante. Uma explicação para esse fato associa-se ao tipo de editorial, o exemplo (06) não é um editorial de apresentação como (26) e (27), e sim um editorial misto que trata do difícil encontro entre homem e mulher através dos tempos, como bem ilustram as fotografias.

Uma outra observação em relação a Uma diz respeito ao uso da letra inicial do primeiro parágrafo, que é maior do que as outras e na cor vermelha. Notamos nesse uso que grandeza da fonte e cor vermelha se combinam com o intuito de chamar a atenção.

A investigação da disposição gráfica dos editoriais de Uma nos permite afirmar que essa revista guarda mais semelhanças com as revistas informativas *Veja* e *Época*, afastando-se assim da também revista feminina *Todateen*. Aliás, é possível afirmar que, em se tratando de recursos multimodais, os editoriais de *Veja* e *Época* são visualmente mais informativos e atraentes do que os editoriais de Uma.

Já os editoriais de *Todateen* combinam uma série de recursos visuais, tais como fotografias, desenhos, cores variadas, molduras, e fontes em diferentes cores e formatos. Não podemos negar que se trata de editoriais de uma beleza condizente com o seu público leitor, que jamais “olharia” para o texto, se este fosse semelhante, por exemplo, aos editoriais jornalísticos. Em consonância com esse público, *Todateen* faz uso da relação imagem e palavra, as quais, segundo Dionísio (2005, p. 159), “mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”, para produzir um editorial visualmente rico e atrativo. Vejamos casos dessa riqueza nos exemplos (28) e (29).



(28) Todateen, julho/03.



(29) Todateen, agosto/03.

Conforme é perceptível nos editoriais *É tempo de se apaixonar!*, exemplo (28), e *Eu quero é paixão!*, exemplo (29), o texto curto encontra-se subordinado aos recursos multimodais utilizados, ratificando a saliência destes últimos. Do título da sessão *Redação & você*, em duas cores e letras minúsculas, passando pela fotografia em (28) e o desenho do casal de duas etnias em (29), aos desenhos de coração - pequenos e muitos em (28), único e grande em (29) - os elementos utilizados apelam ao sentido da visão confiando no poder das imagens para conquistar o leitor.

No editorial *É tempo de se apaixonar!!*, (28), combinam-se fotografias, desenho, tira e escrita - no texto e na legenda - para tratar do tema do editorial: a paixão e uma de suas formas de expressão, o beijo. Notemos, pois, que o beijo está presente na tira, na fotografia abaixo do texto e no desenho da despedida da equipe de redação. Também devemos ressaltar a dinamicidade presente nos recursos multimodais, como a tira e a fotografia, com participantes Atores que intertextualmente reproduzem uma cena do filme *A dama e o vagabundo*, a qual se espria para outros recursos visuais,

com participantes Atores, como na conversa ilustrada na fotografia no canto superior esquerdo e, com participante Dizente, no desenho da menininha ao telefone que simboliza o contato com a redação. Essa dinamicidade é reforçada pelos pequenos corações que se espalham pela página, pelo colorido do título da sessão e do editorial, e ainda pela letra inicial do texto. Juntos esses recursos compõem um quadro que exaltam a paixão e suas inquietantes manifestações, o que faz desse editorial um convite irresistível a sua leitura e de toda a revista.

Voltando às imagens, faz-se pertinente atentar para o colorido que compõe o cenário, e para a descontração dos personagens. Em relação à localização destas no texto, podemos, baseadas na função *composicional* descrita por Kress & van Leeuwen (1996), afirmar que a fotografia no canto superior esquerdo traz uma informação *dada*, informa sobre uma matéria da revista, já constante no índice. Os quadrinhos põem em saliência o beijo, e a fotografia localizada abaixo do texto representa uma informação específica, real, compreendendo-a como a concretização do que acontece virtualmente na tira acima do texto.

Sobre o colorido das letras é pertinente ressaltar que apenas a Todateen modifica as cores do título da seção; não usa somente o vermelho como o fazem as revistas Veja, Época e Uma, e modifica também as cores e o tamanho da fonte nos títulos dos editoriais.

O editorial *Eu quero é paixão!* (29) combina menos recursos, se comparado ao (28), mas nem por isso deixa de atrair visualmente a leitora. Mais uma vez as imagens preponderam sobre o texto escrito e até este é envolvido pelas imagens. Basta observarmos que ele se encontra dentro de um coração que se forma na página pelo contraste de cores que a compõem.

Nesse editorial, (29), é notória a saliência, motivada pela centralização, no texto, do desenho do beijo do casal, participantes Atores, de etnias diferentes, tendo ambos uma corda à cintura, que pode ser percebida como um entrave a esse encontro. Essa imagem do beijo que supera empecilhos se coaduna com o seguinte fragmento do editorial: “às vezes, é preciso superar diversos probleminhas para ser feliz no amor...”. Esse fato, não só corrobora o ponto de vista de que imagem e escrita compartilham uma relação cada vez mais integrada, como também ratifica a importância de recursos

multimodais na construção do sentido de um texto, em especial em um gênero que tem um público tão específico como a *Todateen*. Por fim, comprova a idéia da gramática visual de que imagens centralizadas fazem convergir, para elas, os demais elementos do texto (cf. KRESS & van LEEUWEN, 1996).

Finalizando a análise dos editoriais de *Todateen*, asseveramos que, pela disposição gráfico-visual, seu editorial afasta-se inteiramente dos editoriais então analisados, situando-se no pólo oposto ao do editorial jornalístico, compreendido como modelo para esse gênero. Podemos afirmar que os editoriais de *Todateen* recorrem aos recursos multimodais de interação texto-imagem na busca da consecução de seu objetivo primordial que é seduzir a leitora.

Gostaríamos, ainda, de dar relevância ao fato de que, ao complementar o conteúdo dos editoriais com imagens, desenhos, cores, entre outros recursos multimodais, os autores desse gênero desejam criar um contexto para atrair e envolver os leitores, de modo a se tornarem consumidores das revistas, das idéias nelas contidas e dos produtos anunciados (cf HEBERLE, 2004).

A intergenericidade nos editoriais de *Todateen*

A *Todateen* assemelha-se às revistas femininas de um modo geral, em reportagens, matérias, assuntos, etc, diferenciando-se na profundidade de abordagens de suas matérias e na predominância de estratégias multimodais como o uso de cores diversas, de desenhos, de fotografias, de tiras, de vários efeitos visuais, enfim. Também há diferenças marcantes na textualização de todo o conteúdo, pois sempre há um tom afetivo, marcado por diminutivos, adjetivação, modo de tratamento dos leitores e outros. O editorial é impregnado dessa atmosfera lúdica, por assim dizer, e aparece em alguns casos, hibridizado, mesclado com outros gêneros textuais, como carta pessoal, diário e bilhete. Essa possibilidade chama-se intergenericidade, a qual consiste no fato de um gênero realizar a função de um outro, (cf. MARCUSCHI, 2002), e se torna possível dado o caráter flexível e variável dos gêneros textuais, de um modo geral.

Esse fenômeno, que se verificou nos dados apenas nos editoriais da Todateen, será examinado a seguir através do editorial *Querido diário!!* (e do editorial de setembro de 2003, que, por ser uma carta pessoal, não apresenta o título).



(30) Todateen, junho/03.



(31) Todateen, setembro/03.

O colorido que faz parte dos editoriais de Todateen, anteriormente comentados, também se faz presente nestes editoriais intergenéricos. Isso significa que a riqueza visual, também realizada por desenhos e outros recursos multimodais, como os ilustrados em (28) e (29), é a tônica dos editoriais dessa revista, ou por que não dizer um elemento que lhes é constitutivo.

Nesses dois exemplos, mais uma vez é patente a subordinação da escrita aos recursos visuais empregados, embora em (30) o fundo azul da página e as letras brancas coloquem o texto em evidência. Ainda assim são as imagens que estão em saliência no editorial *Querido diário* e, tal qual (28) e (29), elas também destacam

ações: a entrada dos namorados no cinema, conversando, a foto de um casal beijando-se no cartaz do filme, bem como a escrita da carta pela menina e do bilhete pelo menino no exemplo (31). Nos dois textos, vemos um participante Dizente, a menininha da redação que fala ao telefone.

Tratando especificamente do exemplo (30), a cena da entrada no cinema refere-se a uma passagem do *diário* em que a menina registra esse passeio feito com *Felipe* no Dia dos Namorados. A pipoca na mão dele associa-se com o relato de que foi ele que tomou a iniciativa e que gastou parte de sua mesada com isso. A imagem do beijo, no cartaz de cinema - outro recurso utilizado - por sua vez, associa-se, não só ao filme romântico que o casal deve ter visto, mas também aos beijos que trocaram durante a sessão, como ela confessa ao diário.

Aliadas ao cartaz do filme, a cortina na cor vermelha e a catraca completam a atmosfera do cinema. O clima de paixão, tema constante nos editoriais dessa revista, se faz notar nos corações espalhados pela página.

No texto, o SN "Querido diário", que dá título ao editorial e marca a *mescla* de gêneros, além das aspas no texto, configura o reconhecimento, pela equipe da redação, da autoria do outro. Através dessa comunhão de gêneros e imagens, Todeaten dá o seu recado à leitora naquele mês.

Quanto ao exemplo (31), este apresenta uma intergenericidade dupla, pois esse editorial se constitui a partir da presença de dois gêneros escritos da esfera pessoal: uma carta e um bilhete. Referindo-nos à modalidade escrita pela qual esses gêneros se materializam, enfatizamos o caráter dialógico da linguagem expresso através do bilhete do menino que prontamente responde à carta da adolescente.

Em relação às imagens, essas vêm combinar-se à escrita através de desenhos representativos dos participantes Atores - menina e menino escrevem - e desenhos de corações, de trevos, de flores e de estrelas que emolduram participantes e textos.

A menina Ana à esquerda, é uma informação *dada*, porque, normalmente, na nossa cultura, as mulheres tomam a iniciativa de escrever, e geralmente gostam de escrever cartas e diários pessoais, em especial meninas adolescentes. Renato, o menino, à direita, representa a informação *nova*; homens se opõem às mulheres na

nossa cultura por não gostarem de escrever textos pessoais, ou escreverem pouco. O gênero bilhete usado pelo menino para dar sua resposta comprova o que afirmamos.

Um detalhe aparentemente não significativo diz respeito à localização do desenho que simboliza a redação; nesse editorial ele foi deslocado para a direita como informação já conhecida para dar lugar ao bilhete, informação *nova*. Fazemos essa ressalva porque nos demais editoriais de nossos dados esse participante Dizente, que fala ao telefone com a leitora, se localiza sempre no canto inferior esquerdo do texto.

Por fim, resta-nos comentar a divisão de lugares nesse editorial, demarcada pela presença de cores diferentes. Os principais elementos que compõem esse editorial ocupam, cada um deles, uma parte da página, separada por uma cor e emoldurada por pequenos desenhos.

Diante de todos os recursos visuais utilizados nos editoriais e de sua adequação ao texto escrito - de uma mudança de cor na fonte, à intertextualidade intergênerica -, fica evidente a importância da multimodalidade discursiva na construção do gênero editorial, em especial naqueles que constituem a sua variação. Os recursos multimodais se apresentam como um meio eficaz de interagir com o leitor, enfim um oportuno acréscimo para fazê-lo, não só ler, mas ter uma compreensão mais ampla do conteúdo escrito. Sabemos que a escrita representa uma das formas mais eficientes para a transmissão de idéias ao longo dos tempos, porém a contemporaneidade “exige” a inter-relação dessa com outras semioses, como as aqui especificadas e comentadas.

Ao longo dessa discussão sobre a multimodalidade, e em outras partes desta pesquisa, fazemos alusão ao propósito comunicativo do gênero editorial, o qual será o tema do próximo item abordado, tomando o conteúdo debatido pelos editoriais como ponto de partida para discussão.

3. Conteúdo e propósito comunicativo dos editoriais

Para concluir o perfil dos editoriais que visamos construir neste capítulo, tecemos, então, alguns comentários sobre o conteúdo discutido, ou apresentado, nos editoriais e sobre o propósito comunicativo desse gênero, compreendido como um componente constitutivo dos gêneros textuais.

A FSP, o JC, e a FPE discutem questões atuais¹⁶, pertinentes ao cenário político, econômico e social, e, portanto, considerados de interesse coletivo. Predominantemente, os editoriais se ocupam de temas nacionais. Encontramos apenas dois editoriais da FSP e um da FPE que abordam questões de ordem internacional¹⁷, além de três de ordem regional, na FPE, e dois de ordem local no JC¹⁸. Esses editoriais versam sobre Economia e Política, preponderantemente, bem como sobre Direito, História, Educação, Segurança pública e Meio ambiente. Os exemplos (1), (2), (3), (18), (19), (20) e (21), neste capítulo, são editoriais que discutem temas dessas áreas de conhecimento, com exceção apenas para a área relativa ao Meio ambiente.¹⁹

As revistas Veja e Época apresentam uma divergência em relação aos jornais, quanto ao conteúdo, porque apresentam editoriais de apresentação, nos quais assuntos abordados em reportagens da revista tornam-se o tema desses editoriais. Nos editoriais opinativos ou mistos, entretanto, as revistas dividem temática semelhante à dos jornais, ou seja, tratam de assuntos atuais de Economia, Política, Segurança pública, entre outros. A revista Veja contém seis editoriais opinativos, cinco de apresentação e um misto. Época tem oito editoriais opinativos e quatro de apresentação. Com os fragmentos (32) e (33) ilustramos os editoriais opinativos, dessas revistas. Os trechos em negrito evidenciam a *opinião* nesses editoriais.

(32) ***Para coroar uma semana muito boa em Brasília, os dados mais recentes sobre o esforço de ajuste financeiro promovido pelo governo e pago pela sociedade são animadores. O dólar recuou de suas cotações estratosféricas para um patamar em que alivia o serviço da dívida pública e, ao mesmo tempo, não compromete a lucratividade das exportações. Os números sobre o crescimento das vendas externas, combinados com a economia de gastos feita por Brasília, colocaram o Brasil de novo no jogo econômico mundial como um país promissor. A urgência agora é transformar a maré positiva em benefícios para os brasileiros (VE3).***

(33) ***Esta memória de um mundo melhor atíça a perplexidade e o inconformismo. A sociedade cansou de esperar por alguma solução do Estado (federal, estadual ou municipal) e partiu para a ação. Se a polícia não consegue protegê-la, ela tem de se***

¹⁶ Referimo-nos ao período em que esses editoriais foram coletados.

¹⁷ Cf. os editoriais *Acordo interno* (FSP4) e *Juros europeus* (FSP6), da FSP; e *Onde está a verdade?* (FPE9), da FPE nos Anexos 1 e 3, respectivamente.

¹⁸ Cf. os editoriais *Políticas de emprego* (FPE6), *Turismo e desenvolvimento* (FPE7), e *O exemplo do LAFEPE* (FPE8), da FPE, anexo 3; e os editoriais *Nós temos memória* (JC3) e *Férias: ganhos e prejuízos* (JC7), no JC, anexo 2.

¹⁹ O editorial que trata desse tema é *A praia é da população*, da FPE. Ver anexo 3.

proteger. O problema é que, por enquanto, a segurança é um artigo de luxo. O que se vê é, outra vez, a classe média pagando por algo que oferecia de graça. Nos anos 60 e 70, muita gente educava os filhos em escolas públicas. Hoje, crianças e adolescentes só vão para a rede pública quando não há outra saída. Até duas décadas atrás, ainda se confiava em hospitais estaduais e municipais – algo impensável nos dias de hoje. **Pois bem. Se já pagamos pela educação e pela saúde, por que não pagar também pela segurança? É revoltante, mas trata-se de um problema sem solução alguma pela frente** (EP4).

Os fragmentos (34) e (35) representam os editoriais de apresentação de Veja e Época. Os trechos em negrito destacam trechos de *apresentação*.

(34) **VEJA é a maior e mais influente revista do Brasil.** Com cerca de 1 milhão de assinantes e mais de 200 000 exemplares vendidos em banca todas as semanas, **firmou-se também como a quarta maior revista em circulação do mundo.** Nesta semana, pela primeira vez em sua história, **VEJA decidiu publicar sua edição regular com duas capas diferentes.** Uma delas foi enviada para os assinantes e outra para as bancas. **O conteúdo das duas é rigorosamente o mesmo, da primeira à última página. Nada muda, a não ser a imagem estampada na capa** (VE8).

(35) **A repórter especial Eliane Brum é um caso que merece exame: acumulou 25 prêmios em pouco mais de década e meia de profissão.** Só em 2002 Eliane ganhou três troféus de primeira linha, por três reportagens diferentes – o Líbero Badaró, o Wladimir Herzog e o Prêmio da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro. **Nossa sucursal de Brasília também reúne jornalistas com muito apetite para esse tipo de mercadoria. São seis profissionais, 15 prêmios de relevo** (EP1).

Como afirmamos, Veja traz também um editorial misto, o qual exemplificamos com o fragmento (36), extraído do editorial *Caminhada histórica*:

(36) *Como o ataque terrorista aos Estados Unidos em setembro de 2001, a invasão americana ao Iraque iniciada no mês passado vem merecendo de VEJA uma cobertura com destaque e profundidade. Não podia ser de outra forma. Ambos os eventos mudaram os rumos da história, forçando rearranjos dramáticos na maneira como os países convivem entre si e como interagem com a potência americana. As reportagens da revista sobre o terrorismo, as ações para coibi-lo e a guerra no Iraque procuram sempre situar o leitor de modo realista, abrangente e crítico diante da nova ordem internacional* (VE3).

Tratamos agora das revistas femininas, no que diz respeito ao tipo e conteúdo de seus editoriais. Uma e Todateen afastam-se da temática abordada pelos jornais e pelas revistas porque discutem sempre temas associados ao universo feminino, tais como

moda, beleza, paixão, amor, entre outros. Na Todateen, os temas namoro, primeiro beijo realizam-se como derivações do amor e da paixão.

Em relação ao tipo de editorial, Uma e Todateen não oferecem editoriais opinativos às leitoras. Uma apresenta cinco editoriais de apresentação e um misto. Em Todateen, um deles pode ser chamado de misto, os demais são de apresentação. Os fragmentos (37) e (38) ilustram os editoriais de apresentação das duas revistas.

(37) **E a UMA deste mês está recheada de informações pra que você fique cada vez mais bonita e segura. A começar pela entrevista com Fernanda Torres**, que não tem medo de se posicionar e confessa que filmou nua por pura vaidade – poucas mulheres admitem isso. Um exemplo de segurança e sinceridade. **A entrevista está na página 20** (UM3).

(38) Oba! As férias estão chegando e você vai poder curtir tudo o que tem direito... sair com as amigas, ir ao cinema, viajar, paquerar e principalmente se apaixonar. **E é esse gostinho de paixão que a gente traz na todateen desse mês (...)** Por fim, a sobremesa, **ou melhor, um montão de gatos lindos (...)**. Hummm... está bom demais, né? (TT4)

Os exemplos (39) e (40) representam os editoriais mistos, de Uma e Todateen, respectivamente.

(39) **O mundo moderno também trouxe agências de casamento que ficaram milionárias tentando minimizar a solidão dos homens e mulheres**, o sexo livre e descompromissado dos anos 60, os relacionamentos abertos (como Simone de Beauvoir e Sartre), os namoros pela internet e posteriores encontros na vida “real” e até os nossos tribalistas fazendo um revival dos anos 60 a apregoando que ninguém é de ninguém. **Tudo vale para aproximar os dois sexos**. A mais nova tentativa chega agora ao Brasil e se chama *speed dating*. Curiosa para saber o que é? **Vá direto para a página 28. Com tantas opções para se encontrar a cara-metade, uma tem que dar certo!** (UM1)

(40) Beijo de apaixonado, beijo de namorado, beijo de saudade, beijo de ficante, beijo de tesão... dois lábios que se tocam, uma lembrança que fica guardada na memória! **Em cada beijo se esconde uma emoção diferente e é isso que a gente traz em nossa matéria de capa** (TT2).

O editorial da Todateen é, diante do observado, o texto que mais apresenta variações em relação ao editorial padrão, ou seja, o opinativo, mas o seu objetivo não deixa de ser a persuasão, a sedução, a conquista do leitor, ainda que não seja para uma idéia, uma opinião institucional. Na variação do editorial que selecionamos para

analisar, é o exemplar menos prototípico, mas ainda assim um editorial, vez que *gêneros são rotinas textuais com configuração identificável, mas não fixa* (cf. MARCUSCHI, 2004) e que podem mudar ao longo do tempo para atender às necessidades interativas dos usuários.

Em maior ou menor grau, os editoriais selecionados para análise se afastam ou se aproximam do editorial prototípico, o que vai caracterizar a chamada variação desse gênero, ou o que pode se denominar, conforme Bazerman (2004), de uma família de gêneros. Por esse parâmetro, os editoriais da FSP, do JC e da FPE são os editoriais prototípicos; os editoriais de *Veja* e *Época*, chamados *Carta ao leitor* e *Carta do editor*, respectivamente, compartilham alguns traços, como a temática, por exemplo, mas afastam-se em outros como, por exemplo, no uso de recursos multimodais e na autoria. Os editoriais de *Uma* e *Todateen* apresentam o maior afastamento do padrão, porque contêm apenas editoriais de apresentação e mistos, com predominância de temas ligados à vida da mulher. Mas o objetivo dessas revistas não deixa de ser convencer o leitor e nisso reside a sua base argumentativa.

Verificamos, todavia, que tanto os conteúdos abordados, quanto os recursos visuais utilizados nos editoriais estão a serviço do propósito comunicativo desse gênero. Compreendendo esse propósito como constitutivo dos gêneros textuais, por conseguinte, dos editoriais, tecemos alguns comentários a seu respeito.

Marcuschi (2004, p.3) afirma que “entre os produtos históricos construídos pelos humanos coletivamente estão os gêneros textuais organizados, situados e destinados a produzir um efeito de coerência em seus receptores...”. O editorial, como gênero, não foge a essa determinação histórica, nem a sua função comunicativa primeira, produzir sentidos. Aliada a essa determinação, está uma outra derivada de sua natureza argumentativa, qual seja, persuadir, convencer, buscar a adesão do leitor para as teses defendidas por uma instituição jornalística em particular, o que está em perfeita sintonia com a concepção de gênero como realizações ou como práticas de natureza sociocomunicativa, com propósitos definidos, concretos e sempre situados (cf. Marcuschi, 2004).

O gênero editorial tem, pois, uma finalidade reconhecida e legitimada pelos seus usuários, o editoralista que compõe o texto, e os leitores que agem como co-produtores quando constroem sentidos e identificam uma finalidade no momento da leitura.

Nos editoriais da FSP, do JC e da FPE refletem-se essas características, e esses jornais oferecem ao seu público leitor editoriais com propósito comunicativo específico e claramente perceptível durante sua leitura. Situando-se dentro do objetivo mais geral, “convencer o leitor, persuadi-lo à adesão de suas teses”, vai delineando-se, à medida que se lê, o propósito mais específico de cada editorial: apresentar o ponto de vista institucional, no tocante a determinado assunto, e conquistar o leitor para esse ponto de vista, torná-lo um aliado e, com isso, um porta-voz das idéias, já que os temas discutidos fazem parte da vida dos leitores. Em relação a esse aspecto, FSP, JC e FPE não diferem, todos buscam claramente fazer de seus leitores seus grandes aliados.

Quanto ao propósito comunicativo das revistas *Veja*, *Época*, *Uma* e *Todateen*, é pertinente afirmar que, dadas as diferenças entre elas (revista de informação e revista feminina), entre o tipo de público, e as variações no próprio gênero, o propósito comunicativo dessas revistas tende a apresentar pequenas diferenças.

Veja e *Época* tematizam assuntos atuais apresentando a posição do veículo informativo, como é o caso do editorial *Caminhada histórica* (VE3) e do editorial *O risco e a especulação* (EP8). Em alguns casos, apresentam editoriais de apresentação como *Quem é Diogo Mainardi*, de *Veja* e *As mulheres por cima*, de *Época*, casos em que convidam o leitor a tomar conhecimento da revista completa. As revistas têm condições de produção distintas que permitem variações no tipo e no conteúdo dos editoriais, algo que vai refletir-se no propósito comunicativo dessas revistas. Quando editoriais opinativos buscam convencer sobre idéias; quando editoriais de apresentação procuram fazer o leitor conhecer aquele número de publicação; quando mistos convencem sobre idéias e sobre matérias da revista.

Uma e *Todateen* lidam sempre com conteúdos do mundo feminino, adulto ou adolescente. Não há espaço, ou nunca foram criados, para temas ligados a questões como Política, Economia, ou outros dessa natureza. Desejando cativar à leitora e torná-la consumista assídua da revista, o propósito comunicativo dessas revistas é

apresentar à leitora seus conteúdos e assim buscar persuadi-la a ler a revista, na íntegra.

Nesse aspecto, assim como na utilização de recursos multimodais em sua constituição, Uma e Todateen se aproximam de Veja e Época, que também mostram editoriais de apresentação e se afastam completamente do editorial dos jornais FSP, JC e FPE.

Queremos, por fim, ressaltar que todos os aspectos referentes à multimodalidade e ao conteúdo contribuem, de alguma forma, para o alcance dos objetivos pretendidos. Esses aspectos – desenhos, fotografias, legendas, *olho*, tamanho de fonte, intergenericidade - subordinam-se ao propósito comunicativo estabelecido, e as variações que ocorrem se dão em função desse propósito. São marcas das condições de produção do editorial, nos jornais ou nas revistas dos nossos dados. Por exemplo, quando os jornais definem e nomeiam o seu texto de editorial, assumem claramente a defesa de uma opinião que é institucional, isto é, pertence à instituição FSP, JC, ou FPE produzindo, assim, um texto dentro do padrão existente para o gênero editorial. Já as revistas Veja, Época Uma e Todateen veiculam editoriais diversificados e por isso usam outra nomenclatura para esse gênero. As revistas têm condições de produção diferentes do jornal e se permitem fazer variações em sua formatação e em seu conteúdo, mesmo assim, seus editoriais também expõem uma opinião.

Nosso entendimento, a partir da observação realizada, é o de que as variações em alguns editoriais não chegam a constituir uma violação ou uma ruptura total do editorial padrão, pois existe, neles, uma base argumentativa subjacente, e as mudanças ocorrem em virtude da natureza flexível e dinâmica dos gêneros textuais. Se essa variação não serve como modelo para manuais de redação de jornais de prestígio, não se pode dizer, porém, que se trata de um outro gênero. E, assim como temos ofícios diversos, conforme os interesses das instituições nas quais esse gênero circula, temos também a existência de variação do gênero editorial, conforme os dados analisados puderam mostrar.

Esperamos ter construído para o leitor o perfil do editorial, em nosso dados, no que se refere aos aspectos visuais e de conteúdo. Damos continuidade à pesquisa efetivando a análise lingüística dos editoriais, enfocando a transitividade. Para tal, nos

capítulos III, IV e V desta tese, tratamos de investigar o sistema de transitividade na variação do gênero editorial, conforme os postulados da LSF esboçados no Capítulo I, *Lingüística Sistêmico-Funcional, transitividade e editorial*. Essa análise lingüística do editorial constitui o objetivo principal deste trabalho, à qual a análise de recursos visuais, de aspectos de conteúdo, e do propósito comunicativo vem se agregar para oferecermos ao leitor a visão mais completa possível de todos os elementos presentes na elaboração de um editorial.

CAPÍTULO III

A transitividade construindo opiniões: uma análise dos tipos de processo

“Uma característica da abordagem que estamos adotando aqui, o da teoria sistêmica, é que esta é ampla, inclusiva e está preocupada com o idioma em sua totalidade, de forma que tudo que é o dito sobre um aspecto sempre será entendido com referência ao todo. Ao mesmo tempo, sem dúvida, o que também está sendo dito sobre um aspecto contribui para essa totalidade” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 19-20).

Neste capítulo, investigamos que papéis cumprem os tipos de processo do sistema de transitividade na construção da opinião dos editoriais analisados. Um dos critérios tomados como ponto de partida para a análise foi o número de ocorrências dos processos nos editoriais. Levamos em conta que a frequência de determinado processo está relacionada à constituição do significado desse gênero e, conseqüentemente, contribui para o modo como a opinião institucional que o editorial veicula é apresentada aos leitores visando a sua adesão.

Através da análise de processos e participantes, interpretaremos quem e o que está sendo representado no texto de modo a construir os significados que veiculam a opinião do editorial. (cf. HEBERLE, 1997). Nesta tese, a metafunção experiencial, aquela que representa ou constrói os significados de nossa experiência, tem predominância sobre as metafunções interpessoal e textual²⁰, uma vez que estamos olhando a oração como *representação*, como escolhas para expressar significados. Isso implica analisar um sistema maior de escolhas gramaticais envolvidas neste tipo de significação, que é o sistema de transitividade. Tais escolhas são modeladas dentro de um *quadro experiencial*: do acontecer, do fazer, do sentir, do dizer, do ser ou ter. Esse quadro é composto de processos, participantes - diretamente envolvidos no processo -

²⁰ A metafunção interpessoal diz respeito aos papéis assumidos pelos usuários nas interações sociais; a textual, expressa a estrutura e o formato do texto.

e circunstâncias - não diretamente envolvidas no processo. Os conceitos de processo, participantes e circunstâncias são categorias semânticas, as quais, como fenômenos de nossa experiência do mundo, são construídas como estruturas lingüísticas.

O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência através de um conjunto de tipos de processo, e cada processo tem seu modo próprio de construir um domínio particular de experiências em planos específicos, como por exemplo: *Ator + Processo + Meta*; ou *Portador + Processo + Atributo*. São ilustrações de um processo material expressando um fazer na oração *A gente faz a Todateen*; e de um processo relacional através do qual uma qualidade é atribuída a uma entidade, classificando-a, como a oração *O resultado é bom demais*.

Como afirmado anteriormente, são seis os tipos de processo. Três considerados principais: materiais, mentais e relacionais; e três secundários: comportamentais, verbais e existenciais. Segundo Halliday & Matthiessen (2004), os processos secundários se encontram nas fronteiras entre os tipos principais, são processos intermediários, que guardam certas características do par que lhes cercam²¹. Assim, olhando o sistema de transitividade, o qual representa nossa experiência, os diferentes processos formam um círculo, um espaço contínuo que contém o mundo físico, o mundo da consciência e o mundo das relações abstratas construindo a experiência humana (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004).

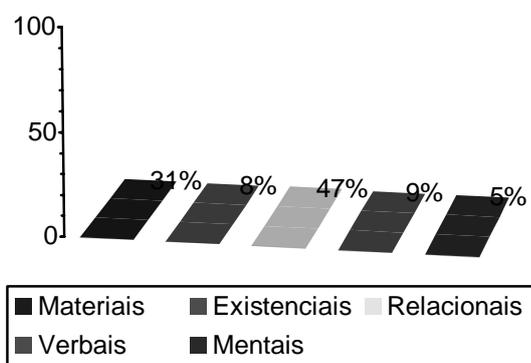
Orações com diferentes processos fazem contribuições distintas para a construção da experiência nos vários domínios discursivos dos quais os gêneros são sua forma de expressão lingüística. É certo que em determinados fragmentos, ou mesmo em todo o texto, uma mistura de tipos de processos predomina, mas processos verbais têm lugar de destaque em notícias, e processos mentais são típicas da conversação casual. Já em textos narrativos, têm particular importância os processos existenciais e relacionais, mesmo que o plano principal seja construído predominantemente por processos materiais (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004).

²¹ Cf. Figura 5: *Os tipos de processo em Inglês*, p.34.

1. Tratando de ocorrências: um perfil quantitativo dos tipos de processos nos editoriais

Apresentamos ao leitor no gráfico 1, *Distribuição dos tipos de processo nos jornais e revistas*, uma visão quantitativa dos tipos de processo encontrados nos dados, desenhando-se, assim, um perfil da distribuição desses processos, no que diz respeito a sua incidência nos editoriais investigados.

Gráfico 1: Distribuição dos tipos de processo nos jornais e revistas



Esse gráfico torna evidente uma gradação que tem os processos relacionais no topo (47% de ocorrências) como os mais freqüentes, e finaliza com os processos mentais, com o menor número de ocorrências (apenas 5%). Através desses números fica patente, dada a maior incidência dos processos relacionais, a relevância desse tipo de processo - com a propriedade que lhe é inerente, de atribuir classificações e definições - para a construção da opinião nos editoriais que analisamos.

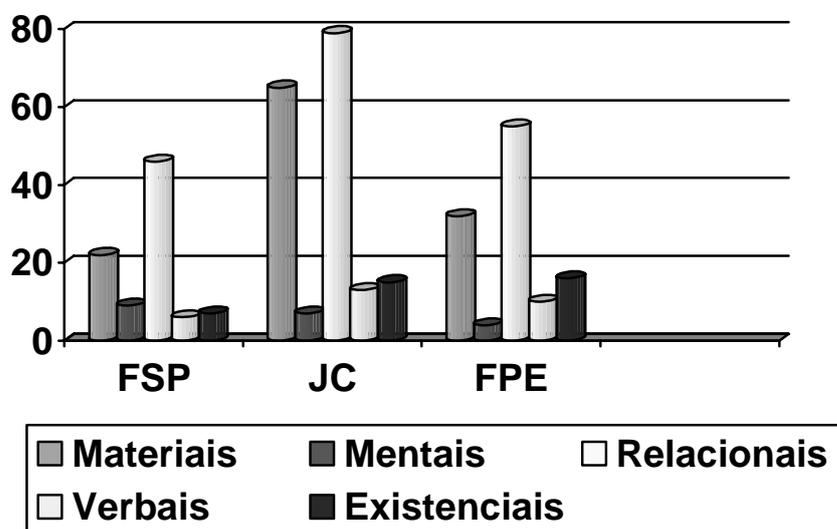
Inegável, porém, é a participação dos materiais, ocupando uma segunda posição, para expressar ações e acontecimentos. Neste momento, é imprescindível destacar que há muitos processos materiais nos editoriais, não incluídos nos dados em virtude do critério de seis ou mais ocorrências para inclusão na análise, o que contribui, em parte, para a superioridade dos relacionais. Todos esses processos materiais compõem as experiências de mundo retratadas nos editoriais, conforme será visto no

Capítulo V *Editoriais, transitividade e opinião*, quando apresentamos uma análise, na íntegra, de quatorze editoriais do *corpus* dessa pesquisa.

Os processos mentais, verbais e existenciais compõem os textos do gênero ora estudado, na medida em que sua presença cumpre as funções argumentativas, demonstradas ao longo da discussão de cada um dos tipos de processo, e necessárias aos objetivos dos editorialistas. Dessa forma, a freqüência desses tipos de processo é bem menor em relação aos relacionais e materiais, mas o papel que eles desempenham nos editoriais é determinante para que os editoriais atinjam seus objetivos, como poderemos comprovar na discussão dos resultados.

Após essa visão panorâmica da distribuição dos tipos de processo nos dados, analisemos o gráfico 2, *Ocorrências dos tipos de processo nos jornais*, e o gráfico 3, *Ocorrências dos tipos de processo nas revistas*, complementando dessa forma, o painel de distribuição dos tipos de processos nos dados.

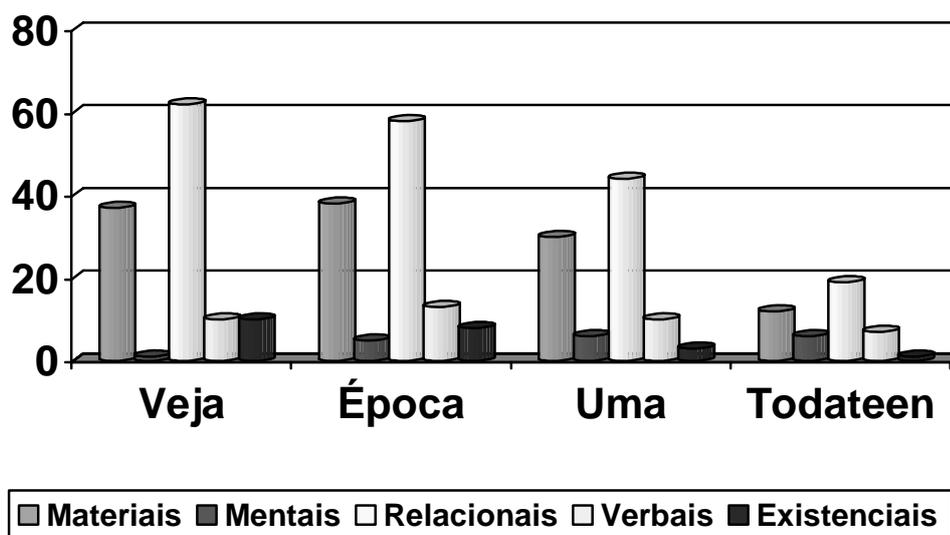
Gráfico 2: Ocorrências dos tipos de processo nos jornais



A materialidade dos números espelha a composição lingüística dos editoriais no que se refere aos tipos de processo utilizados para construir o sentido nesse gênero nos jornais selecionados, refletindo uma opinião que se diz institucional. Os tipos de processo selecionados dos jornais investigados, percentualmente, correspondem a 387

sentenças analisadas nos editoriais jornalísticos com vistas a investigar o papel do sistema de transitividade nesse tipo de editorial. Podemos observar que os editoriais da FSP, do JC e da FPE contêm um perfil semelhante quanto à distribuição dos tipos de processo. Em ordem decrescente temos os relacionais (46 ocorrências na FSP, 79 no JC, 55 na FPE); os materiais (22 ocorrências na FSP, 65 no JC, 32 na FPE); os verbais (06 ocorrências na FSP, 13 no JC, 10 na FPE); os existenciais (07 ocorrências na FSP, 15 no JC, 16 na FPE) e os mentais (09 ocorrências na FSP, 07 no JC, 04 na FPE). Uma exceção nessa ordem é a FSP que apresenta mais processos mentais do que verbais e existenciais. Outra ressalva a ser feita diz respeito ao percentual mais elevado de processos materiais e relacionais no JC. Essa elevação está ligada ao fato de esse jornal possuir editoriais quase sempre maiores que a FSP e a FPE.

Gráfico 3: Ocorrências dos tipos de processo nas revistas



Embora as revistas Veja, Época, Uma e Todateen sejam veículos midiáticos distintos quanto ao conteúdo e quanto ao público, optamos por mostrá-las agrupadas, tomando-as como contraponto ao editorial padrão veiculado nos jornais.

Os tipos de processo mostrados no gráfico 3 representam 380 sentenças para a análise da transitividade dos editoriais das revistas. A supremacia dos processos relacionais observada nos editoriais jornalísticos também se faz presente nos editoriais

das revistas. O que podemos, de antemão, antecipar em relação a esse fato é que as diferenças se sentirão na análise *in loco* dos cinco tipos de processo averiguados, ou seja, no funcionamento dos processos nas orações, correlacionados aos seus participantes, ao contexto e ao co-texto.

Observando a distribuição dos processos em *Veja* e *Época*, notamos que as similitudes de público, conteúdo e tipo de editorial têm equivalência na frequência dos processos relacionais (*Veja*, 62, *Época*, 58), materiais (*Veja*, 37; *Época*, 38), verbais (*Veja*, 10, *Época*, 13) e existenciais (*Veja*, 10, *Época*, 08). Essa equivalência apenas não se reflete nos processos mentais (*Veja*, 01, *Época*, 05).

Uma e *Todateen*, entretanto, apresentam um perfil semelhante na distribuição em percentual dos tipos de processo: relacionais (*Uma*, 44, *Todateen*, 19); materiais (*Uma*, 30, *Todateen*, 12); mentais (*Uma*, 06, *Todateen*, 06); verbais (*Uma*, 10, *Todateen*, 07); e existenciais (*Uma*, 03, *Todateen*, 01). Devemos, todavia, esclarecer que, entre as sentenças analisadas, a revista *Todateen* contribuiu com o menor número, em virtude de seus editoriais serem menores que os demais editoriais constitutivos dos dados dessa pesquisa.

Somadas as 387 orações representadas no gráfico 2, as 380 orações representadas no gráfico 3 formam o conjunto de 767 orações selecionadas com o apoio do *software Microconcord*, para analisar o papel do sistema de transitividade, em especial dos elementos processo e participantes na construção de significados na variação do gênero editorial.

Conscientes dessa variação no uso dos processos e de sua importância na construção do sentido, apresentamos uma discussão do papel dos diferentes tipos de processo nos editoriais dessa pesquisa. A apresentação dos tipos de processo tem início pelos materiais, seguindo Halliday e Matthiessen (2004). Para esses autores os processos materiais são os mais acessíveis a nossa reflexão consciente e também os que na história da Linguística têm recebido mais atenção. São os materiais os responsáveis pela tradicional distinção entre verbos transitivos e intransitivos. Em seguida, tratamos dos mentais e dos relacionais, completando, dessa forma, os tipos principais; seqüencialmente, analisamos os processos verbais e os existenciais. Em nossos dados encontramos apenas uma ocorrência do processo comportamental e, por

essa razão, esse tipo de processo constará na análise como um processo material, uma vez que possui traços em comum com os materiais, conforme assinalam Halliday e Matthiessen (2004).

2. O mundo das ações e acontecimentos: os processos materiais

As orações “... e **as filas nos consultórios** não param de crescer” e “Esses movimentos positivos na seara financeira **ganharam** velocidade na semana passada...” são descrições de processos materiais, cuja significação básica é a de que *alguém* ou *algo faz alguma coisa*. Nesse tipo de processo, o conceito de ação é subjacente. Ter uma ação presente envolve, pelo menos, um participante: o Ator, quando a oração é intransitiva, como no processo *crescer*, ou dois participantes, um Ator e uma Extensão, por exemplo, quando a oração é transitiva, como o exemplo com *ganhar*.

Orações intransitivas têm apenas um participante inerente e a ação vai desse participante para o processo, representam, pois, um *evento*. Nas orações transitivas, com dois participantes inerentes, a ação se estende ao segundo participante atingindo-o de alguma forma, tem-se, então, um *fazer*. Processos materiais são responsáveis, portanto, por planos de *ação* e *acontecimento*. São processos responsáveis por fazer ou agir, criar ou mudar, acontecer ou ser criado.

Uma gama bastante variada desse tipo de processo foi verificada nos dados, o que mostra a importância dos processos materiais para a construção das experiências de mundo tematizadas nos editoriais. Encontramos exemplo de processo material com apenas uma ocorrência, como os verbos *cantar*, *mudar* e *priorizar*, até exemplos com 23 ocorrências, número máximo encontrado, como o verbo *fazer*. Uma ilustração dessa variedade de processos materiais pode ser visualizada na seqüência a seguir: *avançar*, *avizinhar-se*, *bater*, *centrar-se*, *cuidar*, *dedicar*, *defender*, *derrotar*, *expandir*, *expor*, *exigir*, *frequentar*, *fechar*, *impor*, *lutar*, *opinar*, *operar*, *paquerar*, *perseguir*, *reduzir*, *registrar*, *seqüestrar*, *sediar*, *trabalhar*, *terminar*, *tocar*, *usufruir*, *viajar*, *vencer*.

No entanto, um total de 24 processos foi encontrado nos dados, com número de ocorrências igual ou superior a seis, conforme discriminamos na metodologia, o que nos chamou a atenção para o papel que esses processos viriam a desempenhar nos

editoriais, no que diz respeito à construção da opinião e ao seu comportamento nos diferentes editoriais analisados.

Tratando-se de um estudo na variação do gênero editorial, temos, portanto, tipos de editoriais diferentes. Os editoriais jornalísticos - FSP, JC e FPE - seguem o padrão previsto no Jornalismo; as revistas informativas - Veja e Época - apresentam editoriais, ora predominantemente opinativos, ora de apresentação, ora mistos; e as revistas femininas - Uma e Todateen - apresentam editoriais de apresentação, ou mistos, voltados para temas ditos femininos como amor, saúde, beleza, entre outros. Em virtude disso alguns processos materiais não se encontram presentes em todas as fontes, ou apresentam diferenças na configuração da oração na variação do editorial.

Passemos à investigação desse tipo de processo nos dados, observando em primeiro lugar o número de ocorrências e a distribuição dos processos nas fontes constitutivas do *corpus*. A lista de processos e respectivas ocorrências, apresentada no quadro 4, distribui-se pelas fontes, conforme consta no quadro 5:

Quadro 4 - Processos materiais por número de ocorrência

Processos	Ocorrências	Processos	Ocorrências
Fazer	23	Encontrar	8
Chegar	21	Entrar	8
Ganhar	16	Colocar	7
Receber	14	Investir	7
Crescer	12	Nascer	7
Viver	12	Assumir	6
Aumentar	11	Acabar	6
Produzir	11	Ir	6
Dar	10	Procurar	6
Tratar	10	Promover	6
Garantir	10	Sair	6
Cair	9	Trazer	4 ²²
Total	236		

²² Dada a polissemia da língua, as outras ocorrências desse verbo são processos relacionais.

Notamos que os processos *fazer* e *chegar*, com maior número de ocorrências nos dados, estão presentes nos jornais e revistas pesquisados, ao lado do processo *viver*. Têm ainda destaque os processos *ganhar*, *receber* e *garantir*, não só pelo número de ocorrências, juntos totalizam 39 orações, mas também por estarem em seis jornais e revistas dos sete pesquisados. Em equilíbrio estão os demais processos que foram verificados, ora coincidindo pela freqüência nos dados, ora pelo total de fontes que os contêm. No pólo oposto de freqüência em jornais e revistas, temos o processo *assumir*, presente apenas nos editoriais da FSP e da FPE.

Quadro 5 - Processos materiais distribuídos por fontes

Processos	Fontes						
	FSP	JC	FPE	VEJA	EPOCA	UMA	TODATEEN
Acabar	X				X	X	
Assumir	X		X				
Aumentar	X	X	X	X			
Cair		X	X		X		
Chegar	X	X	X	X	X	X	X
Colocar		X	X	X	X		
Crescer	X	X	X	X		X	
Dar		X	X	X	X	X	
Encontrar		X	X	X		X	
Entrar		X	X	X		X	
Fazer	X	X	X	X	X	X	X
Ganhar	X	X	X	X	X	X	
Garantir	X		X	X	X	X	X
Investir	X	X	X				
Ir		X	X		X	X	X
Nascer			X		X	X	
Procurar	X	X		X			
Produzir	X	X	X	X	X		
Promover		X	X		X	X	
Receber	X	X	X	X	X	X	
Sair		X		X	X	X	X
Tratar		X		X	X		
Trazer	X	X				X	
Viver	X	X	X	X	X	X	X

Trataremos em primeiro lugar dos processos que tiveram número de ocorrências significativo nos dados. São os verbos: *fazer*, *chegar*, *ganhar*, *receber*, *crescer*, *aumentar* e *produzir*²³.

FAZER

(1) Diante da herança recebida pelo atual governo, que chegou ao Planalto em meio a fortes desconfianças e a um grande movimento especulativo, era absolutamente sensato **fazer** o que foi feito. (FSP5)

(2) **Fazemos** essas reflexões a propósito do tardio reconhecimento da falência do modelo econômico batizado de Consenso de Washington... (JC11)

(3) Finalizando, deve ser uma preocupação permanente dos que **estão fazendo** aquele trabalho não recorrer à violência nem à arbitrariedade para fazer cumprir a lei. (FPE2)

(4) Nesse aspecto, o governo pode exercer um papel decisivo, coisa que até agora ainda não conseguiu **fazer**. (VE8)

(5) ... a polícia atacava operários com cassetete e helicópteros **faziam** vôos rasantes. (EP3)

(6) O batom certo, uma pele bem cuidada, um bom creme para o rosto **fazem** milagres, pode apostar! (UM3)

(7) É por isso que a gente **faz** a Todateen. (TT5)

Encontrado em todas as fontes, *fazer* tem no *Houaiss Dicionário de Língua Portuguesa* (2001), enquanto verbo transitivo, as acepções de *criar*, *produzir*, *realizar*, *causar*, *obrigar*, *preparar*, *obter*, *atingir*, *haver (tempo decorrido)*, *percorrer* e *estar (indicando temperatura)*. Nos nossos dados, encontramos a grande maioria das ocorrências desse processo com a acepção de *realizar*.

O exemplo (1), extraído do editorial *Matar e esquartejar*, é um momento em que o autor faz uma defesa do governo para, em seguida, retomar seu plano discursivo de críticas à economia brasileira. Tem como Ator “as autoridades governamentais”, que não está presente na oração, é uma informação anunciada no início do texto no fragmento “Autoridades governamentais têm sido pródigas em criar imagens para ilustrar as questões econômicas que afligem o país” e diluída no seu desenvolvimento,

²³ Os exemplos serão numerados continuamente neste capítulo.

o que se configura uma peculiaridade em relação aos outros exemplos até então apresentados. Ressalvamos esse fato, que não é uma exclusividade do verbo *fazer*, e o descrevemos porque queremos enfatizar a complexidade da análise da língua quando verdadeiramente analisada em situações interativas, algo muito diferente quando lidamos com exemplos pré-fabricados para análise.

A oração (2) “**Fazemos** essas reflexões a propósito do tardio reconhecimento da falência do modelo econômico batizado de Consenso de Washington...” é um dos casos em que o autor emprega a primeira pessoa de plural buscando aproximar-se do leitor; querendo dizer que são reflexões necessárias e pertinentes. É uma forma de, antecipadamente, conquistar a adesão para as críticas posteriores.

Já (3) e (4) localizam-se no argumento final dos editoriais a que pertencem; e nos deparamos, no primeiro caso, com a presença de um processo material inserido em uma situação de aconselhamento, ou até mesmo de ordem, no qual o endereçado também não é o público em geral, mas um certo setor da sociedade, os que “*estão fazendo aquele trabalho*”. No segundo caso, com o tom de constatação de uma realidade e, ao mesmo tempo, de veredicto final, a opinião certa e definitiva.

Na oração “helicópteros **faziam** vôos rasantes”, em (5), temos uma ação complementando um quadro narrativo a respeito da postura do Presidente Lula, na comemoração de um 1º de maio em ambiente hostil, antecipando o 1º de maio de 2003, em que ele comemorara esse dia como presidente e chefe da segurança nacional. Esse quadro vai compor o painel geral de defesa de Lula, como um homem moderado, traçado e defendido em *Época* nesse editorial opinativo.

Nas revistas femininas, embora *fazer* mantenha a mesma acepção dos outros exemplos, notamos diferenças em relação ao que tematizam e aos seus participantes. Não se trata de economia ou política, tampouco são participantes o governo, o mercado ou outros dessa natureza. Em virtude de seu público e de seu objetivo, outros participantes - creme, batom - exemplo (6) - e a própria revista, exemplo (7) - e uma outra configuração oracional entram em cena para seduzir a mulher, adulta ou adolescente.

CHEGAR

(8) Diante da herança recebida pelo atual governo, que **chegou** ao Planalto em meio a fortes desconfianças e a um grande movimento especulativo, era absolutamente sensato fazer o que foi feito. (FSP5)

(9) Além disso, **chegou** a 5,13% a inflação medida pelo IBGE... (JC4)

(10) Quando o Fome Zero **chega** a um determinado município... (FPE4)

(11) ... para que os países ricos e emergentes **cheguem** a um acordo em Cancún. (VE12)

(12) Uma quarta capa, mais genérica, **chegar**á aos demais Estados. (EP12)

(13) Primavera **chegando**, visual novo! (UM5)

(14) Quando **cheguei** em casa, mal pude esperar para encontrá-lo de novo. (TT6)

Os excertos de (8) a (11) têm eixos temáticos semelhantes, política e economia; seus participantes, portanto, também pertencem a esse universo: *o atual governo, a inflação, o Fome Zero, países ricos e emergentes* são SN genéricos que protagonizam a ação de *chegar*. Em (8), (10), (12) e (14) *chegar* quer dizer atingir um lugar; em (9), (11) e (13), atingir um momento. Com *chegar a um lugar* temos um movimento físico, um deslocamento no espaço; com *chegar a um momento* o deslocamento é virtual. Com isso queremos mostrar que um verbo forma diferentes orações dentro de um mesmo campo semântico, não só pela sua significação, mas também pela relação que estabelece com seus participantes diretamente envolvidos ou não. Disso o escritor se apropria para externar o seu modo de ver o mundo das suas experiências, como é o caso dos exemplos ora comentados.

Em (12), (13) e (14) temos orações das revistas *Época*, *Uma* e *Todateen*, cujos editoriais adotam a si mesmas como conteúdo, daí notarmos de antemão a não coincidência de participantes, comparando-as com os exemplos de (8) a (11). *Época* refere-se ao fato de essa edição *chegar* às bancas com quatro capas diferentes; *Uma* traz o verbo *chegar* na última frase do editorial, é a conclusão do argumento anterior que incentiva leitoras a comprar, respaldada pela chegada da primavera. Nesse

editorial de Todateen²⁴, a intergenericidade se faz presente e temos uma carta, na qual a revista “dá voz” a uma leitora, daí o uso inusitado, num editorial, da primeira pessoa do singular em (14), realizando uma ação, algo também pouco comum nesse gênero.

GANHAR

(15) Esses movimentos positivos na seara financeira **ganharam** velocidade na semana passada. (FSP2)

(16) Em 1991, o Estado, nordestino, perdeu mais de 800 habitantes; em 2000, **ganhou** mais de 6 mil. (JC12)

(17) ...os compradores brasileiros **ganharam** condições para conquistar fatias na concorrência pelo mercado interno... (FPE11)

(18) Diogo começou a escrever em VEJA em 1991, e só em 1999 **ganhou** um espaço próprio. (VE6)

(19) Só em 2002, Eliane **ganhou** três troféus de primeira linha... (EP1)

(20) Em outubro na nossa edição de aniversário, você **irá ganhar** o presente mais esperado do ano. (UM6)

Os exemplos (15), (16) e (17), dos jornais, FSP, JC e FPE, têm emprego semelhante quanto à significação, quanto aos participantes e quanto ao tema de que tratam, economia brasileira; algo não muito claro no exemplo do JC, mas constatado pela observação do editorial em sua totalidade. Os exemplos (16) e (17) do JC e da FPE, respectivamente, fazem parte do parágrafo conclusivo, arrematando a opinião veiculada, ao contrário da FSP que traz a oração (15) como parte da introdução do editorial.

As revistas Veja e Época, quando trazem editoriais opinativos, guardam com os editoriais jornalísticos muitas semelhanças na configuração dos processos materiais. Não é o que acontece agora, pois se trata de exemplos recolhidos, em ambas as revistas, de editoriais de apresentação. Veja está falando do colunista Diogo Mainardi, e Época de jornalistas premiados de sua equipe. Diogo é então o Ator de *ganhar*, em (18), em trecho que trata de sua trajetória na revista; e Eliane é o Ator de (19). Notemos

²⁴ Confira no Anexo 7, o TT6.

que os *atores* são individualizados, e não sintagmas genéricos, algo permitido, com certeza, pelo tipo de assunto abordado.

Em (20), temos mais uma vez o diálogo direto com a leitora da revista Uma, marcado pelo “você”, expediente do qual essa revista muito se utiliza, definindo-se como um presente para a mulher que a lê. Como é a edição de setembro antecipando o novo formato que circulará a partir de outubro, temos o verbo *ganhar* no futuro, realizando uma promessa; temos, portanto, um ato de fala, e ao mesmo tempo, um convite que induz a leitora a continuar comprando a revista. É importante destacar o papel da circunstância “Em outubro na nossa edição de aniversário”, pois o aniversário é de Uma, mas quem *ganha* o presente é a leitora; mais sedutor, parece-nos quase impossível.

RECEBER

(21) Ainda muito jovem, quando **recebeu**, em 1925, o encargo de conduzir um jornal (...) Roberto Marinho... (FSP10)

(22) O Se Liga Pernambuco, por exemplo, **recebe** recursos do Instituto Ayrton Senna, entre outros. (JC1)

(23) O primeiro deles **recebeu** em 2002 R\$ 22,4 bilhões, reprogramados para 2003, para R\$ 23 bilhões e, agora, previstos cerca de 29 bilhões para 2004. Por sua vez, a Educação (...) **receberia**, em 2004, R\$ 7,8 bilhões... (FPE12)

(24) O assinante, aquele que **recebe** a edição em casa todas as semanas... (VE8)

(25) Outras ocasiões, Minas Gerais e Bahia **receberam** capas diferentes do restante. (EP12)

(26) Os desfiles de julho terminam e as lojas já começaram a **receber** as coleções de primavera-verão. (UM5)

De significação equivalente nos exemplos acima apresentados, o que podemos observar é que os autores poderiam ter optado por representar essa experiência, a de ser beneficiário de alguma coisa, através de outros processos, tais como *dar* ou *entregar* que geraria outros sentidos. Mas a escolha de *receber* - e escolhas são sempre significativas na LSF - sem dúvida, deixa clara a intenção de acentuar as vantagens proporcionadas por um benfeitor, não expresso na superfície lingüística, aos

seus participantes: *Roberto Marinho* (21), *Se Liga Pernambuco* (22), *O primeiro deles*, que é o Ministério da Saúde (23), *a Educação* (23), *o assinante* (24), *Minas Gerais e Bahia* (25), e *as lojas* (26). Ainda que tratem de conteúdos diferentes, a idéia central que perpassa todas, e com certeza útil a cada linha de argumentação que vem sendo desenvolvida em cada editorial, é a de privilégio concedido, desde os milhões para os ministérios, oração (23), às coleções que chegam às lojas, oração (26).

CRESCER

(27) ...o estoque da dívida pública **crece** para R\$ 877,1 bilhões. (FSP11)

(28) Certamente um feito, pois a reforma estava empacada há anos, a inflação **crece** e os juros idem. (JC11)

(29) ... os gastos governamentais **creceram** sempre acima da variação do PIB. (VE11)

(30) ... o PIB **crece** 2% neste início de ano. (FPE5)

(31) ... e as filas nos consultórios não param de **crecer**. (UM4)

De (27) a (30), predomina o cenário econômico, crescem “*o estoque da dívida pública, a inflação, os gastos governamentais e o PIB*”. Tais informações são acrescidas por números percentuais, mesmo quando dito de forma indireta como em (29), através da circunstância: “*acima da variação do PIB*”. Pudemos perceber que percentuais são sempre recursos eficazes, em especial nos editoriais que têm como tema a economia, e os editorialistas os utilizam para corroborar seus argumentos. É a busca de apoio em dados oficiais para tornar mais fortes seus pontos de vista. Se os participantes de *crecer* fossem outros, como no caso de (31), os números não se fariam necessários. Disso fica patente que a transitividade é mesmo uma propriedade de toda a sentença; e que toda oração esboça, pois, uma significação particular dependendo do lugar que ocupa em um texto.

AUMENTAR

(32) Apesar do protecionismo da União Européia e dos Estados Unidos à agricultura deles, pesadamente subsidiada, o Brasil tem conseguido **aumentar** o volume e o valor de suas exportações nesse setor... (JC9)

(33) Essa mudança **vem aumentando** há três anos. (FPE11)

(34) ... o número de invasões **aumenta** cada vez mais. (VE7)

Em (32), o processo material *aumentar* figura na oração que se contrapõe a um fato negativo para a agricultura brasileira representando um fator positivo para o Brasil. É uma valoração inicial a esse campo da economia brasileira feita pelo autor para, em seguida, apontar o que considera um grande problema no Brasil, as invasões do MST. A oração faz parte da introdução do editorial e não representa a tese a ser defendida.

Em (33), a oração faz parte de um argumento completamente favorável à economia brasileira, e isso parece estar sinalizado no tempo no qual o verbo se encontra, o presente contínuo, constante também em (32). Temos, portanto, para o mesmo processo sentidos diferentes: em (32) há uma valoração a nossa economia, mas que não pertence à tese defendida, o oposto de (33) que é confirmadora da boa fase vivenciada por esse setor no período em que o editorial foi escrito.

O editorial *Veja* trata de reforma agrária de forma depreciativa e (34) acrescenta mais um argumento negativo ao que vem defendendo: as desordens promovidas pelo MST. O fecho de seu texto não podia ser outro: apontar o *Movimento* como um dos grandes desafios para o atual governo.

PRODUZIR

(35) ...mas quem **produz** e abre postos de trabalho é o empresário. (JC10)

(36) Nem todo processo de troca **produz** vencedores e perdedores. (VE12)

(37) George W. Bush (...) acusava aquele país de possuir um arsenal de armas químicas capaz de **produzir** milhares de vítimas se acionadas. (FPE9)

(38) A sociedade não quer debates acalorados que **produzem** e esticam conflitos. (EP9)

Em (35) e (36), os fragmentos referem-se mais uma vez à economia, onde era de se esperar que um processo como *produzir* fizesse parte, dada a sua semântica, e isso é comprovado, pois os participantes que o acompanham, nos dois exemplos, pertencem ao campo lexical da produção econômica: *trabalho, empresário, troca, vencedores, perdedores*. São nomes concretos, como concretos são os problemas expostos: *desemprego e abertura do comércio*.

Entretanto, um processo pode adequar-se a diversos contextos; (37) e (38) pertencem a editoriais que tratam de política e buscam no verbo *produzir* reforço para expor suas idéias. Em (37), o participante Meta de *produzir*, “milhares de vítimas” é um resultado que ninguém quer ver se concretizar, exceto governantes mal-intencionados. Nesse exemplo, *produzir* é o verbo perfeito para sugerir o grau de malefício dessa ação, se realmente efetivada. Já em (38), o autor enfoca a sociedade como ansiosa por paz e tranqüilidade; para tanto usa a combinação de processos *querer e produzir*.

Tendo tratado dos processos materiais com maior número de ocorrências, prosseguimos a discussão dos resultados iniciando com o processo *viver* porque este foi encontrado nos exemplares de todos os jornais e revistas analisados. Apresentamos seis orações para demonstrar como esse verbo de significação tão pertinente ao universo experiencial de todos nós é utilizado diferentemente nos editoriais. Dessas, três foram escolhidas para comprovar essa diversidade.

VIVER

(39) Só que **vivemos** muito longe desse mundo. (FSP12)

(40) Seus dirigentes dizem que poderiam explicar aos técnicos do Ministério que as prefeituras do Estado, em sua maioria, **vivem** uma crise financeira permanente. (JC1)

(41) Brasileiros e seus filhos que viajam ou vão estudar no exterior, principalmente nos Estados Unidos, **vivem** em estado de apreensão permanente... (FPE9)

(42) Enquanto transcorria a entrevista, a vida no andar do presidente **vivia** o burburinho típico do núcleo do governo. (VE10)

(43) Quem tem entre 35 e 45 anos, por exemplo, ainda conseguiu **viver** uma infância com brincadeiras na rua e sem medo de estranhos. (EP5)

(44) ... os amigos não **vivem** sem elas e lá estão lindas, leves e muito bem acompanhadas... (UM3)

(45) Quem ainda não **viveu**, mal pode esperar para curtir a emoção! Estamos falando das delícias do primeiro namoro... (TT1)

Temos nesses exemplos várias possibilidades de utilização para *viver*, comprovando que uma análise da língua em funcionamento *flagra* situações de uso talvez nunca imaginadas: em (39), esse processo encontra-se em uma oração que encerra o editorial, é palavra final do editorialista, o último argumento utilizado, arrematando sua opinião sobre as mudanças no provão e instando o público a acatar seu ponto de vista, fato corroborado pela presença da primeira pessoa do plural, que sugere um envolvimento com o leitor. Em (40), *viver* pertence a uma oração que descreve a situação financeira de uma dada entidade, um exemplo prototípico dos processos materiais; e em (45), *viver* pertence a uma oração exclamativa usada exortativamente com vistas a cativar a atenção das jovens leitoras.

A partir dos resultados já comentados, podemos afirmar que, embora aparentemente se possa pensar que é repetitiva uma análise dessa natureza, os dados mostram exatamente o contrário. Considerando que a transitividade não diz respeito apenas aos verbos, mas perpassa toda a oração conforme abordagem da LSF, e, muitas vezes, se estende além desta - como podemos comprovar quando realizamos análise de língua em uso - podemos observar que, mesmo havendo semelhanças estruturais (várias orações preenchem o esquema *Ator + Processo + Meta*) a significação da oração é dada pela relação processo / participantes / circunstâncias, e ainda depende do contexto em que é empregada.

Vejamos alguns casos ilustrativos dessa riqueza de possibilidades significativas através dos processos: *encontrar*, *ir*, *investir*, *nascer*, *promover*, *sair* e *trazer*, seguidos dos respectivos comentários:

ENCONTRAR

(46) Eles **encontraram** um presidente à vontade no cargo e com posições seguras... (VE10)

(47) A esse argumento de conteúdo social, caberia às autoridades **encontrar** uma fórmula, que sabemos ser difícil para minorar os prejuízos sofridos. (FPE2)

O exemplo (46) é uma oração transitiva prototípica, com um participante Ator - *eles* - responsável por executar a ação, e um participante Meta - *um presidente*, além das circunstâncias. Essa oração - que pertence a um editorial de apresentação - compõe um quadro descritivo da exposição que vem sendo feita para tratar da primeira entrevista do Presidente Lula à revista *Veja*. Em (47), encontramos uma oração material dentro de uma oração modalizada, sugerindo uma ação por parte das autoridades no sentido de resolver questões sociais. É um papel completamente diferente da oração anterior e, dessa forma, vamos trazendo à baila as funções que esse tipo de processo pode cumprir na elaboração do gênero editorial. Nesses exemplos, temos esse processo usado para indicar uma ação, como é próprio dos processos materiais. Em outros momentos, esse processo é relacional sendo usado para classificar uma entidade.

IR

(48) Posteriormente em 1º de maio de 1980, cerca de 100 mil pessoas **foram** às ruas expressar apoio ao líder sindical Luís Inácio Lula da Silva... (FPE3)

(49) ... e você vai poder curtir tudo o que tem direito... sair com as amigas, **ir** ao cinema, viajar, paquerar... (TT4)

O exemplo (48) localiza-se em um editorial opinativo e (49) em um editorial de apresentação; por isso é patente a diferença em relação aos participantes, o que vai implicar uma significação diferente para essas orações. Em (48), a ação expressa um fato temporal - vejamos a data na circunstância de tempo que inicia a oração - e encontra-se intermediando um momento antes relatado e um momento posterior a ser mencionado que juntos compõem o principal fio argumentativo do texto. Em (49), o tom de persuasão se manifesta na seqüência de ações - *curtir tudo, sair com as amigas, viajar, paquerar* - as quais, como afirma o autor, podem ser realizadas pela leitora em seu período de férias. Há um envolvimento direto com a leitora através da marcação clara do agenciamento da ação, no caso a própria leitora, através do pronome pessoal *você*.

INVESTIR

(50) ... que seu exemplo de trabalho devotado inspire nossa determinação de enfrentar obstáculos e **investir** no progresso do Brasil. (FSP10)

(51) ...o Governo Federal pretende canalizar cerca de 24,9 bilhões de suas empresas estatais para **investir** no País, reforçando suas preocupações com a área social. (FPE12)

Nesses casos, a significação do verbo é a mesma, aplicar esforços, o diferencial das orações se dará pelo plano discursivo que elas criam na relação dos processos com seus participantes: em (50), a oração faz parte de um editorial sobre Roberto Marinho, publicado logo após sua morte, cujo objetivo é realçar as virtudes desse homem, em especial o seu papel na imprensa brasileira. É mais um caso de um processo material usado dentro do argumento final do editorialista, e novamente ele procura envolver o leitor através do pronome possessivo de primeira pessoa do plural. Notemos que aqui *investir* não diz respeito a dinheiro, como em (51); o investimento é de esforços, pode até ser pessoal e em algo de certa forma abstrato como “o progresso do Brasil”. Em (51), a relação processo e participantes revela uma outra realidade, a do investimento financeiro, e o enquadramento dessa oração não é o de fechamento do texto, mas o de apresentação de dados como subsídio argumentativo para a tese que vem sendo defendida: a de que o governo apresenta um orçamento realista. Mesmo os dois processos estando em editoriais jornalísticos, percebemos usos diferenciados de *investir*, adequados aos interesses do editorial e do tema abordado.

NASCER

(52) UMA **nasceu** para ser o espelho da mulher contemporânea. (UM6)

(53) Por circunstâncias conhecidas, a Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva **nasceu** predestinada a produzir eventos históricos. (EP3)

Temos nesses exemplos *nascer* significando *surgir* nos dois casos; na revista feminina, o Ator é a própria revista, se definido para as mulheres como um reflexo destas, postulando um nível de igualdade que lhe garantirá um lugar especial na vida dessas mulheres, traduzida na compra da revista a cada mês. Essa oração é a

seqüência de uma anterior - *Uma nova revista com a mesma credibilidade conquistada ao longo desses três anos* - em que a editorialista a apresenta com um novo formato. Tudo em função dessa mulher contemporânea, que é inteligente, independente, questionadora, conquistadora, para quem essa revista *nasceu*, conforme ela mesma declara em (52). O editorial da *Época* traz em (53) um outro nascimento, o da presidência de Lula, na abertura do editorial, um pré-anúncio da tese que vai ser exposta: a de um presidente que tem a moderação como arma para um mandato vitorioso. Esse editorial de *Época* é predominantemente opinativo e nele o processo *nascer* marca não só o surgimento de uma presidência que produzirá fatos históricos, mas também o *nascimento* de toda a argumentação.

PROMOVER

(54) O Banco Central teve sensibilidade para combater a desaceleração da economia e **promoveu**, dias atrás, um agressivo corte de juros. (EP11)

(55) Já que os homens são de Vênus desde os primórdios bíblicos a sociedade tenta **promover** o encontro entre esses dois seres tão incompreendidos entre si. (UM1)

Em mais um exemplar de editorial opinativo, o editorialista de *Época* discorre sobre a política monetária do Banco Central e *promover* aparece como uma das medidas tomadas para desacelerar a economia. Em *Uma*, *promover* é usado para fazer a união *entre esses dois seres tão incompreendidos*, homem e mulher. A configuração da transitividade dessas orações é semanticamente distinta em função do assunto e dos objetivos a serem alcançados.

SAIR

(56) ... e você vai poder curtir tudo o que tem direito... **sair** com as amigas, ir ao cinema, viajar... (TT4)

(57) O presidente Lula disse clara e objetivamente em todos os pronunciamentos de campanha que o Brasil só **sairia** da situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos e até chegou a um número fascinante: 10 milhões. (JC8)

Enfatizando as vantagens de se estar em férias, em (56) a ação de *sair* - realçada pela circunstância de acompanhamento -, *com as amigas*, é posta às leitoras como uma das possibilidades de lazer a ser desfrutada. É um dos recursos argumentativos que a equipe editorial põe em foco para atrair a atenção e preparar o terreno para as delícias da edição de Todateen mostradas em seguida: *ir ao cinema, viajar, paquerar e principalmente se apaixonar*. Do terreno do prazer para o das dificuldades, no editorial de número oito do JC, que trata do problema do primeiro emprego no Brasil, *sair* revela, em (57), uma vivência de problemas e desafios a serem enfrentados pelo país. Faz parte de falas do presidente Lula durante sua campanha, citada pelo editorialista para realçar a vontade do governo de superar esse problema e prepara o seu veredicto final: o de que é preciso mais do que boa vontade e “gestos nobres” para resolver essa questão. O diálogo se dá entre jornal e governo e o término do editorial traz um conselho, uma proposta de como o governo deve agir em relação ao problema discutido.

TRAZER

(58) Esse modelo, centrado na obediência religiosa às normas do FMI (...) **trouxe** crises ao México, ao Brasil, à Argentina, para ficarmos apenas nos maiores países da região. (JC11)

(59) O mundo moderno também **trouxe** agências de casamento que ficaram milionárias tentando minimizar a solidão de homens e mulheres. UM1

Trazer é outro processo do qual os editoriais fazem uso de forma dessemelhante: em (58), extraído do JC, desvela um cenário crítico para a economia dos países mencionados. Em (59), o cenário é o surgimento de um empreendimento da contemporaneidade, as agências de casamento. Prestando-se a construir experiências de mundo diferentes, *trazer* materializa modos de perceber essas experiências, complementadas pelos SNs que ocupam as funções de Ator e Meta, contribuindo para a realidade que se quer apresentar ao público.

Dando continuidade à análise dos processos materiais selecionados nas fontes de pesquisa, exemplificamos os processos *dar* e *tratar* que tiveram ocorrência significativa nos dados.

DAR

(60) Agora realizado o 1º. Congresso Internacional de Propriedade Intelectual em São Paulo, o Brasil **deu** um passo à frente sobre o uso do produto intelectual. (FPE1)

(61) O episódio da fuga de Menem da derrota inevitável contrasta fortemente com o Brasil atual, que **deu** um exemplo impecável de alternância de poder em 2002. (VE4)

Vemos nesses exemplos um uso bastante semelhante do verbo *dar* por parte do jornal e da revista que o utilizam, inclusive o Ator é o mesmo nas duas orações: o *Brasil*. Em ambos se dá uma valorização desse participante, possibilitada pela escolha do verbo *dar*, que enfatiza esse papel, ao contrário do que acontece com o verbo *receber*. Em (60), a argumentação positiva favorece o Brasil e critica a Argentina; em (61), enaltece a posição do Brasil na defesa da propriedade intelectual. Não podemos, porém, deixar de observar que esses significados se codificam nas orações em sua totalidade e ainda na relação destas com o contexto nos respectivos editoriais.

TRATAR

(62) Entre as medidas previstas para viabilizar o referido Sistema – inspirado talvez no Sistema Único de Saúde, SUS - está: o anunciado esforço do Ministério para acelerar no Congresso os projetos que **tratam** de segurança pública. (JC2)

(63) O trabalho de Mendonça, publicado em outra revista, antes de sua vinda para ÉPOCA, **trata** das desigualdades que marcam a paisagem social brasileira. (EP1)

Esse processo encontrado nos dados em maior ocorrência como relacional, também se realiza como material, significando *ter por tema, ocupar-se* conforme exemplos acima. Uma diferença de superfície que marca esse processo como material é a ausência do pronome reflexivo *se*, presente na forma relacional. Inserida no editorial *O que fazer com o bandido?*, o qual trata de segurança pública, (62) apresenta-se como uma medida positiva para melhorar esse problema no Brasil. Mas é apenas um momento, porque a linha argumentativa que predomina é a de defesa da incapacidade do governo de lidar com essa questão. (63) pertence a um editorial de apresentação e se insere em um quadro de acontecimentos favoráveis, já que esse tipo de editorial

comenta positivamente a revista. Mais especificamente nesse fragmento, o comprometimento do repórter da revista *Época*, com causas sociais, é enfatizado.

Apresentamos a seguir alguns processos, como *garantir*, *entrar* e *acabar*, com menor número de ocorrência nos dados, com o intuito de oferecer uma amostra do comportamento desses processos materiais nos nossos editoriais. Serão oferecidos dois exemplos de cada um desses processos.

GARANTIR

(64) Em junho de 1995, FHC tinha para exibir a relativa novidade da estabilização da moeda e um crescimento econômico que **garantiu** aos mais pobres acesso a inéditos itens de conforto. (FSP7)

(65) O prazer entre elas é **garantir** o espaço para que todas se expressem e mostrem o que têm... (UM2)

ENTRAR

(66) O BNDES, que já atende às ferrovias, **entrará** com mais financiamento. (JC5)

(67) Essa quantidade de cartas fez com que sua coluna **entrasse** pela segunda vez na lista das matérias mais comentadas da história de VEJA. (VE6)

ACABAR

(68) Ainda é cedo para afirmar que a lua-de-mel de Lula com o eleitorado **acabou**. (EP4)

(69) ...não falam dos aparelhos made-in-algum lugar que prometem **acabar** com a celulite... (UM2)

Em relação ao processo *garantir*, podemos destacar que a *garantia* assegurada pelo verbo correspondente diz respeito a fatos completamente diferenciados nesses dois exemplos. A oração da FSP, situada em contexto político, trata de benefícios à população de baixa renda, proporcionados pelo crescimento econômico. Na oração de Uma, o universo feminino prepondera e o processo relaciona-se com participantes desse mundo. (64) e (65) ilustram, portanto, a diversidade de uso que um mesmo processo pode ter.

Entrar apresenta diferenças consideráveis nos seus participantes, em virtude do tipo de editorial - opinativo no JC e de apresentação em Veja - e do conteúdo abordado - economia no JC e a própria revista em Veja. Dessa forma, os participantes “BNDES” e “financiamento” compõem o sentido de *entrar* em (66); e “coluna” e “na lista das matérias mais comentadas da história de VEJA” na oração (67).

Uma diferença pode ser assinalada em relação ao processo *acabar*; em (68), em editorial opinativo relativo à política, temos “a lua-de-mel de Lula com o eleitorado” como Ator. Em (69), com temática do mundo da mulher, são “os aparelhos made-in-algum lugar” os responsáveis pela ação e Ator desse processo.

Finalizando, temos, no pólo oposto de ocorrências, o processo *assumir*, presente apenas nos editoriais da FSP e da FPE. Esse processo aparece, em todas as orações em que ocorre, materializando a sua significação básica: *tomar para si* e, nos casos analisados, sempre se referindo à responsabilidade de alguma coisa, como podemos ver abaixo:

ASSUMIR

(70) Despertava ali a vocação que se materializaria aos 26 anos de idade, quando **assumiu** o cargo de Diretor-Redator-Chefe de O Globo. Antes, em 1925, com a morte do pai Irineu Marinho, recusou-se a **assumir** a direção do jornal... (FPE10)

(71) Em 30 de julho último, na sua primeira coletiva, o presidente norte-americano **assumiu** a responsabilidade sobre o fato de que o Iraque tentou comprar urânio na África para desenvolver um programa nuclear... (FPE9)

(72) Cabe ao Congresso **assumir** o ônus da decisão de impor os limites à circulação de armas... (FSP9)

Em seu contexto imediato de uso, as orações com esse processo complementam um quadro de experiência que apresenta ações, exemplos (70) e (71), visando à criação de uma narrativa que subsidia a argumentação que vem sendo desenvolvida. Exceção para o exemplo (72) que ocorre em uma seqüência imperativa, na conclusão do editorial, e na qual o autor, voz institucional, se reserva o direito de dizer a quem de direito cabem certas responsabilidades, no caso o Congresso

Nacional. Nesse caso, o editorial não se dirige ao público em geral, antes dialoga com o Estado, conforme nos previne Marques de Melo (2003).

É esse painel de processos materiais, ora apresentados e analisados, que compõem os editoriais. Representa 31 % dos processos simples analisados, de um conjunto de 767 orações. São em números absolutos 236 orações materiais investigadas. Coincidentemente, utilizamos 31 % desse conjunto de 236 orações para exemplificação de nossa análise, através dos quais pudemos mostrar: o alto índice de sentenças transitivas em oposição às intransitivas; o papel significativo de cada verbo em função do contexto; e as diferenças proporcionadas pelo tipo de editorial e pelo assunto.

Quanto ao predomínio das sentenças transitivas, podemos entender que a visão de mundo, a ser retratada nos editoriais, localiza-se na transição de uma força, no *agir / fazer de alguém* sobre um *objeto* ou um *fato*; é uma descrição de impactos que se expressa na língua pelas orações transitivas. Em virtude disso, orações que representam acontecimentos como as intransitivas têm baixa ocorrência nos dados.

No que diz respeito ao contexto mais imediato em que a oração se insere, observamos que isso provoca efeitos de sentido diferentes: vejamos, por exemplo, as orações com o processo *viver* “*Só que **vivemos** muito longe desse mundo*” e “*Seus dirigentes dizem que poderiam explicar aos técnicos do Ministério que as prefeituras do Estado, em sua maioria, **vivem** uma crise financeira permanente*”. Não é que haja uma alteração de significado, há sim uma outra perspectiva significativa no que é veiculado por esses processos em função da teia argumentativa que vem sendo desenvolvida, o que faz da análise do sistema de transitividade em gêneros, como o editorial, uma atividade dinâmica e de crucial importância para a compreensão da gramática da língua como uma ferramenta criadora de sentidos. Até o uso de um processo na primeira pessoa do plural tem outra razão de ser, pois quando os editorialistas dos jornais usam o *nós*, seu objetivo é envolver o leitor e não expressar uma ação realizada por mais de um indivíduo.

Queremos, por fim, destacar que editoriais diferentes e com conteúdos diversificados geram utilizações outras para um mesmo processo: foi nos editoriais jornalísticos da FSP, JC e FPE que mais encontramos regularidades em relação aos

significados veiculados, aos mesmos tipos de conteúdo e participantes, vez que esses veículos da mídia têm o mesmo objetivo para os seus editoriais e tratam, muitas vezes, de temas semelhantes sempre relacionados à esfera pública. Já nas revistas semanais de informação, *Veja* e *Época*, a presença do editorial de apresentação faz com que essas revistas se tornem auto-referenciais, o que acarreta uma diferença nos significados expressos pelos processos e pelos participantes em relação aos jornais e às revistas femininas. Em *Uma* e *Todateen*, a mudança é mais evidente porque mais diversos são seus conteúdos e seus objetivos em relação aos outros editoriais investigados; assim, conteúdos e participantes dizem respeito a assuntos da esfera privada da mulher, e os participantes são, por vezes, individualizados no pronome “você”, por exemplo, ou a mulher se torna autora de ações no texto através do pronome “nós”.

3 Sentir, perceber, compreender: os processos mentais

Processos mentais lidam com a apreciação humana do mundo e pela sua análise é possível identificar que crenças, valores e desejos estão representados nos editoriais (cf. HEBERLE, 1997). Expressam as experiências do *sentir*, como a percepção (*ver, ouvir, perceber*), a cognição (*pensar, saber, compreender*) e a afeição (*gostar, adorar, amar, odiar*). Verbos que denotam essas significações têm como participantes um Experienciador, ser consciente que *sente* um Fenômeno, participante que designa o que *é sentido*. São exemplos de orações com processos mentais: “Brasília nem **imagina** as limitações da maioria dos municípios espalhados por todo território nacional” e “a sociedade não **quer** debates acalorados que produzem e esticam conflitos”. Nesses exemplos “Brasília” e “A sociedade” são os Experienciadores; e os participantes sublinhados, os Fenômenos. Esse tipo de oração, por conseguinte, só se realiza transitivamente.

Com número de ocorrência igual ou superior a seis, encontramos os seguintes processos mentais: *querer, considerar, imaginar* e *pretender*. *Querer* é o mais usado com 19 ocorrências e presente em seis dos sete jornais e revistas pesquisadas. *Pretender* é o segundo mais usado, com sete ocorrências; *considerar* e *imaginar* têm

seis ocorrências cada. *Pretender* está presente em quatro fontes; *imaginar*, em três e *considerar* em apenas duas. Juntos fornecem um total de 38 sentenças, o que representa 5 % das orações simples analisadas.

Mas não são as únicas orações mentais encontradas nos dados, o verbo *achar*, por exemplo, com cinco utilizações, não figurando na análise por estar abaixo do número estabelecido. Outros processos mentais existem comprovando que, nos editoriais, também há um lugar para esses processos. É um percentual baixo, que, todavia, resolvemos não deixar de fora da análise, por representar a diversidade de tipos de processo usados nos editoriais e também porque, ao contrário do que se poderia imaginar, se encontram, tanto nos editoriais das revistas femininas quanto nos demais editoriais. Vamos aos casos, apresentando-os pelo número de ocorrências:

QUERER

(73) Premidos pelo elevado desemprego, governos europeus **querem a redução dos juros**. (FSP6)

(74) Eles (MST e movimentos similares) já provaram que não **querem reforma agrária, e sim eliminação da propriedade privada e volta a uma agricultura de subsistência...** (JC9)

(75) Em 2006, por exemplo, **quer** (O governo federal) atrair milhões de turistas estrangeiros. (FPE7)

(76) A sociedade não **quer debates acalorados que produzem e esticam conflitos**. **Quer** soluções - e rápido. (EP9)

(77) Como sempre é possível ajudar a natureza, para quem **quer** emagrecer e não consegue. (UM3)

(78) Não **queremos** muito, não. **Queremos** ser amadas. (UM3)

(79) **Quer** provar um pouquinho? (TT4)

Uma primeira observação que podemos apontar em relação ao verbo *querer* é que de (73) a (77), o Experienciador, isto é, o participante consciente não é aquele que escreve o texto, tampouco é o leitor a quem o texto se destina. Há um *sentir* sempre atribuído a uma entidade que faz parte do que vem sendo exposto, o que postula uma forma diferente de uso desse tipo de processo, em especial, na forma como é usado na

conversa o espontânea, por exemplo. Nas conversac es, os processos mentais se prestam a construir o mundo da consciência do falante, num nível individual (cf. HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004), como por exemplo, na ora o “Eu odeio maracujá cada vez mais”, o que configura um uso diferente em rela o ao observado nos editoriais.

Observamos que na seq ncia de (73) a (76) os Experienciadores são SNs que ilustram uma coletividade humana e, portanto, consciente, como “governos europeus”, em (73) e “A sociedade”, em (76). O processo mental aqui se revela, pois, como uma escolha no sistema paradigmático da língua para expor vontades dos participantes envolvidos, fazendo parte, por conseguinte, da cadeia argumentativa dos editoriais. Em rela o ao P2 Fenômeno, sublinhados nos exemplos, participante que expressa o que   *sentido* pelo Experienciador, representam entidades em (73), (74) e (76); e fato em (75). Juntos compõem a ora o, proporcionando a significa o desejada.

Em (78) e (79), exemplos de Uma e Todateen, respectivamente, *querer* já representa uma outra experiência. Em (78), o envolvimento autor / leitor   a expressão do que a revista julga ser um desejo de todas as mulheres: sentir-se amada.   um uso generalizante, de maneira a enfatizar que a editoria da revista também quer o mesmo que suas leitoras, tornando revista e mulheres parceiras em seus objetivos. Em (79), *querer* vem em forma de convite   jovem leitora para as férias descritas anteriormente e para o *cardápio* que vai ser apresentado na seq ncia, ou seja, a própria revista. Em outras palavras, se a leitora recusa o convite nem *fica por dentro* das novidades da revista, nem compartilha as experiências de *ir ao cinema*, *apaixonar-se* e outras já mencionadas. O *querer provar* acaba por se tornar uma imposi o, e não apenas uma sugestão.

Temos, então, nos exemplos supracitados, uma amostra da utiliza o do processo mental *querer*, mostrando as diferentes possibilidades de uso desse verbo para retratar experiências diferenciadas, conforme o tema a ser tratado e o objetivo de cada editorial.

PRETENDER

(80) Ninguém **pretende** que o atual sistema de avalia o (...) seja perfeito. (FSP12)

(81) O Governo só **pretende** investir no negócio a partir de 2004. (JC5)

(82) ... pura alegoria sob um regime que nem sequer **pretende** assegurar a divisão entre poderes... (EP2)

(83) Nessas despreziosas linhas escritas, não **pretendemos** defender o regime tirânico e ditatorial que existia sob o governo de Saddam Hussein. (FPE9)

Só constatamos a presença do verbo *pretender* em editoriais opinativos da FSP, FPE e Época. O Experienciador, em (80), é um pronome indefinido que generaliza a questão e através do qual o editorialista pode, ou não, se incluir e fazer parte do grupo que apresenta a *pretensão*; nesse caso, ele se envolve, ainda que indiretamente, com a tese que vai defender. Em (81), o Experienciador é uma entidade externa, *O Governo*, e o processo indica uma vontade de realizar alguma coisa - veja a importância do advérbio *só* - fazendo parte de um argumento que vem sendo tecido sobre a necessidade de investimentos na rede ferroviária brasileira. Em (82), também temos o mesmo tipo de Experienciador, mas o processo *pretender*, nesse caso, indica o descompromisso do regime cubano com a democracia. Nesse exemplo, *pretender* sinaliza um argumento desfavorável do editor em relação ao tema que está criticando.

O exemplo (83), da FPE, vem destoar das outras orações por apresentar o autor diretamente envolvido com o que enuncia ao usar *pretendemos*, pois está claro, pelo contexto, que o plural de modéstia não envolve o leitor. É a palavra comprometida do autor com sua opinião nesse momento do editorial, fazendo uma ressalva quanto a sua não concordância com o governo iraquiano; observemos como o autor quer fazer o leitor crer que o que enuncia não é tão importante, através da circunstância "*Nessas despreziosas linhas escritas*".

São, sobremaneira, casos que marcam momentos distintos de argumentação, evidenciando como as escolhas feitas, nesse sistema semiótico que é a língua, desempenham papéis ímpares em cada situação das quais fazem parte.

CONSIDERAR

(84) Com o dólar baixando para a faixa de R\$ 2,80, e permanecendo nesse patamar, talvez o mercado deixasse de **considerar** inviável o cumprimento da meta de inflação. (FSP2)

(85) Se a aprovação - expressa no percentual dos que **consideram** o governo ótimo ou bom - lembra a de FHC, a desaprovação é menor. (FSP7)

(86) Desta vez, até o próprio Nobel José Saramago, sempre disposto a sustentar regimes de retórica stanilista, **considerou** prudente condenar a ditadura cubana. (EP2)

O processo *considerar* foi encontrado nos editoriais da FSP e de Época em configurações oracionais diferentes: em (84), da FSP, temos um participante Experienciador, “o mercado”, que representa as pessoas que fazem essa instituição; a oração faz parte de uma discussão que tem como tema a economia. Em (85), o tema é a política, referindo-se ao governo Lula; o Experienciador do processo *considerar* representa as pessoas que avaliam “o governo”, Fenômeno dessa oração. Em (86), tem-se também o tema política em apreciação, e o Experienciador, “José Saramago”, é consciente, humano e individualizado, algo que não havia sido observado até então com os Experienciadores dos demais exemplos.

Mais uma vez os processos mentais são usados tendo como Experienciadores entidades externas e não o escritor do texto. Isso pode sinalizar que também os mentais se prestam a representar o mundo. Nesse caso, o mundo das experiências sensoriais, não necessariamente vividas pelos editorialistas, mas atribuídas por eles às entidades envolvidas na temática a ser abordada, de forma que esses processos colaboram com a construção do sentido do editorial, embora em menor proporção quando comparados aos processos materiais.

IMAGINAR

(87) ...se as empresas demitem porque não vendem e preconizam dias mais difíceis pela frente, como **imaginar** que as portas se abram para os mais jovens... (JC8)

(88) Feita dentro da lei pode ajudar a combater o desemprego rural, embora não se deva **imaginar** que ela (reforma agrária) venha a funcionar como fonte inesgotável de novos empregos num país que tende a se urbanizar em velocidade acelerada. (VE7)

(89) Difícil **imaginar** um fazendeiro, dono de terras, produtivas ou não, assistir passivamente a uma invasão em sua propriedade. (EP10)

Nos exemplos acima *imaginar* é utilizado como reforço de um argumento do autor, cujo papel não é transmitir uma informação a respeito de uma situação vivenciada por um indivíduo, mas sim, construir uma realidade hipotética para corroborar uma opinião. Em (87), a oração mental “... *como imaginar que as portas se abram para os mais jovens...*” ratifica o conteúdo da oração anterior, fortalecendo, pois, o ponto de vista defendido e, ao mesmo tempo, incitando o leitor a com ele concordar. Em (88), o tom de ressalva de “embora não se deva imaginar...” também reafirma a opinião autoral e em (89), a hipótese levantada pela combinação do processo *imaginar* com o adjetivo *diffcil* torna mais convincente a posição do escritor em relação às invasões de terra. Ponto também digno de menção é a ausência material dos Experienciadores nessas orações, embora essa não materialização não impeça de os reconhecermos.

O uso dos processos mentais, ilustradas na seqüência de (73) a (89) demonstram a imensa variedade de escolhas significativas que o usuário dispõe para construir o sentido de seu texto. Essas escolhas vão, desde o uso de *imaginar* (89) para reforçar uma argumentação; do plural de modéstia (83); da marcação de envolvimento com o leitor através do Experienciador “nós” (78), até o exemplo (79) que convoca as meninas à leitura da revista. Assim percebemos a presença dos processos mentais nos dados, muitas vezes fugindo da forma convencional, ou prototípica, em que esses processos são usados, como na conversação espontânea, por exemplo. Fica, portanto, comprovada a importância desse tipo de processo para a construção da opinião no editorial, embora com menor freqüência que os processos materiais já comentados.

4. Classificando e definindo: os processos relacionais

Os processos relacionais em Halliday são uma generalização para a tradicional noção de cópula (cf. MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 1997). Orações relacionais servem para definir, caracterizar e identificar, atribuindo qualidades, posse ou circunstâncias, e assim construir as experiências do mundo e as experiências de nossa consciência. Nos processos relacionais, o que modela essas experiências é o plano do *ser*, e isso é feito de dois diferentes modos: atribuição ou identificação. Esse tipo de

processo evidencia, pois, uma relação de natureza estática, entre dois participantes: Portador e Atributo nos relacionais atributivos; e Característica e Valor, nos relacionais identificativos. Esses participantes podem ser atos ou fatos, mas também seres, entidades e até circunstâncias.

Essas relações que se estabelecem entre os participantes nas orações são feitas pelos processos: *ser, estar, permanecer, continuar, ficar, tornar, parecer, mostrar, andar, encontrar* que representam a totalidade desses processos no português²⁵. *Ser* e *estar* são os processos relacionais prototípicos, como se pode comprovar pelo alto índice de ocorrência nos dados em análise exposto no quadro 6, *Processos relacionais por número de ocorrências*. Os dados nos permitem constatar que nem todos os processos relacionais típicos do português, como *continuar* e *permanecer*, foram encontrados nos editoriais²⁶. Há uma diversidade menor de verbos relacionais com maior número de ocorrências em relação aos demais tipos de processos, o que pode apresentar-se como uma evidência de que, nos editoriais, as relações estabelecidas entre os participantes, através desse tipo de processo, são fundamentais para a natureza argumentativa desse gênero. Classificar e definir parecem ser *subsídios argumentativos* muito valorados pelos editorialistas. Esses processos relacionais se apresentam, por número de ocorrências no quadro 6, e distribuídos nas fontes selecionadas para análise conforme quadro 7.

Quadro 6 - Processos relacionais por número de ocorrências

Processos	Ocorrências	Processos	Ocorrências
Ser	216	Trazer	12
Estar	66	Tornar	11
Ficar	17	Parecer	07
Ter	13	Encontrar	06
Tratar	13	Mostrar	02
Total	363		

²⁵ *Mostrar, encontrar, tratar, trazer* são casos de processos que podem se realizar como material ou como relacional em determinados contextos de uso.

²⁶ Ou então foram encontrados com número de ocorrência inferior ao estabelecido.

Quadro 7 - Processos relacionais distribuídos por fontes

Processos	Fontes						
	FSP	JC	FPE	VEJA	EPOCA	UMA	TODATEEN
Estar	X	X	X	X	X	X	X
Encontrar	X	X					
Ficar	X	X		X	X	X	X
Mostrar		X		X			
Parecer	X	X	X			X	
Ser	X	X	X	X	X	X	X
Ter		X	X	X	X	X	X
Tornar	X	X	X	X	X	X	
Tratar	X	X	X		X		
Trazer		X		X	X	X	X

Os quadros 6 e 7 mostram uma visão panorâmica dos processos relacionais, enfocando suas ocorrências nos dados e nos veículos de comunicação onde eles estão presentes, sem, porém, separá-los em atributivos e identificativos, o que passaremos a fazer, a partir de agora, ao apresentar análise e resultados. Dos dez processos relacionais selecionados, *ser*, *estar*, *ficar* *ter* e *parecer* realizam-se como atributivos e como identificativos, enquanto *trazer*, *tratar*, *tornar*, *encontrar* e *mostrar* se apresentam apenas como processos atributivos. Os processos *ser* e *estar*, além de serem os relacionais de mais alta ocorrência, ainda se fazem presentes em todas as fontes.

Os processos atributivos

Nas orações relacionais atributivas, o participante que *recebe* qualificações gerais, ou descrições, é conhecido como Portador e as qualidades são chamadas de Atributo. O Portador é sempre um nome ou SN, e o Atributo é tipicamente realizado por um adjetivo ou por uma locução adjetiva. O significado de uma oração atributiva é o de que “*x é membro de uma classe a*”, assim, diferentes classificações são estabelecidas, conforme veremos, a seguir, pela forma como os editoriais se apropriam desse tipo de oração.

SER

(90) Se a aprovação (...) lembra a de FHC, a desaprovação **é** menor. (FSP7)

(91) Na Itália, durante décadas, sicilianos, calabreses, gente do sul mais pobre da península, iam trabalhar em Turim, Milão, nas cidades industriais. Hoje, **são** mal vistos e discriminados pelos italianos do norte rico. (JC12)

(92) O orçamento da União para 2004 **é** realista. (FPE12)

(93) Mas a pregação do Vaticano contra os preservativos **é** inócua e irresponsável, especialmente no que se refere aos jovens. (VE1)

(94) O fracasso atual de Fidel **é** completo e visível em cada aspecto da vida cotidiana... (EP2)

(95) Elas **são** generosas e carinhosas umas com as outras. UM2

(96) Quem já viveu garante que (as delícias do primeiro namoro) **é** inesquecível. TT1

(97) Você **é** diferente de todos os garotos que conheci. TT6

Processos relacionais estabelecem relações claras entre entidades e contribuem para classificar e categorizar as entidades envolvidas (cf. HEBERLE, 1997). Esse tipo de processo é recorrente nos editoriais porque expressa visões particulares de mundo, tornando-se recurso valioso na formação do ponto de vista exposto. Os relacionais como o verbo *ser* parecem exercer uma forte influência no leitor, já que são os responsáveis por ‘*emoldurar*’ fatos impondo ao receptor do texto *aquele modo* de ver esses fatos. A essencialidade que o predicado atribui ao sujeito, ratifica essa posição, uma vez que “esse verbo compõe predicativo estativo de inerência, ou seja, o predicado se refere ao sujeito como um dos seus traços essenciais”, (BORBA, 1991, p. 1231). A esse respeito, observemos as orações: (90) “Se a aprovação (...) lembra a de FHC, a desaprovação **é** menor”; (92) “O orçamento da União para 2004 **é** realista”; e (93) “Mas a pregação do Vaticano contra os preservativos **é** inócua e irresponsável”, especialmente no que se refere aos jovens, através das quais vemos desenhados quadros da realidade em relação às instituições envolvidas - “governo e igreja”. O tempo presente transmitindo atemporalidade parece reafirmar essas descrições e também aquelas encontradas em (92) e (94).

Com a mesma perspectiva de enquadramento, mas com participantes *Portadores* diferentes em virtude do tema abordado, os exemplos de (95) a (97), encontrados em Uma e Todateen, também expõem um modo de ver que se espera seja compartilhado com as leitoras: a oração (95) “Elas **são** generosas e carinhosas umas com as outras” não visa tão somente descrever aquelas mulheres, objeto do editorial, mas compartilhar essa crença, de modo que elas passem a ser vistas tal como descritas na oração.

A oração (97) “Você é diferente de todos os garotos que conheci” complementa uma série de elogios como: “Todos os dias penso como é bom tê-lo como namorado” e “Quando me beija, parece que o tempo pára” que são uma antecipação de uma declaração de amor que fecha o texto. O Atributo “diferente de todos os garotos que conheci” é decisivo para a argumentação da autora ou da adolescente, vez que não *ser igual a* é um diferencial perseguido na sociedade contemporânea.

Mas não apenas o presente é usado, também formas de passado e futuro do verbo *ser* são usadas para classificar e categorizar, de acordo com as pretensões do autor, como podemos ver nos exemplos:

(98) Ao longo das últimas décadas, difundiu-se e consolidou-se a percepção de que a máquina estatal brasileira **era** extremamente ineficiente e onerosa. (FSP8)

(99) A massa de jovens sem emprego representa 44% do total de desempregados do país. Ou seja, a porta de entrada no mercado de trabalho nunca **foi** tão estreita como agora. A reportagem de VEJA mostra a receita dos que conseguiram passar por ela... (VE5)

(100) Embora tenha feito uma carreira política naquele mundo que genericamente se chama de esquerda, Lula sempre **foi** menos esquerdista do que a maioria. (EP3)

(101) Neste mês, nosso bate-papo **será** diferente. (UM6)

Em (98), ao qualificar o Portador “a máquina estatal brasileira” de “ineficiente e operosa”, Atributo dessa oração, o editorialista defende um ajuste fiscal criterioso na economia brasileira. Descreve também uma visão anteriormente perpetuada da máquina estatal brasileira, razão para o uso do passado, concordando com essa visão, mas tomando-a como contraponto para a defesa que fará da necessidade do ajuste fiscal no parágrafo seguinte.

O exemplo (99) encontra-se num editorial de apresentação, no qual o tema é uma reportagem especial sobre o emprego no Brasil; o autor, porém, já apresenta dados estatísticos sobre o problema e, ao tratar da obtenção de um trabalho como *uma porta estreita* - com a presença de *ser* no passado em comparação com o presente expresso na circunstância temporal *agora* - além de uma constatação, expõe sua visão sobre o fato.

O exemplo (100), de *Época*, segue a linha de defesa do presidente Lula sendo mais um argumento para qualificá-lo de moderado, tônica de todo o editorial. Observemos que a ressalva da oração anterior iniciada com “Embora tenha feito uma carreira política...” e o Atributo “menos esquerdista do que a maioria” já antecipa o perfil do presidente, a ser apresentado ao leitor.

Em (101) temos uma oração no futuro - “Neste mês, nosso papo será diferente” abrindo o editorial e anunciando um texto diferenciado dos demais, no sentido de que a abordagem se fará, não em torno da edição presente, mas da edição do mês posterior. O Atributo “*diferente*”, combinado ao processo em tempo futuro, prepara a mulher para a leitura e a seqüência de orações, também em tempo futuro, como “... para falar sobre as surpresas que você **terá** em outubro” e “quem **irá ganhar** o maior presente é você” contribuem para gerar expectativas na leitora e, dessa maneira, fazê-la ler todo o editorial.

ESTAR

(102) A iniciativa representa uma sinalização clara do desejo de fortalecer a integração regional. A inclinação brasileira nesse sentido **está** nítida há anos. (FSP4)

(103) Como dissemos os investidores não são políticos. Mas eles **estão** atentos a políticas que podem afetar o mercado. (JC10)

(104) A economia segue devagar, o desemprego **está** altíssimo e o crescimento sustentado é uma esperança. (EP3)

(105) **Estamos** acostumados às propostas orçamentárias irrealistas... (FPE12)

(106) ... a moda é tão cíclica que o que **está** fora hoje, daqui a alguns meses será o hit das estações. (UM5)

(107) A presente edição da revista **está** particularmente rica. (VE2)

(108) Por falar em gatos, a revista **está** cheia deles. (TT2)

Ao contrário de *ser*, o verbo *estar* indica classificação temporária, transitória e não definitiva (cf. BORBA, 1991). Presta-se, portanto, a indicar um estado de coisas do momento presente, que pode vir a ser alterado de acordo com a dinamicidade dos fatos. Esta alteração é muito perceptível em (104), por exemplo, quando o próprio autor apresenta um fato que pode mudar o estado anterior: com a oração “o crescimento sustentado é uma esperança”, o autor apresenta uma solução para resolver o problema temporário do Brasil descrito através do Portador “o desemprego”, do relacional “está” e do Atributo “altíssimo”.

Essa impressão de transitoriedade é também notada em todos os outros exemplos acima, porém, com nuances significativas distintas. Em (102), embora possa parecer contraditório, a temporalidade já dura um certo tempo, o que é mostrado pela circunstância de Extensão Temporal “há anos”, mas o que o fio argumentativo sugere é que não é um estado definitivo, mas algo que pode ser alterado, só é necessária uma ação externa.

Em (103), a oração relacional, com o Atributo “atentos” relacionado a “eles”, é uma continuação da oração anterior e atribui “aos investidores”, retomados pelo pronome pessoal de terceira pessoa do plural, a qualidade de prestarem atenção às políticas que afetam o mercado. O editorialista, através de uma condição temporária dada a uma classe de indivíduos, materializada na oração relacional atributiva, diz a quem de direito que faz política no Brasil que faça o que deve ser feito, assumindo, dessa forma, o poder instituído de ditar modos de comportamento.

Em (105), temos a primeira pessoa do plural, pela qual o escritor se inclui no que expõe e se coloca entre o grupo dos “acostumados”, Atributo de “estamos”. Essa oração dá seqüência à apresentação do orçamento da União para o ano de 2004, que vai ser defendido como um orçamento realista, portanto, bom para o país. Essa oração configura-se como uma crítica aos orçamentos apresentados por governos anteriores. Mas ao usar *nós*, o autor não assume sozinho essa crítica levando junto todos os leitores, ou toda a sociedade. Observemos que o caráter temporal, impresso no verbo *estar*, sinaliza para o fato de que mudanças podem estar a caminho. Se o editorialista

não acreditasse nisso, talvez tivesse afirmado “somos acostumados a...” e atribuído inerência, com o processo *ser*, ao invés de temporalidade com o processo *estar*.

Na oração (106) “... a moda é tão cíclica que o que **está** fora hoje, daqui a alguns meses será o hit das estações.”, a efemeridade indicada pelo processo *estar* é corroborada pela circunstância de tempo codificada no advérbio “hoje”. Mas o que torna esse exemplo particularmente interessante é o jogo estabelecido pelo relacional *ser* em “a moda **é** tão cíclica”, no presente, dando ao Portador “moda” uma característica inerente; e no futuro, “daqui a alguns meses **será** o hit da estação”, definindo o que antes foi qualificado de forma transitória, no caso o pronome relativo “que” equivalente a “moda”. São três processos relacionais, os dois primeiros atributivos e o terceiro identificativo, usados pela autora para dizer o que pensa da moda, fenômeno tão importante para o público feminino.

Em (107) e (108), o Portador de ambos é a revista. Estas orações sintetizam o conteúdo a ser apresentado aos leitores na edição em apreço através dos Atributos, “particularmente rica”, em (107) e “cheia deles” em (108). Improvável, dessa forma, a não marcação da transitoriedade de sua condição através do processo *estar*, pois o que é conteúdo naquele mês, certamente não o será no próximo.

FICAR

(109) Dos arquivos permanentes da Câmara de Vereadores constam escrituras de compra de imóveis que explicam como se fez o Recife e onde **fica** evidenciada a força do Poder Legislativo Municipal... (JC3)

(110) Os cabelos escuros começam a perder força, o castanho **fica** mais claro... E por aí vai. (UM5)

(111) E para completar o quadro, vale lembrar que a economia brasileira **ficou** praticamente estagnada no primeiro trimestre deste ano. (FPE5)

O processo *ficar* indica mudança de estado em (109) e (110), sendo sinônimo de *tornar*, e parece conter a mesma noção de transitoriedade constitutiva do verbo *estar*. Dessa maneira, o que vemos nessas orações, é a ênfase em uma transformação que configura o arremate de um ponto de vista que vem sendo tecido através de *ficar*, e da relação entre ele e os Portadores “a força do Poder Legislativo Municipal” (109); “o

castanho”, (110) e “a economia brasileira” (111) e os Atributos “evidenciada” (109), “mais claro” (110) e “praticamente estagnada...”, (111). Ressurge, assim, um foco discursivo já apresentado, encerrando um ciclo argumentativo: em (109), o poder do legislativo municipal do Recife, e em (110), as mudanças no visual da mulher.

Em (111), *ficar* significa *permanecer*, indicando uma continuidade de estado; é o argumento do autor para finalizar uma descrição de críticas feitas à economia brasileira pela CNBB e pela FIESP. Em outras palavras, o editorialista vem usando um argumento de autoridade, a citação de discurso alheio, mas emite sua opinião sobre o problema, através da oração relacional que situa negativamente a economia brasileira.

TER

(112) Um assentamento rural, mesmo tecnicamente organizado, só **terá** uma produção de subsistência, autoconsumo, sem relevância em termos de agronegócio, abastecimento das populações urbanas, que são a maioria, de exportação. (JC9)

(113) ... o pequeno Gabriel, de 7 meses, que, com certeza, **terá** um futuro brilhante pela frente. (EP7)

(114) O assinante (...) **tem** uma relação especial com a revista. (VE8)

O relacional *ter* estabelece uma relação de posse, *tem-se*, então, que o participante Portador é o possuidor, e o Atributo é a coisa possuída. É uma relação de *beneficiamento pleno*, como em (113) e (114), em que os Atributos - “um futuro brilhante...” e “uma relação especial...” - são vantajosos para os Portadores “Gabriel” e “O assinante”. Já em (112) há um *beneficiamento restrito* porque as circunstâncias de Modo “só” e “...sem relevância em agronegócio...” fazem com que a vantagem de “ter uma produção de subsistência” diminuam consideravelmente.

PARECER

(115) Afinal, menos do que as reindexações salariais, o que **parece** nítido na formação dos índices mais recentes são os efeitos das tarifas públicas e preços administrados... (FSP5)

(116) À primeira vista, **parece** estranho que juizes e desembargadores paulistas tenham patrocinado o encontro, porém é de incontestável lógica sua participação... (FPE1)

(117) A Caixa Econômica Federal (...) não **parece** bem preparada para esse tipo de serviço. (JC6)

(118) Era tamanha a agitação, bóbbis de um lado, lanchinhos de outro, que **parecia** impossível convencer as quatro a engatarem uma discussão. (UM2)

Uma das possibilidades de uso do verbo *parecer* é ser “*modalizador estativo indicando a modalidade da **manifestação (aparência)***” (cf. Borba, 1990, grifos do autor). Por modalizar uma qualificação atribuída ao Portador e a ele relacionada através desse processo, estamos aqui considerando *parecer* como processo relacional, embora não deixemos de lado a capacidade modalizadora que ele carrega.

O que vemos, portanto, na seqüência de orações que vai de (115) a (118) são classificações atenuadas pelo processo *parecer*; os autores qualificam, mas não assumem essas qualificações, como se quisessem rechaçar possíveis contra-argumentos. Isso é especialmente evidente nos exemplos (115), (116) e (117), com destaque para (116), na qual o autor começa o argumento usando o verbo *parecer* para fazer uma ressalva e, em seguida, ratificar a razão da posição assumida por “juizes e desembargadores”. Nesse exemplo, então, *parecer*, semelhando prudência ou não comprometimento, revela-se nascente significativa da afirmação categórica que lhe é posterior.

Processos realizados apenas como atributivos

Os processos *tratar*, *trazer*, *tornar*, *encontrar* e *mostrar*, quando relacionais, foram encontrados em nossos dados apenas como relacionais atributivos. Não encontramos casos desses processos em orações relacionais identificativas, como ocorreu com os processos *ser*, *estar*, *ficar* e *ter*.

TRATAR

(119) Embora a questão tenha importância e motive acalorados debates, **trata-se** de decisão que não representará mudança expressiva na situação social. (FSP9)

(120) Sete meses depois os mercados revelam seu descontentamento e se retraem, insatisfeitos, não com essa política (**trata-se** de homens de negócios e finanças, e não de políticos), mas com a recessão que se abate sobre o Brasil... (JC10)

(121) Para não entrarmos em contradição com o que afirmamos acima, de **se tratar** de um Orçamento realista, convém observar que as previsões feitas repousam nas expectativas favoráveis de crescimento de 3,5% do PIB... (FPE12)

(122) Não, não **se trata** de um turista acidental – Riq é um viajante compulsivo... (EP7)

Nos editoriais investigados, o verbo *tratar* quando impessoal e pronominal, é estativo significando *estar em questão, em causa* (cf. Borba, 1990). Entendemos que esse verbo introduz uma classificação a um termo, ou oração, que o antecede no período. Assim, temos em (119), através da oração “*trata-se de decisão que não representará...*”, uma retomada do sujeito da oração precedente *a questão*, que se torna Portador da oração relacional, dando-lhe a roupagem que o autor considera adequada ao ponto de vista que vem defendendo. Nesse exemplo, a oração relacional é a principal no período, o que não ocorre em (120), na qual *tratar* encontra-se em uma intercalada, que personaliza o termo “os mercados” da oração precedente, atribuindo traços que lhes são peculiares, e, dessa forma, justificando seu argumento.

Em (121), a retomada através da oração relacional com *tratar* presta-se a esclarecer a posição autoral com vistas a prevenir eventuais contra-ataques. Em (122), o mesmo tom de ressalva aparece, dessa vez, para justificar o comportamento do personagem descrito, e funcionando como argumento favorável ao Portador *Riq*.

TRAZER

(123) O lançamento festivo do programa Primeiro Emprego, pelo Governo Federal, chega carregado de esperança, mas **traz**, a sensação de um propósito generoso muito aquém do que exige nossa realidade. (JC8)

(124) A presente edição de VEJA **traz** a primeira entrevista em profundidade pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva... (VE10)

(125) Esta edição também **traz** duas estréias – igualmente femininas. (EP6)

(126) Nossa moda, Preto (pág. 60), **traz** várias opções que vão deixá-la com a auto-estima lá em cima. (UM3)

(127) A edição deste mês ainda **traz** muito mais coisas pra você: gatos, testes, beleza e tudo o que tem a ver com o seu mundo. (TT1)

O verbo *trazer* tem diferentes significados e diferentes usos. Com a configuração oracional - sujeitos inativos expressos por nomes concretos e complementos concretos não-animados - significa *ter*, sendo assim um processo relacional. Diferentemente dos demais casos, (123) não tem como Portador a revista ou jornal onde circula o editorial em apreço, de modo que *trazer* estabelece, nesse exemplo, uma relação de posse entre o Portador, “programa Primeiro Emprego”, e o Atributo “uma sensação de um propósito generoso muito aquém do que exige nossa realidade” que parece tornar palpável a fragilidade atribuída pelo editorialista a esse programa do Governo. A contraposição imediata de um traço negativo, “muito aquém...”, a um positivo “carregado de esperança”, também parece contribuir para desfazer qualquer ilusão que o leitor alimente a esse respeito.

De (124) a (127) temos a mesma configuração oracional. As revistas Veja, Época, Uma e Todateen são realizadas como Portadores, portanto as possuidoras dos elementos descritos em seus respectivos Atributos. Esses, sublinhados nos exemplos, anunciam entrevistas, estréias, matérias, seu conteúdo. Notória é a forma como isso está posto nos editoriais nos fazendo crer que os beneficiados com essa “posse” são os leitores e não as revistas mesmas. Esse sentido materializa-se especialmente no processo *trazer*.

TORNAR

(128) ...o funcionalismo **foi-se tornando** sinônimo de uma casta inoperante de privilegiados. (FSP8)

(129) O novo formulário **tornou-se** complicado, com centenas de quadros a preencher... (JC6)

(130) Resta torcer para que, com a chegada de Nestor Kirchner à Casa Rosada, a Argentina esteja inaugurando um novo ciclo em que as instituições **se tornem** mais fortes que a vaidade, o despreparo e o interesse menor dos políticos. (VE4)

(131) Lula já celebrou a mesma data em ambiente hostil, em que a polícia atacava operários com cassetetes e helicópteros faziam vôos rasantes. Em 2003 o operário-

presidente **tornou-se** o comandante-em-chefe dos helicópteros e, em última análise, de toda a máquina de segurança do país. (EP3)

(132) Os séculos foram se sucedendo, mais e mais homens e mulheres foram nascendo e nem por isso o encontro entre os dois **tornou-se** mais fácil. (UM1)

O processo *tornar* significa passar a ser, transformar-se (cf. HOUAISS, 2001), indicando, portanto, mudança de estado. A essa significação recorrem os autores para qualificar as entidades em uso nos exemplos de (128) a (132). Enfatizando pontos fracos dos Portadores “o funcionalismo” e “o novo formulário”, em (128) e (129). Externando esperança em (130), através do Atributo “mais fortes”, relacionado ao Portador “as instituições”. Realçando mudanças políticas em (131), quando classifica o Portador “Lula” com o Atributo “comandante-em-chefe”. E acentuando dificuldades em (132), ao afirmar “nem por isso o encontro entre os dois tornou-se mais fácil”. Um panorama diversificado de usos para o sistema de transitividade de *tornar* materializando sutilezas de conteúdo necessárias ao objetivo a ser atingido.

ENCONTRAR

(133) É cedo para afirmar que as autoridades econômicas brasileiras já **se encontram** numa posição confortável, pois, excluídos os empréstimos do FMI, as reservas de divisas do Banco Central ainda se situam nas proximidades de US\$ 15 bilhões, um valor muito baixo. (FSP2)

(134) Sabe-se - como já divulgou este jornal - que os documentos produzidos pelos nossos vereadores, há quase três séculos **se encontram** em condições lastimáveis... (JC3)

(135) O presidente Lula disse clara e objetivamente em todos os pronunciamentos de campanha que o Brasil só sairia da situação difícil em que **se encontrava** se fossem criados muitos empregos e até chegou a um número fascinante: 10 milhões. (JC8)

Encontrar, quando pronominal e com sujeito inativo, significa estar num determinado estado ou condição (cf. BORBA, 1991); é processo relacional nesse caso, diferente de outras significações em que esse mesmo verbo pode realizar-se como processo material. Nos casos acima expostos, os participantes *Portadores* são enquadrados em uma dada situação a eles relacionadas por esse processo. (133) pertence a um fragmento de texto que problematiza a posição das autoridades da

economia brasileira frente à política econômica, ressaltando que a condição atribuída, através da significação de *encontrar-se* e do *Atributo* "...numa posição confortável", ainda não foi atingida. É algo que pode vir a acontecer conforme o autor apresenta as soluções no decorrer do editorial, mas que ainda não se concretizou. Em (134), dá-se o oposto, pois o autor tem certeza da situação do Portador - certeza esta já de domínio público conforme consta na oração intercalada - e categoricamente o situa. Esse exemplo consta em um editorial que discute a problemática do primeiro emprego: a oração com o processo *encontrar*, no passado enquadra negativamente o Portador "o Brasil" através do Atributo "situação difícil".

MOSTRAR

(136) Mas a igreja católica é de longe a instituição que **se mostra** a mais despreparada para fazer face a desafios dessa natureza. (VE1)

(137) Eles se iniciam sexualmente muito cedo e **se mostram**, a cada geração, mais refratários a obedecer normas de comportamento ditadas por celibatários que nada entendem da prática do sexo... (VE1)

O processo *mostrar* em (136) e (137) relaciona características que o autor do editorial julga pertinentes para descrever "a igreja católica" e "eles", participantes, *Portadores* dos dois exemplos, e para a condução de sua argumentação. Em (136), o editorialista torna patente a incompetência da igreja para resolver problemas ligados à sexualidade humana, dando continuidade ao seu intento de apresentar essa instituição como incapaz de lidar satisfatoriamente com tal questão. A oração (137) apresenta o comportamento dos jovens em relação à prática do sexo e através de *mostrar*, é ressaltada a nova postura desses jovens frente a antigos preceitos ditados pela igreja. Também podemos notar que (137) reafirma a opinião do editorial em relação à obsolescência da instituição igreja católica, no sentido de não conseguir responder aos desafios apresentados pela sociedade hodierna.

Os processos identificativos

As orações relacionais identificativas envolvem, gramaticalmente, dois participantes: aquele, ao qual uma identificação, função ou significado é relacionado é conhecido como Característica. A identificação, função ou significado, é chamada de Valor. Ambos, Característica e Valor, são, geralmente, um SN definido. O significado de uma oração identificativa é o de que “*X serve para definir Y*”. Levando em conta que a definição tem a função de guiar o destinatário na sua busca pelo sentido (cf. CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004), vejamos então como esse tipo de oração está presente nos editoriais.

SER

(138) Em junho de 1995, FHC tinha para exibir a relativa novidade da estabilização da moeda e um crescimento econômico que garantiu aos mais pobres acesso a inéditos itens de conforto. O Brasil de Lula **é** o da fila desesperada por uma vaga de gari. (FSP7)

(139) Hoje, neste 1º de maio, um trabalhador **é** o presidente da República. (FPE3)

(140) Rodrigues **é** um técnico de reconhecida competência... (JC9)

(141) VEJA **é** a maior e a mais influente revista do Brasil. (VE8)

(142) Nesta semana, as mulheres **são** o destaque da edição, a começar pela reportagem de capa de autoria da repórter Paula Pereira, de 30 anos. (EP6)

(143) Todas **são** mulheres fortes e muito seguras em suas opiniões, porém em nenhum momento acontecem trombadas de ego tão comuns quando os famosos se encontram (...) Elas **são** generosas e carinhosas umas com as outras. (UM2)

Quando define o Brasil em (138), o autor dá seqüência à opinião sobre a aprovação do governo Lula pelo público. Sempre tomando como referência governos passados, como podemos ver na oração que inicia o fragmento (138), são mostrados dados que favorecem o presidente atual. Esse contexto permite ver a positividade da oração “O Brasil de Lula **é** o da fila desesperada por uma vaga de gari”, e comprova o postulado da LSF de que as escolhas adquirem significados em contraste com outras escolhas. Uma análise isolada dessa oração nos faria acreditar que o atual Governo estava recebendo uma definição negativa.

Após encerrar um ciclo de comentários sobre o 1º de maio, nos quais destaca perdas e ganhos, o autor em (139), ao apresentar o “*trabalhador presidente da república*” no participante Valor, passa a tratar da esperança que é depositada no Presidente Lula, pela maioria da população. A função atribuída ao participante Característica “um trabalhador” sintetiza toda a crença de melhoria na vida do país, em especial na vida dos mais pobres.

Em (140), temos uma definição feita no Valor - “um técnico de reconhecida competência...” - dada ao Ministro da Agricultura do governo Lula. Esta serve para dar continuidade aos elogios que vêm sendo feitos ao setor agropecuário brasileiro, elogios que compõem metade do texto e que, correspondendo à primeira parte do título do editorial: “Avanço e ameaça”, preparam o terreno para a outra metade, composta de críticas ao governo pela complacência com que trata as ações do MST.

O exemplo (141) traz uma definição interessante porque feita pela própria entidade em um editorial de apresentação - Veja é o Característica, o que ela diz de si mesma: “a maior e mais influente revista do Brasil”, o *Valor*. O que temos nesse caso é uma autodefinição iniciando o editorial, à qual se seguem descrições que a comprovam. No nosso entender, essa definição é instauradora de uma verdade que a revista passa a compartilhar com o leitor. Se as definições guiam os sentidos, nessa oração isso se torna patente.

O exemplo (142), de *Época*, extraído de um editorial de apresentação, tem “as mulheres” como participante Característica, ao qual o Valor atribuído “destaque da edição” dá o tom do restante do texto que segue realçando a presença das mulheres que compõem a equipe de redação de *Época*. Também é uma definição que se encontra na abertura do editorial, mas precisamente na primeira oração.

Já (143) segue a descrição que vem sendo feita das mulheres que compõem o programa *Saia Justa*, do canal GNT: Rita Lee, Marisa Orth, Mônica Waldvogel e Fernanda Young, tema do editorial “Celebidades”. A definição de “mulheres fortes e muito seguras...” complementadas pelo “em nenhum momento acontecem trombadas” já elevaria o moral dessas mulheres, mas uma outra definição contida no P2 Valor - “são generosas e carinhosas umas com as outras” - vem corroborar e por fim as dúvidas, se essas ainda existirem, sobre o caráter dessas personagens. Definir usando

o processo *ser*, nesse caso, adquire um forte valor persuasivo, fazendo as leitoras construírem uma imagem francamente favorável das mulheres em foco nesse editorial.

(144) ...Roberto Marinho **foi** um dos protagonistas da evolução... (FSP10)

(145) O francês já **foi** a língua da moda, substituída pelo inglês depois da Segunda Guerra Mundial. (JC11)

(146) Um deles, por sinal, dizia que o nacionalismo **era** um momento histórico de tomada de consciência de um povo sobre o seu destino. (FPE11)

(147) **Foi** diversão pura ouvir os comentários espirituosos e, em silêncio, tietar a Rita Lee... (UM2)

(148) Hoje **foi** um dia muito especial! (TT3)

Através da seqüência de (144) a (148), completamos a exemplificação do processo relacional *ser*, responsável por tornar as definições inerentes e peremptórias, mostrando que, independentemente do tempo verbal, as definições estão presentes na organização textual dos editoriais, para descrever / definir o P1 Característica como: uma pessoa, “Roberto Marinho”, em (144); uma entidade, “o francês” em (145); um fenômeno, “o nacionalismo”, em (146); um acontecimento, “ouvir os comentários espirituosos”, em (147); um momento do tempo, “Hoje” em (148). Todas essas orações, associadas às que as cercam, trazem detalhes de sentido imprescindíveis à representação / construção do mundo das experiências no texto.

ESTAR

(149) Até o cardápio (...) poderá ser modificado por *lhe* ter trazido algum problema orgânico, desacostumado que **estava** ao sabor de alimentos como cuscus (sic), batata-doce e carne-de-sol, entre outros, tão estimados pelos habitantes dessa parte do Brasil. (JC2)

(150) A questão central, portanto, é saber onde **está** a verdade e até quando pode ser manipulada em favor de interesses ocultos, pondo em risco a vida de inocentes, inclusive de brasileiros, que poderão vir a ser vítimas de futuros atos de terrorismo, como aliás, admite o presidente dos EUA. (FPE9)

(151) Essa grandiosa e complexa tarefa **está** agora nas mãos dos deputados e senadores. (VE3)

(152) E numa noite chuvosa, lá **estávamos** nós no estúdio, antes da gravação do programa. (UM2)

Uma das primeiras observações a se fazer, em relação às diferenças contidas nas definições atribuídas pelo relacional *estar*, reside no caráter temporal e transitório peculiar a esse verbo. Sendo assim, as definições estabelecidas por *estar* são marcadas por esse traço e referem-se, pois, a situações passageiras. Comprovamos o que foi afirmado recorrendo, por exemplo, a (149) que apresenta Fernandinho Beira-Mar, retomado na oração pelo pronome oblíquo *lhe*, como *desacostumado* aos sabores nordestinos. Na verdade, essa oração faz parte de um contexto irônico, que vai resvalar na crítica à incompetência das autoridades brasileiras em lidar com a prisão desse bandido. A transitoriedade também se faz presente em (150) que, junto com as orações seguintes, dão forma ao parágrafo final do texto. A definição da “questão central”, *Característica* nesse exemplo, sintetiza o modo como o autor compreende o fenômeno da invasão norte-americana ao Iraque, tema abordado nesse editorial.

As orações identificativas com o processo *estar* de (149) a (152), juntamente com as demais analisadas, dão uma idéia do papel de *enquadramento da realidade* que esse tipo de oração desempenha e de sua relevância para a formação da opinião nos editoriais investigados.

FICAR

(153) Quanto à infra-estrutura e o tão necessário material didático, eles **ficarão** por conta das prefeituras. (JC1)

(154) Ali **ficam** a mesa de trabalho do presidente, uma grande mesa redonda de reuniões e um conjunto de sofás e poltronas. (VE10)

(155) O assassino de La Costa foi encontrado quarta-feira e é um dos assaltantes do posto de gasolina que **fica** em frente ao terreno invadido. (EP9)

(156) No primeiro mês de 2003, as incertezas baixaram, mas continuaram altas: o índice **ficou** em torno de 1.400 pontos ante a possibilidade de o governo não abraçar as reformas necessárias para o Brasil. (EP8)

A seqüência de exemplos de (153) a (156), organizada com o processo relacional identificativo *ficar*, no nosso entender, não carrega a idéia de transitoriedade que apresentou como relacional atributivo. O significado nesses exemplos parece perpassado por traços de finitude e exatidão, o que geraria uma semelhança entre *ficar* e *ser*. A definição atribuída ao P1 Característica de cada uma dessas orações parece situar as entidades, de modo estático, em um espaço físico, como em (153), (154) e (155); e em um espaço abstrato, na falta de um termo melhor, como (156).

Em relação ao fragmento no qual estão situadas essas orações em seus respectivos editoriais, temos a observar que todas cumprem funções descritivas: (153) complementa uma descrição de recursos para o programa Bolsa-Escola. O exemplo (154) descreve a sala presidencial onde se realizaria a primeira entrevista de Lula depois da posse. (155) presta-se a situar o leitor em relação à identidade de quem matou o fotógrafo La Costa; enquanto que (156) se refere ao índice Brasil e completa uma discussão feita sobre esse índice, que vai desencadear o posicionamento do editor sobre o tema.

TER

(157) ... apesar de o Brasil não **ter** nenhum problema diplomático ou de interesses comerciais com o novo governo iraquiano.... (FPE9)

(158) ... os brasileiros **terão** razões reais para esperar um futuro melhor. (VE3)

(159) Quem **tem** entre 35 e 45 anos, por exemplo, ainda conseguiu viver uma infância com brincadeiras na rua e sem medo de estranhos. (EP5)

(160) ... peça licença a esta edição de setembro para falar sobre as surpresas que você **terá** em outubro, o mês de aniversário de UMA. (UM6)

Ter como relacional identificativo tem a propriedade de definir, ao mesmo tempo, porém, apresentando idéia de posse: “o Brasil”, participante Característica bem resolvido diplomaticamente, conforme informa (157), é dessa forma porque não possui problemas de diplomacia ou de comércio com o Iraque. “Os brasileiros” são um povo esperançoso porque têm motivos para esperar um novo futuro, assim está posto em (158). A faixa etária de 35 e 45 gozou o privilégio de poder brincar nas ruas, é o que

nos diz (159). Já (160) trata de presentes futuros para as leitoras da revista Uma em outubro, embora a aniversariante seja a revista. A noção de posse do relacional *ter*, mais a definição do participante Valor são, sobremaneira, instanciadores dos enquadramentos dos participantes Característica em todas as orações.

Os exemplos discutidos representam o total de processos relacionais encontrados nos editoriais constitutivos do *corpus*, sendo 185 atributivos e 178 identificativos, totalizando 363 casos. Esse número representa 47 % dos processos simples analisados, do conjunto de 767 orações submetidas à análise. Entendemos que as orações atributivas e identificativas comentadas são suficientes para demonstrar como esse tipo de processo constitui o editorial. Percebemos que há um equilíbrio entre orações atributivas e identificativas, pois a superioridade numérica do primeiro tipo - 185 orações atributivas - em relação ao segundo - 178 orações identificativas - é muito pequena, de modo que podemos afirmar que não há predominância de um tipo sobre o outro, e que ambos se combinam para expressar pontos de vista.

Definir, caracterizar e identificar, atribuindo qualidades, posse ou circunstâncias, e construir as experiências do mundo e as experiências de nossa consciência, propriedade das orações relacionais, marcam, sobremaneira, a expressão da opinião nos editoriais analisados. Em números, é notória a supremacia dos relacionais em relação aos processos materiais, embora com uma diversidade bem menor de verbos; e em se tratando da função desempenhada, vimos que o enquadre das experiências nessa relação estática entre os participantes, seja classificando, seja definindo, complementa aquele mundo das experiências dinâmicas externadas nos processos materiais. Assim, enquanto os processos materiais apresentam os eventos e ações, os relacionais classificam e definem entidades materialmente construídas, configurando-se, portanto, como uma força argumentativa poderosa para realizar o ponto de vista institucional que os editoriais expõem. Podemos até ousar dizer que, sem classificar e sem definir, não há como assumir uma opinião; são as categorizações e as definições atitudes privilegiadas para construir um modo próprio de ver o mundo e assim persuadir leitores. Essas relações expressam poder por estabelecer classificações como 'estados de ser' (cf. HEBERLE, 1997).

Por conseguinte, estamos convictos de que classificar e definir são *subsídios argumentativos* de valor extremado para os editorialistas e de que esse tipo de processo é por demais recorrente nos editoriais porque constituem meios valiosos para revelar essas visões particulares de mundo e para exercer influência definitiva no leitor, impondo a esse leitor “o modo correto” de ver os fatos.

5 Dizer, mostrar, afirmar: os processos verbais

Processos verbais, de acordo com seu nome, são aqueles que expressam formas de *dizer*, ou constroem o dizer. São, portanto, os processos de comunicar. Um processo verbal típico tem como participantes inerentes um Dizente, aquele que diz ou comunica algo, como o participante sublinhado na oração “O presidente Lula disse clara e objetivamente em todos os pronunciamentos de campanha que o Brasil só sairia da situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos...”. Esse participante pode ser consciente ou não, como é acontece com o processo *mostrar*, no exemplo “O levantamento mostra o presidente estacionado em 42% de aprovação”. O participante Verbiagem, refere-se àquilo que é dito ou comunicado, geralmente realizado por um sintagma nominal, mas que também pode assumir feição oracional, como sublinhado em “É cedo para **afirmar** que as autoridades econômicas brasileiras já se encontram numa posição confortável...”. Pode haver ainda um terceiro e opcional participante chamado de Receptor, que é aquele para quem o processo é dirigido.

Esse tipo de processo, segundo Halliday & Mathiessen (2004, p. 252), contribui para a criação da narrativa porque torna possível estabelecer passagens dialógicas em narrativas escritas e desenvolver relatos de diálogos em narrativas orais. Assim, processos verbais podem apresentar como Verbiagem o discurso direto ou o discurso indireto. Nossos dados, embora não sendo narrativas orais, nem escritas, contêm exemplos, tanto com discurso direto: “Sobre a morte do fotógrafo La Costa, a serviço de Época enquanto cobria a invasão de um terreno em São Bernardo, ele **diz**: “A morte do fotógrafo...”, como com o indireto: “O Ministro do Planejamento, Guido Mantega, **afirmou** que as despesas previstas são exeqüíveis...”. É uma propriedade dos processos verbais a possibilidade de ter como participante Verbiagem uma *oração*

projetante, isto é, uma oração subordinada que completa a significação do processo verbal (cf. EGGINS, 1995).

Sobre a presença de orações com discurso direto e indireto nos editoriais, podemos afirmar que seu uso está ligado ao teor argumentativo desse gênero, no sentido de que essas vozes vêm funcionar como argumentos de autoridade e não criar seqüências dialógicas, função que ocupam no caso das narrativas orais, ou relatar diálogos, função preenchida nas narrativas escritas.

Com número de ocorrência igual ou superior a seis, encontramos os verbos: *dizer*, *falar*, *mostrar* e *afirmar*. O mais freqüente é *dizer* com 30 ocorrências e presente em todos os jornais e revistas de nosso *corpus*. *Mostrar* é o segundo mais usado, com 21 ocorrências e também presente em todos os jornais e revistas. *Falar* está em cinco fontes, com 11 ocorrências; e *afirmar* está presente em quatro, através de 7 usos.

DIZER

(162) Como **dissemos**, os investidores não são políticos. (JC10)

(163) Numa entrevista em 1967, ele **dizia** que seu êxito como empresário era consequência de muito trabalho, certa ousadia e alguma sorte. (FPE10)

(164) “Fazer as entrevistas e tabular as informações exigiu um esforço descomunal”, **diz** a repórter Monica Weinberg ... (VE5)

(165) “Nem imaginava que havia um estúdio aqui do lado”, **dizia** Marisa Orth, abaixando-se para passar... (UM2)

(166) Afinal, existe coisa mais gostosa do que segurar nas mãos do gato, olhar nos olhos dele e **dizer** “Eu te amo!”? (TT5)

A oração (162) é mais um dos casos em que o autor se envolve diretamente com aquilo que afirma através da primeira pessoa do plural. Nesse exemplo, isso acontece literalmente através da retomada de uma afirmação feita antes, a qual reforça sua opinião. Em (163), o trecho em discurso indireto reproduz uma fala daquele que é objeto de discussão no editorial, trata-se do jornalista Roberto Marinho. Essa é a frase que abre o editorial e da qual deriva o perfil desse jornalista apresentado ao público.

Em (164) e (165), o processo *dizer* introduz dois momentos de discurso direto em orações projetantes, em ambos, personagens dos editoriais têm voz. Em (164), como forma de corroborar o contexto dos esforços que estão sendo apresentados em torno de uma dada reportagem. Em (165), para realçar as dificuldades enfrentadas pela equipe de reportagem e as celebridades entrevistadas para que a matéria desse certo. Já em (166), o discurso direto expresso pela *Verbiagem* “*Eu te amo!*” especifica um termo genérico da oração anterior: “*coisa mais gostosa*”.

MOSTRAR

(167) O levantamento **mostra** o presidente estacionado em 42% de aprovação. (FSP7)

(168) No entanto, se comparado aos primeiros três meses de 2002, quando a economia **mostrava** problemas, o PIB cresceu 2% neste início de ano. (FPE5)

(169) ...a situação vem mudando muito, como **mostra** série de reportagens publicada esta semana no *Jornal do Commercio*. (JC12)

(170) A reportagem de VEJA **mostra** a receita dos que conseguem passar por ela... (VE5)

(171) E também **mostramos** os cosméticos apropriados para se levar ao campo, praia, ou lugares com neve. (UM4)

(172) ... você pode fazer os testes, que **vão mostrar** um pouco o seu jeito de ser. (TT4)

Como constatamos funções em comum em alguns exemplos com *mostrar*, faremos os comentários agrupando-os pelas especificidades apresentadas. (167) e (168) são casos que possuem entidades concretas como participante Dizente: “*O levantamento*”, em (167), e “*a economia*”, em (168). Como *Verbiagem*, essas orações apresentam os SNs, “*o presidente estacionado...*” e “*problemas*”, respectivamente. Nesses dois casos, compreendemos o verbo *mostrar* como sinônimo de *apontar*, o que na LSF configura uma realização de processo verbal. Desse fato fica evidente que entidades ou fatos também nos dizem algo.

Em (169), (170) e (171), o Dizente são os próprios veículos de comunicação: no JC e em *Época*, representados por suas reportagens; em *Uma*, representado pelo pronome “*nós*”, significando a equipe editorial da revista. A outra particularidade

compartilhada por essas três orações é a significação de *mostrar*, que equivale a *indicar*. Nos moldes Sistêmico-Funcionais, temos uma Verbiagem como complemento do processo, realizando, por assim dizer, uma ação de comunicar, de dizer. No último exemplo, (172), *mostrar* significa *dizer*, o que equivaleria a reescrever essa oração como “os testes vão dizer um pouco do seu jeito de ser”.

FALAR

(173) Os governos **falam** na criação de uma moeda comum. (FSP4)

(174) Mais uma vez, **fala-se** na Transnordestina. (JC5)

(175) **Estamos falando** de Maitê Proença, que nos brindou com uma crônica ousada e bem-humorada... (EP6)

(176) Elas não dão receitas de bolo, não **falam** dos aparelhos made-in-algum ... (UM2)

O exemplo (173) trata de um desejo dos governos brasileiros e argentinos na busca da integração monetária de Brasil e Argentina, concretizado no texto pelo verbo *falar*, que cria o objeto. Aquilo que é falado, ou dito, materializa-se, pode ser comentado, divulgado, e é essa a intenção adotada nessa oração com destaque para a Verbiagem “na criação de uma moeda comum”.

A oração (174) traz um Dizente indeterminado, e por isso, genérico, muitos falam nessa rodovia, a Verbiagem dessa oração, poucos agem para torná-la realidade. Em (175), o Dizente é a revista *Época* que esclarece ao público, na Verbiagem “Maitê Proença”, de que personagem trata naquele momento do texto.

Em (176) o verbo *falar* complementa uma descrição das personagens, tema do editorial, retomadas pelo Dizente “Elas” e apresenta “o não-falar em...” como um traço positivo dessas personagens. Nesse exemplo, a oração verbal tem um uso não detectado nas orações verbais analisadas, qual seja, compor o perfil de alguém, compondo a rede argumentativa do texto, ao contribuir para tornar positivo em nossas mentes o perfil abordado.

AFIRMAR

(177) Em nota oficial, sem contestar esses dados, a PCR **afirma** que o “sucesso do cadastro utilizado pela prefeitura do Recife... (JC6)

(178) Para não entrarmos em contradição com o que **afirmamos** acima, de se tratar de um orçamento realista, convém observar que as previsões feitas repousam nas expectativas favoráveis de crescimento de 3,5 % do PIB... (FPE12)

(179) Mas como *Época* **afirmou** na semana passada, pouco importa quem apertou o gatilho. (EP9)

No processo *afirmar* encontramos semelhanças de uso com as orações que contêm o verbo *dizer* e *mostrar*. Observemos:

Em (177), verifica-se uma voz externa, “a PCR **afirma** que o “sucesso do cadastro utilizado pela prefeitura do Recife...”, usada como argumento de autoridade, tal qual em (164): “Fazer as entrevistas e tabular as informações exigiu um esforço descomunal, **diz** a repórter Mônica Weinberg”.

A oração (178), “Para não entrarmos em contradição com o que **afirmamos** acima...”, marca o envolvimento da autoria semelhante a (162): “Como **dissemos**, os investidores não são políticos”.

Por fim, a própria revista como participante Dizente em (179) é o mesmo que acontece em (171): “E também **mostramos** os cosméticos apropriados para se levar ao campo...”.

O que torna as orações com *afirmar* diferentes é o fato de esse verbo, nos editoriais analisados, sugerir graus de comprometimento, não verificados nos casos com os processos *dizer* e *mostrar*. Isso pode ser decorrência de o verbo *afirmar* ter, como uma de suas significações, *assegurar* (cf. HOUAISS, 2001), o que não acontece com *dizer*. Ao escolher *afirmar*, o autor faz ressoar esse significado e, assim, fortalece as vozes que traz para seu texto como forma de ratificar seus argumentos.

Não é tão acentuada a presença dos processos verbais nos editoriais, visto que correspondem a 9% dos cinco tipos de processo investigados, assim como também não são freqüentes as citações, os discursos de outrem. Esse recurso só é utilizado quando o autor o julga necessário para ratificar ou esclarecer um comentário seu. Em tais situações, os processos verbais, como *dizer*, *falar*, *mostrar*, *afirmar* passam a fazer

parte do jogo argumentativo, em contextos variados como as que discutimos, em uma demonstração de que também os textos opinativos não podem prescindir da forma de *representar as experiências* do mundo, potencialmente presentes nesse tipo de processo e que constituem, sobremaneira, uma estratégia argumentativa com ampla capacidade de persuasão.

É com essa consciência que, para falar de Roberto Marinho, o jornalista inicia o texto citando indiretamente o próprio Roberto Marinho, como podemos ver no exemplo (164) “Numa entrevista em 1967, ele **dizia** que seu êxito como empresário era conseqüência de muito trabalho, certa ousadia e alguma sorte”. Para corroborar afirmações faz uso, em discurso direto, de exemplos como (178) “Em nota oficial, sem contestar esses dados, a PCR **afirma** que o ‘sucesso do cadastro utilizado pela prefeitura do Recife...”. Depoimentos, em discurso direto ou indireto, sempre são convincentes.

6 “... logo existo”: os processos existenciais

A função desse tipo de processo é construir a existência de algo. Para Halliday e Matthiessen (2004), processos existenciais são a representação de algo que existe ou acontece. Tipicamente, ocorre no início de um texto ou quando o texto está movendo-se para uma nova fase (cf. BUTT et al, 2000), como os exemplos: “**Há** consciência, no entanto, de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda poderia gerar problemas” e “...mas **existe** também o temor da perda de certas conquistas...” que são formas de dar prosseguimento ao texto. Os processos existenciais têm apenas um participante obrigatório, o *Existente*, que pode ser um fenômeno de qualquer tipo. Elementos circunstanciais quase sempre estão presentes nesse tipo de processo.

Esse processo está presente nos dados através dos verbos existenciais prototípicos da língua portuguesa: *haver* e *existir*. O primeiro ocorreu 49 vezes, em seis das sete fontes pesquisadas; o segundo, teve 11 ocorrências, em cinco fontes.

Investigar a função dos processos existenciais nos editoriais que formam o nosso *corpus* é o que faremos agora pela apreciação das orações abaixo elencadas, organizadas em torno dos processos *haver* e *existir*.

HAYER

(180) Os entendimentos avançaram e **há** sinais de que pode o ministro Cristovam Buarque dar uma inestimável contribuição à preservação de nossa memória com recursos ínfimos transferidos a UFPE. (JC3)

(181) Da posse fraudulenta, pelo compositor carioca Lamartine Babo, que registrou em seu nome a canção carnavalesca “Mulata”, de autoria dos excepcionais músicos pernambucanos Irmãos Valença, desmascarada na justiça. **Há** outras situações semelhantes, em teses de doutorado, músicas, romances e outras obras artísticas e literárias em todo o país. (FPE1)

(182) Nem todo processo de troca produz vencedores e perdedores. No comércio mundial ainda **há** distorções que premiam uns e punem outros... (VE12)

(183) Já se comparou muito o governo de Luiz Inácio Lula da Silva com a gestão de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. **Há** algumas semelhanças, especialmente na condução da política econômica... (EP9)

(184) **Há** ainda aquelas mulheres que estão sempre com a agenda lotada... (UM3)

O processo *haver* cumpre, de (180) a (184), a função de dar continuidade a idéias anteriores, apresentando um elemento novo que se instancia, que se cria pela presença desse processo. A introdução desse elemento recém-criado dá prosseguimento ao fluxo do texto, funcionando como uma ponte entre o *dado*, apresentado até então, e o *novo*, as idéias que passam a ocupar o centro da discussão. Assim se dá em (180), em relação às idéias anteriores sobre a importância de se preservar a memória de Recife e a possibilidade de se poder realizar essa tarefa concretiza-se na oração construída com *haver*. Em (181), que traz novos casos de fraude enunciadas no Existente: “*outras situações semelhantes...*” e também em (182), (183) e (184). São todos casos de prosseguimento do texto pelo surgimento de outras informações, adequadas ao conteúdo abordado: as orações (182) e (183), por exemplo, lidam com temas de Economia e Política, e os Existentes, por essa razão, situam-se nessa temática. Já o exemplo (184) dá seqüência a comentários sobre os tipos de mulheres e introduz um outro tipo de mulher, aquelas ocupadíssimas, que não têm tempo para absolutamente nada.

EXISTIR

(185) ... a impressão que se tem é que a proposta da comissão foi concebida para uma universidade ideal que não **existe** no Brasil. (FSP12)

(186) Em algumas capitais já **existem** mais pet shops do que farmácias. (VE2)

(187) De um lado, **existe** um desconforto mais do que conhecido com as reformas. De outro, uma certa irritação com a demora para tirar as mudanças do terreno das discussões. (EP4)

(188) Afinal, **existe** coisa mais fantástica do que segurar na mão do gato, olhar nos olhos dele e dizer: “Eu te amo!”? (TT5)

A oração (185) dá continuidade ao texto, dessa vez apresentando como novo o *Existente “universidade ideal”* e expondo claramente a opinião do jornal FSP sobre a proposta de avaliação do ensino superior, anteriormente esboçada. (186) situa-se em um editorial de apresentação, da revista Veja, que comenta as reportagens daquela edição. Essa oração continua uma informação sobre o número de lojas para animais domésticos. Ao afirmar a existência de mais “pet shops do que farmácias” chega-se a perceber um toque de ironia, e essa oração existencial parece, assim, externar uma crítica a essa situação.

O exemplo (187) traz para o leitor os motivos encontrados para que sejam feitas críticas ao governo Lula. A continuação proporcionada pela oração existencial é também uma justificativa para as afirmações anteriores. Em (188), o foco da oração existencial passa a ser a leitora, e o fato criado pelo processo *existir* apela diretamente a sua sensibilidade, no sentido de que aquela venha a agir da mesma forma que “prescreve” o editorial. Nesse exemplo, quando observado na totalidade do texto, também se visualiza a noção de continuidade, traço característico dos processos existenciais.

Criando novos fatos que expandem a temática abordada, como em (181), justificam afirmações já feitas, como em (187) e externam o ponto de vista do editorialista como em (186), as orações existenciais também trazem uma contribuição específica para os editoriais, assim como o fazem com as narrativas ao introduzirem personagens centrais (cf. HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004). Funcionando como *link* e, simultaneamente, como instauradoras de um novo foco discursivo, as orações

existenciais são deveras interessantes no trato com a construção da argumentação nos editoriais.

Esse tipo de processo, que representa 8% dos casos analisados, é especialmente importante para a progressão textual dos editoriais. Os processos existenciais mostram que, se há predomínio de um determinado tipo de processo, isso não exclui a possibilidade de outros processos, que têm papel decisivo em outros gêneros, entrarem em cena e desempenharem um papel relevante na construção do sentido.

Concluindo este capítulo, podemos afirmar que o uso dos diferentes processos nos editoriais, em especial os relacionais e os materiais, constituem um modo de apresentar idéias, defender pontos de vistas e buscar a adesão do leitor. O sistema de transitividade, interpretado pela LSF como a categoria gramatical responsável pela representação das experiências de mundo, externas ou internas, cumpre de variadas formas, como as demonstradas ao longo deste capítulo, a função de expor essas experiências com o intuito de persuadir o leitor, seja para concordar com as teses dos editoriais opinativos, seja para ler as revistas e também concordar com as idéias defendidas nos editoriais de apresentação.

As escolhas dos tipos de processos em relação às escolhas da materialização lingüística, como a presença maciça de oração em voz ativa, por exemplo, dialogam com os participantes selecionados para compor uma rede de significados que tem por objetivo, primeiro e último, o convencimento do leitor. Os tipos de participantes e as funções por eles desempenhadas nos editoriais são o tema de que trataremos no Capítulo IV, *A transitividade construindo opiniões: o papel dos participantes*.

CAPÍTULO IV

A transitividade construindo opiniões: o papel dos participantes

O que está escrito em qualquer texto constitui, então, um lado da história, um retrato possível da realidade...
(HEBERLE, 1997)

Após a investigação do papel dos tipos de processo na construção da opinião do gênero editorial, encontra-se a análise dos participantes que visa a averiguar a contribuição desse componente do sistema de transitividade para a expressão do ponto de vista institucional apresentado por esse gênero em suas diferentes feições. A apresentação dos resultados relativos aos participantes é feita de acordo com o tipo de processo: assim, teremos os participantes associados aos processos materiais, aos mentais e aos relacionais, a que seguem os relacionados aos verbais e aos existenciais. Gostaríamos de esclarecer que para discussão dos resultados relativos aos participantes, recorreremos aos exemplos já utilizados para análise dos tipos de processo no capítulo III; pretendemos, ao assim proceder, refinar e enriquecer a análise ao contemplar a relação processo e participantes na oração na inserção de seu contexto imediato.

Procedendo à análise a partir do primeiro participante (P1), detectamos dois tipos de SN: o SN lexical (SNL), tendo como núcleo um substantivo, modificado ou não; o SN individualizado (SNi), subtipo do SNL, aquele que tem como núcleo um indivíduo²⁷; bem como o SN pronominal (SNP), aquele que tem por núcleo um pronome. Depois, analisamos o segundo participante (P2), que pode ser textualizado como Meta, Extensão ou Beneficiário nos processos materiais. Fenômeno nos processos mentais; Atributo e Valor; nos relacionais, e Verbiagem, nos verbais. Ilustraremos a análise levando em conta as três formas de textualização de P1, a partir das quais trataremos também do P2, às vezes de forma específica, às vezes de forma generalizada.

²⁷ Tendo em nossos dados, diferentes editoriais, como o opinativo, que se ocupa de temas da esfera pública, o misto e o de apresentação, achamos por bem averiguar a presença desse SN no gênero em análise.

1. x faz y: os participantes Ator, Meta, Extensão

A frequência dos processos materiais nos dados evidenciam a importância desse tipo de processo na construção do sentido no editorial, pelo modo como representam ações ou eventos dinâmicos do mundo da experiência. Por vezes, essas orações veiculam os fatos discutidos nos editoriais, outras vezes são suportes para a argumentação desenvolvida.

Ator, Meta, Extensão são os participantes materiais mais frequentes nos editoriais. Foram analisados levando em consideração a premissa funcional estabelecida por Halliday & Matthiessen (2004, p. 60), segundo a qual:

O significado de qualquer elemento funcional está na sua relação com outras funções com as quais esse elemento está estruturalmente associado. Está na estrutura como um todo, na configuração total de funções que constroem, ou realizam, o significado. A função Ator, por exemplo, é interpretada somente em sua relação com outras funções do mesmo tipo - outras funções representacionais como Processo e Meta. (tradução da autora).

O Ator (P1), nas 236 orações materiais analisadas foi encontrado predominantemente como SN, embora tenhamos encontrado um ou outro caso de indeterminação do sujeito ou de passiva pronominal. A maioria é de SNs lexicais (SNL), que incluem o SN indivíduo (SNI), seguido de SNs pronominais (SNP). Essa análise da organização sintática do Ator justifica-se porque, segundo Pezatti, (2004, p. 189):

O fluxo de atenção lingüístico segue geralmente a ordem natural da Origem para a Meta, por isso não é arbitrário o fato de ser a seqüência sujeito-objeto a ordem mais comum de palavras nas línguas humanas. O fluxo de atenção na sentença transitiva parte do agente (Origem) para o paciente (Meta)...”.

Não observamos a organização sintática dos participantes Meta, Extensão e Beneficiário (P2), porque concordamos com a afirmação de Camacho de que “na posição de objeto (O), há, pelo menos, uma grande variedade de argumentos pacientes inanimados, cada qual relativamente efêmero no discurso” (1996, p.278). Essa

variedade e efemeridade discursiva nos permitem conduzir a análise a partir de P1 Ator, conforme os tipos de SN e tecer comentários sobre o P2 em função de sua pertinência para a interpretação.

A representação do Ator em SN lexical

Consideramos, como Liberato (2001), que a função primordial do SN é a de representar um referente. Dessa maneira, muitos e diversificados são os referentes que compõem os editoriais analisados, variando de acordo com o assunto discutido, com o tipo de editorial e com o tipo de público. Dentro dessa diversidade, escolhemos referentes no papel de Ator relacionados à área econômica para ilustrar os resultados²⁸:

- (1) **Esses movimentos positivos na seara financeira** ganharam *velocidade* (E) na semana passada... (FSP2)²⁹
- (2) **O BNDES**, que já atende às ferrovias, entrará *com mais financiamento* (E). (JC5)
- (3) **O PIB** cresceu 2% (E) neste início de ano. (FPE5)
- (4) Apesar do protecionismo da União Européia e dos Estados Unidos à agricultura deles, pesadamente subsidiada, **o Brasil** tem conseguido aumentar *o volume e o valor de suas exportações nesse setor* (M)... (JC9)
- (5) Em linhas gerais, **essa decisão** deverá beneficiar à população mais carente, colocando *à venda* (E) *remédios mais baratos* (M). (FPE8)
- (6) **Esse modelo**, centrado na obediência religiosa às normas do FMI (...) trouxe *crises* (M) *ao México, ao Brasil, à Argentina* (B), para ficarmos apenas nos maiores países da região. (JC11)

Nessas orações o Ator dos processos materiais *ganhar, entrar, crescer aumentar, promover e colocar* se combina a um P2 Extensão, em (1), (2), (3), a um P2 Meta em (4), e a Extensão e Meta em (5) para compor eventos dinâmicos que expressam movimentos positivos do cenário econômico, configurando-se, pois, como argumentos favoráveis à economia brasileira, no contexto em que são empregados.

²⁸ O Ator está em negrito e o P2 em itálico, seguido da letra inicial: M para Meta, E para Extensão e B para Beneficiário.

²⁹ Nesse capítulo reiniciaremos a numeração dos exemplos.

Em (6), embora o referente continue a ser do setor econômico, temos um caso de argumento desfavorável, no qual o editorialista combina o processo *trazer* com o Ator “Esse modelo”, mais os participantes Meta e Beneficiário para criticar uma postura da economia brasileira. A respeito do Ator de (6), é pertinente observar que a modificação pelo demonstrativo indica que nesse momento, ele é uma retomada e não mais uma informação nova. A esse Ator segue ainda uma especificação de seu sentido na oração seguinte: “centrado na obediência religiosa às normas do FMI”.

De Veja e Época, apresentamos os exemplos (7), (8) e (9) que ilustram o tema economia em editoriais opinativos:

(7) Uma reportagem da presente edição de Veja (...) mostra que a relação direta entre o volume de bens transacionados internacionalmente e o crescimento da riqueza mundial. **Nem todo processo de troca** produz *vencedores e perdedores* (M). No comércio mundial ainda há distorções que premiam uns e punem outros (VE12)

(8) A noção de que o livre-comércio gera riqueza global, no entanto, é aceito à esquerda e à direita do espectro ideológico. Por isso há uma torcida generalizada para que **os países ricos e emergentes** cheguem a *um acordo* (E) em Cancún. (VE12)

(9) **O Banco Central** teve sensibilidade para combater a desaceleração da economia e promoveu, dias atrás, *um agressivo corte de juros* (M). Meirelles, evidentemente, espera que a queda de juros provoque um reaquecimento. Afinal, se os juros sobem a economia esfria. Se os juros caem as vendas reagem. Na prática, contudo, as coisas não acontecem de forma linear.(EP11)

Os exemplos (7), (8) são orações situadas em fragmentos do texto que descrevem momentos favoráveis da economia. (7) é um argumento de transição que encerra a apresentação de um fato e inicia um outro. (8), através da ação de *chegar* a ser empreendida pelo Ator para atingir um objetivo, materializado no P2 Extensão, é um arremate da idéia apresentada como tese no período que o precede. Já (9), embora exalte através do P2 Meta, “um agressivo corte de juros”, a atitude do Ator “Banco Central” no combate aos juros, toma essa oração como ponto de partida para uma crítica negativa à política econômica vigente no país.

(10) Enquanto transcorria a entrevista, **a vida no andar do presidente** vivia o *burburinho típico do núcleo do governo* (E). (VE10)

(11) Lula já celebrou a mesma data em ambiente hostil, em que a polícia atacava operários com cassetete e **helicópteros** faziam vôos *rasantes* (M). (EP3)

Também são de Veja e Época os exemplos (10) e (11) que ilustram o tema política. (10) é uma oração de processo material que ocupa uma função que não lhe é própria, a descritiva, porém sem a estatividade que caracteriza as orações relacionais que preenchem esse papel na maioria das vezes. Observemos a combinação do núcleo do Ator, “a vida”, com o processo *viver* e o núcleo de P2 Extensão, “burburinho”. O conjunto confere uma idéia de movimento difícil de se obter com uma oração relacional. (11) descreve acontecimentos hostis ocorridos em uma comemoração de um Dia do Trabalhador à época em que Lula ainda era metalúrgico. Essa oração vem com o propósito de, logo em seguida, o autor apresentar Lula como presidente e, portanto, “o comandante-em-chefe” dos helicópteros e da segurança nacional. É um dos poucos exemplos encontrados em que o Ator é composto apenas por um SN básico.

Podemos notar que os Atores ilustrados até então são entidades e não seres humanos, talvez em virtude de os processos materiais envolvidos denotarem experiências da esfera pública, em temas de interesse coletivo. Esse fato motiva um certo distanciamento através do qual podemos perceber a interface entre as funções ideacional e interpessoal da linguagem.

(12) Já que os homens são de Vênus desde os primórdios bíblicos **a sociedade** tenta promover *o encontro entre esses dois seres tão incompreendidos entre si* (M). (UM1)

(13) **O mundo moderno** também trouxe *agências de casamento que ficaram milionárias tentando minimizar a solidão de homens e mulheres* (M). UM1

(14) **O batom certo, uma pele bem cuidada, um bom creme para o rosto** fazem *milagres* (M), pode apostar! (UM3)

Os exemplos (12) e (13) compõem um editorial misto da revista Uma no qual os desencontros entre homens e mulheres são o tema desenvolvido. Através dos participantes Atores, encapsulados genericamente nos substantivos “sociedade” e “mundo moderno”, a autora põe em relevo as dificuldades de relacionamento entre os dois sexos. Essa idéia é reforçada pelo P2 Meta nas duas orações, pela presença do

verbo *tentar* que antecede o verbo principal em (12), e do advérbio *também* em (13). Em (14), ao colocar no Ator “o batom certo, uma pele bem cuidada, um bom creme para o rosto” o poder do *milagre*, o editorial incentiva a mulher leitora a consumir os produtos de beleza que são matéria daquela edição. Fato materializado na oração exortativa “pode apostar” que encerra o fragmento.

(15) Outras ocasiões, **Minas Gerais e Bahia** receberam *capas diferentes do restante do país* (M). (EP12)

(16) **UMA** nasceu *para ser o espelho da mulher contemporânea* (E). Mulher inteligente, independente, questionadora, bem informada (UM6)

Temos também, entre os Atores analisados, referentes relacionados à religião, à sociedade e ao universo feminino, este último com predomínio nas revistas Uma e Todateen, e casos em que o próprio veículo se torna referente, como é nas orações (15) e (16).

As orações (15) e (16) são exemplos em que as próprias revistas se auto-referenciam; são casos de editoriais de apresentação, nos quais as reportagens, entrevistas e matérias que compõem a edição do mês são apresentadas aos leitores. Esta apresentação é seguida sempre da indicação das páginas e, às vezes, motivos que justificam a leitura. (15) com o Ator “Minas Gerais e Bahia” aborda o fato de *Época* ter circulado com capas diferentes, como informam o P2 Meta e a circunstância “outras ocasiões”. Já (16), pelo processo material *nascer* e o P2 Extensão, promove uma aproximação entre a revista e suas leitoras. Nos elogios que faz à mulher, Uma elogia a si mesma. Nesse exemplo, uma oração material consolida, então, uma autopromoção.

Como pudemos constatar, orações com organização semântica semelhante - Ator + Processo Material + Meta (Extensão) (Beneficiário) - observadas em relação com outras funções, no texto no qual se inserem, constroem significados variados de acordo com o funcionamento da linguagem naquele determinado momento. Nas sentenças do editorial padrão, uma relação mais impessoal, determinada em parte pelos temas abordados, é visível no tipo de SN Ator. Nos editoriais de apresentação ou mistos, detectamos SNs Atores referentes mais ligados à vida cotidiana e, portanto, menos impessoais.

Pela análise efetivada, e nos exemplos comentados até o momento, pudemos perceber que a representação do referente dos processos materiais, no editorial, parece vir acompanhada de uma necessidade de especificação, uma vez que a maioria quase absoluta dos SNLs é de SNs expandidos, ou seja, modificados de alguma maneira por adjetivos, pronomes, artigos, como por exemplo, os exemplos (1) e (2), e poucos são os casos de SNLs básicos, compostos apenas por um substantivo, como nos excertos (11), (15) e (16). SNs expandidos delimitam significados, especificam traços, e dessa forma parecem se adequar ao propósito comunicativo do editorial, o que encontra respaldo na afirmação de Liberato (2001, p. 42), de que “atribuir uma característica a um referente é enquadrá-lo em uma classe”.

As orações materiais podem ser transitivas - com dois ou mais participantes envolvidos como as exemplificadas anteriormente - ou intransitivas - quando apresentam apenas um participante inerente, o Ator. Este é o caso do grupo de sentenças que passaremos a comentar, apesar da preponderância das sentenças transitivas. Do total de 236 sentenças materiais, apenas 54 apresentam a estrutura Ator + Processo material. Entretanto, a presença das sentenças intransitivas não é gratuita ou aleatória, já que toda escolha é potencialmente significativa, e por isso merecem ser analisadas. O total das sentenças intransitivas encontradas nos dados distribuem-se nos jornais e revistas, mas com baixa frequência na FSP, na FPE e em Todateen. Para exemplificação, mostramos uma oração de cada veículo, jornal e revista, que representam o conjunto das orações intransitivas encontradas:

(17) Quando comemorou sete meses de seu Governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresentou como grandes trunfos de sua administração a aprovação da reforma da Previdência, a queda da inflação e o início do declínio da taxa básica de juros. Certamente um feito, pois a reforma estava empacada há anos, **a inflação** crescia e os juros idem. (JC11)

(18) O mais preocupante nesse quadro é que, em vez de arrefecer com a distribuição crescente de lotes, **o número de invasões** aumenta cada vez mais. (VE7)

(19) **O risco país** não pára de cair, os títulos da dívida externa alcançaram um valor que é recorde histórico. (EP3)

(20) Ainda é cedo para afirmar categoricamente que **a lua-de-mel de Lula com o eleitorado** acabou. (EP4)

(21) **Primavera** chegando, visual novo! (UM5)

Os fragmentos, (17), (18) e (20) apresentam como Ator referentes ligados à Política. A oração (17) encontra-se em um quadro que arremata ações elogiáveis do governo Lula. O exemplo (18) traz a oração intransitiva que vem se contrapor à oração anterior, e, no quadro das acusações que vêm sendo feitas à reforma agrária, se configura como mais uma crítica ao MST. Por sua vez, (20) representa uma ponderação em relação ao atual governo do Brasil, mas é também uma abertura para as falhas desse governo que vêm em seguida e que são a tônica de todo o editorial.

O exemplo (19) é uma das ações positivas empreendidas pelo governo do PT na economia, apresentadas pelo autor para encerrar o editorial elogiando o governo Lula. Na conclusão desse editorial, “Mas já deu para perceber que **perdeu** quem **apostou** na piora da crise. Ao menos por enquanto, o **moderado** Lula é **um vitorioso**”, as orações materiais usadas permitem as duas classificações atribuídas a Lula: de moderado no SN e de vitorioso como participante Atributo da oração relacional.

Em (21), exemplo de Uma, há uma mudança total de tema e de perspectiva em relação aos exemplos de (17) a (20); o Ator de (21) em nada se assemelha ao Ator dessas orações. Em um editorial que tem a moda como assunto de destaque, (21) encerra o texto fazendo uma exortação à compra de roupas, pois mudança de estação, encapsulada na relação do Ator “Primavera” com o processo *chegar*, significa, para a autora, mudança de visual.

Com as orações de (1) a (21), mostramos o funcionamento do Ator expresso em SNLs nos editoriais. A seguir temos esse participante em uma outra materialização lingüística, e, portanto, com outros papéis a desempenhar.

A representação do Ator em SN individualizado

Estamos tratando como SNi, os SNLs que representam pessoas físicas, indivíduos, por assim dizer. Essa sub-especificação se tornou necessária, primeiro, pela constatação de que, embora em número de ocorrências bem inferior aos SNLs e aos SNPs, esse tipo de SN é realizado com quatro dos tipos de processo analisados,

exceto os existenciais. Segundo, pela curiosidade gerada para compreender o papel de um SN como esse no funcionamento do editorial jornalístico padrão que trata sempre de temas mais gerais, da esfera pública, onde, em princípio, a individualização de ações, de atitudes não é esperada, como o é nos editoriais de revistas femininas³⁰.

Vamos aos casos:

(29) **O presidente Lula** disse clara e objetivamente (...) que o Brasil só sairia da situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos e até chegou a um número fascinante: 10 milhões (E). (JC8)

(30) Em 30 de julho último, na sua primeira coletiva, **o presidente norte-americano** assumiu a responsabilidade sobre o fato de que o Iraque tentou comprar urânio na África para desenvolver um programa nuclear (M)... (FPE9)

(31) Ainda muito jovem, quando recebeu, em 1925, o encargo de conduzir um jornal (M) (...) **Roberto Marinho**... (FSP10)

(32) **Diogo** começou a escrever em VEJA em 1991, e só em 1999 ganhou um espaço próprio (E). (VE6)

(33) Só em 2002, **Eliane** ganhou três troféus de primeira linha (E)... (EP1)

A observação do uso dessas orações em seus respectivos editoriais mostra que (29) e (30) são diferentes de (31), (32) e (33), na medida em que as duas primeiras são empregadas como uma espécie de argumento de autoridade. Ou seja, os autores recorrem a declarações dos presidentes do Brasil e dos Estados Unidos como subsídio para ratificação de suas idéias: os entraves com o programa Primeiro Emprego, do Governo Federal em (29); as dúvidas sobre a necessidade da guerra do Iraque em (30).

Em (31), (32) e (33), os indivíduos que figuram como Atores são conteúdos dos editoriais: O exemplo (31) homenageia o jornalista Roberto Marinho por ocasião de sua morte e uma retrospectiva de sua vida é apresentada ao leitor, salientando as virtudes e grandes feitos dessa personalidade. O editorial “Quem é Diogo Mainardi” tem como tema o articulista Diogo Mainardi, apresentando-o como um escritor competente e polêmico; (32) destaca a trajetória dele na revista, em especial o momento em que passa a ter “um espaço próprio”, P2 Extensão do processo *ganhar*. O editorial, “Profissionais premiados”, discorre sobre jornalistas de Época que receberam prêmios

³⁰ Essa justificativa se estende a todos os SNis dos demais processos analisados nesta tese.

por seus trabalhos, entre eles, a repórter especial Eliane Brum, cujo excerto (33) destaca sua premiação em 2002, através do P2 Extensão, “três troféus de primeira linha”.

Como podemos notar, as ações efetivadas pelos SNis Atores tanto podem fazer parte do editorial compondo a apresentação de um perfil que traz, de forma subjacente, o desejo de persuadir o leitor, caso dos exemplos (31), (32) e (33), como podem estar claramente a favor e em função da argumentação desenvolvida, caso das orações (29) e (30).

A representação do Ator em SN pronominal

Entre os SNs Pronominais, encontramos os formados por pronomes pessoais, por pronomes relativos e por pronomes indefinidos, seqüência que seguiremos para apresentação.

(34) O encontro com os jornalistas de Veja estava programado para durar apenas quarenta minutos, mas acabou se estendendo por mais de duas horas. **Eles** encontraram *um presidente* (E) à vontade no cargo e com posições seguras... (VE10)

(35) Em outubro na nossa edição de aniversário, **você** irá ganhar *o presente mais esperado do ano* (E). (UM6)

(36) As férias estão chegando e **você** vai poder curtir tudo o que tem direito... sair com as amigas, ir ao cinema, viajar... (TT4)

(37) Quando **cheguei**³¹ em casa, mal pude esperar para encontrá-lo de novo. (TT6)

(38) É por isso que **a gente** faz *a Todateen* (M). (TT5)

Esse tipo de SNP foi encontrado mais freqüentemente nos editoriais das revistas femininas, conforme ilustram os exemplos acima. Uma relação pessoal, menos formal e de maior intimidade estabelecida entre autor e leitor, nesses editoriais, parece ser o fator determinante da presença dos pronomes pessoais, principalmente os de primeira e segunda pessoas do singular, uma vez que a terceira pessoa “eles”, do plural,

³¹ Nos casos em que o P1 não está expresso sintaticamente, manteremos o negrito no processo.

presente em (34), no editorial de Veja, é uma anáfora textual, pois retoma o termo “jornalistas”, do período anterior, não sendo, portanto, um traço que evidencie informalidade do discurso.

Em oposição à oração (34), temos as orações (35) “**você** irá ganhar o *presente mais esperado do ano*” e (36) “As férias estão chegando e **você** vai poder curtir tudo o que tem direito...” nas quais o diálogo com as leitoras é marcante e direto através da presença do pronome “você” como Ator. Assim, as redatoras de Uma e Todateen colocam as leitoras como centro de atenção no editorial, de forma a deixar claro que ela, leitora, é o que mais importa para a revista.

A oração (37) é um caso *sui generis* da revista Todateen porque apenas essa revista, nos nossos dados, apresenta editoriais intergenéricos. TT6 de setembro de 2003, sem título, é uma carta que uma adolescente escreve ao seu namorado, portanto, um contexto muito favorável ao uso da primeira pessoa do singular.

O exemplo (38), também da Todateen, diferencia-se por apresentar um Ator que sintetiza, no SN “a gente”³², a primeira pessoa do plural que representa a equipe da redação; é a utilização da linguagem coloquial como uma maneira eficiente de aproximação, de ratificação da intimidade com a leitora adolescente, intimidade já buscada através do colorido da página, das ilustrações e fotografias, das frases curtas e dos temas em pauta³³.

(39) Só que **vivemos** muito longe desse mundo. (FSP12)

(40) **Fazemos** essas *reflexões* (M) a propósito do tardio reconhecimento da falência do modelo econômico batizado de Consenso de Washington... (JC11)

Os fragmentos (39) e (40) contêm SNP em primeira pessoa de plural, uma tentativa do autor de fugir um pouco do tom impessoal e formal que predomina no editorial jornalístico, embora percebamos uma certa distinção entre os dois usos. Em (39), há uma intenção clara de envolver o leitor. Essa oração encerra decisivamente o editorial, no sentido de apresentar a opinião do autor como ponto pacífico sobre o problema da avaliação do ensino superior. É o Ator expresso no pronome pessoal que,

³² A respeito do SN “a gente” usado como pronome, consultar NEVES, 2000.

³³ Cf. Anexo 7.

ao reunir autor e leitor no mesmo mundo, possibilita essa interpretação. Em (40), o plural de modéstia expresso no pronome “nós” é mais um recurso para persuadir o leitor.

Um outro tipo de SNP freqüente nos dados foi o Ator representado por pronome relativo, presente nos exemplos (41), (42) e (43). Esse tipo de pronome que não tem significação própria, pois representa o seu antecedente, introduz uma oração de função adnominal. Os relativos encontrados em nossos dados pertencem ao grupo dos nucleares por constituírem o núcleo do sintagma (cf. NEVES, 2000). Tais pronomes exercem sempre uma função sintática na oração que ligam e subordinam; nos exemplos abaixo, de acordo com a Lingüística Sistêmico-Funcional, desempenham o papel de Ator.

(41) Em junho de 1995, FHC tinha para exibir a relativa novidade da estabilização da moeda e um crescimento econômico **que** garantiu *aos mais pobres* (B) *acesso a inéditos itens de conforto* (E). (FSP7)

(42) Finalizando, deve ser uma preocupação permanente **dos que** estão fazendo *aquele trabalho* (M) não recorrer à violência nem à arbitrariedade para fazer cumprir a lei. (FPE2)

(43) Elas não dão receita de bolo, não falam dos aparelhos made-in-algum **que** prometem acabar *com a celulite* (E)... (UM2)

Em (41), o relativo “que”, Ator de *garantir*, retoma o termo “um crescimento econômico” que passa a compor a oração adjetiva como um ponto positivo do governo FHC, tornado mais evidente pela combinação com o Beneficiário, “aos mais pobres”, e o participante Extensão, “acesso a inéditos itens de conforto”. (42) encontra-se na conclusão do editorial, momento em que os editorialistas, às vezes, aproveitam para ditar modos de ser ou de fazer às autoridades constituídas; o editorial é usado como um canal de diálogo entre instituição jornalística e governo. O pronome relativo dessa oração representa essa autoridade, aquele a quem se recomenda um modo de agir. Em (43), o relativo retoma “aparelhos made-in-algum” em oração que faz parte da apresentação às leitoras do tema do editorial: as mulheres que fazem o programa *Saia Justa*, do canal GNT. Os termos “Não dão receitas de bolo” e “não falam dos aparelhos made-in-algum” já seriam altos elogios a essas mulheres por significar que elas não

falam de banalidades. A restrição introduzida pela oração com o relativo “que prometem acabar com a celulite”, eleva mais ainda o moral delas porque quer dizer que elas não se preocupam com esse tipo de problema feminino.

Tendo exposto os resultados em relação ao participante Ator, resta-nos tratar do segundo participante. Sintetizando os resultados, constatamos uma frequência maior do participante Meta, seguido por Extensão e poucos casos de Beneficiário. Isso demonstra que a sentença transitiva básica, definida por Kittilä, (2002, p. 128) “... como uma sentença sintática e semanticamente independente que descreve um evento único, concreto e dinâmico no qual uma ação volitiva de um agente definido e referencial atua sobre um paciente (...) diretamente afetado pela ação” e na qual figura o participante Meta (o qual representa o participante afetado pela ação do verbo) parece mais apropriada à expressão das experiências de mundo que se quer retratar no editorial.

2. x sente, percebe, entende y: os participantes Experienciador e Fenômeno

Responsáveis pela apreciação humana do mundo, os processos mentais externam as experiências do mundo da consciência no funcionamento lingüístico através de sua combinação com seus participantes inerentes: o Experienciador e o Fenômeno. Temos, assim, orações com dois participantes, dos quais o P1 se materializou nos editoriais de nosso *corpus*, a exemplo dos processos materiais, como SNL, SNi - esse com apenas um caso - e SNP. Em relação à composição do SNL, observamos que a maioria deles aparece especificado apenas por um artigo, diferentemente dos SNLs dos processos materiais que recebem uma expansão bem mais ampla por meio de adjetivos, pronomes e artigos.

Embora em percentual menor do que as orações materiais e relacionais, pois representam 8% das ocorrências, as orações mentais, analisadas, sempre em sua relação com as demais sentenças no editorial, desempenham um papel na construção global do significado.

A representação do Experienciador em SN lexical

(44) Premidos pelo elevado desemprego, **governos europeus** querem a *redução dos juros*. (FSP6)

(45) Com o dólar baixando para a faixa de R\$ 2,80, e permanecendo nesse patamar, talvez **o mercado** deixasse de considerar *inviável o cumprimento da meta de inflação*. (FSP2)

(46) **Brasília** nem imagina *as limitações da maioria dos municípios espalhados por todo o território nacional*. (JC6)

(47) **O Governo** só pretende *investir no negócio* a partir de 2004. (JC5)

(48) Em 2006, por exemplo, quer (**O governo federal**) *atrair milhões de turistas estrangeiros*. (FPE7)

(49) **A sociedade** não quer *debates acalorados que produzem e esticam conflitos*. (EP9)

(50) ... pura alegoria sob **um regime** que nem sequer pretende *assegurar a divisão entre poderes...* (EP2)

Em todos os exemplos acima, representativos dos demais encontrados nos dados, o Experienciador encapsula uma coletividade representativa de um conjunto de vontades individuais. Como as conversas espontâneas favorecem a presença de um Experienciador indivíduo, percebemos que o editorial padrão - e outros gêneros jornalísticos, dos quais esta pesquisa não se ocupa - pelos seus objetivos, pelos temas tratados e pelo tipo de relação com o público, favorece a ocorrência de Experienciadores genéricos como os que constam de (44) a (50), sem exceção, para os diferentes processos mentais: *querer, pretender, considerar e imaginar*.

A representação do Experienciador em SN individualizado

(51) Desta vez, até **o próprio Nobel José Saramago**, sempre disposto a sustentar regimes de retórica stanilista, considerou *prudente condenar a ditadura cubana*. (EP2)

O único Experienciador SNi encontrado nas orações de processo mental é empregado nesse editorial que tem a política internacional como tema, em especial a

situação de Cuba, para corroborar as críticas feitas ao Governo de Fidel Castro. A denominação do Experienciador, que nesse fragmento do editorial já é um recurso de argumentação, encontra-se reforçada pelo operador argumentativo “até” e pelo modificador “próprio”.

A representação do Experienciador em SN pronominal

(52) ... com a crescente desordem promovida pelo MST e movimentos similares que tentam, por todos os meios, deter o progresso da agropecuária nacional (...). **Eles** já provaram que não querem *reforma agrária, e sim eliminação da propriedade privada e volta a um agricultura de subsistência...* (JC9)

(53) **Quer** *provar um pouquinho?* (TT4)

(54) Nessas despreziosas linhas escritas, não **pretendemos** *defender o regime tirânico e ditatorial que existia sob o governo de Saddam Hussein.* (FPE9)

(55) Não **queremos** *muito, não. Queremos ser amadas.* (UM3)

As orações (52) e (53) ilustram Experienciadores realizados através de pronomes pessoais. Em (52), a terceira pessoa do plural, “eles”, é um anafórico que retoma “MST e movimentos similares”. Combinado com o processo *querer* e o fenômeno descrito mostra o MST como um movimento reacionário, uma ameaça ao bom desempenho da agricultura brasileira no momento. Em (53), exemplo de Todateen, temos diferente tema, diferente público, diferente situação. O SNP usado, não materializado no texto, é o pronome de segunda do singular, “você”, através do qual a autora se dirige às meninas leitoras, numa amostra direta de aproximação e intimidade entre autor e público, visível na forma de influenciar à leitora, ou seja, no convite ou sugestão para provar as coisas boas que a revista oferece.

Também os SNPs em (54) e (55) são pronomes pessoais. A diferença entre esses e os exemplos (52) e (53), além obviamente da forma, diz respeito ao envolvimento do autor com o que enuncia no exemplo (54); e do autor com o leitor em (55). O pronome “nós” traz a leitora para o texto, para compartilhar o desejo de afetividade expresso no participante Fenômeno. Através dessa oração, autora e leitoras se equiparam, o desejo de uma é o desejo de todas, são cúmplices. Em (54), é o

comprometimento do autor com sua opinião que se desvela para o leitor através de sua presença no texto como Experienciador realizada pelo pronome pessoal “nós”.

(56) *Ninguém pretende que o atual sistema de avaliação baseado principalmente no provão (...) seja perfeito.* (FSP12)

(57) *Como sempre é possível ajudar a natureza, para quem quer emagrecer e não consegue, o melhor é recortar e colar na geladeira ou no espelho do quarto a matéria “Sabotadores do emagrecimento”...* (UM3)

(58) *Se a aprovação - expressa no percentual dos que consideram o governo ótimo ou bom - lembra a de FHC, a desaprovação é menor.* (FSP7)

Os SNPs de (56) e (57) são pronomes indefinidos referentes a pessoas, que denotam imprecisão ou vagueza. Em (56), não se sabe, ao certo, se o autor também compartilha essa pretensão ou se ela é sentida pela sociedade de forma geral, ou apenas pelo segmento universitário, mais diretamente afetado pelo problema. A questão é que, assim expresso, esse excerto contribui para que o problema alcance a abrangência desejada pelo autor. Em (57), a indefinição do Experienciador “quem” serve para atingir o grupo de pessoas que vivem a experiência de não conseguir perder peso e mantê-lo. Há uma problematização que surge com o uso da oração mental, que é tomada como ponto de partida para a indicação da leitura de uma matéria que traz a solução para o problema³⁴.

Por fim, encontramos entre os SNPs Experienciadores este caso de pronome relativo no exemplo (58); o relativo “que”, do processo mental *considerar*, retoma um referente do parágrafo anterior, usado nessa oração para reafirmar a aprovação do governo Lula.

Experienciadores e Fenômenos inserem-se em meio aos outros participantes mais freqüentes, como Ator e Meta, por exemplo, para revelar crenças, valores e desejos, complementando, reforçando ou reafirmando argumentos que representam as experiências do mundo descritas no editorial.

³⁴ Mais informações a esse respeito podem ser obtidas em HEBERLE, 1997.

3. x é y , x está y , x tem y : os participantes Portador e Atributo; Característica e Valor

Esse item versará sobre o tipo de oração mais freqüente em nossos dados³⁵, as orações relacionais, cujo propósito é apresentar uma entidade de forma a torná-la membro de uma classe (orações atributivas) ou identificá-la através de um traço, uma função, ou uma definição (orações identificativas).

Encontramos, nessas orações a maioria de SNLs, englobando os SNis, seguidos de SNP, o que equivale a dizer que a materialização lingüística do P1 não se diferencia nos diferentes tipos de processo, como já pudemos ver em relação aos materiais e aos mentais. O que se distingue é a função desses participantes em sua relação com as demais orações que compõem o texto com vistas ao alcance do objetivo de cada um deles.

Portador e Característica dos processos relacionais também designam referentes variados conforme o tema que se discute, o editorial e o público. É essa variedade que ilustramos a seguir, salientando seu potencial argumentativo na variação do gênero editorial.

Queremos antes ressaltar uma diferença na organização sintática dos SNLs em relação ao Ator dos processos materiais, e uma identificação com o Experienciador dos processos mentais. Em outras palavras, o SNs Portador ou Característica não é um SN básico, mas é modificado, na grande maioria dos casos, apenas por um artigo ou um pronome.

O que não contradiz a nossa afirmação anterior de que SNs expandidos delimitam significados, especificam traços, e dessa forma parecem se adequar ao propósito comunicativo do editorial. O fato é que nas sentenças relacionais essa expansão é feita pelo Atributo ou Valor. Por outro lado, isso nos faz ver que classificar, definir, categorizar é uma constante nos editoriais, seja pela alta incidência de SNs expandidos nos processos materiais, seja pela alta incidência de orações relacionais.

³⁵ Cf. gráfico 1, *A distribuição dos tipos de processo nos jornais e revistas*.

Orações Relacionais Atributivas: Portador e Atributo

Orações atributivas enquadram referentes dentro de uma classe pela associação de uma classificação contida no Atributo ao Portador, mediada pela presença de um processo relacional.

A representação do Portador em SN lexical

(59) Se a aprovação (...) lembra a de FHC, **a desaprovação** é *menor*. (FSP7)

(60) A iniciativa representa uma sinalização clara do desejo de fortalecer a integração regional. **A inclinação brasileira nesse sentido** está *nítida* há anos. (FSP4)

Em (59), o editorialista da FSP dá continuidade a idéias que vem apresentando sobre o desempenho do Governo Lula em comparação com governos anteriores. O Atributo “menor”, relacionado ao Portador “a desaprovação”, na relação de antonímia que se estabelece com a oração anterior, contribui, junto com outros dados apresentados, para desenhar um quadro favorável ao presidente, e que vai se manter ao longo do editorial. Em (60), também a FSP faz uso de uma oração atributiva para falar favoravelmente do Brasil. Ao tratar de um acordo entre Brasil e Argentina com o intuito de reforçar a integração monetária dos dois países, a oração relacional, pelo Atributivo “nítida”, descreve as boas intenções do nosso país, em contraponto à oração seguinte que mostra que o país vizinho não tem a mesma intenção.

(61) **O novo formulário** tornou-se *complicado*, com centenas de quadros a preencher... (JC6)

(62) **A Caixa Econômica Federal** (...) não parece *bem preparada para esse tipo de serviço*. (JC6)

As orações escolhidas do JC apresentam seus participantes Portador descritos negativamente; em (61), pelo Atributo “complicado...”; em (62), pela combinação do

relacional *parecer* com o Atributo “bem preparada”³⁶. Elas compõem um cenário de críticas desfavoráveis que o editorial faz à implantação do programa Bolsa-Escola. Amoldam-se aos interesses postos em jogo no texto, de forma a compor uma unidade discursiva, cujo propósito maior é tornar o leitor cúmplice da opinião, um crítico desse programa governamental e, por conseguinte, da política social do atual governo.

(63) **O orçamento da União** para 2004 é *realista*. (FPE12)

(64) E para completar o quadro, vale lembrar que **a economia brasileira** ficou praticamente *estagnada* no primeiro trimestre deste ano. (FPE5)

Da FPE, temos duas situações: (63) é a nominalização do título “Orçamento realista” transformada em oração inicial do texto, valorando positivamente o Portador, e a partir da qual o editorial se desenvolve com o mesmo tom de elogio contido no Atributo “realista”. Em (64), entretanto, diz-se que o Portador “a economia brasileira” vive um momento de estagnação. Essa crítica vem somar-se a várias outras feitas pela FIESP e pela CNBB, às quais o autor recorre para demonstrar o pensamento da FPE sobre o governo do presidente Lula. É importante destacar que (64) se encontra no trecho final do editorial e é a primeira crítica feita pelo autor para, como ele mesmo afirma, completar o quadro negativo sobre a economia brasileira que ele traçou a partir das posições dos supracitados órgãos.

(65) Mas **a pregação do Vaticano contra os preservativos** é *inócua e irresponsável*, especialmente no que se refere aos jovens. (VE1)

(66) **A presente edição da revista** está particularmente *rica*. (VE2)

Os exemplos de Veja pertencem a tipos de editoriais diferentes: (65) é de editorial opinativo, (66) de editorial de apresentação. Essa diferença é patente nos referentes envolvidos como P1. No editorial “De costas para a vida” que trata de religião, a igreja católica é várias vezes retratada como retrógrada quando o assunto é sexo. (65) reafirma essa visão classificando-a como “inócua e irresponsável” no que se

³⁶ Nesse exemplo, só o Atributo não é suficiente para qualificar negativamente o Portador; é fundamental a presença do processo relacional *parecer*, que não só associa o Atributo ao Portador, mas o faz de forma modalizada.

refere ao uso de preservativos pelos jovens, já que estes, afirma o autor, “se iniciam sexualmente muito cedo e se mostram, a cada geração, mais refratários a obedecer a normas de comportamento ditadas por clérigos celibatários”. (66) é um exemplo típico de autovalorização do conteúdo da edição; nesse exemplo, o Atributo “rica” ainda recebe a ênfase da circunstância de Modo “particularmente”, que contribui para tornar a revista mais sedutora.

(67) **O fracasso atual de Fidel** é *completo e visível em cada aspecto da vida cotidiana...* (EP2)

(68) **Esta edição** também traz *duas estréias – igualmente femininas*. (EP6)

O exemplo (67) consolida, de forma peremptória e quase conclusiva - essa é a penúltima crítica feita a Fidel Castro no editorial - a péssima imagem do ditador cubano e de seu governo esboçada no editorial. O Portador dessa oração “O fracasso atual de Fidel” já é uma abordagem negativa, intensificada pelo Atributo “completo e visível...”. O exemplo (68) refere-se ao conteúdo da edição que, no mês em curso, privilegia a presença das mulheres. A propósito, o título desse editorial é “As mulheres por cima”, razão pela qual, em (68), as estréias femininas são apresentadas como destaque no participante Atributo.

(69) Os séculos foram se sucedendo, mais e mais homens e mulheres foram nascendo e nem por isso **o encontro entre os dois** tornou-se *mais fácil*. (UM1)

(70) Os cabelos escuros começam a perder força, **o castanho** fica *mais claro*... E por aí vai. (UM5)

O exemplo (69) pertence a um editorial misto da revista Uma; e na oração atributiva desse fragmento, o Portador, em negrito, é caracterizado de forma a rechaçar o argumento anterior de que o aumento de homens e mulheres poderia facilitar o encontro entre os dois sexos. O uso do processo relacional *tornar* é fundamental para a transmissão dessa idéia. (70) dá seqüência a uma série de sentenças nas quais são expostas as novas tendências da moda no quesito cores, tratando especificamente da tonalidade dos cabelos. Toda essa série, ao mesmo tempo em que diz como está a

moda, também faz sugestões sobre o visual a ser adotado pela mulher leitora para ficar de acordo com a nova estação.

(71) Por falar em gatos, **a revista** está *cheia deles*. (TT2)

(72) **A edição deste mês** ainda traz *muito mais coisas pra você: gatos, testes, beleza e tudo o que tem a ver com o seu mundo*. (TT1)

Os exemplos de Todateen tomam a revista como Portador nas duas orações e a caracterizam com os Atributos “cheia deles”, em (71), e “muitas coisas para você...”, em (72). Ambos valorizam o conteúdo da revista de forma a tornar a leitura indispensável: em (71) por informar que a edição está repleta de “gatos”, termo retomado na combinação da preposição *de* mais o pronome *eles*; e em (72) pela variedade de coisas presentes e mais ainda coisas que dizem respeito ao mundo adolescente. Um participante Atributo notoriamente envolvente e sedutor.

A representação do Portador em SN lexical individualizado

(73) Embora tenha feito uma carreira política naquele mundo que genericamente se chama de esquerda, **Lula** sempre foi *menos esquerdista do que a maioria*. (EP3)

(74) Lula já celebrou a mesma data em ambiente hostil, em que a polícia atacava operários com cassetetes e helicópteros faziam vôos rasantes. Em 2003 **o operário-presidente** tornou-se *o comandante-em-chefe dos helicópteros e, em última análise, de toda a máquina de segurança do país*. (EP3)

Em (73) e (74), temos como Portador o atual presidente do Brasil; trata-se do mesmo editorial, no qual o autor exalta algo que ele considera uma virtude de Lula e de seu governo, a moderação. (73) ressalta exatamente essa qualidade através do Atributo “menos esquerdista...”, ao passo que (74) assinala dois momentos da vida do atual presidente: a oração relacional atributiva, em relação ao fragmento anterior - “Lula já celebrou a mesma data em ambiente hostil...” - destaca a trajetória vitoriosa desse político, de operário a comandante da nação.

(75) Não, não se trata *de um turista acidental* – **Riq** é um viajante compulsivo... (EP7)

(76) ... **o pequeno Gabriel**, de 7 meses, que, com certeza, terá *um futuro brilhante pela frente*. (EP7)

Do editorial “Uma cabeça brilhante”, de Época são os exemplos (75) e (76). A oração (75) encontra-se na descrição para apresentação ao público do novo colunista da revista, o publicitário Ricardo Freire, o qual se torna referente pela maneira como é tratado na intimidade, “Riq”. É um Portador em posição catafórica, pois se encontra na oração relacional seguinte. O texto prossegue apresentando uma reportagem, coordenada por uma editora da revista, sobre como fazer dos filhos uma pessoa de sucesso, equilibrada e feliz. Nesse contexto, (76) figurando como uma motivação extra da editora para conduzir o trabalho, encerra o editorial de forma otimista ao atribuir ao Portador “o pequeno Gabriel” a certeza de um grande futuro. Nesse sentido, a sincronia dessa oração com o conteúdo da reportagem é perfeita.

A representação do Portador em SN pronominal

(77) Como dissemos os investidores não são políticos. Mas **eles** estão *atentos a políticas que podem afetar o mercado*. (JC10)

(78) Mas a pregação do Vaticano contra os preservativos é inócua e irresponsável, especialmente no que se refere aos jovens. **Eles** se iniciam sexualmente muito cedo e se mostram, a cada geração, *mais refratários a obedecer a normas de comportamento ditadas por celibatários que nada entendem da prática do sexo...* (VE1)

(79) Todas são mulheres (Rita Lee, Marisa Orth, Fernanda Young e Mônica Waldvogel) fortes e muito seguras em suas opiniões. (...). **Elas** são *generosas e carinhosas umas com as outras*. UM2

(80) **Você** é diferente de todos os garotos que conheci. TT6

(81) **Estamos** acostumados às propostas orçamentárias irrealistas... (FPE12)

O SNP foi usado como anafórico em (77), (78) e (79), que retomam “os investidores”, “os jovens” e “Rita Lee, Marisa Orth, Fernanda Young e Mônica Waldvogel”, respectivamente. A esses Portadores se acrescentam Atributos que atuam como suplemento, como informações adicionais, necessárias ao término da argumentação em (77) e (78), e à conclusão do perfil dessas personalidades em (79). O

exemplo (80) é um caso de diálogo protagonizado pela autoria do editorial de Todateen. Sendo intergenérico³⁷, esse editorial assume a forma de carta, e o Portador “Você” é o namorado de uma certa garota, retratando mais uma forma peculiar e coloquial de essa revista buscar o envolvimento com a leitora, fazendo isso, na maioria dos casos, pelo viés da emoção. (81) se equipara a (80) porque ambos pretendem envolver o leitor, no caso de (81) através do P1 Portador realizado no pronome de primeira pessoa do plural, e sem o apelo emocional, mas atribuindo ao leitor um traço - “estar acostumado a” - que talvez pertença apenas ao autor e / ou à instituição jornalística que ele representa.

(82) Afinal, menos do que as reindexações salariais, **o que** parece *nítido* na formação dos índices mais recentes são os efeitos das tarifas públicas e preços administrados - e contra eles os jurostratosféricos são ineficazes. (FSP5)

(83)... a moda é tão cíclica que **o que** está *fora* hoje, daqui a alguns meses será *o hit das estações*. (UM5)

Entre os SNPs expressos por pronomes relativos, destacamos (82) e (83). A primeira em meio a uma discussão sobre economia, a segunda em uma discussão sobre moda. Ambas, porém, expressando modos de ver, de perceber um fenômeno materializado na relação de uma expressão adjetiva com o pronome relativo *que*. Em (82), esse pronome reintroduz na oração um termo já referenciado “as reindexações salariais” e, ao mesmo tempo, antecipa algo que será dito na oração seguinte, isto é, “os efeitos das tarifas públicas e preços administrados”, revelando a posição da instituição quanto às medidas adotadas para controle da inflação. Em (83), retoma o termo “moda” de uma forma genérica, enfatizando o caráter circular desta através dos Atributos relacionados - “fora” e “hit das estações” - mediados pelos processos *estar* - no presente - e *ser*, no futuro.

Como podemos notar, as orações relacionais atributivas, embora tenham a mesma configuração oracional - Portador + Processo + Atributo - e signifiquem o enquadramento de uma entidade em uma classe, em situações de usos, que promovem a interação entre usuários de uma língua, e co-relacionadas a outros tipos

³⁷ Cf. Anexo 7.

de oração, desempenham papéis diversificados e constroem sentidos outros, que não aqueles que veiculariam, se fossem vistas isoladamente. Assim se dá na variação do gênero editorial e deve acontecer em outros gêneros textuais, o que demonstra que a proposta da LSF nos permite observar um evento lingüístico em sua essência, ou seja, como uma rede interligada de sentidos, constitui uma alternativa viável para análise lingüística.

Orações Relacionais Identificativas: Característica e Valor

Orações relacionais identificativas são aquelas cuja função é identificar uma entidade através de um traço, uma função, ou uma definição. O SN referente é o P1 Característica, a função ou definição que lhe é relacionada é o P2 Valor.

A representação do Característica em SN lexical

Entre os processos relacionais atributivos selecionados não foram encontrados SNLs como Característica nos editoriais das revistas Uma e Todateen. Vejamos, portanto, os exemplos retirados dos demais editoriais. Como já afirmado, os SNLs nos processos relacionais são modificados, em sua maioria, somente por um artigo, ficando para o P2 Valor o papel de enquadrar ou definir esses SN.

(84) Em junho de 1995, FHC tinha para exibir a relativa novidade da estabilização da moeda e um crescimento econômico que garantiu aos mais pobres acesso a inéditos itens de conforto. **O Brasil de Lula** é o da fila desesperada por uma vaga de gari. (FSP7)

(85) **O francês** já foi a *língua da moda*, substituída pelo inglês depois da Segunda Guerra Mundial. (JC11)

(86) Um deles, por sinal, dizia que **o nacionalismo** era *um momento histórico de tomada de consciência de um povo sobre o seu destino*. (FPE11)

(87) **VEJA** é a maior e a mais influente revista do Brasil. (VE8)

(88) Nesta semana, **as mulheres** são o *destaque da edição*, a começar pela reportagem de capa de autoria da repórter Paula Pereira, de 30 anos. (EP6)

Em função do tema que discutem e do objetivo que desejam obter, algumas definições são feitas nos editoriais cumprindo diferentes papéis: em (84) é dada uma definição para o Brasil que já começa no próprio participante Característica, no qual a locução adjetiva “de Lula” impõe uma delimitação ao núcleo do SN “Brasil”. Um julgamento da situação difícil que esse país atravessa, no que diz respeito a sua economia, está contida no P2 Valor: “o da fila desesperada por uma vaga de gari”. No entanto, essa definição de cunho negativo não compõe um quadro de críticas desfavoráveis ao governo. Pelo contrário, é usada para mostrar um Brasil distinto da era FHC, e que exige do brasileiro uma certa tolerância para com as ações do governo petista.

O exemplo (85) é parte de uma crítica feita aos governos brasileiros de importar costumes estrangeiros sem levar em consideração a realidade do Brasil. A definição do francês como língua da moda no passado tem por fim informar o leitor de que não é apenas na economia que prolifera esse hábito. Esse exemplo, definindo “o francês” como língua da moda, demonstra a habilidade argumentativa do autor em trazer para seu texto, com vistas ao convencimento do leitor, situações aparentemente distantes do conteúdo abordado.

A oração identificativa (86) é distinta de (84), (85), (87), (88) porque é uma definição citada, e não elaborada pelo editorialista, o que não invalida sua capacidade de guiar o leitor na construção do significado. Através do P2 Valor, em itálico na oração, que define P1 Característica, em negrito, o leitor toma conhecimento do que se entendia por nacionalismo econômico num certo período da história do Brasil e fica mais apto a compreender o ponto de vista defendido nesse editorial.

Conforme já afirmamos em várias outras situações, a revista *Veja* e também as demais revistas desse *corpus* tomam a si mesmas como referentes, seja em processos materiais, mentais ou relacionais, como é o caso de (87). Nesse exemplo, uma ênfase especial está contida no P2 Valor, “a maior e mais influente revista do Brasil”, reveladora da forma como ela se constitui para o público e na importância que atribui a si própria. Somemos a isso o fato de ser essa a oração que dá início ao editorial.

Época, em (88), também usa a relacional identificativa “as mulheres são o destaque da edição” para iniciar o editorial “As mulheres por cima”, tendo como

Característica o referente “mulheres”, tema do editorial e já focado no título supramencionado, o que nos faz perceber essa oração como uma decorrência e uma explicação desse título. A importância do participante Característica “as mulheres” para o editorial, e para a revista em sua totalidade, encontra-se reforçada pelas fotografias das mulheres-colunistas que completam o editorial³⁸.

A representação do Característica em SN lexical individualizado

(89) ... **Roberto Marinho** foi *um dos protagonistas da evolução...* (FSP10)

(90) **Rodrigues** é *um técnico de reconhecida competência...* (JC9)

Os participantes Característica de (89) e (90) são definidos em função da cadeia argumentativa em seus respectivos editoriais. Na FSP, a definição dada a Roberto Marinho, Característica de (89), destaca uma das realizações desse jornalista, reafirmando seu perfil de homem sério e jornalista competente que vem sendo traçado em todo o editorial, seja por meio de orações relacionais como essa, seja por meio de orações materiais que enfatizam suas ações. No editorial “Avanço e ameaça” do JC, exemplo (90), há uma tensão no texto que se reflete nos elogios ao desempenho do Ministério da Agricultura e na crítica às ações do MST. A oração de (90) situa-se entre os elogios, uma vez que atribui ao Ministro da Agricultura, expresso no texto no P1 Característica pelo sobrenome, o traço da competência expresso no Valor.

A representação do Característica em SN pronominal

(91) Até o cardápio (...) poderá ser modificado por **lhe** ter trazido algum problema orgânico, *desacostumado que estava ao sabor de alimentos como cuscus (sic), batata-doce e carne-de-sol*, entre outros, tão estimados pelos habitantes dessa parte do Brasil. É dever dos carcereiros mantê-lo com boa saúde (JC2)

(92) **Quem** tem *entre 35 e 45 anos*, por exemplo, ainda conseguiu viver uma infância com brincadeiras na rua e sem medo de estranhos. (EP5)

³⁸ Cf. Anexo 5.

(93) **Todas** são *mulheres fortes e muito seguras em suas opiniões*, porém em nenhum momento acontecem trombadas de ego tão comuns quando os famosos se encontram ... (UM2)

O SNP realiza o P1 Característica, situando-o em classes específicas, em função do objetivo de cada editorial. Em (91), o oblíquo “lhe”, apresentado ao leitor, através do P2 Valor, como sensível a comidas nordestinas, retoma o termo “um traficante muito citado pela mídia”, cujo contexto de situação remete ao presidiário Fernandinho Beira-Mar, ao qual não há uma única referência explícita, embora este e problemas ligados a ele ocupem grande parte do editorial. O enquadre feito pelo editorialista soa irônico e parece encontrar apoio na oração que encerra o fragmento: “É dever dos carcereiros mantê-lo com boa saúde”.

Em (92), a combinação de P1 Característica, “Quem”, e Valor, “entre 35 e 45 anos”, referem-se a um determinado grupo de pessoas que se diferenciam das demais pela época em que viveram e que se distanciam da atual no que diz respeito aos níveis de violência, tema do editorial. A partir desse enquadre, o autor discorre sobre a insegurança que rodeia a todos e que mudou a maneira de viver das novas gerações.

O exemplo (93) pertence ao editorial “Celebidades”, da revista Uma, do qual já comentamos outras orações atributivas relacionadas às mesmas personagens. P1 Característica “Todas” resume o quarteto Rita Lee, Fernanda Young, Marisa Orth e Mônica Waldvogel, tema deste editorial. Defini-las da forma que é feita no Valor, “mulheres fortes e muito seguras em suas opiniões”, é mais uma boa pincelada na tela que vem sendo criada desde o momento em que esse editorial é intitulado de *Celebidades*. Nele orações relacionais atributivas e identificativas se mesclam para fazer com que a leitora veja essas pessoas com os olhos da revista Uma.

Portador e Característica, Atributo e Valor aliam-se a Ator, Meta e Extensão ou Beneficiário, e a Experienciador e Fenômeno para expressar o ponto de vista que o jornal ou revista deseja em determinados momentos, construindo através da classificação e definição, da dinamicidade das ações e da revelação de crenças, valores e desejos, uma opinião institucional que tem por fim a adesão do leitor, seja as idéias expostas no editorial opinativo ou misto, seja a leitura do veículo de comunicação, no caso dos editoriais de apresentação. A participação das orações

relacionais se mostra, em nosso modo de ver, fundamental para a tessitura das experiências do mundo que constituem o editorial, e para a conseqüente obtenção do propósito comunicativo desse gênero.

4. x diz y: os participantes Dizente, Verbiagem

As orações de processo verbal expressam um dizer e têm dois participantes inerentes: o Dizente e a Verbiagem, e ainda um participante opcional, o Receptor, não registrado em nossos dados. Embora sejam mais comuns nas narrativas (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), encontram-se também nos editoriais em número significativo, razão pela qual fazem jus à análise de seus participantes. A organização sintática do Dizente segue o padrão encontrado nos demais tipos de processo, qual seja, a maioria de SNLs, seguidos de SNPs; os SNIs, em menor quantidade, compõem o quadro dos SNLs.

A representação do Dizente em SN lexical

(94) **Os governos** falam *na criação de uma moeda comum*. (FSP4)

(95) **O levantamento** mostra *o presidente estacionado em 42% de aprovação*. (FSP7)

(96) Em nota oficial, sem contestar esses dados, **a PCR** afirma *que o “sucesso do cadastro utilizado pela prefeitura do Recife...”* (JC6)

(97) **A reportagem de VEJA** mostra *a receita dos que conseguem passar por ela...* (VE5)

(98) Mas como **Época** afirmou na semana passada, *pouco importa quem apertou o gatilho*. (EP9)

É mais típico do editorial jornalístico o participante Dizente apresentar-se tal qual ilustram os exemplos de (94) a (98), em SNLs que representam instituições governamentais, como “Os governos”, “a PCR”; fatos concretos como “O levantamento”; ou o próprio veículo de comunicação como “a reportagem de Veja”, “Época”. É um Dizente genérico que parece conferir ao que é comunicado, isto é, à

Verbiagem, uma autoridade maior e, por sua vez, um poder de persuasão mais intenso. O que é afirmado pelos referentes, tal como podemos conferir nos exemplos (94), (95) e (96), é mais propenso à aceitação. Assim se deduz desses e dos vários outros casos encontrados em nossos editoriais.

A representação do Dizente em SN lexical individualizado

(99) **O presidente Lula** disse clara e objetivamente em todos os pronunciamentos de campanha *que o Brasil só sairia da situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos...* (JC8)

(100) *“Fazer as entrevistas e tabular as informações exigiu um esforço descomunal”, diz a repórter **Monica Weinberg** ...* (VE5)

(101) *“Nem imaginava que havia um estúdio aqui do lado”, dizia **Marisa Orth**, abaixando-se para passar...* (UM2)

Há momentos em que a especificação e a personificação de uma voz externa, de um indivíduo em particular se mostra imprescindível para dar força a um argumento como em (99). Ou para ilustrar dificuldades e assim valorizar o que foi feito, exemplo (100), quando o autor insere, em discurso direto, a fala de uma repórter da revista; e em (101), quando cita, também em discurso direto, uma das personalidades, tema do editorial. Em (99), tendo Lula como Dizente, o autor faz uso da condição atual de presidente do Brasil para apresentar, como Verbiagem, um discurso de Lula na época da campanha, o que faz com que o leitor perceba esse dizer como um compromisso que deve ser cumprido em mandato. De uma maneira ou de outra, todos os Dizentes e as mensagens que compõem a Verbiagem encontram-se, em maior ou menor grau, fazendo parte da opinião exposta pelos editoriais.

A representação do Dizente em SN pronominal

(102) Como **dissemos**, *os investidores não são políticos.* (JC10)

(103) **Estamos falando** *de Maitê Proença*, que nos brindou com uma crônica ousada e bem-humorada... (EP6)

(104) **Estamos falando** *das delícias do primeiro namoro...* (TT1)

(105) Numa entrevista em 1967, **ele** *dizia que seu êxito como empresário era consequência de muito trabalho, certa ousadia e alguma sorte.* (FPE10)

(106) **Elas** *não dão receitas de bolo, não falam dos aparelhos made-in-algum-lugar ...* (UM2)

Uma outra forma de organização sintática do Dizente é sua expressão em pronomes pessoais. Em (102) o autor usa um “nós” que mostra um envolvimento claro com o que ele enuncia. Uso, de certa maneira, dessemelhante de (103) e (104), nos quais a presença da primeira pessoa do plural reflete a busca de um envolvimento com o leitor, para que este se sinta membro da equipe de redação e assim faça parte da revista. Já em (105), o pronome “ele” retoma o referente Roberto Marinho, tema desse editorial, para junto com o processo verbal *dizer* apresentar, em discurso indireto, uma auto-descrição dessa personalidade que complementa o cenário de elogios que vem sendo mostrado. Em (106) o pronome “elas” retoma também as personalidades, tema do editorial “Celebidades” com propósito similar ao do exemplo (105), isto é, fazer elogios. Do que foi exposto acima a respeito dessas orações com Dizente pronominal, podemos depreender que não só as orações relacionais atributivas ou identificativas constroem imagens, mas também as orações verbais podem desempenhar esse papel.

5. x existe: Existente

As orações com processos existenciais representam algo que existe ou acontece e “seu sujeito tende a constituir uma informação nova” (cf. PEZATTI, 2004, p. 196). Essa tendência é confirmada em nossos dados pela ausência de P1 Existente em forma de SNi e pela identificação de apenas um Existente em forma de SNP. Processos Existenciais exigem apenas um participante, o Existente que figura nos dados em sua grande maioria como SNL, básico como em (107) ou modificado como de (108) a (111).

A representação do Existente em SN lexical

(107) Há **consciência**, no entanto, de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda poderia gerar problemas. (FSP6)

(108) Nem todo processo de troca produz vencedores e perdedores. No comércio mundial ainda há **distorções que premiam uns e punem outros...** (VE12)

(109) De um lado, existe **um desconforto mais do que conhecido com as reformas**. De outro, uma certa irritação com a demora para tirar as mudanças do terreno das discussões. (EP4)

(110) Há ainda **aquelas mulheres que estão sempre com a agenda lotada...** (UM3)

(111) Afinal, existe **coisa mais fantástica do que segurar na mão do gato, olhar nos olhos dele e dizer: “Eu te amo!”?** (TT5)

Encontradas em todas as fontes com poucas ocorrências, as orações com processo existencial - *haver* e *existir* - são a adição de algo novo, criado e materializado no participante Existente, a uma idéia anterior. Esse *novo* pode encerrar um ciclo argumentativo, como em (107) e (109). Pode iniciar uma outra perspectiva discursiva como em (110), ou ser uma espécie de transição de uma idéia para outra como (108) e (111). Portanto, o que une todos esses Existentes assinalados nos exemplos é a capacidade de seqüenciar o texto.

Após a apresentação do papel dos participantes, gostaríamos de assinalar que, embora o predomínio, em todos os tipos de processo, tenha sido de P1 como SNLs, SNis e SNPs, também encontramos esse participante em forma de oração, conforme verificamos nos exemplos: **Mobilizar a sociedade para decidir sobre a questão** acabará *por gerar falsas expectativas* (FSP12) e *Foi diversão pura* **ouvir os comentários espirituosos e, em silêncio, tietar a Rita Lee...** (UM2).

Em síntese, podemos asseverar que os resultados advindos da averiguação do uso dos participantes associados aos tipos de processo correspondentes nos possibilitam postular que:

(i) a maioria de P1, seja Ator, Experienciador, Portador, Característica, Dizente ou Existente, expresso por meio de SNs lexicais que denotam entidades, deve-se ao fato de os editoriais jornalísticos lidarem, na maioria dos casos, com o mundo de experiências da esfera pública;

(ii) Embora a referência ao mundo das experiências da esfera pública predominem, a presença do P1 como SN individualizado, em todos os tipos de participantes, se faz necessária para personificar fatos e/ou atitudes, descrever um perfil, ou ainda, ratificar uma opinião - papel específico do Dizente - e, dessa forma, são utilizados nos editoriais;

(iii) Não há textos que prescindam de retomadas pronominais. Portanto, não é novidade o emprego de SNs pronominais nos editoriais, o que ressaltamos nesse uso é a capacidade de esse participante pronominal, seja em pronomes pessoais, indefinidos ou relativos, contribuir com a cadeia argumentativa do editorial conferindo significados como o envolvimento com o leitor, o envolvimento do autor com seu ponto de vista e, em alguns casos, prestando-se a reduzir a distância entre autor e leitor.

Em relação à predominância de SNs lexicais expandidos parece-nos correto afirmar que a especificação e a delimitação de sentido efetuada pela adjunção de pronomes, adjetivos, artigos, ao núcleo dos SNs coaduna-se com o que chamamos de *intenção autoral*. Em outras palavras, a vontade de expressar os fatos da forma mais clara possível, sem ambigüidades que confundam o leitor e o tornem inseguro em relação ao pensamento apresentado. Algo que prejudicaria a adesão do leitor às teses defendidas.

Quanto ao P2, este se encontra presente na grande maioria das orações, o que nos faz confirmar a hipótese de que, nos editoriais, a sentença transitiva tem maior frequência e está em consonância com as experiências de mundo que se quer construir. Meta, Extensão, Atributo, Valor e Verbiagem complementam os diferentes processos e assim configuram na oração o painel do mundo das experiências externas ou internas vividas pelos autores e retratadas nos editoriais.

As escolhas dos participantes, determinadas, em parte, pelo tipo de processo e colocadas em funcionamento ao lado de outras escolhas lingüísticas, como as demonstradas ao longo desta pesquisa, desempenham papéis que lhe são próprios no gênero editorial, como conferir dinamicidade, exortar virtudes, descrever fatos ou personalidades, dentre outras e, por isso, se revelam fundamentais na composição desse gênero.

No capítulo V, *Editorial, Transitividade e Opinião*, concluímos esta pesquisa, trazendo dados relativos à análise do sistema de transitividade em quatorze editoriais representativos da variação desse gênero.

CAPÍTULO V

Editoriais, transitividade e opinião

Os conceitos de processo, participante e circunstância são categorias semânticas, as quais explicam, de modo geral, como fenômenos de nossa experiência do mundo são construídos como estruturas lingüísticas (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 178)

Neste capítulo, analisamos a presença do sistema de transitividade na construção do sentido do editorial, tomando-o em sua totalidade, a fim de investigar como a transitividade contribui para a formação da opinião, ou para a veiculação das idéias, de cada um desses editoriais dos veículos de comunicação constitutivos do *corpus*. É uma análise em nível *macro* do sistema de transitividade que complementa a análise, em nível *micro*, dos tipos de processos participantes que fizemos nos Capítulos III e IV.

Para efetivação da análise que apresentamos agora, estamos tomando dois exemplares de cada jornal e revista selecionados. Selecionamos exemplos de editorial que abordam temas da mesma área de conhecimento e temas de áreas diferentes. O tipo de editorial foi outro requisito levado em conta quando lidamos com as revistas, uma vez que Veja e Época apresentam editoriais mistos, editoriais opinativos e editoriais de apresentação. Uma traz apenas um editorial misto ao lado de editoriais de apresentação; Todateen contém cinco editoriais de apresentação e um que pode ser chamado de misto por não haver predominância do conteúdo da revista nesse editorial.

Seguindo o princípio da igualdade de áreas temáticas, foram selecionados dos jornais, FSP, JC e FPE, os editoriais que tratam de economia: *Carga Pesada*; *Hora de ousar* mudar; e *Nacionalismo* Tardio, publicados entre os dias 1 e 3 de setembro de 2003. Os editoriais de mesma área, das revistas Veja e Época são *Cara e ineficiente* e *O próximo desafio*; ambos tratam de Economia e foram publicados em 3 de setembro e 1º de setembro de 2003, respectivamente. De Uma e Todateen, escolhemos um tema que se aproxima, já que não encontramos temática semelhante em seus editoriais. Por

isso, selecionamos os editoriais *Em busca da beleza*, de Uma e *É tempo de se apaixonar!*, de Todateen, publicados no mês de julho de 2003.

Em seguida, separamos os editoriais que abordam assuntos diferentes. Dos jornais foram selecionados: *Juros europeus*, da FSP, que trata de Economia Internacional; *Brasil alfabetizado*, do JC, que discorre sobre Educação; e *A praia é da população*, da FPE2, que trata de Meio Ambiente. De Veja, selecionamos o editorial de apresentação *Quem é Diogo Mainardi*, que tem por tema o escritor Diogo Mainardi e sua coluna na Veja. De Época, *As mulheres por cima*, que trata de mulheres que compõem a equipe dessa revista, entre elas Maitê Proença. Os editoriais pertencem à edição de Veja e Época, publicados em 18 e 16 de junho de 2003, respectivamente. De Uma, retiramos um editorial que trata dos desencontros entre homem e mulher, intitulado *De DEUS aos tribalistas*, de abril de 2003; e de Todateen, *Eu quero beijar!*, de maio de 2003.

Trataremos primeiramente dos editoriais jornalísticos com temas da mesma área e depois dos de áreas diferentes. Em seguida os textos das revistas semanais de informação, destacando os editoriais de apresentação primeiro, em seguida, os editoriais opinativos. Por fim, aqueles pertencentes às revistas femininas, Uma e Todateen, destacando, em primeiro lugar, os editoriais de apresentação e, em segundo, os editoriais mistos.

Cada editorial é antecedido por uma síntese de seu conteúdo, a partir da qual efetuamos a análise do sistema de transitividade, levando em conta os três elementos que o compõem: processos, participantes e circunstâncias. Devemos, entretanto, afirmar que participantes e circunstâncias serão analisados em virtude de seu papel na construção do sentido do editorial, o que significa que nem sempre analisaremos todos os participantes e todas as circunstâncias envolvidas com os processos em apreço naquele momento. Isso significa também que, nesse momento da análise, não estamos nos prendendo à averiguação dos tipos de processo por número de ocorrência, conforme definimos para a análise do papel dos processos, no Capítulo III, *A transitividade construindo opiniões: uma análise dos tipos de processo*. Sendo assim, um número maior de processos e participantes serão investigados, e essa escolha fará com que mais dados sejam interpretados, ampliando os resultados da pesquisa.

Os processos, em **negrito** nos exemplos analisados, compõem o sistema de transitividade, ao lado dos participantes e circunstâncias a eles associados, o qual representa, na língua, o mundo das experiências humanas. O modo como essas experiências constroem a opinião de uma instituição a respeito de um acontecimento no gênero editorial é o que investigaremos a partir de então em alguns exemplares de nossos dados. Ressaltamos que destacaremos apenas os componentes que se revelem imprescindíveis ao significado do excerto analisado.

Tanto na elaboração do resumo de cada editorial, quanto na análise da transitividade, tivemos em mente a constituição de um editorial jornalístico proposta por Silva (1992), para quem esse gênero é composto de apresentação do fato, ou introdução; construção do sentido do fato; e conclusão. Por essa razão, daremos prioridade a orações que estejam presentes nos argumentos principais em cada parte constitutiva dos editoriais, a partir dos quais passamos a analisar o modo como a opinião está construída no editorial. Discutimos esses resultados a partir de grupos de orações que sintetizam as partes constitutivas desse gênero e que têm a numeração reiniciada a cada editorial.

1. Editoriais com tema da mesma área

Trabalhamos nesse item com os editoriais *Carga Pesada* da FSP, *Hora de ousar mudar*, do JC, e *Nacionalismo tardio*, da FPE, que tratam do tema Economia.

O fato discutido no editorial *Carga Pesada* é a alta carga tributária que paga a população brasileira sem que isso lhe renda benefícios. Construindo o sentido desse fato, o editorialista afirma que a proposta de reforma tributária a ser votada pelo congresso não melhorará essa situação e enumera alguns fatos para corroborar sua afirmação: a elevação dos tributos desde 1994, sendo que esse aumento tem como destino o pagamento de juros; crises externas que têm como reflexo na economia choque nos juros e pacotes tributários; compressão do gasto público para cumprir metas de superávit que atingiam a população de baixa renda; impostos que consomem 41,7% dos salários e crescimento da dívida pública. A conclusão é a de que para preservar o ajuste fiscal e conciliar interesses conflitantes, tende-se a um novo aumento

da carga tributária, o que será desastroso se for mesmo essa a consequência de uma reforma da qual a sociedade esperava simplificação e estímulos ao setor produtivo e às exportações.

Há, nesse editorial, e no conjunto dos editoriais investigados, um predomínio dos processos materiais que constroem, no texto, as experiências externas e internas, por nós vivenciadas, e que se prestam a descrever ações, fatos, acontecimentos com vistas a expressar uma opinião. Essa predominância não significa, entretanto, que apenas esse tipo de processo tem um importante papel a desempenhar. Ao lado dos relacionais, dos verbais, dos mentais e dos existenciais, compõem a organização textual desse gênero. O conjunto de processos analisados no funcionamento do editorial, em relação a outras escolhas que poderiam ter sido feitas nesse sistema semiótico que é a linguagem, revela determinados efeitos de sentido, próprios daquele uso.

Carga pesada

Embora não seja propriamente nova, vai se difundindo a percepção de que a sociedade brasileira paga impostos demais para receber serviços de menos. Com uma carga tributária de 36% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2002, segundo a Receita Federal, o Brasil nesse quesito equipara-se aos países europeus, sem atingir a mesma qualidade e eficiência nos serviços públicos.

A proposta de reforma em debate na Câmara dos Deputados não deverá melhorar essa situação. Ao contrário, poderá piorá-la.

A progressiva elevação da carga tributária no Brasil vem ocorrendo desde 1994, quando representava 25% do PIB. Parte significativa desse aumento foi direcionada para pagamentos de juros da dívida pública, e não para gastos sociais e investimentos em infra-estrutura. Nos últimos anos, a cada crise externa sobreveio um choque de juros e um pacote tributário. Aos aumentos de impostos corresponderam elevações das despesas financeiras do setor público, formando-se um círculo vicioso que gerou a necessidade de um "ajuste fiscal permanente".

A compressão do gasto público para cumprir as metas de superávits primários acordadas com o FMI desde 1998 afeta diretamente a população de baixa renda, exatamente aquela mais atingida por uma carga tributária crescente. Os impostos diretos e indiretos absorvem 41,7% dos salários, mais do que ocorre, por exemplo, na Bélgica e na Alemanha.

Entre janeiro e julho deste ano, o setor público apresentou um superávit primário de R\$ 44,3 bilhões, insuficiente para pagar os juros de R\$ 89,3 bilhões (10,18% do PIB). Como resultado, o estoque da dívida pública cresceu para R\$ 877,1 bilhões.

Lamentavelmente, num cenário como esse, a linha de menor resistência para conciliar interesses conflitantes e preservar o ajuste fiscal tende a ser exatamente um novo aumento da carga tributária. Será desastroso se for essa a consequência de uma reforma da qual a sociedade esperava maior simplificação e estímulos ao setor produtivo e às exportações. (FSP1)

(1) Embora não **seja** propriamente nova **vai se difundindo** a percepção de que a sociedade brasileira **paga** impostos demais para **receber** serviços de menos.

(2) Com uma carga tributária de 36% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2002, segundo a Receita Federal, o Brasil nesse quesito **equipara-se** a países europeus, sem **atingir** a mesma qualidade e eficiência nos serviços públicos.

Os exemplos (1) e (2) são a apresentação da idéia a ser defendida, organizada em torno de quatro processos em (1) e de dois processos em (2). O exemplo (1) traz, através do relacional *ser* e do Atributo *nova*, modificado pela circunstância de modo *propriamente*, uma apreciação do fato a ser discutido. Constrói-se a idéia de que esse fato não é inédito, tampouco desconhecido do autor e do público. A utilização do processo material *difundir*, no gerúndio, demonstra que seu participante Ator, “a percepção”, não está de todo concluída, não é ainda de conhecimento amplo e aos poucos começa a se tornar aceita por todos. O que esclarece o tipo de percepção de que fala o editorial está contido no grupo oracional organizado em torno dos processos materiais *pagar* e *receber*, tendo como participantes os SNs “a sociedade brasileira”, como Ator, e “impostos demais”, e “serviços de menos” como *Meta* dos processos *pagar* e *receber*.

(1) é, portanto, a tese exposta e complementada por (2), ao construir uma imagem negativa do Brasil, igual a países da Europa em cobranças de impostos e inferior na oferta de serviços públicos. Essa imagem se torna realidade através do uso dos processos materiais *equiparar-se* e *atingir*, reforçada pela circunstância de Acompanhamento que informa a taxa exata de impostos, e pela circunstância de Papel que se torna, nesse contexto, um argumento de autoridade. Estas circunstâncias estão sublinhadas no exemplo (2). Os participantes são: “o Brasil”, *Ator* e objeto de discussão, tanto para o processo *equiparar-se*, quanto para o processo *atingir*. “Países europeus” é a *Meta* complementando o plano oracional de *equiparar-se*, enquanto que “a mesma qualidade e eficiência” é o participante *Meta* em relação direta com *atingir*. Esse participante é complementado pela circunstância de Localização, “nos serviços públicos”, que situa a ação expressa no processo, restringindo os seus limites.

(3) A proposta de reforma em debate na Câmara dos Deputados não **deverá melhorar** essa situação.

(4) A progressiva elevação da carga tributária no Brasil **vem ocorrendo** desde 1994, quando **representava** 25% do PIB.

(5) Nos últimos anos, a cada crise externa **sobreveio** um choque de juros e um pacote tributário.

(6) Os impostos diretos e indiretos **absorvem** 41,7% dos salários, mais do que ocorre, por exemplo, na Bélgica e na Alemanha.

(7) A compressão do gasto público para **cumprir** as metas de superávits primários acordadas com o FMI desde 1998 **afeta** diretamente a população de baixa renda...

Para apresentar os argumentos que fundamentam e consolidam sua tese, o editorialista se serve de processos materiais (*ocorrer, sobrevir, absorver*), de um relacional (*representar*) e de um mental (*afetar*), combinados com participantes, expressos por SN - sublinhados no texto - e circunstâncias: de Localização - “na câmara dos deputados” (3), “no Brasil” (4), “na Bélgica e na Alemanha” (6) - e Extensão Temporal: “Nos últimos anos” (5); e “desde 1998” (7). A relação estabelecida entre esses processos, participantes e circunstâncias configuram fatos desfavoráveis às decisões anteriormente tomadas pelo Brasil no que diz respeito à questão tributária, como nos exemplos (4), (5) e (7). Decisões que continuam problemáticas no presente, como se deduz de (3) e (6), e também de (4), já que o uso do processo *ocorrer* no gerúndio está imbuído da noção de continuidade. Em relação aos participantes, podemos observar que não há, entre os Atores - sublinhados nos exemplos, nenhum SNi. São todos SNs representativos de fatos, algo que se tem mostrado um traço constitutivo do editorial.

A análise da língua em funcionamento ressalta casos curiosos como esse de (4) em que um mesmo SN - “A progressiva elevação da carga tributária” - é *ator* do processo *ocorrer*, e Característica do processo relacional *representar*. Entre os participantes, temos “a população de baixa renda” que é *Experienciador* do processo mental *afetar*. Completando a relação com os processos materiais, temos o participante *Meta*, nas orações com *melhorar* (3), *sobrevir* (5), *absorver* (6) e *cumprir* (7).

Essas orações dão seqüência à formação de um quadro fortemente negativo do Brasil, no que diz respeito à questão tributária, e que começou a ser delineado em (2),

ainda na introdução. Fazer com que o leitor tenha a visualização do país, conforme concebe a FSP, é o objetivo desse editorial, cuja conclusão a seguir vem corroborar.

(8) Lamentavelmente, num cenário como esse, a linha de menor resistência para conciliar interesses conflitantes e preservar o ajuste fiscal **tende a ser** exatamente um novo aumento da carga tributária.

(9) **Será** desastroso se for essa a conseqüência de uma reforma da qual a sociedade **esperava** maior simplificação e estímulos ao setor produtivo e às exportações.

A conclusão do editorial não poderia, em virtude do que vinha sendo debatido, não ser um reforço desse quadro desfavorável do Brasil através de mais um feito prejudicial à população brasileira, como expressa no fragmento (8), embora o autor opte por apresentá-lo de forma modalizada “tende a ser” e não categoricamente como expressaria essa oração se escrita com o relacional *ser* na terceira pessoa do singular. A circunstância de Localização “num cenário como esse” opõe-se à atenuação feita pelo modalizador *tender* e contribui para tornar definitivo o efeito persuasivo presente em (8).

Como argumento final, aparece em (9), de certa forma disfarçado pelo relacional *ser* no futuro, um julgamento desfavorável do atual governo em relação à população, representada no participante *ator* “a sociedade”. Em associação direta com o processo material *esperar*, esse Ator figura como vítima.

Os excertos acima analisados representam o sistema de transitividade em uso nesse editorial e demonstram como processos, participantes e circunstâncias se combinam para a construção de um determinado quadro de experiências vivenciadas por um alguém em particular e para torná-las comuns a um grande número de pessoas, por comporem um gênero, que se concretiza como ação social pelo fato de expor uma opinião institucional e que assim é percebida pelos leitores. Nesse editorial, as experiências expostas por processos materiais, em sua grande maioria, têm como propósito chamar a atenção para a pesada carga de impostos que paga a população brasileira, sem que isso lhe seja revertido em benefícios.

Já no editorial *Hora de ousar* mudar é discutida a falência do modelo econômico, batizado de Consenso de Washington, seguido, sem espírito crítico, na América Latina

e em outros países em desenvolvimento. Como o editorial trata mais especificamente do Brasil, o autor faz alusão, na introdução, ao deslumbre do brasileiro com tudo o que vem do exterior. É defendido que esse modelo, centrado na obediência ao FMI, trouxe crises ao México, ao Brasil e à Argentina, mas nem assim foi analisado criticamente; que esse modelo se constitui em uma camisa de força tão grande que o atual governo do Brasil não consegue rompê-lo; que as críticas à obediência ao Consenso de Washington também vêm de fora; como exemplo o autor faz referência a um executivo de um banco americano, para quem o Brasil é um dos poucos a continuar seguindo a ortodoxia desse consenso e não consegue estimular o crescimento. Ainda para esse executivo, o Brasil precisa de um novo equilíbrio em sua política econômica. Na conclusão, seu autor afirma que Lula, ao comemorar sete meses de governo, apresentou, como grandes trunfos, a aprovação da reforma da Previdência, a queda da inflação e o início do declínio das taxas de juros, fatos positivos com os quais ele concorda, mas adverte que outros problemas, como restrições ao investimento e vulnerabilidade externa de nossa economia, ainda persistem, e que é hora de mudar, ou melhor, *ousar mudar*.

Hora de ousar mudar

O brasileiro se deixa encantar facilmente por idéias vindas de fora e tende a venerar ingenuamente culturas estrangeiras (nada contra elas). Pode-se dizer que, somente no século 20, parte das elites brasileiras acordaram para os valores nacionais. Isso se reflete no costume de usar expressões estrangeiras para tudo, mesmo quando temos expressões similares na língua do país. O francês já foi a língua da moda, substituída pelo inglês depois da Segunda Guerra Mundial. Com os governos não poderia ser diferente; afinal, eles dependem das elites e as representam. Com raras exceções, olham demais para fora e pouco para dentro do país, favorecendo com freqüência interesses externos, detrimento dos nossos (o que dizemos saem nenhum preconceito contra a globalização, desde que ela tenha duas mãos e seja proveitosa a todo mundo). Não sempre por motivos menos dignos, mas simplesmente por acharem que o bom e o certo é o que vem de fora. Já houve até um chanceler, após o golpe de 1964, general Juracy Magalhães, cujo princípio era: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil". Sabemos que nem sempre é assim.

Fazemos essas reflexões a propósito do tardio reconhecimento da falência do modelo econômico batizado de Consenso de Washington, seguido quase unanimemente nos últimos anos, sem espírito crítico, pelos governos da América Latina e de outras regiões em desenvolvimento. Esse modelo, centrado na obediência religiosa às normas do FMI (que atendem aos interesses dos países desenvolvidos), trouxe crises ao México, ao Brasil, à Argentina, para ficarmos apenas nos maiores países da região. Nem por isso foi analisado com isenção e abandonado, a não ser quando os estragos que causou (e continua causando) já se avolumavam demais. O próprio FMI já faz autocrítica sobre algumas das políticas que impôs a esses países, em troca de uma vã promessa de inatingível credibilidade internacional.

A camisa de força é tão possante que o atual governo brasileiro não consegue rompê-la, apesar de promessas de campanha e do programa partidário do PT. Mas não somos somente nós brasileiros que reclamamos desse consenso dos países ricos e dessa camisa de força. Há poucos dias, um diretor (para mercados emergentes) do banco de investimentos estadunidense Morgan Stanley, Narayan Ramachandran, dizia que o Brasil é um dos poucos que continuam seguindo a ortodoxia do Consenso de Washington-FMI, e não consegue estimular o crescimento. Para ele, o Brasil precisa de um novo equilíbrio em sua política econômica, com superávit primário menor (superávit primário nas alturas é um dos dogmas do FMI) e mais crescimento. Tem razão. Se o Brasil não romper com esse dogma, vai permanecer na situação em que está há muitos anos, alternando crises e períodos de precária tranqüilidade, sem garantia de aumento de credibilidade junto aos mercados.

Mesmo pregando maior ênfase no crescimento, esse executivo adverte que isso teria que ser acertado com o FMI, para assegurar a confiança dos mercados; devido à exorbitante dívida externa do País. Quando comemorou os sete meses de seu governo, o presidente Luis Inácio Lula da Silva apresentou como grandes trunfos de sua administração a aprovação da reforma da Previdência, a queda da inflação e o início do declínio da taxa básica dos juros. Certamente um feito, pois a reforma estava empacada há anos, a inflação crescia e os juros idem. Persistem, contudo, restrições no investimento, a velha vulnerabilidade externa da economia, um cenário de baixas reservas no Banco Central, volatilidade do câmbio e incertezas internacionais, como a explosão do terrorismo e a incapacidade de os EUA sustentarem sua política de controle militar no mundo. É hora de ousar mudar. (JC11)

(1) O brasileiro **se deixa encantar** facilmente por idéias vindas de fora e **tende a venerar** ingenuamente culturas estrangeiras (nada contra elas).

(2) **Fazemos** essas reflexões a propósito do tardio reconhecimento da falência do modelo econômico batizado de Consenso de Washington, **seguido** quase unanimemente nos últimos anos, sem espírito crítico, pelos governos da América Latina e de outras regiões em desenvolvimento.

Para apresentar o fato que vai discutir, o autor opta por iniciar o texto com uma crítica aos brasileiros, materializada no uso do processo mental *encantar* que, acompanhado do “se deixa” e da circunstância de Modo “facilmente”, coloca o brasileiro como um Experienciador passivo, acrítico do Fenômeno “idéias vindas de fora”, conforme podemos ver em (1). Idéia a ser reforçada, nesse mesmo exemplo, na oração seguinte, quando afirma que o brasileiro “tende a venerar ingenuamente culturas estrangeiras”, mais uma vez acentuando a passividade do brasileiro através da circunstância de Modo “ingenuamente”. Essa passividade e ingenuidade é a porta de entrada para expor a tese que defenderá: a falência do modelo econômico, batizado de Consenso de Washington, a partir do processo material *fazer*. Para isso, emprega a primeira pessoa do plural, como forma de buscar a adesão do leitor ao seu ponto de

vista. O autor alia, à apresentação do fato, sua primeira crítica à adoção desse modelo econômico, pelo Brasil e países da América Latina, através do participio do processo material *seguir*, combinado com a circunstância de Modo “unanimemente”.

(3) Esse modelo, centrado na obediência religiosa às normas do FMI (que **atendem** aos interesses dos países desenvolvidos), **troux**e crises ao México, ao Brasil, à Argentina, para ficarmos apenas nos maiores países da região.

(4) A camisa de força **é** tão possante que o atual governo brasileiro não **consegue rompê-la**, apesar de promessas de campanha e do programa partidário do PT.

(5) Há poucos dias, um diretor (para mercados emergentes) do banco de investimentos estadunidense Morgan Stanley, Narayan Ramachandran, **dizia** que o Brasil **é** um dos poucos que **continuam seguindo** a ortodoxia do Consenso de Washington-FMI, e não **consegue** estimular o crescimento. Para ele, o Brasil **precisa** de um novo equilíbrio em sua política econômica, com superávit primário menor (superávit primário nas alturas **é** um dos dogmas do FMI) e mais crescimento.

Para atribuir significação ao fato, o autor enumera problemas advindos da aplicação do Consenso de Washington, ao mesmo tempo em que busca apoio para suas críticas, recorrendo a uma autoridade da área. O fragmento (3), em sua oração principal, organiza-se em torno do processo material *trazer*, tendo como participante Ator, “Esse modelo” e como Meta “crises”, a que se segue a Circunstância de Localização “ao México, à Argentina, ao Brasil...” para expor um desses problemas. Notemos que é possível ao autor mostrar seu modo de percepção da realidade, em comentários aparentemente secundários. Vejamos como exemplo dessa possibilidade a oração intercalada “(que **atendem** aos interesses dos países desenvolvidos)” presente em (1). Nessa oração o Ator é um SN da oração anterior, “normas do FMI”, cujo objetivo é beneficiar os países desenvolvidos, conforme está dito através do processo material *atender* e do participante Meta “aos interesses dos países desenvolvidos”.

O exemplo (4) dá prosseguimento à descrição dos problemas, dessa vez apresentado através de uma oração relacional na qual o Portador “A camisa de força”; o processo relacional “**é**” e o Atributo “tão possante” se combinam para expressar o aprisionamento em que se encontra o governo brasileiro. A sensação de prisão é acentuada pelo emprego do processo relacional *ser* que transmite a idéia de

estaticidade, a qual reforça a impossibilidade de executar a força dinâmica presente no processo material *romper*, na oração que dá seqüência ao texto. O autor concebe o Brasil como incapaz de mudar essa situação, apesar de ter consciência dela.

Em (5), o autor, para corroborar seus argumentos, utiliza o processo verbal *dizer* e assim introduz, em discurso indireto, a fala de um executivo americano que também critica o Brasil no aspecto que vem sendo discutido. Relacionado a esse processo, temos então o Dizente, “um diretor (para mercados emergentes) do banco de investimentos estadunidense Morgan Stanley, Narayan Ramachandran” e a Verbiagem, “que o Brasil **é** um dos poucos que **continuam seguindo** a ortodoxia do Consenso de Washington-FMI, e não **consegue estimular** o crescimento”. Na fala do Dizente, através do relacional *ser*, mais o relacional *continuar*, acompanhando o material *seguir*, está corroborada a observação do editorialista de que o Brasil não se libertou do modelo econômico imposto pelo FMI. Prosseguindo com a citação de autoridade, o autor apresenta outra opinião do executivo americano, sobre o equilíbrio da política econômica brasileira. Interessante destacar aqui a expressão do pensamento autoral na oração relacional identificativa “(superávit primário nas alturas **é** um dos dogmas do FMI)”, na qual “*superávit primário*” é o participante Característica e “um dos dogmas do FMI”, o Valor. Com essa oração, o autor reafirma a obediência de países como o Brasil às normas dessa instituição financeira.

(6) Quando **comemorou** os sete meses de seu governo, o presidente Luís Inácio Lula da Silva **apresentou** como grandes trunfos de sua administração a aprovação da reforma da Previdência, a queda da inflação e o início do declínio da taxa básica dos juros. Certamente um feito, pois a reforma **estava** empacada há anos, a inflação **crescia** e os juros *idem*.

(7) **Persistem**, contudo, restrições no investimento, a velha vulnerabilidade externa da economia, um cenário de baixas reservas no Banco Central, volatilidade do câmbio e incertezas internacionais...

(8) É hora de **ousar mudar**.

A conclusão do editorial está resumida nos trechos de (6) a (8). Em (6), o autor apresenta o presidente Luís Inácio Lula da Silva enfatizando acontecimentos positivos de seus sete meses de administração, expresso no uso dos verbos materiais

comemorar na primeira oração, e do verbo *apresentar* na segunda, ambos no pretérito perfeito indicando ações concluídas. Notemos que esses processos têm um Ator individualizado: “o presidente Luís Inácio Lula da Silva”, e não um SN, tal como “O governo Lula” ou “A presidência da República”, por exemplo, como tem sido mais freqüente. Podemos interpretar nesse emprego centralizado em um agente específico a busca de um interlocutor para o ensinamento de (8) com o qual o editorial é encerrado. Antes, porém, o autor concorda com o que é apresentado pelo presidente, como podemos ver nesse excerto: “Certamente um feito, pois a reforma **estava** empacada há anos, a inflação **crescia** e os juros idem”, em que um relacional *estar* e um material *crescer* são utilizados para descrever problemas anteriores vividos pelo Brasil. Observemos que é bastante pertinente a ênfase dada através da circunstância de Extensão Temporal “há anos” que valoriza as ações empreendidas pelo governo atual. Mas na seqüência, vejamos o exemplo (7), no qual outros problemas do Brasil, representados no Ator, sublinhados na oração, são contrapostos aos avanços mostrados pelo presidente. Para enfatizar os problemas, o autor recorre, apropriadamente, ao material *persistir*. A oração de (8) é a palavra final do autor, na qual transparece o diálogo com uma autoridade constituída.

Em *Nacionalismo tardio*, publicado na FPE, discute-se a nacionalização da economia após um período de internacionalização. Apóiam essa tese dois argumentos. Primeiro o de que a abertura de nossa economia, feita por Juscelino Kubitschek, ao capital estrangeiro e amplamente criticada por setores de esquerda que defendiam o nacionalismo econômico. Esses setores afirmavam que esse nacionalismo econômico era o fator de conquista da autonomia brasileira. O núcleo desses defensores estava localizado no Instituto superior de Estudos Brasileiros que abrigava muitos intelectuais preocupados com os problemas do país. Segundo, a existência de um grupo de empresários aliado às transformações e reformas pacíficas defendidas pelas forças de esquerda; o fato de que as ilusões da autonomia foram desfeitas pela excessiva radicalização mútua das forças antagônicas, em 64. O autor conclui que hoje é crescente o número de empresas que voltam a ser de propriedade de brasileiros, mas isso não se deve à volta ao nacionalismo econômico, nem ao desinteresse de

multinacionais pelo Brasil, e sim, ao fato de os compradores nacionais terem adquirido condições de conquistar fatias no mercado interno.

Nacionalismo tardio

Há um fato curioso ocorrendo, em escala modesta, no País, nestes tempos de globalização. A internacionalização da economia brasileira que começou a se aprofundar com regime surgido em 1964, Acentuando-se nos anos 70 a ponto de São Paulo ser considerada a terceira ou quarta cidade sueca, do ponto de vista de atividade econômica, devido à participação de empresas e capitais escandinavos, ali.

Antes, na década de 50, quando o presidente Juscelino Kubitschek abriu as portas do Brasil aos investimentos estrangeiros, houve quem resistisse e criticasse, principalmente setores de esquerda, que abrangiam políticos, militares, universitários organizados e alguns poucos empresários defensores do nacionalismo econômico. Este seria o motor essencial para que o Brasil conquistasse sua autonomia, ou em outras palavras, menor dependência do capital estrangeiro, além de reter os lucros no país, que eram e são remetidos para as matrizes das empresas estrangeiras, possuindo um modelo de desenvolvimento próprio.

O núcleo formulador das idéias nacionalistas estava localizado no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), fechado pela nova ordem instaurada em 1964, e que abrigava Hélio Jaguaribe, Roland Corbisier, Guerreiro Ramos, entre tantos outros intelectuais e pensadores preocupados com os problemas nacionais, alguns de viés marxista, outros socialistas e os estritamente nacionalistas. Um deles, por sinal, dizia que o nacionalismo era um momento histórico de tomada de consciência de um povo sobre seu destino. Na área empresarial, conviria lembrar o grupo comandado (Votorantim) pelo empresário pernambucano José Ermírio de Moraes, que já tinha sofrido grande perseguição de conglomerados empresariais norte-americanos, seus concorrentes, e que sobreviveu no setor do aço graças à sua tenacidade e ao espírito de luta demonstrado.

Esses empresários brasileiros eram conhecidos pela dominação de "burguesia nacional", expressão cunhada de forma elogiosa, devido ao seu posicionamento político-econômico de estarem aliados às transformações e reformas pacíficas, defendidas pelas forças de esquerda, marxistas ou não, principalmente no governo João Goulart e que reforçariam o sistema capitalista no Brasil. As ilusões da autonomia foram desfeitas pela excessiva radicalização mútua das forças antagônicas, em 64, restando as brumas do passado que guardam no seu recôndito essa fase de grandes ilusões na vida do país e que nada mais era do que uma "revolução" capitalista num país ainda subdesenvolvido.

Hoje, como dizíamos acima, está acontecendo algo singular, não afirmaríamos de grande expressão, mas um movimento inverso, ou seja, é crescente o número de empresas adquiridas por multinacionais na década de 90 que estão voltando a ser brasileiras. Essa mudança vem aumentando há três anos. Em 2000, foram realizados 6 negócios dessa natureza; em 2001, 10, e, no ano passado, 13. Este ano, no primeiro semestre, 8 companhias brasileiras foram recompradas por empresários nacionais, revela levantamento da Price Waterhouse Coopers, com base nos negócios de fusões e aquisições anunciadas pelas empresas.

A explicação para esse movimento nada tem a ver com a volta ao passado do nacionalismo econômico, mas reflete que as grandes corporações, pressionadas pelo baixo crescimento da economia mundial, estão se desfazendo de negócios que podem proporcionar cifras significativas, obtendo recursos para reforçar o caixa das matrizes. Por fim, não deve ser interpretado como desinteresse das multinacionais pelo Brasil, mas representa que os

compradores brasileiros ganharam condições para conquistar fatias na concorrência pelo mercado interno, o que estimula novas transações de natureza semelhante. (FPE11)

(1) **Há** um fato curioso **ocorrendo**, em escala modesta, no País, nestes tempos de globalização.

Esse editorial possui uma organização textual diferente em relação aos dois editoriais supracitados, e a outros que compõem o *corpus*, porque a introdução não apresenta o fato a ser discutido, mas o anuncia através do processo existencial *haver* e do Existente, “um fato curioso”. Esse fato é elaborado no decorrer de todo o texto, simultaneamente à construção do processo argumentativo e apenas a leitura, na íntegra, do editorial faz o leitor tomar conhecimento da tese em apreciação.

De particular importância para caracterização do fato e delimitação do sentido, são as circunstâncias presentes em (1): de Modo, “em escala modesta”, que trata da intensidade da questão; de Localização, “no País”, que a situa geograficamente; e de Extensão temporal, “nestes tempos de globalização”, que a localiza temporalmente. Aliadas ao processo material *ocorrer* no gerúndio, funcionam como amarras, prendendo o leitor aos limites da significação desejada pelo editorialista.

(2) Antes, na década de 50, quando o presidente Juscelino Kubitschek **abriu** as portas do Brasil aos investimentos estrangeiros, **houve** quem resistisse e criticasse, principalmente setores de esquerda, que **abrangiam** políticos, militares, universitários organizados e alguns poucos empresários defensores do nacionalismo econômico.

(3) Este **seria** o motor essencial para que o Brasil **conquistasse** sua autonomia...

(4) O núcleo formulador das idéias nacionalistas **estava localizado** no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), fechado pela nova ordem instaurada em 1964, e que **abrigava** Hélio Jaguaribe, Roland Corbisier, Guerreiro Ramos, entre tantos outros intelectuais e pensadores preocupados com os problemas nacionais,

(5) Na área empresarial, **conviria lembrar** o grupo comandado (Votorantim) pelo empresário pernambucano José Ermírio de Moraes, que já tinha sofrido grande perseguição de conglomerados empresariais norte-americanos, seus concorrentes...

(6) As ilusões da autonomia **foram desfeitas** pela excessiva radicalização mútua das forças antagônicas, em 64...

A seqüência de (2) a (6), que constitui a segunda parte do editorial, tanto expõe o fato em discussão, como constrói o seu sentido por mostrar a abertura da economia ao capital estrangeiro e a defesa do nacionalismo econômico, que se opunha a essa abertura. Em (2), temos personificado no participante Ator “o presidente Juscelino Kubistchek” o responsável pela ação do processo material *abrir*, conseqüentemente, o responsável pela internacionalização da economia. Criados pelo processo existencial *haver*, os defensores da economia nacional, sintetizada no Existente “quem resistisse e criticasse...”, cuja identidade materializa-se como P2, sublinhado no exemplo, do processo *abranger*. Fundamenta as idéias desse grupo a crença exposta em (3) através do relacional *ser* e do material *conquistar*.

O exemplo (4), usando a forma passiva do material *localizar* e o pretérito perfeito de *abrigar*, apresenta a sede e os componentes desse grupo de oposição. (5), fazendo uso do processo mental *lembrar*, coloca em cena a parte empresarial que também defende a mesma idéia, através do nome do empresário José Ermírio de Moraes. Com a oração (6), o autor encerra esse momento do editorial expondo a falha que pôs fim ao sonho de uma economia autônoma; para isso utilizou uma oração passiva com o processo material *desfazer*, através da qual o Ator, em forma de agente da passiva, “pela excessiva radicalização mútua das forças antagônicas” realça a fraqueza dos grupos que defendiam a nacionalização da economia brasileira. Por essa escolha, o autor atribui o sucesso da internacionalização da economia, naquele período, ao fracasso dos grupos nacionalistas.

(7) Hoje, como **dizíamos** acima, está acontecendo algo singular, não **afirmaríamos** de grande expressão, mas um movimento inverso, ou seja, **é** crescente o número de empresas adquiridas por multinacionais na década de 90 que **estão voltando** a ser brasileiras.

(8) A explicação para esse movimento nada **tem a ver** com a volta ao passado do nacionalismo econômico...

(9) Por fim, não **deve ser interpretado** como desinteresse das multinacionais pelo Brasil, mas representa que os compradores brasileiros **ganham** condições para **conquistar** fatias na concorrência pelo mercado interno, o que **estimula** novas transações de natureza semelhante.

Concluindo sua exposição, o autor retoma o fato anunciado no início do editorial, usando dois processos verbais, *dizer* e *afirmar*. A Verbiagem é o fato propriamente dito, a nacionalização da economia, expresso em (7) pelo SN “movimento inverso”. Com os processos relacionais *ser* e *voltar* na oração explicativa que segue, o editorialista descreve o que chama de nacionalismo tardio no título do editorial. Em (8) e (9), esclarece o porquê de as empresas voltarem a ser brasileiras, ressaltando em (9) a boa fase “dos compradores brasileiros”, Ator de *ganhar*. Esse processo juntamente com *conquistar* e *estimular*, são os processos materiais escolhidos para sugerir essa ênfase. Podemos notar, ainda, que a primeira oração de (9) organizada em torno do processo mental *interpretar* já é uma evidência do realce que vai ser dado aos investidores nacionais.

No próximo item, analisamos editoriais jornalísticos que abordam diferentes assuntos. Ao final deste, apresentamos conclusões parciais referentes à análise dos editoriais de temas diferentes e de temas semelhantes.

2. Editoriais com temas de áreas diferentes

Abordamos agora três editoriais dos jornais FSP, JC e FPE, que se ocupam de: problemas econômicos mundiais em *Juros europeus*, da FSP; educação em *Brasil alfabetizado*, do JC; e questões ambientais em *A praia é da população*, da FPE.

No editorial *Juros europeus* uma possível alteração da taxa de juros básica pelo Banco Central Europeu, que repercute dentro e fora da Europa, é o assunto em pauta. Esse assunto se faz importante porque, de acordo com o autor, os europeus querem a redução dos juros para reanimar a economia e para interromper a valorização do Euro em relação ao dólar porque isso encarece as exportações e prejudica o crescimento. Já os americanos, embora considerem útil a queda do dólar, pois estimula a economia local, têm consciência de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda geraria problemas. Para eles, a redução dos juros amenizaria esse risco. A conclusão apresentada é a de que já houve uma declaração do Banco Central Europeu alimentando as expectativas de corte nos juros. Para o editorialista, uma decisão diferente reforçaria as apreensões sobre o cenário econômico internacional.

Juros europeus

O Banco Central Europeu reúne-se hoje para decidir se altera a taxa de juros básica, que desde março vem sendo mantida em 2,5% ao ano. A deliberação estará cercada de atenção dentro e fora da Europa.

Premidos pelo elevado desemprego, governos europeus querem a redução dos juros. A medida ajudaria a reanimar a economia, seja diretamente, ao estimular a demanda interna, seja indiretamente, ao contribuir para interromper a tendência de fortalecimento do euro em relação ao dólar. A alta do euro barateia as importações e encarece as exportações, prejudicando o crescimento em curto prazo. Uma das causas do fortalecimento da moeda europeia em relação ao dólar é o fato de os juros europeus estarem mais altos do que os americanos. Se houver redução da taxa, dilui-se o estímulo à migração de capitais dos EUA para Europa.

Também entre os americanos a decisão do BCE desperta interesse. As autoridades dos EUA vêm considerando útil a queda do dólar, pois, ao encarecer as importações, estimula a economia doméstica e contrabalança pressões deflacionárias. Há consciência, no entanto, de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda poderia gerar problemas. A redução da taxa de juros na Europa contribuiria para amenizar esse risco.

A reunião do G8 em Evian trouxe sinais de que, pragmaticamente, caminha-se para uma ação coordenada dos países ricos, deixando-se de lado as feridas diplomáticas abertas pelos atritos em torno do Iraque.

O presidente do BCE já declarou seu otimismo quanto ao comportamento da inflação na região, alimentando as expectativas de que hoje será anunciado um corte de juros. Uma decisão diferente reforçaria as apreensões atuais sobre o cenário econômico internacional. A persistência de um quadro de insuficiente coordenação de políticas macroeconômicas entre as principais potências agravaria os riscos de turbulência financeira e dificultaria uma reativação da economia global. (FSP6)

(1) O Banco Central Europeu **reúne-se** hoje para **decidir** se **altera a taxa de juros básica**, que desde março **vem sendo mantida** em 2,5% ao ano.

O sistema de transitividade do editorial em apreço é composto por processos materiais - a grande maioria -, relacionais, mentais e verbais, que se distribuem pelo corpo do texto representando o mundo das experiências de seu autor, de modo a externar a opinião da Folha de São Paulo e buscar a adesão do leitor à tese defendida expressa em (1). Para exposição do fato, o editorialista faz uso de quatro processos materiais que se combinam com o Ator - "O Banco Central Europeu" - uma Meta, sublinhada no texto e as circunstâncias de Extensão temporal, "hoje" e "desde março". A esse fato seguem os fragmentos de (2) a (4) que constroem o seu sentido.

(2) Premidos pelo desemprego, governos europeus **querem** a redução dos juros. A medida **ajudaria a reanimar** a economia (...) Uma das causas do fortalecimento da moeda europeia em relação ao dólar **é** o fato de os juros europeus **estarem** mais altos

do que os americanos. Se **houver** redução da taxa, **dilui-se** o estímulo à migração de capitais dos EUA para a Europa.

(3) Também entre os americanos a decisão do BCE **desperta** interesse. As autoridades dos EUA **vêm considerando** útil a queda do dólar, pois, ao encarecer as importações, estimula a economia doméstica e contrabalança pressões deflacionárias. **Há** consciência, no entanto, de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda **poderia gerar** problemas. A redução da taxa de juros na Europa **contribuiria** para amenizar esse risco.

(4) A reunião do G8 em Evian **troux**e sinais de que, pragmaticamente, caminha-se para uma ação coordenada dos países ricos...

Os argumentos do autor aparecem organizados em torno de processos materiais, mentais, existenciais e relacionais. Em (2), a oração que encerra a idéia central desse fragmento traz o processo mental *querer* expressando o desejo da “redução dos juros”, que é o Fenômeno e o Experienciador “governos europeus”. Para fortalecer esse argumento, seguem-se uma oração com um processo material, *reanimar*, que sintetiza o resultado da “alteração da taxa de juros”, e duas com processos relacionais que representam estados de coisas. No primeiro caso, o verbo *ser* estabelece uma relação de causa e efeito entre “juros altos” e “fortalecimento do Euro”. No segundo, o verbo *estar* caracteriza o Portador “os juros europeus”, através do *Atributo* “altos”, comparando-os com os juros americanos. Essa descrição prepara o argumento final favorável à redução dos juros apresentado, nesse trecho, nas orações com o processo existencial *haver* e o material, *diluir-se*.

Em (3), o autor mostra que o assunto não é de interesse apenas dos europeus e expõe as razões dos americanos para a queda dos juros na Europa. Chama a atenção nesse fragmento o uso do processo mental *considerar* no gerúndio, indicando um fato em andamento, que necessita ser concluído para não se tornar um problema. Essa asserção pode ser comprovada na oração com o existencial *haver* do qual deriva-se o Existente “consciência de...” e na oração com o material *gerar*, modalizado pela forma verbal “poderia”. Novamente a redução da taxa de juros, materializada na oração como Ator do processo *contribuir* é apresentada como solução, mas dessa vez para os problemas americanos.

O argumento de (4), cujo núcleo é o verbo *trazer* e tem como Ator “A reunião do G8”, é um sintetizador dos motivos comuns que unem os países ricos,

independentemente de suas diferenças. É também mais um reforço do autor na tentativa de apresentar a redução dos juros europeus como uma necessidade urgente e o mais sensato a ser feito nesse momento. A circunstância de Modo “pragmaticamente” e a ação de *caminhar* presente na oração que fecha o período, não só apontam para essa necessidade como a reforçam.

(5) O presidente do BCE já **declarou** seu otimismo quanto ao comportamento da inflação na região, **alimentando** as expectativas de que hoje **será anunciado** um corte de juros.

(6) Uma decisão diferente **reforçaria** as apreensões atuais sobre o cenário econômico internacional.

A conclusão do editorial é apresentada em (5) em um período que se inicia com uma oração de processo verbal - *declarar*. Esta oração utilizada como argumento de autoridade é a voz do presidente do Banco Central Europeu. Notemos também que a presença de um Dizente individualizado nesse contexto reafirma a autoridade externa. Complementam o argumento uma oração de processo material - *alimentar* - e mais uma com processo verbal - *anunciar* - que traz como Verbiagem o fato que vem sendo defendido no editorial, isto é, o “corte de juros”. A circunstância de Extensão temporal, “hoje”, chama a atenção para a certeza de que a ação esperada vai mesmo se concretizar.

O exemplo (6), embora não seja a oração final do texto, resume a posição da FSP a respeito do fato. Ao usar o processo material *reforçar* no futuro condicional, o autor alerta para os prováveis problemas advindos de uma tomada de decisão diferente que não a queda nos juros, o que faz essa oração soar como o último e definitivo argumento para convencer o leitor, e, simultaneamente, não deixar dúvidas da posição que esse veículo de comunicação defende.

O JC1 trata do Programa Brasil Alfabetizado apresentado aos prefeitos de Pernambuco, pelo então Ministro da Educação, Cristovam Buarque. Compõem a avaliação desse programa críticas feitas pelos que participaram da reunião como a de que o projeto foi elaborado em Brasília sem representantes dos municípios; e a de que a Associação Municipalista de Pernambuco acha que deveria ter sido consultada. Após

esses comentários, o editorialista defende o Ministro, dizendo que esse tema há muito vem sendo debatido. Prossegue afirmando que o montante de recursos para o programa é escasso e que este não é nada inovador; é mais amplo e vem se juntar a outros programas já existentes em Pernambuco, como o Se Liga Pernambuco, entre outros. O texto é arrematado com a idéia de que a Educação no Brasil vem melhorando progressivamente, mas o autor defende a posição de que não está claro se esse programa vem se sobrepor a outros já existentes, deixando entender que esse parece ser apenas mais um programa criado para melhorar a educação do país, sem efetivamente provar se vai conseguir fazer isso.

Brasil Alfabetizado

Em visita recente a Pernambuco, o ministro da Educação, Cristovam Buarque, procurou explicar aos prefeitos a filosofia de um novo programa federal destinado a "erradicar de vez o analfabetismo", agora intitulado Brasil Alfabetizado. Em termos gerais, o projeto se caracteriza pela promessa de repasse de recursos federais para as prefeituras ampliarem a oferta de matrículas nos cursos de alfabetização, utilizando também recursos próprios. Alguns dirigentes municipais se queixaram da falta de informação mais detalhada sobre o projeto, mas, todos reconheceram a educação como de máxima importância para a administração municipal.

Uma das críticas feitas - durante e depois da reunião - foi a de que o projeto, de amplitude nacional, que tem a pretensão de colocar o Brasil entre os países completamente alfabetizados do mundo, tenha sido elaborado em Brasília, sem a participação de representantes dos municípios. A Associação Municipalista de Pernambuco (Amupe), que cedeu a sede para acolher a comitiva do ministro e os prefeitos convidados, acha que deveria ter sido consultada, antecipadamente. Seus dirigentes dizem que só poderiam explicar aos técnicos do Ministério que as prefeituras do Estado, em sua maioria, vivem uma crise financeira permanente. Mas certamente eles já sabem disso muito bem. Note-se que o governo Lula é criticado geralmente por querer discutir muitos assuntos, antes de qualquer iniciativa prática. Agora, criticam um dos seus ministros mais operosos, exatamente por não haver debatido exaustivamente um tema que há muitos anos vem sendo objeto de congressos e discussões.

É sabido que o montante dos recursos disponíveis para o programa é escasso, uma vez que o orçamento de 2003 foi decidido no ano passado. Mas, todos os presentes ouviram a promessa de que deverão ser repassados R\$ 15, por mês, por cada aluno matriculado nas aulas de alfabetização. Esse dinheiro seria destinado aos professores de primeiras letras, como contribuição do Governo Federal. Quanto à infra-estrutura e ao necessário material didático, eles ficarão por conta das prefeituras.

Todo programa novo provoca controvérsias. Mas, a julgar pelas aparências, o Brasil Alfabetizado não é muito inovador. Com uma amplitude maior, vem se juntar a outros cinco já existentes, na área da educação em Pernambuco: Pró-Mata (43 municípios atendidos), Projeto no Sertão (14), Se Liga Pernambuco (48), Recomeço (19) e Estação do Saber (apenas no Recife). Nenhum deles se dirige a crianças em idade pré-escolar, mas àquelas que não foram alfabetizadas quando pequenas e hoje se encontram em faixas de 9 a 24 anos. Tal variedade de programas é financiada ora pelo MEC, ora por governos estaduais e municipais, ou mesmo por instituições humanitárias privadas. O Se Liga Pernambuco, por exemplo, recebe recursos

do Instituto Ayrton Senna, entre outros. É uma luta pelo desenvolvimento educacional, em várias frentes, com diferentes patrocinadores.

As últimas estatísticas do IBGE e do próprio MEC têm mostrado que os números da Educação, no Brasil, vêm melhorando, progressivamente. O que se deveria explicar francamente é se o lançamento de mais um programa educacional implicará numa superposição com outros já em funcionamento, a cargo do Governo Federal, como o Programa Nacional de Renda Mínima Vinculada à Educação, também chamado de Bolsa-Escola, sancionado pelo governo FHC, em 2001, com orçamento inicial de R\$ 1,7 bilhão, dinheiro proveniente do Fundo de Combate à Pobreza. Seu objetivo seria atender cerca de 10,7 milhões de crianças de 6 a 15 anos. Para cada criança matriculada, a família tem direito a R\$ 15, justamente o recurso que será repassado, por aluno, às prefeituras, pelo programa Brasil alfabetizado. (JC1)

(1) Em visita recente a Pernambuco, o ministro da Educação, Cristovam Buarque, **procurou explicar** aos prefeitos a filosofia de um novo programa federal destinado a "erradicar de vez o analfabetismo", agora intitulado Brasil Alfabetizado.

Situando temporalmente a ação através da circunstância de Extensão temporal, "Em visita recente" e da circunstância de Localização "a Pernambuco", o autor de *Brasil alfabetizado* introduz o tema usando um processo verbal, *explicar*, para relatar os objetivos da vinda do ministro da Educação ao Recife. Porém, quando modifica esse processo com o verbo *procurar* quer dizer que o Dizente, "Cristovam Buarque", não realizou a contento a sua tarefa, o que deixa transparecer sua primeira crítica a esse programa de alfabetização do governo.

(2) Uma das críticas feitas - durante e depois da reunião - **foi** a de que o projeto, de amplitude nacional, que tem a pretensão de colocar o Brasil entre os países completamente alfabetizados do mundo, **tenha sido elaborado** em Brasília, sem a participação de representantes dos municípios.

(3) A Associação Municipalista de Pernambuco (Amupe), que cedeu a sede para acolher a comitiva do ministro e os prefeitos convidados, **acha** que **deveria ter sido consultada**, antecipadamente.

(4) Note-se que o governo Lula **é criticado** geralmente por **querer discutir** muitos assuntos, antes de qualquer iniciativa prática. Agora, **criticam** um dos seus ministros mais operosos, exatamente por não **haver debatido** exaustivamente um tema que há muitos anos vem sendo objeto de congressos e discussões.

(5) É sabido que o montante dos recursos disponíveis para o programa **é** escasso, uma vez que o orçamento de 2003 foi decidido no ano passado. Mas, todos os presentes

ouviram a promessa de que **deverão ser repassados** R\$ 15, por mês, por cada aluno matriculado nas aulas de alfabetização.

(6) Todo programa novo **provoca** controvérsias. Mas, a julgar pelas aparências, o Brasil Alfabetizado não é muito inovador. Com uma amplitude maior, **vem se juntar** a outros cinco já existentes, na área da educação em Pernambuco: Pró-Mata (43 municípios atendidos), Projeto no Sertão (14), Se Liga Pernambuco (48), Recomeço (19) e Estação do Saber (apenas no Recife).

O desenvolvimento do texto está contido de forma resumida nos fragmentos de (2) a (6), acima expostos. Nos exemplos (2) e (3), o autor descreve críticas feitas ao programa Brasil alfabetizado. (2) composto pelo relacional *ser*, no passado e em terceira pessoa do singular, e pelo material *elaborar*, revela que não houve participação de entidades estaduais ou municipais em sua elaboração. A esse respeito, é bom observar que a indicação do mentor do programa se materializa na oração pela circunstância de Localização, “em Brasília”, e não através de um Ator, caso mais comum. (3) apresenta crítica semelhante, mas dessa vez o editorialista expõe sua face ao apresentar “A Associação Municipalista de Pernambuco” como Experienciador do processo mental *achar* e *Ator* do processo material *consultar*. Essa combinação de orações revela um certo ressentimento dessa instituição em não participar da concepção do programa Brasil Alfabetizado.

Em (4), o autor de certa forma rebate essas críticas. Primeiro, ao afirmar que o governo Lula sofre críticas por “querer discutir” quase tudo. Segundo, ao defender o ministro Cristovam Buarque, qualificando-o de “operoso”, e enfatizar, pelas circunstâncias de Modo “exatamente” e “exaustivamente”, o fato de que o tema do Brasil Alfabetizado já está mais do que discutido. Ressaltemos a organização das orações em torno dos processos verbais *criticar*, *discutir* e *debater*. O autor, portanto, não assume as críticas mostradas em (2) e (3) como suas. Pelo contrário, faz dessas ponto de partida para expor seu ponto de vista a respeito do Governo Lula no tocante à discussão de problemas nacionais e, em seguida, apresentar sua opinião sobre essa questão, o que pode ser comprovado em (5) e (6).

O fragmento (5) elabora-se com o processo relacional *ser*, o mental *ouvir* e o material *repassar*. Com o verbo *ser*, o autor constrói uma oração relacional atributiva na qual o Portador “o montante dos recursos para o programa” recebe o Atributo

“escasso”, resultando numa combinação que permite perceber essa qualificação como inerente a esse Portador e, portanto, como uma fragilidade do programa. Essa seria a primeira crítica do JC. Atenuando-a, o autor traz as orações seguintes com *ouvir* e *repassar*, as quais representam um esforço do governo em superar suas deficiências. Embora essas duas orações se contraponham à crítica feita na oração relacional, parece-nos que as escolhas do mental *ouvir*, ao invés do verbal *dizer*, por exemplo, e o processo *repassar* modalizado pelo verbo *dever* no futuro, são amostras sutis da posição do JC a respeito da implantação do Brasil Alfabetizado.

(6) refere-se à existência de outros programas educacionais semelhantes em execução no Estado de Pernambuco, o que está expresso na oração com o processo material *juntar-se*. Nesse fragmento, a crítica do autor novamente se manifesta através de uma oração relacional: “Mas, a julgar pelas aparências, o Brasil Alfabetizado não é muito inovador”. Com essa oração, “as controvérsias”, Extensão do processo material *provocar*, se aniquilam e o novo programa educacional do Governo Lula equipara-se a outros já existentes, perdendo, pois, sua característica de novo.

(7) As últimas estatísticas do IBGE e do próprio MEC têm mostrado que os números da Educação, no Brasil, vêm melhorando, progressivamente. O que se deveria explicar francamente é se o lançamento de mais um programa educacional **implicará** numa superposição com outros já em funcionamento, a cargo do Governo Federal, como o Programa Nacional de Renda Mínima Vinculada à Educação, também chamado de Bolsa-Escola,

A conclusão do editorial *Brasil alfabetizado* é uma continuação das críticas feitas à implementação do programa educacional, tema do editorial, embora o autor comente, com base em dados do IBGE e do MEC - materializados na oração como Dizente do processo verbal *mostrar* - a melhoria da educação no Brasil, de forma contínua, como atesta a circunstância de Modo “progressivamente”, empregada pelo editorialista. O tom conclusivo se revela no período seguinte composto pelo relacional *ser* e pelo material *implicar*. Nesse, o autor revela acreditar que esse programa vem apenas substituir o programa Bolsa-Escola do governo anterior.

O editorial *A praia é da população* apresenta como tese a ser defendida a idéia de que os lugares públicos, entre eles as praias, pertencem à população e todos devem

ter o direito de usufruí-los. Para respaldar sua posição, o autor comenta providências tomadas pela Prefeitura do Recife no sentido de fiscalizar e apreender objetos impróprios utilizados na praia de Boa Viagem, sem que isso represente uma violação do direito de alguns comerciantes, cujo sustento depende do que ganham na praia. Para o editorialista, o uso indiscriminado da orla prejudica a grande maioria de seus usuários. Como argumento final, ele afirma que se a praia de Boa Viagem é mesmo um espaço da população é justo mantê-la em boas condições, e alerta para outras práticas, como animais na areia e som alto, que também devem ser objeto de fiscalização pelas autoridades, sem, no entanto, recorrer à violência para fazer cumprir a lei.

A praia é da população

O imortal poeta Castro Alves, com seu estilo hiperbólico, exagerado, dizia que “A praça é do povo como o céu é do condor”, verso que todos decoravam ao estudar a escola literária condoreira, que existiu na fase final da poesia romântica brasileira. Esse princípio poético é da exaltação da liberdade, de que os lugares públicos pertencem a todos que devem ter o direito de usufruí-los.

A lembrança do verso faz conexão com recentes providências adotadas pela Prefeitura do Recife, quinta-feira última, ao fiscalizar e apreender objetos impróprios utilizados na praia de Boa Viagem. A ação da Diretoria de Controle Urbano e Ambiental (Dircon), com o apoio da polícia militar e do Corpo de Bombeiros, no trecho situado entre a rua Armindo Moura e a antiga padaria na beira-mar, retirou, da praia e das calçadas, cadeiras, bancos, botijões de gás e bicicletas, conforme determina o decreto municipal 17.030 e a lei estadual 12.321. Ao contrário do que poderia parecer, ou seja, de que estaria sendo ferido o direito de comerciar de algumas pessoas e, por consequência, atingida a sua liberdade, é justamente o oposto que deve prevalecer.

Em outras palavras, o uso indiscriminado da praia de Boa Viagem por uma minoria prejudica a grande maioria dos seus frequentadores, que têm o direito de usufruí-la plenamente. O nível de civilidade de um povo pode ser avaliado, entre outros fatores, pelos seus hábitos, assim, entendida por normas observadas pelos cidadãos entre si, em sinal de respeito e consideração.

Ora, sendo a praia de Boa Viagem um espaço que pertence à população e aos que a visitam, nada mais justo do que os cuidados em mantê-la limpa e agradável. Há, contudo, outras práticas que devem ser objeto solução pelas autoridades municipais, como o futebol, a presença de animais, o som alto, enfim, tudo que represente infração às posturas do Município do Recife. Poderia se argüir que as medidas em curso estão contribuindo para agravar a situação de famílias cujo sustento dependia do que ganhavam com aquele pequeno comércio. A esse argumento, de conteúdo social, caberia às autoridades encontrar uma fórmula, que sabemos ser difícil, para minorar os prejuízos sofridos. Finalizando, deve ser uma preocupação permanente dos que estão fazendo aquele trabalho não recorrer à violência, nem à arbitrariedade para fazer cumprir a lei. (FPE2)

(1) O imortal poeta Castro Alves, com seu estilo hiperbólico, exagerado, **dizia** que “A praça é do povo como o céu é do condor” (...). Esse princípio poético **é** da exaltação da liberdade, de que os lugares públicos **pertencem** a todos que **devem ter** o direito de usufruí-los.

Como já demonstrado, o recurso de respaldar argumentos em uma voz de autoridade exterior é freqüente nos editoriais desta pesquisa, e mais uma vez tal recurso é utilizado, agora com um verso de domínio público, introduzido mediante a presença do processo verbal *dizer*; “O imortal poeta Castro Alves...” é o Dizente e o verso, a Verbiagem. Temos, assim, o mote para o ponto de vista defendido: a de que os lugares públicos, mais especificamente a praia de Boa Viagem, ao público pertencem e por ele devem ser usufruídos, conforme podemos verificar no grupo de orações que seguem o verso, composto por três processos relacionais: *ser*, *pertencer* e *ter*.

(2) A lembrança do verso faz conexão com recentes providências adotadas pela Prefeitura do Recife, quinta-feira última, ao **fiscalizar** e **apreender** objetos impróprios utilizados na praia de Boa Viagem.

(3) Ao contrário do que **poderia parecer**, ou seja, de que **estaria sendo ferido** o direito de **comerciar** de algumas pessoas e, por conseqüência, atingida a sua liberdade, **é** justamente o oposto que deve prevalecer.

(4) Em outras palavras, o uso indiscriminado da praia de Boa Viagem por uma minoria **prejudica** a grande maioria dos seus freqüentadores, que **têm** o direito de usufruí-la plenamente.

Para sustentar seu ponto de vista e situá-lo mais especificamente, o autor conecta os fatos que vai apresentar com o verso anteriormente citado e, em (2), comenta atitudes da Prefeitura do Recife em relação ao uso da praia de Boa Viagem. Partindo do poder público, essas atitudes tomam a forma de fiscalização e apreensão, como podemos ver pelo uso dos processos materiais correspondentes a esses dois substantivos: *fiscalizar* e *apreender*. Completam a descrição da ação executada pelo Ator “Prefeitura do Recife”, uma circunstância de Extensão temporal, “na quinta-feira”, e outra de Localização, “na praia de Boa Viagem”. É o primeiro argumento em favor da utilização do espaço público por todas as pessoas, sem discriminação. Seqüenciando suas idéias, o editorialista traz em (3) e (4) mais elementos em favor de sua tese. Em

(3), ressalta que as ações da prefeitura não visam a prejudicar os que vivem do comércio na praia. Essa idéia está demonstrada no uso do relacional *parecer* no início do período, e realçada pela noção de transitoriedade e aparência desse processo, e se encerra com o relacional *ser*, sinalizando atemporalidade no final do fragmento.

Em (4), o fechamento da argumentação com o processo *prejudicar*, cujos participantes são o Ator, “o uso indiscriminado da praia de Boa Viagem por uma minoria”, e Meta “a grande maioria dos seus freqüentadores”, deixa definitivamente claro a posição do jornal FPE a esse respeito. A oração seguinte com o processo relacional *ter* ratifica ainda mais essa posição.

(5) Ora, **sendo** a praia de Boa Viagem um espaço que **pertence** à população e aos que a **visitam**, nada mais justo do que os cuidados em **mantê-la** limpa e agradável. Há, contudo, outras práticas que **devem ser** objeto de solução pelas autoridades municipais, como o futebol, a presença de animais, o som alto, enfim, tudo que represente infração às posturas do Município do Recife.

(6) Finalizando, **deve ser** uma preocupação permanente dos que estão fazendo aquele trabalho não **recorrer** à violência, nem à arbitrariedade para **fazer cumprir** a lei.

Em suas conclusões, exemplos (5) e (6), o autor mais uma vez reforça o acesso de todos à praia de Boa Viagem e os cuidados com a sua limpeza. Vejamos o primeiro período de (5) construído com os processos *ser*, *pertencer*, *visitar* e *manter*, a partir dos quais o editorial faz uma sugestão em forma de aconselhamento. Observemos também o verbo *dever* que modaliza o relacional *ser*, apontando outras práticas que poderiam ser também fiscalizadas pela prefeitura. Para finalizar o autor diz, ou dita, em (6), de que maneira essas ações devem ser implementadas. Podemos ver isso nas formas verbais empregadas - *deve ser*, *recorrer*, *fazer cumprir* - e nos participantes com os quais os processos se relacionam - *preocupação*, *dos que estão fazendo aquele trabalho*, *violência*, *arbitrariedade* e *a lei*. Em outras palavras, o editorialista assume a voz institucional do veículo jornalístico que representa e passa a dialogar diretamente com o poder público constituído, o público leitor nesse momento é um espectador com o qual o editorial espera contar para fazer valer sua opinião.

Sintetizando resultados

Como a abordagem de temas ou áreas diferentes não implica uma diferenciação na organização do editorial enquanto gênero, comentamos conjuntamente os resultados referentes à análise de editoriais de temas semelhantes e editoriais de temas distintos.

Pudemos observar que os resultados obtidos com a análise do sistema de transitividade nos editoriais dos jornais FSP, JC e FPE, tratando do mesmo assunto ou de temas de assuntos diversificados, aponta para um padrão de uso, no que diz respeito aos tipos de processo, ao modo de apresentação dos participantes, em especial o P1, e aos tipos de circunstâncias utilizados.

Os materiais são os processos mais usados, depois dos relacionais, corroborando evidências anteriores de que a opinião se materializa pela representação de fatos do mundo e pela classificação e definição desses fatos, função dos materiais e relacionais respectivamente. De uso relativamente baixo, são os processos mentais, presentes esporadicamente quando se faz necessário tratar do mundo “da consciência”. Os verbais cumprem a importante função de ratificar certos pontos de vistas emitidos, porque trazem para o texto uma voz externa imbuída de autoridade para tal. Os existenciais assemelham-se aos mentais, em frequência, e são usados no momento em que o editorialista recorre à criação de fatos ou de entidades para prosseguir com seu ponto de vista.

Se os processos materiais predominam, logicamente os participantes Ator, Meta, e Extensão também, embora esse último tenha tido baixa incidência, o que ratifica a afirmação feita anteriormente de que processos materiais cuja ação afeta diretamente o P2 são mais usados nos editoriais do que os processos materiais intransitivos. Uma comparação com a abordagem escalar da transitividade concebida por Hopper & Thompson (1980), permitiria afirmar que sentenças com o traço *+afetação do objeto*, equivalente ao participante Meta, são mais frequentes nesses editoriais.

Em relação aos participantes Ator, Experienciador, Portador e Característica, merece relevo a forma de materialização lingüística desses participantes, ou seja, a preponderância desses em SNs lexicais. Atores ou Experienciadores como “o governo Lula”, “o ministério da Educação”, além de “o uso da praia de Boa Viagem”, entre os

muitos exemplos comentados, se moldam à concepção do editorial enquanto gênero que se apropria de um fato para discuti-lo e reconstruí-lo nos moldes do pensamento da instituição jornalística que o veicula. Por tratar de acontecimentos, assim esses participantes são representados no editorial, ainda que tenham, por trás, agentes individualizados e por eles responsáveis.

Em consonância com as propriedades dos processos verbais, de ter um P1 consciente, apto a realizar um dizer, o Dizente é o que mais se registra de forma individualizada, como nos exemplos, “**O imortal poeta Castro Alves**, com seu estilo hiperbólico, exagerado, dizia que ‘A praça é do povo como o céu é do condor’ ...”; e “**O presidente do BCE** já declarou seu otimismo”. Ou ainda, quando o editorialista assume, junto com o leitor, sua voz no texto, caso do exemplo: “Hoje, como **dizíamos** acima, está acontecendo algo singular, não **afirmaríamos** de grande expressão, mas um movimento inverso”. Porém, os verbais também admitem um Dizente não consciente, como o exemplo “**As últimas estatísticas do IBGE e do próprio MEC** têm mostrado que os números da Educação, no Brasil, vêm melhorando, progressivamente”, quando se trata de processos verbais tais como *mostrar* e *trazer* que não simbolizam o ato de *dizer* propriamente dito.

Em relação às circunstâncias, pudemos perceber que as de Extensão temporal, de Localização e de Modo são as mais freqüentes nos editoriais jornalísticos analisados. Estabelecer lugares e espaços, ao lado de restringir ou expandir modalmente os sentidos dos fatos, se configura como uma maneira, argumentativamente eficaz, de usar o terceiro componente do sistema de transitividade.

De modo geral, o sistema de transitividade, nos editoriais ora analisados, desempenha as mesmas funções na construção da opinião. Não é, contudo, o que percebemos quando olhamos funcionalmente a presença dos tipos de processos utilizados, seus participantes e circunstâncias em determinados momentos do texto, como a introdução ou conclusão.

Essa afirmação é comprovada com a introdução do editorial *Carga Pesada* retomada do fragmento: “Embora não seja propriamente nova **vai se difundindo** a percepção de que a sociedade brasileira **paga** impostos demais para **receber** serviços

de menos”, no qual a oposição *pagar/receber* configurada pelo autor é uma asserção da opinião que vai ser construída por ele em relação ao tema desse editorial.

Com esses resultados, esperamos ter dado uma demonstração do funcionamento do sistema de transitividade e de seu papel na formação do ponto de vista institucional do editorial jornalístico. Dando prosseguimento ao conteúdo deste capítulo, trazemos a discussão relativa aos editoriais de *Veja* e *Época* que debatem o mesmo assunto.

3. Editoriais de *Veja* e *Época* com temas semelhantes

Nesse item passamos a analisar os editoriais opinativos, *Cara e ineficiente* da revista *Veja*, e *O próximo desafio*, da *Época*.

Em *Cara e ineficiente*, o fato apresentado para apreciação é a ineficiência e alto custo da máquina estatal que cobra muito caro da sociedade e oferece serviços públicos de péssima qualidade. Para sustentação das críticas a esse problema, afirma-se que o governo absorve 40% da riqueza produzida pelos brasileiros; que a dívida pública de nosso país está entre as maiores do mundo e que o crédito bancário é praticamente todo engolido para pagamento dessa dívida. Nas palavras do autor, essa é uma realidade conhecida, com efeitos desastrosos sobre a vida social e econômica do país e que poderá ser solucionada se o ataque às raízes dessa distorção passar a ser prioridade para todas as autoridades brasileiras. Ele defende que nossa economia só progredirá se o Estado passar a fazer mais com menos recursos, mas não são mudanças fáceis. A conclusão traz dados da Universidade de Chicago dizendo que, nos últimos cinquenta anos, na maioria dos países, os gastos governamentais cresceram sempre acima do PIB, mas que muito deles gastaram o dinheiro público com mais justiça, algo que não se dá no Brasil. Para o autor, o governo do PT terá de enfrentar o desafio de racionalizar as relações do Estado com a sociedade, e sentencia: melhor começar logo.

Cara e ineficiente

VEJA publica nesta edição uma reportagem que analisa a deformação básica do Estado Brasileiro, a de cobrar muito caro da sociedade em troca da oferta de serviços públicos de péssima qualidade. Na semana passada, um dos poucos centros de excelência médica pública no Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (Inca), parou em protesto contra o preenchimento político de cargos técnicos por parte do PT. Exemplos de injunções deletérias como essa são parte da história brasileira e, em graus variados, se fazem sentir em todo o país. Como se sabe, o governo absorve em impostos quase 40% de toda a riqueza produzida pelos brasileiros. Cada chefe de família trabalha quatro meses por ano apenas para satisfazer a voracidade tributária dos cofres públicos. Além disso, com uma dívida pública entre as maiores do mundo, o Estado Brasileiro precisa de quase todo o crédito bancário disponível no país para rolar seus papéis. Sobram para a clientela dos bancos apenas 23% do total do dinheiro destinado a empréstimos no sistema financeiro. Essa é uma realidade conhecida. Com efeitos desastrosos sobre a vida econômica e social do país. A presente edição de VEJA é uma contribuição à tarefa indispensável de refletir sobre as entranhas dessa máquina cara e ineficiente.

Atacar as raízes dessa distorção deveria ser a prioridade dos governantes de todos os níveis, do presidente da República aos prefeitos. Sem que o Estado aprenda a fazer mais com menos recursos, sem que Brasília descubra meios de não onerar tanto os cidadãos e as empresas, o país continuará com uma economia de desempenho medíocre e vulnerável a choques. Não são mudanças fáceis. Levantamento recente da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, mostrou que nos últimos cinquenta anos na maioria dos países os gastos governamentais cresceram sempre acima da variação do PIB. Muitos deles, porém, foram bem-sucedidos em gastar dinheiro público com mais justiça. A Inglaterra destina na forma de serviços aos cidadãos mais ricos apenas 1 de cada 12 libras que eles mesmos pagam de impostos. No Brasil, a situação é iníqua: os mais ricos recebem em volta de subsídios, serviços, isenções e gratuidades 1 em cada 2 reais pagos de imposto. Cedo ou tarde, o governo do PT terá de enfrentar o desafio de racionalizar as relações do Estado com a sociedade. Melhor começar cedo. (VE11)

(1) VEJA **publica** nesta edição uma reportagem que **analisa** a deformação básica do Estado Brasileiro, a de **cobrar** muito caro da sociedade em troca da oferta de serviços públicos de péssima qualidade.

Colocando-se como Ator do processo material *publicar*, Veja nesse editorial anuncia seu objeto de discussão contido no participante Meta da oração, sublinhado no exemplo. Notemos que o tema é duplamente analisado; na reportagem como informa a sentença “uma reportagem que analisa a deformação básica do Estado Brasileiro” e no editorial. Para salientar a desproporção entre as taxas de impostos pagas pela população ao Estado e os serviços recebidos, o autor faz uso do processo material *cobrar* relacionando-o com a circunstância de Modo, “muito caro”, e com o participante Extensão, “da sociedade”, que nesse caso figura como vítima da ação. Uma primeira

tentativa de persuadir o leitor. Vejamos como prossegue a argumentação da revista nos exemplos de (2) a (6).

(2) Como se sabe, o governo **absorve** em impostos quase 40% de toda a riqueza produzida pelos brasileiros. Cada chefe de família **trabalha** quatro meses por ano apenas para **satisfazer** a voracidade tributária dos cofres públicos.

(3) Além disso, com uma dívida pública entre as maiores do mundo, o Estado Brasileiro **precisa** de quase todo o crédito bancário disponível no país para rolar seus papéis. **Sobram** para a clientela dos bancos apenas 23% do total do dinheiro destinado a empréstimos no sistema financeiro.

(4) Essa **é** uma realidade conhecida. Com efeitos desastrosos sobre a vida econômica e social do país.

(5) **Atacar** as raízes dessa distorção **deveria ser** a prioridade dos governantes de todos os níveis, do presidente da República aos prefeitos.

(6) Sem que o Estado **aprenda** a fazer mais com menos recursos, sem que Brasília **descubra** meios de não **onerar** tanto os cidadãos e as empresas, o país **continuará** com uma economia de desempenho medíocre e vulnerável a choques.

A construção da opinião de Veja sobre o problema começa em (2) quando o editorialista destaca, em torno dos processos materiais *absorver* e *trabalhar*, índices que informam sobre a quantidade de impostos pagos e trabalhos efetuados para isso. Uma forma de argumentar contra o governo, e a favor da classe trabalhadora, foi colocar “o governo” como Ator, o agente que pratica a ação na oração com *absorver* e “os brasileiros” como Ator da oração passiva com o verbo material *produzir*. Em outras palavras, há uma classe trabalhadora que produz e um Estado que fica com grande parte dessa produção. Essa idéia tem prosseguimento na oração com o verbo *trabalhar*, na qual é enfatizada pelo Extensão “quatro meses” a quantidade de tempo despendida com trabalho para o governo, e se completa na oração com o processo mental *satisfazer*, em que “os cofres públicos” são o Experienciador, experimentando a vantagem de absorver a riqueza produzida pelos brasileiros.

O exemplo (3) é uma crítica à política econômica brasileira aplicada até agora e também uma reafirmação do que foi dito em (2). O relacional *precisar*, que identifica “o Estado Brasileiro”, Característica dessa oração identificativa, aliado ao Valor, “de quase todo o crédito bancário...”, situam o governo, mais uma vez, como aquele que usufrui a

riqueza gerada em nosso país. Essa condição é corroborada na oração seguinte, quando se anuncia o percentual de crédito que resta aos brasileiros no *Ator* do processo *sobrar*, sublinhado na respectiva oração. O autor finaliza esse momento do texto, manifestando seu pensamento em (4) no qual o relacional *ser*, empregado em terceira pessoa do singular, descreve essa situação de nossa economia como algo inerente a ela e já bastante duradoura.

Em (5) e (6) temos, como continuidade da exposição, algo que já ocorreu em muitos dos editoriais por nós analisados, isto é, um momento em que o editorialista se arroga o direito de dizer o que deve, ou o que precisa ser feito para solucionar o problema que está sendo criticado no editorial. Nesse momento, como já vimos em outros editoriais aqui analisados, e como descreve Marques de Melo (2003), o autor estabelece uma relação dialógica com o Estado e não com o público leitor. Os trechos “atacar as raízes dessa distorção”; “aprenda a fazer mais com menos recursos”; “descubra meios de não onerar tanto os cidadãos e as empresas”, são todos endereçados ao governo como resoluções para o problema dos altos impostos. A esses trechos se segue uma oração relacional qualificando a economia brasileira como medíocre e frágil. Crítica intensificada pelo sentido de duração inerente ao verbo *continuar* que, nesse contexto de uso, mais parece um veredicto negativo e ameaçador. Embora se dirijam às autoridades governamentais, não restam dúvidas, porém, de que esses fragmentos também funcionam como elementos de persuasão sobre o leitor, pois dão a entender que é possível resolver o problema, já que o próprio jornal sabe como. O que falta é vontade política. Dessa forma, o editorial age em mão dupla, pois seu diálogo com o governo tem reflexos no leitor.

(7) Levantamento recente da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, **mostrou** que nos últimos cinquenta anos na maioria dos países os gastos governamentais cresceram sempre acima da variação do PIB.

(8) A Inglaterra **destina** na forma de serviços aos cidadãos mais ricos apenas 1 de cada 12 libras que eles mesmos **pagam** de impostos. No Brasil, a situação **é** iníqua...

(9) Cedo ou tarde, o governo do PT **terá de enfrentar** o desafio de **racionalizar** as relações do Estado com a sociedade. Melhor **começar** cedo.

Para concluir o seu ponto de vista, o autor recorre a dados de pesquisas de universidades estrangeiras sobre a taxa de impostos em outros países. Para tanto, faz uso, em (7), de um processo verbal *mostrar*, combinado a circunstâncias de *Extensão temporal* “nos últimos cinquenta anos” e de *Localização*, “na maioria dos países”. Assim, com esse fragmento e mais as informações presentes em (8), complementando a relação dos processos materiais *destinar* e *pagar*, temos acesso a dados de outras economias, em especial da Inglaterra. País este tomado como parâmetro para, usando uma oração relacional com o verbo *ser*, atribuir ao Brasil a qualidade de injusto e desigual para com seus trabalhadores. Em (9) novamente o autor opta por ditar formas de comportamento, através do processo material *enfrentar* modalizado pelo *ter de* que indica obrigatoriedade. Nessa oração, o Ator é especificado, “o governo do PT”, diferentemente do que aconteceu nos exemplos (5) e (6), nos quais SNs genéricos ocupam a posição de Ator. A oração final do editorial é um verdadeiro ensinamento “Melhor começar cedo”, revelando um certo dogmatismo do editorial.

Em editorial opinativo, *Época* elege como fato a ser discutido a queda da inflação provocada pelo Banco Central, usando apenas instrumentos monetários. Essa baixa, porém, segundo o editorialista, gerou uma recessão na economia brasileira em dois trimestres seguidos. Esse ponto de vista prossegue nos comentários que seguem, quando o autor destaca que o Banco Central teve sensibilidade para combater a desaceleração da economia promovendo agressivo corte de juros; com isso espera que haja um reaquecimento econômico, algo que segundo o autor, não é tão simples assim. Para ele, empresários e trabalhadores até que ficaram aliviados com o corte nos juros, mas continuam apreensivos em relação ao futuro e não investem, nem compram, ocasionando um período de recessão. Além desses problemas, o governo ainda tem um outro: a corrosão no poder de compra da classe média. Resta ao governo, segundo o editorial, adotar rapidamente outras medidas para poder anunciar o tão esperado espetáculo do crescimento. Antes, porém, precisa resgatar a credibilidade dos empresários, afirma o autor.

O próximo desafio

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, gosta de dizer que sua sugestão obteve um efeito inédito. Segundo ele, foi a primeira vez que um governo conseguiu baixar a inflação usando apenas instrumentos da política monetária. De fato, até onde a memória vai, é difícil contestar a afirmação de Meirelles. O custo deste golpe na alta de preços, contudo, foi alto: o país entrou oficialmente em recessão, com dois trimestres seguidos de retração econômica.

O Banco Central teve sensibilidade para combater a desaceleração da economia e promoveu, dias atrás, um agressivo corte de juros. Meirelles, evidentemente, espera que a queda de juros provoque um reaquecimento. Afinal, se os juros sobem, a economia esfria. Se os juros caem, as vendas reagem. Na prática, contudo, as coisas não acontecem de forma linear.

Empresários e trabalhadores podem até ter ficado mais aliviados com o corte nas taxas, mais ainda estão apreensivos em relação ao futuro. Neste cenário, empresas postergam investimentos e as pessoas físicas guardam dinheiro no banco, mesmo com juros menores. O resultado dessa equação é um período maior de recessão do que todos desejam. Faça o teste: você já tem comprado recentemente tudo o que precisa ou deseja? Ou prefere esperar mais um pouco? Se você respondeu sim à segunda pergunta, e a maioria deve ter respondido, entende por que é tão difícil colocar o consumo novamente nos trilhos.

O governo, para reativar a economia, terá de lidar com outro problema. A inflação dos últimos dois anos corroeu o poder aquisitivo da classe média. Estima-se que o poder de compra, hoje, seja 15% inferior ao de 18 meses atrás. Quem neste momento já cortou despesas há algum tempo - e não será a redução de alguns pontos percentuais na taxa de juros que vai levar os trabalhadores ao consumo. Por isso, o governo terá de adotar outras medidas - e rápido - para, enfim, poder anunciar o tão esperado "espetáculo de crescimento". Mas, antes de mais nada, precisa resgatar a confiança dos empresários.

Aluízio Falcão Filho. Diretor de Redação (EP11)

(1) O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, **gosta de dizer** que sua sugestão **obteve** um feito inédito. Segundo ele, **foi** a primeira vez que um governo **conseguiu baixar** a inflação usando apenas instrumentos da política monetária.

Com as orações que compõem (1) acima temos sintetizada a apresentação do fato nesse editorial, qual seja, a queda da inflação provocada pelo Banco Central usando apenas instrumentos monetários. Essa apresentação se faz pela citação indireta de uma fala de Henrique Meirelles, razão natural para o emprego de um processo verbal, no caso o verbo *dizer*, cujo Dizente é "o presidente do Banco Central do Brasil". A Verbiagem, que completa o plano desse processo é "que sua gestão obteve um feito inédito". A fala desse Dizente tem prosseguimento na oração seguinte

iniciada com “Segundo ele...”. São trechos do discurso de uma autoridade usados pelo editorialista para esboçar o fato que pretende discutir. Como se trata da fala de uma autoridade do governo, esse é posto também como o Ator, o que realiza os feitos positivos na economia. Ainda a respeito de (1) é pertinente observar que, mesmo citando um discurso alheio, há modos de o autor se incluir no texto e externar sua visão: estamos nos referindo ao uso do processo mental *gostar* que antecede o verbal *dizer*, pelo qual verificamos a “intromissão” daquele que escreve naquilo que está, aparentemente, apenas relatando, uma demonstração da interação entre as funções ideacional e interpessoal da linguagem.

(2) Até onde a memória vai, **é** difícil contestar a afirmação de Meireles. O custo deste golpe na alta de preços, contudo, **foi** alto: o país **entrou** oficialmente em recessão, com dois trimestres seguidos de retração econômica.

(3) O Banco Central **teve** sensibilidade para **combater** a desaceleração da economia e **promoveu**, dias atrás, um agressivo corte de juros. Meirelles, evidentemente, **espera** que a queda de juros **provoque** um reaquecimento. (...) Na prática, contudo, as coisas não **acontecem** de forma linear.

(4) Empresários e trabalhadores **podem até ter ficado** mais aliviados com o corte nas taxas, mais ainda **estão** apreensivos em relação ao futuro.

Com (2) começa a se delinear a opinião de Época a respeito do que diz Henrique Meireles, embora a primeira oração - “é difícil contestar a afirmação de Meireles” - seja uma espécie de concordância com o que foi dito pelo presidente do Banco Central, o editorial se posiciona contrariamente logo em seguida. Com uma combinação de duas orações, uma relacional, que classifica a atitude do Banco Central como um golpe de alto custo nos preços; e uma com o processo material *entrar* associando um Ator, “o Brasil; uma circunstância de Modo, “oficialmente” e uma Extensão, “em recessão”, desenha-se um quadro desfavorável ao feito do Banco Central e que terá prosseguimento nos fragmentos seguintes.

Mas a estratégia do autor é sempre iniciar a argumentação com afirmações favoráveis ao fato discutido para depois demonstrar o contrário. É assim em (3) e (4). Em (3), no momento em que apresenta os elementos favoráveis à política econômica do governo, utiliza processos que indicam ações positivas do Banco Central e de seu

presidente como *combater*, *promover*, *esperar* e *provocar*. O atributo “sensibilidade” relacionado ao Portador “Banco Central” pelo relacional possessivo *ter* ajuda a formar o cenário de elogios. No entanto, a oração final do parágrafo “Na prática, contudo, as coisas não acontecem de forma linear”, na qual o processo material *acontecer*, associado ao Ator, “as coisas”, e a circunstância de Modo, “*de forma linear*”, apresenta uma outra visão, em tudo distinta da realidade anunciada e diz para o leitor que há, pelo menos, duas diferentes maneiras de perceber um mesmo fenômeno.

(5) O governo, para reativar a economia, **terá de lidar** com outro problema. A inflação dos últimos dois anos **corroeu** o poder aquisitivo da classe média.

(6) Por isso, o governo **terá de adotar** outras medidas - e rápido - para, enfim, **poder anunciar** o tão esperado “espetáculo de crescimento”. Mas, antes de mais nada, **precisa resgatar** a confiança dos empresários.

O autor conclui o editorial, ilustrado em (5) e (6), ditando ensinamentos, sempre acompanhados por verbos modais: *terá de lidar*, *terá de adotar*, *precisa resgatar*. Observemos que nas três orações, o Ator é o mesmo: “o governo”. É esse Ator, de acordo com o editorialista, que deve tomar as providências necessárias expressas nos participantes *Metas*: “com outro problema”, completando o verbo *lidar*; “outras medidas”, na oração com *adotar*; e “a confiança dos empresários”, complementando *resgatar*. Uma circunstância em (6) tem um papel especial na configuração desse fragmento discursivo. Trata-se da circunstância de Modo, o adjetivo “rápido” - em uma intercalação - que reforça a necessidade de “o governo” agir para mudar a situação e, sobretudo, impõe um tom de urgência a essas ações.

Arrematando a análise

Percebemos que nos editoriais de *Veja* e *Época* que abordam a mesma temática, a distribuição, por ocorrência, dos tipos de processo é muito semelhante à distribuição nos jornais. São usados, em ordem decrescente, processos materiais, relacionais, e com frequência quase igual, os verbais e mentais. Mas diferentemente

dos editoriais de FSP, JC e FPE, não encontramos orações construídas com processos existenciais.

Em relação aos participantes, também observamos a mesma forma de manifestação que observamos nos editoriais jornalísticos, ou seja, Ator, Experienciador, Portadores e Característica são SNs que codificam entidades gerais e não entidades individuais. Exceções para a revista Veja que se materializa como Ator, quando se refere a seu conteúdo e para Época, que apresenta um Dizente individualizado, no caso o presidente do Banco Central, Henrique Meireles, conforme podemos ver nos exemplos (1) e (3) do editorial *O próximo desafio*.

Quanto às circunstâncias, Veja e Época fazem mais uso das de Extensão temporal e de Localização, tendo havido baixa frequência das circunstâncias de Modo, mais presentes nos editoriais jornalísticos. Embora as circunstâncias de Modo, quando utilizadas, desempenharam papel crucial na construção do sentido; referimo-nos, em especial, àquelas encontradas na oração relacional que termina o fragmento (3) do editorial de Época.

Como os editoriais de FSP, JC e FPE, os editoriais ora analisados, em sua conclusão, também combinam processos, participantes e circunstâncias de modo a dialogar com as autoridades governamentais e, para elas, ditar formas de agir, conforme podemos comprovar pelo exemplo “Cedo ou tarde, o governo do PT **terá de enfrentar** o desafio de **racionalizar** as relações do Estado com a sociedade. Melhor **começar** cedo”, da revista Veja e “Por isso, o governo **terá de adotar** outras medidas - e rápido - para, enfim, **poder anunciar** o tão esperado espetáculo de crescimento”, de Época.

Em outras palavras, podemos afirmar que o uso do sistema de transitividade tem distribuição mais ou menos similar nos editoriais jornalísticos e nos editoriais opinativos ou mistos das revistas Época e Veja, diferenciando-se em momentos particulares do texto, como atestam os exemplos apresentados.

4. Editoriais de apresentação de *Veja* e *Época*

Os editoriais que apresentamos nesta sessão têm feição diferente dos demais até então investigados. Trata-se de editoriais de apresentação, cuja tônica não é a defesa de um ponto de vista, mas a descrição de um assunto específico da revista naquela edição.

O editorial *Quem é Diogo Mainardi* apresenta ao público o colunista Diogo Mainardi e traz, como primeira informação, a repercussão de uma coluna polêmica desse articulista recém-publicada na revista. O texto prossegue caracterizando Diogo como um sucesso, provocador de ódios e amores e crítico da realidade brasileira. Em seguida, descreve-se o Diogo, homem-comum, onde mora, o que faz, com quem vive, quando entrou na *Veja*; depois se fala do seu estilo de escrever e de sua formação acadêmica. Diogo é retratado como grande amigo do escritor Gore Vidal, que, segundo a revista, o aconselhou a candidatar-se à presidência do Brasil, opinião com a qual o autor concorda e, assim, conclui a sua exposição.

Quem é Diogo Mainardi

A coluna de Diogo Mainardi publicada da edição passada tratava sobre o costume brasileiro de fazer constantes referências a Deus, não importa a esfera de atividade. “Precisamos de menos deus”, conclui Diogo – assim mesmo, com “d” minúsculo. Por tratar de um tema delicado, e de forma pouco convencional, ela foi objeto de 387 cartas de leitores. Essa quantidade de cartas fez com que sua coluna entrasse pela segunda vez na lista das matérias mais comentadas da história de *VEJA*. Diogo é um sucesso para o bem e para o mal. Muitos leitores o amam e outros tantos o odeiam. Difícil mesmo é ficar indiferente ao que ele escreve. Diogo gosta de demolir lugares-comuns e de lançar um olhar provocativo sobre as unanimidades nacionais.

Mas quem é, afinal de contas, esse colunista que mexe tanto com os leitores da revista? Diogo é paulistano, tem 40 anos e mora em Veneza, num belo palazzo situado no Canal Grande, a principal “avenida” da cidade italiana. Ele mudou-se para a Itália em 1987, e foi lá que escreveu seus quatro romances, todos eles publicados pela editora Companhia de Letras. É casado com Anna, uma italiana especialista em arte barroca, e tem um filho de 2 anos, Tito, que foi objeto de uma emocionante coluna do pai coruja, publicada em julho de 2002. Diogo começou a escrever em *VEJA* em 1991, e só em 1999 ganhou um espaço próprio. Seu estilo afiado data dos tempos de estudante, quando já desafiava os professores com sua visão de mundo original. Ele chegou a frequentar a London School of Economics, uma das mais conceituadas instituições de ensino da Inglaterra, mas a sua formação sólida foi adquirida mesmo nas intermináveis horas que passou na biblioteca do Museu Britânico. Diogo é grande amigo do escritor americano Gore Vidal, que certa vez o aconselhou a concorrer à presidência do Brasil. Não seria má idéia. (VE6)

(1) A coluna de Diogo Mainardi publicada da edição passada **tratava** sobre o costume brasileiro de **fazer** constantes referências a Deus, não importa a esfera de atividade. “Precisamos de menos deus”, **conclui** Diogo – assim mesmo, com “d” minúsculo.

(2) Diogo **é** um sucesso para o bem e para o mal. Muitos leitores o **amam** e outros tantos o **odeiam**. Difícil mesmo **é** ficar indiferente ao que ele **escreve**.

A descrição de Diogo Mainardi tem início, em (1) através da referência a uma coluna de sua autoria há pouco publicada em Veja. Esse fragmento organiza-se em torno de tipos de processo variados. Primeiro, o relacional *tratar*, com os participantes, Portador “A coluna de Diogo Mainardi...” e o Atributo “sobre o costume brasileiro”. Segundo, o material *fazer* que tem o Atributo de *tratar* como *Ator* e “constantes referências a Deus”, como Meta. Por último, o verbal *concluir*, tendo Diogo como Dizente e como Verbiagem, em discurso direto, a oração “Precisamos de menos deus”. Essa Verbiagem em discurso direto parece funcionar como um recurso argumentativo, uma dica que antecipa a personalidade polêmica do colunista, especialmente porque o autor destaca o fato de Deus estar escrito em minúscula.

Em (2), a oração relacional identificativa que define o P1 Característica “Diogo” através do Valor “um sucesso para o bem e para o mal” inicia a apresentação do articulista e tem seqüência nas orações que seguem tratando da relação desse personagem com os leitores. Essa relação é mostrada através dos processos mentais, situados em pólos opostos, *amar* e *odiar*. Esses sentimentos contrários despertados por Diogo Mainardi são valorados positivamente pela revista quando, na oração seguinte, sua ação de *escrever* é descrita como capaz de provocar o leitor de alguma forma, de modo a despertar qualquer sentimento, menos a indiferença.

(3) Diogo **é** paulistano, **tem** 40 anos e **mora** em Veneza, num belo palazzo situado no Canal Grande, a principal “avenida” da cidade italiana.

(4) Ele **mudou-se** para a Itália em 1987, e foi lá que **escreveu** seus quatro romances, todos eles publicados pela editora Companhia de Letras.

(5) Diogo **começou a escrever** em VEJA em 1991, e só em 1999 **ganhou** um espaço próprio. Seu estilo afiado **data** dos tempos de estudante, quando já **desafiava** os professores com sua visão de mundo original.

A segunda parte do editorial é composta de traços que descrevem Diogo Mainardi, seja quanto a aspectos pessoais, como em (3) e a primeira oração de (4), seja quanto a aspectos profissionais (4) e (5). Para tanto, Diogo é sempre o participante diretamente envolvido com os processos, tanto os relacionais como *ser* e *ter*, quanto os materiais como *morar*, *mudar*, *escrever*, *ganhar* e *desafiar*. Circunstâncias de Extensão temporal, tais como “em 1987”, “em 1991” e “em 1999”; e de Localização, como “em Veneza”, “num belo palazzo...”, “lá” e “em Veja”, precisam as informações contidas nos processos e traçam a trajetória do colunista até chegar a Veja. A referência ao seu modo de escrever na oração relacional, “Seu estilo data dos tempos de estudante...”, é um complemento à descrição de sua personalidade iniciada em (2).

(6) Diogo é grande amigo do escritor americano Gore Vidal, que certa vez o **aconselhou** a **concorrer** à presidência do Brasil. Não **seria** má idéia.

Não há, nesse editorial, um momento que possamos identificar como a conclusão explícita do texto. Mesmo assim, interpretamos (6) como o fechamento do editorial porque, embora tenhamos ainda uma continuação da descrição, o colunista na oração relacional identificativa “Diogo é grande amigo do escritor americano Gore Vidal”, essa oração exerce o papel de ponto de partida para a opinião contida na oração final do editorial: O Ator, “Gore Vidal”, praticou a ação de *aconselhar* “Diogo Mainardi”, Meta do processo verbal *aconselhar* e Ator do material *concorrer*, a candidatar-se a presidente do Brasil. Isso representa, no editorial, um atestado de competência, com o qual o autor revela concordar através da oração relacional identificativa “não seria má idéia” e, simultaneamente, criticar o presidente atual.

Voltando-se para o conteúdo de *Época*, mais especificamente para a parte feminina de sua equipe, o editorial *As mulheres por cima* tem como tema jornalistas e colunistas da edição daquela semana. O editorial ressalta, em primeiro lugar, a reportagem de capa, de autoria da repórter Paula Pereira. Em seguida, comenta as estréias femininas naquela edição. Ênfase maior é dada à atriz Maitê Proença, que se torna cronista de *Época*, apresentando, segundo o autor, uma crônica ousada e bem-humorada. São feitos elogios à atriz-escritora e uma breve descrição de suas atividades. A outra estréia comentada é a da coluna *Garotas Que Dizem Ni*, de autoria

das jornalistas Clarissa Passos, Viviana Agostinho e Flávia Pegorin, na qual também são apresentados alguns dados relativos às autoras. As três apresentações de colunistas e suas participações na revista são seguidas de comentários sobre as matérias e indicação das respectivas páginas.

As mulheres por cima

Nesta semana, as mulheres são o destaque da edição, a começar pela reportagem de capa, de autoria da repórter Paula Pereira, de 30 anos. A entrevista exclusiva com o líder espiritual Dalai Lama, realizada em Estocolmo, teve vários momentos de descontração. Num deles, o Lama tossiu fortemente e disse: “Não se preocupe, não é pneumonia asiática”. Além de entrevistá-lo, Paula acompanhou sua comitiva durante cinco dias, entre cidades da Suécia e da Noruega. O resultado desse périplo está na página 70.

Esta edição também traz duas estréias – igualmente femininas. A primeira é de uma atriz que resolveu virar cronista aos 43 anos. Estamos falando de Maitê Proença, que nos brindou com uma crônica ousada e bem-humorada. Maitê – cujo nome paradoxalmente quer dizer “coisa feia” em tupi-guarani – revela gostar de uma polêmica no texto “Peru de Natal”, que começa na página 22.

Ela começou a escrever há dez anos, quando foi co-autora da peça Mulheres de 30, e resolveu encarar o desafio de ser cronista de ÉPOCA. Nesse meio tempo, começou a trabalhar num romance. Chegou a escrever 100 páginas e parou. “Um dia, reli o material, achei bobo e resolvi parar”, diz ela. “Um dia eu volto.” Enquanto ela não vira romancista, o jeito é acompanhar suas crônicas em ÉPOCA.

A outra estréia da semana vem multiplicada por três. Trata-se da coluna Garotas Que Dizem Ni, de autoria das jornalistas Clarissa Passos, de 25 anos, Viviana Agostinho, de 26, e Flávia Pegorin, de 28. O trio, que roubou o nome da coluna de uma passagem do filme Monty Phyton em Busca do Cálice Sagrado, se conheceu num site de entretenimento. Os laços se aprofundaram quando as três foram demitidas no mesmo dia, durante o estouro da bolha da internet. Resolveram, então, criar um blog na rede com sua visão muito particular do universo feminino. Um pouco dessa mistura de sarcasmo e sensibilidade pode ser conferida na página 82.

Aluízio Falcão Filho, Diretor de Redação. (EP6)

Nesse editorial não detectamos a divisão proposta por Silva (1992), a qual vínhamos seguindo quando analisamos os editoriais jornalísticos, as partes se combinam de tal forma que se torna difícil apontar apresentação do fato, construção do sentido desse fato e conclusão. Assim, expomos os fragmentos que representam o conteúdo do editorial em sua totalidade.

(1) Nesta semana, as mulheres **são** o destaque da edição, a **começar** pela reportagem de capa, de autoria da repórter Paula Pereira, de 30 anos. (...) O resultado desse périplo **está** na página 70.

(2) Esta edição também **traz** duas estréias – igualmente femininas. A primeira **é** de uma atriz que resolveu virar cronista aos 43 anos. **Estamos falando** de Maitê Proença, que nos **brindou** com uma crônica ousada e bem-humorada. Maitê (...) **revela gostar** de uma polêmica no texto “Peru de Natal”, que **começa na página 22**.

(3) Ela **começou a escrever** há dez anos, quando foi co-autora da peça Mulheres de 30, e **resolveu encarar** o desafio de ser cronista de ÉPOCA.

(4) A outra estréia da semana vem multiplicada por três. **Trata-se** da coluna Garotas Que Dizem Ni, de autoria das jornalistas Clarissa Passos, de 25 anos, Viviana Agostinho, de 26, e Flávia Pegorin, de 28. Um pouco dessa mistura de sarcasmo e sensibilidade **pode ser conferida** na página 82.

Em (1) temos com a oração “Nesta semana, as mulheres são o destaque da edição”, o que pode ser considerado o fato em apresentação do editorial *As mulheres por cima*. Essa oração é composta pela circunstância de Extensão temporal “Nesta semana” e por um processo relacional identificativo que estabelece uma relação estática entre o Característica “as mulheres” e o Valor “o destaque da edição”. Tal oração define as mulheres como a razão de ser do editorial e o que há de melhor naquela edição de Época. Logo em seguida, o desdobramento dessa afirmação acontece, ainda em (1), na descrição da primeira participação feminina na revista, apresentada através do processo material *começar*. O primeiro bloco é encerrado, assim como serão o segundo e o quarto nesse exemplo de editorial (confira as expressões sublinhadas nos respectivos fragmentos), com a indicação da localização da matéria. Em (1) essa informação foi construída pela combinação de *estar*, relacional atributivo, mais o Portador “O resultado desse périplo” e um termo que tomaríamos numa análise que seguisse a nossa Gramática Tradicional, como um advérbio de lugar, é o Atributo “na página 70”. A classificação dessa oração como relacional atributiva se justifica no fato de que os processos relacionais podem também indicar circunstância, como é o caso desse exemplo (cf. EGGINS, 1995).

(2) privilegia também em sua primeira oração o fato constitutivo do editorial através da escolha do processo relacional atributivo *trazer* tendo a revista Época como Portador, sintaticamente expresso no SN “Esta edição”.. Como participante Atributo de

trazer temos o SN “duas estréias - igualmente femininas” que completa a informação. A continuidade de (2) é a descrição de uma das duas estréias anunciadas. Essa também é feita com uma oração relacional que traz uma identificação genérica do Característica, como podemos conferir em “A primeira é de uma atriz que resolveu virar cronista aos 43 anos”, para em seguida, pelo uso do processo verbal *falar*, revelar sua identidade no Verbiagem “de Maitê Proença”. A atriz se torna a atração do editorial e assunto desse bloco e do seguinte, acima resumido no fragmento (3). Ainda em (2), o orgulho em ter Maitê como cronista da revista, no nosso modo de ver, transparece no processo material *brindar* e se reforça no P2 Meta desse processo, pela presença dos adjetivos, sublinhados no texto, que qualificam a sua crônica. A personalidade da atriz-cronista é também destacada na oração “Maitê (...) revela gostar de uma polêmica”, quando o editorial reporta-se à crônica publicada na presente edição, momento em que aproveita para fazer a indicação da página, dessa vez usando o processo material *começar*.

O exemplo (3) através de orações materiais com os processos *escrever* e *encarar* é um encadeamento da valoração positiva dada à atriz, ao descrever o seu trabalho como escritora. Mas *Época* também se reveste de importância como veículo de comunicação ao se definir como um desafio para a atriz, conforme está posto no complemento do verbo *encarar* “, o participante Meta “o desafio de ser cronista de *Época*”.

(4) é o último exemplo a ser discutido e é o último bloco do editorial. Nele está contida a outra estréia anunciada na oração com o processo relacional *tratar-se* e o Atributo “da coluna *Garotas que Dizem Ni*”, à qual se acrescentam os nomes das jornalistas que a escrevem. Encerra o fragmento e também o editorial uma oração que caracteriza a coluna e diz onde esta se localiza. Para fazer isso o autor escolheu, além do referente “Um pouco dessa mistura de sarcasmo e sensibilidade”, participante Meta, a forma passiva de o processo material conferir seguido da circunstância de Localização, “na página 82”.

Comentando os resultados

Nos editoriais de apresentação de *Veja* e *Época*, consideramos relevante destacar a presença dos processos relacionais, os mais freqüentes, que se revelam de importância ímpar para a expressão dos significados nesse tipo de editorial, pois são os responsáveis por construir imagens e quadros que descrevem pessoas ou fatos, elemento constitutivo dessa variação do gênero editorial. Em virtude disso, até os processos materiais, ocupando o segundo lugar em número de ocorrências, de certa forma, também desempenham esse papel e contribuem para a criação de perfis.

Por esse motivo, asseveramos haver uma identidade de função entre processos materiais e relacionais, chamando a atenção para o fato de os relacionais também serem os responsáveis pela introdução dos assuntos, vide fragmentos (1) dos respectivos editoriais.

Apenas dois processos verbais foram encontrados, um em cada editorial. O primeiro, no editorial de *Veja*, introduz uma fala do personagem Diogo Mainardi, contribuindo para a formação de seu perfil. O segundo, no editorial de *Época*, introduz a personagem Maitê Proença. A respeito desses, também podemos afirmar que foram empregados em função do objetivo principal do texto, qual seja, descrever alguém. Em relação aos mentais, observamos que foram usados três processos mentais da esfera dos sentimentos, *amar*, *odiar* e *gostar*. Os primeiros, em *Veja*, indicando os sentimentos opostos que Diogo Mainardi desperta em seus leitores. O último, em *Época*, revelando um traço da personalidade de Maitê Proença.

Quanto aos participantes, em consonância com os processos mais freqüentes, têm destaque os participantes Portador e Característica. A eles, são relacionados os participantes Atributo e Valor, de modo a se obter definições e classificações que constroem o perfil desejado pelo autor. Quanto ao Ator, segundo participante mais freqüente, apontamos uma peculiaridade que é o fato de ser individualizado e, na maioria das vezes, o próprio personagem que vem sendo descrito.

O P2, Atributo e Valor, nos processos relacionais, são SNs que cumprem a função precípua de classificar e definir. Já o P2 Meta, nos processos materiais; Fenômeno, nos processos mentais, e Verbiagem, nos verbais, são a complementação

da configuração oracional, em suas respectivas sentenças, compondo o quadro de orações transitivas que prevalece nesses editoriais.

No que diz respeito às circunstâncias utilizadas, detectamos a única semelhança entre esse tipo de editorial e os editoriais opinativos. Trata-se de uma grande maioria de circunstâncias de Localização, que em alguns casos indicam a localização das matérias nas revistas, seguidas pelas circunstâncias de Extensão temporal, e de algumas de Modo. As de significação temporal e espacial parecem funcionar como âncoras ao situarem, no tempo e no espaço, as informações dadas. As de modo dizem do pensamento do autor sobre a idéia que apresenta, são, por isso, opinativas. Nesse sentido, observamos que os dois tipos de editoriais usam essas circunstâncias com papel semelhante.

De tudo o que foi afirmado, podemos depreender que o sistema de transitividade, em especial em relação aos processos e participantes, desempenha funções distintas no editorial de apresentação. Vinculamos essa distinção ao propósito comunicativo e, principalmente, ao tipo de editorial. Convencer o leitor, nesse caso, é um objetivo subjacente ao gênero e ao seu conteúdo, o que vem a confirmar a nossa hipótese de que o sistema de transitividade contribui para a construção do sentido na variação do gênero editorial. Por essa razão prosseguimos com a discussão dos resultados, mostrando os editoriais de apresentação das revistas de Uma e Todateen.

5. Editoriais de apresentação de Uma e Todateen

Continuando com a investigação de editoriais de apresentação, enfocamos nessa seção *Em busca da beleza*, texto de Uma, e *É tempo de se apaixonar*, de Todateen.

O editorial, *Em busca da beleza*, moldando-se à finalidade de apresentar o conteúdo da revista, não contém apenas um fato para debate, mas vários. O primeiro deles, contido nos dois parágrafos iniciais do texto, diz respeito à importância da beleza na sociedade contemporânea. O sentido encontra-se veiculado nas referências às matérias da revista, quais sejam: o questionamento sobre a beleza ser exigência do indivíduo ou da sociedade; a compreensão da beleza como ligada tanto à conquista

amorosa, quanto ao sucesso profissional; os gastos das empresas de cosméticos e o aumento nas filas dos consultórios em busca de beleza e juventude. Encerra essa parte do texto o argumento: *Acompanhe nosso debate...* O segundo fato exposto são as vantagens de ser mulher, especialmente na vida profissional, que vai ser discutido em duas entrevistas: uma com o escritor Roberto Shinyashiki, a outra com a senadora Heloísa Helena e a deputada federal Luciana Genro. Por fim, o editorial trata de férias e apresenta matérias relacionadas como turismo, roupas, cosméticos para praia e campo, e câmeras digitais.

Em busca da beleza

Por que nos cobramos tanto? Será que estar dentro dos padrões estéticos atuais – magérrima, alta, seios enormes, malhada, rugas escondidas por botox – é uma exigência nossa, dos homens ou da sociedade? A discussão está no debate Beleza é fundamental? (pág. 40). Longe de ser um assunto superficial, a eterna juventude e beleza hoje está ligada não só a conquistas amorosas, mas também ao sucesso profissional em determinadas áreas (artística, por exemplo) e, acima de tudo, à auto-estima. Quem é que não se sente muito mais segura quando acorda, olha para o espelho e vê uma carinha bonita, pele lisa, músculos no lugar e gordurinhas inexistentes?

Empresas de cosméticos gastam milhares de dólares em pesquisas para descobrir novas substâncias antiidade, cirurgiões plásticos e cientistas mergulham em estudos para barrar a ação do tempo e consertar seus estragos, dermatologistas fazem novas descobertas a cada dia... e as filas nos consultórios não param de crescer. Que atire o primeiro silicone quem nunca quis se livrar dos quilinhos a mais ou “consertar” pequenas imperfeições genéticas. Mas será que estamos indo longe demais? Ou, lá para o futuro, correremos o risco de parecermos um clone de Michael Jackson? Acompanhe nosso debate...

Mas, se há uma série de cobranças para nosso lado, também há ganhos e vantagens, especialmente na vida profissional. Entrevistamos o escritor Roberto Shinyashiki (pág. 66), que já vendeu 5 milhões e meio de livros, e é ele quem diz: “No mercado de trabalho é preciso saber tomar porrada e conseguir voltar para o seu foco, entender de ser polivalente e ter capacidade de buscar resultados. As mulheres levam vantagens porque entendem mais de gente do que os homens. Foram treinadas para entender de alma e sentimentos.” Ponto para nós, que também sabemos lutar com garra quando é necessário, como demonstram a senadora Heloísa Helena e a deputada federal Luciana Genro, que defendem suas posições mesmo entrando em rota de colisão com seu partido, o PT. “Desde a adolescência sou chamada de radical. Sou rebelde principalmente contra o autoritarismo”, diz Luciana. Ambas foram entrevistadas por Ivonete D. Lucírio para a matéria Rebeldes na política (pág. 18).

E, como julho é mês de férias, é hora de relaxar... a repórter Daniela Venerando conta por que Foz do Iguaçu apaixonou brasileiros e turistas do exterior (pág. 44). A produtora de moda Marina Torquato monta um guarda-roupa prático para viagem (pág. 78). E também mostramos os cosméticos apropriados para se levar ao campo, praias ou lugares neve (pág. 82). Como tudo que é bom deve ser lembrado para sempre, apresentaremos ainda as novas câmeras digitais.

Preparada para as férias? Boa sorte e até agosto!

Um beijo,
Catarina Arimatéia,
Diretora de Redação (Um4)

(1) Por que nos **cobramos** tanto? **Será** que **estar** dentro dos padrões estéticos atuais – magérrima, alta, seios enormes, malhada, rugas escondidas por botox – **é** uma exigência nossa, dos homens ou da sociedade? A discussão **está** no debate Beleza é fundamental? (pág. 40).

(2) Longe de ser um assunto superficial, a eterna juventude e beleza hoje **está ligada** não só a conquistas amorosas, mas também ao sucesso profissional em determinadas áreas (artística, por exemplo) e, acima de tudo, à auto-estima.

(3) Empresas de cosméticos **gastam** milhares de dólares em pesquisas para descobrir novas substâncias antiidade,(...) e as filas nos consultórios não **param de crescer** (...). Mas será que estamos indo longe demais? **Acompanhe** nosso debate...

Os editoriais de revistas femininas, investigados nesta pesquisa, contêm algumas peculiaridades, em relação aos editoriais jornalísticos ou aos editoriais de apresentação de *Veja* e *Época*, sejam em sua constituição formal, sejam em sua organização lingüística, conforme consta no Capítulo II *Em cena, os editoriais: delineando um perfil* desta tese. Uma amostra dessas diferenças no plano lingüístico pode ser visualizada em (1), com as duas primeiras orações no modo interrogativo. A primeira procura despertar o interesse da leitora para o que vai ser tratado em seguida, sendo composta pelo processo material *cobrar* que tem como Ator o pronome de primeira pessoa do plural *nós*, evidenciando que a autora se inclui na discussão. Ela é parte desse conjunto e usa isso de forma persuasiva nesse e em outros momentos do texto, por exemplo na oração seguinte, com o possessivo *nossa*. A segunda sentença de (1), organizada com os processos relacionais, *ser* e *estar*, traz à tona a problemática da beleza tão em voga atualmente, a qual uma revista feminina não pode se furtar a discutir, razão pela qual Uma promoveu um debate, cuja oração relacional “A discussão está no debate...” informa à leitora a localização desse debate.

O exemplo (2) dá continuidade ao tema Beleza estendendo a discussão para além dos limites da pura vaidade física, como podemos perceber na relação que a autora estabelece entre o Portador “a beleza”, a circunstância de Extensão temporal “hoje”, e o Atributo “ligada não só a conquistas amorosas, mas também ao sucesso

profissional...”. Dessa forma, a autora começa a justificar a atenção que merece o assunto naquela edição.

O fragmento (1), através de suas interrogativas, e o (2), através de sua oração relacional, enfocam a beleza no nível pessoal e social. Já o (3) focaliza a questão no plano industrial e comercial, enfatizando os limites do problema. Ligadas ao mundo da produção, a primeira oração de (3), com o Ator “Empresas de cosméticos”, o processo material *gastar*, e o participante *Meta* “milhares de dólares”, e a segunda oração, com o Ator “as filas nos consultórios”, e os processos materiais, *parar* e *crescer* são filtros das experiências vividas no mundo da beleza, um mundo de ações que envolve muitas pessoas e gera riquezas. A oração relacional interrogativa, sublinhada no fragmento, envolve novamente autora e leitora na discussão, e a oração imperativa “Acompanhe nosso debate...” cujo Ator é o pronome pessoal “você”, representativo das leitoras, convoca essas mesmas leitoras a participarem da reflexão. Apesar de não citar a página, pois isso já foi feito em (1), essa oração é um convite à leitura da matéria, um recurso persuasivo dos editoriais de apresentação.

(4) Mas, se **há** uma série de cobranças para nosso lado, também **há** ganhos e vantagens, especialmente na vida profissional. **Entrevistamos** o escritor Roberto Shinyashiki (pág. 66), que já vendeu 5 milhões e meio de livros, e é ele quem **diz**: “No mercado de trabalho é preciso saber tomar porrada e conseguir voltar para o seu foco, entender de ser polivalente e ter capacidade de buscar resultados. As mulheres levam vantagens porque **entendem** mais de gente do que os homens...”

(5) ... **sabemos lutar** com garra quando é necessário, como **demonstram** a senadora Heloísa Helena e a deputada federal Luciana Genro, que **defendem** suas posições mesmo entrando em rota de colisão com seu partido, o PT. (...) Ambas **foram entrevistadas** por Ivonete D. Lucírio para a matéria *Rebeldes na política* (pág. 18).

(6) E, como julho **é** mês de férias, é hora de relaxar... a repórter Daniela Venerando **conta** por que Foz do Iguaçu **apaixona** brasileiros e turistas do exterior (pág. 44)... preparada para as férias? Boa sorte e até agosto!

O exemplo (4), através do processo existencial *haver* na primeira oração, retoma a primeira idéia do editorial, ao introduzir o SN “cobranças” como Existente. Na oração seguinte, *haver* cria um outro fato e os “ganhos e vantagens” de ser mulher passa a ser objeto de discussão no texto, desdobrando-se na apresentação da próxima matéria da revista. Essa matéria é apresentada pela ação de *entrevistar*, cujo Ator é a própria Uma,

junto com a Meta, “o escritor Roberto Shinyashiki”. Em seguida, a editorialista traz um trecho da entrevista com esse escritor, introduzindo-o pelo processo verbal *dizer* que tem como Dizente o próprio Roberto Shinyashiki. Dentro do participante Verbiagem, há uma oração com o processo mental *entender* e o Experienciador “As mulheres”, pela qual o escritor revela qual a vantagem de ser mulher. O Fenômeno “mais de gente do que os homens” é o participante que explicita essa vantagem.

O tema das vantagens de ser mulher continua em (5) na oração que combina o processo mental *saber* e o material *lutar* com o Experienciador “nós”, utilizada para enunciar mais uma matéria da revista. Essa capacidade de saber lutar é mostrada como traço da personalidade das entrevistadas, Heloísa Helena e Luciana Genro, também descritas como mulheres fortes e determinadas, nessa oração de processo material: “que **defendem** suas posições, mesmo entrando em colisão com o PT”. Ainda nessa oração, é fundamental atentar para o papel da oração adversativa iniciada com “mesmo ...”, que funciona como uma circunstância de Modo, realçando a coragem dessas mulheres. Também em (5), a indicação de onde encontrar a entrevista é feita pelo uso da passiva com o processo material *entrevistar*, que dá ênfase a Meta, “ambas” e coloca em segundo plano o Ator, a repórter de Época, “Ivonete D. Lucínio”.

O fragmento (6) apresenta mais um tópico da edição. Nele, pela combinação de três orações distintas - uma relacional, com o verbo *ser*, uma verbal, com o processo *contar*, e uma mental, com o verbo *apaixonar-se* - a autora fala de férias e de um roteiro, em especial, expresso no Fenômeno “Foz de Iguaçu”, cuja beleza encanta os Experienciadores “brasileiros e turistas do exterior”. Assim como começou, a autora emprega uma interrogação dirigindo-se diretamente à leitora para, juntamente com uma oração exclamativa, encerrar o editorial.

No que se refere à revista Todateen, esta parece adequar seu texto, em linguagem e em extensão, ao público a que se dirige, daí produzir um editorial curto que anuncia as matérias da edição do momento. A revista procura imprimir ao texto um tom persuasivo através de exclamações, interrogações, entre outros recursos, como podemos ver, por exemplo, no editorial *É tempo de se apaixonar*. Nesse editorial, o fato apresentado são as férias e tudo de bom que elas trazem às meninas. Dentro do campo semântico da alimentação, a autora apresenta a entrada: testes de

personalidade, reportagens sobre moda e gatos e matérias de amor, anunciando o prato principal, a matéria de capa com dois jovens atores, seguido da sobremesa, um montão de gatos lindos. O final é um elogio explícito à revista.

É tempo de se apaixonar!

Oba! As férias estão chegando e você vai poder curtir tudo o que tem direito... sair com as amigas, ir ao cinema, viajar, paquerar e principalmente se apaixonar. E é esse gostinho de paixão que a gente traz na *todateen* deste mês. Quer provar um pouquinho? Então se liga em nosso cardápio: de entrada, você pode fazer os testes, que vão mostrar um pouco o seu jeito de ser. Depois, pode degustar a Moda em Preto (e ficar ainda mais linda), passando por todas as matérias de amor. Como prato principal, a matéria de capa com os lindinhos Max e Sthefany. Por fim, a sobremesa, ou melhor, um montão de gatos lindos como Sergio Marone e Erik Marmo. Hummm... está bom demais, né?

Um grande...
Beijo de toda a redação! (TT4)

(1) Oba! As férias **estão chegando** e você **vai poder curtir** tudo o que tem direito... **sair** com as amigas, **ir** ao cinema, **viajar**, **paquerar** e principalmente **se apaixonar**.

(2) E **é** esse gostinho de paixão que a gente **traz** na ***todateen*** (*grifo da revista*) deste mês. **Quer provar** um pouquinho?

(3) ... você **pode fazer** os testes, que **vão mostrar** um pouco o seu jeito de ser. Depois, **pode degustar** a Moda em Preto (e **ficar** ainda mais linda), passando por todas as matérias de amor.

(4) ... **está** bom demais, né?

Como já afirmamos anteriormente, os editoriais de revistas femininas possuem traços que lhes são peculiares. Em *é tempo de se apaixonar* podemos notar alguns desses traços na própria textualização, pois uma exclamação inicia o texto, externando a alegria de todas as coisas boas, na concepção da revista e de seu público adolescente, que vão ser anunciadas como conteúdo da edição.

Para falar de férias, nada melhor do que as orações compostas por processos materiais em (1), afinal para o público-leitor dessa revista essas orações são o significado de férias. Após anunciar a chegada das férias, a autora coloca nas mãos da leitora a capacidade de se divertir através da sentença material que tem o verbo *curtir* como núcleo e um “você” leitora como Ator. A Extensão, “tudo o que tem direito”,

resume algumas das possibilidades de diversão para esse período, detalhadas nos processos *sair*, *ir*, *viajar* e *paquerar*. Essas orações materiais funcionam, portanto, como desdobramentos da oração com *curtir*, apresentando o mesmo Ator, visto que um dos objetivos do editorial é buscar o envolvimento máximo com as leitoras. Como se trata de processos intransitivos, não há um P2; mas os processos *sair* e *ir* se acompanham das circunstâncias: de Acompanhamento, “com as amigas”, e de Localização, “ao cinema”, que expandem, respectivamente, o sentido desses dois processos. Porém, a melhor coisa das férias é o que expressa o processo mental *apaixonar-se* na última oração de (1), conforme podemos perceber, pelo uso da circunstância de Modo “principalmente”.

Assim se conclui essa parte do editorial e se inicia uma fase de transição em (2) que sintetiza o conteúdo da revista no Atributo “esse gostinho de paixão” da oração relacional com os processos *ser* e *trazer*. A oração interrogativa com o processo material “provar” dirige-se à leitora, participante *Ator*, e parece colocar a leitura da revista como o passaporte para o ingresso nesse mundo de paixão que será detalhado nas orações seguintes.

O exemplo (3), com duas orações materiais, processos *fazer* e *degustar*, uma oração verbal, processo *mostrar*, e uma relacional, processo *ficar*, descreve as experiências que a leitora viverá ao ler as matérias da revista. À exceção da oração com *mostrar*, as demais têm Ator, a leitora, realizado no pronome “você”, numa continuidade do modo de argumentar desse editorial que é sempre buscar envolver seu público, através do diálogo direto com ele.

A oração relacional (4) “está bom demais” se auto-qualificando, mas, ao mesmo tempo, buscando a concordância da leitora para tanto, é mais uma evidência do que acabamos de afirmar. A circunstância de Modo “demais”, nessa oração, é uma outra forma de persuadir a leitora.

Retomando dados

Comentamos anteriormente algumas das dessemelhanças existentes entre editoriais opinativos e editoriais de apresentação, tomando como referência para esses

últimos, os editoriais de *Veja* e *Época*. Sintetizamos agora os resultados de editoriais de apresentação pertencentes a revistas femininas, cujo público difere do público de *Época* e *Veja* e pode gerar usos diferenciados do sistema de transitividade.

Com isso em mente, vejamos algumas observações que julgamos pertinentes apresentar. A primeira de todas é o conteúdo, este traz conseqüências, em especial para o P1 de cada processo, pois beleza, moda, formas de comportamento e indivíduos, em particular, preenchem essa função. A segunda diz respeito ao diálogo direto com a leitora, que é uma constante nesses editoriais. Essa característica tem implicações no sistema de transitividade, em especial no P1. Há, por conseguinte, a presença de um “você”, Ator ou Experienciador, de acordo com o processo em uso, algo não observado nos demais editoriais. O fragmento (3) do editorial *É tempo de se apaixonar*, no qual todos os Atores são o SNP “você”, representando a leitora, ratifica o que acabamos de afirmar. A terceira, e última, se refere ao modo de envolvimento com o leitor, o qual é feito através do SNP “nós”, sendo esse mais freqüente nos editoriais da revista *Uma*. Nos editoriais da *Todateen*, cujo público é mais específico ainda, o feminino adolescente, a presença do autor se dá pelo uso do SNP de terceira pessoa do singular, “a gente”, mais usada por essa faixa etária. Lembremos que, quando o editorial jornalístico dirige-se ao leitor buscando envolvê-lo, o faz indiretamente por meio da primeira pessoa do plural.

Quanto aos tipos de processos, notamos que os editoriais em apreço nessa seção apresentam também uma grande diversidade de processos, seja no que diz respeito aos tipos - há processos materiais, relacionais, mentais, verbais e existenciais, os cinco por nós investigados -, seja no que se refere à variedade dentro dos próprios tipos de processo. Por exemplo, entre os mentais, temos aqueles que codificam experiências do sentir, como *apaixonar-se*, e do compreender, como *entender*. Entre os verbais, temos os de apontar, como *mostrar*, e os de dizer, como *contar*. Essa ampla combinação de processos materializa os conteúdos que compõem o editorial e expressa a opinião da revista sobre os assuntos que a constituem.

Para tratar das circunstâncias, temos a enfatizar algo que nos parece o ponto de convergência nos editoriais até então analisados, isto é, o fato de todos utilizarem, predominantemente e com função similar, circunstâncias de Extensão temporal, de

Localização e de Modo. Nos editoriais de Uma e Todateen, a exemplo dos editoriais de apresentação de Veja e Época, as circunstâncias de Localização são usadas para indicar o lugar onde se encontram as matérias comentadas nos editoriais.

Para encerrar o presente capítulo, trazemos na sessão que segue exemplares de editoriais mistos das revistas femininas que compõem os dados dessa pesquisa.

6. Editoriais mistos de Uma e Todateen

Essa sessão apresenta os editoriais *De DEUS aos tribelistas*, da revista Uma e *Eu quero beijar!!*, da Todateen. São casos de editoriais mistos, com os quais finalizamos a análise do sistema de transitividade nos editoriais.

De Deus aos tribelistas é um editorial misto, porque só em seu final há uma referência ao conteúdo da revista. O que predomina é a opinião da revista sobre o tema abordado, isto é, o desencontro entre homens e mulheres desde os primórdios da humanidade e as tentativas para juntá-los. Visando a colaborar com a união desses seres, os pais resolvem interceder e criaram o dote, mas os casamentos arranjados e pagos não funcionaram. Surgiram, então, outras maneiras de os dois sexos se encontrarem, entre elas, o *blind date*, ou encontro às escuras, criado nos EUA, as agências de casamento, o sexo livre, os relacionamentos abertos, o namoro pela Internet, e, por último, os tribelistas apregoando que ninguém é de ninguém. A mais nova tentativa que chega ao Brasil, afirma o autor, chama-se *speed dating*. A curiosidade para saber do que se trata pode ser saciada na página 28 da revista. A conclusão, em tom de otimismo, afirma que, com tantas opções para se encontrar um parceiro, uma tem de dar certo.

De DEUS aos tribelistas

Já que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, desde os primórdios bíblicos a sociedade tenta promover o encontro entre esses dois seres tão incompreendidos entre si. No início, até Deus teve de dar uma forcinha – e Adão ganhou uma companheira tirada de sua própria costela. Como Adão não teve escolha, não podia mesmo dar muito certo... Além do mais, as tentações se espalhavam pelo paraíso como pipoca em porta de cinema. Os homens das cavernas foram mais radicais: escolhiam a companheira, arrastavam a pobrezinha pelo cabelo (talvez o fetiche de cabelos longos femininos tenha começado aí) e lá ia a mocinha

para uma nova e desconhecida caverna. Também não funcionou, já que devia doer um bocado e não havia costas e penteados que resistissem a puxadas tão cruéis.

Os séculos foram se sucedendo, mais e mais homens e mulheres foram nascendo e nem por isso o encontro entre os dois tornou-se mais fácil. Foi aí que os pais tentaram interceder... Que moço casadoiro resistiria a um belo dote? E os casamentos começaram a ser arranjados e pagos. A prática do dote até hoje acontece em vários países. Não funcionou nem funciona. Mocinhas e mocinhos não gostam de aceitar ordens.

Novas maneiras de os dois sexos se encontrarem e se entenderem foram criadas. O *blind date*, encontro às escuras, há décadas é moda nos Estados Unidos e pode ser resumido em encontrar alguém que você nunca viu, indicado por amigos. O mundo moderno também trouxe agências de casamento que ficaram milionárias tentando minimizar a solidão dos homens e mulheres, o sexo livre e descompromissado dos anos 60, os relacionamentos abertos (como Simone de Beauvoir e Sartre), os namoros pela internet e posteriores encontros na vida “real” e até os nossos tribalistas fazendo um revival dos anos 60 a apregoando que ninguém é de ninguém. Tudo vale para aproximar os dois sexos. A mais nova tentativa chega agora ao Brasil e se chama *speed dating*. Curiosa para saber o que é? Vá direto para a página 28. Com tantas opções para se encontrar a cara-metade, uma tem que dar certo!

Beijos.
Catarina Arimatéia
Diretora de Redação (UM1)

(1) Já que os homens **são** de Marte e as mulheres **são** de Vênus, desde os primórdios bíblicos a sociedade **tenta promover** o encontro entre esses dois seres tão incompreendidos entre si. No início, até Deus teve de **dar** uma forcinha – e Adão **ganhou** uma companheira tirada de sua própria costela.

A apresentação do fato desse editorial está expresso em (1), através de dois períodos compostos formados por orações materiais e relacionais. O ponto de partida do editorial é a caracterização de homem e mulher, como pertencentes a planetas diferentes. O relacional *ser* e sua noção de estado atemporal é o processo escolhido para situá-los. A circunstância de Extensão temporal “desde os primórdios bíblicos”, em relação com o processo *promover*, contribui para fazer a leitora perceber quão difícil é a realização da Meta, o SN “encontro”. As orações seguintes, organizadas com os processos materiais *dar* e *ganhar* ratificam essa idéia; para isso, é importante compreender o papel da circunstância Extensão temporal “No início” e do Ator do verbo *dar*, qual seja “Deus”. A partir da ação empreendida por esse “Deus”, Ator na oração anterior, o homem simbolizado pelo também Ator “Adão” ganha uma companhia. Assim está delineado o tema que vai ser desenvolvido no texto e sintetizado no grupo de orações que vai de (2) a (4), mostrados abaixo.

(2) Os séculos **foram se sucedendo**, mais e mais homens e mulheres **foram nascendo** e nem por isso o encontro entre os dois **tornou-se** mais fácil. Foi aí que os pais **tentaram interceder**... Que moço casadoiro **resistiria** a um belo dote? E os casamentos **começaram a ser** arranjados e pagos.

(3) Novas maneiras de os dois sexos se **encontrarem** e se **entenderem foram criadas**. O *blind date*, encontro às escuras, há décadas **é** moda nos Estados Unidos...

(4) O mundo moderno também **trouxe** agências de casamento que **ficaram** milionárias **tentando minimizar** a solidão dos homens e mulheres, o sexo livre e descompromissado dos anos 60, os relacionamentos abertos (...), os namoros pela internet e posteriores encontros na vida “real” e até os nossos tribalistas fazendo um revival dos anos 60 a apregoando que ninguém é de ninguém.

Construindo o sentido do fato, a autora revela que o esforço de Deus não foi suficiente para aproximar homens e mulheres e que muitas outras tentativas foram feitas ao longo do tempo com o intuito de concretizar essa aproximação. A dificuldade dessa empreitada encontra-se materializada lingüisticamente no primeiro período de (2). Primeiro, na oração que relata o passar dos tempos na combinação do Ator “Os séculos” e o processo material *sucedem-se*. Segundo, na oração com *nascer* que registra o crescimento da população masculina e feminina. E, por fim, tal dificuldade é reafirmada na oração relacional com *tornar-se* associada ao Portador “o encontro dos dois” e ao Atributo “mais fácil”.

Nesse momento, ainda em (2), passam a fazer parte da argumentação outros agentes desejosos de realizar esse encontro. Assim, “os pais” figuram como Ator do processo material *interceder*, e a maneira de os pais intercederem é registrada através de uma oração com o processo material *resistir*. “Moço casadoiro” é o Ator desse processo e “belo dote” o participante Extensão. Com essa oração, percebemos, nesse editorial, modos machistas de ver o mundo, pois os dotes são dados aos homens, pelos pais, para que esses aceitem suas filhas como esposas. A mulher é vista como um peso, como um objeto que muda de dono. Esse modo de agir paterno está manifesto na oração com o Portador “casamentos”, e o Atributo, “arranjados e pagos”.

Em (3), trata-se de novas formas de aproximar os dois sexos, como consta nas orações que se organizam com o processo material *encontrar* e o processo mental *entender*. Uma dessas formas é apresentada na oração relacional que traz a definição

do *blind date*, encontro às escuras, corroborada na circunstância de Extensão temporal “há décadas” e no Atributo é “moda nos Estados Unidos...”

A contemporaneidade é o próximo elemento a entrar em cena para promover esse encontro, através do SN, “O mundo moderno”, Ator de *trazer*, processo material da primeira oração de (4). Esse processo e esse participante criam “as agências de casamento”, e mais uma série de opções, as quais constituem o participante Meta dessa oração. Também está entre as opções de aproximação, a ação dos “nossos tribalistas”, Ator do processo material *reviver* e do verbal *apregoar*.

(5) Tudo **vale** para aproximar os dois sexos. A mais nova tentativa **chega** agora ao Brasil e se **chama** *speed dating*. Curiosa para **saber** o que é? **Vá** direto para a página 28. Com tantas opções para se **encontrar** a cara-metade, uma **tem que dar** certo!

A descrença nos empreendimentos enumerados é revelada no período que inicia (5) “Tudo vale para aproximar os dois sexos”, que destaca, em especial no Ator expresso pelo SNP indefinido “Tudo”, a realização de todos os esforços para aproximar homens e mulheres. Por isso, esse período é usado também como link para apresentar, no editorial, a última maneira de tentar essa aproximação homem / mulher. Como conclusão do editorial, a editora anuncia o *speed date*, empregando-o como Meta do verbo *chamar*. Não acrescenta informações a respeito, mas convida a leitora a conferir o assunto, através da oração, “Curiosa para saber o que é?”, com o mental *saber*, do qual a leitora é o Experienciador, à qual se segue uma oração típica do editorial de apresentação, ou seja, a indicação de onde encontrar a matéria. Essa indicação é expressa em uma oração material imperativa com o verbo *ir*, mais a circunstância de Localização “para a página 28”. A oração final “uma tem que dar certo” demonstra o desejo da autora, e também o das leitoras, de que essas tentativas dêem certo, afinal esforços não faltam.

No editorial de Todateen, *Eu quero beijar!!!*, a ação de beijar, desde o título, é o grande mote para a elaboração desse editorial. Assim, esse carinho, em seus diversos tipos, é apresentado como a forma de expressar sentimentos mais profundos e revelador de emoções diversas. A partir dessa descrição, apresenta-se o conteúdo da revista, enfatizando-se a matéria de capa que não poderia ser sobre outra coisa, a não

ser o beijo e os muitos gatos que enchem a revista. A conclusão enfatiza a necessidade de leitura da revista.

Eu quero beijar!!!

Se um extraterrestre pintasse em nosso planeta e perguntasse como demonstramos nossos sentimentos mais intensos, a resposta seria simples e direta: através do beijo! Beijo de apaixonado, beijo de namorado, beijo de saudade, beijo de ficante, beijo de tesão... Dois lábios que se tocam, uma lembrança que fica guardada na memória! Em cada beijo se esconde uma emoção diferente e é isso que a gente traz em nossa matéria de capa. Tudo o que você precisa saber para deixar os gatinhos loucos por seus lábios e pedindo bis. Por falar em gatos, a revista está cheia deles. Te, Rodrigo Santoro, Paulinho Vilhena, Kayky Brito, Max Fercondini e outros lindinhos. Não tem como não se apaixonar!

Quer impressionar o gato?

Então peça um beijo para ele em outros idiomas. Veja só:

Em inglês: *kiss*

Em russo: *Potselui*

Em espanhol: *Beso*

Em italiano: *Bacio*

Em alemão: *Kütschen*

Em francês: *Baiser*

Beijos de toda a redação! TT2

(1) Se um extraterrestre **pintasse** em nosso planeta e **perguntasse** como **demonstramos** nossos sentimentos mais intensos, a resposta **seria** simples e direta: através do beijo!

Nesse editorial, interpretamos as orações que compõem o exemplo (1) como a apresentação do fato. Para isso, a autora recorre à formulação de uma hipótese, usando, no subjuntivo, os processos materiais *pintar* e *demonstrar*, o verbal *perguntar* e o relacional *ser*, no futuro condicional. Com essa combinação de diferentes processos e participantes, formula o objeto de discussão, que ao mesmo tempo é também assunto de matéria da presente edição, como vai ser dito no desenrolar do editorial. Especificando sistemicamente as orações, temos: “um extraterrestre” como Ator dos processos *pintar* e *perguntar*; a autora e os leitores são o Ator de *demonstrar*, lingüisticamente expresso na desinência pessoal desse verbo, e “a resposta” é o Portador, caracterizada através do relacional *ser* pelo Atributo “simples e direta”.

(2) Beijo de apaixonado, beijo de namorado, beijo de saudade, beijo de ficante, beijo de tesão... dois lábios que se **tocam**, uma lembrança que **fica** guardada na memória! Em cada beijo se **esconde** uma emoção diferente e é isso que a gente **traz** em nossa matéria de capa.

(3) Tudo o que você **precisa saber** para **deixar** os gatinhos loucos por seus lábios e pedindo bis. Por falar em gatos, a revista **está** cheia deles.

(4) Não tem como não **se apaixonar!**

Em (2), as três primeiras orações dão continuidade ao tema: com a ação expressa pelo processo material *tocar* e com o sentido de permanência, presente no processo relacional *ficar*, a autora define e descreve o beijo. Na oração relacional, o Portador “uma lembrança” é semanticamente ratificado pela circunstância de Localização “na memória”, comprovando o valor sentimental dessa forma de carinho. Esse valor sentimental se reafirma na oração com o material *esconder*, na qual o beijo, tema do editorial, é usado como a circunstância de Localização, “Em cada beijo”. Todos os comentários e, em especial, aquele contido na oração “Em cada beijo se esconde uma emoção diferente”, servem de base para resumir o conteúdo da principal matéria da edição em pauta na oração relacional “... e é isso que a gente traz em nossa matéria de capa”. Essa oração apresenta a revista como Portador, sintaticamente expresso no SNP de terceira pessoa do singular “a gente”, o processo *trazer*, o Atributo resumido no pronome indefinido “isso”; e a circunstância de Localização, “em nossa matéria de capa”, que delimita o lugar onde se encontra o assunto.

O fragmento (3), tentando envolver as leitoras, mais uma vez dialoga com essas através do “você”, Ator do processo mental *saber* e do material *deixar*. O participante Meta de *deixar*, “os gatinhos...”, se torna o referente da oração seguinte, retomado na circunstância de Assunto “por falar em gatos”. Essa oração relacional atributiva nos informa de mais uma matéria de *Todayteen*, ao trazer “a revista” como Portador e “cheia deles” como Atributo. (4) encerra o editorial principalmente através da oração mental exclamativa com o verbo *apaixonar-se*, que apela aos sentimentos da leitora, impelindo-a a tomar conhecimento das matérias expostas no editorial.

Condensando resultados

Os editoriais mistos discutidos atingem seu objetivo fazendo uso de apenas três tipos de processo do sistema de transitividade: materiais, relacionais e mentais. Essa combinação de processos é explorada nesses editoriais de modo a apresentar o fato que constitui o editorial, e, ao mesmo tempo, mostrar o ponto de vista da revista.

Os processos materiais são responsáveis, nos dois editoriais, pelos acontecimentos que constroem o fato apresentado. Os relacionais caracterizam entidades, em alguns casos descrevendo-os, em outros, expondo opiniões. Os mentais apelam aos sentimentos da leitora.

Poderíamos, então, afirmar que esses editoriais vão se diferenciar em relação ao sistema de transitividade, quando apresentam matérias que constituem a edição em pauta. O editorial de Uma usa um processo mental, *saber*, que tem a leitora como Experienciador, em uma sentença interrogativa, a que segue uma resposta em sentença imperativa com o material *ir*. A oração descrita é: “Curiosa para saber o que é? Vá direto para a página 28”.

Já o editorial da Todateen usa duas orações relacionais. Com o verbo *trazer*, na qual a revista é o Portador e a matéria é especificada no Atributo: “e é isso que a gente traz em nossa matéria de capa”. E com o verbo *estar*, em que novamente a Todateen é Portador e o Atributo informa o conteúdo, retomando-o de um termo anterior, como podemos comprovar através do fragmento: “Por falar em gatos, a revista **está** cheia deles”.

Em relação às circunstâncias, um dado novo é a presença de uma circunstância de Assunto “Por falar em gatos” no editorial *Eu quero beijar!!*, a qual é retomada no Atributo “cheia deles”, como podemos verificar no exemplo supramencionado. De modo geral, as circunstâncias de Extensão temporal e de Localização foram registradas com uso semelhante ao uso dos demais editoriais investigados.

Para encerrar o capítulo, gostaríamos de reafirmar as funções dos tipos de processo, associados aos respectivos participantes, além das circunstâncias envolvidas nessa análise em nível macro, efetivada nos editoriais em sua totalidade. Os processos materiais, que constroem o mundo da experiência, no caso dos editoriais, representam,

ou constroem o mundo / tema que vai ser discutido. Os relacionais, cuja função é caracterizar e definir, se moldam muito bem aos interesses argumentativos do editorial; através deles muitos pontos de vista são materializados. Os mentais, que representam o mundo das experiências internas, são empregados quando se trata de destacar uma atividade do mundo das experiências cognitivas, perceptivas ou afetivas em relação a algum participante ou acontecimento descrito, com vistas a complementar determinados argumentos. Os verbais têm, no gênero editorial, a função de trazer para o texto uma fala que representa uma autoridade externa, usada para corroborar a voz autoral. Por fim, temos os processos existenciais, de baixa frequência nos dados, mas utilizados para “criar” uma entidade necessária à argumentação e dar prosseguimento ao tema.

O que nos chama a atenção, e esperamos ter deixado isso evidente nos fragmentos citados e interpretados ao longo deste capítulo e ao longo desta tese, é a forma como cada um desses processos constitui diferentes modos de argumentar, de acordo com o momento do texto em que é empregado e de acordo com o relacionamento com participantes e circunstâncias a eles associadas. Nessa correlação, se revela o papel do sistema de transitividade para a construção do ponto de vista do editorial, em consonância com os objetivos do gênero, com o tipo de editorial e com o público a que se destina. Isso está refletido nas diferentes relações estabelecidas entre processos materiais e participantes nos editoriais jornalísticos e nos editoriais de apresentação das revistas femininas, por exemplo.

CONCLUSÃO

“O mais profundo desejo da humanidade pelo conhecimento é uma justificativa suficiente para nossa procura” (HAWKING, S. 2005, p. 27).

Pesquisas recentes apontam para a valorização e proliferação dos estudos lingüísticos, orais ou escritos, voltados para o uso e, por conseguinte, para a interação. Em sintonia com esta tendência, bem como se recusando a aceitar a dicotomia língua e discurso, a investigação que concluímos lidou com a concepção de linguagem como sistema de escolhas, utilizadas em determinado meio social para seus usuários desempenharem funções sociais. Logo, uma teoria sistêmico-funcional que se coaduna com a noção de língua como forma de ação social, como atividade sociocognitiva que só existe na interação. Em consonância com os estudos da LSF, adotamos o gênero editorial e sua variação como unidade de análise, para investigarmos o papel do sistema de transitividade para a construção de sentido, ou expressão de uma opinião, nesse gênero, objetivo maior desta pesquisa.

Percorridas todas as etapas de cunho científico, necessárias à consecução desse objetivo, fazemos as considerações finais deste trabalho, levando em conta a aparente contraditoriedade desse momento, pois a realidade dialética dos fenômenos impõe que conclusões gerem aberturas em virtude das lacunas existentes, a despeito dos nossos esforços de realizar um trabalho coeso, consistente e com o rigor e o nível de aprofundamento exigidos pela ciência.

Os resultados encontrados nos permitem afirmar que atingimos os objetivos estabelecidos e que podemos responder as questões que geraram e permearam esta pesquisa, imbuídas, porém, da consciência de que não esgotamos todas as possibilidades de análise, tampouco conseguimos evitar falhas e lacunas.

Em primeiro lugar, tratamos do que se consubstancia como a essência deste trabalho, a concretização das buscas. Em segundo lugar, abordamos o que se configura como incompletudes, não se esquecendo de que dessas surgem novos questionamentos, novos caminhos. Essas possibilidades fazem, então, com que as incompletudes guardem em si traços positivos, não sendo, pois, perniciosas à pesquisa.

No que se refere à sistematização dos resultados, gostaríamos de ressaltar que, ao primarmos por uma pesquisa de natureza *qualitativa*, com suporte quantitativo em alguns momentos, abrimos mão do emprego de uma metodologia que nos permitisse generalizar esses resultados, embora tenhamos feito uso de dados quantitativos como suporte para determinadas interpretações. Entretanto, dentro dos limites, ou fronteiras, do *corpus* investigado, bem como em sintonia com os objetivos traçados, temos a convicção de que os resultados obtidos são representativos da questão estudada e seguramente revelam as funções do sistema de transitividade na construção de sentido no gênero editorial.

Na observação de elementos como localização, nomeação, autoria, conteúdo do editorial, além dos recursos multimodais envolvidos na produção desse gênero, tema de discussão do Capítulo II, interessava-nos verificar o papel desses elementos no que se refere à constituição do editorial enquanto gênero argumentativo que tem por propósito comunicativo persuadir o leitor. Esse interesse era motivado pelo desejo de traçar um perfil para esse gênero em relação ao conteúdo e à disposição gráfico-visual, que viesse aliar-se aos resultados lingüístico-gramaticais obtidos com a análise da transitividade, de forma a construirmos, então, um perfil completo do editorial e sua variação envolvendo, não só os recursos gráficos, visuais e conteudísticos, mas também elementos de natureza gramatical.

No que diz respeito aos elementos formais e multimodais nos dados, podemos afirmar que: (a) a localização privilegiada dos editoriais analisados, em revistas e jornais, é um traço constitutivo desse gênero; (b) diferenças formais como a nomeação e a autoria não são suficientes para postularmos a existência de gêneros distintos; (c) o maior ou menor número de recursos multimodais empregados - poucos nos editoriais jornalísticos, com freqüência relativa em *Veja*, *Época* e *Uma*, e abundantes nos editoriais de *Todateen* - estão em pleno acordo com o tipo de envolvimento desejado entre texto e leitor, e com o conteúdo em pauta nesses editoriais.

Pelo exposto, concluímos que elementos como a neutralidade na disposição gráfica dos editoriais da *FSP*, do *JC* e da *FPE*, os recursos visuais e espaciais como as diversas cores, as fotografias, os desenhos, as legendas, como também a intergenericidade, formam um significado social e possibilitam aos leitores obter

informações diversificadas. Ao mesmo tempo, tornam esses editoriais mais sedutores porque a sua interpretação acaba sendo um desafio, uma vez que exige um número maior de operações cognitivas para sua completa compreensão. Nosso entendimento, portanto, é o de que a integração imagem-palavra torna o editorial mais informativo e atraente e de que tais variações, permitidas pela flexibilidade e dinamicidade intrínseca aos gêneros textuais, se subordinam ao propósito comunicativo de cada um deles, convencer o leitor, e ao assunto debatido ou exposto. Em outras palavras, essas diferenças não consubstanciam uma ruptura que nos permita tratá-los como gêneros distintos.

Tratando agora do sistema de transitividade, mais especificamente do funcionamento dos tipos de processo, em apreço no Capítulo III, os resultados apontam para respostas satisfatórias em relação a duas das questões desta pesquisa, uma relacionada ao papel que os tipos de processo desempenham em editoriais diferentes, a outra referente à função dos processos relacionais em um texto argumentativo como o editorial. Simultaneamente, evidenciam o alcance dos objetivos almejados neste trabalho.

Respondemos a esses questionamentos fazendo asserções sobre cada tipo de processo separadamente:

(a) Os processos materiais encontrados em maior diversidade nos editoriais e com 31% de ocorrências nos dados comportam a possibilidade de se realizarem transitiva e intransitivamente. A predominância de sentenças transitivas envolvendo os processos materiais nos revela que as experiências de mundo retratadas nos editoriais são primordialmente dinâmicas, pois representam o *agir*, o *fazer de algo* ou *alguém* sobre um *objeto* ou um *fato*. Essa transição de força de algo ou alguém em direção a um objeto se mostra eficaz para a construção de uma realidade sobre a qual se quer moldar uma opinião. Nesse sentido, as orações transitivas encapsulando ações são mais impactantes do que as orações intransitivas que encapsulam acontecimentos, razão pela qual acreditamos que as sentenças intransitivas têm baixa ocorrência nos dados. No que diz respeito aos diferentes contextos de usos, os processos materiais, como observamos nos editoriais de apresentação, podem também desempenhar funções descritivas, o que se coaduna com os pressupostos da LSF quando defende

que todas as escolhas são significativas e que esses significados também são adquiridos na relação com outras escolhas. Essa diferença de papel dos processos materiais de acordo com o tipo de editorial é um dos traços que salientamos na composição do perfil desse gênero.

(b) os processos mentais são usados sobremaneira para realizar experiências internas, no nível da consciência ou dos sentimentos, de entidades coletivas e não de um usuário da língua em particular, como é mais freqüente com esse tipo de processo. Assim, também os mentais se prestam a representar, na maioria dos casos, experiências de mundo da esfera pública, de forma que esses processos colaboram com a construção do sentido do editorial, pondo em evidência desejos, sentimentos, e saberes que se combinam às ações dos processos materiais para externar um ponto de vista. Utilizados dessa maneira nos editoriais, atipicamente, diferente do uso na conversa espontânea, os mentais são um contraponto ao mundo *concreto* construído pelos processos materiais.

(c) os processos relacionais, em menor diversidade, mas em maior número de ocorrências do que os materiais, pois correspondem a 47% dos processos analisados, são responsáveis pelo enquadramento de entidades em categorias e definições e têm presença marcante na expressão da opinião nos editoriais analisados. O enquadre estático das experiências complementa o mundo das experiências dinâmicas realizadas pelos processos materiais. Os relacionais classificam e definem entidades materialmente construídas; essa capacidade se transforma, nos editoriais, em fortes recursos argumentativos, de importância ímpar na construção da opinião institucional, conteúdo dos editoriais. Classificar e definir são formas de construir um modo específico de interpretação da realidade muito apropriada para a persuasão dos leitores. No que se refere aos editoriais de apresentação, podemos afirmar que os relacionais ocupam um papel de maior destaque, dada a natureza desse tipo de editorial. Nesse editorial, a apresentação de algo ou de alguém ganha especial relevo e, por conseguinte, os processos relacionais também. Esses resultados tornam evidente o papel dos processos relacionais em um texto argumentativo como o editorial.

(d) os processos verbais têm presença garantida quando os editorialistas julgam necessários trazer para a argumentação o discurso de outrem, uma voz de autoridade

que vai conferir aos seus comentários uma força maior, ampliando o valor de verdade. Esses processos não são empregados freqüentemente, mas sempre que são usados nos editoriais ratificam, esclarecem, explicam fatos ou situações, desempenhando, pois, um papel imprescindível na cadeia argumentativa. Por esse motivo, a opinião contida nos editoriais não prescinde dessa maneira de *representar as experiências* do mundo, e os processos verbais, por assim dizer, representam um modo de argumentar com largo poder de persuasão.

(e) os processos existenciais nos editoriais *criam* entidades ou fatos, os quais expandem comentários, justificam afirmações, externam um ponto de vista em especial. Dessa forma, os existenciais contribuem especificamente para o sentido dos editoriais, diferentemente do modo como o fazem nas narrativas, quando são responsáveis por introduzir os personagens principais. Também funcionando como elos entre trechos dos editoriais e simultaneamente instaurando novos focos discursivos, ou seja, realizando a progressão textual, os processos existenciais revelam-se particularmente relevantes na elaboração dos editoriais.

Em síntese, todos os tipos de processo têm uma função que lhes é própria, no entanto essa função pode se alterar em virtude dos objetivos do gênero e das escolhas realizadas, como pudemos comprovar nos editoriais. Esses usos diversificados, registrados nos dados, comprovam nossa hipótese de que a transitividade cumpre um papel específico na realização do editorial enquanto gênero opinativo.

Em relação ao papel dos participantes, sobre o qual versou o Capítulo IV, os resultados reafirmam as respostas oferecidas pelos tipos de processo, no que diz respeito à contribuição do sistema de transitividade para o editorial.

A maioria absoluta do P1 nos dados está organizada em SNLs representativos de entidades da esfera pública, sendo poucos os casos de referentes da esfera privada, esses materializados em SNs Individuais. Essa constatação se estende aos P1 dos tipos de processos analisados, ou seja, aos Atores, Experienciadores, Portadores, Características, Dizentes e Existentes³⁹. Compreendemos a predominância de referentes *públicos* como uma decorrência da natureza do gênero editorial e a existência de referentes individualizados está condicionada, ou ao uso do discurso do

³⁹ Esse participante não foi encontrado nos dados como SNI.

outro, presente através do Dizente, ou à descrição de pessoas nos editoriais de apresentação, representadas pelos participantes Característica ou Portador.

O P1 também se encontra registrado nos dados como SNP, tendo como núcleo pronomes pessoais, pronomes indefinidos e pronomes relativos. A função desse SNP, especialmente quando codifica o Ator, é responsável pela materialização do envolvimento que o autor procura estabelecer com o leitor e com o conteúdo abordado. Muitas vezes, esse envolvimento marca a redução da distância entre autor e leitor, como é notório nos editoriais de Todateen.

Na realização de P1 como SNL, a maior parte deles são SNL expandidos. Essa frequência é interpretada como uma necessidade de expor os fatos e tratar dos referentes com muita clareza, evitando dubiedades e polissemias que possam perturbar a compreensão e afetar o desejo de conquistar do leitor, próprio do editorial. Uma diferença verificada em relação ao P1 dos processos relacionais - grande parte deles é composta por SNs básicos, ou modificados apenas por artigo ou pronome - não contraria o que afirmamos, uma vez que os relacionais tem por função precípua atribuir classificações e definições a um referente, Característica ou Portador. Dessa forma, as expansões de sentido se fazem pelo P2 Atributo ou Valor e não por modificadores internos ao SN.

As ocorrências do P2 dos processos materiais Meta, Extensão e Beneficiário ratificam então a constatação feita em relação ao predomínio das sentenças transitivas e o predomínio do participante Meta, como já afirmamos anteriormente, comprova que a sentença transitiva básica revela-se mais adequada à expressão das experiências de mundo que se quer retratar no editorial. Extensão, Beneficiário, Atributo, Valor e Verbiagem também se associam aos diferentes processos e configuram o *quadro experiencial* que constroem a opinião e o sentido dos editoriais.

Associando-se aos respectivos tipos de processo, os participantes refletem vivências, ressaltam sentidos e pontos de vista, enfim colaboram na formação de um determinado *frame* que tem por objetivo fazer o leitor ler editoriais, jornais e revistas, concordar com as idéias expostas e consumir o produto - jornal ou revista em si - ou os produtos anunciados. Os participantes também evidenciam as diferenças entre os tipos

de editoriais e o tipo de público conforme ilustram os resultados discutidos no Capítulo V desse trabalho.

A análise do sistema de transitividade no editorial considerado em suas partes constitutivas - introdução ou apresentação de um fato; construção do sentido do fato; e conclusão - constitui o conteúdo do Capítulo V. Nossa compreensão é que essa análise em nível *macro* corrobora a investigação em nível *micro* de processos e participantes realizada nos capítulos III e IV.

Os resultados dessa análise *macro* tornam evidente que as variações no emprego do sistema de transitividade, de um modo geral, estão mais diretamente associadas ao tipo de editorial do que ao conteúdo focado. Assim, processos, participantes e algumas circunstâncias tem funções distintas nos editoriais opinativos e nos editoriais de apresentação. O editorial misto, sendo uma combinação dos dois tipos anteriores, registra, portanto, empregos similares.

Nos editoriais dos jornais, bem como nos editoriais opinativos de *Veja* e *Época*, investigados no Capítulo V, os materiais são os processos mais usados, ao lado dos relacionais, corroborando evidências anteriores de que a opinião se materializa pela representação de fatos do mundo e pela classificação e definição desses fatos, função dos materiais e relacionais respectivamente. Entre os participantes Ator, Experienciador, Portador, Característica e Existente, preponderam os SNLs que encapsulam referentes genéricos da esfera pública, ainda que esses representem agentes executores individualizados. No que se refere às circunstâncias, podemos perceber que as de Extensão temporal, de Localização e de Modo são as que registram maior número de ocorrências. Revelam-se um elemento argumentativo ao delimitar lugares e espaços, ou ao restringir e ampliar os processos. De modo geral, as diferenças nesses editoriais revelam-se em determinados momentos da argumentação.

Nos editoriais de apresentação de *Veja* e *Época*, devemos assinalar o fato de os processos relacionais serem os mais frequentes e essa frequência aponta para o papel relevante que esses processos desempenham na construção desse tipo de editorial. É através deles que se formam quadros e perfis cuja função é descrever pessoas ou fatos, elemento caracterizador dessa variação do gênero editorial. Os participantes inerentes dos processos relacionais, Portador e Característica (P1), Atributo e Valor

(P2) combinam-se para que o autor obtenha as definições e classificações desejadas. Quanto ao Ator, este se apresenta como SNI, uma vez que, na maioria dos casos, representa o próprio personagem que vem sendo descrito no editorial. Em relação às circunstâncias, essas são as responsáveis pela semelhança encontrada entre esse tipo de editorial e os editoriais opinativos. Trata-se do predomínio das circunstâncias de Localização, seguidas, em número de ocorrência, pelas circunstâncias de Extensão temporal e de algumas de Modo.

Quanto às revistas femininas, gostaríamos de enfatizar o fato de o sistema de transitividade, nos editoriais de apresentação de Uma e Todateen, materializar duas diferenças existentes entre esses editoriais e os demais editoriais averiguados. A primeira distinção diz respeito ao conteúdo; enquanto os editoriais dos jornais e os de Veja e Época tratam de Economia, Política e Educação, os editoriais de Uma e Todateen tratam de moda, amor, beleza, entre outros. Essas diferenças de temas são perceptíveis nos referentes que se tornam os participantes das orações. A segunda reflete-se no modo de esses editoriais se relacionarem com as leitoras. Em Uma e Todateen, há um diálogo direto e constante e um envolvimento explícito, ambos também claramente evidenciados pelos participantes escolhidos.

Tendo sintetizado os resultados a que chegamos através da análise dos processos e participantes, gostaríamos de mencionar o papel das circunstâncias, embora sua análise, nessa pesquisa, tenha restringido-se aos limites dos catorze editoriais investigados em sua totalidade e expostos no Capítulo V.

Pelos resultados obtidos através da observação das circunstâncias, estamos aptas a afirmar que não há uma grande diferenciação no uso destas nos diferentes editoriais analisados: predominam as de Extensão temporal, as de Localização, exercendo os papéis de delimitar o espaço e o tempo, bem como as de Modo que modificam os processos, externando de alguma forma a opinião autoral. A respeito desse emprego para as circunstâncias de Modo, cabe uma ressalva. Percebemos um aspecto até então ignorado por nós para esse elemento do sistema de transitividade, o de possuir significados potencialmente argumentativos.

Acreditamos que esses resultados comprovam que respondemos a questão central de nossa pesquisa, pois o sistema de transitividade cumpre de variadas formas,

como as demonstradas ao longo desse trabalho, o papel de construir as experiências de mundo, por conseguinte contribui para a expressão da opinião no editorial. Assim, esse gênero concretiza o intuito de persuadir o leitor para concordar com as teses dos editoriais opinativos e para concordar com as idéias defendidas nos editoriais de apresentação.

Os resultados da investigação do sistema de transitividade nos permitem afirmar que o perfil buscado para o gênero editorial se complementa através dessa análise lingüístico-gramatical. É possível, agora, observarmos esse gênero compreendendo os recursos multimodais e o papel da transitividade em sua elaboração.

Acrescentamos ainda que a análise do sistema de transitividade empreendida nessa pesquisa revela-se de crucial importância para a compreensão da gramática da língua como uma ferramenta criadora de sentidos. Ousamos também afirmar que os resultados apresentados revelam diferentes usos para os tipos de processo, que ainda não fazem parte da literatura na área, que, em sua grande maioria, dispõe de dados relativos a narrativas orais e escritas. Mostrar o funcionamento dos diferentes processos em textos opinativos torna-se, então, uma das contribuições dessa tese aos estudos sistêmico-funcionais.

Entretanto, como anunciamos, essa pesquisa não é completa, tampouco exaustiva, de modo que podemos apontar *continuidades*, no âmbito dos estudos sistêmico-funcionais, tais como: (a) uma investigação da transitividade que envolva também as funções interpessoal e textual, pois o nosso estudo se concentrou na função ideacional, fazendo ocasionalmente referências à função interpessoal; (b) um estudo pormenorizado do uso da voz passiva nos editoriais que conjugue a função ideacional, através do sistema de transitividade, e a função textual, através do sistema temático; (c) uma análise específica da modalidade no editorial opinativo, pois um estudo mais localizado que realizamos demonstrou a riqueza dos elementos modalizadores para a expressão do ponto de vista institucional; (d) uma investigação pormenorizada das circunstâncias observando o seu potencial argumentativo; por fim, (e) uma investigação acurada da multimodalidade discursiva nos moldes propostos por Kress & van Leeuwen (1996), nos editoriais de Veja, Época, Uma e Todateen, observando o que chamaremos de *transitividade visual*. Por compreender que as questões problematizadas em (d) e (e)

são complementos, ou aprimoramentos necessários à análise da transitividade lingüística que ora concluímos, talvez se faça pertinente declarar que trataremos de nos ocupar com esses estudos brevemente.

Esperamos que, apesar das lacunas e dos problemas remanescentes, essa investigação seja útil aos estudos sobre a linguagem de um modo geral e, mais especificamente, seja uma forma de os usuários da língua portuguesa, dele apropriando-se, compreenderem que as escolhas no nível gramatical repercutem na construção de sentido nos gêneros opinativos, e por extensão em todos os gêneros dos quais fazemos uso para nossas interações diárias.

Esperamos, ainda, que essa análise tenha configurado uma outra maneira de abordar a transitividade, no que se refere ao enfoque teórico e ao *corpus* utilizado, que possa ser capaz de impulsionar outros estudos envolvendo outros gêneros textuais, opinativos ou não, e transitividade. Em especial, desejamos ter contribuído para o crescimento dos estudos sobre a transitividade e a função ideacional dentro do raio de abrangência da LSF, sobretudo, no Brasil.

No que diz respeito à elaboração dessa pesquisa, no plano estritamente pessoal, podemos dizer que as leituras, as discussões teóricas, a análise, bem como a redação da tese, foram momentos de crescimento, de aprendizagem, de prazer, algumas vezes, de inseguranças, medos e angústias. Porém, o resultado nos é plenamente satisfatório, o que nos leva, sem hesitação, a afirmar, como na canção francesa: “de nada, de nada, não me arrependo de nada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. J. A. de. Transitividade, ergatividade e a ordem verbo-sujeito no processo de aquisição do português. **VEREDAS**: revista de estudos lingüísticos, Juiz de Fora, vol. 3, n. 2, p. 21-30, 1999.

ANDRADE-BERLINCK, R.; AUGUSTO, M. R. A.; SACHER, A. P. Sintaxe. IN: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. vol. 1, p. 207-244, São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, I. C. **Aspectos da coesão do texto**: uma análise em editorias jornalísticas. Recife: Editorial Presença/UFPE, 1996.

AZEREDO, J. C. de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. IN: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. P. 279-326, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAZERMAN, C. The life of the genre, the life in the classroom. IN: BISHOP, W.; OSTROM, H. **Genre writing**: issues arguments alternatives. p. 19-26, Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1997.

_____. Speech acts, and activity systems: how texts organize activity and people. IN: BAZERMAN, C.; PRIOR, P. (Eds.). **What writing does and how it does it**: an

introduction to analyzing texts and textual practices. p. 309-339, London/New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004.

BEAUGRANDE, R. de.; HALLIDAY, M. A. K. **Linguistic theory**: the discourse of fundamental works. New York: Longman, 1991.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BOIS, J. W. du. The discourse basis of ergativity. **Language**, vol. 63, p. 805-855, 1987.

BONINI, A. **Gêneros textuais e cognição**. Florianópolis: Insular, 2002.

_____. Veículo de comunicação textual: noções conflitantes. IN: **D.E.L.T.A.**, vol. 19, nº 1, p. 65-89, 2003.

BORBA, F. da S. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

BORBA, V. M. R. **gêneros textuais e produção de universitários**: o resumo acadêmico. Recife: UFPE. Pós-Graduação em Letras, 1991 (Tese de doutoramento).

BORGES NETO, J. **Ensaio de filosofia da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BUTT, D. *et. al.* **Using functional grammar**: an explore's guide. Sydney: Macquarie University, 2001.

CAMACHO, R. G. O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da. **Funcionalismo e Gramaticalização**: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Idéia, 2004.

CORÔA, M. L. M. S. **O Tempo nos Verbos do Português**: uma introdução a sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

DECAT, M. B. N. *et al.* **Aspectos da gramática do português**: uma abordagem funcionalista. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

DIJK, T. A. van. **Cognição, discurso e interação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Opinions and Ideologies in the Press. In: GARRET, P.; BELL, A. (eds). **Approaches to Media Discourse**. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

DIAS, L. F. de. Fatos sintáticos e propriedades enunciativas: uma visão semântica da transitividade verbal. In: HORA, D. da; CHRISTIANO, M. E. A. (Orgs.). **Estudos lingüísticos**: realidade brasileira. João Pessoa: Idéia, 1999.

DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. 15 Anos de Superinteressante: uma análise visual das capas e manchetes. In: **Investigações: lingüística e teoria literária**, Recife, vol. 17, n. 2, p. 179-192, jul. 2004.

_____. Gêneros Multimodais e Multiletramento. IN: KARWOSKI, A. M. et. al. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.

_____. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. IN: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, Â. P. (Orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b.

DUTRA, R. **O falante gramático: introdução à prática de estudo e ensino do português**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Pinter Publishers, 1995.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UNB, 2001.

FIGUEIRA, R. A. Uma nota sobre aspecto e transitividade. **D.E.L.T.A.**, vol. 12, n.1, p.153-171, 1996.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. **Lingüística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Transitividade e passiva. **Revista de Estudos da Linguagem**. Ano 5, n. 4. vol. 1, p. 43-66, jan-jun. 1996.

_____. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **D.E.L.T.A.** vol .17, n. 1, p.1-30, 2001.

_____. A Transitividade de verbos *dicendi*. **Revista do GELNE**. Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Vol. 6 . nº 1, p. 111-125, João Pessoa: Idéia, 2004.

FOWLER, R. **Language in the News: Discourse and Ideology in the Press**. London: Routledge, 1992.

FREEMAN, A.; MEDWAY, P. Locating Genre Studies: Antecedents and Prospects. IN: FREEMAN, A.; MEDWAY, P. (eds.) **Genre and New Rhetoric**. London/Bristol, Taylor & Francis, 1994.

FREITAS, R. C. P. W. de. Itens lexicais e outros recursos lingüísticos a serviço da subjetividade em editoriais. **ANAIS do III Congresso Internacional da ABRALIN**. Versão em CD-ROM, Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

GINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIVÓN, T.. **Sintaxe: a Functional and Typological Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GOMES, V. S. História do editorial jornalístico em Pernambuco: o que mudou e o que permaneceu no curso desta tradição discursiva. In: **Língua, textos e história: (manuscritos e impressões na história do português brasileiro)**. PESSOA, M. de B. (Org.) Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. **Journal of Linguistics**, nº 3, Part I, 1967.

_____. Notes on transitivity and theme in English. **Journal of Linguistics**, Part II, 1967b.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**, London: Edward Arnold, 1985.

_____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M., **Introducion To Functional Grammar**. London: Arnold, third edition, 2004.

_____. ; _____. **Systemic Funcional Grammar: A First Step Into the Theory**. Disponível em: <[http:// whgsoft.com/siystemic/index.html](http://whgsoft.com/siystemic/index.html)> Acesso em 13 jun, 2005, 14h35m.

HERBELE, V. M. A representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres. **Revista Iberoamericana de DISCURSO Y SOCIEDAD**, vol 1 (3), p. 73-86. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

_____. An investigation of textual and parameters in editorials of women´s magazines. Florianópolis/SC: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Inglês e Literaturas Correspondentes, publicada no CD-ROM TELA, 1997. (Tese do doutoramento).

_____. Two kinds of argument in editorials of woman´s magazines. **Proceedings of the Fourth Internacional Conference of the Internacional Society for the Study of Argumentation**. Amsterdam, The Netherlands, Published by: SICSAT – Internacional Centre for the Study of Argumentatiion, June 16-19, 1988.

_____. Editoriais de revistas femininas sob a perspectiva da análise crítica do discurso. In: **The ESP**. São Paulo: EDUC, Vol 15, nºs 1 e 2, (S/D).

_____. Questões de gênero e identidade em diferentes discursos multimidiáticos/multimodais: uma perspectiva da semiótica social de Halliday. Projeto de Pós-Doutoramento aprovado pelo CNPq (Processo 200941/03-8), 2004.

_____. Revista para mulheres no século XXI: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? **Revista Linguagem em (Dis)curso**. vol. 4, número especial, Tubarão - SC, 2004b.

HAWKING, S.; MLODINOW, L. **Uma nova história do tempo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language 56(2)**, 1980.

_____.; _____. Transitivity and clause structure in conversation. IN: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.) **Frequency effects and emergent grammar**, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KATO, M. Formas de funcionalismo na sintaxe. **D.E.L.T.A.**, vol. 14, Número especial, 1998.

KITTILÄ, S. Remarks on the basic transitive sentence. **Language Sciences**. N. 24, 2002.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. IN: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. vol.3. São Paulo: Cortez, 2004.

KURY, A. da G. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lisa/Livros Irradiantes S.A., 1972.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London and New York: Routledge, 1996.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2002.

LE, E. Active participation within written argumentation: metadiscourse and editorialist's authority. **Journal of Pragmatics**. n. 36, 2004.

LEEUWEN, T. van.; JEWITT, C. **Handbook of Visual Analysis**. London: SAGE Publications LTD, 2001.

LEITE, J. E. R. Intertextualidade intergêneros: a ótica da teoria dos gêneros textuais. In: SILVA, C. R.; CHRISTIANO, M. E. A.; CASTRO, O. M. de. (Orgs.). **Da gramática ao texto**. João Pessoa: Idéia, 2003.

LIBERATO, Y. G. A estrutura interna do SN em português. IN: DECAT, M. B. N. (Orgs). **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

LYONS, J. **Language and Linguistics: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Linguagem e Lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987.

MACEDO, A. V. T. de. Funcionalismo. **VEREDAS: revista de estudos lingüísticos**. Juiz de Fora, vol 1, nº 2, p.71-88, 1998.

Manual da redação: Folha de São Paulo. 5 ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Cognição, explicitude e autonomia no texto falado e escrito. IN: MOURA, D. (org.). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: Editora da UFAL, 1999.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Gêneros textuais: conceituação, constituição e circulação**. Pós-Graduação em Lingüística. Recife/PE, UFPE, 2002b (mimeografado).

_____. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. **Conferência apresentada 55ª Reunião Anual da SBPC**. Recife/Pe: UFPE, 13 a 18 de julho de 2003.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLVC: língua, lingüística e literatura**. UFPB. João Pessoa: Idéia, 2003b.

_____. **Concentração e tomada de posição**: problemas com a questão da classificação e categorização dos gêneros; Noção de tipo textual; gênero textual; seqüências e domínios. UFPE, 2º semestre de 2004.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. IN: KARWOSKI, A. M. et. al. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória: Kayganguê, 2005.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES, M. H. D. Recuperando o verbo: sintaxe e discurso. IN: AZEREDO, J. C. (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Working with functional grammar**. London: Arnold, 1997.

MEDRADO, B. P.; SOUZA, M. M. de; SILVA, F. S. Práticas comunicativas e a tecnologia digital: um estudo comparativo entre *e-mails* pessoais e *e-mails* comerciais. IN: **Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos**. Divulgado em CD-ROM, João Pessoa: Idéia, 2004.

MELO, G. C. de. **Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira**. 3.ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1978.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. IN: MEURER, J. L. ; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

MILLER, C. R. Genre as Social Action. IN: FREEMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.) **Genre and New Rhetoric**. London/Bristol, Taylor & Francis, 1994.

_____. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. IN: FREEMAN, A.; MEDWAY, P. (eds.) **Genre and New Rhetoric**. London/Bristol, Taylor & Francis, 1994.

MOTTA-ROTH, D.; HERBELE, V. M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. IN: MEURER, J. L. et. al. **Gêneros: teorias, métodos debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOZDZENSKI, L. P. **A cartilla jurídica: aspectos socio-históricos, discursivos e multimodais**. Recife-PE: UFPE, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006. (Dissertação de Mestrado).

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. vol. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Discurso e gramática no funcionalismo. IN: **Estudos Lingüísticos XXVIII** – Anais de Seminários do GEL, 1999.

_____. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.** Vol.15, Nº Especial, 1999.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA**. n. 38, São Paulo, 1994.

_____. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). IN: ILARI, R. (Org.) **Gramática do Português Falado**. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

OLIVEIRA, R. P. de. Formalismos na lingüística: uma reflexão crítica. IN: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.. (Orgs). **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. vol. 3 São Paulo: Cortez, 2004.

OSTERMANN, A. C. Bonita de doer: análise crítica do discurso em revistas femininas para adolescentes. **The ESP**. São Paulo: EDUC, vol 15, nºs 1 e 2, (S/D).

PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Caminho, 1997.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. IN: MEURER, J. L. ; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros textuais**. Bauru/SP, EDUSC, 2002.

PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. IN: KOCH, I. G. V. (Org). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / FAPESP, 1996.

_____. O Funcionalismo em Lingüística. IN: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. vol. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

REBELO, N. M. S. **Análise do processo persuasivo no gênero editorial**. Santa Maria/RS: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, 1999. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: Editora AGE, 2002.

RODRIGUES, F. A. **A Linguistic Investigation into the Representation of the Landless Movement (MST) in the Press**. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Inglês e Literaturas Correspondentes, 2002. (Tese de doutoramento).

_____; MEURER, J. L. **Representations of the Brazilian Landless Movement (MST) in Brazilian and British Newspapers: Ideatonal Perspectives**, 2005. (no prelo).

RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. IN: ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2000.

_____. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo:** cronotopo e dialogismo. São Paulo: PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2001. (Tese de doutoramento).

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. IN: MEURER, J. L. et. al. **Gêneros:** teorias, métodos debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SANTOS, V. B. M. P. dos. Estabelecendo a diferença entre os termos registro e gênero. **The ESP**, São Paulo: EDUC. vol 19 nº 1, (S/D).

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. 4. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SARAIVA, M. E. F. **Buscar menino no colégio:** a questão do objeto incorporado em português. Campinas-SP: Pontes, 1997.

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus.* Barueri-SP: Manole, 2004.

SCOTT, M.; JONHS, T. **MicroConcord Manual:** An Introduction to the Practices and Principles of Concordancing in Language Teaching. Oxford: Oxford University Press, 1993.

SILVA, A. C. B. da. **Os editoriais de jornal:** uma abordagem discursiva. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, 1992. (Dissertação de mestrado).

SILVA, D. **Teresa, namorada de Jesus.** São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

SILVA, W. R. **Construção de aprendizes de leitura e escrita através de exercícios didáticos**: um estudo de caso. Campinas: UNICAMP, Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, 2006. (Tese de doutoramento).

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó/SC: Argos, 2002.

_____. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso**: um guia para estudantes de graduação. Florianópolis-SC: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, M. M. de. **A relação sujeito experienciador e voz ativa**: suas implicações para as estruturas do português. João Pessoa: UFPB, Pós-Graduação em Letras, 1999. (Dissertação de mestrado).

_____. Transitividade verbal: quebrando os grilhões da sintaxe. **Anais do I simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos**. João Pessoa, Idéia, v. 1, 1997.

SOUZA, M. M. de. Por uma análise sintático-semântica do sujeito e da voz ativa. In: SILVA, C. R.; CHRISTIANO, M. E. A.; CASTRO, O. M. de (Orgs.). **Da gramática ao texto**. João Pessoa: Idéia, 2003.

SWALES, J. M. **Genre Análisis. English in academic and research settings**. Cambridge University Press, 1990.

_____. Genre and Engagement. **Revue Belge de Philologie et D'Historie**. Fasc.3: Language et Littératures Modernes, nº 71, 1993.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo/RS: Editora UNISINOS, 2001.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

VIAN JR., O. Sobre o conceito de gêneros do discurso: diálogos entre Bakhtin e a lingüística sistêmico-funcional. In: BRAIT, B. (Org). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas-SP; Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001.

_____.; LIMA-LOPES, R. E. de. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: MEURER, J. L. et. al. **Gêneros: teorias, métodos debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Referências bibliográficas dos jornais e revistas do *corpus*

1º de maio. **Folha de Pernambuco**, Recife, quinta-feira, de de 2003.

A praia é da população. **Folha de Pernambuco**, Recife, segunda-feira, 7 de abril de 2003.

A propriedade intelectual. **Folha de Pernambuco**, Recife, sexta-feira, 4 de abril de 2003.

Acordo interno. **Folha de São Paulo**, São Paulo, quarta-feira, 7 de maio de 2003.

Agora é que são elas. **Época**, São Paulo: Globo, n. 261, 19 de maio de 2003.

Ajuste com critério. **Folha de São Paulo**, São Paulo, sábado, 5 de julho de 2003.

Ameaça ao provão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, quinta-feira, 4 de setembro de 2003.

As mulheres por cima. **Época**, São Paulo: Globo, n. 265, 16 de junho de 2003.

Avanço e ameaça. **Jornal do Comércio**, Recife, domingo, 3 de agosto de 2003.

Brasil alfabetizado. **Jornal do Comércio**, Recife, quinta-feira, 3 de abril de 2003.

Caminhada histórica. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1801, Ano 36, n. 18, 7 de maio de 2003.

Cara e ineficiente. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1818, Ano 36, n. 35, 3 de setembro de 2003.

Carga pesada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, quarta-feira, 3 de setembro de 2003.

Celebridades. **Uma**, São Paulo: Símbolo. Ano 4, n. 32, maio de 2003.

Comércio é riqueza. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1820, Ano 36, n. 37, 17 de setembro de 2003.

Congresso sobre pressão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo, 4 de maio de 2003.

De costas para a vida. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1797, Ano 36, n. 14, 9 de abril de 2003.

De DEUS aos tribalistas. **Uma**, São Paulo: Símbolo. Ano 4, n. 31, abril de 2003.

Decepção e morte em Cuba. **Época**, São Paulo: Globo, n. 257, 21 de abril de 2003.

Desemprego cá e também lá. **Jornal do Comércio**, Recife, quinta-feira, 4 de setembro de 2003.

Desemprego cresce. **Jornal do Comércio**, Recife, quarta-feira, 7 de maio de 2003.

Duas capas, a mesma VEJA. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 181, Ano 36, n. 1811, 16 de julho de 2003.

É para se amarrar. **TodaTeen**, São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 8, n. 89, abril de 2003.

É tempo de se apaixonar! **TodaTeen**, São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 8, n. 92, julho de 2003.

Em busca da beleza. **Uma**, São Paulo: Símbolo. Ano 4, n. 34, julho de 2003.

Época, cada vez mais sua. **Época**, São Paulo: Globo, n. 278, 15 de setembro de 2003.

Estoque de paciência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, terça-feira, 1º de julho de 2003.

Eu quero beijar!!! **TodaTeen**, São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 8, n. 90, maio de 2003.

Eu quero é paixão! **TodaTeen**, São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 8, n. 93, agosto de 2003.

Férias: ganhos e prejuízos. **Jornal do Comércio**, Recife, quarta-feira, 2 de julho de 2003.

Fonteles e as invasões. **Época**, São Paulo: Globo, n. 274, 18 de agosto de 2003.

Guerras cotidianas. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1799, Ano 36, n. 16, 23 de abril de 2003.

Hora de escolher. **Folha de São Paulo**, São Paulo, segunda-feira, 7 de abril de 2003.

Hora de ousar mudar. **Jornal do Comércio**, Recife, terça-feira, 2 de setembro de 2003.

Impasse no Bolsa-Escola. **Jornal do Comércio**, Recife, terça-feira, 3 de junho de 2003.

Insegurança para todos. **Época**, São Paulo: Globo, n. 263, 2 de junho de 2003.

Investimentos em infra-estrutura. **Jornal do Comércio**, Recife, segunda-feira, 2 de junho de 2003.

Juros europeus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, quinta-feira, 5 de junho de 2003.

Lula e a moderação. **Época**, São Paulo: Globo, n. 259, 5 de maio de 2003.

Lula. **Folha de Pernambuco**, Recife, domingo, 1º de junho de 2003.

Matar e esquartejar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, terça-feira, 3 de junho de 2003.

Mercado desconfiado. **Jornal do Comércio**, Recife, sábado, 9 de agosto de 2003.

Mudanças financeiras. **Folha de São Paulo**, São Paulo, sexta-feira, 4 de abril de 2003.

Nacionalismo tardio. **Folha de Pernambuco**, Recife, segunda-feira, 1º de setembro de 2003.

Não ao plebiscito. **Folha de São Paulo**, São Paulo, segunda-feira, 4 de agosto de 2003.

No gabinete com Lula. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1816, ano 36, n. 33, 20 de agosto de 2003.

Nós temos memória. **Jornal do Comércio**, Recife, sexta-feira, 2 de maio de 2003.

O exemplo do LAFEPE. **Folha de Pernambuco**, Recife, sábado, 5 de julho de 2003.

O primeiro emprego. **Jornal do Comércio**, Recife, sexta-feira, 4 de julho de 2003.

O próximo desafio. **Época**, São Paulo: Globo, n. 276, 1º de setembro de 2003.

O que as mulheres querem? **Uma**, São Paulo: Símbolo. Ano 4, n. 33, junho de 2003.

O que fazer com o bandido? **Jornal do Comércio**, Recife, domingo, 6 de abril de 2003.

O ranking de VEJA. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1814, Ano 36, n. 31, 6 de agosto de 2003.

O risco e a especulação. **Época**, São Paulo: Globo, n. 269, 14 de julho de 2003.

Obstáculos ao Fome Zero. **Folha de Pernambuco**, Recife, terça-feira, 6 de maio de 2003.

Onde está a verdade? **Folha de Pernambuco**, Recife, terça-feira, 5 de agosto de 2003.

Orçamento realista. **Folha de Pernambuco**, Recife, quarta-feira, 3 de setembro de 2003.

Pela porta estreita. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1805, Ano 36, n. 22, 4 de junho de 2003.

Políticas de emprego. **Folha de Pernambuco**, Recife, quarta-feira, 4 de junho de 2003.

Políticos e críticos. **Época**, São Paulo: Globo, n. 272, 4 de agosto de 2003.

Prepare o seu coração... **Uma**, São Paulo: Símbolo. Ano 4, n. 36, setembro de 2003.

Profissionais premiados. **Época**, São Paulo: Globo, n. 255, 7 de abril de 2003.

Quem é Diogo Mainardi. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1807, Ano 36, n. 24, 18 de junho de 2003.

Querido diário!! **TodaTeen**, São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 8, n. 91, junho de 2003.

Redação e você. **TodaTeen**, São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 8, n. 94, setembro de 2003.

Roberto Marinho. **Folha de Pernambuco**, Recife, sexta-feira, 8 de agosto de 2003.

Roberto Marinho. **Folha de São Paulo**, São Paulo, sexta-feira, 8 de agosto de 2003.

Turismo e desenvolvimento. **Folha de Pernambuco**, Recife, quinta-feira, 3 de julho de 2003.

Um soco nas instituições. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1803, Ano 36, n. 20, 21 de maio de 2003.

Uma cabeça brilhante. **Época**, São Paulo: Globo, n. 267, 30 de junho de 2003.

VEJA avisou. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1809, Ano 36, n. 1809, 2 de julho de 2003.

Viva o retrô! **Uma**, São Paulo: Símbolo. Ano 4, n. 35, agosto de 2003.

ANEXOS

ANEXOS

- ANEXO 1 - Editoriais da Folha de São Paulo
- ANEXO 2 - Editoriais do Jornal do Comércio
- ANEXO 3 - Editoriais da Folha de Pernambuco
- ANEXO 4 - Editoriais de Veja
- ANEXO 5 - Editoriais de Época
- ANEXO 6 - Editoriais de Uma
- ANEXO 7 - Editoriais de Todateen
- ANEXO 8 - Orações analisadas

ANEXO 1 - Editoriais da Folha de São Paulo

Editorial 1 (FSP1)

A 2 sexta-feira, 4 de abril de 2003

FOLHA DE S. PAULO

COMERCIAL A SERVIÇO DO BRASIL S. A.
Publicada sob o Patrocínio da Empresa Folha da Manhã S.A.
Fundador: Lauro Linhares
Diretor Editorial: Orestes Barbosa Filho
Superintendente: Nelson Mendes Teixeira, Alexandre Lourenço Filho
Editores: Carlos Frederico de Moraes
Circulação: 1.000.000 exemplares em todo o Brasil
Assinaturas: 1.000.000 exemplares em todo o Brasil
Distribuição: 1.000.000 exemplares em todo o Brasil
Circulação: 1.000.000 exemplares em todo o Brasil
Assinaturas: 1.000.000 exemplares em todo o Brasil
Distribuição: 1.000.000 exemplares em todo o Brasil

EDITORIAIS

E-mail: fsp@folha.com.br

MUDANÇAS FINANCEIRAS

HA JUÍZA discussão distina acerca do projeto de emenda constitucional aprovado anteriormente pelo Colégio, que modifica o artigo 192 da Carta, o do sistema financeiro nacional. A proposta, primeira vitória parlamentar expressiva do governo Lula, abre caminho para que este seja regulamentado não mais por uma única lei exemplar, mas por um conjunto delas. A emenda rejeita do artigo todos os seus incisos, entre eles o que limita as juroes reais a 12%. No mundo de hoje, tentar regular juroes de mercado através de lei quanto mais constitucional, e de fato mais sãndice.

A normalização do sistema financeiro pode ocorrer, contudo, apenas se decidis mudá-lo. Quase 15 anos se passaram desde a promulgação da Constituição e o tema jamais foi regulamentado. Agora, com os diversos assuntos do sistema financeiro podendo ser alvo de leis específicas, melhoram as perspectivas.

O outro tópico que chama a atenção no bojo da aprovação da emenda, é a evidente preocupação do legislativo não em facilitar a regulamentação dos diferentes tipos de relações, seja no artigo 192, mas em fazer passar um assunto que dá ao Banco Central e que governamos não chamando de "autonomia operacional".

Lideranças do governo já repetiram a ideia simplista de que um BC autônomo seria garantia de juros e inflação mais baixos e do câmbio menos turbulento. Aqui, porém, a discussão precisa deixar o terreno do idealismo financeiro.

Autorizar o BC a atuar autonomamente não é uma alienação de poder, tanto querem fazer com alguns antígulos no calendário político de Lula. Trata-se de uma mudança institucional relativamente profunda.

No Argentina, o poder autônomo do BC não impediu que medidas intervencionistas contra o controle cambial fossem tomadas num momento de grave crise. Mas erros que não foram de impedir e de sempre de institucional, esse é um dos muitos aspectos que o país precisa analisar bem antes de decidir por uma nova importação de dogmas financeiros.

Editorial 3 (FSP3)



Fonte: Folha de São Paulo, 04 de maio de 2003.

Editorial 4 (FSP4)



Fonte: Folha de São Paulo, 07 de maio de 2003.

Editorial 5 (FSP5)

A 2 terça-feira, 3 de junho de 2003

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Fundado em 1929 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S/A

Presidente: Lauro Feres

Diretor Editorial: Wilson Pinheiro

Supervisores: AMÉLIO MARQUES TEIXEIRA ALBUQUERQUE BARTH
Edição executiva: FÁBIO GALIÀ

Circulação: Folha de S. Paulo, 100 mil exemplares diários em São Paulo e região metropolitana, 1 milhão de exemplares em todo o Brasil. Circulação em outros países: 100 mil exemplares diários em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Estados Unidos e México. Preço de venda: R\$ 1,00. Anúncios: (11) 3090-9000. Redação: (11) 3090-9000. Fax: (11) 3090-9001. E-mail: fsp@folha.com.br

EDITORIAIS

Estabelecido em 1970

MATAR E ESQUARTEJAR

A VISIBILIDADE governamental tem sido prodígio em máis imagens para ilustrar as questões econômicas que afligem o país. A mais recente veio do ministro Antônio Palocci: é preciso "matar e esquartejar a inflação". Todos sabem quanto de desorganização econômica e de malefícios sociais o processo inflacionário é capaz de produzir. A experiência brasileira foi perverramente rica em exemplos nesse sentido. Com todas as distorções que o Real impôs à economia, é inevitável seu papel histórico na interrupção de uma escalada de aumentos de preços que parecia não ter fim. Como não poderia, porém, desde a mudança do regime cambial, em 1994, não se pode considerar que a guerra contra a inflação tenha sido completamente vencida — na realidade, o combate precisa ser permanente.

Há quem queira usar as críticas endereçadas à atual política do Banco Central um irresponsável dispense pelo controle da inflação, como se o risco da dispensa de preços estivessem esquecidos. Diante da herança deixada pelo atual governo, que che-

gou ao final do mandato com fortes desconfianças e a um grande movimento especulativo, era absolutamente sensato fazer o que foi feito.

O que está em questão não é se a inflação deve ou não ser combatida, mas a eficácia do tratamento no atual estágio de crise econômica, de um longo período e claro declínio dos índices de aumento de preços. A persistência da inflação é um fato, mas nada indica que a manutenção de uma de juros nos atuais parâmetros seja o remédio recomendável. Afinal, menos do que as remunerações salariais, o que parece nitido na formação dos índices mais recentes são os efeitos das tarifas públicas e preços administrados — e contra eles os juros estruturais são ineficazes.

É claro que sempre é possível levar a economia para uma forte recessão, estrangulando o consumo, gerando mais desemprego, provocando quebraças e os efeitos nefastos que todos conhecem. Nesse caso, o título de "matar e esquartejar" a inflação, quasi será atingida e a atividade econômica como um todo, com graves danos e máis custos sociais.

Fonte: Folha São Paulo, 03 de junho de 2003.

Editorial 6 (FSP6)

A 2 quinta-feira, 5 de junho de 2003

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ***
Publicação semanal - Imprensa da Empresa Folha de São Paulo
Presidente: José Taras
Diretor Executivo: Flavio Tavares Filho
Supervisores: Antonio Machado, Helena Helena e Hélio Reis
Banco Central do Brasil - Caixa Postal 1000
Distribuição: Editora e Distribuidora Folha de São Paulo - Caixa Postal 1000
Município de São Paulo - Caixa Postal 1000 - Fone: (11) 3090-1000
Cidade de São Paulo - Caixa Postal 1000 - Fone: (11) 3090-1000
Linha Verde: 0800-010000

EDITORIAIS

Publicação semanal

JUROS EUROPEUS

O Banco Central Europeu não se fez para decidir se adota a taxa de juros básica que desde março vem sendo mantida em 2,5% ao ano. A deliberação estava cercada de atenção dentro e fora da Europa.

Plantado pelo elevado desemprego, governos europeus queiram a redução dos juros. A medida querida a estimular a economia, seja diretamente, ao estimular a demanda interna, seja indiretamente, ao contribuir para o crescimento da renda em relação ao dólar. A alta do euro aumenta as importações e encarece as exportações, prejudicando o crescimento a curto prazo. Uma das causas do fortalecimento da moeda europeia em relação ao dólar é o fato de os juros europeus estarem mais altos do que os americanos. Se houver redução de taxa, dilui-se o estímulo à migração de capitais dos EUA para Europa.

Também entre os americanos a decisão do BCE desperta interesse. As autoridades dos EUA vêm considerando nula a guarda do dólar, pois as

estímulos de importações, estímulo à economia doméstica e combatendo as pressões deflacionistas. Há uma ceticismo, no entanto, de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda poderia gerar problemas. A redução da taxa de juros na Europa contribuiria para aprofundar esse risco.

A reunião do G8 em Praga trouxe alguns de que, progressivamente, tornaria-se para uma ação coordenada dos países ricos, deixando-se de lado as linhas diplomáticas abertas pelos árabes em torno do Iraque.

O presidente do BCE já declarou seu aborrecimento quanto ao comportamento da inflação na região, admitindo as expectativas de que haja sete anuais um corte de juros. Uma decisão diferente reforçaria as apreciações atuais sobre o cenário econômico internacional. A persistência de um quadro de ineficiente coordenação de políticas macroeconômicas entre as principais potências agrava os riscos de instabilidade financeira e dificulta uma reativação da economia global.

Fonte: Folha de São Paulo, 05 de junho de 2003.

Editorial 7 (FSP7)

A 2 Terça-feira, 29 de julho de 2003

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * * *

Publicação desde 1870 - Propriedade do Barão de Mauá e S/A

Presidente: LUIZ DA SILVA

Editor: EDITORIAL CRÔNICA FOLHA DE S.P.

Supervisores: AIRTON MARIANI, TARCISIA MARQUES e DUDU PRATO

Editora associada: ELIZABETH LUCENA

Conselho Editorial: LUIZ ALBERTO SILVA, RICARDO KILIAN e CESAR LUIZ LUIZ, ELISABETH CORREIA, FÁBIO DE FOLGOSA, CARLA REGINA BORGES e LUIZ NABUCCI, GEÓRGIA SOARES, CARLOS LÉZIO DA COSTA, JOSÉ CARLOS PEREIRA, ALEXANDRE MOURÃO, TARCISIA MARQUES, LUIZ FÉLIX DE OLIVEIRA JUNIOR (até 06/07/2003)

EDITORIAIS

Embratim@uol.com.br

ESTOQUE DE PACIÊNCIA

EM DISCURSOS e improvisos de frequência quase diária, Luiz Inácio Lula da Silva tem pedido aos brasileiros que tenham paciência. Pesquisa Datafolha publicada no domingo indica que, decorridos seis meses desde a posse, a paciência do público parece longe de se esgotar.

O levantamento mostra o presidente estacionado em 42% de aprovação, desempenho semelhante ao de Fernando Henrique Cardoso à mesma altura de seu primeiro mandato (40%) e superior aos de Itamar Franco (24%) e Fernando Collor (34%).

Se a aprovação — expressa no percentual dos que consideram o governo ótimo ou bom — lembra a de FHC, a desaprovação é menor. A administração Lula é avaliada como ruim ou pessima por 11%, bem 17% no caso do tucano.

O quadro de percepção favorável ao petista impressiona por conviver com situação econômica amarga para amplos setores da população.

Em junho de 1995, FHC tinha para si a relativa novidade da estabilização da moeda e um crescimento econômico que garantia aos mais pobres acesso a inéditos itens de conforto. O Brasil de Lula é o da fila desesperada por um vaga de garf.

Além do tradicional crédito de confiança dado aos presidentes no início de mandato, outros dois fatores contribuem para explicar o conforto até agora desfrutado pelo governo. O primeiro é a figura do presidente. Seu estilo de comunicação, similar ao de apresentadores populares, caracteriza-o como "diferente dos outros políticos", atributo que boa parte da população considera — ao menos por enquanto — positivo. O segundo é o fato de as forças de oposição ao PT já terem passado pelo poder, o que difunde no eleitorado um sentimento de carência de opções.

Incluído o público não parece estar. A pesquisa revela que saltou de 31% para 42%, em três meses, o percentual dos que apontam o desemprego como o maior problema do país. A preocupação com o tema é mais de três vezes superior à despertada pela fome; alto do programa social de maior visibilidade do governo Lula.

Editorial 8 (FSP8)



Fonte: Folha de São Paulo, 05 de julho de 2003.

Editorial 9 (FSP9)

A 2 segunda-feira, 4 de agosto de 2003

FOLHA DE S. PAULO

O JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * * *

Publicação Diária - Propriedade de Imprensa Ltda. Rua da Marquês, 1111

Presidente: LUCIANO

Diretor Geral: OSCAR PEREIRA

Supervisor: ANTONIO STANISLAU

Editor: JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA

Assessor: JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA

EDITORIAIS

NÃO AO PLEBISCITO

A proposta de transferir a decisão sobre a proibição de venda de armas para um plebiscito em 2005, a ser votada na Câmara, sugere a existência de boas intenções democráticas para discutir uma questão polêmica. Consultas plebiscitárias e referendos são instrumentos da democracia, valiosos em decisões que envolvam temas relevantes, como a escolha da forma e sistema de governo em abril 1993.

Não parece ser esse, no entanto, o caso do comércio de armas. Embora a questão tenha importância e motive acalorados debates, trata-se de decisão que não representará mudança expressiva na situação atual.

A Folha tem defendido a proibição do porte, restrições à venda e o direito do cidadão manter arma em sua residência. É forçoso reconhecer, no entanto, que a existência de armas de fogo em mãos de civis, cidadãos de bem ou criminosos, é em larga medida fruto de comércio irregular, seja através de contrabando, seja por des-

vios de corporações autorizadas a usá-las. Inicialmente, sobre a proibição do comércio não teria efeito, salvo, possivelmente, o de estimulá-lo. Segundo o relatório "Regularização de Armas de Fogo e Produtos Correlatos", elaborado pelo coronel do Exército Diógenes Dantas Filho juntamente com o Ministério Público Militar Federal, a quantidade estimada de armas não registradas no país seria de 20 milhões, contra 1 milhão de registradas.

A completa proibição da comercialização de armas por civis não teria substancialmente esse quadro. Mobilizar a sociedade para decidir sobre a questão acabou por gerar boas expectativas, podendo resultar em frustração e desnecessário desagraste do mecanismo plebiscitário.

Cabe ao Congresso assumir o ônus da decisão de impor os limites à circulação de armas, sem cair na armadilha de elaborar legislações excessivamente restritivas que serão descumpridas tão logo implantadas.

Fonte: Folha de São Paulo, 04 de agosto de 2003.

Editorial 10 (FSP10)

A 2 sexta-feira, 8 de agosto de 2003

FOLHA DE S. PAULO

1250 DIÁRIOS • 3.348.000 COPIAS DIARIAS • 4.990
Fundada em 13 de maio de 1889. Última edição: 14 de maio de 2003.
Fundador: LOPES FILHO
Diretor-geral: Edson Luís de Lima Souto
Supervisor-geral: Antônio Carlos Tomazini
Zelador-geral: Edson Luís de Lima Souto
Circulação: 3.348.000 (média mensal) em setembro de 2002. Dados de circulação de 2002. Circulação em julho de 2003: 3.348.000. Circulação em agosto de 2003: 3.348.000.
Folha de S. Paulo é uma publicação de propriedade da Folha de S. Paulo S.A., inscrita no CNPJ nº 06.948.010/0001-90, inscrita no Estado de São Paulo. Endereço: Rua Assis Brasil, 1000, Jd. Paulista, São Paulo, SP, 05508-900. Telefone: (11) 5082-1000. Fax: (11) 5082-1001. E-mail: folha@folha.com.br

EDITORIAIS
L. S. M. (11) 5082-1000

ROBERTO MARINHO

A morte de Roberto Marinho marcou uma existência longa e fecunda que se entrelaçou com toda uma época vital nacional.

Ainda muito jovem quando nasceu, em 1925, o encarregado de conduzir um jornal então recém-fundado por seu pai, Roberto Marinho, desempenhou inteligência consciente com firmeza e seriedade de compromisso das comunicações essenciais para o país, nos anos 40 do século passado, em conjunto com o amplo profissionalismo que a Folha de S. Paulo passou a oferecer a partir do início da década de 70.

Sua contribuição mais decisiva remonta, porém, à criação de um dos maiores conglomerados de comunicação do mundo e à consolidação de um modelo de influência do estabelecimento que ajudou a moldar a cultura de massas e a imaginação popular no Brasil dos últimos cinquenta anos.

Dado-se questionar se o crescimento exponencial da Rede Globo não abriu outras possibilidades de expressão no país ou se não resultou em alguma medida da abertura entre a televisão e o regime militar, do qual foi essencial porta-voz ativa a um certo período. Mas é inevitável que, por essa abertura e ao trabalho pessoal de Roberto Marinho e de um estípite, a televisão brasileira alcançou elevado patamar cultural e se estruturou em uma poderosa dimensão

de integração cultural do Brasil.

Os parâmetros dessa visão marinho foram na escola de jornalismo representada pelo jornal "O Globo", um dos mais influentes do país, modelado sobretudo pela tradição de objetividade e pela ênfase na interação com a comunidade, que não mesclou um amplo leque de produtos e serviços que aliamos, desde as possibilidades de comunicação, rádio, livro, TV por assinatura, internet.

Em termos pessoais, Roberto Marinho foi um homem de interesses múltiplos, que saiu do esporte às atividades políticas, compondo uma personalidade multifacetada que fez valer o reconhecimento expresso em sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. Apesar do poder que possuiu, em pessoa ele hábitos simples e humildes.

De jornalista boêmio dos anos 70 à conquista de uma academia, Roberto Marinho foi um dos pioneiros da evolução que fez da indústria de comunicações brasileiras uma realidade pujante, diversificada e em conjunto com o desenvolvimento da sociedade. Por essa modesta homenagem, hoje um período de séculas dificuldades e motivação não para que seja exemplo de trabalho árduo, do espírito, honesto e dedicado de enfrentar adversidades e buscar um progresso digno.

Editorial 11 (FSP11)

A.2 - quarta-feira, 3 de setembro de 2003

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Cada edição custa R\$ 1,50 - Propriedade: Folha de S. Paulo S.A. - Rua do Cantão, 200 - São Paulo - SP - 01302-907

Presidente: Lúcio Flávio

Diretor Geral: João Roberto Moraes

Supervisor Geral: Antônio Carlos de Toledo - Diretor de Redação: Roberto de Almeida - Diretor de Serviços: Carlos Roberto de Almeida

Coordenador Geral: Roberto Moraes - Diretor de Redação: Roberto Moraes - Diretor de Serviços: Roberto Moraes - Diretor de Circulação: Roberto Moraes - Diretor de Publicidade: Roberto Moraes

EDITORIAIS

Em alta e baixa

CARGA PESADA

EMBORA não seja propriamente nova, tal se difundindo a percepção de que a sociedade brasileira paga impostos demais para receber serviços de menos. Com uma carga tributária de 36% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2002, segundo a Receita Federal, o Brasil nesse quesito equiparou-se a países europeus, sem atingir a mesma qualidade e eficiência nos serviços públicos.

A proposta de reforma em debate na Câmara dos Deputados não deverá melhorar essa situação. Ao contrário, poderá piorá-la.

A progressiva elevação da carga tributária do Brasil vem ocorrendo desde 1994, quando representava 25% do PIB. Parte significativa desse aumento foi direcionada para pagamento de juros da dívida pública, e não para gastos sociais e investimentos em infraestrutura. Nos últimos anos, a cada crise existiu sempre um aumento de juros e um pouco tributário. Aos aumentos de impostos correspondiam elevações da despesa financeira do setor público, tornando-se um círculo vicioso que gerou a necessidade de um "ajuste fiscal permanente".

A contrapartida do gasto público para cumprir as metas de superávit primário acordadas com o FMI desde 1998 afeta diretamente a população de baixa renda, esmagando-a por uma carga tributária crescente. Os impostos diretos e indiretos absorvem 41,7% dos salários, mais do que ocorre, por exemplo, na Bélgica e na Alemanha.

Entre janeiro e julho deste ano, o setor público apressou um superávit primário de R\$ 44,1 bilhões, insuficiente para pagar os juros de R\$ 65,3 bilhões (10,19% do PIB). Como resultado, o estoque da dívida pública chegou para R\$ 877,1 bilhões.

Lamentavelmente, num cenário como esse, a falta de maior resiliência para conciliar interesses conflitantes o prescreveu o ajuste fiscal tende a ser exantópico em novo aumento da carga tributária. Se o aumento se for esse a consequência de uma reforma da qual a sociedade esperava maior simplificação e estímulo ao setor produtivo e às exportações.

Fonte: Folha de São Paulo, 03 de setembro de 2003.

Editorial 12 (FSP12)

A 21 quinta-feira, 4 de setembro de 2003

FOLHA DE S. PAULO

UM DIÁRIO A SERVIÇO DO BRASIL ***
Fundada em 1858. Propriedade da Imprensa Paulista S.A.

EDITORIAIS

Em português brasileiro

AMEAÇA AO PROVÃO

São 100 mil alunos em uma de que o governo do presidente Lula iniciou há de três meses a proposta de fim de sistema de avaliação do ensino superior que atinge conceitos e notas a cada curso universitário. Ao mesmo tempo, o que sugere o relatório final da comissão criada pelo Ministério da Educação para propor mudanças no atual sistema de avaliação. Mesmo assim, o ministro da Educação, Cristovam Buarque, continua a insistir em relação ao relatório. Resta esperar que sejam incorporadas as modificações.

Ninguém pretende que o atual sistema de avaliação, baseado principalmente no provão e na chamada análise das condições de ensino que consideramos como instalações físicas, bibliotecas, qualificação do corpo docente, currículo, seja perfeito. Mas não podemos, grande parte das críticas que se fazem ao provão é bastante pertinentes.

A questão é que, ao propor a avaliação por competências e o fim dos exames obrigatórios, a comissão acaba com a possibilidade de comparar diferentes escolas que oferecem o mesmo curso. Na linguagem da tecnologia, ainda tem a característica de ser um sistema de avaliação — em pelo menos a maioria das vezes — voltado para a avaliação.

Mais do que isso, o sistema sugerido — ainda que possa proporcionar uma avaliação global mais justa e mais eficiente — tem a característica de ser um sistema de avaliação que vai optar por uma maneira a possibilidade de decidir entre diferentes escolas, por aquela que tiver o melhor ensino, mesmo considerando que esse "melhor" se refere a uma objetividade problemática. Simplesmente, um pouco, a fim de que frequente as melhores universidades públicas, não poderia não ser o fim do provão, já em alguns de nossos cursos, que ocorrem com frequência — os cursos de graduação — a rede privada, particularmente a principal ferramenta para julgar os alunos.

A impressão que se tem é que a proposta da comissão foi concebida para uma universidade ideal que não existe no Brasil. Pode-se até criticar a gestão acadêmica por não absorver todas as oportunidades, mas as instituições particulares, contribuindo para uma maior "modernização" do ensino superior. A rede privada representa, em 2002, 39,4% do total de instituições de ensino superior. Esse é um dado de realidade que não será alterado pelas convicções de quem quer que seja.

O erro fundamental é que, diante desse quadro, é impossível — para não dizer impossível — avaliar com a avaliação baseada no desempenho de cada curso. Entretanto, esses tipos de avaliação seria realmente, em termos de avaliação — e ainda mais próximo — de que se acredita de fato sobre o ensino superior. A avaliação opera também com um erro: a ideia de que há um melhor ensino em várias instituições, tentando a usurpar o lugar de avaliação educacional.

O provão é o sistema de avaliação, legado pela gestão anterior e que deve ser aperfeiçoado, mas sem ignorar as limitações da realidade. Mas quando ideal, a avaliação deve ser feita sem necessidade, pois as universidades seriam por definição as melhores possíveis. Só que o erro não é uma hipótese infundada.

ANEXO 2 - Editoriais do Jornal do Comércio

Editorial 1 (JC1)

JORNAL DO COMERCIO

Recife, 3 de abril de 2003 - Quinta-feira

Brasil Alfabetizado

En volta recente a Pernambuco, o ministro da Educação, Gustavo Boucinha, procurou explicar aos professores a filosofia do novo programa federal destinado a "entender de vez o analfabetismo", agora intitulado Brasil Alfabetizado. Em termos gerais, o projeto se caracteriza pela promessa de repasse de recursos diretos para as prefeituras arcaicas e oferta de monitorias nos cursos de alfabetização, utilizando também recursos próprios. Alguns dirigentes municipais se queixaram da falta de informação mais detalhada sobre o projeto, mas todos reconheceram a educação como de máxima importância para a administração municipal.

Uma das críticas feitas durante e depois da reunião foi a de que o projeto, de amplitude nacional, que tem a preferência de colocação no Brasil entre os países em desenvolvimento, não está sendo acompanhado em Brasília, sem a participação de representantes dos municípios. A Associação Municipal de Pernambuco (Ampe), que defende a seção para acolher a comissão do ministro e os prefeitos envolvidos, acha que deveria ter sido conquistada, antecipadamente, pelos dirigentes locais, que poderiam explicitar os interesses do Ministério que as prefeituras do Estado, em sua maioria, vivem em emergência permanente. Mas, certamente, não há quem diga o contrário. Não se pode o Governo não o contrário, gentilmente por querer a exclusão de assuntos antes de qualquer iniciativa prática. Agora, quando um dos seus ministros não opera usualmente por não fazer "devido" exclusivamente um torço que há muitas vezes tem sendo objeto de congressos e discussões.

É claro que se o momento dos recursos disponíveis para o programa é escasso, uma vez que o orçamento de 2003 foi decurtado em relação ao passado. Mas, todos os presentes tiveram a promessa de que o governo se repassará R\$ 15 por mês, por aluno alfabetizado, para cada mês de alfabetização. Esse dinheiro será

desviado aos professores de ganhos letais, como contribuição do Governo Federal, quanto à infraestrutura e ao necessário material didático, e os ficando por conta dos municípios.

Tudo programa novo para os municípios. Mas, a lugar por as aparências, o Brasil Alfabetizado não é muito inovador. Com uma amplitude maior, vem se juntando outros projetos existentes, na área de educação em Pernambuco (Projeto 33 municípios analfabetos), Projeto de Ensino (40), Se Liga Pernambuco (40), Recomeço (40) e Escola do Saber (apenas no Recife). Nenhum deles se dirige a crianças em idade pré-escolar, mas aquelas que não foram alfabetizadas quando pequenas e hoje se encontram nas idades de 9 a 24 anos. Há variedade de programas e é financiada em pelo MEC, ora por governos estaduais e municipais, ora mesmo por municípios pernambucanos privados. O Se Liga Pernambuco, por exemplo, recebe recursos do Instituto de Apoio Social, órgão privado. É uma luta pelo desenvolvimento educacional, em várias frentes, com diferentes patrocinadores.

As últimas estatísticas do IBCE e do próprio MEC, em um sentido que os ministros da Educação, no Brasil, vêm melhorando, progressivamente. O que se deveria explicar minuciosamente é se o lançamento de mais programas educacionais, independentemente da superposição com outros já em funcionamento, a cargo do Governo Federal, como o Programa Nacional de Escola Mínima Vitalidade e Educação, também chamado de Bolsa-Escola, são justificáveis pelo governo de FHC, em 2001, com orçamento total de R\$ 17 bilhões, com base proveniente do Fundo de Combate à Pobreza. Seu objetivo seria atender cerca de 10,7 milhões de crianças de até 15 anos. Para cada criança matriculada, a família tem direito a R\$ 25. Assumimos o número que será repassado, por aluno, às prefeituras, pelo programa Brasil Alfabetizado.

Seria importante explicar se o novo programa vem complementar ou se sobrepor ao do Bolsa-Escola, de 2001

Editorial 2 (JC2)

JORNAL DO COMERCIO

Recife, 6 de abril de 2003 - Domingo

O que fazer com o bandido?

Para facilitar o projeto federal de criação de um Poder Judiciário de Segurança Pública no Brasil, o que inclui a transferência de várias competências federais nos Estados, o titular da pasta da Justiça, Milton Duarte Bastos, chegou a dizer, em uma entrevista, que o seu intuito, nos próximos anos, é trabalhar com uma estrutura, só transferindo recursos para os Estados. Agora, passaria a atuar na linha do frente contra o crime organizado, que se transformou, sem dúvida, numa questão nacional.

Frente às medidas previstas para fortalecer o Sistema de Inquirição, além do Sistema Único de Defesa (SUD) - este o chamado estágio de finalização para o sistema - o Congresso na proposta que trata da segurança pública. As outras iniciativas podem ser assim resumidas: aprovação das regras vigentes sobre inquirição nacional, promulgação da lei de inquirição nacional e legislação para a criação de segurança pública estaduais no País e o início da implementação de programas voltados na TV, o que é feito apenas, nos casos concretos, à luz da Constituição Federal. De concreto, no entanto, somente a aprovação de presidentes federais em vários Estados da Federação.

No entanto, resguarda a criação de presidentes federais (previstos inicialmente para os Estados de Acre, Amazonas, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Maranhão) levou a um impasse. Assim, o Ministério da Justiça vem procurando federalizar presidentes estaduais, em alguns casos, com resultados satisfatórios. A pressa se deve ao aumento vertiginoso de criminalidade nas capitais, ao mesmo tempo que vem pressionando o Governo Federal, para emitir um projeto que seja aprovado, indicando como vindo pela mídia, o que agora se encontra numa das mãos da Polícia Federal, no Estado de Alagoas, tratando com o crime para o crime, do que se sabe, está sendo investigado por agentes do Brasil, que precisam atuar pelo deslocamento. Até o contrário, melhor da que o da maioria das que esse em atividade, em transição. Não isso, poderá ser modificado, por ele tem mais de um problema, incluindo, de um lado, que em um outro de alimentos como cáries, hipertensão, falta de sol, entre outros, são estimados pelo o habitante. Desse ponto de vista, é o caso dos cidadãos unidos em um só ponto.

Condição: ainda em uma sessão, o advogado José Paulo Cavalcanti Filho, que já foi secretário-geral do Ministério da Justiça, disse, durante o debate, "segundo a legislação penal, deveria permanecer preso o crime, mas o que acontece na prática é diferente. Pelo o que se sabe, no Rio, o crime foi levado pelo Governo Federal, para São Paulo, depois para Manaus, e agora se prepara para ser transferido a um estado em Alagoas, no Piauí, que seria transferido ao Piauí, transferido ao Piauí, o governador chapeado sendo do PT, partido que está no poder, acabou de mudar a política criminal, a criminalidade espécie de presidente. Mas, pressionado por outros líderes que pediram do Piauí, transferiu o crime."

O crime organizado deve estar ainda a incapacidade das autoridades em responder às suas provocações, cujo palco mais ostensivo é o Rio de Janeiro.

O crime organizado deve estar vindo da incapacidade das autoridades em responder às suas provocações, cujo palco mais ostensivo é o Rio de Janeiro

Arrematou-se que o governador do Espírito Santo, Paulo Hartung, depois de uma longa carreira, com o presidente da República, resolveu dar autorização para que seja instalado uma das unidades prisionais em seu Estado. Por enquanto, apenas o Acre, na fronteira com o Colômbia, possui um presídio federal. Mas, sem tempo, transferiu para Alagoas, chefe da marinha de guerra.

Fonte: Jornal do Comércio, 06 de abril de 2003.

Editorial 3 (JC3)

Nós temos memória

Em certos esforços que se verificam em Pernambuco na defesa de nossa memória, destaca-se a intenção da Câmara Municipal do Recife de restaurar e seu arquivo permanente. Sabe-se — como já se viu neste jornal — que os documentos produzidos pelos nossos governantes em quase três séculos se encontram em condições lastimosas, pelas condições físicas do arquivo e porque não se dá a necessária atenção aos papéis que guardam os fatos importantes da História do Estado e de sua capital.

Agosto há a ocorrer o centenário da criação da nossa Capital, a começar pelo Govern. de Mascarenhas de Albuquerque em relação a sua condição de terra-palatinado e Câmara de Vereadores, com o que não concordava a corte de Olinda, daí se originando o conflito. Pois foi nessa época que a Câmara de Vereadores está em luta com os Terras de Vera Cruz (de 1734 a 1738). Um documento com quatro páginas, entre os mais antigos e raros do Brasil, se encontra esquecido entre papéis de um e agora negligido faz parte da preocupação do presidente da Câmara, Waznerat Borges, de rescatar o esquecido.

A decisão que a dita denúncia anterior a isso vem nos primeiros dias da Câmara fez com que eles fossem sendo transferidos para o local — o prédio Arcação Logica, Honório e Gregório de Pernambuco, onde se pode encontrar atualmente o Poder Legislativo municipal do Recife nos setores 19 e 21 do quarteirão próprio. Basta uma visita ao local para avaliar o esforço pelo resgate de um dos episódios de nossa memória, mas há muito mais a se preservar.

Tanto quanto os Terras de Vera Cruz — que nos trazem o Recife de Colônia e do Império — ali se encontram documentos que podem servir de base para os trabalhos científicos da cidade como ela se encontra, a — entre os muros de governo, os papéis e pontos. Dos arquivos permanentes da Câmara de Vereadores existem especificamente da imprensa antigos que expõem

com êxito a história do Recife e sua vida econômica durante o Império. Legado municipal, responsável pelas ações executivas, sempre ambientadas para a Prefeitura e Prefeitura Republicana.

Sabe-se que para concretizar o projeto Memória Legislativa da Cidade do Recife, vereador Waznerat Borges está recorrendo a Brasília, com ênfase nos pontos do Ministério da Cultura, em no Ministério da Educação. O entendimento é alcançar a finalidade que pode contribuir a preservação de nossa memória municipal e nos trabalhos transferidos a UFPE. Ali, no Departamento de História, a Câmara Municipal tem seu principal apoio técnico para a organização, recuperação e catalogação de todos os documentos do arquivo.

São bons sinais, além, mostrando o interesse da sociedade por este patrimônio, não por um lado a cidade que tem sempre de dedicar a questões que parecem sempre secundárias. De outro, a sinergia do poder legislativo municipal com instituições que podem impulsionar que parte importante de nossa memória se destaque no legado municipal da história e do presente. Por isso deve

se sempre ressaltado qualquer esforço nesse sentido, recebendo o maior apoio de todos os segmentos envolvidos na atividade pública.

Só não preservar o arquivo permanente dos arquivos de Vera Cruz do Recife e entregá-lo à população como material de consulta dos pesquisadores e, até, para o debate dos cidadãos pelo nosso passado, é uma tarefa que vai muito além da existência da exposição e sua capacidade, ou incapacidade, de manter a memória um instrumento de patrimônio e enriquecimento cultural, modelo de legado — até, inspiração para o quanto deve ser feito, tanto, por exemplo, quanto a história da comunidade entre os assuntos secundários, em uma ocorrência pública, podem finalmente ser organizadas para fazer história, que não dizem memória.

*Restaurar e
preservar a
memória legislativa
do Recife é tarefa de
todos*

Editorial 4 (JC4)

JORNAL DO COMMERCIÓ Recife, 7 de maio de 2003 - Quarta-feira

Desemprego cresce

A falta de oportunidades de trabalho continua um problema grave para os brasileiros, apesar das promessas de criação de milhões de empregos, feitas pelos principais candidatos à Presidência da República no ano passado, iniciadas por Luís Inácio Lula da Silva, que ganhou a eleição. Ao contrário do esperado, a oferta de postos de trabalho continua cair, para desespero de quem já está no mercado de trabalho e das jovens que nele entram com interesse. Queremos que o Primeiro de Maio, com seus pais e familiares, trabalhasse também em busca de qualidade. Por quê? Um Brasil bem-educado em recursos humanos e humanos não desenvolve esta necessidade social, embora não haja e precise. Não é novidade. A crise econômica e social se instalou há muitos anos, e o nível de emprego vem caindo desde então, a par de agravos fundamentalmente nos anos 90. O pior é que o estagnar na abertura contribui para o motor econômico nacional e em compromissos desvirtuados ao país, associados com o pagamento internacional, colocou o Brasil numa situação de "uma cidade" de romper. Tanto que o novo Governo alegou-se com um programa que não conseguiu realizar, está aplicando com o melhor, o de sempre: mais altas, maiores oportunidades, crescimento e produção e ao consumo, dependem da existência de investimentos externos e de práticas especulativas.

As consequências de negligência de uma política do projeto Sauron J. Debris, Héctor e nossos leitores dados e outras informações sobre a situação. Não se trata somente de desemprego, mas também enculham, sacrificando o assalariado, impossibilitando a população e infligindo consumo. Além disso, chegou a 50% o índice medido pelo IBGE para a população em rendimento entre um e 60 salários mínimos, aumento nos três primeiros meses deste ano. No mesmo período do ano passado, ele foi de 1,88%, isso significa que o rendimento médio do brasileiro caiu de R\$ 966,12 em março de 2002 para R\$ 842,90 em março deste ano. Se o valor do salário mínimo fosse hoje o equivalente de 1993, quando foi instituído para ser de R\$ 781,86 (o ano de 1993 era R\$ 240).

Essa fragilidade do mercado de trabalho brasileiro se mantém, assim, tanto nos últimos salários quanto desaparecimento de postos de trabalho e na falta de novas oportunidades para a mão-de-obra. Assim, no Recife, em todas as grandes cidades do país, qualquer oferta de trabalho gera filas qualificadas de candidatos, compradas por jovens iniciantes e por profissionais já maduros, jogados ao desemprego pela ociosidade (ou pela estrutura) Trabalhadores de nível superior também concorrem com aqueles que possuem qualificação ou bônus por qualquer chance de melhoria. É nesse panorama que entra em cena o trabalho informal, que dá alguma garantia de sobrevivência ao trabalhador, mas não lhe dá segurança na velhice. Além disso, não tem acesso à previdência social. A informalidade gera incertezas, como o transporte clandestino, a deterioração urbana com proliferação de camelôs.

Diante de problema tão grave e antes que possa haver uma mudança estrutural que tragam o crescimento brasileiro, um medicamento necessário é tomar mais atitudes a contrairão de mão-de-obra, aumentando e sustentando as seis trabalhos criadas em decorrência da Revolução de 1990. Atualmente os pagamentos às empresas são precariamente operadas por obrigações trabalhistas, o que exige muitos que pendem o seu tempo com o desenvolvimento do País e uma consciência social que não havia nos anos 30-40 do século passado. Esperamos que propostas como esta e outras, amenizem o problema do desemprego. E, sobretudo, que o Governo não se esqueça de pagar sua promessa de um novo sistema econômico menos dependente

*Queda de
produção e salário;
trabalho informal,
excesso de
regulamentação*

Editorial 5 (JC5)

JORNAL DO COMERCIO Rio de Janeiro, 2 de junho de 2003 - Segunda-feira

Investimentos em infra-estrutura

O Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva pretende dar prioridade à infra-estrutura, não descontinuar o funcionamento de vertes amarradas pelo arrocho com vista ao superávit primário (FMI). Se algum aperto era necessário para atingir a flexibilidade para o Governo de um período de inflação zero, ocorreu, e quando o mal considerado pela comunidade financeiro parece que, pelo fim do seu prazo, no semestre de atualizações, há pouco menos sinais de mudanças à vista. Claro que não para perder o equilíbrio, mas para cumprir o que há de bom no programa do FMI e do seu projeto de Governo. O ministro do Planejamento, Guido Mantega, já anunciou a liberação de um bilhão de reais do CGU. Além de ampliar a capacidade de gerar infraestrutura, que se mantém de quase 15% em suas vendas no primeiro trimestre desse ano, também o setor de ferrovias terá a possibilidade de revitalização. Sob as regras dos empresários e devido à manutenção de altas taxas de juros, Mantega deu-lhes a cobertura respondida oficial, acredita que essa taxa é temporária, durante até que a inflação (1994) seja controlada.

A revitalização do transporte ferroviário é vital para uma Paísi continental como o Brasil. Não dá para entender como, e partindo pós-guerra e da implantação da indústria automobilística, sucessivos governos tenham abandonado a própria rede de ferrovias aqui implantadas, sobretudo desde o início do século 20. Devesse levar em conta que as primeiras ferrovias brasileiras foram construídas como meio de transporte de matérias-primas para os portos, sob a ótica colonialista dos grupos britânicos que usavam também como meio de exportação. O transporte de passageiros em coisa nenhuma. Esse ponto de vista persistiu no passado para a criação privada da RFFSA e nos estados de ferro que haviam sido estatizados por meio das proptérios e do interesse comum de investir.

Nos meios do Governo, não foram feitos grandes progressos na conservação e utilização dessas vias. Além de pulchritudo e escrupulos e de sua administração com os interesses do País, as ferrovias foram mantidas em forte desigualdade de empresas para investimentos e custos elevados, o limitamento da indústria automobilística nacional, nos anos 90, com prioridade absoluta ao consumidor. Faltaram investimentos no Brasil, pois, nem nos Estados Unidos nem no Japão, ou na Itália ou na França, nem em outras desenvolvidas, a chegada de um modal e do transporte coletivo de cargas fez com que se abandonasse o sistema ferroviário já implantado, não se poderia investir em sua manutenção e expansão.

A privatização da RFFSA, em 1994, foi uma tentativa do Governo de livrar-se de um prejuízo anual de R\$ 350 milhões. As concessões feitas, com atendimento da malha, custaram R\$ 185 bilhões em licitações, mas pagamentos anuais de cerca de R\$ 50 milhões pelo uso de trilhos, locomotivas, vagões etc. A malha da rede não foi reparada de maneira correta, ficando algumas concessões deficitárias. Além disso, não há punção contínuada pelo desempenho das empresas, como o do investimento prometido pelo Brasil e do setor. É na realidade entre outros.

A nova rodada de investimento é de cerca de R\$ 1 bilhão. O BNDES, que já planeja as ferrovias, entrará com mais financiamento. O Governo só poderia investir no reequipamento de 2004. Mas vai reequipar as concessões e reatuar o transporte de passageiros. Na mesma região, a CPFL (Comp. de Energia do Nordeste), que substituiu a rede estatal, promete investir R\$ 60 milhões na linha de ferro que vem de São Luís (MA) até o Recife (PE) em 100 km. Mas uma vez, falta ser na Transnordestina. Ela integrará também essa linha, com investimentos da União. O que já faz, tem, ali, nos anos 90, está vivendo o setor. Termino de. É o que falta no Nordeste.

Governo quer revitalizar ferrovias e já se volta a falar em Transnordestina

Fonte: Jornal do Comércio, 02 de junho de 2003.

Editorial 6 (JC6)

JORNAL DO COMERCIO

Recife, 3 de junho de 2003 - Terça-feira

Impasse no Bolsa-Escola

Ossas que mereçam umachamada de programa, puestas em vários jornais brasileiros, incluído neste JC, o País, despende cerca de 6,5 mil horas-convênio. Com isso, se evita "deixando de levar comida e educação a cerca de 1,94 milhão de crianças e jovens", segundo o planejamento feito para Foz de Iguazú, estado de 25 de junho (fimiro), com base em dados do Ministério da Educação (MEC).

Explica-se assim o mecanismo desse estratagem: "As bolsas são (dadas pelo Governo Federal) a famílias com renda per capita de até R\$ 90 que tenham até seis filhos de 0 a 15 anos em idade. Os recursos, porém, sobram devido à burocracia e ao desatualizamento entre os responsáveis". A planilha burocrática da administração pública brasileira, é preciso que se reconheça, tem a boa intenção de preservar o erro e reduzir a possibilidade de corrupção oficial. No entanto, quando este seja burocrático é levado ao extremo, a ponto de que os recursos destinados ao programa não se possam chegar às suas mãos.

O Programa Nacional de Fomento Educativo viu a luz a implementação criada pelo Governo Federal anterior, depois de uma experiência da área estadual implementada anteriormente pelo Banco das Trabalhadoras, em algumas cidades administradas por prefeitos petistas. Mas, o Governo Federal resolveu unificar o instrumento, o caso de todos os seus programas sociais, o que o levou a incluir no cadastramento as beneficiárias citadas que necessitam a vários ministérios. O novo formulário tornou-se complicado, com centenas de guilermos a preencher e, assim, difícil de ser atendido pela maioria das prefeituras brasileiras. Diz a reportagem do jornal paulista que se o "Sistema Federal, na realidade, utiliza todas as bolsas a que tem direito, segundo dados de abril do Ministério da Educação (MEC)".

Basta nesto imaginar as limitações de recursos municipais espalhadas por todo o território nacional. A cidade de Arapiraca, por exemplo, conta de usar mais de 90% das bolsas que poderia solicitar, segundo foi agora revelado. Em Pernambuco, a quantidade de bolsas não repassadas por problemas burocráticos ultrapassa 141 mil.

A União prevê para 2003, comitida para realizar o processamento do Cadastro Único dos Beneficiários dos Programas Sociais do Governo Federal, um final fimiro, não parece ter preparado para esse tipo de serviço. Seus programas de computadorização apresentam falhas no cadastramento errático. E as prefeituras cometem muitos erros, com duplicação de dados e falhas na grã-burocracia de alguns municípios. Já os próprios sistemas que fazem com as crianças ser cuidado de (inscrição), uma das exigências dos planejadores. Cada sistema também exige informações sobre a situação dos pais e ocupação, emitem um rão de saqueamento bancário e outros procedimentos mais tipicos de um reconhecimento geral do que um cadastramento de beneficiários a famílias pobres.

Algumas cidades, como o Recife, dispõem do cadastramento próprio, num aplicativo de seu programa social, e até mais poderoso, em nível municipal. Por isso, o índice de atendimento estatístico do MEC, como a cidade metropolitana, quer maior número de bolsas do Governo Federal não atingidas (68,77% em todo o Brasil, somente para o programa em Natal, este índice vai para 27,69%, em Manaus para 24,58%, em Recife para 17,77% e em Fortaleza para 15,27%. Com efeito, apesar de ter 400 mil bolsas-escola federais disponíveis para a área da capital, não sendo aproveitadas. Em nota oficial, sem comentar os dados, a Prefeitura afirma que "o sucesso do cadastro utilizado pela Prefeitura de Recife fez com que o Ministério da Educação iniciasse a sua ação para a programação de distribuição do Bolsa-Escola federal em todo o País". Que assim seja. Mas, se alguma vez isso acontecer, será muito bom que se pudesse tornar a importância total da contribuição de entidade, o benefício concedido, mesmo que de forma indireta, pelo Governo Federal para as crianças pobres de todo o País.

A real dificuldade do cadastro está sufocando um programa prioritário do Governo Federal

Fonte: Jornal do Comércio, 03 de junho de 2003.

Editorial 7 (JC7)

JORNAL DO COMMERCIO Recife, 2 de julho de 2003, Quarta-feira

Férias: ganhos e prejuízos

Recortada neste jornal, no último dia 20, assinada por Vladimir B. de Sá, trata-se de um artigo publicado no jornal do comércio de Recife, em 2 de julho de 2003. O texto discute o impacto econômico das férias no comércio local, especialmente no Recife, e analisa os ganhos e prejuízos para diferentes setores da economia durante esse período. O autor aponta que, apesar de algumas atividades serem estimuladas, como o turismo e o comércio de serviços, outros setores, como o comércio varejista e o setor de saúde, podem sofrer impactos negativos devido à redução da população ativa e ao fechamento de estabelecimentos comerciais.

Além dos serviços ligados diretamente ao turismo, setores como o pólo médico aumentam suas receitas.

Recortada neste jornal, no último dia 20, assinada por Vladimir B. de Sá, trata-se de um artigo publicado no jornal do comércio de Recife, em 2 de julho de 2003. O texto discute o impacto econômico das férias no comércio local, especialmente no Recife, e analisa os ganhos e prejuízos para diferentes setores da economia durante esse período. O autor aponta que, apesar de algumas atividades serem estimuladas, como o turismo e o comércio de serviços, outros setores, como o comércio varejista e o setor de saúde, podem sofrer impactos negativos devido à redução da população ativa e ao fechamento de estabelecimentos comerciais.

Recortada neste jornal, no último dia 20, assinada por Vladimir B. de Sá, trata-se de um artigo publicado no jornal do comércio de Recife, em 2 de julho de 2003. O texto discute o impacto econômico das férias no comércio local, especialmente no Recife, e analisa os ganhos e prejuízos para diferentes setores da economia durante esse período. O autor aponta que, apesar de algumas atividades serem estimuladas, como o turismo e o comércio de serviços, outros setores, como o comércio varejista e o setor de saúde, podem sofrer impactos negativos devido à redução da população ativa e ao fechamento de estabelecimentos comerciais.

Fonte: Jornal do Comércio, 02 de julho de 2003.

Editorial 8 (JC8)

JORNAL DO COMMERCIO

Boletim, 4 de julho de 2003 - Sexta-feira

O primeiro emprego

O pagamento festivo do próximo Primeiro Emprego pelo governo federal, chega carregado de expectativas, mas traz também a sensação de um projeto que gerou muita expectativa de por exigir alguma realidade. Até os últimos agarraram a ideia (exceto entre a elite) e o número real para mais de meio milhão de novos desempregados nos seis primeiros meses de administração, acerto se com a geração de 300 mil empregos em 12 meses.

As cenas de milhares de pessoas de quando saíram de ganhar Rio de Janeiro, os vários indicadores econômicos do maior polo produtivo e empregador do País - São Paulo - a redução da contaminação e queda nos preços, os seguros mercados de desemprego nos regimes mais exóticos de todo o País, tudo aponta na direção contrária a qualquer avanço econômico deste seu programa presidencial.

Então se trata de pessimismo, mas de avaliação realista do que está ocorrendo. Mesmo a importância das reformas em andamento começa com suas ênfases os primeiros de casa dos Estados que a realidade geral da condição de vida das famílias. Uma melhoria que passa pelo crescimento da economia, melhor distribuição de renda e o entrelaçamento de todos os indicadores negativos que dependem dessa entrada no cenário dos países desenvolvidos, onde estabilidade de câmbio e principal aumento da produtividade.

Surpreende, entretanto, os delimitados critérios, as prioridades anunciadas - trata-se promessa de um expediente de crescimento - e programa atrelado a um de difícil aplicação, como o plano Zed, o que se criam circunstâncias que ocorrerem inviabilizariam o Primeiro Emprego no futuro. Uma dessas considerações é a compatibilidade entre a busca de um emprego para as gerações que estão ainda nos estudos ou chegando ao mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, apontar como o início de nova política previdenciária do País o estabelecimento de uma nova estrutura de contribuição de trabalho.

Se o pagamento de tributos é esta medida pela estagnação do crescimento, se o número de desempregados cresce - o que se agravará com o tipo de enfermidades, das que obrigam as famílias, como a invalidez - se as empresas deixarem tempo não vendido e produziram (há mais difíceis para fazer), cria um cenário que as primas se alocam para os mais jovens, principalmente em um cenário como o Brasil, onde a especialização para o trabalho é produto de luxo.

Por tudo isso, teme-se que esse Primeiro Emprego não passe de uma retórica de poder. Mas ele também nos remete à uma questão recorrente: que não se dê por fundamentado em todos os programas de governo a desconexão da produção com o propósito de gerar empregos - evitar a economia. Isso parece ser uma equação muito sempre mais de difícil aplicação.

O presidente Lula disse clara e objetivamente em todos os pronunciamentos de campanha que o Brasil só teria a situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos e até chegasse a um número próximo de 10 milhões.

Para isso, disse repetidamente, precisava diminuir a produção - o que parecia ponto de partida ou determinação (na época - como então - ao Congresso o projeto de reforma estrutural).

Entretanto, não era que a realidade do Brasil de que vivemos não se o cumprimento daquela promessa. Para começar, o maior presente é de que a carga tributária em peso ainda mais, para atender aos inúmeros interesses de grupos locais, de nível municipal e do União. Com, então, budgets e o crescimento do mercado de trabalho. Porque que em se processo bem mais que a manifestação de intenções do governo e os de governantes, as delimitadas se previu para uma questão social muito mais que País não repensado.

Teme-se que esse Primeiro Emprego não passe de uma retórica do poder

Editorial 9 (JC9)

Avanço e ameaça

Entretanto, a crise persistente que afeta o desempenho da economia brasileira, o setor agropecuario, a sustentabilidade ambiental, as disputas quanto aos instrumentos de produção e ao aproveitamento de exportar. Apesar do protagonismo da União Europeia e dos Estados Unidos à agricultura brasileira, especialmente a soja, o Brasil não conseguiu aumentar o volume e o valor de suas exportações nesse setor, pois também enfrenta um clima feroz do mercado. Por isso o agronegócio avança, enquanto outros setores da economia acabam sendo afetados, pressionados pelo ritmo do câmbio, a redução percentual fiscal e a queda da taxa de juros. A taxa de juros elevada gera uma explicação para isso está em que o crescimento da Agricultura, Produto de Matéria, conseguiu, nos últimos anos do Governo FHC, vencer a crise econômica mundial, pela ministra Paulo Maluf (União), apesar de sua liderança como projeto de desenvolvimento.

A mudança do Governo não provocou nenhuma mudança, pois o novo ministro da Agricultura, o agrônomo Roberto Rodrigues, sem alarde e sem nenhuma exposição em mídia, ao contrário do exigente esboço de sua parte de pensar, o mesmo do Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, conseguiu fazer a mudança da atual equipe econômica, que preserva mantendo a continuidade e tratamento. Rodrigues é um técnico de reconhecida competência, honestidade e compromisso, e o mesmo agronegócio em suas atividades, participando de comitês do Governo Lula.

Ele esteve a frente do Ministério Fozard, para o seu Plano Agrícola e Pecuário 2003-2004, que dispõe de recursos de R\$ 32,5 bilhões (contra R\$ 27 bilhões da safra passada), com juros de 8,75% em suas linhas de crédito e melhor regulamentação. Foi o mesmo coordenado inteligentemente pelo setor, visando que, por uma estratégia de produção em 8 milhões de hectares, ao contexto do segundo mandato de

FHC, o setor produziu 190 milhões de toneladas na safra 2000-2001, atingindo 115 milhões na última safra e equalizando o comércio externo, como o governo brasileiro anteriormente o deputado Deffny Neto, que foi ministro do Planejamento da Fazenda e da Agricultura em tempos mais amenas para a economia brasileira.

Diante da competitividade e desempenho desses dois países, não se pode deixar de lembrar a revista que para sofrer o setor, com a crescente desvalorização pelo MB, e movimentos similares, que tenham, por todos os meios, obter

o progresso da agropecuária nacional, através de constantes provocações, invasões de propriedades rurais, depredações que não permitem sequer espaços de pesquisa do Governo. Fica a pergunta que não queremos reformar agrícola, e sua utilização na produção de produtos e voltar a agricultura de subsistência que não tem mais sentido no cenário atual da economia rural.

É importante a competitividade do Governo Lula com esses grupos ameaçadores, o ex-ministro do Ministério da Reforma Agrária e

não tem agente aliados com o movimento anarquista dos sem-terra. A agricultura, o comércio agrícola e o comércio pela pretensão de transformar o Brasil para o Brasil de Gandhi, sem a ameaça do comprometimento sucessor de Antônio Conselheiro, José Raimundo. Mas isso pode mudar. A ministra João Paulo Stedile, a declaração, guerra aos produtores rurais. Percebendo que não são todos os culpados, a lei não pensa. O desenvolvimento rural, mesmo extremamente organizado, só terá uma produção de subsistência, autossustentável, sem relevância econômica, desde que os agricultores das populações urbanas, que são a maioria, não exportem. Então, não basta a Embrapa estar sendo atacada, por falta de verbas e outros órgãos, a falta de investimentos dos setores.

Desempenho da agricultura pode parar com investidas dos sem-terra

Editorial 10 (JC10)

JORNAL DO COMERCIO Recife, 9 de agosto de 2003 - Sábado

Mercado desconfiado

Continuando a tendência que persiste praticamente desde a posse do novo Governo, o mercado continua a emitir sinais de inibição, traduzidos em queda nas negociações do dólar. Ficou assim prejudicado que os investidores, sobretudo os especulativos, não estão tão preocupados com bom comportamento (economia sólida, como é feita pelo FMI para países em desenvolvimento e sem muitos mais, com a rentabilidade de seus investimentos. O Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva optou rapidamente por continuar, e encher mais ainda, a política econômica do Governo anterior, alegando que, caso aplicasse o programa partidário do PT, trazendo novidades, tira a credibilidade do País e afasta daqui os investidores estrangeiros.

Só alguns meses depois, os resultados revelam ser de fato exatamente o contrário: instabilidade, não com essa política (mas com os homens de negócios e finanças, não de políticos), mas com a recessão que se abate sobre o Brasil, transparentemente de deflação por falhas nos setores, aponta ainda maior nos tributos, queda da produção, desemprego, de separação, além da instabilidade. Um pior situação não atrai investimentos de aplicações especulativas que ainda continuam sendo feitas aqui se governar somente as estatísticas feitas de juros tiradas pelo BC.

Ainda é tempo de reverter essa conjuntura, desde que o Governo decida tomar medidas capazes de diminuir o desercionamento e atrair investimentos produtivos de fora. Há essa expectativa, e o Governo prometeu, mais de uma vez, um espetáculo de desenvolvimento que se seguiu ao começo do primeiro semestre. Mas prossegue fechado o teatro desse espetáculo, que aguardamos desde os anos 80. O Governo pode prometer espetáculos de aumento da produção, milhões de empregos, mas quem produz e abre postos de trabalho é o empresário, não o Governo.

No cenário mundial do ano passado, todos os principais credores e presidente da República prometeram muitos e muitos empregos. No Governo atual, contudo, o espetáculo trágico do desemprego agravou-se. Entre os que ainda se apegam a estar empregados, só os mais de 50% o número dos que ganham menos de um salário mínimo. Claro que o atual Governo não inventou o desemprego, que começou a agravar-se somente logo após as eleições de 1998, que deram em segundo mandato a Fernando Henrique Cardoso, mas com o real logo depois desvalorizado e a crise econômica agravada.

Alguns analistas atribuem o que chamam de queda há dez anos de Lula com os mercados, ou desentanto de Wall Street com o Governo que nunca possuiu em janeiro, a decisão de voltar para reformas tributária e previdenciária, agravada por decisões, concessões exageradas, idas e vindas intermitentes. Podem ser razões, em parte. Como disseram os investidores não são políticos. Mas eles estão atentos a políticas que podem afetar o mercado. Daí a urgência no tipo da nova das reformas. Nós temos que levar em consideração que não são apenas políticas de estabilização e responsabilidade fiscal que ocupam a atenção dos mercados. Mas importante ainda para que ocorra no País são políticas que promovam o desenvolvimento econômico e social, base de estabilidade política e financeira.

A instabilidade social agravada pelo desemprego e a insegurança de invasões de terras produtivas e imóveis urbanos, com a corrupção de setores do Governo, tudo isso é cenário para desenvolvimento e atração de investimentos. Chegou a hora de o Governo Lula entregar ao consumidor o eletrodoméstico, o investidor o produto que prometeu entregar. Continuamos confiando em que esse Governo vai nos devolver campos de crescimento e novo confiança do Brasil.

*Instabilidade,
recessão,
indecisão
política,
não
atraem
investimentos*

Editorial 11 (JC11)

JORNAL DO COMMERCIO

Recife, 7 de setembro de 2003 - Terça-feira

Hora de ousar mudar

O Brasil não se deixa enganar facilmente por ideias vazias de fora e tende a venerar ingenuamente culturas estrangeiras (mala culpa duo). Pode-se dizer que somente no século 20, parte das elites brasileiras acordaram para os valores nacionais. Isso se reflete no costume de usar expressões estrangeiras para tudo, mesmo quando temos expressões similares na língua do país. O francês já foi a língua da moda, substituída pelo inglês depois da Segunda Guerra Mundial. Com os governos não poderia ser diferente: afinal, eles dependem das elites e as representam. Com essas exceções, olham demais para fora e pouco para dentro. Isso, favorecendo com frequência interesses externos em detrimento dos nossos. O que acontece sem nenhuma preocupação com a globalização, desde que ela tenha duas moedas e seja rodoviária a todo o mundo. São sempre por motivos menos dignos, mas simplesmente por achar que o eu e o nós e o certo é o que vem de fora. Já houve até um ministro (pós o golpe de 1964) generalizar: "Vá lá fora, não funciona em 90% que é bom para os Estados Unidos e bom para o Brasil". Sabemos que não sempre é assim.

Fuam os essas reflexões a propósito do tanto escrito quanto da fidelidade do modelo econômico brasileiro do Consenso de Washington, seguido quase unanimemente por elites aqui, uma crítica crítica, pelos governos da América Latina e de outras regiões em desenvolvimento. Esse modelo, baseado na obediência religiosa às normas do FMI (especialmente em países em desenvolvimento), trouxe crises em México, no Brasil, e Argentina, entre outros países da região. Não por isso é analisado com isenção e fundamentado, a não ser quando os erros cometidos se somam causando o que se viu no caso alemão. O próprio FMI já faz a crítica sobre algumas das políticas que impôs esses países, em nome de uma só pro-

missa de inatingível credibilidade internacional.

A economia de fora é tão passante que o atual governo brasileiro não consegue rompê-la, apesar de progressiva de campanha e do programa partidário do PT. Mas não somos somente nós brasileiros que reclamamos desse consenso dos países ricos e seus países de fora. Há pouco dias um diretor (para momentos emergentes) do banco de investimentos estadunidense Morgan Stanley, Narayan Barucharam, disse que o Brasil é um dos países que continuam seguindo a orientação de Consenso de Washington-FMI, e não consegue estimular o crescimento. Para ele, o Brasil precisa de um novo equilíbrio em sua política econômica, com o objetivo de atingir uma superavit patialdo nas contas e um dos dogmas do FMI e não crescimento. Tem razão. Se o Brasil não romper com esse dogma, vai permanecer nação em que está há muitos anos, alternando crises e períodos de precária estabilidade, sem garantia de aumento de credibilidade junto aos mercados.

Muito pregando maior ênfase no crescimento, esse executivo adverte que isso trata que ser acertado com o FMI, para assegurar a confiança dos mercados, devido à exorbitante dívida externa do País. Quando começaram os sete meses de seu Governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresentou como grandes pontos de sua administração a aprovação da reforma da Previdência, a queda da inflação e o início do diálogo da taxa básica dos juros. Certamente um feito, pois a reforma estava empacada há anos, a inflação crescia e os juros eram裴ssimos, contudo, nestes meses de investimento, a velha vulnerabilidade externa da economia, um conjunto de reservas do Banco Central, volatibilidade do câmbio e incertezas internacionais, como a explosão do terrorismo e a incapacidade de o OEA sustentar sua política de não se misturar do mundo. É hora de ousar mudar.

O próprio FMI já faz autocrítica quanto a algumas políticas que impôs

Editorial 12 (JC12)

JORNAL DO COMERCIO Recife, 4 de setembro de 2003 - Quinta-Feira

Desemprego cá e também lá

Poucos dias depois da pós-guerra no final do ano anterior, nos tempos do general-presidente Eurico Moura, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a maior Foz de Iguaçu (Paraná) e o rio da Paraíba, foram as fontes de desajustes de milhares de migrantes fugitivos das regiões que assolam a nossa região. Limitamos que se venha daqui a lá, mas, chegou uma hora em que não dava mais para segurar. Só deixo o meu Lar no último momento, como ocorreu quando Luiz Gonzaga, São Paulo sempre foi o principal destino dos sertanejos, flagelados não somente pela seca, mas também pelo colonial indiano da seca.

O soma de industrialização e desenvolvimento por que passou esta cidade, o ritmo da região mais próxima ao Sul (norte do Estado), a partir dos anos 40, exigiu muita mão de obra e dava emprego a paulistas e migrantes. Mas se 2 milhões de nordestinos fizeram parte, hoje, da população paulista, com certeza se em profissões que não exigem muito estudo eles são 80% das famílias da cidade, 60% das mesas, 75% das calçadas e da cozinha, 80% dos colchões, 80% dos quartos e banheiros.

Depois do êxodo que os paulistas do século 20, quando se desalojaram para o sul da fazenda e o comércio, era de fato o Brasil inteiro de lá fora abarrotado em essas ocasiões, a situação era ruim, muito, como mostra série de reportagens publicadas esta semana no **Jornal do Comércio**. Os paulistas fugiram para a seca, mas por falta de oportunidade das grandes cidades para não se deslocarem, ainda não para São Paulo era a busca de trabalho e estudo, mas o ritmo dessa migração se reduziu muito, pois agora falta emprego também na velha economia do comércio local. E ocorre, ainda, um êxodo ao contrário do tradicional, com pessoas que foram para lá retornando a seus Estados de origem. Fritun, aqui na nossa região, também emprego ter um trabalho estejamos mais difícil do que nos tempos de hoje.

O fluxo migratório para a capital paulista nos últimos dez anos com 125 milhões de pessoas de São Paulo, principalmente para a Avenida Anacleto, entre 1993 e 2001. São dados do IBGE. Dos quais 9 milhões de pessoas da capital paulista, mas de outros estados do Nordeste. Afundando o gargalo da capacidade de São Paulo de absorver a mão-de-obra migrante, um fator agravante é o aumento do preconceito ali vigente contra o nordestino, o chamado "coro" ou "raibada" generalizada, sob protesto de Luiz Gonzaga. Em meio ao fôlego, não se me esqueça de falar. Quando o emprego começa a declinar, o migrante é visto com mais olhos.

Isso não foi, para São Paulo, durante décadas, milhares de migrantes, gente do sul para pobre da periferia, mas trabalho em Turin, Itália, nas cidades industriais. Hoje são os migrantes e discriminados pelos paulistas do norte, mas. E toda Europa se fecha a portas e janelas em relação aos migrantes. Infelizmente, não poderia ser diferente Brasil, pois que já foi o grande destino preferencial de migrantes europeus e americanos, e hoje se tem estado em estado de desemprego, trabalho nos Estados Unidos, na Europa e até no Oriente Médio. E o preconceito persiste, pois esses migrantes, como os brasileiros de São Paulo, são pobres que vão procurar emprego no Sul de muito mais difícil.

Um dado positivo que encontramos em esse panorama negativo vem do Rio Grande do Norte. Em 1991, o Estado nordestino possuía mais de 800 habitantes em 2001, ganhou mais de 1 milhão e seu desenvolvimento nos setores de petróleo, turismo e indústria de sal e da criação e exportação de carneiros. O que nos dá um que vimos repetido está na hora de o Brasil voltar a crescer, resolver o trabalho para todos.

Nordestinos voltam de São Paulo, migração cai, preconceito cresce

Fonte: Jornal do Comércio, 04 de setembro de 2003.

ANEXO 3 - Editoriais da Folha de Pernambuco

FOLHA DE PERNAMBUCO

7

CIDADANIA

A propriedade intelectual

EDITORIAL

Terminou na quarta-feira passada, em São Paulo, o 10.º Congresso Internacional de Propriedade Intelectual. O evento foi organizado pela Academia Paulista de Magistros em parceria com a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), órgão integrante da ONU que regulamentou e atualiza os mecanismos internacionais de defesa dos direitos sobre a criação. A primeira vez, parece estranho que juizes e desembargadores paulistas tenham patrocinado o encontro, porém é de incontestável lógica a sua participação, eis que aguardam julgamento cerca de mil recursos envolvendo a proprie-

dade intelectual naquele Estado. Caberá aos magistrados, portanto, a decisão final dos litígios que lhes estão refulcrados, a qual será melhor fundamentada com o acréscimo de novos conhecimentos adquiridos neste congresso daquele porte. É pouco pacífico que criar e inventar são faces do talento humano que poucos têm capacidade essa que pode expor a melhor a superioridade de algumas nações. No Brasil, essas qualidades se manifestam em variados setores, embora grande parte do que é imaginado não seja desfrutado pela população como produto industrializado e final, em condições de

ser consumido de imediato. Sabemos todos que o talento criador é fundamental para o crescimento econômico, tanto que estudos revelam que mais de 50% dele e originação das invenções, quando novas tecnologias são aplicadas na economia, dando consequência a competitividade, aumento, surgimento de novos empreendimentos, empregos e, até mesmo, marcas comerciais. Nesse ponto cresce de relevância proteger e promover os direitos autorais e de criação de quem foi capaz de inovar. A inscrição das patentes foi a resposta encontrada, consagrando-se como instrumento público adequado para assegurar a

propriedade e os direitos dos trabalhos intelectuais realizados por pessoas físicas ou jurídicas. Nações estabelecem registros abrangentes para garantir os direitos de propriedade industrial e intelectual. Agora, realizado o 10.º Congresso Internacional de Propriedade Intelectual, em São Paulo, o Brasil deu um passo a frente sobre o uso do produto intelectual. A usurpação do talento criador não é um fato recente na história do País. Temos um pequeno exemplo dos anos 40 na área musical, acontecido em Pernambuco. De posse fraudulenta, pelo compositor carioca Lamartine Babo, que registrou em seu

nome a canção carnavalesca "Mulata", de autoria dos excepcionais músicos pernambucanos irmãos Valença, desmascarada na Justiça. Há outras situações semelhantes, em textos de doutorandos, romances, músicas e outras obras literárias e artísticas em todo o País. Daí ter sido bastante oportuno o priorizado congresso internacional sobre o tema, ao discutir os aspectos penais e a pirataria. A gestão coletiva dos direitos autorais, seus particulares esclarecem dúvidas e indicam novos caminhos destinados a resguardar talentos que são, às vezes, vítimas da usurpação do seu talento criador.

Editorial 1 (FPE1)

Editorial 2 (FPE2)

FOLHA DE PERNAMBUCO

9

CIDADANIA

07 de 2003

A praia é da população

EDITORIAL

O imortal poeta Castro Alves, com o seu estilo hiperbólico, exagerado, dizia que "A praia e do povo como o cocu e do condor", verso que todos decoravam ao estudar a escola literária condearentina, que existiu na fase final da poesia romântica brasileira. Esse princípio poético e a exaltação da liberdade de que os lugares públicos pertencem a todos que deventer o direito de usufruí-los.

A lembrança do verso faz conexão com recentes providências adotadas pela Prefeitura

de feitura do flacitir, quimadaela última, ao fiscalizar e apreender objetos impróprios utilizados na praia de Boa Viagem. A ação da Diretoria de Controle Urbano e Ambiental (Dircon), com o apoio da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, no trecho situado entre a rua Armando Moura e a antiga palarca na beira-mar, restou, da praia e das calçadas, andares, bancos, brinquedos de gás e biciclotos conforme determina o decreto municipal 17.040 e a lei estadual 12.321. Ao contrário do que

poderia parecer, ou seja, de que estava sendo feito o direito de convívio e algumas pessoas e, por consequência, atingida a sua liberdade, e justamente o oposto que deve prevalecer.

Em outras palavras, o uso indiscriminado da praia de Boa Viagem por uma minoria prejudica a grande maioria dos seus frequentadores, que tem o direito de usufruí-la plenamente. O nível de civilidade de um povo pode ser avaliado, entre outros fatores, pelos seus hábitos, assim en-

terrida por normas observadas pelos cidadãos, entre si, em sinal de respeito e consideração.

Outra, sendo a praia de Boa Viagem um espaço que pertence à população e aos que a visitam, nada mais justo do que os cuidados em mantê-la limpa e agradável. Há, contudo, outras práticas que devem ser objeto de atenção pelas autoridades municipais, como o futebol, a presença de zumbis, o som alto, entre outros, aquilo que representa infrações às posturas do Município para fazer cumprir a lei.

Fonte: Folha de Pernambuco, 07 de abril de 2003.

Editorial 3 (FPE3)

Pernambuco, 1º de maio de 2003

CIDADANIA

1º de Maio

EDITORIAL

O simbolismo do Dia do Trabalho surgiu num primeiro de maio de 1886 quando trabalhadores da cidade de Chicago, grande centro industrial dos Estados Unidos, foram presos feridos e cerca de um centena deles mortos pela polícia, ao protestar contra as condições desumanas a que eram submetidos, como a duração de 14 horas do horário de suas atividades. Quando operários Albert Parsons, August Spies, Adolf Fischer e George Engel foram condenados à fôrça e executados em 11 de novembro de 1887. Esse trágico episódio inscreveu-se definitivamente na história do sindicalismo, ficando conhecidos os mortos como os "Mártires de Chicago", tornados-se sim-

bolos da luta trabalhista mundial. Em 1888, o Congresso da Federação do Trabalho Americano e, um ano depois, o Congresso Socialista de Paris declararam o 1º de Maio como o dia internacional de luta dos trabalhadores. Seis anos após as mortes de Chicago, em 1893, a constituição dos operários foi anulada, reconhecendo o governo norte-americano o caráter público e arbótrio do julgamento, libertando os militantes que ainda eram prisioneiros. Em nosso país, a primeira tentativa de concretizar o dia ocorreu em 1899, em São Paulo, sob a liderança do italiano Artur Garibaldi, frustrada pela ação policial. É impossível abordar a data no Brasil sem fazer referências ao

ex-presidente Getúlio Vargas. O avanço e as conquistas dos direitos trabalhistas são indelévelmente ligados à sua sensibilidade e ação, por ter introduzido o salário mínimo, por ter iniciado a legislação e aprova-mento de leis que, além de ficarem proibidas de exercer atividades políticas internacionalmente, transcendiram os anos. Em 1964, o novo ordenamento com violência o movimento sindical que somente voltaria a exercer seu vigor na segunda metade da década de 70, quando os metalúrgicos do ABC paulista, na Grande São Paulo, realizaram uma manifestação reunindo três milhões. Posteriormente, em 1º de maio de 1980, cerca de 100 mil pessoas foram às ruas expressar apoio ao líder sindical

Luiz Inácio Lula da Silva, preso juntamente com dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo durante uma greve. Hoje, neste 1º de maio, um trabalhador é o presidente da República. Há esperanças de dias melhores para todos os brasileiros, mas existe também o temor da perda de certas conquistas, cujo êxito poderá ter sido subvertido de assustados, inclusive tantos que já se apoquentam com modestos proveitos. Daí a responsabilidade do atual presidente ser maior do que a dos seus antecessores, uma pesadíssima herança legal que não deverá permitir o agravamento das injustiças sociais contra a população, especialmente os filhos pobres.

Fonte: Folha de Pernambuco, 1º de maio de 2003.

Editorial 4 (FPE4)

18880

CIDADANIA

14 de maio de 2003

Obstáculos ao Fome Zero

EDITORIAL

O presidente Luís Inácio Lula da Silva anunciou, em Minas Gerais, na semana passada, que vai sugar os países desenvolvidos a criação de um programa mundial de combate à fome. A iniciativa deverá ocorrer na próxima reunião do G-7, organismo que congrega as nações mais ricas do mundo, a qual se realizará na França, no próximo dia 1º de junho. Na mesma ocasião, criou-se a desigualdade nas relações comerciais internacionais, acrescendo o fato de que o Brasil deve, desde já, mudar de cabeça erguida e brigar na Organização Internacional do Comércio

(OMC) para que haja maior igualdade no comércio exterior, principalmente, com a União Europeia e os Estados Unidos, declaração que não deixa de abrigar uma certa dose de ingenuidade, muitos são os interesses vinculados àquela atividade.

O Fome Zero poderia ser denominado sem exagero a primeira (e única) medida de impulso do presidente da República ao assumir o mandato. O programa tem sido aplaudido e apoiado, atualmente, apesar de, na sua execução, ainda caberem obstáculos que o tempo poderá

mente eliminar. O senador Eduardo Suplicy reconhece sua importância, mas entende necessário mudanças para desenvolver-se e avançar: o Renúncia Minuta, projeto de lei de sua autoria, aprovado pelo Senado em 2001, para ser implementado em 2005.

Entre os problemas, o parlamentar cita o número de famílias atendidas e o critério de definição de quem é pobre. É muito difícil estabelecer essa condição, que está sob a responsabilidade dos comitês gestores, além de os recursos serem poucos. Na sua opinião, o valor de R\$ 50,00 do Cartão

de Alimentação é muito pouco para atender as necessidades básicas de uma família. Mas, a grande dificuldade para a implantação do Fome Zero é a resistência de setores à instalação do Conselho de Segurança Alimentar (Consea), conforme sustenta o coordenador de Mobilização Social do programa, Frei Betto. E o motivo determinante dessa atitude está localizado na preocupação permanente que acerca os seus executores em impedir a ocorrência de corrupção.

Quando o Fome Zero chegar a um determinado município

cujo prefeito é contrário pelo tema de irregularidades, sempre afloram os atos ilegais. Em Garibaldi, no Planalto, foi instalado o palácio do projeto, surgiram várias irregularidades com o desvio de verbas que passou a ser investigado pelo Ministério Público. O cerne da questão é, portanto, impedir que o Conselho de Segurança Alimentar (Consea) seja manipulado por interesses mal intencionados, pois ali agem somente quatro entidades, formam grupos para a colocalização do Fome Zero (Carari, Minas, Mato Grosso do Sul e São Paulo).

Editorial 5 (FPE5)



Fonte: Folha de Pernambuco, 1º de junho de 2003.

Editorial 6 (FPE6)

de 2003

CIDADANIA

FOLHA DE PERNAMBUCO 5

Políticas de Emprego

EDITORIAL

Os Estados do Norte e Nordeste serão beneficiados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) na distribuição dos recursos para a qualificação profissional oriundos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT. Segundo o secretário de Políticas Públicas de Emprego do MTE, Remígio Todeschini, que visitou recentemente a Agência do Trabalho e o Condomínio de Cursos do Recife, o dinheiro será repassado, proporcionalmente, à contribuição dos índices percentuais da População Economicamente Ativa, do Índice

de Desenvolvimento Humano (IDH) e do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados em relação ao País. Com os novos critérios, a serem regulamentados numa Resolução do Conselho Excelebratório do PAT, estima-se que o MTE deverá ter um aumento de 10%, em média, no repasse da verba. Vale registrar que o MTE ainda luta pela recuperação de orçamento previsto para a qualificação profissional para 2003. R\$ 180 milhões, por exemplo, do que aconteceu com a verba destinada para as ações de intermediação

de emprego, seguro-desemprego e pesquisa de emprego e Desemprego, que não sofreram contingenciamento por parte do Ministério do Planejamento. Segundo o secretário, esse volume de recursos será dividido entre os Estados (70%) e Centros Sindicais (30%). Para o orçamento de 2003, o MTE pretende aumentar o volume de recursos destinados aos anos 2000 e 2001, em torno de R\$ 500 milhões.

O MTE vai incentivar também a formação de consórcios municipais para a oferta de ações de qualificação profes-

sional, devendo implementar projetos-piloto ainda este ano e o Recife deve sediar um desses projetos-piloto. Remígio Todeschini acrescentou que a qualificação profissional deve priorizar o jovem em busca do primeiro emprego - de 16 a 24 anos - cabendo aos Estados destinarem 60% dos recursos para o atendimento a essa clientela. Isso será uma das ações previstas no Programa Primeiro Emprego, a ser lançado este mês, e que deverá ter como público-alvo as mulheres, os afro-descendentes e as pessoas com deficiência. A nível e aten-

das 300 mil jovens em quatro anos. E, finalmente, será também será criada toda uma política voltada para a juventude, a partir do envolvimento de representantes dos Estados, Municípios, ONGs, Centrais Sindicais e segmentos empresariais. Fato previsto, até o final do ano, é a constituição regional e uma conferência nacional para a discussão de política do jovem. O secretário público de emprego, de acordo com o secretário, deve ser repensado para que possa atender o trabalhador em todas as suas necessidades.

EDITORIAL

Turismo e desenvolvimento

O Governo tem muitas alternativas para o setor de turismo no País, que podem ser aproveitadas e executadas sem custos adicionais. Em 2006, por exemplo, quer atrair 9 milhões de turistas estrangeiros, criando, em consequência, 1,2 milhão de novos empregos. Há um aspecto que merece atenção quando se aborda esse tema: a qualidade do atendimento aos que vierem em busca de lazer e conhecimentos, e que a relevância para a profissionalização, o treinamento e a capacitação dos serviços oferecidos aos visitantes que relaxam de volta às suas origens, boas e más

experiências vividas. Mas voltando à questão inicial, é fundamental o funcionamento de um Ministério do Turismo prestigiado, tendo o suporte da Fundação desde que dirigida com exclusividade para a divulgação dos recursos turísticos brasileiros, articulada com os governos estaduais e os municípios. Parece que o Governo Federal está criando nesse direção uma vez que as políticas públicas para a capacitação municipal, a organização, o desenvolvimento e manutenção estarão sob a responsabilidade da Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, o que representa um esforço concentrado em

torno de um objetivo comum, Pernambuco, como quase todos os estados do Nordeste, a começar a enfrentar o problema que se chama de habitação, devido à época em que as charras se intensificam e prejudicam a unidade familiar pelas pragas do mosquito tóxico. O Governo do Estado, por isso, tem que considerar o fluxo de visitantes de outros países promovendo eventos, festivais, os denominados festivais do inverno, que, como forma de turismo interno, motivam a economia das cidades onde são realizados. Em termos nacionais, porém, é preciso, cada vez mais, desenvolver a importância do

setor como sendo uma atividade que traz benefícios à qualidade de vida, além de contribuir para o que o País precisa: o desenvolvimento sustentável. Há especialidades para atender a existência de firmas estaduais de desenvolvimento turístico e complementaridade de estruturas produtivas turísticas, sejam elas voltadas para a sobrevivência de administrações e recursos com outras prioridades a serem consideradas, por outro lado, que a infraestrutura está preocupada em exercer na prática um trabalho de pesquisas e estatísticas, com uma visão econômica

da e social do setor. Em outras palavras, isso significaria atender o setor como sendo capaz de gerar empregos e proporcionar melhor renda aos seus. Há uma versão oficial de R\$ 80 milhões para promoção do turismo, que ainda é modesta, face à dimensão do território nacional. Há, no entanto, uma duplicação para 2004/2005. Finalmente, registra-se que não existem soluções de continuidade em alguns programas já iniciados na administração anterior, o que caracterizaria uma conduta técnica e profissional dos atuais responsáveis pelo turismo em nosso País.

Editorial 7 (FPE7)

Editorial 8 (FPE8)

A ordem de priorizações de empresas estatais que seculha o País nos últimos anos, como sendo a parafarmácia (que salvava do desfalco) e a fabricação de medicamentos, deixou algumas lições para os atuais governantes, tanto no plano federal quanto nos estados. Há setores que assumiram compromissos valiosos ao assumir o controle acionário de algumas empresas e que agora se dizem impossibilitados de honrar os compromissos. Outros oferecem os serviços anteriormente prestados por órgãos cujo capital nacionalizado pertencia à União Federal. Há, como sempre, explicações para os insu-

cessos, a partir de tantas não compensatórias para os investimentos feitos em áreas que são incontroláveis, do ponto de vista técnico. Há cerca de dois anos, defendíamos que a privatização do Lafape fosse objeto de reflexão do governador Jairton Vasconcelos pelo que significava, do ponto de vista científico, comercial e social para a população de Pernambuco e de outros estados. O Governo, acertadamente, revolveu a ideia que estava sendo articulada, com o objetivo de privatizar a empresa e hoje podemos constatar que a decisão de mantê-la em poder do Estado procedia. Os

recursos do Ministério da Saúde para atuar na elaboração de medicamentos, quando José Serra era ministro da Saúde, demorou fôlego para continuar avançando. No começo deste mês, foi anunciado que parte dos R\$ 30 milhões disponíveis este ano do Fundo Setorial de Saúde da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), órgão federal de Ministério de Ciência e Tecnologia, poderia vir a ser utilizados em pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório Farmacêutico de Pernambuco. Se a iniciativa for aprovada, ele poderá começar a produzir medicamentos de alto

custo como ciclosporina e antiprotéticos, os quais são importados do exterior para serem usados em transplantes. O presidente do Finep, Sérgio Rezende, acredita que até o final da administração Luís Inácio da Silva, Lula o Brasil fabrique remédios com parâmetros nacionais, tendo em vista não possuímos atualmente um medicamento cujo principal alvo tenha sido elaborado em nosso país. Por fim, registrese que a empresa abrange 17 novas fábricas, sendo seis na Região Metropolitana do Recife e 11 no interior do Estado, que custarão cerca de R\$ 1 milhão, oriundos de re-

cursos próprios. Em outros países, esse desafio deveria beneficiar a população mais carente, deslocando a venda de remédios mais baratos. Atualmente, conforme assinou o secretário de Saúde Guilherme Robalinho, as atuais 13 fábricas atendem 140 mil pessoas por mês. Com as novas unidades esse número deverá crescer para 300 mil, cuja grande maioria é constituída de população mais pobre. Este é, portanto, um bom exemplo de gestão estatal que, além de beneficiar a população carente, engajou os seus responsáveis por bons serviços que presta.

Revista, sábado, 5 de julho de 2003

CIDADANIA

EDITORIAL

O exemplo do Lafape

Fonte: Folha de Pernambuco, 05 de julho de 2003.

Editorial 9 (FPE9)

de 2003

CIDADANIA

FOLHA DE PERNAMBUCO 5

EDITORIAL

Onde está a verdade?

A direita do governo não
 demitisse o governo. Não
 há vitórias das Esquerdas, agora,
 livres do terror em suas praias:
 Cláudio Claret que não, brasileiros
 e seus filhos que viajam ou
 vão estudar e trabalhar no ex-
 terior participam entre nos. Es-
 tados Unidos, vivem em esta-
 do de apreensão permanente,
 e, embora estejam acostumadi-
 dos a conviver com a ameaça
 da violência urbana das abor-
 ges grandes cidades. Na re-
 de indagação inicial está a mo-
 tivação do que tem de flagra-
 do a guerra no Iraque. De in-
 ciso, o presidente George W.
 Bush, secundado pelo primei-
 ro-ministro britânico Tony
 Blair, acusou aquele país de
 possuir um arsenal de armas
 químicas capaz de produzir
 milhares de vítimas se aciona-

da. Nada se comparou a res-
 pecto de tais declarações. Em
 30 de julho último, no seu pró-
 prio programa, o presidente
 Clinton, em entrevista coletiva, o pre-
 sidente norte-americano assu-
 miu a responsabilidade sobre
 o fato de que o Iraque tem
 comprado armas na África para
 desenvolver um programa nu-
 clear. Embora um programa nu-
 clear americano não consista
 nada mais que caixões, sem
 invêntaria. Mesmo assim, tu
 tivemos ocasião o presidente
 dos EUA pediu paciência em
 comentários ao dizer que a ver-
 dade sobre as armas químicas
 de destruição em massa ainda
 não está clara. Porém,
 é ter admitido a possibilidade
 de um ataque de grande porte
 contra os Estados Unidos, espe-
 cialmente em seus interesses
 mais preocupantes. Trata-se,

conforme denúncia pública-
 da, há poucos dias, no "Los
 Angeles Times", pelo jornalista
 Robert Scheer, que a Casa
 Branca censurou 28 páginas
 de um relatório elaborado pelo
 Congresso, que conclui pela
 participação da Agência Súdica
 no ataque terrorista de 11 de
 setembro nos EUA.

Por isso mesmo, a ação he-
 lica dos ingleses sobre a guerra,
 quando aquele país não se
 livrou de cumprir a mesma
 contra os sudaneses. E acrescen-
 ta, afirmando que o governo
 dos EUA "não se aguentou que
 15 dias de sequestros de via-
 jantes da América Súdica e re-
 nhum deles do Iraque". Mais
 ainda, alguns dos terroristas
 sudaneses, conforme o relatório
 do Congresso, consumido, es-
 tavam em contato muito pró-

ximo e frequentado por in-
 tegrantes da elite sudanesa, che-
 gando até a alguns esportes
 da família real. Para desviar a
 atenção internacional, o presi-
 dente lançou a guerra contra
 o terror na direção do Iraque.
 O artigo do jornalista Robert
 Scheer tem um efeito retarda-
 do de grande impacto, sobre-
 tudo porque sustenta que ins-
 tituições benéficas suadi-
 tas, ligadas a Carta Real, esta-
 vam investindo na operação
 da Al Qaeda no Afeganistão
 mesmo enquanto George W.
 Bush (quando ainda presidente)
 estava no Iraque para o expe-
 ditivo que se Elia foi eleito, assim
 se para garantir contratos para
 sua empresa contratador o
 grupo Carlyle. Nesta despro-
 vedida luta, as Esquerdas, não

previdentes defender o re-
 gime tráfego e editorial que
 existe sob o governo de So-
 lano Hagest. Questionamos
 sem, como cada um do mun-
 do, a regularidade individual de
 cada um de nós, subordina a
 as responsabilidades de liderança,
 apesar de o Brasil não ter ne-
 nhum problema diplomático
 ou de interesses comerciais
 com o novo governo iraquiano
 nem tampouco com os go-
 vernos sauditas. A questão
 central por aqui é saber onde
 está a verdade e até quando
 pode ser manipulada em nome
 de interesses ocultos, sendo
 em nossa vida de inocentes,
 inclusive de brasileiros, que
 poderiam ser vítimas de fu-
 turas ações de terrorismo, co-
 mo, aliás, admitiu o presiden-
 te dos EUA.

Fonte: Folha de Pernambuco, 05 de agosto de 2003.

Editorial 10 (FPE10)

10 7007

FOLHA DE PERNAMBUCO 9

CIDADANIA

Roberto Marinho

EDITORIAL

Nunca emigrou em 1967 de casa que seu exílio como empresário em consequência de muito trabalho, certa sorte (e a alguma sorte. Foi a forma resumi que o jornalista Roberto Marinho falecido no dia de hoje, recorreu ao exílio em 1924, quando no mesmo ano emigrou para os Estados Unidos. Porquê a se mudar a de família, tem uma trajetória que, para quem acredita no destino, se tratava de um predestinado a exercer aquela profissão durante toda a vida. Nasceu, praticamente, em uma viagem marítima, em 1924, quando no mesmo ano estava o ex-presidente da República Epitácio Pessoa a quem seu pai levou, severa oposição no jornal carioca "A Manhã" de sua propriedade. Na emigração teve a contine-

ção e foi tratado como jornalista estrangeiro pelo ex-governante do Globo. O vago nome do ex-croco de comunicação com o qual se tornou em 1944 com a Rádio Globo, e ampliado do em abril de 1965, quando a TV-Globo foi inaugurada, torando-se, ao longo dos anos, o maior grupo de comunicação brasileiro. Televisão, rádio, jornal, editoria, produção de cinema, vídeo, internet e algarbilção de sinal de TV paga e de dados integram esse conjunto.

O jornalista e empresário Roberto Marinho, como todo homem visionário, teve uma visão potente de grande intensidade. Inaugurou uma nova era por ter se unido ao grupo nordestino Time Life, cedendo 69% de participação

ção ao final dos anos 60, cuja conclusão entendeu que o negócio de comunicação no Brasil era muito maior do que se imaginava. Em 1967, o presidente da República em 1967, e o presidente Arthur Costa Silva em 1968, decidiram que a imprensa não podia ser controlada pelo Estado. Isso levou a uma revolução na imprensa brasileira, com a criação de novos veículos de comunicação, como a Rede Globo, e a ampliação do em abril de 1965, quando a TV-Globo foi inaugurada, tornando-se, ao longo dos anos, o maior grupo de comunicação brasileiro. Televisão, rádio, jornal, editoria, produção de cinema, vídeo, internet e algarbilção de sinal de TV paga e de dados integram esse conjunto.

O jornalista e empresário Roberto Marinho, como todo homem visionário, teve uma visão potente de grande intensidade. Inaugurou uma nova era por ter se unido ao grupo nordestino Time Life, cedendo 69% de participação

ção ao final dos anos 60, cuja conclusão entendeu que o negócio de comunicação no Brasil era muito maior do que se imaginava. Em 1967, o presidente da República em 1967, e o presidente Arthur Costa Silva em 1968, decidiram que a imprensa não podia ser controlada pelo Estado. Isso levou a uma revolução na imprensa brasileira, com a criação de novos veículos de comunicação, como a Rede Globo, e a ampliação do em abril de 1965, quando a TV-Globo foi inaugurada, tornando-se, ao longo dos anos, o maior grupo de comunicação brasileiro. Televisão, rádio, jornal, editoria, produção de cinema, vídeo, internet e algarbilção de sinal de TV paga e de dados integram esse conjunto.

O jornalista e empresário Roberto Marinho, como todo homem visionário, teve uma visão potente de grande intensidade. Inaugurou uma nova era por ter se unido ao grupo nordestino Time Life, cedendo 69% de participação

Fonte: Folha de Pernambuco, 08 de agosto de 2003.

Editorial 11 (FPE11)

11000

11 de setembro de 2003

CIDADANIA

Nacionalismo tardio

Há um fio curioso ocorren-
do em escala modesta no País
nestes tempos de globalização.
A internacionalização da eco-
nomia brasileira que começou
a se aproximar com viginte
segundo em 1964, aconteceu de-
se no ano 70 a portas de São
Paulo ser considerada a única
na ou quarta cidade-símbolo do
ponto de vista de atividade
econômica, devido à portu-
gação de empresas e capitais
escandinavos, ali.

Antes, na década de 50, quan-
do o presidente Juscelino
Kubitschek abraçou portas do
Brasil aos investimentos estran-
geiros, houve quem ressaltasse
e enfatizasse, principalmente se-
tores de esquerda, que abran-
giam políticos, militares, uni-
versitários, organizados e afi-
lignos poucos empresários de
famosos do microemprego co-
munitário. Este seria o motor es-
encial para que o Brasil con-

quistasse sua autonomia, ou,
em outros termos, melhor de-
finição do capital econô-
mico, além de ser o hábito
no País, que em e são reno-
vado para os tempos do con-
juntura estrangeira, possuindo
um modelo de desenvolvimento
próprio.

O núcleo formador das
ideias nacionalistas estava as-
calçado no Instituto Superior
de Estudos Brasileiros (Iseb),
fechado pela nova ordem ins-
taurada em 1964, e que abri-
gava Hélio Jaguaribe, Roland
Carésier, Guerreiro Ramos,
entre outros, oculto até co-
muns e peculiarares prescrip-
ções com os problemas nacio-
nais, alguns de esquerda, ou
outros socialistas e os esqui-
namente nacionalistas. Um
deles, por sinal, dizia que o
nacionalismo era um movimen-
to histórico de tomada de
consciência de um povo

acabá o seu destino. Na área
empresarial, cometa também
o grupo comandado (Voto
antigo) pelo empresário per-
nambucano José Luciano de
Moraes, que tinha sobrado
grande participação de con-
glomerados empresariais
norte-americanos, seus con-
correntes e que sobrevivera
no setor da aço graças à sua
consciência e ao espírito de
luta, denotando.

Esses empresários brasilei-
ros eram conhecidos pelo de-
nominação de "burguesia na-
cional", expressão utilizada de
forma chapada, devido ao seu
posicionamento político-econ-
ômico de estar aliado às
transformações e reformas pe-
culiars determinadas pelas forças
de esquerda, marxistas ou não,
principalmente ao governo
João Goulart e que representam
o sistema capitalista no Brasil.
As ideias de autonomia foram

desfeitas pela excessiva indi-
calização mínima das forças in-
ternas, em 64, resultando an-
tunhos do passado que se ar-
deiam seu recôndito esse fe-
to.

A exigência para esse mo-
mento não tem a ver com
a volta ao passado do nacio-
nalismo econômico, mas a-
fere que as grandes corpora-
ções, pressionadas pelo Brasil,
erectivamente, da economia
mundial, pelo se distanciar
de negócios que podem pro-
porcionar outras oportunidades,
ofertando recursos para refo-
çar o país da maneira que
fim, não deve ser interpretado
como desinteresse das multi-
nacionais pelo Brasil, mas me-
trocamos pelo Brasil, que me-
ta-desistimos ganharam con-
dições para os países desen-
volvidos, que estão sendo
na concomitância pelo inter-
do (terro) e que estão
novos avanços da mundial
econômica.

Fonte: Folha de Pernambuco, 1º de setembro de 2003.

ANEXO 4 - Editoriais de Veja

Editorial 1 (VE1)

Carta ao leitor

De costas para a vida



Cardeais no Vaticano: quando o assunto é sexo, a Igreja Católica quase sempre erra

A Igreja Católica não é a única instituição que se paralisa quando precisa lidar com questões ligadas ao sexo. Os governos, as escolas, mesmo as corporações empresariais têm dificuldades para estabelecer normas comportamentais no terreno sexual que não sejam invasivas, obsoletas ou claramente inaplicáveis na vida real das pessoas. Mas a Igreja Católica é de longe a instituição que se mostra a mais desprovida para fazer face a desafios dessa natureza. No ano passado, a hierarquia do Vaticano agiu com lentidão e aparentemente a contragosto na crise dos padres pedófilos nos Estados Unidos. Por pouco não saiu totalmente desmoralizada do escândalo.

Agora, chega às livrarias italianas uma obra do Conselho Pontifício para a Família destinada a esclarecer os católicos acerca de "temas ambíguos" relacionados à sexualidade e à reprodução humana. O livro tem a chancela do Vaticano e seus 78 verbetes são uma amostra de que a Igreja Católica não chegou ao século XXI. Muitos dos conceitos ali expostos são obsoletos, outros quase ofensivos, como o que trata da homossexualidade. No que diz respeito à prevenção da Aids, o lexico do Vaticano contraria frontalmente as campanhas governamentais de saúde, algumas muito bem-sucedidas, como a brasileira, que incentivam o uso da camisinha para evitar doenças e a gravidez indesejada.

"Não existe sexo seguro. A única estratégia totalmente eficaz é a abstinência e a relação sexual monogâmica no matrimônio", estabelece irrealisticamente o documento da Igreja. Essa declaração tem até algum amparo na ciência, já que os preservativos não atingiram ainda o grau de 100% de eficácia. Mas a posição do Vaticano contra os preservativos é incoerente e intencional, especialmente no que se refere aos jovens. Eles se iniciam sexualmente muito cedo e se mostram, a cada geração, mais refratários a obedecer a normas de comportamento ditadas por clérigos celibatários que nada entendem da prática do sexo, do amor entre homem e mulher, da reprodução e criação de filhos. Ao condenar o uso da camisinha, o documento do Vaticano divulgado na semana passada atende à ética católica mas é um desastre de comunicação que não ajuda em nada a diminuir a exposição dos jovens aos perigos do mundo, como a praga da Aids e os riscos da gravidez precoce, que interrompe dramaticamente o curso normal da vida de muitas adolescentes.

veja 9 de abril 2003 25

Fonte: Veja, 09 de abril de 2003.

Editorial 2 (VE2)

Carta ao leitor

Guerras cotidianas



© Veja 2003

Tomografia: arma para detectar sinais de doenças antes que elas apareçam

Como o ataque terrorista aos Estados Unidos em setembro de 2001 e a invasão americana ao Iraque iniciada ao mês passado vem mercando de VEJA uma cobertura com destaque e profundidade. Não podem ser de outra forma. Ambos os eventos mudaram os rumos da história, forçando rearranjos dramáticos na mancha como os países convivem entre si e como interagem com a potência americana. As reportagens da revista sobre o terrorismo, as ações para combater a guerra no Iraque procuram sempre situar o leitor de modo realista, abrangente e crítico diante da nova ordem internacional.

Neste número, a invasão militar ocidental ao país que foi dominado pelo regime de Saddam Hussein continua ocupando um amplo espaço editorial. Com toda a prevalência da guerra no noticiário, VEJA não descuidou, porém, de continuar oferecendo aos leitores reportagens de fundo sobre uma gama variada de assuntos relacionados ao cotidiano de seus leitores.

A presente edição da revista está particularmente rica. Uma matéria especial sobre check-up mostra a espetacular evolução de medicina preventiva nos grandes centros urbanos brasileiros. Novos aparelhos permitem aos profissionais de saúde enxergar detalhes tridimensionais dos órgãos internos e, assim, detectar sinais de certas doenças graves numa fase em que elas ainda podem ser debeladas sem sequelas para o organismo. Outra reportagem analisa o novo disco de Madonna, a ser lançado nesta semana, e repassa os vinte anos de carreira da cantora americana, fenômeno da cultura pop, que em número de álbuns vendidos só perde para os Beatles e Elvis Presley. Uma terceira reportagem faz a divertida crônica da convivência dos brasileiros com seus cães de estimação, uma feliz e privilegiada população de 21 milhões de animais com endereço fixo, coleira e ração no prato. A matéria mostra que as lojas especializadas em artigos para bichos domésticos já passam de 15.000 em todo o Brasil. Em algumas capitais já existem mais pet shops do que farmácias. Boa leitura e feliz Páscoa!

veja 23 de abril, 2003 9

Fonte: Veja, 23 de abril de 2003.

Editorial 3 (VE3)

Carta ao leitor

Caminhada histórica



Lula entrega o texto das reformas ao Congresso

Uma rara conjunção de fatores positivos brindou o Brasil na semana passada. Com 120 dias no Planalto, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva produziu e entregou ao Congresso Nacional os textos das reformas da Previdência e tributária, ambas essenciais para diminuir as fragilidades internas da economia brasileira e a vulnerabilidade do país às crises externas. À frente dos governadores de todos os Estados do Brasil, Lula encabeçou uma caminhada histórica que terminou diante do Congresso: todos os textos foram recebidos pelas lideranças parlamentares. Se a tramitação das reformas no Parlamento corresponder em grandeza e atendimento dos interesses nacionais ao simbolismo da marcha liderada por Lula na semana passada, os brasileiros terão razões reais para esperar um futuro melhor.

Com as dívidas interna e externa classificadas como as maiores entre os países emergentes, o Brasil é suscetível aos desequilíbrios domésticos da economia e vem há anos se empobrecendo a cada choque externo. O mais recente, cujos efeitos se fizeram sentir no decorrer dos dois últimos anos, custou aos brasileiros 10% do produto interno bruto (PIB). Como meta final, o que se espera das reformas é que fortaleçam as finanças públicas, produzam um Estado menos faminto de impostos e garantam à maioria dos brasileiros a tranquilidade necessária para sentir a riqueza que eles produzem com seu trabalho. Essa grandiosa e complexa tarefa está agora nas mãos dos deputados e senadores. Espera-se que eles se desincumbam dela com a clareza de propósitos que norteou o Executivo ao propor as reformas.

Para coroar uma semana muito boa em Brasília, os dados mais recentes sobre o estorço de ajuste financeiro promovido pelo governo e pago pela sociedade são animadores. O total recuou de suas notações estratosféricas para um patamar em que alivia o serviço da dívida pública e, ao mesmo tempo, não compromete a competitividade das exportações. Os números sobre o crescimento das vendas externas, combinados com a economia de gastos feita por Brasília, colocaram o Brasil de novo no jogo econômico mundial como um país promissor. A urgência agora é transformar a maré positiva em benefícios para os brasileiros.

veja 7 de maio, 2003 7

Fonte: Veja, 07 de maio de 2003.

Editorial 4 (VE4)

Carta ao leitor

Um soco nas instituições



**Menem, ao
anunciar sua
resistência, se
somou passada:
prejuízo para
a democracia
argentina e para
a imagem do
continente**

Se a enfermidade mais resistente da América Latina é mesmo a debilidade institucional, há tempos a Argentina está no hospital. Na semana passada, a desistência de Carlos Menem de disputar o segundo turno das eleições revelou-se um gesto de desprezo pelas instituições democráticas argentinas no momento em que elas mais precisam ser protegidas. Não foi apenas uma despedida melancólica da vida pública de um político que por dez anos, de 1989 a 1999, presidiu seu país, deixando um legado controverso de inegável modernização econômica, escândalos pessoais e desastres administrativos. A manobra de Menem para se livrar de uma derrota certa nas urnas para o pouco conhecido Néstor Kirchner no segundo turno das eleições custará muito aos argentinos e, por extensão, à América Latina.

Como mostra uma reportagem da presente edição de VEJA, Menem perderia para Kirchner por uma diferença de 30% a 40% dos votos válidos. Seria massacrado nas urnas. Mas delas o ex-presidente poderia sair vitorioso, como alguém que sacrificou sua imagem de político jamais derrotado em eleições majoritárias em benefício do fortalecimento democrático e do interesse nacional. Fezto grandeza a Menem. O ex-presidente entrou em se na numerosa galeria de políticos e mandatários argentinos oportunistas e desastrosos em que figura, para citar apenas o caso mais dramático, um general-afidador (Leopoldo Galteri) que, em 1982, em meio a uma bebedeira, decidiu declarar guerra à Inglaterra, uma potência militar e econômica.

O episódio da fuga de Menem da derrota inevitável contrasta fortemente com o Brasil atual, que deu um exemplo impecável de alternância de poder em 2002. O Brasil tem hoje em Luiz Inácio Lula da Silva um presidente que está comandando uma política econômica em franca oposição a suas convicções ideológicas históricas, por se convencer de que ela é a mais apropriada para o bem-estar da maioria dos brasileiros. Resta forçar para que, com a chegada de Néstor Kirchner à Casa Rosada, a Argentina esteja inaugurando um novo ciclo em que as instituições se tornem mais fortes que a vaidade, o desprezo e o interesse maior dos políticos.

veja 21 de maio, 2003 9

Fonte: Veja, 21 de maio de 2003.

Editorial 5 (VE5)

Carta ao leitor

Pela porta estreita



**Monica Weinberg:
a chave do sucesso
dos profissionais
vencedores**

VEJA publica nesta edição um levantamento pioneirizado em um fenômeno de alto interesse para quem precisa entrar ou se manter no mercado de trabalho brasileiro. A reportagem especial de quinze páginas é um empreendimento que, pelo rigor, pela profundidade e pela metodologia, ultrapassa o escopo das incursões jornalísticas tradicionais sobre o tema. Ela mostra que no quadro adverso da economia do país, em que o desemprego bate recordes e ainda nova medicina dos institutos especializados, um grupo de pessoas consegue se manter à tona no mercado e ainda progredir na carreira. É um feito e tanto. A massa de jovens sem emprego representa 44% do total de desempregados do país. Ou seja, a porta de entrada no mercado de trabalho nunca foi tão estreita como agora. A reportagem de VEJA mostra a receita dos que conseguiram passar por ela e repassa aos leitores a experiência daqueles que driblaram os obstáculos iniciais e atualmente são considerados profissionais talentosos.

Para executar a tarefa, VEJA destacou uma equipe de quinze jornalistas. O primeiro passo foi selecionar as profissões a ser analisadas. Optou-se por estudar dezessete das mais concorridas no vestibular. Com o auxílio de uma empresa especializada em pesquisas de mercado, a revista entrevistou profissionais conceituados e executivos de recursos humanos, num total de 259 pessoas, pedindo a eles que apontassem nomes de talentos jovens nas dezessete profissões de maior destaque. Foram escolhidos 607 jovens entre 28 e 38 anos de idade. Todos eles foram entrevistados pela revista. "Fazer as entrevistas e tabular as informações exigiu um esforço descomunal", diz a repórter Monica Weinberg, que participou da equipe. O esforço foi recompensador e dele resultou um conjunto de dados inéditos sobre o estado atual das profissões, que futuro elas reservam para quem ingressar no mercado de trabalho nos próximos anos e quais são as características pessoais e profissionais que podem ser a chave do sucesso.

veja 4 de junho, 2003 7

Fonte: Veja, 04 de junho de 2003.

Editorial 6 (VE6)

Carta ao leitor



Diogo: mais um recorde de cartas

Quem é Diogo Mainardi

A coluna de Diogo Mainardi publicada na edição passada tratava sobre o costume brasileiro de fazer constantes referências a Deus, não importa a esfera de atividade. "Precisamos de menos deus", comenta Diogo — assim mesmo, sem "d" minúsculo. Por tratar de um tema delicado, e de forma pouco convencional, ela foi objeto de 387 cartas de leitores. Essa quantidade de cartas fez com que sua coluna entrasse pela segunda vez na lista das matérias mais comentadas da história de VEJA. Diogo é um sucesso para o bem e para o mal. Muitos leitores o amam e outros tanto o odeiam. Difícil mesmo é ficar indiferente ao que ele escreve. Diogo gosta de destruir lugares comuns e de lançar um olhar provocativo sobre as unanimidades nacionais.

Mas quem é, afinal de contas, esse colunista que mexe tanto com os leitores da revista? Diogo é paulistano, tem 40 anos e mora em Veneza, num belo palazzo situado no Canal Grande, a principal "avenida" da cidade italiana. Ele mudou-se para a Itália em 1987, e foi lá que escreveu seus quatro romances, todos eles publicados pela editora Companhia das Letras. É casado com Ana, uma italiana (especialista em arte barroca), e tem um filho de 2 anos, Tito, que foi objeto de uma emocionante coluna da pai torija, publicada em julho de 2002. Diogo começou a escrever em VEJA em 1991, e só em 1999 ganhou um espaço próprio. Seu estilo afunilou duto aos tempos de estudante, quando já desafiava os professores com sua visão de mundo original. Ele chegou a frequentar a London School of Economics, uma das mais conceituadas instituições de ensino da Inglaterra, mas a sua formação sólida foi adquirida mesmo nas intermináveis horas que passou na biblioteca do Museu Britânico. Diogo é grande amigo do escritor americano Greg Vidal, que certa vez o aconselhou a concorrer à Presidência do Brasil. Não seria má ideia.

veja 18 de junho, 2003 **9**

Fonte: Veja, 18 de junho de 2003.

Editorial 7 (VE7)

Carta ao leitor
VEJA avisou




**Capas de VEJA
solam o MST,
suas táticas e
seus líderes: há
dezoito anos,
a revista trata
do assunto e
sempre alertou
para os abusos**

Há quase dezoito anos, em edição de 6 de novembro de 1985, VEJA publicou, pela primeira vez, a sigla MST, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. De lá para cá, a revista tratou diversas vezes do assunto, tendo dedicado sete capas aos líderes do MST e à sua audácia incontrolável de mudar a propriedade privada em nome de uma bandeira social. Antes, os integrantes do movimento invadiram propriedades rurais improdutivas. Agora, arruinaram as produtivas também. O MST não está sequer esperando o governo fazer a divisão das propriedades agrícolas em lotes para distribuir los. Os invasores começaram a cuidar da divisão e da distribuição eles próprios. Tudo isso é ilegal, mas vem ocorrendo sob a vista das autoridades.

A reforma agrária pode ser uma ferramenta positiva ou negativa, dependendo de como seja manipulada. Feita dentro da lei, pode ajudar a combater o desemprego rural, embora não se deva imaginar que ela venha a funcionar como fonte inesgotável de novos empregos num país que tende a se urbanizar em velocidade acelerada. A reforma agrária ajuda (ainda) a evitar o inchaço das periferias metropolitanas, mantendo no campo famílias que, de outra forma, poderiam tomar o caminho das grandes cidades.

O mais preocupante nesse quadro é que, em vez de arrefecer com a distribuição crescente de lotes, o número de invasões aumenta cada vez mais. Por trás dessa evolução paradoxal está uma crise óbvia: a uso ideológico da bandeira da reforma agrária por quadros de líderes que recrutam não apenas agricultores sem terra para seu movimento, mas também desocupados urbanos em geral, com o propósito de inchar suas fileiras e pressionar o governo e a sociedade. Um dos desafios do atual governo é encontrar solução para esse problema que derrotou os antecessores e só vem piorando desde a posse dos petistas em Brasília.

veja 7 de julho, 2003 9

Fonte: Veja, 02 de julho de 2003.

Editorial 8 (VE8)

Carta ao leitor

Duas capas, a mesma VEJA

VEJA é a maior e a mais influente revista do Brasil. Com cerca de 1 milhão de assinantes e mais de 300 000 exemplares vendidos em bancas todas as semanas, firmou-se também como a quarta maior revista de informação do mundo em circulação. Nesta semana, pela primeira vez em sua história, VEJA decidiu publicar sua edição regular com duas capas diferentes. Uma delas foi enviada para os assinantes e a outra, para as bancas. O conteúdo das duas é rigorosamente o mesmo, da primeira à última página. Nada muda, a não ser a imagem estampada na capa.

Por que VEJA faz isso? Para testar uma hipótese. O assinante — aquele que recebe a edição em casa todas as semanas, tem uma relação especial com a revista. Por experiência, espera um cardápio, invariavelmente rico de reportagens, qualquer que seja o assunto escolhido para a fachada da publicação. Entre os leitores de banca, uma boa parte age da mesma forma. Muitos dos compradores de bancas, no entanto, se incluem entre aqueles que escolhem revistas por impulso.

Porá bem: nesta semana, a capa dirigida ao público de banca trata de um risco humano — o gosto pelo risco que se verifica tanto entre os investidores mais agressivos quanto entre os praticantes dos esportes radicais, da mesma forma que pode ser observado no romance, na seleção de rotas de viagem e até na concorrência no ambiente de trabalho. A ideia é verificar até onde a compra por impulso pode ser influenciada pela escolha de um tema relacionado ao comportamento humano atual esse. O anúncio dirigido aos assinantes traz também essa reportagem, mas a capa é dedicada ao estado de estagnação em que mergulhou a economia do país. Como mostra VEJA, o Brasil precisa preservar a estabilidade das contas públicas e a vitória contra a inflação, sem se esquecer do crescimento. Para crescer é preciso, um primeiro lugar, estabelecer um projeto claro de desenvolvimento para o longo prazo. Em seguida, será necessário convencer a nação de que ele é viável, para desatar a onda de confiança sem a qual o crescimento não se inicia. Nesse aspecto, o governo pode exercer um papel decisivo, coisa que até agora ainda não conseguiu fazer.



A versão para assinantes, no alto, e a versão de banca; o conteúdo é o mesmo

Fonte: Veja, 16 de julho de 2003.

Editorial 9 (VE9)

Carta ao leitor

O ranking de VEJA



Valladares, Graieb, Isabela, Marthe e Martins: quase uma centena de entrevistas para formular a lista

A lista dos quarenta artistas mais poderosos do Brasil, publicada nesta edição, consumiu três meses de trabalho da edição de Artes e Espetáculos. Sob a coordenação do editor Carlos Graieb, os repórteres encarregados de cobrir as áreas de televisão, música, literatura e cinema entrevistaram quase uma centena de profissionais, entre atores, cantores, escritores, diretores, produtores, empresários e publicitários. A busca era por dados que, devidamente cruzados e analisados, fornecessem ao leitor de VEJA um retrato fiel da elite que dá as cartas no mundo artístico brasileiro. Como nem sempre é de interesse dos diretamente envolvidos divulgar certas informações, especialmente aquelas que se referem a números, foi preciso checar exaustivamente cada detalhe apurado, para que não houvesse erros que comprometessem a colocação de cada um dentro da lista. Os critérios que resultaram nos quarenta nomes e respectivas posições estão explicados no reportagem que começa na página 94.

Rankings de artistas são uma tradição no jornalismo americano. Há vários anos, revistas como *People*, *Entertainment Weekly* e *Forbes* publicam periodicamente listas que dão conta do tamanho da fama, do dinheiro e da influência das estrelas que compõem o lado mais glamoroso da indústria do entretenimento, um ramo importante da economia dos Estados Unidos. É uma forma de dar objetividade a um mundo tomado pela subjetividade. Ao se adotarem parâmetros concretos para avaliar e classificar os artistas, são deixadas de lado as simpatias e as antipatias que, um pouco por distorção e muito pela própria natureza do ofício, coloram as críticas jornalísticas.

veja 6 de agosto, 2003 7

Fonte: Veja, 06 de agosto de 2003.

Editorial 10 (VE10)

Carta ao leitor

No gabinete com Lula



Da esq. à dir., Alcântara, Thais, Petry e Oinegue: primeira entrevista

A presente edição de VEJA traz a primeira entrevista em profundidade concedida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva desde que venceu a eleição, há sete meses. Para o presidente o momento é especial. Seu governo alcançou uma vitória acachapante: a votação da reforma da Previdência, que além dos méritos evidentes de saneamento financeiro do País, sinalizou que o país tem comando e está no rumo certo. A Empecês Alcântara, diretor adjunto do VEJA, Edinaldo Oinegue, redator-chefe, e André Petry, chefe de imprensa de Brasília, se juntou a editores Thais Oyariza. O presidente recebeu os quatro jornalistas da revista em seu gabinete, no 8º andar do Palácio do Planalto, uma sala ampla com três ambientes integrados. Ali ficam a mesa de trabalho do presidente, uma grande mesa coberta de relatórios e um conjunto de sofás e poltronas. O gabinete foi recentemente reformado sob a supervisão da primeira-dama, Marisa, que escolheu a cor da nova tapete. O bege básico deu lugar a um modelo mais moderno, de tom avermelhado.

O encontro com os jornalistas de VEJA estava programado para durar apenas quarenta minutos, mas acabou se estendendo por mais de duas horas. Eles encontraram um presidente à vontade no cargo e com posições seguras, algumas até desobscurecidas, como as que expressou sobre os rancoris do PT e seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Enquanto transcorria a entrevista, a vida no andar do presidente vivia o burburinho típico do núcleo do governo. Na agenda presidencial, havia um lembrete para que Lula se recordasse do aniversário de Fidel Castro, que completava 77 anos. Na ante-sala, um cubículo comparado ao latifúndio do gabinete presidencial, ajudantes-de-ordens e assessores se espremiavam em busca de decisões logísticas sobre a próxima viagem do presidente. Também se apercebia no salão o marqueteiro Duda Mendonça, que esperava o término da entrevista a VEJA para enviar o pronunciamento oficial do presidente disponível na quinta-feira passada em cadeia de rádio e televisão.

veja 20 de agosto, 2003 9

Fonte: Veja, 20 de agosto de 2003.

Editorial 11 (VE11)

Carta ao leitor

Cara e ineficiente



Protesto de funcionários do Instituto Nacional de Câncer (Inca), do Ministério da Saúde

VEJA publica nesta edição uma reportagem que analisa a deformação básica do Estado brasileiro, a de cobrar muito caro da sociedade em troca da oferta de serviços públicos de péssima qualidade. Na semana passada, um dos poucos centros de excelência em medicina pública no Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (Inca), parou em protesto contra o preenchimento político de cargos técnicos por parte do PT. Exemplos de injunções deletérias como essa são parte da história brasileira e, em graus variados, se fazem sentir em todo o país. Como se sabe, o governo absorve em impostos quase 30% de toda a riqueza produzida pelos brasileiros. Cada chefe de família trabalha quatro meses por ano apenas para satisfazer a voracidade tributária dos cofres públicos. Além disso, com uma dívida pública entre as maiores do mundo, o Estado brasileiro porusa de quase toda o crédito bancário disponível no país para rolar seus papéis. Sobram para a oferta de empréstimos apenas 34% do total do dinheiro destinado a empréstimos no sistema financeiro. Essa é uma realidade porhecida. Com efeitos desastrosos sobre a vida econômica e social do país. A presente edição de VEJA é uma contribuição à tarefa indispensável de refletir sobre as causas dessa máquina cara e ineficiente.

Atacar as raízes dessa distorção deveria ser a prioridade dos governantes de todos os níveis, do presidente da República aos prefeitos. Se não que o Estado aprenda a fazer mais com menos recursos, sem que Brasília desculpa a todos de não ouvir tanto os cidadãos e as empresas, o país continuará com uma economia de desempenho medíocre e vulnerável a choques. Não são mudanças fáceis. Levantamento recente da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, mostrou que nos últimos cinquenta anos na maioria dos países os gastos governamentais cresceram sempre acima da variação do PIB. Muitos deles, porém, foram bem-sucedidos em gastar dinheiro público com mais justiça. A Inglaterra destina na forma de serviços aos cidadãos mais ricos apenas 1 de cada 12 libras que eles mesmos pagam de impostos. No Brasil, a situação é inversa: os mais ricos recebem de volta em subsídios, serviços, isenções e gratuidades 1 de cada 2 reais pagos de imposto. Cada um tanto, o governo do PT terá de enfrentar o desafio de racionalizar as relações do Estado com a sociedade. Melhor começar cedo.

veja 3 de setembro, 2003 7

Fonte: Veja, 03 de setembro de 2003.

Editorial 12 (VE12)

Carta ao leitor

Comércio é riqueza



Plenário da OMC em Cancun: esperança para ricos e pobres

A palavra proteção para designar as barreiras tarifárias e outros obstáculos que encarecem ou dificultam as transações comerciais entre os países é um rótulo bemieno para uma medida nociva. Uma reportagem da presente edição de VEJA sobre a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) realizada no balneário de Cancun, no México, na semana passada, mostra que há relação direta entre o volume de bens transacionados internacionalmente e o crescimento da riqueza mundial. Nem todo processo de troca produz vencedores e perdedores. No comércio mundial ainda há distorções que prejudicam uns e punem outros, mas sempre que ela aumenta, o estoque de riqueza do planeta cresce e há uma diminuição das desigualdades. Portanto, quanto mais "proteções" os países arguem em seu comércio exterior no tentativo de sair vencedores em todas as transações, mais estação está contribuindo para o empobrecimento global.

A globalização econômica iniciada no fim da década de 80 e que teve seu pico no término dos anos 90 foi o mais recente período de abertura do comércio e de relaxamento de barreiras ao trânsito de produtos e capitais do planeta. Foi o mais abrangente, mas não foi o único, nem o mais radical. A partir de 1846 — por quase um século, a Inglaterra praticamente aboliu as tarifas de importação. O Japão viveu sem barreiras comerciais durante boa parte do período Meiji (1868–1912). Outro exemplo radical e isolado foi o de Hong Kong nos 156 anos de dominação britânica, terminados em 1997 com a devolução da ilha para a China. As experiências de libertação das fronteiras coincidiram nesses países com períodos de grande prosperidade. Não existe, é claro, unanimidade em admitir que a liberalização foi o fator primordial do processo de enriquecimento daqueles países. A noção de que o livre-comércio gera riqueza global, no entanto, é aceita à esquerda e à direita do espectro ideológico. Por isso, há uma torcida por-nenhuma parte que os países ricos e os emergentes cheguem a um acordo em Cancun. Se visse a ocorrer uma súbita e radical liberalização do comércio global, mostra um estudo do Banco Mundial, haveria um aumento anual da renda planetária de quase 300 bilhões de dólares, o que tiraria da pobreza 114 milhões de pessoas até 2015. Embora isso não vá ocorrer em Cancun, qualquer passo nessa direção será muito bem-vindo.

veja 17 de setembro, 2003 9

Fonte: Veja, 17 de setembro de 2003.

ANEXO 5 - Editoriais de Época

Editorial 3 (EP3)

CARTA DO EDITOR

Lula e a moderação

Por Luiz Antônio Gonçalves
Desde a Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva nasceu o predomínio e a proliferação dos sindicatos. O que já existe sobrou no quartel-general, quando Lula compareceu a uma missa em São Bernardo do Campo, para festejar a "Cruzada" Lula já celebrava a missa numa igreja católica, em que a polícia atacava operários com cassetetes e halteres, e faziam vários feridos. Em 2003 o governo presidencialista tornou-se o combatente em chibatões, com a polícia, de todo o sistema de segurança do país.

Lula costuma se apresentar como um inimigo do sistema, e o sistema nas últimas décadas. Ele não é o único protagonista no cenário do presente, contudo, que ajuda a fazer lutas sobre o modelo de governo. A moderação, embora tenha sido uma máxima política no período mundial que presenciaram a chegada de corporações. Lula sempre foi sempre considerado o que a maioria, de dentro, dos principais partidos políticos, quando por Frel Zélio, o líder que militava no Partido Comunista, fugiu ao sistema autoritário da organização. São Bernardo sempre foi alvo de vários ataques destruídos que tentavam cooptar lideranças. Lula firmou-se de Lula em São Paulo. No Fim de Maio de longínquo ano de 1977, por exemplo, organizou com espartilhos-se, no município de São Paulo, na periferia de São Paulo, com um poder de milhares de pessoas. Lula, que sempre escreveu em dizer que trabalhador não devia se envolver em política, não compareceu ao evento, o que permitiu que fosse chamado de "baterias" pelo jornalista João Radicati. Dize depois, os operários da base de São Bernardo, silenciosamente organizados pelo espírito de Lula, formaram a greve por aumento de salário que participando as lutas de montagem, deu um caráter popular à democratização do país. O resto...



Lula no Fim de Maio de São Bernardo, no cenário passado, como bispo, e em 1977, como líder sindical em ambiente hostil.



isso a fundação do PT - a maioria católica. O resto do mundo viveu situações similares. Lula, etc.

Embora a moderação possa servir também como descrição para a inoperância e a incoerência de Lula, mostra uma característica com uma estratégia que se poderia chamar de "moderação competitiva". Chegou ao Planalto sem jamais encontrar um diálogo profundo por meios radicais. Nos anos em que o PT aprovou propostas técnicas de grande importância, seu líder máximo não se importava. Sobreviviu à política ou mesmo como o que torna mais surpreendente o caso da política: invante, porém, definir boa parte dos discursos do PT na oposição. O mesmo método vem sendo aplicado aos membros da oposição, por aqueles que, no final de 2002, preferiram o que alguns chamam de "modo de vida do candidato do PT" na sucessão. (Muitos hoje permanecem a cargo, o que demonstra por todos os efeitos que não há nada de heroísmo nem esportividade em nenhum período, nenhuma.)

Está claro que Lula mostra que seu governo terá vitória pela moderação, pelo esforço de conquistas, e não de diminuir os mercados. Nunca, pode-se dizer, como estão o país no fim de sua história.

Os primeiros resultados demonstram que os objetivos traçados na posse estão sendo atingidos. O risco para o país não é de cair, os títulos da dívida externa alcançaram um valor que é um recorde histórico. A economia se desenvolve e o desemprego está diminuindo e o crescimento industrial é uma esperança. Mas já deu para perceber que perdeu muita apostas no jogo da vida. As coisas pararam enquanto a moderação Lula é uma vitória.

DAVID NUNES DE LIMA, PROFESSOR DE HISTÓRIA

Editorial 4 (EP4)

CARTA DO EDITOR

Agora é que são elas

Um pouco antes de ingressar em seu sexto mês de mandato, Luis Inácio Lula da Silva teve uma semana agitada. Em primeiro lugar, lidou com o desgaste gerado pela punição aos rebeldes do Partido dos Trabalhadores — cujo pecado maior, diga-se, é pertencer ao PT — e, em seguida, com a perda pessoal pela queda dos jurus, que foi arcaica para o vice-presidente José Alencar.

A confusão seguiu com a divulgação de uma lista



de devedores na Presidência, que minuciosamente estruturava inadimplentes de planão com empresas sérias, que confessam o pagamento desses títulos no Justice. Nesse ranking, figura a Sadia, de propriedade da família do ministro Luis Fernando Furlan — um grupo que não se encaixa no perfil de crédito. Lula ainda venceu um dia, curse indigesto do deputado Geddel Vieira de Lima (PMDB-BA) no meio de um almoço para sustentar a adesão do PMDB à base aliada. Por fim, a declaração do senador Mão Santa (PT-AC) fizeram o dólar subir, avaliando o chamado risco Brasil.

*Lula, mesmo
prezando pelo
o logo vermelho
e ficar mais
confortável*

Ainda é cedo para afirmar categoricamente que o lindeira de Lula com o eleitorado acabou. Mas há sinais evidentes de que já não pega tão bem, entre os políticos, militar o governo — e, talvez, pode ser encontrada com a realidade insatisfeitos nos dois lados do espectro ideológico. De um lado, existe um desconforto mais do que conhecido com as reformas. De outro, uma certa irritação com a demora para tirar as mudanças do terreno das discussões.

Até hoje, Lula desfrutou da alta popularidade e do impacto de algumas medidas, que prometem um apelo ainda maior. Mas seu governo começa, de fato, neste semana. A partir de agora, terá de lidar com a vontade das massas e com o amargor de algumas medidas necessárias. O jogo começa a ficar complicado, como dizia Fernando Henrique Cardoso, o vai e vem de Lula sua habilidade mais preciosa: a capacidade de negociar — de sensibilizar os políticos.

ALBERTO FERRELLI / EDITOR DE POLÍTICA

Editorial 5 (EP5)

CARTA DO EDITOR

Insegurança para todos

Experimente fazer o teste: num jantar entre amigos ou numa festa, diga que foi assaltado recentemente. Não precisa nem contar detalhes. É como se você estivesse apertando um botão invisível que faz todo mundo ao redor contar alguma experiência. É o tipo de assunto que segura uma conversa por horas, pois há milhares de histórias envolvendo amigos, irmãos, pais, avós, vizinhos...

O que faz alguém tão disposto de falar por horas sobre um assunto tão ruim? Morbidez? Um pouco. Mas o fato é que a violência nos fornece matéria-prima suficiente para discorrer sobre os crimes que deflam a consciência média. Por isso, as pessoas têm a necessidade de

falar por um misto de revolta, incômodo e perplexidade.

Quem tem entre 35 e 45 anos, por exemplo, ainda consegue viver uma infância com brincadeiras na rua e sem medo de insetos. Estes lembranças, que carregu em trinta memórias, cada têm a ver com o cotidiano das crianças do século XXI: mentos e meninas confinados em condomínios, andando em cores de vídeos fechadas e cujos principais programas de lazer estão dentro das paredes dos clubes e dos shopping centers.

Esta memória de um mundo melhor alia a perplexidade e

o incômodo. A sociedade cansa de esperar por alguma solução do Estado (federal, estadual ou municipal) e passa por a ação. Se a polícia não consegue protegê-la, ela tem de se proteger. O problema é que, por enquanto, a segurança é um artigo de luxo. O que se vê é, outra vez, a classe média pagando por algo que o Estado oferece de graça. Nos anos 60 e 70, muita gente educava os filhos em escolas públicas. Hoje, crianças e adolescentes só vão para a rede pública quando não há outra saída. Até duas décadas atrás, ainda se via em hospitais estaduais e municipais — algo impensável nos dias de hoje. Pois bem. Se já pagamos pela educação e pela saúde, por que não pagar também pela segurança? É revoltante, mas trata-se de um problema sem solução alguma pelo fôlego.

ALUIZIO FALCÃO FILHO, DOCTOR DE EDUCAÇÃO



*A infância
Vivemos a infância
e não temos
nenhuma de
atenção de
atenção de
atenção de
atenção de
atenção de*

Editorial 6 (EP6)

CARTA DO EDITOR

As mulheres por cima



*Mairê (acima),
Paula (ao lado)
e (no sentido
horário) Cláudia,
Viviana e
Clayton - as do
bloco das
mulheres em
ÉPOCA*

Nesta semana, as mulheres são o destaque da edição, a começar pela reportagem de capa, de autoria da repórter Ágata Pereira, de 30 anos. A entrevista exclusiva com o líder espiritual Dalai Lama, realizada em Estocolmo, teve vários momentos de descontração. Num deles, o Lama tossiu fortemente e disse: "Não se preocupe, não é que alguma asiática". Além de entrevistá-lo, Paula acompanhou sua comitiva durante cinco dias, entre cidades da Suécia e da Noruega. O resultado desse périplo está na página 70.

Esta edição também traz duas estórias - igualmente femininas. A primeira é de uma atriz que resolveu virar crônica aos 43 anos. Estamos falando de Máitê Proença, que nos brindou com uma crônica ousada e bem-humorada. Máitê - cujo nome paradoxalmente quer dizer "coisa feia" em tupi-guarani - teve o prazer de uma polêmica no texto "Peça de Natu" que começa na página 72.



Ela começou a escrever há dez anos, quando foi co-autora da peça *Mulheres de 30*, e resolveu encarar o desafio de ser crônica de ÉPOCA. Nesse mesmo tempo, começou a trabalhar num romance. Chegou a escrever 100 páginas e parou. "Um dia, rebi o material, achei bobo o resultado parar", diz ela. "Um dia eu volto." Enquanto ela não virá romancista, o jorn é acompanhado suas crônicas em ÉPOCA.



A outra estória da semana vem multiplicada por três. Trata-se da coluna *Garotas Que Dizem Não*, de autoria das jornalista Cláudia Passos, de 25 anos, Viviana Agostinho, de 26, e Thávia Pegorn, de 28. O trio, que roubou o nome do colunista de uma passagem do filme *Monty Python em Busca do Caldeirão Mágico*, se conhecem há muito de entretenimento. Os laços se aprofundaram quando as três foram convidadas no mesmo dia, durante o estouro da bolha da internet. Resolveram, então, criar um blog na rede com sua visão muito particular do universo feminino. Um pouco dessa revista de sair e entrar e similitude pode ser conferida na página 82.

ALCÍZIO FARIAS FILHO - 15 ANOS DE ATUALIDADE

ÉPOCA, 16 DE JUNHO, 2003

Fonte: Época, 16 de junho de 2003.

Editorial 7 (EP7)

CARTA DO EDITOR

Uma cabeça brilhante

Em tom de bragaço, o publicitário Washington Oliveira gosta de dizer que Ricardo Freire tem uma cabeça brilhante — por dentro e por fora. Nascido em Porto Alegre, filho de scarpiano com uma gracinha de Passo Fundo, Rio — conta e chama — pelas amigas — estreia em *ÉPOCA* nesta semana com a coluna *Xoupa*. Dele é o *Freire*, com quem trabalhou, e autor de várias campanhas premiadas e de um livro de turismo nas praias brasileiras, o *Freire's*.

Não está ligando o nome à pessoa? Bem, o slogan "não é nenhuma Brastemp" aos familiares, não é? Pois esse e vários outros saíram da cabeça lusitana que aparece abaixo. Mas não de lá também se lê um texto sobre o uso exagerado do *gründel*, que varreu a internet há mais anos? Ele começa assim: "Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consegue estar falando sem estar espalhando essa praga terrível de comunicação moderna, o 'aluro da garrafa'". Pois sim. O autor é ele mesmo: Ricardo Freire.



Freire, um dependente químico de comida

De seu pai, um funcionário do Banco do Brasil que era beneditino de caráter constantemente, herdou o temperamento normal. Não, não se trata de um turista artificial — Rio é um viajante compulsivo, que perde a até a foto e voltar com as milhas acumuladas nos computadores aéreos. Sua última viagem foi para Los Riques — um aglomerado de ilhas na Venezuela conhecido só por ele e uma dúzia de italianos malucos. Depois do guia *Freire's*, está escrevendo o segundo livro, que será lançado pela Editora Objetiva. O título já entrega qual é seu passatempo favorito (além do turismo): *O Freire's Novo: as Confissões de um Dependente Químico de Comida*.

Na reportagem de capa, chamamos a atenção para um tema importante para qualquer pai: como fazer do seu filho uma pessoa de sucesso, equilibrada e feliz. *ÉPOCA* sabe que não existe um manual da educação perfeita para os filhos. Mesmo assim, resolvemos botar nossas feixas no tema e inventamos três séries na opinião da matéria que começa na página 92. O trabalho, coordenado pela editora Ana Magdalena Floria, contou com a colaboração dos repórteres Cátia Lux, Eliane Santos e Souza Azevedo e coloum informações e opiniões de educadores, psicólogos, economistas, executivos e especialistas em relações humanas. Ana Magdalena, duques de passagem, teve uma motivação extra para dar tudo de si nessa reportagem: o pequeno Gabriel, de 7 meses, que com certeza, terá um futuro brilhante pela frente.

ALVARO FALCÃO FRILÓ, Diretor de Redação

Editorial 8 (EP8)

CARTA DO EDITOR

O risco e a especulação

Durante os últimos meses de 2002 e os primeiros deste ano, a economia entrou em os altos e baixos do dólar e do chamado risco Brasil – um índice criado pelas empresas de *rating* para avaliar se os investidores internacionais podem ou não confiar no país. Em setembro de 2002, por exemplo, o índice de risco Brasil chegou a 2.500 pontos, diante das dúvidas em relação ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva. No primeiro mês de 2003, as incertezas baixaram, mas continuam altas: o índice fica em torno de 1.400 pontos, ante a possibilidade de o governo não abraçar as reformas necessárias para o Brasil.

A ortodoxia da dupla Antônio Palocci-Tenório Meireles fez a colação do dólar. Lá, assim como o risco Brasil. Os investidores acreditaram na proposta de governo e saíram sem o medo. O comportamento do mercado revela que a comunidade financeira está mesmo tranqüila com o governo – mesmo quando analisa condições mais propícias ao risco.



Na quinta-feira, por exemplo, o governo – pela primeira vez – lidou depois de sofrer forte pressão do funcionalismo. E aceitou conversar sobre um dos tópicos mais delicados de seu programa de Previdência: a futura aposentadoria integral dos servidores públicos. Ao abrir a possibilidade de continuar pagando proventos integrais aos aposentados do setor público, o governo colocou em questão uma das suas ferramentas de que dispõe para atingir o equilíbrio fiscal.

Mais do que isso, o governo também desanimou os conservadores – que, durante as eleições, tinham o comportamento de Lula em eventuais confrontos com os parceiros de luta, como os funcionários públicos e os integrantes do MST. O debate final da reforma ainda será debatido, porém com mais tranquilidade. A questão é: por que o dólar e o índice de risco Brasil praticamente não se mexeram na ausência de um grande pacote de reformas do Tesouro?

Os critérios de avaliação dos investidores mudaram ou o pessoal negociou mesmo durante a campanha?

ALDO FALCÃO FIELO, DIRETOR DE REDAÇÃO

18

Fonte: Época, 14 de julho de 2003.

Editorial 9 (EP9)

CARTA DO EDITOR

Políticos e críticos

Já se compararam muitas o governos de Luiz Inácio Lula da Silva com a gestão de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Há algumas semelhanças, especialmente na condução da política econômica, mas em pelo menos um ponto o governo Lula é muito diferente de seu FHC: a dificuldade em digerir as críticas.



Fernando Henrique e seu primeiro escalão – exceção feita a Sérgio Motta – eram a própria turma do rixão-disco. Mas não se conta história indigestível, por exemplo, FHC parecia se abor para as críticas, assim como sua equipe, e ia tocando o barco. No governo Lula, contudo, a coisa é bem diferente – pelo menos por enquanto.

Entende-se a dificuldade. O governo, sendo de uma luz de mel com a opinião pública, tem de enfrentar uma bateria de críticas, crises e problemas. E, especialmente na semana passada, algumas autoridades enfiaram o discurso e machucaram críticas com violência verbal. Neste momento de testes, porém, é preciso cabeça fria e língua adocada. A sociedade não quer debates acalorados que produzam o estouro de conflitos. Quer soluções – e rapidez.

Na semana passada, tipicamente, os ânimos se acenderam em Brasília, embora o governo ainda tenha pela frente algumas dificuldades de peso. Esse estado de espírito pode ser conhecido na entrevista que começa à pág. 24, com o presidente da Câmara, José Paulo Cunha, de autoria dos jornalistas Expedito Filho e Gerson Camaroti.

Sobre a morte do fotógrafo Le Costa, a serviço de EBC, enquanto cobria a invasão de um terreno em São Bernardo, ele diz: "A morte do fotógrafo (...) é uma coisa triste e lamentável". A solução para os conflitos de sua terra e sua terra, para ele, é uma combinação de "diálogo, firmeza e proposta".

O assassinato de Le Costa foi apontado na quarta-feira e o fim das assaltantes da pista de gasolina que fica em frente ao terreno é coberto. Mas, como EBC já afirmou na semana passada, pouco importa quem apitou o gatilho. Se, por um lado, a morte de Le Costa simboliza a violência embutida na criminalidade social que o país enfrenta, por outro deve ser encarada como uma travessia para uma nova fase – na qual o governo deverá agir com mais firmeza e os movimentos sociais com mais prudência.

ALVARO FALCÃO FERREIRA, Diretor de Redação

18

Fonte: Época, 04 de agosto de 2003.

Editorial 10 (EP10)

CARTA DO EDITOR

Fonteles e as invasões

Segundo a Constituição e a Lei Complementar n. 75/83, cabe ao procurador-geral da República garantir o respeito aos direitos assegurados pela Carta. Entre esses, está o direito à propriedade privada. Mas, ao defender, na semana passada, que este direito não é "um princípio absoluto", o procurador-geral Cláudio Fonteles fez muito e os debates debate jurídico botou mais lenha no fogueira das discussões sociais e movimentou-se em assuntos que dizem respeito ao Executivo.



Fonteles disse que, no caso de terras improdutivas, "os movimentos sociais podem entrar de forma pacífica e pacífica, podem produzir e até desenvolver suas atividades de acordo". Difícil imaginar um fazendeiro, dono de terras produtivas ou não, assistir passivamente à uma invasão em sua propriedade. E como toda mão lava a outra mão, o que se espanta, nítida situação dessas, é muita violência.

De acordo com o capítulo da Constituição Federal que trata dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos (artigo 5º, inciso XXII), há garantia o direito de propriedade. Fonteles argumenta que, além de garantir o direito de propriedade, a Constituição Federal estabelece que a "propriedade tem função social" (artigo 5º, inciso XXIII, do capítulo que trata dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, e artigo 170, inciso III, do capítulo sobre os Princípios Gerais da Atividade Econômica).

Enquanto o procurador-geral interpretou a Constituição de forma ampla, geral e restrita, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva arregaça as mangas para manter as tensões no corpo. O Planalto começa a separar o joão do trigo e identificar grupos revolucionários que se infiltram em movimentos como o MST e são responsáveis pela violência violenta nos conflitos.

O governo desce, lá há algum tempo, a necessidade de regular os assentamentos e os conflitos rurais. O objetivo é diluir tensões e acalmar os dois lados – sem, porém, ocupar terras rurais. O presidente Lula, em pronunciamento oficial à Nação, disse acreditar que "o pior já passou". Se depender de seu envolvimento pessoal – como está ocorrendo nos conflitos rurais – a possibilidade de o "pior" ficar mais hábil pode ganhar corpo.

ALVARO FALCÃO FIDELIS (BRUNO DE MENEZES)

Fonteles: "A propriedade não é um princípio absoluto"

18

Fonte: Época, 18 de agosto de 2003.

Editorial 11 (EP11)

CARTA DO EDITOR

O próximo desafio

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, gosta de dizer que sua gestão obteve um feito inédito. Segundo ele, foi a primeira vez que um governo conseguiu baixar a inflação usando apenas instrumentos da política monetária. De fato, até onde a memória vai, é difícil contestar a afirmação de Meirelles. O custo deste golpe na alta de preços, contudo, foi alto: o país entrou oficialmente em recessão, com dois trimestres seguidos de retração econômica.



Meirelles e a inflação: sua gestão conseguiu baixar a inflação usando apenas instrumentos da política monetária.

O Banco Central tem sensibilidade para combater e desarticular a economia e, num movimento agressivo, cortar os juros. Meirelles, contudo, espera que a queda de juros provoque um resaquecimento.

Até aí, se os juros sobem, a economia esfria. Se os juros caem, as vendas reagem. Na prática, contudo, as coisas não acontecem de forma linear.

Empresas e trabalhadores podem até ter ficado mais aliviados com o corte nas taxas, mas ainda estão apressados em relação ao futuro. Nesse cenário, empresas postergam investimentos e as pessoas físicas guardam dinheiro no banco, mesmo com juros menores. O resultado dessa equação é um período mais de recessão do que todos desejam. Tira o teste: você tem comprado recentemente tudo o que precisa ou desistiu? Ou preferiu esperar mais um pouco? Se você respondeu sim à segunda pergunta, a maioria deve ter respondido, entendo por que é tão difícil atacar o consumo diretamente nos tribos.

O governo, para reativar a economia, tem de lidar com outro problema. A inflação dos últimos dois anos cortou o poder aquisitivo da classe média. Estima-se que o poder de compra hoje seja 15% inferior ao de 18 meses atrás. Quem está nessa situação já cortou despesas há algum tempo – e não será a redução de alguns pontos percentuais na taxa de juros que vai levar os trabalhadores ao consumo. Por isso, o governo tem de adotar outras medidas – e rápidas – para, enfim, poder anunciar o tão esperado “espírito de crescimento”. Mas, antes de mais nada, precisa resgatar a confiança dos empresários.

A. OTTONI PALCADO FILHO, diretor de Economia

Editorial 12 (EP12)

CARTA DO EDITOR

ÉPOCA, cada vez mais sua

Há alguns anos, quando se mencionava a poliarquia "globalizante", empresários, políticos e comentaristas quase faziam um sinal-da-cruz, fantasia em a reverência que a integração dos mercados tinha entre os fundadores de opinião. Mais do que uma tridônica passageira, como a cosmogonista, a globalização em voga era vista como a grande panaceia capitalista – a salvação das economias emergentes e dos países desenvolvidos.

Hoje, vê-se que havia um exagero em muitas das teses pregadas até pouco tempo atrás. Mas, no auge dessa febre globalizante, um dos entes de administração, C.K. Prahalad, soltou uma pérola que se transformou rapidamente em clichê: "Pense globalmente, aja localmente". A ideia que inspirou a capa da presente edição de *ÉPOCA* tem sua fonte na mantra de Prahalad.

Na verdade, não se trata apenas de uma capa – o ano de quatro – a reportagem principal da revista, um concorreto relato das eleições municipais que vão sulfurar as cidades brasileiras no ano que vem, nos deu a oportunidade de criar três capas regionais. Assim, os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul estão recebendo capas baseadas na cobertura de seus capitais. Uma quarta capa, mais genérica, chegará nos demais Estados.

Este ano é a primeira vez que *ÉPOCA* investe na regionalização de seu conteúdo – e, definitivamente, não será a última. Em outras ocasiões, Minas Gerais e Bahia receberam capas diferentes do restante do país. E vamos investir nessa estratégia num futuro próximo, privilegiando os Estados que ainda não foram contemplados com uma capa regional.

Além da matéria de capa, merece destaque, nesta edição, uma reportagem muito especial: "Louco e engraçado dia" – editada por Eliane Baum e de autoria de Alexandre Massari. Trata-se da história de pessoas com profissões muito sérias que deixaram de viver em instituições e passaram a morar em casas, formando "repúblicas" parecidas com as de estudantes. O resultado, bem-humorado e torácico, será enviado a partir da página 84.

ÉPOCA abreva sua regionalização de conteúdo

ALUIZIO FALCÃO FILHO, DIRETOR DE REDAÇÃO

18

Fonte: Época, 15 de setembro de 2003.

ANEXO 6 - Editoriais de Uma

Editorial 1 (UM1)

Na redação

De Deus aos tribalistas

Já que os humanos de Marte e as mulheres são de Vênus desde os primórdios bíblicos e sociedades, tenta preservar o encontro entre esses dois sexos não incompreensões entre si. No misticismo. Deus teve de dar uma história — e Adão ganhou uma companheira triste de sua própria espécie. Como Adão não teve escófia, não podia ter sido dar muito certo. Além de mais, as tentações se espolhavam pelo mundo, como ruiuva um porta de cinema. Os homens dos cavernas foram mais radicais: escolham a companheira, arrastavam a poltrona pela cabeça (talvez o termo de cabelos longos femininos tenha começado) e foram a procura para uma nova desconhecida caverna. Também não tentaram já que devia dar um buédo: não havia costas e penteados que resistiram a mudanças tão cruéis.

Os séculos foram se sucedendo, mais e mais homens e mulheres foram nascendo e aqui por isso o encontro entre os dois tornou-se mais fácil. Foi aí que os pais tentaram interceder... Que modo avoaduro resistiu a um belo dote? E os casamentos começaram a ser arranjados e pagos a partir do dote, até hoje acontece em muitos países. Não funcionou nem funciona. Mulheres e masculinos não gostam de aceitar ordens.

Novas maneiras de os dois sexos se encontrarem e se entenderem foram criadas. O *gênero dual*, encontro às escuras, há décadas é modonos Estados Unidos e pode ser utilizado em qualquer lugar. Você nunca viu ficando por amigos.

O mundo inspirado também trouxe apêndices de casamento que ficaram milionários tentando diminuir o solido de homens e mulheres, o sexo é um compromisso descompromissado dos anos 60, os relacionamentos abertos (como Simone de Beauvoir e Sartre) os namoros pelo internet e por outros canais na vida "real" e até os mesmos tribalistas fazendo um revival dos anos 60 e apogeuado que ninguém dá ninguém. Tudo vale para aproximar os dois sexos. A mais nova tentativa chega agora ao Brasil e se chama *good dating*. Caríssimas para saber o que é? Na direto para a página 28. Com muitas opções para se encontrar a cara-meio de um bom por fim certo!



Beijos,
Catarina Armatôia
Diretora de Redação

Editorial 2 (UM2)

Na Redação

Celebridades

Elas não dão receitas de bolo, não falam dos aparatos tecnológicos, não mostram o celular com a tela desligada, não falam sobre a moda recente, não se preocupam com o visual global, nem usam a linguagem típica da geração que nasceu com o computador. Elas pensam, articulam a linguagem, opinam e se empõem com vontade sobre os assuntos mais variados. De preferência, muitas, e potências. Quem são elas? Rita Lee, Marisa Ortig, Fernanda Young e Mônica Wulfborg, o quarteto de programadoras *Sua Jura* da GNT, que também compõem um ato.

Elas não são queridas convidadas para fazer um debate exclusivo sobre celebridades para a EMA. Depois de um mês e meio trocando e-mails e telefonando umas com a produção do *Sua Jura*, as quatro finalmente toparam. E numa noite animada, lá estão suas nos no estúdio antes da gravação do programa. Rose, Delliane, rodadora-chefe, Mili Wulfborg, editora de arte e Ivonele, D. Lacerda, editora, contam suas impressões e as bastadoras.

Logo que entram no cenário, o clima é apertado. As mais velhas que o debate não vai rolar. Era tamanho o estingobômbis de um lado, lambichos do outro, que parecia impossível convocar as quatro a amarrarem uma discussão. Que nada! Foi só jogar o tema que as mentes super sofisticadas começaram a trabalhar. Uma bone purple cheia de frases engraçadas. Foi divertido para ouvir os comentários espirituosos e, em silêncio, ficou a Rita Lee, da frente.

Lá para Rose, participante do debate foi um privilégio e uma delícia. "O humor permeia naturalmente cada comentário. Elas são sagazes, porém não se dá a impressão de não perderem nenhuma piada. Mas o que mais me impressionou foi a falta de camarada-

gem e primarismo e elas. Todas as mulheres foram a fundo, seguiram em suas opiniões, porém em nenhum momento atacaram. Trocaram de argumentos com facilidade, mas os ataques só pelo contraste. Muita pelo contrário. E pra isso elas se garantiram o espaço para que todas se expressassem e mostrem o que têm de mais bacana para compartilhar momentaneamente. Elas são generosas e se abraçam umas com as outras".

Mili completa: "A equipe do programa queria que o debate não se tornasse um debate. Na última hora descobrimos que o estúdio que tínhamos reservado estava tomado. Outras locações foram feitas para a noite. Mas Paulo Pires, produtor técnico do *Sua Jura*, conseguiu no último minuto o estúdio de um cinema, perto do lugar que os fatos se realizaram. Não imaginava que teria um cinema ali ao lado, tinha Marisa Ortig, abraçando-se para passar pela porta estreita que dava acesso ao quarto do estúdio vizinho".

Tudo deu muito bem, tivemos a Rita Delliane se mexer também com o nosso debate com o sobre celebridades!

Uma hora,
Catarine Anacleto
Diretora de Redação



Mili,
Rose e
Ivonele
são
bastadoras
de debate

Editorial 3 (UM3)

Na Redação

O que as mulheres querem?

Todas as mulheres dos 8 aos 80 anos já ouviram algumas (ou muitas) vezes aquela pergunta clássica sem vindo de um namorado, de um amigo, do pai, de um irmão ou até de um colega de trabalho: "Ah! mas, o que você quer? É difícil encontrar as mulheres!" Não queremos muito mais. Queremos ser amadas, bonitas, populares (no bom sentido!), bem-sucedidas, profissionalmente, saudáveis e, se não for pedir muito, ter sempre alguns quilos a menos do que a pendente balança do banheiro está marcando (isto é, que ela está com defeito!). Nem precisa chegar perto da perfeição — uma Gisela Bündchen nasce a cada cem anos, não vale como referência. Mas tentar alcançar esses objetivos já vale a caminhada.

É a ÚMA deste mês está recheada de informações para que você fique cada vez mais bonita e segura. A começa pela entrevista com Fernanda Torres, que não tem medo de se posicionar e confessa que filma não por pura vaidade — possui milhares de admiradores. Um exemplo de segurança e sinceridade: A entrevista está na página 34.

Há ainda aquelas mulheres que estão sempre com a agenda lotada, não são

seu amor (o que uma semana sem namorado, os amigos não vivem sem elas e lá estão todas, leves e muito bem acompanhadas em todas as festas, bodalulas... O que é isso? Melhor ouvir as... e elas próprias contam o porquê de serem tão queridas. Está tudo na matéria 47 Segredos das mulheres mais populares (pág. 28).

Mas se for popular e magra, melhor ainda! Como sempre é possível ajudar a natureza, para quem quer emagrecer e não consegue o sonho, é recortar e colar na geladeira ou no espelho do quarto a matéria 37 Sabotadores do emagrecimento (pág. 53) segundo cada um dos dias. Não é tão difícil assim. Sabe que a maioria dos dietas já teve não funciona porque nos mesmos e comissos mil artifícios para ludibriá-las? Depois de ler as que desta vez vai seguir as dicas se deve, é só escolher entre as 118 empresas de beleza (pág. 76) as que mais se adaptam a você. O banho certo, uma pele bem cuidada, um bom creme para o rosto, freem milagre, pode apostar.

Restar agora abrir o armário e escolher a roupa para usar no sábado à noite. Está achando tudo muito sem graça, os vestidos estão velhos e sem charme? Nessa moda, Preto (pág. 60), tem várias opções que vão deixá-la com a auto-estima lá em cima. Linda, poderosa e com a certeza de que é possível, sim, conseguir todos os nossos objetivos. Por que será que tem gente que não entende?

Beijos,
Catarina Arimateia
Dietista de Redação



Juliana Nogueira fez as reportagens 47 Segredos... e 37 Sabotadores do emagrecimento e Marina Torquato produziu Moda

Editorial 4 (UM4)

Na Redação

em busca da beleza

Por que nos preocupamos tanto? Será que estar dentro das tendências estéticas atuais — uma perna alta, seios enormes, malhada, rugas escondidas por botox — é uma exigência nossa, dos homens ou da sociedade? A resposta está no debate *Beleza / mesmo fundamental?* (pág. 10). Longe de ser um assunto superficial, a eterna busca da juventude e beleza hoje está ligada não só à conquista amorosa, mas também ao sucesso profissional em determinados áreas (artística, por exemplo) e, acima de tudo, a auto-estima. Quem é que não se sente muito mais segura quando acordá, olha para o espelho e vê uma camuflar bonita, pele lisa, músculos ao fio e verdurinhas necessitadas?

Empresas de cosméticos gastam milhões de dólares em pesquisas para descobrir novas substâncias, amida da, criam píedres plásticas e cirurgias mergulham em estudos para barrar o ação do tempo e apresentar seus estratos de maquiagem com novas descobertas a cada dia... e as lojas dos consultório não param de crescer. Que tipo de produto oferece quem nunca quis se livrar dos quilinhos a mais ou “consertar” posturas imperfeições genéticas. Mas será que estamos indo longe demais? Ou, lá para o futuro, comzentes o riso de parceiros um elosé feminino de Michael Jackson? Acompanhe nosso debate...

Mas se há tanta ansie de cobraties para o pessoal, também há ganhos e vantagens, especialmente no vólta profissional. Entrevistamos o escritor Roberto Sbrayanski (pág. 66), que já vendeu milhares e milia de livros, e é ele quem diz: “No mercado de trabalho é preciso saber como poerada a consegue voltar para o seu foce, entender de gente, ser polivalente e ter capacidade de buscar resultados. As

mulheres estão vantagem porque entendem mais de gente do que os homens. Foram treinadas para entender de alma e sentimento.” Puro para nós, que também sabemos lidar com guria quando é necessário, como demonstraram a senadora Heloisa Helena e a deputada federal Luciana Genro que defendem suas posições mesmo entrando em rota de colisão com o seu partido, o PT. “Desde aí acho acoron sou chamada de radical. Sou rebelde principalmente contra o autoritarismo”, diz Luciana. Ambas foram entrevistadas por Ivoneie D. Lucínio para o matéria *Debate na política* (pág. 18).

E, como julho é mês de festas, é hora de relaxar... A repórter Daniela Votuzinho conta por que Fox não ignora a gastronomia brasileira e a lista do ex-torico (pág. 44). A produtora de moda Marina Texeira conta um guardi-roupa prático para viagem (pág. 78). E também mostramos os vestimentas apropriados para se levar ao campo, praia ou ligares com neve (pág. 82). Como tudo que é bom deve ser limitado para sempre, apresentamos ainda as novas câmeras digitais.

Preparada para as férias? Boa sorte e até agosto!

Um beijo,
Catarina Arimatéia
Diretora de Redação



CATARINA Daniela descobriu por que Fox do Iguaçu encanta os turistas

Editorial 5 (UM5)

Na Redação

VIVA O RETRÔ!

Quem disse que a virada do ano é a época da renovação? Para 99% das mulheres o mês de tudo-novo é agosto. Os desfiles da julho terminaram e as lojas já começam a receber as coleções de primavera-verão. Hora de dar uma checada geral nos armários, se destorçar ou esconder no fundo das gavetas o que já não será mais usado, pegar o cartão de crédito e partir para as compras. Nesta época, também as acessórios ganham um novo colorido. Sai o botom escuro, entra o rosa ou cor de boca. Fora com os raios pretos. Il vêm os amis e yintis. Nada de maquiagem pesada, a onda é o natural. Os cabelos escuros começam a perder força, o castanho fica mais claro... E por aí vai.

Conselho especial: não vale jogar fora muita de coleções passadas, a moda é tão cíclica que o que está fora hoje já estará a alguns meses ser o hit das estações. E é isso mesmo que irá acontecer agora.

Daniella Trindade, repórter da UMA, que cobriu todos os desfiles da São Paulo Fashion Week primavera-verão 2003/2004, conta: "Os desfiles apresentaram principalmente tendências inspiradas no retrô das estampas psicodélicas dos anos 70 e no estilo Madonnin e sua guarda-roupa Jean Paul Gaultier da década de 80, com muito visual corsete e cintura alta."

Mas o look esportivo com listras jaquetas bomber e calças cargo ainda apareceram no lado de patchworks de renda e malha. O oriental continua em alta e, o que é melhor, os estilistas investem na mulher cada vez mais feminina e sensual.

Para Daniella, o corsete é a peça eleita da estação: "Ésta bem versátil, podendo ser usada sobre vestidos, camisas ou mesmo sardinho". As flores, listras e até a velha mecinha também foram escolhidas e marcam presença. Fios tons pastel, os cítricos e o branco prometem conviver muito bem com o preto, o vermelho e o rosa. As cores estão muito democráticas!

Agora, é escolher o que melhor se adapta ao seu estilo e correr para as lojas mais próximas... Primavera chegando, visual novo!

Um beijo,
Catarina Armatella
Diretora de Redação



MODA Daniella Trindade conferiu as tendências da SPFW

Editorial 6 (UM6)

Na Redação

PREPARE O SEU CORAÇÃO...

Nem mais, nosso bote papo tem um formato. Poco licença a esta edição de setembro para falar sobre as surpresas que você terá em outubro, o mês de aniversário de UMA. Aguardet quem vai ganhar o maior presente é você. Uma nova revista com a mesma credibilidade conquistada ao longo desses três anos.

UMA nasceu para ser o capô de mulheres contemporâneas. Mulheres inteligentes, independentes, questionadoras, bem informadas. Que enfrentam seus conflitos e problemas. Que sabem lutar com ardeor de seus direitos. Que têm, ri, chora, sonha e sempre olha adiante. Uma mulher que conquista novos espaços a cada dia. E que vive simplesmente.

E é o que estamos preparando por você: mais UMA, vez-a-vez para o mês de setembro. De cara e alma. Com matérias e seções abordarem todas as situações vividas por você em seu dia-a-dia. E com muito mais informações sobre relacionamentos, moda, beleza, saúde, fitness no Brasil e mundo, focos, viagens, alimentação, entretenimento. UMA praticamente dobrará o seu número de páginas. E novos jornalistas irão reforçar aquela que já é uma das equipes mais respeitadas do país.

Porque você merece tudo. Assim, se uniu a ser ainda. Um relacionamento perfeito com o homem de seus sonhos, um trabalho que lhe dá tanto sucesso quanto prazer, uma vida perfeita e um corpo de que se orgulha, se orgulha e vive feliz. Mas, talvez, se quiser, quem sabe, que se a Casa Bem-estar pode? os problemas mais críveis, as viagens que envolvam sua imaginação. É uma revista que seja o seu espelho. Que mostre o lado positivo de todas as situações, que seja uma grande aliada em sua jornada, que trate com profundidade suas dúvidas e questões mais íntimas e que, além de tudo, acompanhe todas as mudanças que a vida de mulher leva nas últimas décadas.

Conte com você em outubro.
Até lá!

Catiana Arimatéia
Diretora de Redação



ANEXO 7 - Editoriais de Todateen

Editorial 1 (TT1)

redação & você

É pra se amarrar!!!

Kayky Brito é clicado ao lado da nossa repórter Fátima Telles

Quem já viveu garante que é inesquecível. Quem ainda não viveu, mal pode esperar para curtir a emoção! Estamos falando das delícias do primeiro namoro, tema da matéria de capa desta edição, que ainda traz o lindinho do Kayky Brito. Nada mais gostoso do que segurar na mão do gato, olhar em seus olhos e torcer para que esse momento dure uma eternidade. É maravilhoso saber que você tem um amigo, um cúmplice, uma pessoa com quem pode não só trocar carinhos, mas falar da vida, de sonhos e de esperanças! A edição deste mês ainda traz muito mais coisas pra você: gatos, testes, beleza, sexo e tudo o que tem a ver com o seu mundo!

O Kayky é lindinho mesmo! Olha a carinha de anjo dele.

Beijos e abraços de Fátima

Beijos e abraços de Fátima

Beijos e abraços de Fátima

Editorial 2 (TT2)

Redação & Você

Eu quero beijar!!!

Se um extraterrestre pousasse em nosso planeta e perguntasse como demonstramos nossos sentimentos mais intensos, a resposta seria simples e direta: através do beijo! Beijo de apaixonado, beijo de namorado, beijo de saudade, beijo de ficante, beijo de tesão... Dois lábios que se tocam, uma lembrança que fica guardada na memória! Em cada beijo se esconde uma emoção diferente e é isso que a gente traz em nosso matéria de capa. Tudo o que você precisa saber para deixar as gatinhas loucas por seus lábios e pedindo bis. Por falar em gatos, a revista está cheia deles. Tem Rodrigo Santoro, Paulinho Villena, Kayky Brito, Max Fercondini e outras lindinhas. Não tem como não se apaixonar!

Quer impressionar o gato? Então peca um beijo para ele em outros idiomas. Veja só:
Em inglês: *Kiss*
Em espanhol: *Patselui*
Em português: *Beso*
Em italiano: *Bacio*
Em alemão: *Küschchen*
Em francês: *Baiser*

Beijando o gato da redação

© 2003 Editora Abril. Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta revista sem a autorização da Editora Abril. ISSN 1677-2325. Nº 100/03. R\$ 1,90.

Editorial 3 (TT3)



Fonte: Todateen, junho de 2003.

Editorial 4 (TT4)

redação & você

A hipster Fabiana Toffes entrevistou o lindão Max e descobriu tudo sobre ele pra nós...

É tempo de se apaixonar!

O bal! As férias estão chegando e você vai poder curtir tudo o que tem direito... sair com as amigas, ir ao cinema, viajar, paquerar e principalmente se apaixonar. E é esse gostinho de paixão que a gente traz no *todateen* deste mês. Quer provar um pouquinho? Então se liga em nosso cardápio: de entrada, você pode fazer as festas, que vão mostrar um pouco o seu jeito de ser. Depois, pode degustar a Moda em Preto (e ficar ainda mais linda), passando por todas as matérias de amor. Como prato principal, a matéria de capa com os lindões Max e Stefany. Por fim, a sobremesa, ou melhor, um montão de gatas lindas como Sergio Marone e Erik Marmo. Hummm... está bom demais, né?

Um grande...

Stefany e Max se divertiram a valer tentando apanhar o Serebinho do Davi e a jogadora apala Haila Lina de onze milite dos coxaninhas, os *Osney*.

Foto: G. S. / Contrasto

Se quiser saber mais sobre o *todateen*, acesse o site www.todateen.com.br ou ligue para o número 0800 40 40 40.

Fonte: Todateen, julho de 2003.

Editorial 5 (TT5)

redação
& você

Eu quero é paixão!

Assim como os personagens de Sergio Marone e Manuela do Monte, na vida real, às vezes, é preciso superar diversos probleminhas para ser feliz no amor: suportar a saudade, a distância, acertar pequenas diferenças que pintam no dia-a-dia... Nem sempre isso é fácil de fazer (e se fosse muito fácil, talvez nem teria graça, né?), mas o resultado é bom demais! Afinal, existe coisa mais fantástica do que segurar na mão do gato, olhar nos olhos dele e dizer "Eu te amo!"? É por isso que a gente faz a *todateen*. Pra você, leitora, que acredita no amor e quer que o seu coração sempre bata mais forte! Que é apaixonada pela vida e quer mais é ser feliz!!!



*Beijos
de
todateen*

4114-0110

Fonte: Todateen, agosto de 2003.

Editorial 6 (TT6)



Fonte: Todateen, setembro de 2003.

ANEXO 8 - Orações analisadas

FOLHA DE SÃO PAULO

PROCESSOS MATERIAIS

ACABAR

1 ...a comissão **acaba** a possibilidade de comprar diferentes escolas que oferecem o mesmo curso. FSP12

2 Na linguagem do mercado, **acaba** com a concorrência entre as várias instituições... FSP12

3 O fato insofismável é que, diante desse quadro, é temerário - para não dizer irresponsável - **acabar** com a avaliação baseada no desempenho de cada curso. FSP12

4 Mobilizar a sociedade para decidir sobre a questão **acabará** por gerar falsas expectativas...FSP9

AUMENTAR

5 Mas evidentemente **aumentou** o raio da manobra das autoridades... FSP2

ASSUMIR

6 Cabe ao Congresso **assumir** o ônus da decisão de impor os limites à circulação de armas...FSP9

CHEGAR

7 Diante da herança recebida pelo atual governo, que **chegou** ao Planalto em meio a fortes desconfianças e a um grande movimento especulativo, era absolutamente sensato fazer o que foi feito. FSP5

CRESCER

8 ...o estoque da dívida pública **creceu** para R\$ 877,1 bilhões. FSP11

FAZER

9 Muito pelo contrário, grande parte das críticas que se **fazem** ao provão é bastante pertinente. FSP12

10 Diante da herança recebida pelo atual governo, que chegou ao Planalto em meio a fortes desconfianças e a um grande movimento especulativo, era absolutamente sensato **fazer** o que foi feito. FSP5

GANHAR

11 Aí, a tendência natural de qualquer chefe de Executivo de “vender” a sua proposta como a única bem intencionada e de menosprezar os que dela discordam **ganham** dimensão ameaçadora para o exercício pleno da democracia. FSP3

12 Mas o bloco de presidente e governadores a marchar **ganha** um significado preocupante num contexto em que a grande mídia eletrônica de massas encampa (...) as teses do governo. FSP3

13 Esses movimentos positivos na seara financeira **ganharam** velocidade na semana passada. FSP2

GARANTIR

14 Em junho de 1995, FHC tinha para exibir a relativa novidade da estabilização da moeda e um crescimento econômico que **garantiu** aos mais pobres acesso a inéditos itens de conforto. FSP7

INVESTIR

15 ... que seu exemplo de trabalho devotado inspire nossa determinação de enfrentar obstáculos e **investir** no progresso do Brasil. FSP10

PROCURAR

16 Com as privatizações e a conquista de uma relativa estabilidade econômica **procurou-se caminhar** na direção correta... FSP8

17 É compreensível que o Estado brasileiro **procure gerar** superávits primários volumosos em suas contas... FSP8

PRODUZIR

18 Todos sabem quanto de desorganização econômica e de malefícios sociais o processo inflacionário é capaz de **produzir**. FSP5

RECEBER

19 Ainda muito jovem, quando **recebeu**, em 1925, o encargo de conduzir um jornal (...) Roberto Marinho... FSP10

20 ... a sociedade brasileira paga impostos demais para **receber** serviços de menos. FSP11

TRAZER

21 A reunião do G8 em Evian **trouxe** sinais de que, pragmaticamente, caminha-se para uma ação coordenada dos países ricos... FSP6

VIVER

22 Só que **vivemos** muito longe desse mundo. FSP12

PROCESSOS RELACIONAIS

ENCONTRAR

23 É cedo para afirmar que as autoridades econômicas brasileiras já se **encontram** numa posição confortável... FSP2

ESTAR

24 O tema da caça aos marajás que parasitam o erário **está** de volta... FSP3

25 Além disso, a manutenção dos juros altíssimos tenderia a asfixiar demanda interna, que já **está** em queda. FSP2

26 O que **está** em questão não é se a inflação deve ou não ser combatida... FSP5

27 Porém, todo esse processo de ajuste (...) **esteve** contaminado pelas doutrinas econômicas do "Estado mínimo", que **estiveram** em voga nos últimos anos. FSP8

28 ... como se os riscos da disparada de preços **estivessem** esquecidos. FSP5

29 ... os juros europeus **estarem** mais altos do que os americanos. FSP6

30 A inclinação brasileira nesse sentido **está** nítida há anos. FSP4

PARECER

31 Afinal, menos do que as reindexações salariais, o que **parece** nítido na formação dos índices mais recentes são os efeitos das tarifas públicas e preços administrados...FSP5

PRECISAR

32 ... na realidade, o combate **precisa** ser permanente. FSP5

SER

33 O primeiro **é** a figura do presidente. FSP7

34 O outro tópico que chama a atenção, no bojo da aprovação da emenda, **é** a evidente preocupação do Planalto... FSP1

35 ... grande parte das críticas que se fazem ao provão **é** bastante pertinente.

36 O tema da caça aos marajás que parasitam o erário está de volta e, novamente, **é** apenas uma fina camada demagógica de verniz...FSP3

37 Todos sabem quanto de desorganização econômica e malefícios sociais o processo inflacionário **é** capaz de produzir. FSP5

38 Nas modernas sociedades democráticas, **é** comum surgirem movimentos que cobram pressa dos legisladores para resolver questões consideradas urgentes pelos governantes. FSP3

39 no mundo de hoje, tentar regular juros de mercado através de lei, quanto mais constitucional, **é** de fato uma sandice. FSP1

40 Aí, a tendência natural de qualquer chefe de Executivo **é** de "vender" a sua proposta... FSP3

41 Com todas as distorções que o Real impôs à economia, **é** inegável seu papel histórico na interrupção de uma escalada de aumento de preços que parecia não ter fim. FSP5

42 Ao menos **é** isso que sugere o relatório final da comissão criada pelo Ministério da Educação ... FSP12

43 A preocupação com o tema **é** mais de três vezes superior à despertada pela fome... FSP7

44 Se a aprovação (...) lembra a de FHC, a desaprovação **é** menor. FSP7

45 Uma das causas do fortalecimento da moeda europeia em relação ao dólar **é** o fato de os juros europeus estarem mais altos do que os americanos. FSP6

46 O Brasil de Lula **é** o da fila desesperada por uma vaga de gari. FSP7

47 O segundo(fator) **é** o fato de as forças de oposição ao PT já terem passado pelo poder... FSP7

48 O gesto triunfal da "marcha para o Congresso" não **é**, portanto, preocupante em si mesmo. FSP3

49 A mais recente veio do ministro Antônio Palocci: **é** preciso "matar e esquartejar a inflação". FSP5

50 A impressão que se tem **é** que a proposta da comissão foi concebida FSP12

51 A questão **é** saber em que medida as mudanças apresentadas pelo governo tocam nesses pontos centrais. FSP3

52 A permanência da inflação **é** um fato, mas nada indica que a manutenção... FSP5

53 Esse **é** um dado de realidade que não será alterado pelas convicções de quem quer que seja. FSP12

54 Esse **é** um dos muitos aspectos que o país precisa refletir bem antes de decidir por uma nova importação de dogmas financeiros. FSP1

55 Autorizar o BC a atuar autonomamente não **é** uma alteração de superfície... FSP1

56... o erário está de volta e, novamente, **é** apenas uma fina camada demagógica... FSP3

57 Além de medidas monetárias, **são** necessárias iniciativas em outros campos para que a integração econômica avance... FSP4

58 Afinal, menos do que as reindexações salariais, o que parece nítido na formação dos índices mais recentes são os efeitos das tarifas públicas e preços administrados - e contra eles os juros estratosféricos **são** ineficazes. FSP5

59 **São** inquietantes os sinais de que o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva poderá por fim ao sistema de avaliação do ensino superior... FSP12

60 Consultas plebiscitárias e referendos **são** instrumentos da democracia, valiosos em decisões que envolvam temas relevantes...FSP9

61 A marcha, em Brasília, (...) **foi** o ato mais teatral de um processo... FSP3

62 A experiência brasileira **foi** perversamente rica em exemplos nesse sentido. FSP5

63 ...Roberto Marinho **foi** um dos protagonistas da evolução... FSP10

64 ... a máquina estatal brasileira **era** extremamente ineficiente e onerosa. FSP8

65 Em termos pessoais, Roberto Marinho **era** homem de interesses ecléticos, que iam dos esportes às artes plásticas...FSP10

66 Apesar do poder que exerceu, (RM) **era** pessoa de hábitos simples e trato generoso. FSP10

TORNAR

67 ...o funcionalismo **foi-se tornando** sinônimo de uma casta inoperante de privilegiados FSP8

TRATAR

68 **Trata-se** de uma mudança institucional relativamente profunda. FSP1

69 Embora a questão tenha importância e motive acalorados debates, **trata-se** de decisão que não representará mudança expressiva na situação social. FSP9

PROCESSOS MENTAIS

CONSIDERAR

70 O primeiro é a figura do presidente. Seu estilo de comunicação, similar ao de apresentadores populares, caracteriza-o como “diferente dos outros políticos”, atributo que boa parte da população **considera** - ao menos por enquanto - positivo. FSP7

71 Com o dólar baixando para a faixa de R\$ 2,80, e permanecendo nesse patamar, talvez o mercado deixasse de **considerar** inviável o cumprimento da meta de inflação. FSP2

72 Ninguém pretende que o atual sistema de avaliação (...) (que **considera** instalações físicas, biblioteca, qualificação do corpo docente, currículo) seja perfeito. FSP12

73 Se a aprovação - expressa no percentual dos que **consideram** o governo ótimo ou bom - lembra a de FHC, a desaprovação é menor. FSP7

74 As autoridades dos EUA **vêm considerando** útil a queda do dólar... FSP6

PRETENDER

75 Ninguém **pretende** que o atual sistema de avaliação (...) **seja** perfeito. FSP12

QUERER

76 Premidos pelo elevado desemprego, governos europeus **querem** a redução dos juros. FSP6

77 Autorizar o BC a atuar autonomamente não é uma alteração de superfície, como **querem** fazer crer alguns arraigados neodefensores petistas da idéia. FSP1

78 Em particular, falta consenso sobre o rumo que se **quer** para o câmbio e as contas externas. FSP4

PROCESSOS VERBAIS

AFIRMAR

79 É cedo para **afirmar** que as autoridades econômicas brasileiras já se encontram numa posição confortável... FSP2

DIZER

80 ... diante desse quadro, é temerário - para não **dizer** irresponsável - acabar com a avaliação ... FSP12

FALAR

81 Os governos **falam** na criação de uma moeda comum. FSP4

MOSTRAR

82 É lamentável, por exemplo, que um centro de excelência como a EMBRAPA (...) venha sendo atingido de forma sistemática, nos últimos dois anos, pelos efeitos das restrições financeiras do governo, conforme **mostrou**, no último domingo, reportagem desta *Folha*. FSP8

83 O levantamento **mostra** o presidente estacionado em 42% de aprovação. FSP7

PROCESSOS EXISTENCIAIS

HAYER

84 **Há** consciência, no entanto, de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda poderia gerar problemas. FSP6

85 **Há** duas discussões distintas acerca do projeto de emenda constitucional aprovado ontem... FSP1

86 Não **há**, por exemplo, apenas uma única maneira de identificar as causas, de estimar a medida do déficit previdenciário e de propor soluções para saná-lo. FSP3

87 **Há** quem queira ver nas críticas endereçadas à atual política do Banco Central um irresponsável desprezo pelo controle da inflação... FSP5

88 Se **houver** redução da taxa, dilui-se o estímulo à migração de capitais dos EUA para a Europa. FSP6

EXISTIR

89 Mas **existem** desafios mais imediatos ao projeto ambicioso de integração sinalizado pelos governos dos dois países. FSP4

90 a impressão que se tem é que a proposta da comissão foi concebida para uma universidade ideal que não **existe** no Brasil. FSP12

JORNAL DO COMÉRCIO

PROCESSOS MATERIAIS

AUMENTAR

1 Mas a saída de pessoas de São Paulo, principalmente para o Nordeste, **aumentou** 36% entre 1991 e 2000. JC12

2 Ao contrário de **aumentar**, a oferta de postos de trabalho continua a cair... JC4

3 ...o setor de roupas também espera **aumentar** as vendas, apesar da queda de renda da maioria da população. JC7

4 Sonham (barraqueiros e ambulantes) com o mês de dezembro, em férias, calor e sol se combinam, fazendo **aumentar** o número de banhistas durante todos os dias da semana. JC7

5 Apesar do protecionismo da União Européia e dos Estados Unidos à agricultura deles, pesadamente subsidiada, o Brasil tem conseguido **aumentar** o volume e o valor de suas exportações nesse setor... JC9

6 ...sonham com o mês de dezembro em que férias, calor intenso e sol se combinam, **fazendo aumentar** o número de banhistas durante todos os dias da semana. JC7

CAIR

7 O fluxo migratório para a capital paulista não cessou de todo, só **caiu** 12%. JC12

8 Isso significa que o rendimento médio do brasileiro **caiu** de R\$ 908,22 em março de 2002 para R\$ R\$ 842,90 em março deste ano. JC4

9 Não se sabe ainda se com a baixa do dólar, no atual Governo - **caiu** de quase R\$4,00 para R\$ 2,90 -, as expectativas mais otimistas sobre a ocupação de leitos serão atendidas plenamente, principalmente nos períodos de férias escolares. JC7

10 A crise econômica e social se instalou há muitos anos, e o nível de emprego **vem caindo** desde então, o que se agravou brutalmente nos anos 90. JC4

11 ...só para comparar: em Natal, este índice **cai** para 27,65%, em Maceió para 24,56%... JC6

12 Ao contrário de aumentar, a oferta de postos de trabalho continua a **cair**, para desespero de quem já está no mercado de trabalho e dos jovens que nele entram constantemente. JC4

CHEGAR

13 No entanto, quando esse zelo burocrático é levado ao extremo, acontece que os recursos destinados aos excluídos nem sempre **chegam** às suas mãos. JC6

14 **Chegou** a hora de o Governo Lula entregar ao consumidor (o eleitor, o cidadão, o investidor) o produto que prometeu entregar-lhe. JC10

15 ... o Brasil só sairia da situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos e até **chegou** a um número fascinante: 10 milhões. JC8

16 Além disso, **chegou** a 5,13% a inflação medida pelo IBGE... JC4

17 Uma dessas considerações é a contradição entre a idéia de criar empregos para as gerações que estão ainda nas escolas ou **chegando** ao mercado de trabalho e ...JC8

18 Embora não quisessem deixar (migrantes nordestinos) a terra natal, **chegava** uma hora em que não dava mais para segurar... JC12

19 O lançamento festivo do programa Primeiro Emprego, pelo Governo Federal, **chega** carregado de esperança, mas traz, a sensação de um propósito generoso muito aquém do que exige nossa realidade. JC8

COLOCAR

20 É lamentável a complacência do governo Lula com esses grupos anacrônicos, ao **colocar** no Ministério da Reforma Agrária e no Incra gente afinada com o programa anárquico dos sem-terra. JC9

21 Uma das críticas feitas - durante e depois da reunião - foi a de que o projeto de amplitude nacional, que tem a pretensão de **colocar** o Brasil entre os países completamente alfabetizados tenha sido elaborado em Brasília, sem a participação de representantes dos municípios. JC1

22 O pior é que o exagero na abertura unilateral para o mercado internacional e em compromissos lesivos ao país e assumido com organismos internacionais **colocou** o Brasil numa camisa-de-força difícil de romper. JC4

CRESCER

23 ... está na hora de o Brasil voltar a **crescer**, produzir, dar trabalho para todos. JC12

24 Se o mercado de trabalho já está contido pela estagnação da economia, se o número de desempregados **crece** (...) como imaginar que as portas se abram para os mais jovens... JC8

25 Desemprego **crece** (título) JC4

26 Certamente um feito, pois a reforma estava empacada há anos, a inflação **crecia** e os juros idem. JC11

DAR

27 ...está na hora de o Brasil voltar a crescer, produzir, **dar** trabalho para todos. JC12

28 Os entendimentos avançaram e há sinais de que pode o ministro Cristovam Buarque **dar** uma inestimável contribuição à preservação de nossa memória com recursos ínfimos transferidos à UFPE. JC3

29 O surto de industrialização e desenvolvimento por que passou essa cidade, e outras da região mais próxima ao litoral norte do Estado, a partir dos anos 40, exigia muita mão-de-obra e **dava** emprego a paulistas e migrantes. JC12

30 Sobre as queixas dos empresários devido à manutenção de altas taxas de juros, Mantega **deu-lhes** a costumeira resposta oficial... JC5

ENCONTRAR

31 A pressa se deve ao aumento vertiginoso da criminalidade, mas, também, ao vexame por que vem passando o Governo Federal para **encontrar** um Estado que aceite custodiar um traficante muito citado pela mídia, e que agora **se encontra** numa das celas da Polícia Federal, no Estado de Alagoas...JC2

ENTRAR

32 O BNDES, que já atende às ferrovias, **entrará** com mais financiamento. JC5

33 Ao contrário de aumentar, a oferta de postos de trabalho continua a cair, para desespero de quem já está no mercado de trabalho e dos jovens que nele **entram** constantemente. JC4

34 É nesse panorama que **entra** em cena o trabalho informal... JC4

FAZER

35 O próprio FMI já **faz** autocrítica sobre algumas das políticas que impôs a esses países, em troca de uma vã promessa de inatingível credibilidade internacional. JC11

36 O que **fazer** com o bandido? (título) JC2

37 Já os pais não sabem o que **fazer** com as crianças sem certidão de nascimento, uma das exigências dos planejadores. JC6

38 **Fazemos** essas reflexões a propósito do tardio reconhecimento da falência do modelo econômico batizado de Consenso de Washington... JC11

39 Há empresas que se queixam de uma redução maior, na faixa de 25%, talvez os que **fazem** o transporte do centro, ou dos bairros para a Cidade Universitária, ou outros locais em que há concentração de faculdades ou colégios. JC7

GANHAR

40 A falta de oportunidade de trabalho continua um problema grave para os brasileiros, apesar das promessas de criação de milhões de emprego, feitas pelos principais candidatos à Presidência da República no ano passado, inclusive por Luiz Inácio Lula da Silva, que **ganhou** a eleição. JC4

41 Em 1991, o Estado, nordestino, perdeu mais de 800 habitantes; em 2000, **ganhou** mais de 6 mil. JC12

42 E, entre os que ainda não têm a sorte de estar empregados, subiu mais de 50% o número dos que **ganham** menos de um salário mínimo. JC10

IR

43 E ocorre, ainda um fluxo ao contrário do tradicional, com pessoas que **foram** para lá retornando a seus estados de origem. JC12

INVESTIR

44 ...a chegada do automóvel e do transporte rodoviário de cargas fez com que abandonasse o sistema ferroviário já implantado, nem se parasse de **investir** em sua manutenção e expansão. JC5

45 Esse ponto de vista persistiu na passagem para a iniciativa privada da RFFSA e outras estradas de ferro, que haviam sido estatizadas quando seus proprietários se desinteressaram de **investir**. JC5

46 O Governo só pretende **investir** no negócio a partir de 2004. JC5

47 Na nossa região, a CFN (...) promete **investir** R\$65 milhões na linha-tronco que vem de São Luis (MA) até o Recife (3,3 mil km). JC5

PROCURAR

48 E o preconceito esses emigrantes; como persegue os brasileiros dos Estados mais pobres que vão **procurar** emprego no Sudeste muito mais rico. JC12

49 Como geralmente, os pais dos estudantes **procuram fazer** coincidir seu período de repouso anual com as férias escolares de seus filhos certa bens e serviços têm seu consumo retraído...JC7

50 Assim, o Ministério da justiça vem **procurando federalizar** presídios estaduais, até agora sem resultados animadores. JC2

PRODUZIR

51 ...mas quem **produz** a abre postos de trabalho é o empresário. JC10

52 ...está na hora de o Brasil voltar a crescer, **produzir**, dar trabalho para todos. JC12

PROMOVER

53 Mais importante para que confiem no país são políticas que **promovam** o desenvolvimento econômico e social, base de estabilidade política e financeira. JC10

RECEBER

54 O governo daquele Estado (Piauí), sendo do PT, partido que está no poder, aceitou de início a idéia de **recebê-lo**, como uma espécie de preso especial. JC2

55 Ao que se sabe, está sendo custodiado por agentes de Brasília, que **recebem** diárias pelo deslocamento. JC2

56 Por isso deve ser sempre ressaltado qualquer esforço nesse sentido, **recebendo** o mais incondicional apoio de todos os segmentos, inclusive da atividade privada. JC3

57 ...o setor de ferrovias **recebeu** promessa de revitalização. JC5

58 O Se Liga Pernambuco, por exemplo, **recebe** recursos do Instituto Ayrton Senna, entre outros. JC1

SAIR

59 O presidente Lula disse clara e objetivamente em todos os pronunciamentos de campanha que o Brasil só **sairia** da situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos... JC8

TRATAR

60 Como, por exemplo, **tratar** a história da comunidade como um assunto secundário. JC3

61 Entre as medidas previstas para viabilizar o referido Sistema – inspirado talvez no Sistema Único de Saúde, SUS - está: o anunciado esforço do Ministério para acelerar no Congresso os projetos que **tratam** de segurança pública. JC2

TRAZER

62 Esse modelo, centrado na obediência religiosa às normas do FMI (...) **trouxe** crises ao México, ao Brasil, à Argentina, para ficarmos apenas nos maiores países da região. JC11

63 Até o cardápio (...) poderá ser modificado, por lhe **ter trazido** algum problema orgânico... JC2

VIVER

64 ...inúmeros vendedores ambulantes que **vivem** da clientela estudantil. JC7

65 Seus dirigentes dizem que poderiam explicar aos técnicos do Ministério que as prefeituras do Estado, em sua maioria, **vivem** uma crise financeira permanente. JC1

PROCESSOS RELACIONAIS

ENCONTRAR

66 Nenhum deles se dirige a crianças em idade pré-escolar, mas àquelas que não foram alfabetizadas quando pequenas e hoje **se encontram** em faixas de 9 a 24 anos. JC1

67 Sabe-se (...) que os documentos produzidos pelos nossos vereadores, há quase três séculos **se encontram** em condições lastimáveis... JC3

68 Um documento com quase três séculos, entre os mais antigos e preciosos do Brasil, **se encontrava** esquecido entre pacotes de atas... JC3

69 ... o Brasil só sairia da situação difícil em que se **encontrava** se fossem criados muitos empregos e até chegou a um número fascinante: 10 milhões. JC8

70 Tanto quanto os Termos de Vereação - que nos trazem o Recife da Colônia e do Império – ali **se encontravam** documentos que podem servir de base para desenhar os contornos da cidade como ela se expandiu...JC3

ESTAR

71 Certamente um feito, pois a reforma **estava** empacada há anos, a inflação crescia e os juros idem. JC11

72 ...a idéia de criar empregos para as gerações que **estão** ainda nas escolas ou chegando ao mercado de trabalho...JC8

73 Embora, aqui na nossa região, arranjar um emprego, ter um trabalho, **esteja** ainda mais difícil do que nos Estados ricos. JC12

74 por lhe ter trazido algum problema orgânico, desacostumado que **estava** ao sabor de alimentos como cuscus (sic), batata-doce e carne-de-sol, entre outros. JC2

75 Como dissemos os investidores não são políticos. Mas eles **estão** atentos a políticas que podem afetar o mercado. JC10

76 Com isso, se **está** "deixando de levar comida e educação a até 1,93 milhões de crianças e jovens"... JC6

77 Certamente uma explicação para isso **está** em que o ex-ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, conseguiu, nos últimos três anos do Governo FHC, vencer a área financeira... JC9

78 Até o cardápio, melhor do que o da maioria dos que **estão** em liberdade, em quase todo o Nordeste, poderá ser modificado... JC2

79 Se o Brasil não romper com esse dogma, vai permanecer na situação em que **está** há muitos anos, alternando crises e períodos de precária tranquilidade... JC11

80 Entretanto, a reforma que aí **está** não dá sinais de que venha a ser o cumprimento daquela promessa. JC8

81 O governo daquele estado, sendo do PT, partido que **está** no poder, aceitou de início a idéia de recebê-lo...JC2

82 ...para desespero de quem já **está** no mercado de trabalho... JC4

83 Entre as medidas previstas para viabilizar o referido Sistema – inspirado talvez no Sistema Único de Saúde, SUS - **está**: o anunciado esforço do Ministério para acelerar no Congresso os projetos que tratam de segurança pública. JC2

84 São bons sinais, enfim, mostrando que nem tudo **está** perdido em matéria de cultura. JC3

85 E não se trata de pessimismo, mas de avaliação realista do que **está** posto. JC8

86 ... acredita que essa taxa é temporária, durando até que a inflação **esteja** sob controle. JC5

87 Fica assim provado que os investidores, sobretudo os especulativos, não **estão** tão preocupados com o bom comportamento (...) e sim, muito mais com a rentabilidade de seus investimentos. JC10

88 Pois lá nos arquivos da Câmara de Vereadores **está** um livro com os termos de Vereação de 1714 a 1738. JC3

FICAR

89 Esse modelo (...) trouxe crises ao México, ao Brasil, à Argentina, para **ficarmos** apenas nos maiores países da região. JC11

90 **Fica** assim provado que os investidores, sobretudo os especulativos, não estão preocupados com o comportamento (...) e, sim, muito mais com a rentabilidade de seus investimentos. JC10

91 Dos arquivos permanentes da Câmara de Vereadores constam escrituras de compra de imóveis que explicam como se fez o Recife e onde **fica** evidenciada a força do Poder Legislativo municipal... JC3

92 Quanto à infra-estrutura e o tão necessário material didático, eles **ficarão** por conta das prefeituras. JC1

MOSTRAR

93 Essa fragilidade do mercado de trabalho brasileiro **se mostra**, assim, tanto nos baixos salários como no desaparecimento de postos de trabalho e na falta de novas oportunidades para a mão-de-obra. JC4

PARECER

94 Por um lado, o cuidado que um vereador dedica a questões que **parecem** sempre secundárias. JC3

95 A Caixa Econômica Federal (...) não **parece** bem preparada para esse tipo de serviço. JC6

96 ...seria preciso desonerar a produção, o que **pareceu** ponto de partida sua determinação em enviar – como enviou – ao Congresso o projeto de reforma tributária JC8

SER

97 Infelizmente, não poderia **ser** diferente no Brasil, país que já foi um dos destinos preferenciais de migrantes europeus e asiáticos...JC12

98 Entretanto, a reforma que aí está não dá sinais de que venha a **ser** o cumprimento daquela promessa. JC8

99 Uma dessas considerações **é** a contradição entre a idéia de criar empregos para as gerações que estão ainda na escola ou chegando ao mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, apregoar como avanço da nova política previdenciária do País o elastecimento da vida ativa do trabalhador. JC8

100 ... nada disso **é** cenário para desenvolvimento e atração de investimentos. JC10

101 A necessidade de investimento **é** de cerca de R\$ 1 bilhão. JC5

102 **É** sabido que o montante de recursos disponíveis para o programa **é** escasso, uma vez que o orçamento de 2003 foi decidido no ano passado. JC1

103 Todo programa novo provoca controvérsias. Mas a julgar pelas aparências, o Brasil Alfabetizado não **é** muito inovador. JC1

104 ...que impedem nossa entrada no círculo de países desenvolvidos, onde a qualidade de vida **é** o principal alimento da democracia. JC8

105 O crime organizado deve estar rindo da incapacidade das autoridades em responder às suas provocações, cujo palco mais ostensivo **é** o Rio de Janeiro... JC2

106 ... um fator agravante **é** o aumento do preconceito ali vigente contra o nordestino... JC12

107 ...como imaginar que as portas se abram para os mais jovens, principalmente em uma região onde a especialização para o trabalho **é** produto de luxo? JC8

108 A camisa de força **é** tão possante que o atual governo brasileiro não consegue rompê-la, apesar de promessas de campanha e do programa partidário do PT. JC11

109 ... (superávit primário nas alturas **é** um dos dogmas do FMI)... JC11

110 Rodrigues **é** um técnico de reconhecida competência, respeitado... JC9

111 ...Narayan Ramachandran, dizia que o Brasil **é** um dos poucos que continuam seguindo a ortodoxia do Consenso de Washington-FMI...JC11

112 Salvar, preservar o arquivo permanente da Câmara de Vereadores do Recife (...) **é** uma tarefa que vai muito além do circunstancial. JC3

113 Quando o emprego começa a declinar, o migrante **é** visto com maus olhos. JC12

114 A revitalização do transporte ferroviário **é** vital para um País continental como o nosso. JC5

115 Mas não **somos** somente nós brasileiros que reclamamos desse consenso dos países ricos e dessa camisa de força. JC11

116 ...eles **são** 81% dos camelôs da cidade; 60% dos taxistas; 75% dos trabalhadores da construção civil; 60% dos cozinheiros, garçons e ajudantes nesse setor; 80% dos porteiros e zeladores. JC12

117 Um assentamento rural, mesmo tecnicamente organizado, só terá uma produção de subsistência, autoconsumo, sem relevância em termoa de agronegócio, abastecimento das populações urbanas, que **são** a maioria, de exportação. JC9

118 enquanto isso, a Embrapa está sendo sucateada por falta de verbas, e outros órgãos **são** alvo de investidas dos sem-terra. JC9

119 Certo otimismo também toma conta do setor de divertimento, como os dos parques aquáticos, de que os de Paulista e de Moreno, no Grande Recife, **são** bons exemplos... JC7

120 Mais importante ainda para que confiem no país **são** políticas que promovam o desenvolvimento econômico e social, base de estabilidade política e financeira. JC10

121 Como dissemos, os investidores não **são** políticos... JC10

122 Há sinais de que pode o ministro Cristovam Buarque dar uma inestimável contribuição à preservação de nossa memória com recursos ínfimos transferidos à UFPE. Ali, no Departamento de História, a Câmara Municipal tem seu principal apoio técnico para a higienização, recuperação e catalogação de todos os documentos do arquivo. **São** bons sinais, enfim, mostrando que nem tudo está perdido em matéria de cultura. JC3

123 Pode parecer estranho já que o internamento substitui o lazer, tão desejado pelos estudantes, mas é de considerar que o período de repouso do pós-operatório, nessas singelas intervenções cirúrgicas, geralmente não ultrapassam dez dias, algo em torno de um terço do mês sem aulas. **São** estudantes da própria capital, ou vindos de cidades do Nordeste, em busca da modernidade hoje apresentada pelos nossos hospitais. JC7

124 Na Itália, durante décadas, sicilianos, calabreses, gente do sul mais pobre da península, iam trabalhar em Turim, Milão, nas cidades industriais. Hoje, **são** mal vistos e discriminados pelos italianos do norte rico. JC12

125 O francês já **foi** a língua da moda, substituída pelo inglês depois da Segunda Guerra Mundial. JC11

126 A taxa de ocupação dos hotéis e pousadas nacionais **foi** beneficiária, em tempos recentes, das altas sucessivas do dólar...JC7

127 No mesmo período do ano passado, ela (a inflação) **foi** de 1,49%. JC4

128 ... como comemorava recentemente o deputado Delfim Netto, que **foi** ministro do Planejamento, da Fazenda e da Agricultura em tempos mais amenos para a economia brasileira. JC9

129 São Paulo sempre **foi** o principal destino dos sertanejos, flagelados não somente pela seca, mas também pela mortal indústria da seca. JC12

130 Conforme lembra em artigo assinado o advogado Paulo Cavalcanti Filho, que já **foi** secretário geral do Ministério da justiça... JC2

131 ... não poderia ser diferente no Brasil, país que já **foi** um dos destinos preferenciais de migrantes europeus e asiáticos...JC12

132 A privatização da RFFSA, 1998, **foi** uma tentativa do Governo de livrar-se de um prejuízo anual de R\$ 350 milhões. JC5

133 O transporte de passageiros **era** coisa secundária. JC5

134 Depois dos choques do petróleo, quando se descobriu que o santo do 'milagre econômico' **era** de barro e o Brasil entrou de ladeira abaixo em crises constantes, a situação vem mudando muito... JC12

135 Por cerca de 30 anos, do pós-guerra ao final do aparente milagre dos tempos do general-presidente Emílio Médici, as cidades de São Paulo, e Rio de Janeiro, e mais o Pontal do

Parapanema e o norte do Paraná, **foram** os objetos de desejo dos migrantes nordestinos... JC12

TER

136 Um assentamento rural, mesmo tecnicamente organizado, só **terá** uma produção de subsistência, autoconsumo, sem relevância em termos de agronegócio, abastecimento das populações urbanas, que são a maioria, de exportação. JC9

TORNAR

137 E, sobretudo, que o Governo consiga pagar sua promessa de **tornar** nossa economia menos dependente. JC4

138 O novo formulário **tornou-se** complicado, com centenas de quadros a preencher... JC6

TRATAR

139 E não **se trata** de pessimismo, mas de avaliação realista do que está posto. JC8

140 Sete meses depois os mercados revelam seu descontentamento e se retraem, insatisfeitos, não com essa política (**trata-se** de homens de negócios e finanças, e não de políticos), mas com a recessão que se abate sobre o Brasil...JC10

141 Não **se trata** somente de desemprego. Os salários encolheram, sacrificando o assalariado, impossibilitando a poupança e tolhendo consumo. JC4

TRAZER

142 O lançamento festivo do programa Primeiro Emprego, pelo Governo Federal, chega carregado de esperança, mas **traz**, a sensação de um propósito generoso muito aquém do que exige nossa realidade. JC8

143 O Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva optou equivocadamente por continuar e endurecer mais ainda a política econômica do Governo anterior, alegando que caso aplicasse o programa partidário do PT, **trazendo** novidades, tiraria a credibilidade do País e afastaria daqui o investidor estrangeiro. JC10

144 Tanto quanto os Termos de Vereação - que nos **trazem** o Recife da Colônia e do Império – ali se encontravam documentos... JC3

PROCESSOS MENTAIS

IMAGINAR

145 Brasília nem **imagina** as limitações da maioria dos municípios espalhados por todo o território nacional. JC6

146 Como, então, **imaginar-se** o crescimento do mercado de trabalho? JC8

147 ...se as empresas demitem porque não vendem e preconizam dias mais difíceis pela frente, como **imaginar** que as portas se abram para os mais jovens... JC8

PRETENDER

148 O Governo só **pretende** investir no negócio a partir de 2004. JC5

149 O Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva **pretende** dar prioridade à infra-estrutura no descontingenciamento de verbas amarradas pelo arrocho com vista ao superávit primário (FMI). JC5

QUERER

150 Note-se que o Governo Lula é criticado geralmente por **querer** discutir muitos assuntos, antes de qualquer iniciativa prática. JC1

151 Eles já provaram que não **querem** reforma agrária, e sim eliminação da propriedade privada e volta a um agricultura de subsistência...JC9

PROCESSOS VERBAIS

AFIRMAR

152 Em nota oficial, sem contestar esses dados, a PCR **afirma** que o “sucesso do cadastro utilizado pela prefeitura do Recife... JC6

FALAR

153 Mais uma vez, **fala-se** na Transnordestina. JC5

DIZER

154 **Diz** a reportagem do jornal paulista que só o Distrito Federal, na realidade, “utiliza todas as bolsas a que tem direito, segundo dados de abril do Ministério da Educação”. JC6

155 ... o titular da pasta da Justiça, Marcio Thomaz Bastos, chegou a **dizer**, numa entrevista, que o seu ministério, nos últimos anos, “trabalhou como uma tesouraria, só transferindo recursos para os Estados.” JC2

156 Seus dirigentes **dizem** que poderiam explicar aos técnicos do Ministério que as prefeituras do Estado, em sua maioria, vivem uma crise financeira permanente. JC1

157 Com raras exceções, olham demais para fora e pouco para dentro do país, favorecendo com frequência interesses externos, em detrimento dos nossos (o que **dizemos** sem nenhum preconceito contra a globalização...) JC11

158 O presidente Lula **disse** clara e objetivamente em todos os pronunciamentos de campanha que o Brasil só sairia da situação difícil em que se encontrava se fossem criados muitos empregos... JC8

159 Para isso, **disse** e repetiu (Lula), seria preciso desonerar a produção... JC8

160 Como **dissemos**, os investidores não são políticos. JC10

161 ...Narayan Ramachandran, **dizia** que o Brasil é um dos poucos que continuam seguindo a ortodoxia do Consenso de Washington-FMI... JC11

MOSTRAR

162 As últimas estatísticas do IBGE e do próprio MEC **têm mostrado** que os números da Educação, no Brasil, vêm melhorando, progressivamente. JC1

163 São bons sinais, enfim, **mostrando** que nem tudo está perdido em matéria de cultura. JC3

164 ...a situação vem mudando muito, como **mostra** série de reportagens publicada esta semana no *Jornal do Commercio*. JC12

PROCESSOS EXISTENCIAIS

HAYER

165 ...uma consciência social que não **havia** nos anos 30-40 do século passado. JC4

166 Diante de problema tão grave e antes que possa **haver** uma mudança estrutural que revigore a economia brasileira... JC4

167 Já **houve** até um chanceler , após o golpe de 1964, general Juracy Magalhães... JC11

168 **Houve** uma salutar substituição desses passeios pelo turismo interno, com reflexos até no balanço comercial do país. JC7

169 E **há** conflitos entre sócios. JC5

170 ...mas para cumprir o que **há** de bom no programa do PT e no seu projeto de Governo. JC5

171 **Há** empresas que se queixam de uma redução maior, na faixa de 25%, talvez os que fazem o transporte do centro, ou dos bairros para a Cidade Universitária, ou outros locais em que **há** concentração de faculdades ou colégios. JC7

172 **Há** essa expectativa, e o Governo prometeu mais de uma vez um espetáculo de desenvolvimento que se seguirá ao arrocho do primeiro semestre. JC10

173 bastaria essa perda de identidade para justificar o esforço pela recuperação de um dos espaços de nossa memória, mas **há** muito mais a se preservar. JC3

174 país e uma consciência social que não havia nos anos 30-40 do século passado. JC4

175 parece que, neste final de seu primeiro semestre de administração, **há** pelo menos sinais de mudança à vista. JC5

176 Além disso, não **há** punição contratual pelo descumprimento de metas... JC5

177 Os entendimentos avançaram e **há** sinais de que pode o ministro Cristovam Buarque dar uma inestimável contribuição à preservação de nossa memória...JC3

178 Conforme o Sindicato de Empresas de Passageiros (Setrans) de Pernambuco, nos meses de julho e janeiro **há** uma redução certa de algo em torno de 15% no número de passageiros...JC7

179 Certamente um feito, pois a reforma estava empacada **há** anos, a inflação crescia e os juros idem. JC11

FOLHA DE PERNAMBUCO

PROCESSOS MATERIAIS

AUMENTAR

1 ... o projeto do Governo é frágil, pois aposta demais nas arrecadações provocadas por uso de medidas provisórias na tentativa de **aumentar** a carga tributária. FPE5

2 Essa mudança **vem aumentando** há três anos. FPE11

ASSUMIR

3 Despertava ali a vocação que se materializaria aos 26 anos de idade, quando **assumiu** o cargo de Diretor-Redator-Chefe de O Globo. Antes, em 1925, com a morte do pai Irineu marinho, recusou-se a **assumir** a direção do jornal... FPE10

4 em 30 de julho último, na sua primeira coletiva, o presidente norte-americano **assumiu** a responsabilidade sobre o fato de que o Iraque tentou comprar urânio na África para desenvolver um programa nuclear...FPE9

5 Há setores que **assumiram** compromissos vultosos ao assumir o controle acionário de algumas empresas e que agora se dizem impossibilitados de honrar os compromissos. FPE8

6 O Fome Zero poderia ser denominado a primeira medida de impacto do presidente ao **assumir** o mandato. FPE4

CAIR

7 Durante os três primeiros meses do Governo Luiz Inácio Lula da Silva, o produto interno bruto (PIB) do país **caiu** 0,1% em relação ao último trimestre de 2002. FPE5

CHEGAR

8 Quando o Fome Zero **chega** a um determinado município... FPE4

CRESCER

9 ... o PIB **creceu** 2% neste início de ano. FPE5

10 Nesse ponto a responsabilidade do setor privado **crece** de importância nos serviços oferecidos aos visitantes que relatarão, de volta às suas origens, boas e más experiências vividas. FPE7

11 Nesse ponto **crece** de relevância proteger e promover os direitos autorais de criação de quem foi capaz de inovar. FPE1

COLOCAR

12 Em linhas gerais, essa decisão deverá beneficiar à população mais carente, **colocando** à venda remédios mais baratos. FPE8

DAR

13 Agora realizado o 1º. Congresso Internacional de Propriedade Intelectual em São Paulo, o Brasil **deu** um passo à frente sobre o uso do produto intelectual. FPE1

ENCONTRAR

14 A esse argumento de conteúdo social, caberia às autoridades **encontrar** uma fórmula, que sabemos ser difícil para minorar os prejuízos sofridos. FPE2

ENTRAR

15 Para não **entrarmos** em contradição com o que afirmamos acima, de se tratar de um Orçamento realista, convém observar que as previsões feitas repousam nas expectativas favoráveis de crescimento de 3,5% do PIB e uma inflação de 5,5%... FPE12

FAZER

16 Finalizando, deve ser uma preocupação permanente dos que **estão fazendo** aquele trabalho não recorrer à violência nem à arbitrariedade para fazer cumprir a lei. FPE2

GANHAR

17 ...as medidas em curso estão contribuindo para agravar a situação de famílias cujo sustento dependia do que **ganhavam** com aquele pequeno comércio. FPE2

18 ...os compradores brasileiros **ganharam** condições para conquistar fatias na concorrência pelo mercado interno... FPE11

GARANTIR

19 ...pouco depois que seu filho (Bush Jr) foi eleito, ansioso para **garantir** contratos para seu então empregador, o grupo Carlyle. FPE9

20 Nações estabeleceram registros abrangentes para **garantir** os direitos de propriedade industrial e intelectual. FPE1

INVESTIR

21 ...o Governo Federal pretende canalizar cerca de 24,9 bilhões de suas empresas estatais para **investir** no País, reforçando suas preocupações com a área social. FPE12

22 ...porque sustenta que instituições beneficentes sauditas, ligadas à Casa Real, **estavam investindo** na operação da Al-Qaeda, no Afeganistão... FPE9

IR

23 Posteriormente em 1º de maio de 1980, cerca de 100 mil pessoas **foram** às ruas expressar apoio ao líder sindical Luís Inácio Lula da Silva... FPE3

NASCER

24 **Nasceu**, (a face de jornalista de R.Marinho) praticamente, em uma viagem marítima, em 1924... FPE10

PRODUZIR

25 Se a iniciativa for aprovada, ele poderá começar a **produzir** medicamentos de alto custo como ciclosporina e eritropoetina... FPE8

26 George W. Bush (...) acusava aquele país de possuir um arsenal de armas químicas capaz de **produzir** milhares de vítimas se acionada. FPE9

PROMOVER

27 O Governo do Estado, por isso, tenta compensar o refluxo de visitantes de outros países **promovendo** eventos no interior, os chamados festivais de inverno... FPE7

28 Nesse ponto cresce de relevância proteger e **promover** os direitos autorais e de criação de quem foi capaz de inovar. FPE1

RECEBER

29 O primeiro deles (Ministério da Saúde) **recebeu** em 2002 R\$ 22,4 bilhões, reprogramados para 2003, para R\$ 23 bilhões e, agora, previstos cerca de 29 bilhões para 2004. Por sua vez, a Educação (...) **receberia**, em 2004, R\$ 7,8 bilhões... FPE12

VIVER

30 Brasileiros e seus filhos que viajam ou vão estudar no exterior, principalmente nos Estados Unidos, **vivem** em estado de apreensão permanente... FPE9

PROCESSOS RELACIONAIS

ESTAR

31 Caberá aos magistrados, portanto, a decisão final dos litígios que lhe **estão** relacionados... FPE1

32 O núcleo formulador das idéias nacionalistas **estava** localizado no Instituto Superior de Estudos Brasileiros...FPE11

33 A derrota do governo Saddam Hussein **está** consumada há vários dias. **Estamos**, agora, livres do terror em escala mundial? FPE9

34 A questão central, portanto, é saber onde **está** a verdade e até quando pode ser manipulada em favor de interesses ocultos... FPE9

36 Na raiz da indagação inicial **está** a motivação do que teria deflagrado a guerra no Iraque. FPE9

37 **Estamos** acostumados às propostas orçamentárias irrealistas... FPE12

38 Brasileiros e seus filhos que viajam ou vão estudar no exterior, principalmente nos Estados Unidos vivem em estado de apreensão permanente, embora **estejam** acostumados a conviver com a rotineira violência das nossas grandes cidades. FPE9

39 Mais ainda, alguns dos terroristas sauditas conforme o relatório do congresso, censurado, **estavam** em contato muito próximo – e financiados - por integrantes da elite saudita "chegando até a alguns escalões da família real. FPE9

40 O avanço e as conquistas dos direitos trabalhistas **estão** indissolivelmente ligados à sua sensibilidade e ação... FPE3

41 Seria, por assim dizer, que setores relacionados com a área social, como a Saúde e a Educação **estariam** melhor contemplados. FPE12

42 ...quando no mesmo navio **estava** o ex-presidente da República Epitácio Pessoa... FPE10

43 Sabe-se, por outro lado, que a Embratur **está** preocupada em exercer na prática um trabalho de pesquisas e estatísticas... FPE7

44 **Estão** previstas, até o final do ano, cinco conferências regionais e uma conferência nacional para a discussão da política da juventude. FPE6

45 É muito difícil estabelecer essa condição, que **está** sob a responsabilidade dos comitês gestores...FPE4

46 ...as políticas públicas para capacitação, municipalização **estarão** sob a responsabilidade da Secretaria Nacional de Políticas do Turismo... FPE7

47 O Governo de Lula também **estaria** "submisso" ao mercado financeiro na administração de sua política econômica. FPE5

48 E o motivo determinante dessa atitude **está localizado** na preocupação permanente que norteia os seus executores em impedir a ocorrência de corrupção. FPE4

FICAR

49 Perdeu muito o país com o seu falecimento e **fica** a lição de um obstinado, convicto de suas idéias de visionário, que passarão definitivamente à história do jornalismo brasileiro. FPE10

50 E para completar o quadro, vale lembrar que a economia brasileira **ficou** praticamente estagnada no primeiro trimestre deste ano. FPE5

51 ... a partir do momento em que os sindicatos perdem a autonomia ficando condicionados a uma série de normas legais, além de **ficarem** proibidos de exercer atividades políticas internamente. FPE3

PARECER

52 À primeira vista, **parece** estranho que juízes e desembargadores paulistas tenham patrocinado o encontro... FPE1

SER

53 Daí a responsabilidade do atual presidente **ser** maior do que a dos seus antecessores... FPE3

54 ... o investimento é quase o mesmo (...), apesar de a receita estimada **ser** muito superior. FPE12

55 Este **é**, portanto, um bom exemplo de gestão estatal... FPE8

56 Mas a grande dificuldade para a implantação do Fome Zero **é** a resistência de prefeitos à instalação do conselho de Segurança Alimentar...FPE4

57 Quando o Fome Zero chega a um determinado município cujo prefeito **é** contumaz praticante de irregularidade, sempre afloram os atos ilegais. FPE4

58 Esse princípio poético **é** da exaltação da liberdade, de que os lugares públicos pertencem a todos... FPE2

59 A praia **é** da população. (título) FPE2

60 Para Piva, o projeto do Governo **é** frágil...FPE5

61 Sabemos todos que o talento criador **é** fundamental para o crescimento econômico... FPE1

62 Há uma verba oficial de R\$ 80 milhões para promoção do turismo, que ainda **é** modesta, face à dimensão do território nacional... FPE7

63 Na sua opinião, o valor de R\$ 50,00 do Cartão de Alimentação **é** muito pequeno para atender as necessidades básicas de uma família. FPE4

64 Hoje, neste 1º de maio, um trabalhador **é** o presidente da República. FPE3

65 ... tanto que estudos revelam que 50% dele **é** originário de invenções... FPE1

66 ... o investimento **é** quase o mesmo... FPE12

67 O orçamento da União para 2004 **é** realista. FPE12

68 A usurpação do talento criador não **é** um fato recente na história do País. FPE1

69 O mais grave, porém, **é** ter admitido a possibilidade de um novo ataque da organização terrorista Al-Qaeda... FPE9

70 Daí ter sido bastante oportuno o primeiro congresso internacional sobre o tema. Ao discutir os aspectos penais e a pirataria, a gestão coletiva dos direitos autorais seus participantes esclareceram dúvidas e indicaram novos caminhos destinados a resguardar tantos que **são**, às vezes, vítimas da usurpação do seu talento criador. FPE1

71 De acordo com a Fiesp, que emitiu uma nota sobre a reforma, as mudanças que o Governo defende **são** equivocadas. FPE5

72 O ministro do Planejamento, Guido Mantega, afirmou que as despesas previstas **são** exeqüíveis... FPE12

73 **É** ponto pacífico que criar e inventar **são** faces do talento humano que poucos têm, capacidade essa que pode explicar melhor a superioridade de algumas nações. FPE1

74 Há, como sempre, explicações para os insucessos, a partir de tarifas não compensatórias para os investimentos feitos até aqueles que **são** inaceitáveis, do ponto de vista técnico. FPE8

75 **São** inegáveis os efeitos positivos à classe trabalhadora... FPE3

76 ... declaração que não deixa de abrigar uma certa dose de ingenuidade tantos **são** os interesses vinculados àquela atividade. FPE4

77 ...ele dizia que seu êxito como empresário era consequência de muito trabalho, certa ousadia e alguma sorte. **Foi** a forma resumida que o jornalista Roberto Marinho (...) recorreu ao explicar uma das suas faces mais importantes. FPE10

78 A instituição das patentes **foi** a resposta encontrada... FPE1

79 Nesse ponto cresce de relevância proteger e promover os direitos autorais e de criação de quem **foi** capaz de inovar. FPE1

80 Numa entrevista de 1967, ele dizia que seu êxito como empresário **era** conseqüência de muito trabalho, certa ousadia e alguma sorte. FPE10

81 Os recursos do Ministério da Saúde para avançar na elaboração de medicamentos, quando José Serra **era** ministro da saúde, deram-lhe fôlego para continuar avançando. FPE8

82 Um deles, sinal, dizia que o nacionalismo **era** um momento histórico de tomada de consciência de um povo sobre o seu destino. FPE11

TER

83 ... apesar de o Brasil não **ter** nenhum problema diplomático FPE9

TORNAR

84 ...quando a TV-Globo foi inaugurada, **tornando-se**, ao longo dos anos, o maior grupo de comunicação brasileiro. FPE10

85 Esse trágico episódio inscreveu-se definitivamente na história do sindicalismo, ficando conhecidos como os mortos como os "Mártires de Chicago", **tornando-se** símbolo da luta trabalhista mundial. FPE3

TRATAR

86 **Trata-se**, conforme denúncia publicada, há poucos dias, no "Los Angeles Times", pelo jornalista Robert Scheer, que a Casa Branca censurou 28 páginas de um relatório elaborado pelo Congresso... FPE9

87 Porque a segunda, a de jornalista, tem uma trajetória que, para quem acredita no destino, **se tratava** de um predestinado a exercer aquela profissão durante longos anos. FPE10

88 Para não entrarmos em contradição com o que afirmamos acima, de **se tratar** de um orçamento realista... FPE12

PROCESSOS MENTAIS

PRETENDER

89 ... por exemplo, que o Governo federal pretende canalizar cerca de R\$ 24,9 bilhões FPE12

90 Nessas despreziosas linhas escritas, não **pretendemos** defender o regime tirânico e ditatorial que existia sob o governo de Saddam Hussein. FPE9

91 Para o orçamento de 2004, O MTE **pretende restaurar** o volume de recursos destinados nos anos 2000 e 2001, em torno de R\$ 500 milhões. FPE6

QUERER

92 Em 2006, por exemplo, **quer** (O governo federal) atrair milhões de turistas estrangeiros FPE7

PROCESSOS VERBAIS

AFIRMAR

93 Para não entrarmos em contradição com o que **afirmamos** acima, de se tratar de um orçamento realista, convém observar que as previsões feitas repousam nas expectativas favoráveis de crescimento de 3,5 % do PIB... FPE12

94 Hoje, como dizíamos acima, está acontecendo algo singular, não **afirmaríamos** de grande expressão, mas um movimento inverso... FPE 11

95 O Ministro do Planejamento, Guido Mantega, **afirmou** que as despesas previstas são exeqüíveis... FPE12

DIZER

96 Hoje, como **dizíamos** acima, está acontecendo algo singular, não afirmaríamos de grande expressão, mas um movimento inverso... FPE11

97 Há setores que assumiram compromissos vultosos ao assumir o controle acionário de algumas empresas e que agora se **dizem** impossibilitados de honrar os compromissos. FPE8

98 Mesmo assim, na mesma ocasião, o presidente dos EUA **pediu** (verbo não incluído na seleção) paciência aos americanos ao **dizer** que a verdade sobre as armas iraquianas ainda surgirá. FPE9

99 O imortal poeta Castro Alves, com o seu estilo hiperbólico, exagerado, **dizia** que “A praça é do povo como o céu é do condor”... FPE2

100 Um deles, sinal, **dizia** que o nacionalismo era um momento histórico de tomada de consciência de um povo sobre o seu destino. FPE11

101 Numa entrevista em 1967, ele **dizia** que seu êxito como empresário era consequência de muito trabalho, certa ousadia e alguma sorte. FPE10

MOSTRAR

102 No entanto, se comparado aos primeiros três meses de 2002, quando a economia **mostrava** problemas, o PIB cresceu 2% neste início de ano. FPE5

PROCESSOS EXISTENCIAIS

HAYER

103 **Há**, como sempre, explicações para os insucessos... FPE8

104 **Há**, contudo, outras práticas que devem ser objeto de solução... FPE2

105 **Há** esperanças de dias melhores para todos os brasileiros...FPE3

106 São inegáveis os efeitos positivos à classe trabalhadora, embora **tenha havido** imperfeições... FPE3

107 O Brasil (...) brigará na Organização do Comércio (OMC) para que **haja** maior igualitarismo no comércio exterior... FPE4

108 **Há** nesse imbróglio algo mais preocupante. FPE9

109 **Há** outras situações semelhantes, em teses de doutorado, músicas, romances e outras obras artísticas e literárias em todo o país. FPE1

110 Antes, na década de 50, quando o presidente Juscelino Kubitschek abriu as portas do Brasil aos investimentos estrangeiros, **houve** quem resistisse e criticasse... FPE11

111 **Há** setores que assumiram compromissos vultosos ao assumir o controle acionário de algumas empresas...FPE8

112 registre-se que não estaria havendo solução de continuidade em alguns FPE7

113 **Há** um fato curioso ocorrendo, em escala modesta, no País, nestes tempos de globalização. FPE11

114 **Há** uma verba oficial de R\$ 80 milhões para promoção do turismo, que ainda **é** modesta, face à dimensão do território nacional, **havendo** a tendência de duplicá-la para 2004/2005. FPE7

115 **Há** um aspecto que merece atenção quando se aborda esse tema: a qualidade no atendimento aos que viajam em busca de lazer e conhecimento... FPE7

EXISTIR

116 ... verso que todos decoravam ao estudar a escola literária condoreira, que **existiu** na fase final da poesia romântica brasileira. FPE2

117 Nessas despreziosas linhas escritas, não pretendemos defender o regime tirânico e ditatorial que **existia** sob o governo de Saddam Hussein. FPE9

118 ... mas **existe** também o temor da perda de certas conquistas... FPE3

VEJA

PROCESSOS MATERIAIS

AUMENTAR

1 ... o número de invasões **aumenta** cada vez mais. VE7

2 No comércio mundial ainda há distorções que premiam uns e punem outros, mas sempre que ele **aumenta**, o estoque de riqueza do planeta cresce... VE12

CHEGAR

3 Agora, **chega** às livrarias italianas uma obra do conselho Pontifício para a Família... VE1

4 ... para que os países ricos e emergentes **cheguem** a um acordo em Cancún. VE12

5 O livro tem a chancela do Vaticano e seus 78 verbetes são uma amostra de que a Igreja Católica não **chegou** ao século XXI. VE1

CRESCER

6 Para **crescer** (o Brasil) é preciso, em primeiro lugar, estabelecer um programa claro... VE8

7 ...o estoque de riqueza do planeta **crece** e há uma diminuição das desigualdades. VE12

8 ... os gastos governamentais **cresceram** sempre acima da variação do PIB. VE11

COLOCAR

9 Os números sobre o crescimento de vendas externas, combinados com a economia de gastos feita por Brasília, **colocaram** o Brasil de novo no jogo econômico mundial como um país promissor. VE3

DAR

10 Rankings de artistas são uma tradição no jornalismo americano. (...) É uma forma de **dar** objetividade a um mundo tisonado pela subjetividade. VE9

11 ... o Brasil atual, que **deu** um exemplo impecável de alternância de poder em 2002. VE4

ENCONTRAR

12 Um dos desafios do atual governo é **encontrar** solução para esse problema que derrotou os antecessores... VE7

13 Eles **encontraram** um presidente à vontade no cargo e com posições seguras... VE10

ENTRAR

14 VEJA publicou nesta edição um levantamento pormenorizado de um fenômeno de alto interesse para quem precisa **entrar** ou se manter no mercado de trabalho brasileiro. VE5

15 Essa quantidade de cartas fez com que sua coluna **entrasse** pela segunda vez na lista das matérias mais comentadas da história de VEJA. VE6

FAZER

16 ... tratava sobre o costume brasileiro de **fazer** constantes referências a Deus... VE6

17 Sem que o Estado aprenda a **fazer** mais com menos recursos ... VE11

18 ... o governo pode exercer um papel decisivo, coisa que até agora ainda não conseguiu **fazer**. VE8

GANHAR

19 Diogo começou a escrever em VEJA em 1991, e só em 1999 **ganhou** um espaço próprio. VE6

GARANTIR

20 um Estado menos faminto de impostos e **garantam** à maioria dos brasileiros a tranqüilidade necessária ... VE3

PROCURAR

21 As reportagens da revista sobre o terrorismo, as ações para coibi-lo e a guerra no Iraque **procuram sempre situar** o leitor de modo realista... VE2

PRODUZIR

22 Como meta final, o que se espera das reformas é que fortaleçam as finanças públicas, **produzam** um Estado menos faminto de impostos ... VE3

23 ... e garantam à maioria dos brasileiros a tranqüilidade necessária para usufruir a riqueza que eles **produzem** com seu trabalho. VE3

24 Com 120 dias no Planalto, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva **produziu** e entregou ao Congresso Nacional os textos das reformas da previdência e tributária... VE3

25 Nem todo processo de troca **produz** vencedores e perdedores. VE12

RECEBER

26 O assinante, aquele que **recebe** a edição em casa todas as semanas... VE8

27 ...a situação é iníqua: os mais ricos **recebem** em volta de subsídios, serviços, isenções e gratuidades ...VE11

28 O presidente **recebeu** os quatro jornalistas da revista em seu gabinete no 3º andar do Palácio do Planalto... VE10

TRATAR

29 Muitos dos conceitos ali expostos são obsoletos, outros quase inofensivos, como o que **trata** da homossexualidade. VE1

30 ... nesta semana, a capa dirigida ao público de banca **trata** de um traço humano – o gosto pelo risco...VE8

31 De lá para cá, a revista **tratou** diversas vezes do assunto, tendo dedicado sete capas aos líderes do MST..... VE7

32 A coluna de Diogo Mainardi publicada da edição passada **tratava** sobre o costume brasileiro de fazer constantes referências a Deus... VE6

33 Por **tratar** de um tema delicado, e de forma pouco convencional... VE6

SAIR

34 ... a hierarquia do Vaticano agiu com lentidão e aparentemente a contragostona crise dos padres pedófilos dos Estados Unidos. Por pouco não **saiu** totalmente desmoralizada do escândalo. VE1

35 ... quanto mais “proteção” os países erguerem ao comércio exterior na tentativa de **sair** vencedores em todas as transações... VE12

VIVER

36 O Japão **viveu** sem barreiras comerciais durante boa parte do período histórico conhecido como Restauração Meiji (1968-1912). VE12

37 Enquanto transcorria a entrevista, a vida no andar do presidente **vivia** o burburinho típico do núcleo do governo. VE10

PROCESSOS RELACIONAIS

ESTAR

38 Essa grandiosa e complexa tarefa **está** agora nas mãos dos deputados e senadores. VE3

39 Os critérios que resultaram nos quarenta nomes e respectivas posições **estão** explicados na reportagem que começa na página 94. VE9

40 ...sinalizou que o país tem comando e **está** no rumo correto. VE10

41 ... há tempos a Argentina **está** no hospital. VE4

42 A presente edição da revista **está** particularmente rica. VE2

43 Por trás dessa evolução paradoxal **está** uma coisa óbvia: o uso ideológico da bandeira da reforma agrária... VE7

FICAR

44 Ali **ficam** a mesa de trabalho do presidente, uma grande mesa redonda de reuniões e um conjunto de sofás e poltronas. VE10

45 ...outros tantos o odeiam. Difícil mesmo é **ficar** indiferente ao que ele escreve. Diogo gosta de demolir lugares-comuns... VE6

MOSTRAR

46 Mas a igreja católica é de longe a instituição que **se mostra** a mais despreparada para fazer face a desafios dessa natureza. VE1

47 Eles se iniciam sexualmente muito cedo e **se mostram**, a cada geração, mais refratários a obedecer normas de comportamento ditadas por celibatários que nada entendem da prática do sexo... VE1

SER

48 A única estratégia totalmente eficaz **é** a abstinência e a relação sexual monogâmica no matrimônio, estabelece irrealisticamente o documento da Igreja. VE1

49 A Igreja Católica não **é** a única instituição que se paralisa quando precisa lidar com questões ligadas ao sexo. VE1

50 VEJA **é** a maior e a mais influente revista do Brasil. VE8

51 Mas a Igreja Católica **é** de longe a instituição que se mostra a mais despreparada para fazer face a desafios dessa natureza. VE1

52 Quem **é** Diogo Mainardi. VE6

53 Para o presidente o momento **é** especial. VE10

54 Difícil mesmo **é** ficar indiferente ao que ele escreve. VE6

55 Diogo **é** grande amigo do escritor americano Gore Vidal... VE6

56 Tudo isso **é** ilegal, mas vem ocorrendo sob a vista das autoridades. VE7

57 No Brasil, a situação **é** iníqua: os mais ricos recebem em volta, em subsídios... VE11

58 Mas a pregação do Vaticano contra os preservativos **é** inócua e irresponsável, especialmente no que se refere aos jovens. VE1

59 ... um presidente que está comandando uma política econômica em franca oposição as suas convicções ideológicas históricas por se convencer de que ela **é** mais apropriada para o bem-estar da maioria dos brasileiros. VE4

60 Se a enfermidade mais resistente da América Latina **é** mesmo a debilidade institucional, há tempos a Argentina está no hospital VE4

61 Diogo **é** paulistano, tem 40 anos e mora em Veneza... VE6

62 O conteúdo das duas **é** rigorosamente o mesmo, da primeira à última página. VE8

63 Comércio **é** riqueza. VE12

64 ... entre os países emergentes, o Brasil **é** suscetível aos desequilíbrios doméstico da economia... VE3

65 A reportagem especial de quinze páginas **é** um empreendimento que (...) ultrapassa o escopo das incursões jornalísticas tradicionais sobre o tema. VE5

66 Diogo **é** um sucesso para o bem e para o mal. VE6

67 ... o documento do Vaticano divulgado na passada atende à ética católica mas **é** um desastre de comunicação ... VE1

68 ... outros obstáculos que encarecem ou dificultam as transações comerciais entre os países **é** um rótulo benigno para uma medida nociva. VE12

69 Essa **é** uma realidade conhecida. VE11

70 A presente edição de VEJA **é** uma contribuição à tarefa indispensável... VE11

71 Em seguida será necessário convencer a nação de que ele **é** viável, para desatar a onda de confiança sem a qual o crescimento não se inicia. VE8

72 Exemplos de injunções deletérias como essa **são** parte da história brasileira e, em graus variados, se fazem sentir em todo o país. VE11

73 Para coroar uma semana muito boa em Brasília, os dados mais recentes sobre o esforço de ajuste financeiro promovido pelo governo e pago pela sociedade **são** animadores. VE3

74 Não **são** mudanças fáceis. VE11

75 Muitos dos conceitos ali expostos **são** obsoletos, outros quase inofensivos, como o que trata da homossexualidade. VE1

76 Exemplos de injunções deletérias como essa **são** parte da história brasileira e, em graus variados se fazem sentir em todo o país. VE11

77 Rankings de artistas **são** uma tradição no jornalismo americano. VE9

78 O livro tem a chancela do Vaticano e seus 78 verbetes **são** uma amostra de que a Igreja Católica não chegou ao século XXI. VE1

79 ... a desistência de Carlos Menem de disputar o segundo turno (...) Não **foi** apenas uma despedida melancólica da vida pública de um político que por dez anos(...) presidiu seu país... VE4

80 A globalização econômica iniciada no fim da década de 80 e que teve seu pico no término dos anos 90 **foi** o mais recente período de aceleração do comércio e de relaxamento de barreiras (...) **Foi** o mais abrangente, mas não foi o único, nem o mais radical. VE12

81 Outro exemplo radical e isolado **foi** o de Hong Kong nos 156 anos de dominação britânica... VE12

82 Não existe, é claro, unanimidade em admitir que a liberalização **foi** o fator primordial do processo de enriquecimento daqueles países. VE12

83 ... ela (a coluna de D.Mainardi) **foi** objeto de 387 cartas de leitores. VE6

84 ... e tem um filho de 2 anos, Tito, que **foi** objeto de uma emocionante coluna do pai coruja, publicada em julho de 2002. VE6

85 O esforço **foi** recompensador e dele resultou um conjunto de dados inéditos sobre o estado atual das profissões. VE5

86 Ou seja, a porta de entrada no mercado de trabalho nunca **foi** tão estreita como agora. VE5

87 Muitos deles, porém, **foram** bem-sucedidos em gastar dinheiro público com mais justiça. VE11

TER

88 ... os brasileiros **terão** razões reais para esperar um futuro melhor. VE3

89 O assinante (...) **tem** uma relação especial com a revista. VE8

TORNAR

90 ... a Argentina esteja inaugurando um novo ciclo em que as instituições se **tornem** mais fortes que a vaidade, o despreparo e o interesse menor dos políticos. VE4

TRAZER

91 A presente edição de VEJA **traz** a primeira entrevista em profundidade pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva... VE10

92 Uma terceira reportagem **traz** a divertida crônica da convivência dos brasileiros com seus cães de estimação... VE2

93 O número dirigido aos assinantes **traz** também essa reportagem... VE8

PROCESSOS MENTAIS

IMAGINAR

94 ... o desemprego rural, embora não se deva **imaginar** que ela (reforma agrária) venha a funcionar como fonte inesgotável de novos empregos ... VE7

PROCESSOS VERBAIS

DIZER

95 "Fazer as entrevistas e tabular as informações exigiu um esforço descomunal", **diz** a repórter Monica Weinberg ... VE5

MOSTRAR

96 Uma matéria especial sobre check-up **mostra** a espetacular evolução da medicina preventiva nos grandes centros urbanos brasileiros. VE2

97 A reportagem de VEJA **mostra** a receita dos que conseguem passar por ela... VE5

98 A matéria **mostra** que as lojas especializadas em artigos para bichos domésticos já passam de 15 mil em todo o Brasil. VE2

99 Ela (VEJA) **mostra** que no quadro adverso da economia do país (...) um grupo de pessoas consegue se manter à tona no mercado e ainda progredir na carreira. VE5

100 Uma reportagem da presente edição de VEJA sobre a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) realizada no balneário de Cancun, no México, na semana passada, **mostra** que há relação direta entre o volume... VE12

101 Levantamento recente da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, **mostrou** que nos últimos cinquenta anos na maioria dos países os gastos governamentais cresceram acima do PIB.VE11

102 Se viesse a ocorrer uma súbita e radical liberalização do comércio global, **mostra** um estudo do Banco Mundial, haveria um aumento anual da renda planetária... VE12

103 Como **mostra** uma reportagem da presente edição, Menem perderia para Kirchner por uma diferença de 30% a 40% dos votos válidos. VE4

104 Como **mostra** VEJA, o Brasil precisa preservar a estabilidade das contas públicas... VE8

PROCESSOS EXISTENCIAIS

HAYER

105 Na agenda presidencial, **havia** um lembrete para que Lula se recordasse do aniversário de Fidel Castro... VE10

106 ...para que não **houvesse** erros que comprometessem a colocação de cada um dentro da lista VE9

107 No comércio mundial ainda **há** distorções que premiam uns e punem outros... VE12

108 ... mostra que **há** relação direta entre o volume de bens ... VE12

109 Se viesse a ocorrer uma súbita e radical liberalização do comércio global como mostra um estudo do Banco Mundial, **haveria** um aumento anual da renda planetária de quase 300 bilhões de dólares... VE12

110 Por isso, **há** uma torcida generalizada para que os ricos e emergentes cheguem a um acordo em Cancun. VE12

111 o estoque de riqueza do planeta cresce e **há** uma diminuição das desigualdades. VE12

EXISTIR

112 Não **existe**, é claro, unanimidade em admitir que a liberalização... VE12

113 Em algumas capitais já **existem** mais pet shops do que farmácias. VE2

114 "Não **existe** sexo seguro. VE1

ÉPOCA

PROCESSOS MATERIAIS

ACABAR

1 Ainda é cedo para afirmar que a lua-de-mel de Lula com o eleitorado **acabou**. EP4

CAIR

2 A ortodoxia da dupla Antônio Palocci-Henrique Meireles fez a cotação do dólar **cair**, assim como o risco Brasil. EP8

3 O risco país não pára de **cair**, os títulos da dívida externa alcançaram um valor... EP3

CHEGAR

4 ... Mansur **chegou** à última fase do Ayrton Senna com uma reportagem publicada em Época... EP1

5 Em setembro de 2002, por exemplo, o índice de risco Brasil **chegou** a 2.500 pontos, diante das dívidas em relação ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva. EP8

6 Lula construiu sua carreira com uma estratégia que se poderia chamar de moderação competente. **Chegou** ao Planalto sem jamais esconder um desprezo por idéias radicais. EP3

7 Uma quarta capa, mais genérica, **chegará** aos demais Estados. EP12

COLOCAR

8 Ao abrir a possibilidade de continuar pagando proventos integrais aos aposentados do setor público, o governo **colocou** em risco uma das poucas ferramentas de que dispõe para atingir o equilíbrio fiscal. EP8

9 Se você respondeu sim à primeira pergunta, e a maioria parece ter respondido, entende por que é tão difícil **colocar** o consumo novamente nos trilhos. EP11

DAR

10 A reportagem principal da revista (...) nos **deu** a oportunidade de criar três capas regionais. EP12

11 Mais do que isso, o governo também **deu** munição aos conservadores... EP9

FAZER

12 Experimente **fazer** o teste: num jantar entre amigos ou numa festa... EP5

13 É como se você tivesse apertando um botão invisível, que **faz** todo mundo ao redor contar alguma experiência. EP5

14 Há alguns anos, quando se mencionava a palavra "globalização", empresários, políticos e consultores quase **faziam** um sinal-da-cruz, tamanha era a reverência ... EP12

15 ... a polícia atacava operários com cassetete e helicópteros **faziam** vôos rasantes. EP3

GANHAR

16 Mendonça levou o prêmio, Mansur **ganhou** medalha de finalista. EP1

17 Só em 2002 Eliane **ganhou** três troféus de primeira linha... EP1

18 No ano passado, a equipe de arte da revista **ganhou** um Esso, num reconhecimento por nosso trabalho de diagramação... EP1

GARANTIR

19 Segundo a Constituição e a Lei Complementar nº 75/93, cabe ao procurador-geral da República **garantir** o respeito aos direitos assegurados pela Carta. EP10

20 Fonteles argumenta que, além de **garantir** o direito de propriedade privada, a constituição estabelece... EP10

21 Até hoje, Lula desfrutou da alta popularidade e do impacto de algumas iniciativas, que **garantem** um apoio ainda maciço. EP4

IR

22 De fato, até onde a memória **vai**, é difícil contestar a afirmação de Meirelles. EP11

NASCER

23 ... a revolução de Fidel Castro, em 1959, **nasceu** como uma lenda de esperança e redenção para os humildes e deserdados... EP2

24 **Nascido** em Porto Alegre, filho de sergipano com uma gaúcha de Passo Fundo, Riq (...) estréia em Época... EP7

25 Por circunstâncias conhecidas, a Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva **nasceu** predestinada a produzir eventos históricos. EP3

PRODUZIR

26 A sociedade não quer debates acalorados que **produzem** e esticam conflitos. EP9

27 Por circunstâncias conhecidas, a Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva nasceu predestinada a **produzir** eventos históricos. EP3

PROMOVER

28 O Banco Central teve sensibilidade para combater a desaceleração da economia e **promoveu**, dias atrás, um agressivo corte de juros. EP11

29 Quando a luta armada fracassou, assessores de Fidel montaram organizações que **promoviam** seqüestros de empresários. EP2

RECEBER

30 Outras ocasiões, Minas Gerais e Bahia **receberam** capas diferentes do restante. EP12

31 Assim, os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul **estão recebendo** capas baseadas na sucessão de suas capitais. EP12

SAIR

32 Está claro que Lula aposta que seu governo **sairá** vitorioso pela moderação, pelo esforço de conquistar aliados e animar os mercados. EP3

TRATAR

33 O trabalho de Mendonça, publicado em outra revista, antes de sua vinda para ÉPOCA, **trata** das desigualdades que marcam a paisagem social brasileira. EP1

34 De acordo com o capítulo da Constituição Federal que **trata** dos Direitos e Deveres Individuais... EP10

35 ... inciso XXII, do capítulo que **trata** dos Direitos e Deveres Individuais... EP10

VIVER

36 ... história de pessoas com problemas mentais que deixaram de **viver** em instituições e passaram a morar em casas... EP12

37 ... numa publicação que ajuda a refletir e também ajuda a **viver**. EP1

38 Quem tem entre 35 e 45 anos, por exemplo, ainda conseguiu **viver** uma infância com brincadeiras na rua e sem medo de estranhos. EP5

PROCESSOS RELACIONAIS

ESTAR

39 A economia segue devagar, o desemprego **está** altíssimo e o crescimento sustentada é uma esperança. EP3

40 empresários e trabalhadores podem até ter ficado mais aliviados com o corte nas taxas, mais ainda **estão apreensivos** em relação ao futuro. EP11

41 **Está** claro que Lula aposta que seu governo sairá vitorioso... EP3

42 ... e cujos principais programas de lazer **estão** dentro das paredes dos clubes e dos shopping centers. EP5

43 O comportamento do mercado revela que a comunidade financeira **está** mesmo tranqüila como o governo... EP8

44 O resultado desse périplo **está** na página 70. EP6

45 Entre eles, **está** o direito à propriedade privada. EP10

46 Ninguém pode adivinhar como **estará** o país no fim de seu mandato. EP3

47 Os profissionais de ÉPOCA sabem que os leitores **estão** preocupados em primeiro lugar com a coragem de suas investigações... EP1

48 ... Fidel Castro acaba de dar uma demonstração de que **está** vivo e forte... EP2

FICAR

49 O jogo começa a **ficar** complicado, como previra Fernando Henrique Cardoso... EP4

50 O assassino de La Costa foi encontrado quarta-feira e é um dos assaltantes do posto de gasolina que **fica** em frente ao terreno invadido. EP9

51 No primeiro mês de 2003, as incertezas baixaram, mas continuaram altas: o índice **ficou** em torno de 1.400 pontos... EP8

52 São Bernardo sempre foi alvo de siglas clandestinas que tentavam cooptar lideranças. Lula **ficou** longe de todas elas. EP3

53 Se depender de seu envolvimento pessoal (...), a possibilidade de o "pior" **ficar** para trás pode ganhar corpo. EP10

TER

54 O que faz alguém **ter** a disposição de falar por horas sobre um assunto tão ruim? EP5

55 Quem **tem** entre 35 e 45 anos, por exemplo, ainda conseguiu viver uma infância com brincadeiras na rua e sem medo de estranhos. EP5

56 ... a Constituição Federal estabelece que a "propriedade **terá** função social" EP10

57 ...as pessoas **têm** a necessidade de falar por um misto de revolta, inconformismo EP5

58 ... o pequeno Gabriel, de 7 meses, que, com certeza, **terá** um futuro brilhante pela frente. EP7

TORNAR

59 ... na queda de padrão do serviço público, que se **tornara** a única autojustificativa do regime. EP2

60 Lula sempre foi menos esquerdista do que a maioria. Se deu os primeiros passos políticos guiado por Frei Chico (...) nunca se **tornou** membro da organização. EP3

61 Sabia-as inviáveis ou mesmo demagógicas, o que **torna** menos surpreendente o uso da palavra "bravata" para definir boa parte dos discursos do PT na oposição. EP3

62 Em 2003 o operário-presidente **tornou-se** o comandante-em-chefe dos helicópteros e, em última análise, de toda a máquina de segurança do país. EP3

TRATAR

63 Na verdade, não **se trata** apenas de uma capa - e sim de quatro. EP12

64 A outra estréia da semana vem multiplicada por três. **Trata-se** da coluna Garotas Que Dizem Ni... EP6

65 "Louco é quem me diz", editada por Eliane Brum e de autoria de Alexandre Mansur. **Trata-se** da história de pessoas com problemas mentais... EP12

66 Não, não **se trata** de um turista acidental – Riq é um viajante compulsivo... EP7

67 É revoltante, mas **trata-se** de um problema sem solução alguma pela frente. EP5

TRAZER

68 Esta edição também **traz** duas estréias – igualmente femininas. EP6

SER

69 Ela (Maitê) começou a escrever há dez anos (...) e resolveu encarar o desafio de **ser** cronista de ÉPOCA. EP6

70 A brutalidade atual **é** a mais dolorida e vergonhosa porque obra de um regime... EP2

71 Esta não **é** a primeira vez que ÉPOCA investe na regionalização de seu conteúdo... EP12

72 Publicitário como Olivetto, com quem trabalha, **é** autor de várias campanhas premiadas ... EP7

73 No governo Lula, contudo, a coisa **é** bem diferente - pelo menos por enquanto. EP9

74 Seu braço direito, Andrei Meireles, **é** bicampeão: levou um Esso em 2000 e outro em 2001. EP1

75 Expedito Filho, que **é** chefe da sucursal e titular da coluna Portal, acumulou três prêmios. EP1

76 O fracasso atual de Fidel **é** completo e visível em cada aspecto da vida cotidiana... EP2

77 A primeira **é** de uma atriz que resolveu virar cronista aos 43 anos. EP6

78 Pois bem. O autor **é** ele mesmo: Ricardo Freire. EP7

79 O resto – inclusive a fundação do PT – **é** história conhecida. EP3

80 ... o que se espera, numa situação dessas, **é** mais violência. EP10

81 ...mas em pelo menos um ponto o governo Lula **é** muito diferente da era FHC... EP9

82 O problema **é** que, por enquanto, a segurança **é** um artigo de luxo. O que se vê **é**, outra vez, a classe média pagando por algo que o Estado oferecia de graça. EP5

83 Mas ao defender na semana passada, que este direito não **é** "um princípio absoluto", o procurador-geral... EP10

84 O assassino de La Costa foi encontrado na quarta-feira e **é** um dos assaltantes do posto de gasolina... EP9

85 ... Riq **é** um viajante compulsivo... EP7

86 O resultado dessa equação **é** um período maior de recessão do que todos desejam. EP11

87 A repórter especial Eliane Brum **é** um caso que merece exame: acumulou 25 prêmios... EP1

88 A solução pra os conflitos dos sem-terra e sem-teto, para ele, **é** uma combinação de "diálogo, firmeza e proposta". EP9

89 ... o desemprego está altíssimo e o crescimento sustentado **é** uma esperança. EP3

90 Ao menos por enquanto, o moderado Lula **é** vitorioso. EP3

91 Os profissionais de Época sabem que os leitores estão preocupados em primeiro lugar com a coragem se suas investigações a credibilidade de suas reportagens e a qualidade de seu serviço, numa publicação que ajuda a refletir e também ajuda a viver. Estes **são** e sempre serão os principais trunfos da revista. EP1

92 A violência dos primeiros anos podia ser vista como obra de um regime que tentava abrir espaço na História – onde nem todas as páginas **são** pacíficas. EP2

93 Nesta semana, as mulheres **são** o destaque da edição, a começar pela reportagem de capa de autoria da repórter Paula Pereira, de 30 anos. EP6

94 O Planalto começa a separar o joio do trigo e identificar grupos revolucionários que se infiltram em movimentos como o MST e **são** responsáveis pela veia violenta dos conflitos. EP10

95 Nossa sucursal de Brasília também reúne jornalistas com muito apetite para esse tipo de mercadoria. **São** seis profissionais, 15 prêmios de relevo. EP1

96 O custo desse golpe na alta de preços, contudo, **foi** alto... EP11

97 São Bernardo sempre **foi** alvo de siglas clandestinas que tentavam cooptar lideranças. EP3

98 Ela começou a escrever há dez anos, quando **foi** co-autora da peça Mulheres de 30... EP6

99 ... Lula sempre **foi** menos esquerdista do que a maioria. EP3

100 ...e faziam um sinal-da-cruz, tamanha **era** a reverência que a integração dos mercados tinha entre os formadores de opinião. EP12

101 Muitos hoje perderam o emprego, o que demonstra para todos os efeitos que nem tudo **era** terrorismo nem especulação, mas incompetência, também. EP3

PROCESSOS MENTAIS

CONSIDERAR

102 Desta vez, até o próprio Nobel José Saramago, sempre disposto a sustentar regimes de retórica stanilista, **considerou** prudente condenar a ditadura cubana. EP2

IMAGINAR

103 Quando se **imaginava** capaz de criar satélites no Continente, a ditadura cubana patrocinou grupos guerrilheiros em vários países. EP2

104 Difícil **imaginar** um fazendeiro, dono de terras, produtivas ou não, assistir passivamente a uma invasão em sua propriedade. EP10

PRETENDER

105 ... pura alegoria sob um regime que nem sequer **pretende assegurar** a divisão entre poderes... EP2

QUERER

106 A sociedade não **quer** debates acalorados que produzem e esticam conflitos. **Quer** soluções - e rápido. EP9

PROCESSOS VERBAIS

AFIRMAR

107 Ainda é cedo para **afirmar** categoricamente que a lua-de-mel com o eleitorado acabou. EP4

108 Hoje, como dizíamos acima, está acontecendo algo singular, não **afirmaríamos** de grande expressão, mas um movimento inverso... FPE 11

109 Mas como **Época afirmou** na semana passada, pouco importa quem apertou o gatilho. EP9

DIZER

110 Sobre a morte do fotógrafo La Costa, a serviço de **Época** enquanto cobria a invasão de um terreno em São Bernardo, ele **diz**: "A morte do fotógrafo ..." EP9

111 ... achei bobo e resolvi parar", **diz** ela. EP6

112 em tom de blague, o publicitário Washington Olivetto gosta de **dizer** que Ricardo Freire tem uma cabeça brilhante... EP7

113 O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, gosta de **dizer** que sua sugestão obteve um efeito inédito. EP11

114 ... o Lama tossiu fortemente e **disse**: "Não se preocupe, não é pneumonia asiática" EP6

FALAR

115 **Estamos falando** de Maitê Proença, que nos brindou com uma crônica ousada e bem-humorada... EP6

116 ...as pessoas têm a necessidade de **falar** por um misto de revolta, inconformismo EP5

117 O que faz alguém ter a disposição de **falar** por horas sobre um assunto tão ruim? EP5

118 ...sobre a mesa de alguém que não consiga **estar falando** sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o futuro do gerúndio. EP7

MOSTRAR

119 ...e do chamado risco Brasil – um índice criado pela empresa de *rating* para **mostrar** se os investigadores internacionais podem ou não confiar no país. EP8

PROCESSOS EXISTENCIAIS

HAYER

120 Hoje, vê-se que **havia** um exagero em muitas das teses pregadas até pouco tempo atrás. EP12

121 Já se comparou muito o governo de Luiz Inácio Lula da Silva com a gestão de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. **Há** algumas semelhanças, especialmente na condução da política econômica... EP9

122 ... como em todas as áreas onde **há** júri e competição ... EP1

123 Hoje, crianças e adolescentes só vão para a rede pública quando não **há** outra saída. EP5

124 Mas **há** sinais evidentes de que já não pega tão mal, entre os políticos, criticar o governo... EP4

125 **Há** um traço permanente no caráter do presidente, contudo, que ajuda a jogar luzes sobre este início de governo. EP3

EXISTIR

127 ÉPOCA sabe que não **existe** um manual da educação perfeita para os filhos. EP7

127 De um lado, **existe** um desconforto mais do que conhecido com as reformas. EP4

UMA

PROCESSOS MATERIAIS

ACABAR

1 ...não falam dos aparelhos *made-in-algum* que prometem **acabar** com a celulite... UM2

CHEGAR

2 A mais nova tentativa **chega** agora ao Brasil e se chama *speed dating*. UM1

3 Nem precisa **chegar** perto da perfeição... UM3

4 Primavera **chegando**, visual novo! UM5

CRESCER

5 ... e as filas nos consultórios não param de **crescer**. UM4

DAR

6 ... dizia Marisa Orth, abaixando-se para passar pelo portãozinho que **dava** acesso ao quintal do estúdio vizinho." UM2

ENCONTRAR

7 Com tantas opções para se **encontrar** a cara-metade, uma tem que dar certo! UM1

8 Novas maneiras de os dois sexos se **encontrarem** e se entenderem foram criadas. UM1

9 O *blind date*, encontro às escuras, há décadas é moda nos Estados Unidos e pode ser resumido em **encontrar** alguém que você nunca viu, indicado por amigos. UM1

10 ...em nenhum momento acontecem trombadas de egos tão comuns quando os famosos se **encontram**. UM2

ENTRAR

11 como demonstram a senadora Heloísa Helena e a deputada federal Luciana Genro que defendem suas posições mesmo **entrando** em rota de colisão com seu partido, o PT. UM4

12 Sai o batom escuro, **entra** o rosa ou o cor de boca. UM5

FAZER

13 O batom certo, uma pele bem cuidada, um bom creme para o rosto **fazem** milagres, pode apostar! UM3

14 ... cientistas mergulham em estudos para barrar a ação do tempo e consertar seus estragos, dermatologistas **fazem** novas descobertas a cada dia... UM4

15 ... e até os nossos tribalistas **fazendo** um revival dos anos 60 a apregoando ... UM1

16 E foram elas quem convidamos para **fazer** um debate exclusivo sobre celebridades para a UMA. UM2

GANHAR

17 Nessa época, também as nécessaires **ganham** um novo colorido. UM5

18 Deus teve de dar uma forcinha – e Adão **ganhou** uma companheira tirada de sua própria costela. UM1

19 Aguarde: quem **irá ganhar** o maior presente é você. UM6

20 Em outubro na nossa edição de aniversário, você **irá ganhar** o presente mais esperado do ano: UM6

GARANTIR

21 O prazer entre elas é **garantir** o espaço para que todas se expressem e mostrem o que tem... UM2

IR

22 “Logo que entrei no camarim, cheio e apertado demais, achei q. o debate não **iria** rolar... UM2

NASCER

23 ... uma Gisele Bündchen **nasce** a cada cem anos, não vale como referência. UM3

24 UMA **nasceu** para ser o seu espelho da mulher contemporânea UM6

25 ... mais e mais homens e mulheres **foram nascendo** e nem por isso o encontro ... UM1

PROMOVER

26 Já que os homens são de Vênus desde os primórdios bíblicos a sociedade tenta **promover** o encontro entre esses dois seres tão incompreendidos entre si. UM1

RECEBER

27 Os desfiles de julho terminam e as lojas já **começaram a receber** as coleções de primavera-verão. UM5

SAIR

28 **Sai** o batom escuro, entra o rosa ou o cor de boca. UM5

TRAZER

29 O mundo moderno também **trouxe** agências de casamento que ficaram milionárias tentando minimizar a solidão de homens e mulheres. UM1

VIVER

30 ... os amigos não **vivem** sem elas e lá estão lindas, leves e muito bem acompanhadas...
UM3

PROCESSOS RELACIONAIS

ESTAR

31 a eterna busca da juventude e beleza hoje **está** ligada não só a conquistas amorosas, UM4

32 E numa noite chuvosa, lá **estávamos** nós no estúdio, antes da gravação do programa. UM2

33 ... a moda é tão cíclica que o que **está** fora hoje, daqui a alguns meses será o hit das estações. UM5

34 Mas será que **estamos** indo longe demais? UM4

35 os amigos não vivem sem elas e lá **estão** lindas, leves e muito bem acompanhadas em todas as festas badaladas. UM3

36 As cores **estão** muito democráticas! UM5

37 A entrevista **está** na página 20. Há ainda aquelas UM3

38 A discussão **está** no debate Beleza é fundamental? UM4

39 E a UMA deste mês **está** recheada de informações pra que você ... UM3

40 Há ainda aquelas mulheres que **estão** sempre com a agenda lotada... UM3

41 Na última hora, descobrimos que o estúdio que iríamos usar **estava** trancado. UM2

42 **Está** tudo na matéria 47 *Segredos das mulheres muito populares*. UM3

FICAR

43 Os cabelos escuros começam a perder força, o castanho **fica** mais claro... E por aí vai.
UM5

44 O mundo moderno também trouxe agências de casamento que **ficaram** milionárias tentando minimizar a solidão dos homens e mulheres... UM1

45 Quase **ficamos** (as jornalistas) sem foto para a capa! UM2

SER

45 Quem disse que a virada do ano **é** a época de renovação? UM5

46 Para Daniella, o corselete **é** a peça eleita da estação: "Está bem ver UM5

47 Para 99% das mulheres, o mês de tudo-novo **é** agosto. Os desfiles de julho UM5

48 A discussão está no debate Beleza **é** fundamental? (pág. 40). UM4

49 O *blind date*, encontro às escuras, há décadas **é** moda nos Estados Unidos ... UM1

50 Ponto para nós que também sabemos lutar com garra quando **é** necessário, como demonstram a senadora ... UM4

51 Nada de maquiagem pesada, a onda **é** o natural. UM5

52 Uma mulher que conquista novos espaços a cada dia. E que sempre quer mais... **E é** o que estamos preparando pra você: mais. UM6

53 Não **é** tão difícil assim. UM3

54 ... a moda **é** tão cíclica que o que está fora hoje, daqui a alguns meses será o hit das estações. UM5

55 E novos jornalistas irão reforçar aquela que já **é** uma das equipes mais respeitadas do país. UM6

56 Será que está dentro dos padrões estéticos atuais – magérrima, alta, seios enormes, malhada, rugas escondidas por botox – **é** uma exigência nossa, dos homens ou da sociedade? UM4

57 ... quem irá ganhar o maior presente **é** você. UM6

58 Já que os homens **são** de Vênus, desde os primórdios bíblicos a sociedade tenta promover o encontro entre esses dois seres tão incompreendidos entre si. UM1

59 Elas **são** generosas e carinhosas umas com as outras. UM2

60 Todas **são** mulheres fortes e muito seguras em suas opiniões... UM2

61 Elas **são** sagazes, pensam rápido, não deixam passar nada e não perdem nenhuma piada. UM2

62 **Foi** diversão pura ouvir os comentários espirituosos e, em silêncio, tietar a Rita Lee. UM2

63 Mas o que mais me impressionou **foi** o clima de camaradagem e parceria entre elas. UM2

64 Já para Rose, participar do debate **foi** um privilégio e uma delícia. UM2

65 ... achei que o debate não iria rolar. **Era** tamanha a agitação, bóbbis de um lado... UM2

66 Os homens das cavernas **foram** mais radicais: escolhiam a companheira... UM1

67 Neste mês, nosso bate-papo **será** diferente. UM6

68 ... o que está fora hoje, daqui a alguns meses **será** o hit das estações. UM5

69 ... e elas próprias contam o porquê de **serem** tão queridas. UM3

PARECER

70 Era tamanha a agitação, bóbbis de um lado, lanchinhos de outro, que **parecia** impossível convencer as quatro a engatarem uma discussão. UM2

71 ... correremos o risco de **parecermos** um clone de Michael Jackson? UM4

TER

72 ... peço licença a esta edição de setembro para falar sobre as surpresas que você **terá** em outubro, o mês de aniversário de UMA. UM6

73 ... se não for pedir muito, **ter** sempre alguns quilos a menos do que a balança do banheiro... UM3

TORNAR

74 ... e nem por isso o encontro entre os dois **tornou-se** mais fácil. UM1

TRAZER

75 Nossa moda, Preto (pág. 60), **traz** várias opções que vão deixá-la com a auto-estima lá em cima. UM3

PROCESSOS MENTAIS

QUERER

76 Como sempre é possível ajudar a natureza, para quem **quer** emagrecer e não consegue UM3

77 “Afinal, o que você **quer**? É difícil entender as mulheres!” UM3

78 Uma mulher que conquista novos espaços a cada dia. E que **quer** sempre quer mais... UM6

79 Não **queremos** muito, não. **Queremos** ser amadas, UM3

80 Mila completa: “A equipe do programa **queria** que o debate saísse o melhor possível. UM2

81 O que as mulheres **querem**? (título) UM3

PROCESSOS VERBAIS

DIZER

82 ... e é ele quem **diz**: “No mercado de trabalho é preciso sab UM4

83 ... em silêncio, tietar a Rita Lee”, **diz** Ivonete. UM2

84 ... principalmente contra o autoritarismo”, **diz** Luciana. UM4

85 “Nem imaginava que havia um estúdio aqui do lado”, **dizia** Marisa Orth, abaixando-se para passar... UM2

86 ... todas se expressem e mostrem o que têm de mais bacana para **dizer** naquele momento. UM2

FALAR

87 Elas não dão receitas de bolo, não **falam** dos aparelhos made-in-algum ... UM2

88 Peço licença a esta edição de setembro para **falar** sobre as surpresas que você terá em outubro... UM6

MOSTRAR

89 E uma revista que seja o seu espelho. Que **mostre** o lado positivo de todas as situações ... UM6

90 O prazer entre elas é garantir o espaço para que todas se expressem e **mostrem** o que têm de mais bacana para dizer naquele momento. UM2

91 E também **mostramos** os cosméticos apropriados para se levar ao campo, praia, ou lugares com neve. UM4

PROCESSOS EXISTENCIAIS

HAYER

92 ... já que devia doer um bocado e não **havia** costas e penteados que resistissem a puxadas tão cruéis. UM1

93 **Há** ainda aquelas mulheres que estão sempre com a agenda lotada... UM3

94 Mas, se **há** uma série de cobranças para nosso lado, também **há** ganhos e vantagens, especialmente na vida profissional. UM4

TODATEEN

PROCESSOS MATERIAIS

CHEGAR

1 Oba! As férias **estão chegando** e você vai poder curtir tudo o que direito ... TT4

2 Quando **cheguei** em casa, mal pude esperar para encontrá-lo de novo. TT6

VIVER

3 Quem já **viveu** garante que é inesquecível. TT1

4 Quem ainda não **viveu**, mal pode esperar para curtir a emoção! Estamos falando das delícias do primeiro namoro... TT1

FAZER

5 É por isso que a gente **faz** a todateen TT5

6 Nem sempre isso é fácil de **fazer** (e se fosse muito fácil ...) TT5

7 ... você **pode fazer** os testes, que vão mostrar um pouco o seu jeito de ser. TT4

8 Já **vamos fazer** um ano de namoro... TT6

GARANTIR

9 Quem já viveu **garante** que é inesquecível. TT1

IR

10 ... e você vai poder curtir tudo o que tem direito... sair com as amigas, **ir** ao cinema, viajar, paquerar e TT4

11... e mal pude acreditar quando você **veio** conversar comigo. TT6

SAIR

12 e você vai poder curtir tudo o que tem direito... **sair** com as amigas, ir ao cinema, viajar, TT4

PROCESSOS RELACIONAIS

ESTAR

13 Por fim, a sobremesa, ou melhor, um montão de gatos lindos como Sergio Marone e Erik Marmo. Hummm...(a revista do mês **está** bom demais, né? TT4

14 ... pois a lembrança **está** forte em minha memória. TT6

15 Por falar em gatos, a revista **está** cheia deles. TT2

16 Na verdade, nem prestei atenção direito no filme, pois (eu **estava** mais interessada em trocar beijos com o Fé. TT3

FICAR

17 Depois, pode degustar a Moda em Preto (e (você) **ficar** ainda mais linda) passando por todas as matérias de amor. TT4

SER

18 ... mas o resultado **é** bom demais! TT5

19 E **é** esse gostinho de paixão que a gente traz na todateen desse mês. TT4

20 Nem sempre isso **é** fácil de fazer... TT5

21 Quem já viveu garante que (as delícias do primeiro namoro **é** inesquecível. TT1

22 Pra você leitora (...) Que **é** apaixonada pela vida e quer mais **é** ser feliz!!! Beijos de toda a redação! TT5

23 Todos os dias penso como bom tê-lo como namorado. TT6

24 Você **é** diferente de todos os garotos que conheci. TT6

25 Em cada beijo se esconde uma emoção diferente e **é** isso que a gente traz em nossa matéria de capa. TT2

26 "Hoje foi um dia muito especial! TT3

TER

27 ... como é bom **tê**-lo como namorado. TT6

TRAZER

28 A edição deste mês ainda **traz** muito mais coisas pra você: gatos, testes, beleza e tudo o que tem a ver com o seu mundo. TT1

29 E **é** esse gostinho de paixão que a gente **traz** na todateen deste mês. TT4

30 ... tema de capa de nossa edição, que ainda **traz** o lindinho do Kayky Brito. TT1

31 Em cada beijo se esconde uma emoção diferente e **é** isso que a gente **traz** / em nossa matéria de capa. TT2

PROCESSOS MENTAIS

QUERER

32 Eu **quero** beijar!!!/ (título) TT2

33 Eu **quero** **é** paixão! (Título) TT5

34 Pra você leitora (...) Que **é** apaixonada pela vida e você **quer** mais **é** ser feliz !!!/ TT5

35 Você **Quer** provar um pouquinho? TT4

36 Pra você leitora que acredita no amor e Você **quer** que o seu coração sempre bata mais forte! TT5

37 Já vamos nós fazer um ano de namoro e **queria** dizer que “Eu amo você” TT6

PROCESSOS VERBAIS

FALAR

38 ... uma pessoa com quem pode não só trocar carinhos, mas você **falar** da vida, de sonhos e de esperanças! TT1

39 Por **falar** em gatos, a revista está cheia deles. TT2

40 Nós, **Estamos falando** das delícias do primeiro namoro... TT1

DIZER

41 Afinal, existe coisa mais gostosa do que segurar nas mãos do gato, olhar nos olhos dele e **dizer** “Eu te amo!”? TT5

42 ... e eu queria **dizer** que “Eu amo você” TT6

43 Quem **disse** que os garotos não são românticos? TT3

MOSTRAR

44 ... você pode fazer os testes, que **vão mostrar** um pouco o seu jeito de ser. TT4

PROCESSOS EXISTENCIAIS

EXISTIR

45 Afinal, **existe** coisa mais fantástica do que segurar na mão do gato, olhar nos olhos dele... (TT5)